

ISTITUTO STORICO SALESIANO – ROMA

STUDI - 14

ANTENOR DE ANDRADE SILVA

OS SALESIANOS E A EDUCAÇÃO
NA BAHIA E EM SERGIPE – BRASIL
1897-1970



Local do Solar J. J. de Pinho

LAS - ROMA

ISTITUTO STORICO SALESIANO – ROMA

STUDI - 14



Aos meus pais Celestino Muniz de Andrade e Maria Vicência da Silva pela vida e pela condução nos primeiros caminhos das letras.

Aos salesianos de ontem e de hoje que afetiva e efetivamente construíram o projeto de Dom Bosco no Brasil. A todos os irmãos de Congregação que de algum modo me orientaram ou ajudaram neste trabalho.

400-V-1(14)

ISTITUTO STORICO SALESIANO - ROMA

STUDI - 14

ANTENOR DE ANDRADE SILVA

OS SALESIANOS E A EDUCAÇÃO
NA BAHIA E EM SERGIPE - BRASIL

1897 - 1970



056251

284072

© 2000 by LAS - Libreria Ateneo Salesiano
Piazza dell'Ateneo Salesiano, 1 - 00139 ROMA
ISBN 88-213-0465-5

Stampa: Tip. Abilgraph srl, Via P. Ottoboni, 11 - Roma

APRESENTAÇÃO

Torna-se coisa comum, nos dias de hoje, o estudar a vida e a organização das entidades religiosas, para haurir delas os tesouros de experiência e sabedoria que nos legaram.

A ocasião do centenário do Colégio do Salvador, na Bahia, levou Antenor de Andrade Silva a realizar o presente volume, no qual conta como foi a vida centenária daquele estabelecimento de ensino. O autor é conhecido pelas suas publicações sobre o patriarca do Vale do Cariri, no Ceará, o Padre Cícero Romão Batista. Antenor de Andrade Silva foi por duas vezes diretor do colégio. Agora ele nos apresenta sua história, com amor e equilíbrio.

O trabalho começa com dois capítulos de caráter geral. O primeiro nos dá uma visão da sociedade brasileira no final do Império e inícios da República. O segundo nos fala de Dom Bosco e de sua obra, da expansão desta na América, no Brasil e no nordeste brasileiro.

A fundação. Entramos depois no vivo do assunto. Entre os problemas sociais da Bahia, se encontra o dos meninos pobres e abandonados. Os Vicentinos baianos, preocupados com a situação, empreenderam uma grande campanha em prol da fundação de uma casa salesiana em sua terra. A causa foi assumida pelo Arcebispo D. Jerônimo Tomé, que a apoiou com todos os meios ao seu alcance.

A idéia conseguiu o apoio dos Salesianos de Pernambuco, desejosos de uma fundação em sítio mais salubre que aquele aonde se encontravam. Conseguiram convencer os Superiores de Turim, e pouco depois se abriu a casa da Bahia. Antes de atingir o atual estágio de florescimento estável, o colégio teve que enfrentar crises às vezes bastante sérias, que foram superadas porque a casa estava construída sobre sólidos fundamentos. Foram eles a devoção a Nossa Senhora Auxiliadora, o sistema educativo de Dom Bosco e o apoio constante da sociedade baiana.

No desenvolver a história da instituição, o autor se defrontou com o problema da escassez de documentação. Isso gera grandes claros na descrição da evolução histórica das várias seções do colégio. Mais contínua a história do oratório festivo. Nesta apresentação, tentamos dividir a história do Colégio Salesiano do Salvador, em três períodos: o primeiro da fundação até a primeira guerra mundial; o segundo, da primeira guerra ao fechamento do internato; o terceiro, até os dias de hoje.

Primeiro período: Logo um ano após a fundação, o colégio recebe a visita do P. Paulo Álbera, representante do Reitor-mor da sociedade salesiana. Cria ele a nova Inspetoria do Norte e Nordeste do Brasil, e escolhe como sede da mesma a casa da Bahia. Em 1903, os salesianos conseguiram a personalidade jurídica perante o governo do país.

O estabelecimento tem início com o curso primário e o curso profissionalizante. Em 1907 se acrescentou o curso comercial. São apresentados os currículos dos diversos cursos e os horários da casa. Onde possível, também os textos usados e os docentes de cada matéria. Em 1907, conseguiu-se a equiparação oficial do curso ginásial. Ainda em 1907 abriu-se o externato.

Tratando-se de uma obra salesiana, nota-se a presença de atividades como a banda e o teatro, que se exibem não apenas em Salvador, mas também em outras cidades do Estado.

Ao mesmo tempo que o colégio, tem início o oratório festivo. Começou junto do colégio salesiano. Depois tentou-se transferi-lo para a península de Itapagipe. Voltou em seguida para junto do colégio.

É também deste período o início da Associação dos Ex-alunos do colégio, fundada em 1909. Os Ex-alunos dedicaram-se ao teatro com relativo êxito. Uma das atividades que a Associação promoveu foi também a inauguração de um busto a Dom Bosco, no ano de 1915.

No *segundo período* o colégio se defronta com uma grave crise econômica, que se estende de 1924 a 1936. Acentua-se o problema dos aprendizes: seu número é desproporcional ao ambiente disponível. Além disso a muitos falta a instrução mínima requerida para a aprendizagem do ofício; chegara-se a aceitar meninos muito pequenos e ainda não alfabetizados. Outro problema é o da disciplina dos alunos do colégio, pois alguns encarregados dela aplicam não o método educativo de Dom Bosco, mas o sistema de castigos que irritam e pouco conseguem. Nota-se também a instabilidade do pessoal do colégio, que é trocado com relativa frequência.

O oratório sofre com a falta de locais próprios.

Introduz-se o Tiro de guerra, para a formação para-militar dos alunos. Abre-se um semi-internato, que dura até 1964. Procura-se diminuir as séries do ginásio e entregar o primário a professoras. A direção do colégio mantém relações pouco integradas com o governo estadual; bom ao invés o relacionamento com a Secretaria de Educação do município.

São comemorados o cinquentenário do colégio e a canonização de Domingos Sávio. É criada a associação de Pais e Mestres, a qual geralmente funciona em harmonia com a diretoria do colégio. Os Ex-alunos continuam com sua associação a qual passa por alternativas de crises e de bom funcionamento.

O internato é fechado em 1963.

No *terceiro período*, o colégio toma a atual fisionomia. Supera-se nova crise surgida nos anos 1960. Abre-se o curso colegial, e pouco depois são admitidas também as meninas, junto com os rapazes. A Associação dos Pais, Mestres e Alunos teve parte ativa nesses acontecimentos. Após momentânea crise, continuou seu trabalho de colaboração e aperfeiçoamento entre pais e mestres em benefício dos alunos.

Um capítulo que merece ser citado nesta apresentação, é o relativo às construções. Bem conduzido, dá ao leitor uma boa idéia da evolução edilícia do colégio até o estado atual.

Escolas profissionais: As oficinas começam já em 1901 e em 1903 conseguem fazer uma exposição de trabalhos. Comissões julgadoras, convidadas pelo diretor do Liceu, compareciam para julgamento dos trabalhos dos meninos artifices. Prêmios de real valor incentivavam a aprendizagem e a aplicação dos alunos.

Em 1908 as oficinas da Bahia participavam da Exposição Nacional do Rio de Janeiro, onde a encadernação recebeu medalha de ouro, a tipografia medalha de prata e a Instituição Liceu Salesiano do Salvador ficou com a medalha de ouro.

Uma série de crises atravessavam as oficinas em 1926. Depois, com a vinda de um grupo selecionado de Irmãos coadjutores para serem mestres, a escola profissional conheceu um período de florescimento. Mas continuaram a alternar-se períodos de crise e de bom andamento. Até que, nos anos de 1960, chegou-se a um momento tal que se resolveu seriam fechadas todas as oficinas, menos as de Artes Gráfica. A insuficiência de mestres salesianos e de local apropriado, o tratamento diferenciado dado a estudantes e aprendizes, em detrimento destes, a falta de apoio da direção do colégio à escola profissional e a pouca sensibilidade da mesma direção para com a realidade aprendizes estudantes, são os motivos indicados para a decadência do ensino profissionalizante.

Devoção a Nossa Senhora Auxiliadora: a história do colégio salesiano se encerra com um capítulo sobre a devoção a Nossa Senhora Auxiliadora. Instrumento para essa devoção foi a Arquiconfraria dos devotos de Nossa Senhora Auxiliadora. Tinha por objetivos, além da propagação dessa devoção, cuidar da catequese das crianças pobres, propagar a comunhão freqüente e quotidiana e esforçar-se para dar início à construção do Santuário de Nossa Senhora Auxiliadora. A primeira secretária da Associação foi a poetisa Amélia Rodrigues.

Em 1918, numa bela festa, era realizada a primeira coroação da imagem de Nossa Senhora Auxiliadora no Norte do país. Comemorava-se então o cinquentenário do templo construído por Dom Bosco em Turim e da ordenação do Reitor-mor Padre Paulo Álbera. As primeiras au-

toridades do Estado tomaram parte na procissão que então se realizou.

Aproveitou-se da ocasião para recompor a Associação, que passara por um momento de dificuldade, e ela se dedica a recolher fundos para a construção do Santuário, cuja pedra fundamental foi lançada em 1929. O tempo de maior atividade da Associação foi aquele em que era seu assistente espiritual o Padre José Santana. Mensalmente fazia-se um retiro, onde se marcava um objetivo espiritual a ser cumprido durante o mês.

A catequese das crianças chegou a acolher 300 meninas. No final do ano havia premiação.

Fundaram-se associações similares em várias cidades da Bahia. A da capital, incluindo as falecidas, chegou a ter cerca de três mil sócias e 49 zeladoras. Outras entidades marianas, inclusive masculinas, foram fundadas para maior facilidade na divulgação do nome de N. Senhora Auxiliadora.

As Damas primavam pela organização das festas. Como o escol da sociedade baiana fazia parte do grupo das Damas, as suas festas em benefício do colégio tinham sempre a presença de representantes não só do clero, mas do Governo do Estado, das Forças Armadas e da Magistratura. Por causa da grande afluência de povo às festas de N. S. Auxiliadora, passou-se a celebrá-la sempre no dia 24 de maio.

A pedra fundamental do Santuário foi lançada a 1 de setembro de 1919. As obras prosseguiram sem interrupção. Em 1932 chegava a imagem encomendada para a torre. A primeira missa celebrada no Santuário foi em 1934.

Os trabalhos, porém, prolongaram-se por demasiado tempo. Houve um momento de quase desânimo entre as Damas, mas a Presidência reagiu e as campanhas em favor da obra foram retomadas. Finalmente, em 30 de novembro de 1938, foi sagrado o novo e bonito templo da devoção à Auxiliadora em terras soteropolitanas. A inauguração da Igreja trouxe ao bairro de Nazaré mais importância e movimento. O Salesiano passou a ser procurado para festas de formatura, casamentos, celebração de Páscoa de colégios e outras organizações civis e militares, como foi o caso da celebração do 50^o aniversário do Corpo de Bombeiros. Os mais famosos oradores da Bahia eram convidados para pregarem nas funções realizadas no Santuário, sempre muito concorridas, sobretudo no mês de maio. Grandes procissões aconteciam pelas ruas de Nazaré.

A obra salesiana em Sergipe: quase como um apêndice, encerra o livro um capítulo sobre a obra salesiana em Sergipe, cuja fundação foi uma decorrência natural da atividade dos filhos de Dom Bosco em Salvador. Inicia-se com a Escola Agrícola S. José, da Tebaida, aberta em 1902 e

fechada em 1920. Mas já em 1908 os salesianos abriam na capital do Estado, Aracaju, um oratório, e posteriormente um colégio, colégio que funciona até os dias de hoje.

Segue-se uma série de anexos e um apêndice fotográfico destacando-se a história fotográfica do colégio da Bahia.

Encerramos esta apresentação congratulando-nos com Antenor de Andrade Silva pelo resultado que obteve, tornando-nos possível um conhecimento mais pormenorizado da vida do Colégio Salesiano do Salvador e de quantos labutaram ou estudaram naquele centenário estabelecimento de ensino.

ANTÔNIO DA SILVA FERREIRA

PREMISSAS

O centenário de qualquer organização ou entidade é um forte convite ao historiador para o estudo de suas origens, de seu desenvolvimento e dos motivos passados ou presentes de sua existência. Em se tratando de uma entidade educativo-pastoral, a tarefa torna-se mais séria e delicada. O sujeito do estudo é um corpo vivente, cujos membros não têm apenas objetivos comerciais ou de formação acadêmica, mas uma característica marcadamente evangelico-pastoral, são educadores que evangelizam, formando também a fé do educando.

A história de um colégio não significa tão somente apresentar os acontecimentos relativos aos seus diretores, alunos ou ex-alunos. É fundamentalmente descer às raízes do projeto educacional dos fundadores, das necessidades iniciais que os atraíram e das respostas pedagógico-pastorais, apresentadas.

Tentamos descrever a história da presença e incidência social dos salesianos na Bahia. Começaremos com um breve enfoque sobre a situação sócio-político-religiosa dos últimos anos do Império brasileiro, falaremos sobre a primeira obra salesiana no Brasil e no Nordeste do país; as primeiras negociações para a nova fundação na Bahia de Todos os Santos; o início e desenvolvimento dos trabalhos, após a inauguração do Liceu.

O período histórico principal abrange cerca de 70 anos: de 1900 a 1970. Os trinta anos, até 2000 completando um século da presença dos religiosos em terras soteropolitanas, não fizeram parte de nosso objetivo pelo fato de serem ainda recentes.

A Congregação Salesiana ao tempo em que surgiu a obra da Bahia, o Liceu Salesiano do Salvador, estava já presente em três Continentes: Europa, Ásia e África num total de 27 nações. No Brasil os filhos de Dom Bosco fundaram a primeira casa em 1883, na cidade de Niterói, no bairro de S. Rosa, nome pelo qual se tornou conhecido o Colégio com suas Escolas Profissionais. Outras obras foram surgindo: o *Liceu Coração de Jesus* em S. Paulo (1885), o *Colégio São Joaquim* (1890) em Lorena. Em dezembro de 1894 os salesianos chegaram ao Recife, inaugurando o Colégio no ano seguinte. Outras casas, além da Bahia, foram a *Escola São Sebastião* (Colônia 1900). Em Frei Caneca, o *Instituto Orfanológico São Joaquim* (1902) e em Sergipe, *A Escola São José* da Thebaida (1902).

1. Novidade do assunto

O presente tema é pela primeira vez abordado de maneira científica e monográfica. Há outros estudos, citados ao longo desta descrição. No entanto, em termos metodológicos e de conteúdo este apresenta sua originalidade. Os demais são escritos setoriais, comemorativos ou integrando obras mais abrangentes.

2. Abrangência

Nosso objetivo diz respeito fundamentalmente à Casa da Bahia, inaugurada em 11 de março de 1900. É também uma homenagem ao seu Centenário, festejado justamente ao nascer do Terceiro Milênio.

Começaremos apresentando um breve enfoque sobre a situação política-econômica religiosa dos últimos anos do Império Brasileiro. Em seguida descreveremos sucintamente o momento social do Piemonte no tempo de Dom Bosco; a Sociedade de São Francisco de Sales; a exportação do projeto bosquiano para a América e as primeiras atividades salesianas no Continente Sul-Americano. O capítulo final, o nono, descreve as incursões dos salesianos da Bahia nas terras sergipanas, onde fundaram uma escola agrícola e um colégio.

3. Metodologia e dificuldades

O estudo teve como preocupação a busca das fontes arquivísticas. A empresa demandou um grande, paciente e por vezes sofrido labor de pesquisa, envolvendo os mais variados documentos da primitiva história da Sociedade Salesiana. Não nos limitamos apenas aos acervos da Congregação, embora tenham eles fornecido o maior volume de informações, estudados, analisados e compendiados nestas páginas.

Servimo-nos do Arquivo Salesiano Central da Congregação (Roma), dos Arquivos das Casas de Salvador, do Recife, de Aracaju, de Niterói, de Barbacena (MG). Alguns sítios históricos como Tebaida e Canudos, Valdocco e o próprio Colégio de Valsalice foram objeto de nossa curiosidade e reverência científica. Pessoas que puderam fornecer determinadas informações foram também ouvidas. Muito interessantes o arquivo fotográfico da Casa Geral, bem como os de Salvador, Aracaju, Recife e Niterói. Mesmo se todas as fotografias não fazem parte da obra, serviram para iluminar algumas dúvidas.

Entre as fontes não salesianas estão bibliotecas, jornais de Salvador, Recife e Aracaju, as escavações do sítio arqueológico da Velha Catedral da Sé, onde tantas vezes estiveram os órfãos com sua Escola de canto e sua banda. Os idiomas dos documentos pesquisados são o italiano, o português, o espanhol, o francês e o latim.

Fizemos o possível para vencermos as tentações, embora nem sempre tenhamos conseguido, de emitirmos julgamentos ou juízos de valores. Por vezes a complexidade das situações em que podemos nos encontrar em nossas atividades, podem levar-nos a determinadas posições ou atitudes aparentemente heterodoxas, quando na realidade nem sempre o são. É o que pensava padre Pedro Rota com respeito às críticas que se faziam ao padre Lourenço Giordano com relação à Tebaida.

A paisagem pode ser diferente para quem está do outro lado da colina. “Além das nuvens há sempre mil sóis”.¹ Por outro lado,

“a história não é nem justiceira nem justificadora, não deveria condenar nem absolver apressadamente. Sua tarefa essencial, não fácil, é compreender, acolher certos estados de ânimo, certas mentalidades, reconstruir suas raízes, para em seguida estudar os frutos, quaisquer que sejam”.²

Evidentemente que o historiador não está imune às paixões. Marc Bloch sintetizava a problemática afirmando que “uma palavra domina e ilumina os nossos estudos: *compreender*”.³ O leitor terá a possibilidade de sintetizar e refletir.

4. Estrutura do trabalho

Nossa finalidade foi descobrir, a partir de sua pré-história, o evento salesiano nas terras da Bahia de Todos os Santos. Mostrar porque os membros da Sociedade de S. Francisco de Sales estenderam suas atividades ao Norte brasileiro, as dificuldades por eles enfrentadas, as repercussões religiosas e significação social do trabalho que realizaram, a tarefa inicial proposta e a ampliação do leque das atividades.

¹ Provérbio hindu.

² Stanislaw ZIMNIAK, *Salesiani nella Mitteleuropa, Preistoria e storia della provincia Austro-Ungarica della Società di S. Francesco di Sales* (1866 ca.-1919). Istituto Storico Salesiano – Studi 10. Roma-LAS, 1997, p. 25.

³ Ibid.

A maior abrangência de objetivos não significou uma mudança no carisma inicial do fundador e sim uma adaptação às exigências dos tempos. Fidelidade ao carisma não quer dizer fossilização ideológica, diante de novos sinais oriundos nos mesmos desafios impostos pela história. Estas adaptações surgiram entre outros momentos, quando os SDB obrigados pelas forças econômicas tiveram que abrir a obra para alunos da classe média, mesmo porque os *ingênuos* iam diminuindo ou se arranjando na vida adulta; as transformações e adaptações surgiram também quando os educadores-pastores passaram a receber nas salas de aulas também as meninas, ou incluíram no Currículo do Estabelecimento o Curso Colegial. Ao lado dessas novas categorias de destinatários continuaram com os órfãos, nas oficinas ou no Colégio, onde se atendia ou se atende um bom grupo de alunos que não podiam, ou não têm condições de pagar nenhuma mensalidade.

Organizamos a matéria em três partes ou blocos, contendo nove capítulos, um anexo e um apêndice gráfico-fotográfico.

No primeiro bloco descrevemos no primeiro capítulo, a sociedade brasileira, no segundo Dom Bosco e os salesianos.

O segundo bloco contém os sete capítulos restantes: Fundação da obra - Fazendo história - Caminhando em dispnéia - Construções e imóveis - Escolas profissionais - Nossa Senhora Auxiliadora na Bahia - Fundações em Sergipe.

A terceira parte compreende anexos e apêndice.

Nas transcrições ou citações seguimos as grafias originais. Fomos bastante pródigos nas citações das fontes. Talvez algumas notas sejam até demasiadas. No entanto como diz o velho provérbio latino: "É melhor sobrar que faltar".⁴

5. Algo ainda por fazer

A monografia não é exaustiva. Haveria outros aspectos da presença salesiana na Bahia e em Sergipe a serem descobertos nos escaninhos de sua história. Não entram porém, no rol dos nossos estudos.

Citaríamos como exemplo o fato dos Vicentinos terem se eclipsado após a compra da Chácara do Caranguejo; as interrupções no movimento dos Cooperadores; dos Ex-alunos e dos Oratorianos; não se sabe

⁴ *Melius est abundare quam deficere.*

com precisão até quando o Liceu cuidou efetivamente dos *ingênuos* e quantos foram recebidos e formados naquelas Escolas Profissionais; o mesmo se diga dos órfãos de Canudos; no setor de documentação fotográfica, há bastante material, todavia a maioria não traz a data, nem o evento ao qual se refere; encontram-se vários grupos, onde não se sabe quem são as pessoas, mesmo através de estafantes deduções e comparações.

Esperamos todavia, ter contribuído para um mais detalhado conhecimento da pré-história e história salesianas da Inspetoria brasileira S. Luiz Gonzaga; ter facilitado ao leitor um maior conhecimento e valorização do trabalho realizado pelos religiosos de D. Bosco nas terras meridionais do Novo Mundo. Uma contribuição que se estendeu e continua, não apenas em âmbito de Igreja local e regional, mas dentro da própria sociedade civil.

O leitor benévolo há de convir que abaixo e acima do Equador, nem tudo é perfeito.

ANTENOR DE ANDRADE SILVA

SIGLAS E VOCABULÁRIO SALESIANO

ACSA	Arquivo do Colégio Salesiano Aracaju
ACSB	Arquivo do Colégio Salesiano da Bahia
AFR	Arquivo Fotográfico de Roma, Pisana
ASC	Archivio Salesiano
ASJN	Arquivo do Salesiano Juazeiro do Norte
ASSC	Arquivo do Salesiano do Sagrado Coração
ASV	Archivio Segreto Vaticano
BF	Boris Fausto
BR	Brasil Republicano
BS	Bollettino Salesiano
CC SS	Cooperadores Salesianos
CDB	Centro de Documentação de Barbacena
<i>Cost.</i>	Costituzioni della Società di San Francesco di Sales
EI	Enciclopedia italiana
EPSB	Escolas Profissionais Salesianas da Bahia
<i>FDR</i>	Fondo Don Rua
FMA	Filhas de Maria Auxiliadora
ISS	Istituto Storico Salesiano, Roma
LBA	Legião Brasileira de Assistência
MB	Memorie biografiche
MO	Memorie dell' Oratorio
OE	Opere Edite
RDV	Relatório Della Valle
RR	Relatório Rota
RSC	Revista Santa Cruz
RSS	"Ricerche Storiche Salesiana"
SDB	Salesianos de Dom Bosco.
Reitor Maior	= Superior Geral da Congregação
Inspetor	= Provincial
Inspetoria	= Província
Capítulo Superior	= Conselho Geral da Congregação
Diretor	= Superior local de uma Casa
Prefeito	= Ecônomo
Ascrito	= Noviço
Coadjutor	= Irmão leigo, salesiano leigo
Tirocínio ou assistência	= Preparação prática, em geral após a Filosofia
Tirocinante ou assistente	= O sujeito que faz o tirocínio
Cooperador Salesiano	= Espécie de Ordem Terceira dos SDB
Sociedade de S. Francisco de Sales	= Salesianos de Dom Bosco, Congregação Salesiana, Pia Sociedade Salesiana, Sociedade Salesiana.
[d o]	= documento original
[d d]	= sem o dia e a data
[s d]	= sem a data
[s di]	= sem o dia
[s di m]	= sem o dia e o mês
[s l]	= sem local
[c d]	= cópia digitalizada ou datilografada
[e c]	= em via de catalogação.

PRIMEIRA PARTE - PRÉ-HISTÓRIA



CAP. I - A SOCIEDADE BRASILEIRA

(Últimos anos do Império e primeiros decênios da República Velha)

1. Governo

O Império brasileiro (1822-1889) caracterizado por uma fisionomia monárquica, escravocrata, agrícola e patriarcal, conduziu a sociedade nacional em fins do século dezenove, a sofrer uma série de transformações. As mudanças apareceram, mormente ao término da Guerra da Tríplice Aliança¹ quando um tufão de reformas soprou insistentemente sobre a face do país. As forças, até então existentes, mantidas equilibradas pelo tino apaziguador e liberal do Imperador Pedro II, abaladas pelas novas idéias, entraram em ebulição e muitos foram as polêmicas e debates políticos. O clima já se tornara bastante acalorado, mesmo antes da República, quando surgiram as «questões» militar, servil e religiosa.

A *questão militar* dizia respeito às exigências pleiteadas pelos homens das casernas. O direito à liberdade de se manifestarem em assuntos políticos, cívicos diziam, em defesa de seus interesses, mesmo quando em desacordo com as autoridades civis ou militares. Tratava-se de um dos resultados das vitórias e política de Caxias na campanha da Guerra do Paraguai (1870-1874).

A *questão servil* abordava a problemática da libertação dos escravos. O próprio Imperador esposava a idéia, além de vários escravistas que chegaram a definir um prazo para o término da escravidão. Não se tratava de um ato de liberalidade por parte daqueles senhores. Na realidade era mais prático e rentável cultivar os cafezais com a mão dos imigrantes estrangeiros do que com os mesmos escravos. A opinião pública, os universitários, vultos como Rui Barbosa, Joaquim Nabuco e Castro Alves eram fervorosos batalhadores da abolição da escravatura.

¹ A Guerra da Tríplice Aliança começou em novembro de 1864, com a invasão de Mato Grosso e Rio Grande do Sul por tropas do Exército guarani. Os países aliados foram Argentina, Brasil e Uruguai. As escaramuças terminaram em 1870.

A *questão religiosa* representou fator preponderante na transformação do «status quo» monárquico para o republicano. A sociedade brasileira era então composta não apenas de Católicos Apostólicos Romanos. A política britânica, aliada à liberalidade imperial trouxe ao país diversas denominações protestantes, que penetraram profundamente no Brasil, montando colégios e fundando missões. Entre os imigrantes encontravam-se luteranos, anglicanos, metodistas, presbiterianos. Alguns deles, após a Guerra da Secessão,² tinham-se transferido dos Estados Unidos, começando vida nova na parte Sul do Continente. Outra área de fortes tensões, vividas pela Igreja, foi o relacionamento entre membros do governo integrantes da maçonaria e os senhores bispos. Não nos detemos nestas questões, mais adiante retornaremos à problemática, muito embora sucintamente.

O fenômeno religioso pluriforme trazia à baila a discussão sobre o caráter católico do Estado brasileiro, que deveria dar guarida a todos. Por outro lado o livre alvedrio não era tão livre. A liberdade religiosa proposta pela Constituição imperial, capengava, configurava-se rota, era um engodo. Um exemplo claro desta situação, que poderíamos chamar de hilariante, era o fato que todo aquele que desejasse um Diploma universitário deveria compulsoriamente fazer um juramento católico. O mesmo acontecia com os aspirantes a empregos públicos, a deputado ou senador do Império.

A nova onda que arrebentou nas praias do Império levou inexoravelmente à mudança do Sistema de Governo. Nasceu então a República em 15 de novembro de 1889. A ordem política nacional inicia uma etapa de reorganização não mais baseada na mão de obra escrava, mas no sistema de trabalho, sob prestação de serviço.

2. Igreja

A Igreja na grande Colônia portuguesa dos trópicos, desde os tempos da descoberta caminhava a reboque do Estado. Inicialmente atrelada à Coroa lusa, posteriormente ao Governo do Império brasileiro. Pri-

² A Guerra da Secessão aconteceu nos Estados Unidos da América do Norte, de 1861 a 1865, entre os estados industrializados do Norte e os agrícolas do Sul, onde viviam 9.000.000 de habitantes, contra 22.000.000 no Setentrião. No final do conflito haviam morrido cerca de 600.000 pessoas, gerando durante muito tempo, um ódio violento entre ambas as partes do país.

vada de independência encontrava-se freqüentemente navegando em águas turvas e revoltas. Os Bispos com estreita margem de ação nos negócios eclesiásticos, não podiam dar normas aos fiéis sem que primeiramente suas determinações passassem pelo crivo do Estado monárquico ou imperial. O clero encontrava-se dividido entre os que aceitavam ou se calavam e os radicais que pregavam ostensivamente o rompimento com as autoridades políticas. A situação chegou a se transformar somente nos inícios de 1890, quando Estado e Igreja, tomaram cada um seu rumo. O fato aconteceu na época em que era Primaz do Brasil Dom Antônio de Macedo Costa³ e Ministro de Estado seu ex-aluno, o estadista e político Rui Barbosa (1849-1923). Com o decreto 119/A (17 de janeiro de 1890), abolindo o Padroado, todos os cultos passaram a gozar de plena liberdade no Brasil.

Clero Diocesano

Vivendo no meio de uma sociedade por demais permissiva e liberal em seus princípios morais, os padres seculares terminavam por serem envolvidos pelo «modus vivendi» da época. Não obstante os esforços de algumas congregações religiosas e as leis civis que se batiam pela moralidade pública, mesmo assim, não se conseguiu grandes modificações, em relação à situação anterior. O grande número de homens, em relação às mulheres européias, facilitava e alimentava o fenômeno. Por outro lado, a presença constante e por vezes ostensivamente convidativa das mulheres indígenas e das escravas, evidentemente não afeitas à moralidade cristã, permeava o ambiente de uma aura sensual da qual era difícil fugir.⁴ Pe. Luiz Guanella escreveu em 1872 um libreto, que lhe deu certas dores de cabeça. Nele o santo sacerdote refere-se à mentalidade reinante em Turim na época, a respeito dos costumes vividos do outro lado do Atlântico:

³ Antônio de Macedo Costa (1830-1891) foi Bispo de Belém do Pará de 1860 a 1890 e Arcebispo de S. Salvador da Bahia de 1890 a 1891. Um dos Bispos que mais se distinguiu na luta contra a maçonaria. Encarcerado pelo Governo, onde se aninhava um grande reduto maçônico, foi posteriormente anistiado.

⁴ Desde os princípios da Colônia costumava-se dizer que *abaixo do Equador não havia pecados*.

«e encontra também em tal abundância as mulheres de mal comportamento, os escândalos, as representações obscenas, além dos teatros, dos divertimentos, dos albergues, que comparados com nossos povoados do interior, estes são como jardins eleitos de devoção... A América é um lugar onde se perde a fé por falta de assistência religiosa e pela grande abundância de “maus companheiros, que com insultos ou a violência direta te impedem de frequentar [as igrejas]”».⁵

Na Bahia, em particular, como também nas demais áreas de concentração de sangue dos povos originários da África, acrescentamos ainda um agravante de aspecto cultural: uma das afirmações de masculinidade do homem africano era a quantidade de filhos que gerava. Vindos para a América a natureza e os costumes não mudaram. Pe. Luiz Lasagna⁶ e seu secretário Teodoro Massano⁷ ficaram altamente impressionados, diria escandalizados, com o número de meninos e meninas negros que viam perambular pelo Rio, Bahia, Recife, S. Luiz. Era a vida, abaixo do Equador do outro lado do Atlântico.

Os membros do clero, pouco numerosos e com uma formação seminariística abaixo do mínimo,⁸ eram condenados a viverem em povoados ermos ou fazendas onde, começando por criarem animais irracionais, terminavam como genitores de animais racionais. Longe do Sacramento da Confissão, dos exercícios espirituais, das reflexões e do convívio com os companheiros de vocação, a natureza humana e não angelical desmo-

⁵ Pietro STELLA, *Don Bosco nella storia della Religiosità Cattolica*. Vol. I, *Vita e Opere*. Zürich, PAS VERLAG 1968, p. 183.

⁶ Luiz Lasagna nasceu em Montemagno, Itália em 3 de março de 1850. Faleceu em Juiz de Fora, num desastre ferroviário aos 6 de novembro de 1895. Integrou a segunda expedição missionária para a América do Sul em 1876. Em 17 de março de 1893, Leão XIII o consagrou Bispo. Foi encarregado das Missões do Brasil, por isso mesmo chamado o Bispo dos índios. Exerceu o ministério episcopal juntamente com o encargo de Inspetor.

⁷ Jovem clérigo salesiano que aos 18 anos acompanhou Pe. Luiz Lasagna em 1882, na viagem através do litoral brasileiro, do Rio a Belém. Nasceu no Piemonte aos 2 de setembro de 1864, falecendo no Uruguai em 10 de abril de 1893. Antônio FERREIRA, *Uruguay e Brasile visti dalle lettere di Teodoro Massano*, in RSS 3 (1983) 296-298.

⁸ No Pará, antes de 1830, o predecessor de D. Macedo Costa em três anos ensinava filosofia e teologia a seus seminaristas. Em seguida os coitados eram jogados nas brenhas, cálidas e úmidas dos igarapés e florestas da Amazônia. O que acontecia depois, nem Deus sabia, ou se descobria, fechava os olhos. Em carta ao Pe. Antônio Riccardi, Massano refere-se às imensas Dioceses abandonadas, à ignorância e aos vícios, onde existiam «poucos padres e destes a maior parte amancebados e com numerosa família». A. FERREIRA, *Uruguay e Brasile visti...*, in RSS 3 (1983) 321.

ronava diante do tufão envolvente e avassalador dos convites da carne,⁹ deixando de lado os compromissos assumidos com o celibato. Ao tomar posse da Diocese de Mariana, em 1848, D. Antônio Ferreira Viçoso, ouviu do Pe. Silvério Gomes Pimenta (1840-1922), futuro Bispo e Arcebispo de Mariana, uma crua relação sobre a situação do clero.

«Contavam-se, é verdade, bons e muito bons sacerdotes, mas à volta destes, muitos outros, esquecidos de suas obrigações e de seus votos, cujos procedimentos autorizavam os vícios, não só desculpavam os viciosos. A maior lástima era a incontinência, porque muito grande parte vivia como se foram casados e, pela muita freqüência e continuação destes exemplos, já o povo quase não fazia reparo em tais procedimentos, e menos estranhava em viver tão encontrado com a profissão, com os votos e com a dignidade sacerdotal. Por maior desgraça o mal partia do alto, pois onde os mais sacerdotes deviam achar modelos em que se espelhassem, achavam tristes exemplos de manifesta desordem. Porquanto o cabido da Catedral, primeira autoridade na vacância da Diocese era, com poucas, mas honrosas exceções, composto de padres publicamente amasiados».¹⁰

Entre estes clérigos havia homens apostólicos, respeitáveis e amados por sua grei. Os fiéis conheciam a situação de seus líderes espirituais, suas companheiras, seus filhos. Nem estranhavam, pois o fato era antigo e geral. Nossa história está pontilhada de grandes vultos, filhos de zelosos e ilustres sacerdotes. Na capital do Império um senhor barão, homem de governo, perguntava tranqüilamente ao Pe. L. Lasagna se seu secretário, Teodoro Massano era filho do Núncio Apostólico. Outro cidadão com ares de «literato e instruído» curiosa e lhanamente queria saber se o clérigo era filho do Pe. L. Lasagna. Eram perguntas naturais, de um ambiente onde não mais se escandalizavam ao verem um padre com mulher.¹¹ Nesta mesma correspondência o jovem salesiano diz pitorescamente que «a imoralidade é o pecado que mais se perdoa entre os brasileiros». Certa feita, Pe. L. Lasagna comenta esta situação ao Pe. João

⁹ Conta-se que em certa Diocese do litoral, na zona do rio São Francisco, o Bispo ao reunir seu Presbitério separava naturalmente, na mesa das reuniões, os padres que viviam maritalmente dos celibatários.

¹⁰ Riolando AZZI, *Os Salesianos no Rio de Janeiro*, Vol. I. *Os primórdios da obra salesiana no Brasil*. São Paulo, ESDB 1982, pp. 149-150.

¹¹ A. FERREIRA, *Uruguay e Brasile visti...*, in RSS 3 (1983) p. 323.

Cagliero. Referia-se a uma viagem do bispo de Cuiabá (Carlos Luís D'Amour, 1837-1921) ao Rio, que desejava obter do governo auxílios para a fundação de um Seminário em sua diocese:

«Pobrezinho, tem apenas nove padres concubinos em uma diocese quatro vezes maior do que a Itália. Ali existem imensas tribos selvagens e o abandono e a miséria moral é horrível».¹²

Os bispos, evidentemente se insurgiam, procurando modificar a situação. As visitas pastorais eram ocasiões em que o tema era claramente abordado. Tornou-se famosa uma reunião pastoral do Bispo de Fortaleza com os padres do Cariri cearense, onde numeroso grupo vivia maritalmente. O assunto foi tratado clara e ostensivamente pelo pastor diocesano que recordou as normas canônicas e os deveres dos clérigos com referência ao celibato.

Raimundo Girão descreve na época, a situação do clero no Estado cearense:

«Recebendo cômguas irrisórias, eram os padres forçados a procurar profissões mais lucrativas, metendo-se às vezes até demasiadamente nas competições políticas e tornando-se generalidade, donos de fazendas de criar. Decaídos, na maioria, da dignidade e correção do sacerdócio, esqueciam suas obrigações e os interesses de suas paróquias, e para tanto concorria a sua formação intelectual e moral, mandados, muitos deles, ao seminário por imposição dos pais, vaidosos de ter *um filho padre*. Frequentando cursos aligeirados, para os quais faltava a verdadeira vocação, faziam por fazer os votos religiosos, nem sempre respeitavam o da castidade, quantos deles constituindo famílias de concubinas teúdas e manteúdas».¹³

A solidão, o isolamento entre os padres, o Bispo e os próprios colegas de sacerdócio entre si, fazia com que muitos, diligentes no que dizia respeito ao cuidado de suas ovelhas, deixassem para segundo plano a vida celibatária. Padres sem vocação ou mesmo vocacionados, aculturavam-se literalmente à vida caboclo - índia que encontravam nas florestas de suas searas. A situação dos que vinham da Itália (sobretudo aqueles de Nápoles que em certo momento não foram mais aceitos na Amé-

¹² Luigi LASAGNA, *Epistolario*, Vol. II, (1881-1892). Introdução, note critiche e testo a cura di Antonio Ferreira, carta Lasagna-Cagliero, Rio de Janeiro, 3 de agosto de 1882.

rica), da Espanha e de Portugal, constituía outra circunstância agravante. Não eram poucos os que vinham apenas «fazerem a América», ganhar dinheiro. Embora entre eles muitos fossem zelosos e se distinguissem pelo trabalho pastoral, contudo, não podiam ser párocos, pois eram estrangeiros e não gozavam do aval do Imperador. Apenas ajudavam os titulares nas paróquias. A situação incômoda de marginalizados dentro da própria classe, fazia com que não recebendo salário condigno e suficiente para sobreviverem, procurassem outros álibis, inclusive uma amiga e companheira com quem mutuamente partilhassem as agruras da existência.

O fato era de tal modo ostensivo e geral que em 1825, o assunto foi levado à discussão na Constituinte. A questão versava sobre a oportunidade ou não de o celibato sacerdotal ser conservado no Brasil. Dez anos após, o padre Diogo Antônio Feijó, regente do Império, impressionado com a situação, voltou a tratar do problema, chegando a solicitar à Santa Sé, a liberação do clero de uma lei que não era observada e só gerava irregularidade. A Igreja não endossou a proposta de A. Feijó, embora admitisse que a realidade estava bem longe das normas disciplinares canônicas. Um dos pontos fortes da reforma pretendida pelos Bispos era a mudança radical no que dizia respeito à vida celibatária de seus padres.

Clero regular

Na época a que nos reportamos existia um bom número de religiosos no país. Entre eles encontravam-se Redentoristas, Beneditinos, Lazaristas, Carmelitas, Franciscanos, Mercedários e Jesuítas. Estes haviam retornado, após expulsos por Pombal em 1759. As Ordens femininas eram representadas pelas Carmelitas de Clausura e as Franciscanas do Convento da Ajuda¹⁴ no Rio. Os Mosteiros e Conventos masculinos e femininos, de antigas e veneráveis Ordens, também foram atingidos pe-

¹³ R. AZZI, *Os Salesianos...*, Vol. I, p 150.

¹⁴ O Convento da Ajuda desapareceu com o desmonte do Morro do Castelo, iniciado em 1921. Era uma exigência da modernização do Rio. A última missa no Convento de S. Francisco foi muito corrida. A demolição da Casa religiosa, localizada na atual Cinelândia fez parte dos programas urbanísticos do Rio. O prefeito Pereira Passos, o grande responsável pela modificação da cidade, na época do Presidente Francisco de Paula Rodrigues Alves (1902-1906), ganhou um busto do artista Rodolfo Bernardelli.

la crise religiosa. No ambiente das freiras, os problemas surgidos estariam ligados à presença nas comunidades consagradas, de mulheres não pertencentes às ordens. As escravas, por exemplo, eram em número superior ao das religiosas. Sabe-se porém que as Carmelitas (Clausura) não tiveram maiores dificuldades. O mesmo não se pode afirmar quanto às Franciscanas do Convento da Ajuda. Numa visita em 1870, supomos bastante tensa, o bispo do Rio de Janeiro, D. Pedro Maria de Lacerda (1830-1890) presidiu uma reunião comunitária. Na ocasião foi eleita uma nova abadessa que normalizou a situação.¹⁵

No setor masculino, o problema fundamental girou em torno de um espírito de independência que, extrapolou em desvalorização da obediência e da disciplina. Este clima, unido à convivência dos escravos/as com os religiosos, à administração e manuseio do dinheiro, à falta de vocações, às pressões do governo contra os frades (as autoridades temiam a participação destes em movimentos políticos), contribuíram para a decadência das antigas Ordens, sobretudo nos últimos anos do Império.

O fenômeno da decadência das Ordens no país e na Bahia, trouxe forte declínio à religião e ao culto público alimentado pelos representantes oficiais da Igreja. O aspecto econômico também foi duramente atingido. No ano de 1885, Mons. Manuel dos Santos Pereira, escrevia da Bahia ao Internúncio apostólico:

«É patente que a decadência das ordens religiosas trouxe consigo a decadência da Província da Bahia, que vê desaparecer «*pari passu*» os seus florescentes estabelecimentos de agricultura e de indústria na mesma proporção em que se fecham e vão arruinando os conventos».¹⁶

O clérigo T. Massano observa que ninguém se comovia com o que acontecia com as Ordens religiosas. Certamente achavam que elas não eram mais necessárias, não era mais tempo de frades, endossando-se a mesma posição do Imperador. Pe. L. Lasagna, interessado na vinda dos Salesianos para o Brasil comenta, escrevendo ao Pe. Júlio Barberis:

«Lembre-se, ó caríssimo, que o clero, aqui, está numa situação que causa espanto. As velhas ordens religiosas dos Carmelitas, Beneditinos, Mercedários e Franciscanos estão para se extinguir, o que, aliás, é uma

¹⁵ L. LASAGNA, *Epistolario*, Vol. II..., p. 17.

¹⁶ R. AZZI, *Os Salesianos...*, Vol. I, p. 154.

fortuna, porque eles já não têm mais o espírito religioso. Nadam na abundância e na devassidão, com rendas fabulosas, com milhares de escravos (que horror) às suas ordens».¹⁷

As observações de Lasagna dão, a nosso julgamento, certa razão às autoridades governamentais, quando pretendiam a extinção das antigas Ordens Religiosas, um dos objetivos do Imperador. O problema era a generalização, como as medidas gerais decretadas contra aqueles religiosos e a proibição de receberem noviços. Ao invés de decretar pura e simplesmente a cassação dos «frades» estrangeiros e nacionais, deu-se-lhes, no entanto, algum espaço de movimento. Os que por algum motivo não se incardinassem em alguma diocese ou não gozassem de algum benefício, receberiam uma pensão. Mais à frente, ao falarmos de Igreja e Estado, retornaremos ao assunto.

Um duro golpe assestado pela medida provisória de 1856 referiu-se à proibição dos noviciados. Só as autoridades imperiais poderiam admitir novos candidatos. Sem estes, aos poucos as Ordens e Congregações desapareceriam, uma vez que os religiosos existentes não eram eternos. Isentavam-se as que tinham sido admitidas mais recentemente, como os Capuchinhos, Lazaristas e as Irmãs da Caridade. Estes poderiam continuar tranqüilamente suas atividades. Os Salesianos seriam bem vindos e até muito aguardados pelos mesmos que se insurgiam contra os demais religiosos.

O secretário de Pe. L. Lasagna comenta em uma de suas cartas:

«se viessem para cá centenas e mais centenas de Salesianos, todos seriam recebidos de braços abertos, pois a sua obra é feita justamente para acender aquelas pobres luzes apagadas no século XIX».¹⁸

No capítulo sobre a abolição das Ordens, um assunto quente era a apropriação dos seus bens por parte do Estado. Os inimigos dos religiosos sempre cobiçaram o patrimônio dos conventos. O tema voltava à baila, sobretudo quando das crises financeiras do governo. Discutia-se, legislava-se (1870), mas só em 1883 (ano da abertura da primeira casa no Brasil, Niterói) com o decreto 9.094, começou a aplicação das normas já aprovadas anteriormente. Alguns bens foram liberados, entre eles

¹⁷ L. LASAGNA, *Epistolario*, Vol. II..., carta Lasagna-Barberis, Niterói, 7 de agosto de 1883.

¹⁸ A. FERREIRA, *Uruguay e Brasile visti...*, in RSS 3 (1983) 323.

os relativos aos cemitérios, hospitais, orfanatrófijs, internatos. No mesmo pacote beneficiavam-se as obras de caridade ou de educação que tivessem condições de subsistirem com os próprios meios.

Mudanças disciplinares

Nos três últimos lustros do Império, a Internunciatura apostólica e o governo iniciaram uma série de medidas com o objetivo de restaurar a disciplina religiosa. Os bispos brasileiros - começando com o de Mariana, D. Antônio Maria Corrêa de Sá e Benevides e o de S. Paulo, D. Lino Deodato - logo se movimentaram dando início assim à denominada *Reforma Eclesiástica*. A cruzada teve o apoio dos religiosos em especial dos Lazaristas, os mais fervorosos no que se referia à romanização da Igreja brasileira. O Seminário da Prainha, em Fortaleza, foi um desses laboratórios. Tal era o fervor românico daqueles frades que chegavam mesmo a esquecer as normas cívicas que deveriam observar como estrangeiros. Certa feita, em um Sete de Setembro, quando todos celebravam a Independência do país, as aulas continuaram no Seminário de Fortaleza, por eles dirigido. Os seminaristas em protesto, simplesmente recusaram a assisti-las e fizeram greve. Bem-feito, parabéns jovens!

Os beneditinos já em 1865 libertaram os filhos dos escravos, controlando os abusos que existiam em suas propriedades e criando medidas para a separação entre seculares e religiosos. A vida comum e o culto foram também objetos de mudanças. Seus noviços eram enviados à Europa. A Província franciscana, cujo Ministro desde 1878 era Antônio Camilo de Lelis, pediu auxílio ao Geral da Ordem e iniciou transformações em seu território. Faz parte do pacote o envio em 1892, de um primeiro grupo de Franciscanos para Salvador.¹⁹

O movimento de deslusitanização e conseqüente romanização da Igreja brasileira, promovido por seus pastores, envolveu tanto a reforma do clero como as relacionadas às atividades pastorais no meio do povo. A fundação de seminários e o envio de seminaristas para estudos no exterior eram medidas destinadas ao aprimoramento dos futuros sacerdotes. A instrução catequética era também outro ponto importante da Reforma dos bispos.

No que dizia respeito ao governo iniciou-se um novo critério para a escolha dos bispos. Os apontados não seriam mais os atrelados cordeiros

¹⁹ L. LASAGNA, *Epistolario*, Vol. II..., pp. 21-22.

risticamente à política estatal, como era usual nas listas anteriores apresentadas pelo Imperador. Os novos prelados deveriam ser homens que realmente tivessem condições de conduzir pastoralmente o clero e os fiéis das dioceses às quais fossem destinados. Os seminários passaram a contar com um plano de estudos e um currículo comum. Os seminaristas que estudavam juntos com os demais alunos foram separados, tendo assim melhores condições de se prepararem para o ministério sacerdotal. Os professores aprovados em concurso público seriam remunerados. Todas estas medidas deveriam ser aprovadas preliminarmente pelo governo. Bispos como D. Lacerda e D. Lino procuraram visitar mais freqüentemente as dioceses entrando assim em contato mais assíduo com seus padres, tornando suas vidas menos isoladas. Em Aparecida do Norte os Redentoristas atuaram muito positivamente na linha de mudança pretendida pelos bispos e governo. Os padres seculares foram convidados a se hospedarem na Casa daqueles religiosos, onde sob os olhares e as bênçãos da Senhora do Brasil, em retiros e na meditação podiam colocar em dia sua vida espiritual e começar um novo momento pastoral em suas paróquias.

A idéia de reforma no entanto demorou a decolar, caminhando em dispnéia durante os últimos anos do século. Alguns fatores contribuíram para tal: um episcopado envelhecido, com prelados enfermos e sem lideranças continuava à frente das dioceses, ocupando de modo especial as sedes mais importantes.²⁰ Isso, obviamente fazia parte da política do

²⁰ Pe. Lasagna ao visitar o Brasil em 1882, encontrou nas doze dioceses da época, vários bispos bastante idosos e enfermos. 1. Na Sede Primacial da Bahia estava, desde 1881, D. Luís Antônio dos Santos, anteriormente primeiro bispo do Ceará. Parcialmente paráltico, contava então 62 anos. Embora fosse um pastor zeloso, a saúde precária não o deixava agir como desejava. 2. D. Pedro Maria de Lacerda era o Bispo da segunda sede mais importante, a do Rio de Janeiro. Era também Capelão-Mor da Capela Real. Tinha problemas de saúde. Através de suas correspondências aos salesianos mostra por vezes certa insegurança. Sofria um pouco de escrúpulo. 3. O bispado de Olinda tornara-se famoso, ali se encontrava D. José Pereira da Silva Barros. Proveniente do Sul, o clima pernambucano não lhe fez bem. Freqüentemente estava em S. Paulo e repetidas vezes solicitou a renúncia a D. Pedro II. Na época em que Pe. Lasagna o visitou era um dos mais jovens prelados brasileiros, tinha então 47 anos. 4. Outro bispo jovem era o de Mariana, D. Antônio Maria Corrêa de Sá, 46 anos em 1882. Chegou a pedir um coadjutor ao monarca, pois sofria de paralisia, tendo que ausentar-se em certos momentos da diocese. 5. Em Diamantina achava-se D. João Antônio dos Santos. Faleceu aos 87 anos, já no século XX. 6. A diocese de S. Paulo, com D. Lino Deodato. Foi também um dos que solicitou os salesianos para sua diocese. Pe. Lasagna o visitou em 1883. 7. No Maranhão, visitado tam-

governo. Outro fator preponderante era que movimento reformista não tinha o endosso total dos padres. O grupo de apoio às reformas era bem inferior àqueles que se opunham às mesmas. Faziam parte destes últimos os padres fazendeiros, administradores, os que viviam notoriamente de modo irregular.

Poucas vocações e dioceses enormes

Diversos fatores poderiam explicar a carência de vocações nativas: um maior leque de profissões existentes na sociedade, atraindo os filhos da classe média para as Faculdades; o povo tradicionalista e ignorante em matéria de fé não se entusiasmava em aceitar e assimilar as novas disposições; os liberais anti-clericais não perdiam tempo em denunciar as perspectivas inovadoras da Igreja como atitudes ultra-montanistas;²¹ a vastidão das dioceses abandonadas sem a presença do bispo e do sacerdote constituía forte motivo para a lentidão do movimento.

Em uma de suas missivas T. Massano impressionado com as dimensões geográficas das Dioceses americanas comparava-as com o ta-

bém por Lasagna, estava D. Antônio Cândido de Alvarenga, sagrado nos finais de 1878. Entre ele e parte da população e do clero havia certo desentendimento, motivado pela sua intransigência diante da reforma. 8. O bispo do Ceará, quando da visita do Pe. Lasagna àquela terra era D. Joaquim José Vieira. D. Joaquim ficou famoso nos confrontos que teve com o padre Cícero, na chamada Questão do Juazeiro. Também foi bastante intransigente na aplicação da reforma propugnada pelos bispos. 9. Outro grande amigo dos salesianos era o Bispo de Cuiabá, D. Carlos D'Amour. Nos fins de 1882 encontrou-se em Montevidéu com o fundador dos salesianos no Brasil. 10. Dom Cláudio Ponce de Leão, com 41 anos, em 1882, era o Bispo mais jovem e presidia a diocese de Goiás. Muito se esforçou para levar os SDB para sua diocese. 11. Na cidade de Porto Alegre, o baiano D. Sebastião Laranjeira, era um dos maiores batalhadores em prol da reforma. Desde 1881 que procurou levar os salesianos para o Rio Grande do Sul. 12. A diocese mais setentrional e a última visitada pelo Pe. Lasagna e T. Massano era a do Pará. Seu bispo, D. Macedo Costa era então, um elemento de proa no episcopado nacional, o mais destacado. Pela sua liderança e capacidade de articulação foi um dos apresentados pelo governo para ser o primeiro Cardeal brasileiro. Sua influência e entendimentos com o Ministro Rui Barbosa foi altamente positiva na problemática da separação Igreja-Estado.

²¹ O Montanismo (de Montano, século II, na Frígia, Ásia antiga) é uma heresia que prega o iminente retorno de Cristo, a necessidade de se recorrer à penitência e à austeridade de vida. A heresia prega um extremo rigorismo moral. Os movimentos do Contestado, Canudos e Juazeiro do Norte estão dentro desta perspectiva messiânica. Costumam ser pios pelo carisma e determinação de seus líderes.

manho de alguns países da Europa. Toma como exemplo a Diocese de Cuiabá.

«É uma diocese de 1.420.000 km² com uma população de 60.000 civilizados e colonos, o restante são selvagens e incalculáveis. Imagine que diocese! É quase três vezes maior que a Espanha, mais do que o dobro da França e quase cinco vezes a Itália. Veja bem, a França entre Bispos e Arcebispos conta com 14; a Espanha 56; e a Itália não tem 237? Esta terra a que me refiro tem um bispo com quinze paróquias e nove padres».²²

Ao lermos as correspondências do Pe. L. Lasagna e Teodoro Massano sobre a viagem pela costa brasileira, observa-se que eles seguiam atentos ao que acontecia no país. O périplo tinha por objetivo estudar as condições, existentes antes da vinda dos Salesianos.

Religiosidade popular

A escassez de padres bem formados que levassem a doutrina às populações do interior e das vilas tinha criado uma situação «sui generis». Em um país oficialmente cristão e católico, vivia-se na prática uma religião, um tanto sincrética que não condizia com as normas cristãs e católicas. Alguns poucos sacerdotes ou leigos «free lancers» se ocupavam da pregação evangélica, em andanças pelo interior. Neste particular tornou-se famoso no Nordeste o padre José Ibiapina, cujos pais haviam sido mortos, durante a Confederação do Equador. Outro líder carismático, o Pe. Cícero Romão Baptista surgiu no Cariri cearense. Na região e posteriormente em todo o Nordeste e alhures, os sertanejos passaram a serem galvanizados pelos ecos de suas pregações e de sua vida austera.

A religião do povo revestia-se de uma prática doméstica, familiar, onde o chefe da casa se reunia à noitinha, diante do Oratório para rezar o terço. Os familiares e escravos acompanhavam-no puxando benditos. Ainda hoje o costume da récita do terço e dos benditos é encontradíssimo no sertão e um pouco menos no litoral.²³ Suas práticas externas consti-

²² A. FERREIRA, *Uruguay e Brasile visti...*, in RSS 3 (1983) 326.

²³ No Vale do Cariri uma devoção muito difundida ao Sagrado Coração de Jesus consiste na entronização de sua imagem nas casas. As famílias convocam o sacerdote na época do aniversário da função. Após as orações de praxe são oferecidos aos presentes biscoitos regados com a típica cajuína regional e outros refrigerantes.

tuíam-se em procissões, festas religiosas e romarias. O jovem clérigo companheiro do Pe. Lasagna em carta do Rio de Janeiro, ao término da viagem ao Pará deixou escrito:

«Eis toda a devoção dos brasileiros: ter um belo altazinho em casa, assistir com freqüência à Missa, inscreverem-se em muitas Confrarias e na maçonaria que aqui é quase uma necessidade para se viver comodamente e se alcançar os cargos mais honrosos».²⁴

Nota-se, contudo, que a fé era dinâmica. O povo participava ativamente, vendo no Catolicismo algo como próprio, uma vez que se tratava de uma religião do Estado ao qual pertenciam. As Irmandades que reuniam os fiéis nas cidades e lugarejos eram uma presença constante desta religiosidade. As práticas religiosas transmitiam-se de geração em geração, tradicionalmente. Neste sentido, nada mais correto do que dizer que o Brasil é um país tradicionalmente católico, católico por tradição. Religião católica, tradição e cultura popular viviam no Império intimamente amalgamadas. No que diz respeito aos Sacramentos, a falta de ministros e a ignorância religiosa por parte dos fiéis fazia com que sua prática fosse descuidada. Onde havia sacerdote ainda aconteciam batismos e matrimônios. Quanto à confissão e à comunhão houve até padres que afirmavam que seu uso freqüente era abusivo. Só na hora da morte.²⁵ Os cultos afros e autóctones mesclavam-se com as práticas cristãs num sincretismo que até hoje se prolonga em determinadas regiões. Cidades como Rio, Salvador, Recife, S. Luís e outras são exemplos típicos desta realidade. Os fetiches cultuados na África e transplantados para o Novo Mundo receberam nova roupagem continuando sua história mística mesmo após a abolição.

Neste quadro, oriundo de um conhecimento inadequado da fé católica, viveu-se uma religiosidade popular subjetiva e sentimental por vezes. Não é de se admirar que neste contexto surgiram alguns movimentos messiânicos contrários aos dogmas romanos e aos princípios introduzidos pelo movimento republicano. O episcopado brasileiro nem sempre aceitou sem restrições certos aspectos da religiosidade popular. Não aplaudiu igualmente, movimentos como Contestado em S. Catarina, Canudos na Bahia e Juazeiro no Ceará. Há excessões por parte de alguns padres, mesmo doutores em teologia com diplomas assinados

²⁴ A. FERREIRA, *Uruguay e Brasile visti...*, in RSS (1983) 323.

²⁵ L. LASAGNA, *Epistolario*, Vol. II..., pp. 19-20.

nas Universidades romanas. Juazeiro do Ceará e Canudos relacionados com a história salesiana serão abordados mais adiante.

Igreja e Estado

A nação lusa por onde quer que fosse ia «dilatando a Fé e o Império» (Camões). Este foi sempre um de seus objetivos, embora os métodos possam ser discutidos. Os trópicos americanos não seriam uma exceção nesta cruzada missionária. Assim é que, durante a colônia como na época da monarquia, a Coroa lusa, gozando dos direitos do Padroado, conferidos pela S. Sé, agia como protetora da Igreja. A religião era um como Departamento do Estado português e a dependência de Roma era mais de ordem teórica. O chefe da Igreja brasileira era o Monarca de Lisboa ou mais tarde o Imperador do Rio. A hierarquia eclesiástica era na realidade funcionária do país luso ou do Império brasileiro. Neste contexto, os problemas econômicos também atinentes à Igreja, eram assuntos resolvidos em Lisboa, Rio ou Petropolis. Deste modo a Religião do Império português tornou-se parte da alma popular, uma característica da alma brasileira. A primeira Constituição do Brasil exarada em 1824 estabelecia que a Igreja do Sucessor de Pedro era também a Igreja oficial do Império do Brasil. No entanto, embora a religião católica fosse constitucionalmente uma atividade do governo, mesmo assim qualquer denominação religiosa poderia ter seu culto doméstico, particular. Vedava-se tão-só, a ostensividade dos templos externos. Nenhum cidadão poderia ser preso por motivos religiosos, a não ser que se atentasse contra o Estado ou a moral pública.

No entanto, a situação não impediu que na última década monárquica, o acirramento das autoridades governamentais, contra a Igreja tenha sido muito forte, especialmente impulsionado pela maçonaria, cuja influência atingia até mesmo as agremiações e irmandades católicas. A denominada Questão religiosa chegou a tal ponto que o cidadão brasileiro não poderia professar nem mesmo no estrangeiro, sob pena de perder a nacionalidade e não mais entrar no Brasil. O resultado desta política é descrito pelo clérigo Teodoro Massano em uma de suas correspondências de 1882, ao padre Antônio Riccardi.²⁶

²⁶ Pe. Antônio Riccardi nasceu em 1853, falecendo em 1924. Foi secretário de Dom Cagliero, durante sua viagem a América em 1885. Fundou a Casa de Lima no Peru, outra na Jamaica e foi Inspetor no México.

«Os numerosos conventos estão desertos; o governo brasileiro, a começar pelo seu douto Imperador, proclama que não é mais tempo de frades, que estamos no dealbar do século XIX».²⁷

Dom João Cagliero, quando de sua primeira visita ao Brasil, em 1890, comenta a situação da Igreja brasileira na época de D. Pedro.

«Em S. Paulo nos encontramos com doze Bispos do Brasil, reunidos na Conferência preparatória para um Concílio Nacional. Este seria já um bem, advindo do mal da Revolução. Sob o Império, os Bispos não podiam reunir-se, nem a S. Sé poderia nomear 6 novos Bispos educados em Roma e romanos de doutrina. O ex-Imperador D. Pedro que era Católico, apostólico mas não Romano! E pagou o pobrezinho o tributo de sua indulgência pela democracia e da sua ferocidade contra a Igreja! Carregava na consciência o delito de dois Bispos aprisionados e condenados a quatro anos de trabalhos forçados por terem excomungado a Maçonaria!»²⁸

No entanto, repetimos, algumas declarações do Imperador mostram que ele «a priori» não era tão virulento contra a Igreja, contra o ensino religioso ou os padres estrangeiros. O que monarca receava eram as pregações, a política de seus padres. O professor R. Azzi falando desta problemática traz algumas afirmações do Imperador que julgo de interesse ao tema. São palavras duras, mas objetivas, diante dos fatos de então.

«Não sou contrário à instrução religiosa e à missão de padres estrangeiros, sob a vigilante inspeção dos bispos e do governo, enquanto não se habilitem os padres nacionais... Os costumes e a cultura de um país são em larga medida modelados pelo seu clero. A cultura brasileira é baixa e o nosso clero corrupto. É necessário reformá-lo para executar a reforma. Posso encontrar os melhores entre europeus e brasileiros formados na Europa, seja seculares ou regulares, não importa. Concordo com os meus ministros que acham as ordens monásticas daqui irrecuperáveis».²⁹

Com o desaparecimento da Monarquia, o Governo Provisório separou a Igreja e o Estado, através do decreto que aboliu o Padroado. O

²⁷ A. FERREIRA, *Uruguay e Brasile visti...*, in RSS 3 (1983) 323.

²⁸ ID., *Unità nella diversità. Le visite di Mons. Cagliero in Brasile, 1890/1896*. Roma, LAS 1990, p. 17.

²⁹ R. AZZI, *Os Salesianos...*, Vol. I, pp. 183-184.

documento imperial tinha ao todo seis artigos dos quais transcrevemos os três seguintes:

«Art. 2º A todas as confissões religiosas pertence por igual a faculdade de exercerem o seu culto, regerem-se segundo a sua fé e não serem contrariadas nos atos particulares ou públicos que interessam o exercício deste direito.

Art. 3º A liberdade aqui instituída abrange não só os indivíduos nos atos individuais, senão também as igrejas, associações e institutos em que se acharem agremiados; cabendo a todos o pleno direito de se constituírem e viverem coletivamente, seguindo o seu credo e a sua disciplina sem intervenção do poder público.

Art. 5 A todas as igrejas e confissões religiosas se reconhece a personalidade jurídica, para adquirirem bens e os administrar... mantendo-se a cada um o domínio dos seus haveres atuais, bem como dos seus edifícios do culto».

Economicamente foi um golpe nas obras sociais da Igreja, mas pastoralmente um acontecimento positivo. A hierarquia católica ficou livre para agir de acordo com suas necessidades e interesses. O fato obrigou os educadores e pastores das obras sociais a pensarem em outras alternativas para continuarem suas atividades. Houve protestos por parte da Santa Sé, contra a separação, os problemas se avolumaram tornando-se tensas e instáveis as relações Igreja-Estado, embora alguns padres manifestassem simpatia ao regime instalado em 1889. Apesar de certa condescendência do clero dirigente, a Velha República foi para a Igreja «uma salvação e uma ameaça». O Decreto³⁰, que separava Igreja e Estado, se por um lado abolia o famigerado padroado, que impunha à organização romana um pesado ônus, por outro, fazia com que a separação se revestisse de uma espécie de afronta à grande maioria católica da nação. O cearense e anti-republicano, padre Francisco Ferreira Antero, doutor em teologia pela universidade Gregoriana de Roma, escreverá em 1892, a propósito dos acontecimentos:

³⁰ Em 17 de janeiro de 1890, o Governo Provisório lança o Decreto 119-A, estabelecendo no país a separação Igreja-Estado. Os atos públicos não mais conteriam o nome de Deus, a Religião Católica era nivelada às seitas protestantes passando estas minoritárias, a gozar do mesmo regime de liberdade religiosa, os edifícios públicos não mais teriam os símbolos religiosos. Instituiu-se o casamento civil e as propriedades de *mão morta* poderiam ser expropriadas. O Decreto alvoroçou os senhores Bispos, pois significava que o país passava a viver um regime liberal, peremptoriamente condenado pelo magistério oficial da Igreja. (Syllabus de Pio IX).

«Os poderes de Satã estão trabalhando para destruir a religião. O positivismo e o materialismo fazem progresso, procurando destruir dogmas, mistérios e tudo o que há de mais sagrado em nossa religião».³¹

A conhecida afirmação de que o Brasil era um país católico, governado por anti-eclesiásticos, tinha razão de ser. Em 22 de junho de 1890, o Governo Provisório dava a lume o Projeto de uma Nova Constituição, aumentando as preocupações dos bispos. A primeira reunião do episcopado ocorrera por ocasião do decreto sobre o Padroado. A notícia sobre uma nova Constituição motivaria o segundo encontro nacional, acontecido em S. Paulo em agosto daquele ano. O presidente do conclave, D. Macedo Costa, Bispo do Pará, redige um Documento de protesto ao chefe do Governo Provisório, criticando os pontos do projeto constitucional considerados pelos pastores, lesivos a Igreja. A correspondência afirma que os Bispos lutarão energicamente com todos os meios legais para defenderem os direitos eclesiásticos.

Quatro meses mais tarde, aos 6 de novembro, sai uma nova publicação da hierarquia católica brasileira. Tratava-se de um Memorial para a Assembléia Constituinte, em que se reafirmavam as críticas feitas no documento anterior, da segunda reunião nacional. Às vésperas da votação da Carta, Dom Macedo, em nome pessoal, dirige-se mais uma vez aos Membros da Assembléia Constituinte, concitando-os a abolirem da Constituição as normas «ofensivas» à Igreja Católica. Paralelamente continuam os entendimentos, através de cartas e encontros.³² No final,

³¹ Boris FAUSTO, *O Brasil Republicano*, Vol. II, *Sociedade e Instituições (1889-1930)*. Rio de Janeiro, DIFEL S/A 1978, p. 323.

³² Um amigo de D. Macedo e de Rui, sugeriu ao Ministro um encontro com «o maior dos prelados brasileiros pelo saber e pelas virtudes». A conferência foi marcada para o Hotel de Santa Teresa, onde os dois famosos baianos discutiram o projeto sobre a separação entre Igreja e Estado. Naquele dia, reapareceu a antiga amizade entre ambos e foram realizados novos encontros, debatidos os problemas e suas melhores soluções possíveis. Um dos momentos mais importantes aconteceu em 26 de novembro de 1889. No dia seguinte D. Macedo escreve um bilhete a Rui. «Rio, 27 de novembro de 1889. Confidencial. Exmo. Ilmo. Sr. Dr. Convém que a nossa conferência de ontem fique por ora sob reserva. Vou formular bases por escrito, encarando os múltiplos e delicados lados da questão. Consultarei meus veneráveis colegas. O que assentarmos será presente [apresentado] ao governo para ele resolver. Acho assim mais prudente e curial, do que tomar eu qualquer iniciativa, sem ter missão nem caráter para isso. Receba meus respeitosos cumprimentos. Antônio, Bispo do Pará» (R. AZZI, *Os Salesianos no Rio de Janeiro*, Vol. II, *A implantação da obra salesiana*. São Paulo, ESDB 1983, pp. 215-216).

o diálogo entre o ilustre Bispo baiano, D. Macedo e Rui Barbosa, seu antigo discípulo no Colégio da Bahia, resultou altamente positivo aos interesses do Estado e da Igreja.

O texto da nova Constituição foi aprovado em 24 de fevereiro de 1891. Trazia algumas modificações em relação ao projeto original: poupavam-se os bens eclesiásticos. As Ordens e Congregações não mais sofriam restrições e a Igreja poderia receber subvenções públicas, em favor das obras beneficentes.

Em todo o período das querelas Estado-Igreja, a Santa Sé esteve sempre presente com seu peso considerável. Não poucas vezes sua atitude conciliatória evitou que fossem tomadas posições drásticas e que a facção mais radical do clero se restringisse em seus reclamos. Muito contribuiu para um clima conciliador a política apaziguadora do Vaticano, durante o pontificado de Leão XIII (1878-1903). Frutos deste diálogo foram o reconhecimento diplomático (1890) do regime pelo Vaticano e a elevação da representação diplomática da S. Sé no Rio de Janeiro à categoria de Nunciatura. No ano de 1905, após árdua batalha diplomática do governo, temos o primeiro Cardeal brasileiro e americano, na pessoa do Arcebispo do Rio, Dom Joaquim Arcoverde.³³ Os efeitos positivos desta política de mão estendida logo se fez sentir na geografia das dioceses e paróquias. No primeiro ano da República, havia no Brasil uma única Província eclesiástica, com uma Arquidiocese e onze Dioceses. Em 1900, contavam-se 17 Dioceses. Uma olhadela através dos Estados³⁴ mostrar-nos-á as 1589 paróquias da época.

Alagoas	30	Amazonas	10
Bahia	146	Ceará	74
Espírito Santo	22	Goiás	25
Maranhão	44	Mato Grosso	14
Minas Gerais	473	Pará	46
Paraíba	41	Paraná	80
Pernambuco	75	Piauí	29

³³ A Sede Cardinalícia para o Brasil já era pleiteada no tempo de Visconde de Ouro Preto. Em junho de 1890, o governo apresentou o nome de D. Antônio de Macedo Costa para aquela investidura. No entanto, nosso primeiro purpurado foi o Cardeal Arcoverde, colega de estudos do Pe. Cícero Romão Batista, no Seminário de Cajazeiras, Paraíba, tempo em que o jornalista José Brígido custeava os estudos do futuro patriarca cariense.

³⁴ L. LASAGNA, *Epistolario*, Vol. II..., p. 15.

Rio de Janeiro	85	Rio Grande do Norte	31
Rio Grande do Sul	97	Santa Catarina	28
São Paulo	208	Sergipe	31

Ao término da Primeira República (1930) o território nacional contava com 16 Arquidioceses, 50 Dioceses e 20 Prelazias.

3. Movimentos políticos-messiânicos

Na história do país, três foram os fenômenos revolucionários sócio-político-religiosos acontecidos no interior, no final da Monarquia e início da República: Canudos na Bahia, o Contestado nas fronteiras de Santa Catarina e Paraná e Juazeiro do Norte no Ceará. O movimento baiano foi sufocado violentamente, produzindo a maior e mais cruel carnificina de nossa história.³⁵ No Sul cearense, enquanto viveu o Pe. Cícero, sua liderança e carisma controlaram a situação, não sem alguns problemas. Após sua morte em 1926, o fanatismo e radicalismo do sertanejo José Lourenço e seus seguidores atemorizaram as autoridades. Isolados numa ex-propriedade do padre, chamada Sítio Caldeirão, o grupo formou uma comunidade que logo começou a ser vista como inimiga da sociedade. De nada valeram as tentativas de entendimento entre as autoridades civis e religiosas. O arraial só emudeceu com a dizimação maciça do grupo e o arrasamento de suas taperas.³⁶ Ali aconteceu algo bem próximo, em termos de carnificina, ao que se vira em Canudos. Na obra *Cangaceiros e Fanáticos*, Rui Facó atribui estas revoltas populares às inquietudes e desencantos sociais do homem do sertão.

A posição da hierarquia eclesiástica, como já afirmamos, diante destes movimentos anti-republicanos (Juazeiro inicialmente também foi

³⁵ Antenor de ANDRADE, *Pe. Cícero mais documentos para sua história*. Salvador, Escolas Profissionais Salesianas da Bahia 1989, pp. 48-50.

³⁶ Os acontecimentos do Catolé, embora liderados por um devoto do Pe. Cícero, jamais teriam a bênção do padre. Sobre o episódio tem-se recriminado os Salesianos, na pessoa do Pe. Antônio Agra, Diretor do Colégio Salesiano de Juazeiro do Norte, ao qual pertencia a área do Caldeirão parte da herança do Pe. Cícero. O padre, a pedido das autoridades militares, políticas, judiciais, civis e religiosas, por diversas vezes tentou convencer José Lourenço a deixar pacificamente o Caldeirão. Infelizmente não conseguiu convencer o sertanejo que tinha a cabeça mais dura que ao lajedos do seu sertão. Uma reunião no Crato, incluindo o governo, concluiu pelo uso da força contra o beato.

anti-republicano) era claramente contrária. A abordagem sobre estes episódios de nossa história republicana estaria desfocada da atual monografia, se aquelas revoltas sócio-político-religiosas não tivessem acontecido no momento histórico da chegada dos Salesianos ao Brasil. Canudos de modo especial teve conseqüências diretas na atuação dos SDB em Pernambuco e na Bahia. Ambas as obras se preocuparam com o atendimento aos órfãos da guerra dos confins baianos. Sucintamente passaremos a algumas informações sobre ambos os movimentos.

Canudos³⁷ e os órfãos da «guerra social»³⁸

A pregação de Antônio Vicente Mendes Maciel, o Conselheiro, era abertamente contrária às idéias republicanas, à sua oligarquia, à fisionomia militarista do regime que nascia. Por isso mesmo não era bem visto

³⁷ Canudos inicialmente era uma velha fazenda abandonada às margens do Vaza Barris, nos sertões da Bahia. A casa da fazenda à cavaleiro de uma colina, distava uns 200 metros da margem direita do rio. Do lado esquerdo o Conselheiro plantou sua Meca, sendo a Igreja, uma das primeiras edificações. Em nossos dias, encontram-se ainda em suas proximidades, por entre os carrascais, os sinais das antigas trincheiras dos Conselheiristas. A cidade santa do pregador e seus sequazes estava protegida pelas serras do Cambaio e Canabrava e circundada pelas cidades de Monte Santo, Cumbe, Rosário e Cocorobó. Com a chegada de Antônio Conselheiro e os sertanejos que o seguiam, o lugarejo cresceu rapidamente, passando a chamar-se o arraial de «Império de Belo Monte». As residências foram brotando ao redor do templo. As pessoas que chegavam eram numerosas e para atendê-las construíam-se até doze faveiros por dia. As casas eram de barro e pau-a-pique, lembrando a flor do sertão denominada favela. Todas iguais iam subindo pelos morros e quebradas. Só algumas eram cobertas de telhas as que pertenciam aos comerciantes. Ali, todos trabalhavam, todos ajudavam, sob as ordens do Conselheiro. Tudo era em comum, como entre os cristãos dos primeiros tempos. Ricos, pobres, bandidos, velhos e doentes: todos passavam a fazer parte da comunidade de Canudos, depositando nas mãos do chefe tudo o que possuíam. «Bem-aventurados os que sofrem» era o lembrete do líder carismático que se preparava com seus seguidores para um futuro de justiça e prosperidade. Esse tempo, acreditava o pregador dos sertões, viria após o juízo final, quando Dom Sebastião, rei de Portugal, morto pelos Mouros em 1580, voltaria a governar. Os sebastianistas de Canudos acreditavam na profecia. Logo cedo o Conselheiro e sua cidade tornaram-se visados pelas autoridades da Igreja. Aquilo era um reduto de fanáticos e anti-republicanos. *Antônio Conselheiro vivia cercado por Doze Apóstolos, todos armados. Jagunços famosos como João Abade ou Pajeú.* Mais tarde, durante a guerra que acabou com a segunda aglomeração urbana do Estado, os *Apóstolos* tornar-se-iam os capitães do líder milenarista.

³⁸ A expressão é do pensador marxista Edmundo Muniz, que exilado em 1970, escreveu *Canudos: a guerra social*. O trabalho sobre o movimento dos sertões baianos é uma tentativa

pelas autoridades civis e militares. A Igreja também não simpatizava com seu messianismo. No entanto, crescia a liderança do pregador. Nas caminhadas pelo sertão, atraía multidões de curiosos que se tornavam adeptos e seguidores de suas idéias. Por onde passava, construía igrejas, dava conselhos, fanatizava, falava aos sertanejos do sebastianismo e do messianismo que salvaria a todos no fim do mundo, em 1900. Não faltava gente para vê-lo, pois por onde ele passava fazia muitos milagres, diziam. Acompanhando o povão, dava remédio e salvava.

«À beira do Vaza -Barris, cercado de montanhas, que se erguem como fronteiras doadas pela natureza e, portanto por Deus, um arraial de talpa seria o bastião de pretensa comunidade igualitária, a Cidade de Deus, uma nova Jerusalém libertada».³⁹

Sua vida aos olhos do sertanejo assemelhava-se à dos grandes profetas da história de Israel. Outros mais fanáticos o tinham como uma espécie de divindade. Ele e seus seguidores eram exemplos e serviam de comparação com a vida «nem sempre impoluta de muitos padres».⁴⁰ Nem todos porém confiavam no homem que dava conselhos. Vitalício José dos Santos afirmava que seu avô não acreditava no que se dizia do Conselheiro. Um *comedor de feijão* não podia fazer milagres, que só viriam de Deus. Quem quisesse que acompanhasse o pregador, ele não o seguiria.

Os problemas com as autoridades públicas começaram em 1897, na cidade de Bom Conselho. Durante uma feira, o pregador falando ao povão, consegue sublevá-los contra as leis da nova ordem. Naquele dia os editais de cobrança de impostos são queimados pelo povaréu. Após o fato o esquelético profeta torna-se ainda mais visado pelos donos da situação.

Padre Vicente Sabino, Vigário de Cumbe fez no início parte do grupo. Prestava assistência espiritual. Entre as residências do arraial estava a sua, construída pelo Conselheiro. Posteriormente Pe. Sabino percebe os erros do líder, sua aversão à Igreja e a ojeriza ao Regime republicano. Não consegue convencer o chefe revoltoso que não reconhece nem mesmo a autoridade espiritual do sacerdote. Constrangido e triste deixa o arraial. Bem diferentes foram as atitudes do Arcebispo da Bahia e do

de explicar a lei do desenvolvimento «desigual e combinado», aos sucessos conseguidos pelos conselheiristas. Em *A história da revolução Russa*, Leon Trotsky trata desta lei histórica.

³⁹ Oliveiros LITRENTO, *Canudos Visões e Revisões*. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército Editora 1998, p. 92.

⁴⁰ B. FAUSTO, *O Brasil Republicano...*, Vol. II, p. 59.

frei capuchinho João Evangelista do Monte Marciano.⁴¹ O Bispo baiano chegou mesmo a solicitar a intervenção das autoridades contra os sedicionistas. O mesmo prelado enviou frei João com o fim de parlamentar com o pregador, no sentido de que mudasse sua atitude contra a Igreja e as autoridades. A missão do religioso foi debalde. No relatório ao Arcebispo afirma ter lembrado ao beato que

«a Igreja condena as revoltas e, aceitando todas as formas de governo ensina que os poderes constituídos regem os povos em nome de Deus... Nós mesmos aqui no Brasil, a principiar do bispo até o último católico, reconhecemos o governo atual; somente vós não vos quereis sujeitar? É um mau pensar este, é uma doutrina errada a vossa!».⁴²

O frade lembra ao guerreiro das terras baianas, a história e o exemplo da França. Aquela nação ao passar da Monarquia à República, concitou os franceses a se desarmarem e aceitarem pacificamente as mudanças do país.

Canudos, após quatro expedições punitivas e de tentativas de assédio por parte dos militares, terminou em um verdadeiro holocausto da população, que faminta e inerte foi praticamente massacrada. Tornou-se famosa uma foto que rodou o mundo. Nela vê-se um numeroso grupo de homens e mulheres famintos e andrajosos. «Foram todos mortos», dizia-nos uma jovem cicerone no Museu em Monte Santo. O holocausto do Vaza Barris é uma das vergonhas da nossa história.

Pe. L. Giordano⁴³ escrevendo ao Pe. Miguel. Rua⁴⁴ ou ao Pe. J. Lazzerro sobre a inauguração do Liceu, faz um breve histórico, a respeito do

⁴¹ Missionário Capuchinho que o Arcebispo da Bahia mandou a Canudos em 1895, para observar a situação do arraial. O Capuchinho voltou a Salvador, excomungando o Conselheiro e seus apaniguados.

⁴² B. FAUSTO, *O Brasil Republicano...*, Vol. II, p. 324.

⁴³ Nasceu em Cirié, Itália, em 30 de julho de 1856 e faleceu na Amazônia, às margens do rio Javari, em 4 de dezembro de 1919. Trabalhou na famosa Escola Agrícola de Navarre, França e de lá, em 1881 veio para o Colégio de Villa Colón no Uruguai e em seguida para o Brasil. Foi diretor do Colégio do Recife e primeiro Inspetor daquela Inspetoria, até que foi nomeado Prefeito Apostólico do Rio Negro. Um grande batalhador. Muito dedicou-se à formação dos futuros salesianos. Trabalhou incansavelmente nas Escolas Agrícolas de Jaboação Colônia e na Escola São José da Tebaida. O Santuário de Nossa Senhora Auxiliadora de Jaboação foi construído por ele. Escritor, publicou diversas obras de cunho religioso moral e temas agrícolas, assunto do qual era também mestre.

⁴⁴ Pe. Miguel Rua nasceu em Turim aos 9 de junho de 1837 e faleceu naquela cidade em 6 de abril de 1910. Primeiro sucessor de Dom Bosco, foi beatificado em 1972. (Vi-

movimento dos sertões baianos. Após se referir aos cinco órfãos, lembra o acerto da época da compra do Sítio de Nazaré. Na ocasião, havia-se comprometido com a sociedade local a aceitar «os órfãos da guerra de Canudos que estivessem em idade de ingressar em nossa casa».⁴⁵ Em outra ocasião dirá que «estes cinco servirão de pedra fundamental para o edifício moral de nosso Colégio».⁴⁶ No Anexo, *História fotográfica existe* uma foto da época na qual o fundador do Liceu encontra-se no meio dos cinco meninos, recebidos em 9 de março de 1900. Uma das Crônicas do Colégio, escrita no início daquele ano, registra o número de seis órfãos. Lapsos do cronista ou no momento da fotografia faltava um dos órfãos? Nossa conclusão é que os primeiros meninos foram realmente cinco.

Os documentos salesianos sobre os órfãos da pugna sertaneja, são ambíguos no que se referem à assistência aos filhos dos ex-combatentes. Trata-se da prole dos soldados que foram combater os canudenses, ou se incluíam também as numerosas crianças cujos pais foram dizimados pelos soldados no arraial sertanejo. O assunto não é claro. Não cremos porém, que o atendimento se restringisse apenas aos filhos dos soldados expedicionários. *Os órfãos de Canudos* atendidos pelos SDB foram todas as crianças, cujos pais desapareceram nos campos de batalha, fossem eles expedicionários ou seguidores do Conselheiro. Representassem eles os atacantes ou os atacados, os explorados ou os exploradores, os que se revoltaram contra as injustiças ou os que se julgavam justiceiros, pulverizando os insurretos.

O tema Canudos, é ainda hoje objeto das pesquisas de historiadores modernos, que têm oferecido novas visões ao tema. Os episódios de 1896-97, - um crime, que deve ser denunciado, no entender de Euclides, - entraram para a nossa história como um dos mais impressionantes e cruentos genocídios dos sertões do Brasil, praticado por brasileiros. No ano de 1897 os acontecimentos do Vaza Barris foram os mais badalados de toda a imprensa nacional. O mesmo E. da Cunha é de parecer

de, *Dizionario biografico dei salesiani*, a cura dell'Ufficio Stampa Salesiano-Torino, pp. 245-247).

⁴⁵ O documento do ASC não é claro, quanto ao destinatário.

⁴⁶ BS 22 (1900) 226-227. Nesta mesma carta o fundador da obra de Salvador refere-se aos órfãos da guerra baiana acolhidos no Colégio do Recife. Cita o «nosso delicadíssimo benfeitor» médico e major Dr. José Enzio de Alizanda que encabeçou uma subscrição entre oficiais e soldados, em favor do Colégio. A soma entregue ao Pe. Giordano, «para os Filhos de D. Bosco» importou em 3.300 liras.

que a carnificina sertaneja teve como razões aparentes o fanatismo religioso, o messianismo e o sebastianismo sertanejos. Uma observação crítica do momento histórico mostra no entanto, que além dos motivos religiosos, havia outros quiçá mais profundos e envolventes. *A fortaleza de taipa* de Canudos nasceu alimentada pelo latifúndio, pelo coronelismo, pela servidão, pelo isolamento cultural, pela dureza do meio, pela injustiça e exploração da pessoa humana. Pensamos com o professor José Cardona quando afirma que a crítica de Antônio Maciel, o Conselheiro, não era contra a República⁴⁷ e a favor da Monarquia. Sua revolta tinha como objetivo transformar um sistema de exploração que era sempre o mesmo, *uma oligarquia comandada por coronéis*. A nova realidade histórica do país mudara apenas o nome: de Monarquia para República.

Hoje, a mais de um século, o filme é o mesmo. Apenas colorido, o que pode ser mais perigoso ainda.

Infelizmente o episódio dos sertões baianos não resolveu o problema social que o originou. Os motivos que criaram e alimentaram a saga do Conselheiro continuam vivos, após 500 anos da descoberta ou *invenção* do Brasil. Talvez tenha razão um amigo europeu, quando nos chamava a atenção dizendo que «os brasileiros precisam cobrir o Brasil». Realmente, há cinco séculos, o país do futuro não sai do presente. Continua adormecido, à mercê de rapinas externas e internas. Até quando, ó Catilina?...

O profeta cearense foi um defensor, um advogado dos sofridos, dos sem voz e sem vez de seu tempo. Os Sem Terra de hoje, espécie de versão moderna dos «Conselheiristas» (sem querer defender nem acusar estes ou aqueles) continuam seu grito, sua luta nos «Canudos» hodiernos, plantados nos «arraiais» de tantos novos Vaza Barris dos sertões ou dos Montes Pascais. A história daqueles homens, mulheres e crianças martirizados pela mesma causa, lembra o episódio da revolta dos heróis Judeus contra os Romanos, na Fortaleza de Maçada, ao Sul do Mar Morto.

O Autor de Os Sertões, correspondente das Forças Tarefas que invadiram as terras do Vaza Barris, tinha razão quando colocou a cidade rebelde dos cafundós de Cocorobó, como o resultado do subdesenvolvimento do país, dos dois Brasis contraditórios, o do litoral e o do sertão,

⁴⁷ Em Canudos, ao contrário das vilas do Contestado, onde por ojeriza dos revoltosos não circulava dinheiro da República, usava-se o papel tanto da Monarquia como da República.

o urbano e o rural. O Brasil Jeca Tatu raquítico e esfarrapado e aquel'outro escandalosamente rechonchudo e ostensivamente endinheirado.

Foram os fenômenos sociais, unidos aos motivos religiosos que deram forças inumanas ao Conselheiro e seu grupo de índios, caboclos, mulatos e negros, - armados com paus, pedras, foices, facões e enxadas - para enfrentarem, durante todo um ano as forças oficiais, o braço armado da sociedade insensível do tempo. Durante vários meses deixaram o país estupefacto, humilharam e enraivecaram os governos da Bahia, do Rio de Janeiro, as forças oficiais. Lutaram contra eles juizes, Igreja e os profissionais do exército. As tropas que lhes davam combate estavam

«protegidas por armas portentosas que nada valiam no sertão. Os canhões não passavam pela caatinga e o excesso de munição era um fardo para os soldados. Os militares não conheciam a luta de emboscadas, a guerrilha. Um único sertanejo era capaz de destruir um pelotão. A flora agressiva era amiga dos rebeldes, que em tocaias pelas depressões rochosas eram como guerreiros invisíveis. Grupos de cinquenta jagunços subdivididos em dez homens atraíam os soldados pelos imbuzeiros e veredas. Os soldados se perdiam pelo caminho. Enlouqueciam. Mesmo quando estavam vencendo a batalha, fugiam apavorados» .⁴⁸

Somente a quarta expedição formada por *mais de cinco mil homens*⁴⁹, houve quem escrevesse que eram *quase dez mil, metade do efetivo do Exército Nacional de então*, «armados até aos dentes» pelo Ministro da Guerra Carlos Bittencourt - suplantou o denodo, a combatividade, o

⁴⁸ Havia naturalmente metralhadoras e canhões, entre os quais um Withworth de 32, pesando 1.700 quilos, puxado por 40 bois. Depois da guerra, o monstro de ferro permaneceu em um pedestal, às margens do Vaza Barris. Hoje, encontra-se em uma das praças de Monte Santo. «A tremenda máquina, feita para a quietude das fortalezas costeiras - era o entupimento dos caminhos, a redução da marcha, a perturbação das viaturas, um trambolho a qualquer deslocação vertiginosa de manobras. Era, porém, preciso assustar os sertões com o monstruoso espantalho de aço». (Euclides da CUNHA, *Os Sertões*. São Paulo, Editora Cultrix 1973, p 256).

⁴⁹ Mário MAESTRI, *Belo Monte, A Guerra de Exterminio do Belo Monte: Uauá*, in file:///A/art2.htm. Oliveiros LITRENTO *Canudos Visões e Revisões*. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército Editora 1998, p. 130, refere-se a «quase 20 batalhões acampados no Rio G. do Sul, Pará, Maranhão, Ceará, Piauí, Rio G. do Norte, Paraíba, Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro».

espírito de corpo, daqueles bravos homens de aço. Alguns fugiram, os que não se renderam foram mortos em combate ou aprisionados. Em seguida, degolados, depois de se exigirem deles, inutilmente que dessem viva à República. O degolamento sumário do prisioneiro passou a se chamar *gravata vermelha*. Euclides observa que a matança era executada em massa, não se poupando nem mesmo as mulheres e as crianças. Os que faziam parte de Canudos deviam desaparecer.

Eis o testemunho de um dos que conseguiram escapar com vida.

- «Alguns jagunços foram presos. Ai Arthur Oscar⁵⁰ disse:
 - Deixa eu experimentar esse home. Rapaz, você quer a liberdade?
 - Se o senhor me der, eu quero.
 - Vou lhe fazer uma proposta. Diga «Viva a República! E morra Antônio Conselheiro»!
- Ele disse:
- «Morra a República! E viva Antônio Conselheiro»!
 - Rapaz, eu vou lhe dar a liberdade! Diga direito.
- Ele diz:
- Eu já disse!
 - Diga de novo: «Viva a República! E morra Antônio Conselheiro»!
 - Ele disse: «Viva o Conselheiro e morra a República»!
 - Leve ele pra degola, não tem jeito não!
- E matava». (Ioiô da Professora).⁵¹

Canudos caiu, deixando nas colinas e nos vales das mortes milhares de corpos esfaçalhados, carcassas fantasmagóricas, os olhos fitando o infinito, numa última prece, enquanto os urubus não lhes extraíam das órbitas. Os animais dos campos e as aves dos céus nem mais queriam tanta carne humana. Deixavam-nas para os vermes da terra.

No entanto, quando os milenaristas do Conselheiro foram dizimados, outro exército continuou vivo, mais inerte e desprotegido que os combatentes do fanático líder do Vaza Barris: eram batalhões feitos de meninos e meninas abandonados, que haviam perdido pais e mães nos campos da «guerra do fim do mundo». Os trovões marcianos e as metralhas emudeceram aos 5 de outubro de 1897, justamente na época em que a sociedade baiana e o próprio governador do Estado, Luiz Vianna se arrematavam para levar os Salesianos para a Bahia, aos quais um

⁵⁰ Gal. Arthur Oscar de Andrade Guimarães, comandante da Quarta Expedição.

⁵¹ E. da CUNHA, *Os Sertões*, in file: [///Al/canud.htm](http://www.alcanud.htm).

dos apelos era justamente cuidar dos órfãos de Canudos, triste produto da carnificina fratricida.

Juazeiro do Norte

Ao Sul do Ceará encontramos outro movimento,⁵² em torno da figura do líder carismático, Pe. Cícero Romão Batista.⁵³ Abordamos o fenômeno, pelo fato de se assemelhar em alguns aspectos ao de Canudos. Apresenta-se com tendências messiânicas, profundamente religioso e inicialmente também anti-republicano.⁵⁴ Alguns autores, como o E. da Cunha,⁵⁵ quiseram ligar o sacerdote cariense a Antônio Conselheiro. Nos Arquivos do Colégio Salesiano de Juazeiro do Norte há um telegrama em que o padre Cícero em 1887, é acusado de ir a Canudos abençoar e ajudar o arraial. É uma acusação que não vingou, porque destituída de fundamentação histórica. No mesmo acervo documental dos Salesianos há uma Pública Forma desmentindo a notícia.⁵⁶

⁵² Há uma farta bibliografia sobre o assunto. Autores que defendem o padre Cícero e outros que o condenam até violentamente. No entanto a maior advogada do pastor cariense é o seu povo. São milhões espalhados por todo o Brasil que vão a Juazeiro anualmente invocá-lo. Pe. Cícero Romão Baptista foi, enquanto vivo e continua após morto, o consolo e a esperança do eterno sofredor de sua região. Permanece ainda hoje, exercendo aquele patrocínio. Não é por outro motivo que o povo o tem como santo e forte protetor.

⁵³ Nasceu em Crato, Sul do Ceará, aos 24 de março de 1844, falecendo em Juazeiro do Norte em 20 de junho de 1934. Recém ordenado, veio aos 11 de abril de 1872, morar em Juazeiro do Norte, onde passou toda sua vida. Homem de uma vida ativíssima, austera e totalmente dedicada aos pobres de sua região, foi perseguido e incompreendido até mesmo pelos seus correligionários eclesiásticos e Bispos. Canonizado pelo povo do Nordeste e do Brasil, espera ainda o veredicto da Igreja a quem sempre serviu e obedeceu. Dezenas de livros foram ao prelo, relatando sua vida, seu Calvário. Trabalhou muito para que os Salesianos fundassem uma obra em sua terra, fato que aconteceu cinco anos após sua morte.

⁵⁴ Pe. Francisco Ferreira Antero, já citado, fala que ele e um grupo admiram as vitórias da religião contra os inimigos da Igreja. O teólogo da Universidade Gregoriana de Roma aponta esses inimigos como sendo o positivismo e o materialismo que tomavam novo vigor com o advento da República. Antero e os «outros», incluindo os leigos que acreditavam nos «milagres» do Juazeiro, viam no novo regime político uma coisa má, oriundo nos poderes de Satã, que desejava destruir a Igreja.

⁵⁵ E. da CUNHA, *Os Sertões...*, p. 250.

⁵⁶ A. de ANDRADE, *Cartas do Pe. Cícero*. Salvador, Escolas Profissionais Salesianas 1982, p. 18.

Os assuntos do Cariri alcançaram nova perspectiva, quando se começou a falar de supostos milagres acontecidos com a beata Maria de Araújo e outras beatas.⁵⁷ Ao receber a comunhão, a hóstia em diversas ocasiões e lugares tornou-se rubra e sangrou em contato com a língua das beatas, quando recebiam a Comunhão.⁵⁸ Os fatos ocorridos em primeiro lugar na Igreja de Nossa Senhora das Dores, em Juazeiro do Norte, provocaram profunda celeuma religiosa e política na Igreja regional e posteriormente além das fronteiras cearenses.⁵⁹ Nem todos os padres porém, viam os acontecimentos como sobrenaturais. Eram truques, embustes. Dom Joaquim José Vieira, Bispo do Ceará, sustentava que os tais acontecimentos do Juazeiro não estavam conformes os ensinamentos da Igreja, nem poderiam estar. E Dom Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti não tinha dúvidas de que tudo aquilo era ridículo e nada havia de sobrenatural.

Ao lado de Pe. Cícero refugiou-se um médico baiano chamado Floro Bartolomeu, morto em 1926. À sombra da batina do sacerdote chegou a ser um dos expoentes da política do Nordeste, tornando-se um dos mais temidos e poderosos coronéis da região. Teria abandonado a Bahia pelo fato de ser acusado de ter cometido um crime. Co-

⁵⁷ Na Semana Santa, a 6 de março de 1889, durante a Comunhão ministrada pelo Pe. Cícero, os presentes notaram estupefactos que a Hóstia recebida por Maria de Araújo, tornara-se rubra como sangue. O fato repetiu-se durante dois anos. Houve ainda fenômenos semelhantes em outras localidades do Ceará e da Paraíba.

⁵⁸ As Beatas pertenciam a uma organização religiosa de caridade fundada pelo Pe. Ibiapina. Encontravam-se em várias cidades do Nordeste. Um dos sanguíneos, espécie de lenço usado pelo padre para enxugar os lábios após a Comunhão, encontra-se no Mausoléu do Padre Cícero em Juazeiro do Norte. Em nosso trabalho: *Padre Cícero mais documentos para sua história*, Salvador, Escolas Profissionais Salesianas 1989 (p. 234), há uma foto de um desses lenços de linho, também denominado purificador. No entanto, nem todos os padres e sobretudo os senhores Bispos davam créditos aos supostos fatos «miraculosos» das hóstias que se transformavam em sangue na boca das beatas. Em Juazeiro ou alhures pelo Cariri, não se dava crédito aos fenômenos dos Crucifixos de latão ou madeira que gotejavam sangue através das perfurações dos pregos e nos acontecimentos semelhantes das coroas de espinhos.

⁵⁹ Não foi difícil nem demorou que a «questão religiosa» desembocasse em problemática política de âmbito regional e nacional. Pensando na autoridade moral e na influência do Vigário do Juazeiro acharemos o fato até normal, naqueles confusos dias das primeiras décadas republicanas. Sua liderança em todo o Cariri e Nordeste serviram-lhe para arbitragem reconhecida entre as lideranças políticas dos «coronéis» do Vale do Cariri. A história da República Velha no Nordeste não pode ser escrita sem passar pelo carismático «Padim Cirço do Juazeiro».

mandante de tropas e apoiado pelo governo central, formou em Juazeiro uma Assembléia provisória, contra a de Fortaleza. Lutou contra o Presidente do Estado, Franco Rabelo, levando a melhor⁶⁰ e aguardou na Chapada do Cariri as tropas da Coluna Prestes para dar-lhes combate.

Outra figura de beato carismático da história do movimento político religioso do Sul do Ceará foi a de José Lourenço, vaqueiro administrador de um dos sítios do padre Cícero, o Caldeirão. Nos últimos anos de vida do padre e ainda mais após sua morte, os problemas com José Lourenço e sua mini Canudos, avolumaram-se preocupando e irritando as autoridades político-religiosas. Foram realizadas diversas tentativas de entendimento com o beato Lourenço. Todas infrutíferas. O sítio Caldeirão terminou sendo invadido pelas forças oficiais e seus habitantes massacrados.

O movimento religioso-popular nascido com o Pe. Cícero continua cada vez mais acentuado no Nordeste do país e em outras áreas. Sua liderança espiritual e carismática afirma-se cada vez mais no coração e no imaginário popular. Considerado santo sobretudo pelas populações carentes, a quem sempre ajudou, foi ele que, através de insistentes e por vezes comoventes correspondências iniciou as conversações para a fundação salesiana no Cariri cearense. Cinco anos após sua morte, em 1934 aos 90 anos, os SDB se instalaram em sua cidade.

4. Tempos de escravidão

«O problema não é a liberdade, é o que fazer dela»

O problema da escravidão é aqui abordado pelo fato de os Salesianos terem vindo se instalar na Bahia, também para cuidar dos «ingênuos», os filhos livres dos escravos, após a Lei do Ventre Livre.

⁶⁰ Conta-se que o comandante das tropas estaduais, faminto, bêbado e fugindo de Floro que defendia Juazeiro, teria dito a seus soldados, lá pelas alturas da Barbalha: «soldados, Deus é grande, P. Cícero é maior que Ele, mas o juremal é maior que os dois, debandai, ganhai o juremal». Àquela altura a tropa já haviam esvaziado as ancoretas que os burros transportavam, cheias da boa cachaça do vale barbalhense.

Escravidão e economia

Um recenseamento de 1872, indicava que o Império brasileiro atingira uma população de 9.930.478 habitantes, incluindo 1.510.806 escravos. A estrutura econômica herdada pela República baseava-se na exportação de produtos primários, gerados nos campos pela mão de obra escrava. O café era o carro chefe ao lado do açúcar, algodão, fumo e cacau. Uma fisionomia tipicamente agrícola. Pe. L. Lasagna escrevendo a D. Bosco fala do movimento de navios que observou no porto do Rio,

«onde centenas de barcos de todo tamanho e todas as nacionalidades transportam açúcar, fumo, café, cacau e centenas de outros produtos destas terras tropicais».⁶¹

Escravos e abolição

O mercado de seres humanos para a América, monopólio inglês desde 1717, começou a ser interrompido, sem poucos problemas com o Brasil, criados pela Inglaterra, quando esta pretendeu fazer do Continente africano um imenso império, das Tormentas às praias do Mediterrâneo. As minas de ouro e outras atividades das colônias exigiriam ingentes quantidades de trabalhadores, por conseguinte o comércio escravista deveria ser bloqueado.

A Lei Eusébio de Queiroz (1850) foi o resultado das negociações entre o Brasil e a Rainha dos mares. Por ela o país era obrigado a renunciar ao tráfico negreiro. Outro golpe contra a prática escravista veio em 1871 com a Lei do Ventre Livre, pela qual os filhos dos escravos foram considerados libertos. Os patrões passariam a cuidar das crianças até aos oito anos. Em seguida seriam entregues ao Governo, mediante uma indenização pelo trabalho de tê-las criado.

A maioria dos escravistas, no entanto, mantinha a posse dos «liberados», até que completassem 21 anos. Neste ínterim eles trabalhavam para a Casa Grande, em troca do sustento. Como terceira etapa sancionou-se a Lei dos Sexagenários (1885), libertando todos aqueles que tivessem alcançado os sessenta anos. A sociedade no entanto continuava, - sobretudo estudantes, escritores e poetas, - exigindo a libertação total e incondicional. Finalmente o Parlamento aprova um projeto sanciona-

⁶¹ L. LASAGNA, *Epistolario*, Vol. II..., carta Lasagna-Bosco, S.^{ta} Rosa de Niterói, 6 de agosto de 1883.

do pela Princesa Isabel Cristina de Bragança.⁶² O fato ocorreu em 13 de maio de 1888, durante uma viagem do Imperador à Europa.

Fatos que apressaram a abolição

Além do bloqueio britânico, outra dificuldade para se continuar com a política de escravidão foi o deslocamento do eixo econômico do Norte para o Sul do país. Os escravos da Bahia, Pernambuco, Ceará⁶³ e Maranhão foram então vendidos para os cafezais de S. Paulo. Os trabalhos nas minas de ouro das Minas Gerais, o surto desenvolvimentista agrícola e industrial nas demais Regiões do Centro-Sul atraíam e concentravam numeroso grupo de trabalhadores escravos. A economia baiana, que já a partir da mudança da capital para o Rio sofrera um duro golpe, continuou em decadência. O fenômeno acelerou-se, contaminando todo o Nordeste.

No entanto, o novo comércio negreiro em nível interno do Norte para o Sul do país trouxe uma nova problemática. O preço por cabeça triplicou e diversos traficantes quebraram porque não conseguiram pagar os compromissos assumidos. Acresce ainda que o investimento escravocrata, apresentava também sua insegurança: o trabalho útil de um escravo durava apenas cerca de 15 anos; sua força de trabalho era sempre mais substituída pela intensa imigração européia;⁶⁴ a própria existência da causa abolicionista. Este movimento popular, nascido de baixo para cima, (ao contrário da Reforma Religiosa) acelerou o processo da manumissão.

⁶² Isabel Cristina de Bragança, nasceu no Rio de Janeiro em 1846. Filha de D. Pedro II. Casou-se em 1864 com Gastão de Orleans, Conde d'Eu, bastante surdo e por isso mesmo avesso a reuniões. Com as freqüentes viagens do Imperador a Princesa esteve várias vezes à frente do Império. Religiosa e de bons sentimentos foi acusada de muito submissa ao clero e ao marido. Os militares não eram favoráveis a que ela sucedesse ao pai. Muito fez em favor dos escravos, conseguindo, mesmo contra o parecer dos Ministros de Estado, promulgar a Lei Áurea, que aboliu a escravidão no Brasil. Em reconhecimento Leão XIII outorgou-lhe a Rosa de Ouro. Pe. Lasagna em suas cartas refere-se aos seus sentimentos de admiração e aos do marido com respeito aos Salesianos. Interessou-se por uma escola salesiana para alunos externos e um Oratório em Petrópolis.

⁶³ No Estado cearense antecipou-se à libertação dos cativos, concedendo-lhes a alforria em 1884. Nas imediações de Baturité encontra-se a cidade de Redenção que lembra o episódio no Ceará, a redenção dos cativos.

⁶⁴ Em 1874 a proporção entre um trabalhador escravo e um assalariado era de 15 para 1. Em 1880 de 8 para 1 e um ano antes da Libertação Geral, de 3 para 1.

Os cafeicultores paulistas, diante das dificuldades resolveram apelar para o trabalho pago. Descobriram que era bem mais dispendiosa a manutenção de um escravo do que os gastos com um trabalhador remunerado.

«O custo de uma saca de café produzida pela mão escrava era de 15\$000, enquanto a mesma saca resultante do trabalho livre oscilava entre 7\$000 e 9\$000. Também os novos métodos usados na fabricação de assucar, nas usinas centrais, exigiam mais racionalização do trabalho, racionalização incompatível com a mão de obra servil».⁶⁵

O final do cativeiro muito influenciou no aspecto econômico - social do período republicano. Não foi sem razão que muitos donos de escravos consideraram o movimento abolicionista como subversivo. O próprio Imperador e seus Conselheiros políticos, todos pertencentes à aristocracia escravocrata, não ignoravam que a extinção do trabalho escravo de modo abrupto, traria grandes problemas para a economia, baseada no campo. Por isso mesmo, quando não foram abertamente contrários não se interessaram.

«Não houve um só estadista, um político de responsabilidade nos destinos do Império, que não manifestasse ou a sua opinião contrária, ou a sua má vontade, ou ainda o seu desinteresse pelas medidas que se criavam em benefício da libertação dos escravos... As exceções foram uns poucos que desde 1865, vinham atacando abertamente a instituição servil, como Jequitinhonha, como Silveira da Mota, como Tavares Bastos; ou o grupo dos abolicionistas, que mais tarde provocariam as leis de 85 e 88. Os demais só fizeram estorvar as iniciativas em prol dos escravos».⁶⁶

Observa-se no texto que enquanto se afirma que estadistas e políticos eram contrários à libertação, há referências também àqueles que desde 1865, colocavam-se contrários à instituição servil. É sabido que em 1887, surgiu entre os proprietários de escravos uma organização que patrocinava a libertação de todos os cativos até o ano de 1889. A princesa Isabel adiantou-se.

⁶⁵ L. LASAGNA, *Epistolario*, Vol. II..., p. 32, n. 64.

⁶⁶ Lyra HEITOR, *História de D. Pedro II. Declínio 1880-1891*. Belo Horizonte, Itatiaia Editora 1977, pp. 23-24.

Nossos Bispos, como nos demais problemas da vida nacional, mantiveram uma posição conservadora com respeito à abolição. Esta postura poderá ser observada na Carta Pastoral de Dom Pedro de Lacerda, bispo do Rio de Janeiro, quando da promulgação da Lei do Ventre Livre.⁶⁷ O jornal *O Apóstolo*, dirigido por um grupo de padres, pregava também uma posição conservadora em relação ao movimento de 13 de maio de 1888.

Na Província da Bahia, espelho das demais, a economia sentiu-se abalada com a abolição e a perseguição aos religiosos conventuais. Na época, viam-se com frequência na velha capital ou no recôncavo, conventos e usinas de assucar em ruínas. Mansões senhoris abandonadas, afogadas no matagal, diziam da opulência em que tinham vivido seus antigos senhores.

Os Salesianos e a escravidão

O fenômeno da escravidão foi um dos que mais chocaram os missionários, Lasagna e Teodoro Massano, quando de suas visitas às cidades do litoral brasileiro. No entanto, embora o movimento de liberação dos cativos, tenha empolgado a opinião pública, não parece ter entusiasmado tanto aos SDB. Também não se tem notícias que eles tenham tido escravos em suas obras. Interessava-lhes evangelizar e educar os «ingênuos», incômodos habitantes das ruas e praças. Por que não lutaram diretamente pela libertação dos pais daquelas crianças abandonadas? Seria fazer política? O comportamento deles não foi outro senão o mesmo adotado pelo fundador, diante do movimento de união e independência da península. A atitude dos salesianos diante do problema escravocrata brasileiro, talvez fosse um tema de interesse da história do Brasil salesiano.

Os coronéis fazendeiros eram os senhores dos escravos e ao mesmo tempo aqueles que por certo tempo ajudaram as obras sociais dos religiosos em geral. Ser a favor da abolição era colocar-se abertamente contra os interesses dos escravistas grandes ou pequenos e eles poderiam cortar as verbas que permitiam levar avante o trabalho de educação dos meninos abandonados, dos órfãos e ingênuos. Ser abolicionista era minar o poderio de um poderoso grupo que formava o «status social» da

⁶⁷ R. AZZI, *Os Salesianos...*, Vol. II, p. 31.

nação. A falta de auxílio para as obras beneficentes viria naturalmente, via crises econômicas e política dos coronéis.

«Nesta época, por exemplo, os salesianos se dedicaram à juventude pobre a abandonada, mediante o ensino profissional. Depois da reforma escolar de 1901, quando os interesses dos *coronéis* se endereçou para as escolas acadêmicas, as escolas profissionais salesianas entraram em declínio e se desenvolveram os colégios secundários».⁶⁸

Não obstante, embora sem lutar diretamente contra a escravidão, o futuro bispo D. L. Lasagna em correspondência a Dom Bosco, deixa patente seu estado de ânimo contrário à política hedionda do comércio escravista do Novo Mundo. Estarrecido, o missionário fala dos meninos abandonados que perambulavam pelas ruas do Rio, do comércio de escravos, do valor econômico dos cativos. Seu estupor foi enorme quando leu em um dos jornais locais um anúncio de venda de seres humanos como se fossem objetos ou outros animais. Tal foi sua impressão que transcreveu o anúncio «ad literam».

«Rua N. Número N. Vende-se um belo negrinho de 14 anos, capaz de todos os serviços de mesa etc. Vende-se uma jovem negra, apta a cozinhar, lavar e passar. Sã, robusta, alegre...Vende-se...»⁶⁹

Em carta a Dom Bosco o mesmo Pe. Lasagna comentava:

«Os escravos valem cada um duas ou três mil libras. Constituem por conseguinte, uma grande riqueza para certos Senhorões que possuem milhares e milhares destes infelizes».⁷⁰

A revolução industrial, cujo berço foi a Inglaterra, já praticava em 1850, o comércio hediondo com crianças, destinadas ao trabalho escravo. Os historiadores daquele período quando descrevem a procura de mão de obra para o surto desenvolvimentista agrícola e para a indústria de transformação das cidades referem-se à venda de crianças em Londres. Era uma mão de obra bem mais barata que a dos adultos.⁷¹

⁶⁸ L. LASAGNA, *Epistolario*, Vol. II..., p. 42.

⁶⁹ Ibid., carta Lasagna-Bosco, Rio Janeiro, 31 de maio de 1882.

⁷⁰ L. LASAGNA, *Epistolario*, Vol. II..., carta Lasagna-Bosco, Rio de Janeiro, 24 de maio de 1882.

⁷¹ Anexo: mercado de crianças.

5. Crise econômica e República

A situação descrita nos parágrafos anteriores, mostra-nos que a República nasceu envolta em uma crise econômica. O setor menos atingido foi o cafeeiro, embora a política drástica de Campo Sales e seu antecessor Prudente de Moraes, não lhe tenha sido tão benéfica. Os grandes latifundiários continuaram a governar o país, mesmo após o desaparecimento do regime monárquico. A situação mudava apenas no que dizia respeito à procedência, se era um fazendeiro de S. Paulo ou se procedia de Minas Gerais, respectivamente os dois maiores produtores de café e leite. Camilo de Oliveira Torres denominou este período de «o governo dos fazendeiros». Nas mãos destes senhores do campo estava o poder político e econômico do país.⁷²

A abundância de terras e de mão de obra permitiu aos cafeicultores apelarem para a desvalorização da moeda, o mil réis. Os produtos importados e os insumos da indústria no entanto tiveram seus preços aumentados, diminuindo de volume e provocando declínio na renda dos assalariados. Esse quadro atingiu as famílias dos benfeitores das escolas profissionais religiosas ou leigas que educavam gratuitamente jovens carentes. Por outro lado as exportações diminuíram ocasionando déficit constantes. O governo procurava encobri-los fazendo empréstimos no exterior e emitindo papel moeda. Desta maneira a dívida era aumentada.

Os primeiros anos da República foram de luta constante para reverter esta tendência. De 1879 a 1888, o Império não conseguira diminuir o saldo de papel moeda. Este meio circulante teve que aumentar, uma vez que a grande mão de obra escrava era paulatinamente substituída pelos trabalhadores livres e assalariados. A política nacional de incentivo à indústria também contribuiu para o aumento das taxas inflacionárias, notadamente na época em que Rui Barbosa ocupou a Pasta da Fazenda. Em 1891 foram tomadas algumas medidas anti-inflacionárias, ao que parece sem os resultados esperados, mesmo por causa do enorme fator inflacionário ocasionado com o aumento dos gastos militares, a partir de 1892. Na época as forças armadas tiveram que enfrentar as revoltas surgidas contra Floriano Peixoto. Em fins de 1896 os Bancos foram proibidos de emitirem papel moeda. A medida não foi suficiente, pois o problema era mais profundo. A receita das exportações continuava a de-

⁷² A situação prolongou-se até 1930, quando termina a República Velha: o chamado período da República do café com leite.

cair, aumentando a dívida externa. Acreditava-se que o «déficit» aumentava a oferta monetária, por isso procurou-se reduzi-lo.

O país, à margem da falência, foi obrigado a entrar em acordo com os credores externos. Prudente João de Moraes e Barrôs com a aprovação do futuro Presidente Campos Sales, havia entrado em acordo,⁷³ com o Funding-Loan.⁷⁴ A organização era uma espécie de FMI da época, cuja política consistia na consolidação da dívida, da qual surgiriam maiores encargos. Os antigos empréstimos com os respectivos juros seriam pagos com novos empréstimos a juros elevados. Um filme escorchante, ainda hoje repetido e de todos nós conhecido. Por tal acordo, o pagamento dos juros e de todos os empréstimos externos federais e das garantias de juros que o governo dava às estradas de ferro efetuar-se-ia entre julho de 1898 e junho de 1901. A transação seria realizada não em dinheiro mas em novos títulos de dívida. Em força do documento, a economia do país foi assumida pelos banqueiros e as rendas alfandegárias hipotecadas aos credores. O governo não poderia tomar novos compromissos externos ou internos até 1901, obrigando-se a retirar de circulação o equivalente em papel moeda aos títulos de empréstimos

Em novembro de 1898, o paulista Manuel Ferraz de Campos Sales, conhecido por «Campos Selos»,⁷⁵ foi eleito Presidente da República. Sua maior preocupação foi o saneamento da economia. O Ministro da Fazenda, Joaquim Murtinho tomou diversas medidas destinadas a «restaurar o equilíbrio entre a demanda e a oferta, rompido nos anos anteriores. Recorreram à deflação e ao profundo corte das despesas governamentais».⁷⁶ Foi precisamente no período de 1898 a 1899, que a crise econômica herdada pela República e gerada em parte pela burguesia hegemônica do café, foi mais violenta.

Justamente logo após aqueles anos, começam a aparecer diversas comunidades salesianas no Nordeste brasileiro, incluindo-se a obra da Bahia, inaugurada em março 1900.⁷⁷ Os salesianos, bem como os demais religiosos educadores e os leigos que se preocupavam com as clas-

⁷³ O fato ocorreu em 15 de junho de 1898. Prudente de Moraes governou de 1894 a 1898.

⁷⁴ B. FAUSTO, *O Brasil Republicano* Vol. 1. *Estrutura de poder e Economia (1889-1930)*. Rio de Janeiro, DIFEL/SA 1977, p. 206.

⁷⁵ Serviu-se da impressão e venda de selos para aumentar os fundos do Tesouro.

⁷⁶ B. FAUSTO, *Brasil Republicano* Vol. 1, *Estrutura...*, p. 207.

⁷⁷ As demais obras foram: Jaboatão, 1900; Tebaida, 1902 e Instituto Orfanológico S. Joaquim em Frei Caneca, 1902.

ses populares, não seriam os imunes àqueles embates e vai-e-véns econômicos. Dom L. Lasagna escrevendo ao Pe. Rua, referia-se à crise econômica que grassava no país e que atingira seriamente o Colégio de Niterói. As dificuldades se haviam agravado depois do desaparecimento do grande benfeitor Dom Lacerda.

«Com a morte de D. Lacerda esta casa perdeu seu benfeitor principal. As esmolas são tão escassas que a casa quase não tem condições de se manter. É preciso rezarmos para que Deus nos socorra extraordinariamente, pois com as entradas ordinárias não podemos ir adiante e muito menos saldarmos os nossos débitos. No momento, aqui no Brasil, a economia inflacionada desvalorizou a moeda em mais da metade. O valor real da mensalidade dos jovens corresponde à metade, não obstante o aumento dos produtos alimentícios e o material de laboratório. Propus um aumento na mensalidade, mas as dificuldades são tantas que os Diretores preferem continuar assim e confiarem na Providência».⁷⁸

6. A educação no final do Império e na República Velha

Em 1879, onze anos antes da Proclamação da República, aparece a reforma de Carlos Leôncio de Carvalho. Conhecida como a Lei do Ensino Livre, por ela podia-se abrir livremente qualquer tipo de escola ou curso. Através do país, surgiram numerosos estabelecimentos de ensino, gratuitos ou pagos. O governo fiscalizava os aspectos morais e higiênicos dessas organizações. Antes de 1889, cada Província se preocupava com os cursos Primário e Secundário, enquanto que o governo central se encarregava da educação universitária. A capital do Império mantinha o Colégio Pedro II, padrão nacional de todas as escolas secundárias até 1961. As escolas universitárias localizavam-se no Rio, Bahia, Recife e São Paulo. Numa população acima de 12 milhões de habitantes em 1878, havia 180 mil alunos nas escolas primárias, dos quais pouco mais de 154 mil alocados nas estatais. O governo e algumas organizações privadas mantinham Institutos para a juventude abandonada, num total de cerca de dois mil, matriculados em sete Institutos profissionais distribuídos pelo território nacional.

⁷⁸ L. LASAGNA, *Epistolario*, Vol II..., carta Lasagna-Rua, [s l], 19 de setembro de 1891. Segundo Pe. Marcigaglia houve um momento em que na dispensa do Internato de Niterói havia apenas uma saca de arroz e na horta algumas verduras.

Assim como o nascimento da República não trouxe grandes transformações para a vida político-econômica do Brasil, «também do ponto de vista da história da educação, nem a República se implanta a partir de 1889, nem a Primeira República termina em 1930».⁷⁹ No entanto, nos últimos anos do Império, dadas as precárias condições de nosso sistema educacional, realizaram-se algumas importantes discussões sobre o tema. Os problemas da educação passavam a interessar ao público que chegou a organizar bibliotecas públicas e a freqüentar conferências em logradouros como as que aconteceram por vários anos, no Largo do Machado. Entrevia-se uma nova era e o trinômio democracia-federação-educação era tido como o tripé da redenção nacional. A própria Corte em 1883 promovera um Congresso, onde foram abordados os problemas do ensino primário, secundário, profissional e superior. Os assuntos então examinados tiveram muito a ver com o trabalho pedagógico pastoral dos salesianos. Com efeito, na pauta daquele congresso tratou-se da educação das meninas, do regime de internato, do problema econômico das escolas e da formação dos professores.

Com o advento da República os arroubos ideológicos dos fins da época imperial se arrefeceram. Foram substituídos pelas querelas e planejamentos das lideranças políticas. Houve porém exceções. Uma de âmbito federal representada pela reforma Benjamim Constant em 1890, ocupou-se da escola secundária. A outra (1892) de cunho estadual, em S. Paulo, patrocinada por Caetano de Campos, envolveu a escola primária e a escola normal. Enquanto esta era de natureza democrático-liberal, a primeira era positivista e sectária. Em 1901, com Epitácio Pessoa temos uma nova Lei. Os estabelecimentos fundados por associações ou indivíduos, passaram então, sob determinadas condições a receber os mesmos privilégios dos congêneres federais.

Os anos que se seguiram apresentaram algumas modificações sem maiores significados. Os poucos idealistas que ainda conservavam alguma esperança de modificar o «status quo» com novas idéias e costumes sentiam-se um tanto desanimados. O regime auto-proclamava suas virtudes, enquanto novas unidades escolares se multiplicavam. A partir de 1915, os mesmos republicanos desiludidos com sua criatura, iniciaram um novo movimento renovando-se o entusiasmo pela educação. A nova fase caracterizou-se por uma orientação nacionalista e militarista e se

⁷⁹ B. FAUSTO, *O Brasil Republicano*. Vol. II..., p. 261.

endereçava sobretudo para a escola primária e popular.⁸⁰ O fenômeno começa com as conferências de Olavo Bilac e a Liga de Defesa Nacional em 1916. Em seguida, as Ligas Nacionalistas difundem suas pregações cívico-patrióticas através dos Educandários do país. Tornaram-se famosas a revista *Bazília* (1917) composta por um grupo agressivo e atuante que deu origem à *Propaganda Nativista* (1919) e a *Ação Social Nacionalista* (1920).

Uma das preocupações xenófobas mais difundidas era «repensar o Brasil e repensar em brasileiro», sem estrangeirização.

⁸⁰ Nos Colégios Salesianos de todo o país, notam-se os efeitos desta prática. As vistosas paradas militares dispendiosas por vezes e sempre laboriosas são incentivadas e multiplicadas, bem como os pelotões de ginástica sueca ou quejandas. Neste particular os missionários estrangeiros não podem ser reprovados.

CAP. II - DOM BOSCO E OS SALESIANOS

«Dom Bosco era um gigante que despontava entre os educadores católicos do '800. Promotor de uma educação completa, sobretudo porque aparecia em contraposição àquela que se baseava no adestramento físico e no mito da força conquistadora, coisas que levavam ao encontro violento de povos e a uma nova e desumana conflagração mundial».¹

1. Um profeta e seu projeto

O século XIX, também alcunhado *século da pedagogia*, trouxe para a Europa e em especial para a Itália uma série de acontecimentos² político-religiosos que muito viriam influir no Continente e além mar. Neste capítulo, embora brevemente, trataremos da ação de um dos protagonistas da época chamado João Belchior Bosco ou Dom Bosco.³ Sua in-

¹ Mario MIDALI (a cura di), *Don Bosco nella Storia*. Roma, LAS 1990, p. 22, n. 6.

² Apenas lembramos entre outros fatos, o ofuscamento definitivo e inexorável da estrela napoleônica em Waterloo; as mudanças drásticas impostas pelo Congresso de Viena na geo-política européia; os diversos movimentos revolucionários nacionalistas que transformaram o Continente.

³ Filho de humildes camponeses, aos dois anos perde o pai, ficando a mãe, Margarida Occhiena responsável pela educação de três crianças: João 2 anos, José 4 e Antônio, então 7 anos. A sogra, também chamada Margarida Zucca (1752-1826) idosa e enferma, fazia alguns trabalhos domésticos, embora vivesse a maior parte do tempo numa cadeira de rodas ou na cama. Occhiena tratava-a como a rainha da casa, como se fosse sua própria mãe. A família Bosco passou então por enormes dificuldades, inclusive fome. A virtuosa e corajosa mãe soube, no entanto enfrentar e continuar a formação de suas crianças. Os estudos de Bosco e as incompreensões e diatribes provocadas pelo prepotente Antônio, embora fosse tratado como filho, foram dos primeiros problemas a serem enfrentados pela viúva. O pai Francisco Bosco (1784-1817) nasceu em um vilarejo chamado Becchi. Em 1805, casou com Margarida Cagliero com quem teve um filho, Antônio e uma filha, Teresa que viveu apenas dois dias. Francisco enviuvou em 1811, tomando por esposa outra Margarida da qual nasceram José em 1813 e João Melchior Bosco, em 16 de agosto de 1815 e faleceu em 31 de Janeiro de 1888. No dia 17 o bebê foi batizado em Castelnuovo D'Asti, hoje Castelnuovo Dom Bosco. O pai faleceu em 11 de maio de 1817, após breve enfermidade, contraída ao entrar suado na adega do patrão. Em seus últimos momentos confortou e encorajou a esposa.

fluência no campo da educação da juventude, alcançou em poucos anos não apenas o Piemonte, a França e a Espanha, mas também a América.

Joãozinho, desde cedo, foi um menino diferente, não só entre os irmãos, mas no meio dos colegas. Inteligente, estudioso e temente a Deus, sua maneira de ser e agir se impunha naturalmente sobre os demais colegas que o respeitavam e tinham como líder. A mãe logo que soube das intenções do filho quanto ao futuro, tentou incentivá-lo. Seu caçula desejava ser padre, um sacerdote que não conhecesse apenas o prédio de sua igreja e o sacristão, nem andasse de olhos sisudos, sempre dirigidos para o chão, como quem tinha medo do mundo e dos homens. Não lhe interessava ser um homem hermeticamente fechado em seu hábito de monge. Queria ser alguém que não impusesse medo aos meninos e jovens, se aproximasse deles como amigo para ajudá-los em suas dificuldades materiais e espirituais. Se a religião estava decadente e o povo ausente das práticas religiosas, muito se devia ao comportamento do clero, em especial de alguns intransigentes e políticos.⁴

Ao conhecer a situação em que se encontrava a juventude o jovem Bosco começou a angustiar-se. Novel sacerdote, quanta tristeza não sentia ao observar tantos jovens destruídos física e moralmente, ainda nos primeiros anos de idade. Aquela situação degradante e aviltante atingia profundamente os sentimentos e o coração do padre Bosco. Tornou-se de tal modo impressionado pelas cenas que via todos os dias, que resolveu dedicar toda sua vida à causa da juventude pobre e abandonada. O relacionamento que tentaria construir com os moços basear-se-ia na aproximação, no diálogo, na preocupação constante, tentando compreendê-los em seus problemas, afim de prepará-los para serem bons cristãos e honestos cidadãos. Honestos cidadãos porque bons cristãos e bons cristãos porque honestos cidadãos. Através da *Razão, da Religião e da Amabilidade* trabalharia para atraí-los para o bem.

Dom Bosco muito se preocupava com as crescentes transformações e a materialização do mundo, com as novas exigências, com a Igreja e os jovens dentro do novo contexto da sociedade. O mundo do seu tempo queria ver o clero trabalhar, fundar obras de instrução e educação da juventude pobre, abandonada. Os padres deveriam abrir colégios, obras de caridade, escolas profissionais. A sociedade para ser cristianizada deveria começar com a instrução religiosa da juventude.

O Pe. João Batista Lemoyne cita as categorias de garotos que na época perambulavam nas imediações de Porta Palazzo, um dos bairros da

⁴ Pietro STELLA, *Don Bosco nella storia...*, pp. 90-91.

Capital do Reino piemontês. Ali acotovelavam-se camelôs ambulantes, vendedores de fósforos, engraxates, limpa-chaminés, moços encarregados de cocheiras, distribuidores de volantes, carregadores, todos pobres meninos que sobreviviam daqueles magros negócios.⁵ Como a Galiléia teve o seu profeta que se compadecia das massas famintas, também em Turim havia alguém que se preocupava com as esfaimadas multidões juvenís.

O ajuntamento de rapazes e trabalhadores adultos, gerava nas cidades o problema demográfico das massas humanas, impulsionadas pelo início da industrialização, o novo motor da história que viria transformar com sua tecnologia revolucionária o ritmo da sociedade universal. Famílias inteiras do Piemonte, da Lombardia e alhures procuravam a Capital piemontesa desestruturada e sem condições edilícias para atendê-las.⁶ Pouco a pouco o filho de Margarida Occhiena conscientizava-se que tinha sido chamado por Deus para cumprir uma missão especial no meio da juventude. Sua vida passou a ser dominada pela incessante presença do divino. «Nele era profunda e constante a consciência de ser instrumento do Senhor para uma missão singularíssima».⁷

No início das *Memórias do Oratório*, interrogando-se sobre o objetivo do manual, declara que servirá como norma para se superar as dificuldades futuras, a fim de que se aprenda as lições do passado. Demonstrará como Deus tenha dirigido cada coisa a seu tempo. Servirá para que seus filhos se entretendam, quando lerem os fatos dos quais seu pai foi protagonista.

As Constituições Salesianas no seu primeiro artigo lembram que a Sociedade de S. Francisco de Sales não nasceu de um simples projeto humano. Nossa Sociedade é obra de uma iniciativa de Deus, em favor da salvação da juventude, «a porção mais delicada e preciosa da sociedade humana».⁸ O artigo constitucional reforça ainda a idéia de que a in-

⁵ MB III 44.

⁶ O recenseamento de 1838 revelou na cidade a presença de 117.072 habitantes. Em 1848 eram 136.849. As habitações de 2.615 passaram para 3.289. As famílias eram em 1838, 26.351, (8,08 pessoas por casa); em 1848 eram 33.040 (10,05 por habitação). A média familiar em 1838 era de 4, 44 indivíduos, enquanto que em 1848, de 4, 14. Em 10 anos a população havia aumentado de 19.777, exatamente 16, 89 por cento. P. STELLA, *Don Bosco nella storia...*, Vol. I, p. 103.

⁷ P. STELLA, *Don Bosco nella storia*, Vol. II, *Mentalità, Religiosa e Spiritualità*. Zürich, PAS VERLAG, 1969, p. 32. [Giovanni BOSCO], *Memorie dell'Oratorio di San Francesco di Sales*, (a cura di) Antônio FERREIRA. Roma, LAS 1992, p. 5, n. 4.

⁸ MB II 45.

tervenção de Maria, fez com que o Espírito Santo, suscitasse Dom Bosco para um apostolado específico. Não se cansava de afirmar que na execução de seu projeto em favor da juventude, Nossa Senhora realizara tudo. Ela tinha sido a Mãe e a Mestreira que sempre o acompanhara no desenrolar de sua obra. Certa vez, ao visitar em Turim a Casa da Divina Providência, seu amigo Cottolengo fez-lhe uma profecia, que realmente foi uma constante em sua vida. Ao despedir-se, apertando entre as mãos as mangas da sua batina, fixou-o dizendo:

«Sua batina é muito tênue e fina. Arranje uma de tecido muito mais forte e consistente, a fim de que os jovens não possam rompê-la. Virá um tempo em que será puxada por muita gente».⁹

Domingos Bosco, no momento próximo aos dois santos, escutara a profecia. Mais tarde, sacerdote e sucessor do Cottolengo, não esquecia o episódio. A história irá mostrar a realização da profecia, ali mesmo naquela Casa de Caridade.

A existência do futuro santo de Turim foi realmente uma total doação àqueles que ele chamava a parte mais frágil da humanidade. Até ao final de seus dias, cumpriu inexoravelmente o propósito de se consumir por eles. Nos últimos anos tornara-se muito difícil confessar, dado o cansaço que o acometia, a falta de forças que toda uma vida de esforços constantes lhe consumira. Uma ocasião em 1886, seu médico sugeriu ao secretário particular, Pe. Carlos Viglietti (1864-1915) que lhe dissesse que parasse um pouco. Ele, rindo responde: «Éh, meu caro, se ao menos não confesso os jovens, que farei então? Prometi a Deus que até o meu último respiro seria para meus pobres jovens».¹⁰

⁹ As vestes de Dom Bosco tiveram realmente seus percalços. Foram roubadas (MB III 80), por diversas vezes distribuídas com as pessoas (MB V 617; MB VI 112-113). A batina torna-se puída e imprestável (MB III 24). É cortada em pedacinhos para ser distribuída como relíquia (MB XVI 58, 118). Certa feita, em 1848, enquanto dava aulas de catecismo no coro da Capela de S. F. de Sales, o santo recebe um tiro de raspão que lhe estreacha a batina sobre o peito e a manga esquerda. O malfeitor atirou da janela da sacristia da Casa Pinardi. Diante dos meninos atônitos respondeu que nada havia acontecido. Apenas estragos em sua batina e na parede. Tinha sido uma piada de mau gosto. (MB III 300). Hoje, quem visita Valdocco pode observar em uma das passagens do pórtico o local do atentado.

¹⁰ MB XVIII 258. Const. 1.

2. A Obra dos Oratórios

A situação social criada em diversas regiões da Europa, no início da industrialização trouxe sérios problemas também religiosos. Em Turim, as 16 paróquias incluindo as duas suburbanas não tinham condições para atender às levas de imigrantes, moços ou não, que de repente se acometeu sobre uma cidade, social e economicamente desestruturada para receber tantos adventícios.

A Obra dos Oratórios,¹¹ existente na Itália e na França era uma tentativa da Igreja no sentido de tentar resolver os problemas sociais oriundos da industrialização. Tratavam-se de organizações destinadas a acolher a *juventude abandonada*, ou a *juventude pobre e abandonada*. Embora tais casas tivessem como objetivo as pessoas carentes, ou de vida pregressa condenável, não obstante havia entre os oratorianos aqueles que se mantinham do próprio trabalho. Havia mesmo jovens da classe média e entre os catequistas que ajudavam nos Oratórios alguns pertenciam a famílias burguesas ou nobres. *Abandonados* também significava marginalizados social e religiosamente.¹²

Todo salesiano ouviu falar do encontro de Dom Bosco com Bartolomeu Garelli, no domingo 8 de dezembro de 1841,¹³ Festa da Imaculada Conceição de N. Senhora. Naquele dia nasceu o primeiro Oratório Salesiano.¹⁴ Após a Missa, Dom Bosco realizou a primeira reunião do seu

¹¹ Alguns Oratórios da época: Oratório do Anjo da Guarda, fundado em Turim, pelo Pe. João Cocchi (1813-1895). O famoso Oratório de Valdocco, ou S. Francisco de Sales, ou Dom Bosco. Em 1847, encontramos no Bairro de Porta Nova o Oratório de S. Luiz Gonzaga. Ainda em Turim em 1851, Pe. Cocchi abre o Oratório de S. Martinho, no bairro de Porta Palazzo, a cerca de quinze minutos a pé do Oratório de S. Francisco de Sales. Cocchi, apadrinhado pela Marquesa Barolo, não se afinava muito com Dom Bosco que jamais quis saber de suas idéias políticas. O diretor do S. Martinho insistia em formar com Dom Bosco uma sociedade, o que também não foi aceito. O local escolhido para a fundação do S. Martinho poderia ser uma provocação, uma prova de força do grupo de Cocchi. Deus deve rir de certas bobagens dos homens. Em Brescia havia o Oratório do Pe. Ludovico Pavoni (1774-1849). Algumas cidades francesas, como Marselha, apresentavam os Oratórios fundados pelo sacerdote Jean-Joseph Allemand (1772 - 1836), chamado também «l'apôtre de la jeunesse». Em Milão, a 130 km de Turim, por volta de 1850 eram 15 os Oratórios, alguns com mais de um século. (P. STELLA, *Don Bosco nella storia...*, Vol. I, p. 106, n. 15).

¹² *Ib.*, p. 108.

¹³ MB II 70-77.

¹⁴ [G. BOSCO], *Memorie dell'Oratorio...*, pp. 104-105. Em relação à origem do Oratório de de Valdocco, há duas tradições, ambas provenientes de Dom Bosco: «Este Orató-

Oratório. Tudo começou com uma Ave Maria e um jovem que aos 16 anos não sabia nem fazer o sinal da Cruz.¹⁵ Os salesianos consideram o encontro com Garelli como o início da Sociedade. Dom Bosco lançava a pedra fundamental da Congregação dos jovens naquele momento. Com uma prece à Auxiliadora dava início ao «movimento de pessoas que de vários modos trabalhariam para a salvação da juventude».¹⁶ Uma sacristia tornava-se o símbolo da pesca milagrosa das águas da Galiléia. Dois Mestres, o de Simão e o de Bartolomeu (Garelli). Ambos precisariam de colaboradores. Assim o foi no episódio das águas tiberinas, assim seria na sacristia turinesa, imagem e início do mar bosquiano. O Oratório, lugar catequético de Dom Bosco, instrumento de salvação da juventude, continua sendo um abrigo para todos aqueles que hoje, como em 1841, vivem nas ruas, praças, botecos, pontes, canteiros de obras ou em cárceres.¹⁷ É ainda a casa que acolhe, ou o refúgio daqueles que procuram uma «sacristia», onde deverão encontrar um amigo e não um sacristão violento e mal humorado, pronto a usar o cabo de um espanador.

O Oratório salesiano consolida-se em 1842, acolhendo inicialmente só os jovens mais perigosos, especialmente os saídos das prisões embora, como aludimos, existissem entre eles também rapazes de boa conduta e instruídos. Ajudavam na disciplina e na moralidade, nas leituras e cânticos das funções litúrgicas.¹⁸ Chamavam-se os «maestrini», pequenos mestres e deveriam mais tarde, integrar o «grupo de estudantes». À medida que o número de freqüentadores do Oratório ia crescendo, fazia-se necessário criar um corpo de normas administrativas e disciplinares, a fim de que não se tornasse um aglomerado sem ordem, indisciplinado. Dom Bosco começou assim a preparar um Regulamento para o Orató-

rio, ou seja, reunião de jovens nos dias festivos, começou na Igreja de S. Francisco de Assis... Comecei reunindo no mesmo lugar dois jovens adultos que precisavam muito de instrução religiosa. Com eles vieram outros e durante o ano de 1842, o número chegou a vinte e às vezes a vinte e cinco». A outra tradição é o encontro com Garelli.

¹⁵ Lemoyne dá a Bartolomeu Garelli «14 ou 15 anos». Recordamos que o próprio Bartolomeu dirá a Dom Bosco que tinha 16.

¹⁶ Const. 1 e 5.

¹⁷ As Memórias Biográficas falam-nos das «pescas» efetuadas por Dom Bosco nos lugares, onde sabia que iria encontrar jovens, fazendo de tudo, menos coisas louváveis. Lembrem-nos as suas astúcias, os perigos e perseguições de que várias vezes foi alvo pelo fato de ser amigo dos jovens (MB III 52ss e 392ss).

¹⁸ Os primeiros Oratorianos em geral eram caceteiros (escultores), pedreiros, assentadores de ladrilhos, estucadores. Trabalhavam nas obras de Turim. A partir de 1842, o setor construção começou a apresentar grande surto na cidade.

rio. Consultou diversos outros Regulamentos de Oratórios como *As Regras do Oratório de S. Luís*, de Milão e *As Regras para os Filhos do Oratório*. Um dos cuidados principais era deixar claro o objetivo de seu trabalho educativo com a juventude.¹⁹ Tratava-se do início da sistematização do organismo que iria ser a sua Congregação.

3. Internato (1847)

A obra se desenvolvia dentro da perspectiva esboçada. No entanto, na maioria da população juvenil de Turim, não se podia falar de assuntos espirituais, se antes não se lhes ministrassem as condições primárias exigidas pelo temporal. Muitos jovens locais, bem como certos forasteiros, gostariam de se entregar a uma vida moral e laboriosa. Ao serem convidados para tal, respondiam que não era possível porque não tinham alimentação, nem roupa. Nem sequer dispunham de casa, ou qualquer lugar, onde pudessem permanecer por algum tempo.²⁰ Com o objetivo de minorar a problemática, o amigo dos jovens resolveu abrir ao lado do Oratório para externos, um local onde os mais carentes pudessem se abrigar. O Internato nasce então na primavera de 1847, aproveitando-se a disponibilidade da casa. Dali em diante, além do Oratório festivo e das escolas noturnas, Valdocco passou a dispor também de um ambiente que permitisse a um certo número de jovens ir à cidade, durante o dia para trabalhar nas várias oficinas ou estudar com algum professor particular. À noite voltavam para o Oratório, mesmo porque ali encontravam a ativa e amorosa presença de Mamã Margarida e o calor de uma verdadeira família.²¹ Um rapaz de nome Alessandro Pescarona, filho de um ricoço começou desde o início a fazer parte daquele Internato. Pagava uma mensalidade e convivia com Dom Bosco e com os oratorianos do bairro de Valdocco. Durante o dia estudava latim na cidade. A respeito daquele pensionato e da mensalidade paga pelos que tinham condições, escreveu o próprio fundador:

«Não é justo que aquele que tem poucas ou muitas posses, suas ou da família, desejando ser admitido entre nós, aproveite das esmolos que são dadas para os outros».²²

¹⁹ MB III 86-92.

²⁰ [G. BOSCO], *Memorie dell'Oratorio...*, pp. 156-158.

²¹ M. MIDALI, *Don Bosco nella storia...*, p. 268.

²² M. WIRTH, *Don Bosco*. Torino Leumann, Elle Di Ci 1969, p. 51.

Essa política incluía todos os jovens indistintamente ou seja, todos os que tinham condições pagavam algum tipo de mensalidade.

Durante os anos de 1948 e 1949, um dos sofrimentos do apóstolo da juventude era ver a sistemática campanha religiosa feita pelos Valdenses, com a pregação de uma doutrina herética que conduzia ao livre exame.²³ Daí, serem os internatos, em sua ótica, um modo de combater a atmosfera malsã que se inoculava nas mentes juvenis. Deveriam frenar as influências negativas que durante o dia atingiam os jovens, as conversas que ouviam, a literatura que lhes caía nas mãos. A boa noite fazia parte desta estratégia pastoral.

Paralelamente ao externato continuava a atividade com os externos. Às quintas-feiras o Oratório era invadido por dezenas de jovens estudantes que ficavam com Dom Bosco até altas horas da noite.²⁴ Aqueles rapazes de famílias ricas sentiam-se felizes no ambiente, onde encontravam a palavra e os conselhos de um amigo. Os brinquedos dos Oratorianos eram postos à disposição deles.

4. Uma nova Congregação e suas Constituições

Deus encarregou Dom Bosco de fundar uma Congregação segundo as necessidades dos tempos. Ele que era pobre,²⁵ não tinha nada e amava a pobreza, como um filho dileto ama sua própria mãe- construiria uma organização que espalharia homens, mulheres e obras por todos os paralelos e meridianos da terra. Esta tarefa difícil muito o preocupava, pois sentia a necessidade urgente de concretizá-la. Os colaboradores, com quem tinha feito uma experiência de emissão de algum tipo de votos «ad tempus»,²⁶ não sentiam coragem de renová-los. Eram discípulos do jovem do Evangelho que não quis despojar-se dos bens para seguir Jesus Cristo. Tudo indica que em 1850, Dom Bosco já tinha consciência que seus ajudantes adultos não se prestariam para formarem a associação por ele sonhada e já decidido a concretizá-la. Naquele mesmo

²³ M. MIDALI, *Don Bosco nella storia...*, p. 270. «Dizer: fazei uma religião ao arbítrio, significa, fazei o que quiserdes. Roubai, desobedecei, trucidai o vosso Rei, os ministros e qualquer um que pareça culpável aos vossos olhos. Estareis certamente fazendo o bem, porque acreditais que estais fazendo uma boa ação».

²⁴ MB III 252.

²⁵ «Nihil habentes et omnia possidentes», (não tinha nada, mas possuía tudo).

²⁶ Por um período de tempo determinado.

ano, Pe. Ascânio Sávio lhe havia falado sobre a necessidade de se fundar uma Congregação religiosa. Ele, talvez para despistar seus próprios pensamentos, respondera: «demos tempo ao tempo». Certa vez, falando com Pe. Cafasso sobre as dificuldades que teria para perenizar as obras dos Oratórios, o santo do Cotolengo reforçava a idéia dizendo-lhe que era indispensável a fundação de uma Congregação religiosa. O teólogo Borel e outros colaboradores e entusiastas do Oratório batiam sobre a mesma tecla. O apóstolo dos jovens replicava: «Esperemos e aguardemos que o Senhor nos dê um sinal para começarmos». D. Luiz Fransoni, Arcebispo de Turim incentivava, aconselhando-o a preparar alguém que levasse adiante sua obra no futuro. Dom Bosco sentia-se impelido por todos os lados, mas não era ainda chegado o momento do deslanche. No entanto, em contato com alguns estudantes e clérigos mais esperançosos, tentava prepará-los no sentido de que eles vissem e sentissem o Oratório como sua própria casa.

Uma das dificuldades para a futura Associação vinha da propaganda anti-clerical orquestrada contra a Igreja. Em 29 de maio de 1855, havia sido promulgada pelo Ministro real, Urbano Rattazzi,²⁷ uma lei contra os conventos. Aquelas organizações religiosas, passavam a não mais serem reconhecidas como entes morais pela lei Civil. Diversas casas religiosas foram fechadas e seus bens seqüestrados e confiscados pelo Estado.²⁸ Nenhum jovem daquela época teria aceito uma proposta direta para ser *frade*, para iniciar uma Congregação. Mesmo se o convite partisse de Dom Bosco. A debandada teria sido geral. Que futuro teriam em fazer parte de uma Igreja perseguida pelo Estado? Teria sido um discurso muito duro.²⁹ Este clima é confirmado mais tarde por alguns dos primeiros padres e coadjutores salesianos. Uma exceção temos no jovem João Cagliero que, *frade ou não frade*, resolveu ficar com Dom Bosco. Em 1857, oito clérigos e coadjutores estavam prontos para se engajarem *por toda a vida*. As regras da Pia Sociedade já estavam prontas, até porque se baseavam nos Regulamentos do Oratório e do Internato. Os Su-

²⁷ MB V 48-57. Rattazzi, antes tinha sido Deputado e Primeiro Ministro. Em abril de 1854, faz uma visita de surpresa a Dom Bosco. Conversam entre outros assuntos, sobre o Oratório e o Sistema Preventivo. Tornam-se amigos e o Ministro, advogado e protetor do diretor do Oratório, muito o ajudando nos anos seguintes.

²⁸ Este mesmo ato de violência governamental acontecería em outra escala, contra alguns Conventos no Brasil, pouco antes da chegada dos Salesianos. Abordamos a problemática no primeiro capítulo.

²⁹ «Durus est hic sermo». Lc. 5, 33ss.

periores que naquelas Instituições ocupavam algum cargo, formariam o primeiro Conselho Superior.³⁰ Precisamente naquele ano aconteceu um fato, inesperado e muito positivo. Era um dia de 1857, diz o padre Lemoine, quando o ministro Ratazzi recebe Dom Bosco em seu gabinete. A conversa, logo se fixou na Obra dos Oratórios. Interessado na continuação das atividades oratorianas de Valdocco, o Ministro reconhecidamente um anti-clerical, mas preocupado com a situação social reinante, inicia a seguinte conversação:

«Faço votos que o senhor Dom Bosco, viva muitos anos para cuidar de tantos pobres juvenzinhos. Mas, como todos nós, o senhor também é mortal. Se chegasse a faltar, que aconteceria com sua obra? Já pensou nisto? E se já, que medida gostaria de tomar para assegurar a existência de seu Instituto?»³¹

Dom Bosco não esperava tais palavras de um homem que não morria de amores pelas coisas da Igreja. De qualquer modo aqueles conselhos foram para o sacerdote de grande ajuda e incentivo. Sabia que poderia, a partir de então, pensar em uma Congregação que para o Estado seria apenas, no entender do Ministro, *uma associação de cidadãos livres* que se uniriam e viveriam juntos, com o objetivo de fazer beneficência. Um grupo de pessoas que conservando seus direitos civis, obedeceriam às leis do Estado e pagariam seus tributos normalmente como os demais cidadãos. As últimas palavras de Rattazzi foram de incentivo e encorajamento. Aconselhava Dom Bosco a ficar tranqüilo e pôr mãos à obra, pois assegurava, teria o apoio do Governo e do Rei. O trabalho ali realizado era uma empresa eminentemente humanitária.

A partir daquele encontro Dom Bosco sabia que dentro do governo de Sua Majestade tinha um advogado que trabalharia com ele na organização de sua Instituição em prol da juventude. Na execução de seu projeto os colaboradores seriam uma condição *sine qua non*, não apenas durante sua vida, mas sobretudo após a morte. Não foi uma empresa fácil, prepará-los segundo o seu espírito, seu carisma. Alguns dos primeiros ajudantes externos trouxeram-lhe certos problemas. Durante os tempos tumultuados da unificação italiana, vários colegas esperavam da parte do dirigente do Oratório, um envolvimento mais efetivo nas esperanças gerais dos peninsulares. Dado

³⁰ Annali I 10.

³¹ MB V 696-699.

que ele era apolítico, seguia a «política do Pai Nosso», o fato gerou diversos dissabores por parte das autoridades e dos mesmo padres e jovens que freqüentavam o Oratório. Sua organização, ainda incipiente, periclitava trazendo-lhe maiores preocupações, embora jamais tenha desanimado.

Dezenove longos anos, quase vinte, se passaram até que pudesse ter em mãos as Constituições definitivamente aprovadas. De 1855, época da primeira redação, a 1874 a caminhada foi árdua e sofrida. Não fosse a tenacidade e a correspondência às inspirações do alto, certamente teria parado pelo meio da estrada. Através de inúmeras pesquisas, vai encontrar na História da Igreja as orientações que dizem respeito às origens, formas e desenvolvimento das Ordens religiosas. Estuda as Congregações mais recentes como o Instituto da Caridade do abade Antônio Serbati Rosmini e os oblatos da Virgem Maria de outro abade Pio Brunone Lanteri. As diversas redações de suas Constituições serão exigidas pela experiência e pelas autoridades eclesiásticas.

Uma data muito importante para o início de sua obra é o ano de 1855. Foi precisamente a época em que um grupo de jovens emitiu os primeiros votos privados e apareceram os traços iniciais das Regras ou Constituições da nova Instituição religiosa. O homem de Deus sabia que perduravam a essência da vida religiosa, a prática dos conselhos evangélicos. O problema era ajustar sua Congregação às exigências da Igreja e às mutações implacáveis dos tempos. Neste particular muito lhe serviu a experiência adquirida na confecção do Regulamento do Oratório Externo, idealizado em 1847 e do Regulamento da Casa do Oratório, elaborado entre 1852 e 1854. Um aspecto a ser considerado era a lei de 1855 de supressão dos conventos bem como as mudanças político-sociais do Piemonte. A Congregação devia ser inserida no novo contexto dominado pelo liberalismo anti-clerical. A tarefa não era fácil, até porque se tratava de uma inovação. Uma das dificuldades com as autoridades religiosas para a aprovação das Constituições salesianas foi a defesa do Estatuto Civil dos novos religiosos. Após dois anos de estudos e reflexões (1855-1857) o primeiro texto das Constituições estava pronto. Agora teriam início as demarches para a aprovação pelas autoridades de Roma. Sabe-se que este original está ainda perdido na memória dos tempos.

Em fevereiro de 1858, Dom Bosco vai a Roma. Preparado o passaporte do governo piemontês e obtida a permissão das autoridades eclesiásticas para se ausentar da diocese, dirige-se à Cidade Eterna. Seu companheiro de viagem será o clérigo Miguel Rua, então com 20 anos de idade e no terceiro ano de teologia. Na bagagem leva um manuscrito das Constituições. Um dos grandes incentivadores da pere-

grinação³² foi o mesmo senhor arcebispo, D. L. Fransoni, então exilado em Lião. Era pensamento do bispo que ele falasse pessoalmente com Pio IX. «Vá a Roma pedir ao imortal Pio IX conselhos e normas oportunas».³³ O historiador salesiano, João Bonetti³⁴ afirma que Dom Bosco tinha então recebido de seu Arcebispo, *uma ampla recomendação*. O prelado falava de sua caridade e zelo pela educação da juventude, da obra dos Oratórios, do bem que realizava em Turim, pedindo mesmo que o Papa, com sua suprema autoridade o aconselhasse e apoiasse.

Nosso peregrino ainda não conhecia o Sumo Pontífice Pio IX. Através do Secretário de Estado, Card. Antonelli, consegue marcar uma entrevista para o dia 9 de março, as 11h45. O primeiro encontro foi realmente providencial. O Papa ficou admirado com os trabalhos apostólicos desenvolvidos no Piemonte e o mais importante, aprovou suas intenções de fundar uma Congregação, acrescentando algumas orientações agregadas à segunda redação. Pe. Lemoyne escreve que

«Pio IX rapidamente compreendia e dava as respostas. Em cinco minutos se podia tratar com ele de assuntos para os quais, com outros requer-se-ia uma hora. Deste modo, não só o projeto da nova Instituição, mas também outros assuntos foram debatidos naquela audiência. Dom Bosco então, pediu-lhe vários favores que lhe foram concedidos».³⁵

A segunda audiência teve lugar no dia 21 de março. Dom Bosco e seu secretário Miguel Rua haviam preparado uma outra cópia do documento, acrescentando as orientações e conselhos de Pio IX:

³² Os dois amigos viajaram no dia 18 de fevereiro de 1858. Precisaram de 4 dias para percorrer o que hoje dura cerca de 8 horas. De Turim a Gênova foram de trem. Em seguida embarcaram no Aventino até Civitavecchia. Dom Bosco enjoou bastante durante o trajeto marítimo até ao antigo porto romano. Dali à Cidade dos Césares o percurso, cerca de setenta quilômetros foi realizado pela carruagem que fazia o serviço postal, através da antiga Via Ápia. Ao longo, à esquerda, belas colinas de antigo domínio etrusco enquanto à direita, o verde misterioso do *Mare Nostrum*. Aqui e ali, alguns charcos na época infectados pelas febres. Na igreja de Palo Alto, a uns 40km de Roma, Dom Bosco celebra a Missa. Na Igreja de depara-se com um doente malárico, a quem indica um remédio. Dois meses após, ao retornar a Roma, o cidadão estava ileso e convertido em mais um propagandista do santo.

³³ MB V 701.

³⁴ João Bonetti, 1838-1891. Foi Diretor Espiritual Geral da Congregação. (*Dizionario biografico dei Salesiani*, Torino 1969).

³⁵ MB V 860.

«Pensei no vosso projeto e estou convencido que poderá trazer muito bem à juventude. Precisa colocá-lo em prática. Os vossos Oratórios, sem ele, como poderiam conservar-se e como providenciar as suas necessidades espirituais? Portanto, parece-me necessária uma nova Congregação religiosa, no meio destes tempos difíceis. Ela deve ser fundada sobre estas bases: seja uma Sociedade com votos, porque sem votos não se manteria a unidade de espírito e de obras. Estes votos porém devem ser simples que possam facilmente serem dispensados, a fim de que a má vontade de algum dos sócios não perturbe a paz e a união dos outros. As Regras sejam simples e de fácil observância. A maneira de vestir e as práticas de piedade não se façam notar no meio do mundo. Talvez, propositadamente fosse melhor chamá-la de Sociedade antes que Congregação. Todo membro, será diante da Igreja, um religioso e no meio da Sociedade, um livre cidadão».³⁶

Após estes sábios e valiosos conselhos Sua Santidade referiu-se a algumas congregações, cujas regras se assemelhavam às que ele tinha em mente. A esta altura do diálogo, Dom Bosco lhe apresenta o texto, cuja cópia tinha sido feita pelo clérigo M. Rua: «Eis Beatíssimo Padre o regulamento que contém a disciplina e o espírito que de há vinte anos, guia aqueles que trabalham nos Oratórios».³⁷ Os anos seguintes foram de estudo e reelaboração, até 1864, quando a Congregação dos Bispos e Regulares emana um decreto reconhecendo a existência e aprovando o espírito da nova Sociedade.³⁸ No entanto, o sinal verde para a Sociedade salesiana não significava o mesmo para as Regras, ficando claro que a aprovação destas era protelada. Com efeito, após ainda diversas reuniões³⁹ e modificações, o Decreto⁴⁰ de aprovação definitiva, assinado pelo Card. Bizzarri, só foi publicado em 13 de abril de 1874.⁴¹ Naquele ano a Congregação tinha 9 casas, 148 salesianos e 103 noviços.

³⁶ Ibid.

³⁷ Maiores informações MB VII 622-623.

³⁸ Sobre este novo texto de 1864, veja-se MB VII, 871-886. M. WIRTH, *Don Bosco...*, pp. 120-121.

³⁹ A última, «attesa e temuta» (nervosamente esperada) aconteceu no dia 31 de março de 1874. Resultado: três Cardeais votam positivamente, o quarto é favorável a uma aprovação temporária por 10 anos. No dia 03 de abril, o Papa Pio IX sabendo que faltava um voto para que as Constituições fossem finalmente aprovadas exclama, como que impaciente: «*Ebbene, questo metto io!*» (Este é meu). M. WIRTH, *Don Bosco...*, p. 124.

⁴⁰ MB X 802. *Costituzioni della Società di S. Francesco di Sales* [1858]-1875. Testos críticos aos cuidados de Francesco Motto SDB, in RSS 2 (1983) 341-384.

⁴¹ RSS 4 (1984) 93-109.

5. Expedições Missionárias para a América (1875 a 1887)

Dom Bosco não se contentou em salvar almas apenas no Piemonte ou no Continente Europeu. Seus salesianos em poucos anos transportaram-se para o Novo Mundo. O grito ecumênico do profeta galileu «ide por todo o mundo», ressoava constantemente em seus ouvidos. O «da mihi animas» envolvia todos os filhos de Deus. Na América⁴² além das preocupações com os jovens, «selvagens» e órfãos, Dom Bosco recomendava aos missionários o cuidado para com o imigrantes italianos e seus filhos. A febre amarela,⁴³ a varíola e outros males dizimavam muitas famílias, deixando inúmeros órfãos. No Brasil, uma outra tarefa dos missionários piemonteses era a preocupação pelos «ingênuos», os filhos libertos de escravos após a promulgação da Lei do Ventre Livre. Lasagna, num arroubo de exagero e zelo apostólico, chega a escrever que no Rio havia mais de duzentos mil ingênuos com onze anos. Em outra oportunidade afirma que seriam duzentos mil em todo o Império.

«A historieta dos 200 mil *ingênuos* no Rio de Janeiro foi uma brincadeira, ou um erro dos impressores. Eu tinha dito que eram 200 mil em todo o Império. Verá que falei mais a linguagem do coração e da fantasia que a da razão. Justamente para impressionar a juventude que vive ao lado de Dom Bosco e que pensa em ser missionária».⁴⁴

Posteriormente na Bahia e Pernambuco houve ainda o problema dos filhos dos soldados mortos na Guerra de Canudos.

O jovem João Bosco no Seminário de Chieri já pensava em ser mis-

⁴² Em março de 1879, Dom Bosco falando sobre a presença salesiana no Novo Continente dizia: «Com o conselho e a ajuda material do caridoso Pio IX, abordamos a expedição dos Salesianos para a América. Três foram os objetivos propostos pelo Sumo Pontífice: Cuidar dos adultos, especialmente dos jovens italianos, em grande número espalhados pela América meridional. Abrir colégios nas proximidades dos selvagens, a fim de que sirvam de pequenos seminários e abrigos para os mais pobres e abandonados. Através deste meio iniciar a propagação do Evangelho entre os índios dos Pampas e da Patagônia». Giovanni BOSCO, *Opere Edite*, Vol. XXXI (1879-1880). Roma, LAS 1977, p. [247].

⁴³ Em nossa terra sabemos que as autoridades procuravam minorar o número dos óbitos oriundos dos surtos epidêmicos. A população não podia, não devia ser alarmada, de modo que as estatísticas reais eram escamoteadas. A propósito, veja-se R. AZZI, *Os Salesianos...*, Vol. I, pp. 122 e ss.

⁴⁴ L. LASAGNA, *Epistolario*, Vol. II..., carta Lasagna-Lacerda, Colegio Pio de Villa Colón, 7 de novembro de 1882.

sionário. Seus sonhos incentivavam-no e orientavam-no naquele sentido⁴⁵ e na escolha do local⁴⁶ para onde enviaria os Salesianos. Não fosse a oposição de seu amigo Cafasso e teria também partido para alguma região de missão, logo após a ordenação sacerdotal.⁴⁷ A segunda Congregação missionária da Igreja, em termos de religiosos enviados às terras de missões, em poucos anos atravessa os Oceanos e ocupa os desertos gelados da Patagônia e da Terra do Fogo.⁴⁸ Diversos foram os salesianos massacrados em todos os Continentes pelos ódios tribais contra os brancos ou estrangeiros.⁴⁹ Sofrimentos, enfermidades, saudades da terra e da família distantes eram companheiros de todas as horas. Mas, o guerreiro do Evangelho e seus discípulos não vacilaram, pois se tratava de propagar a fé, a Boa Nova do Senhor.

Outra dificuldade, sobretudo nos primeiros anos de suas investidas missionárias, foi sentir o desprazer de não ter condições de atender aos inúmeros pedidos que lhe eram dirigidos. Solicitações que não partiam só de regiões como a América, mas da sua própria terra. Na Itália meridional, exclusive a Sicília e a Sardenha, em apenas 9 anos, de 1879 a 1888, ano de sua morte, os Salesianos receberam 29 solicitações para fundação de casas.⁵⁰ Até 1887⁵¹, foram 11 as expedições salesianas direcionadas ao Continente Sul Americano. Aos 14 de dezembro de 1875, o primeiro grupo, tendo à frente o Pe. João Cagliero,⁵² chega ao porto de Buenos Ai-

⁴⁵ MB X 54 -55.

⁴⁶ Annali I 423, 505-510 (sobre a América); 505-510 (sobre a Ásia, África, Austrália).

⁴⁷ MB I, 328. P. STELLA, *Don Bosco nella storia...*, Vol. I, pp. 167-186, sobre as missões salesianas na América. MB II, 203-204.

⁴⁸ Patagônia, de «patagones» (pés grandes). Os Patagões eram aborígenes de pés avantajados. Terra do Fogo, como a região anterior, também está na Argentina meridional. Os autóctones para se defenderem do frio acendiam ali, inúmeras fogueiras pelos campos, observadas por quem passava de navio através do Oceano. Daí as pessoas chamarem «Terra do Fogo».

⁴⁹ MB VI, 430 e 795.

⁵⁰ RSS 32 (1998) 53-150.

⁵¹ Naquele ano os SDB na América Meridional eram aproximadamente 50 e as FMA cerca de 40.

⁵² J. Cagliero nasceu em Castelnuovo d'Asti em 1838 e faleceu em Roma em 1926. Quando entrou no Oratório de Valdocco, logo se entusiasmou por Dom Bosco, tornando-se um de seus principais colaboradores. Ordenou-se sacerdote em 1862, laureando-se em teologia pela Universidade de Turim, em 1873. Na Argentina e Uruguai representa uma das colunas da obra salesiana. Ordenado bispo em 1883, tornou-se o primeiro Vigário Apostólico da Patagônia. Em 1887 levou a Congregação Salesiana ao Chile. Em 31 de Janeiro de 1888, quando do falecimento de Dom Bosco, seu grande amigo e colaborador

res, Argentina.⁵³ O capítulo XVI e XVII de «Annali», nos dizem como os Salesianos foram recebidos, falam sobre o bem que faziam, sobre a fama que gozavam nas repúblicas americanas e as dificuldades por que Dom Bosco passava para custear as expedições missionárias.⁵⁴ Em 11 de Novembro de 1876, parte o segundo grupo de Salesianos para a América. Os que se destinavam a Argentina embarcaram de Gênova, tendo à frente o Pe. Francisco Bodrato (1823-1880). Ao chegarem a Buenos Aires, dois deles foram para a Paróquia de S. João Evangelista no bairro da Bocca. Os demais distribuídos pelas duas comunidades nascidas com a primeira expedição. Aqueles destinados a Montevidéu, entre eles o Pe. L. Lagsagna, tomaram o navio na cidade francesa de Bordeaux. As passagens foram pagas pelo governo uruguaio. Destino: Villa Colon nos arredores da capital, onde iniciaram a obra do Colégio Pio, para os filhos de fazendeiros e comerciantes. A terceira expedição realizou-se em novembro de 1877. Dela fizeram parte o Pe. Tiago Costamagna (1846-1921) e o Pe. José Vespignani (1854-1932), mais tarde Inspetor e Conselheiro do Capítulo Superior.⁵⁵

6. Os imigrantes

Dom Bosco dotado de rara sensibilidade aos acontecimentos de seu tempo, preocupou-se, além da problemática juvenil com a situação dos imigrantes, no êxodo em direção aos diversos Continentes. O santo pensava particularmente nas dificuldades espirituais e materiais dos italianos que deixavam a pátria.

Sabe-se que no século XVIII, um dos fatos sociais mais desafiadores em termos humanos e religiosos foi precisamente o fenômeno migrató-

se encontrava em Turim. Dom Cagliero gozava de plenos poderes sobre as casas da América. Era naquela parte do mundo o delegado de Dom Bosco, depois de seu primeiro sucessor, o Pe. Rua. Representou a S. Sé nos países da América Central e em 1915, o Papa Bento XV o elevou às honras cardinalícias.

⁵³ Pe. João Cagliero, Pe. Baccino e o coadjutor Belmonte Valentino foram para a Igreja «Mater Misericordiae». Os demais, Pe. Fagnano Giuseppe, Pe. Tomatis, Pe. Cassini, Pe. Allavena Giovanni, Pe. Molinari, Pe. Gioia e Pe. Scavini, se dirigiram para San Nicolás, chamada «Iglesia de los Italianos» ou «Capilla Italiana». Tinha sido construída por aqueles imigrantes que se encontravam sem assistência espiritual.

⁵⁴ A primeira Expedição custou ao menos L. 36.000 (MB 12, 246). Dom Bosco escrevendo a D. Cagliero dizia: «esta expedição nos enterrou até ao pescoço» (MB 12, 372).

⁵⁵ M. WIRTH, *Don Bosco...*, p. 196.

rio. O arguto observador de Turim não ficou à margem do acontecimento. Teremos uma idéia mais completa, quando pensarmos que durante apenas um século de 1830 a 1930, as correntes migratórias especialmente da Europa para os demais Continentes somaram cerca de 60 milhões de indivíduos. As Américas, a Oceânia e algumas regiões da África tiveram suas fisionomias modificadas, receberam um influxo inesperado que não o teriam sem a presença desses indivíduos alienígenas. A igreja e seus pastores, bispos e sacerdotes, não podiam ficar à margem do acontecimento, até porque em termos religiosos ele poderia ser benéfico ou revolucionário, perturbador da ordem social e religiosa. O encontro ou a supremacia da religião dos imigrantes ou a eventual assimilação dos credos acatólicos dos aborígenes poderia não ser pacífico.⁵⁶

Nas Américas os países que mais atraíram o fluxo migratório italiano foram a Argentina, o Brasil e os Estados Unidos. Dos três,

«O Brasil sempre representou uma espécie de mito no imaginário do imigrante, mais do que a Argentina e os Estados Unidos».⁵⁷

Em 1888, as estatísticas mostravam que no Brasil havia 97.730 imigrantes italianos. Este número motivado pela *desastrosa situação interna* da Itália, preocupou o governo peninsular. Estabeleceu-se um controle mais rígido com respeito ao fluxo de seus compatriotas para aquela nação. Um ano depois baixou para 36.124 pessoas e em 1890 para 31.275. Estes números são das estatísticas brasileiras, pois as italianas eram mais baixas, respectivamente: 16.953 e 16.233. O fato indica que as medidas restritivas aumentaram a emigração clandestina.⁵⁸

⁵⁶ *Dal Piemonte allo Stato di Spirito Santo, aspetti della emigrazione italiana in Brasile tra ottocento e novecento*, a cura di Mauro Reginato. Torino, Stampa della Giunta Regionale, 1996, p. 508.

⁵⁷ *Dal Piemonte allo Stato di Spirito Santo...*, p. 3.

⁵⁸ *Ibid.*, p. 83. Este fenômeno migratório se repete hoje de modo contrário e até mais trágico, pois quando a polícia tenta prender os barcos contrabandistas, os novos escravos mulheres, crianças e homens são jogados no mar. Da Europa Leste, países do ex-Império Russo, da África e do Oriente médio e remoto acorrem a Europa constantes levas de clandestinos ou não. Alguns nas horas caladas e frias da noite são literalmente despejados pelos barcos nas praias do Adriático ou do Mediterrâneo. Os contrabandistas de pessoas corram fortunas por cabeça.

7. Missões indígenas e imigrantes italianos

Pe. P. Stella observa que em se tratando de missões Dom Bosco sonhava e pensava no sentido estrito de levar a religião aos infiéis, isto é, àqueles que não tinham fé e no sentido mais romântico da época, catequizar os povos cruéis e selvagens.⁵⁹

A atividade missionária salesiana na América foi objeto de críticas por parte de alguns que talvez não entenderam a maneira de Dom Bosco fazer missão. Comentava-se que os salesianos não se preocupavam com as missões. Cuidavam somente dos estrangeiros, que ao chegaram ao Brasil ou Argentina foram realmente seus alvos prioritários, desde o início. Só após alguns anos de tentativas e contatos é que se inicia diretamente a evangelização dos povos patagônicos.

Uma das primeiras admoestações aos salesianos vem de um jornalista, de Buenos Aires. Ao visitar o Território do Rio Negro escreveu «que não havia missões salesianas no Sul e sim colégios, granjas e igrejas que enriqueciam os salesianos».⁶⁰ O mesmo cidadão criticou o famoso missionário Pe. Domingos Milanésio (1843-1922), dizendo que vivia uma boa vida à custa dos índios. Um cooperador defendeu a obra do missionário e as Missões salesianas.

Outro correspondente de *El Tiempo* ao visitar em 1901, o mesmo Território do Rio Negro publicou uma série de artigos sobre as Escolas Profissionais Salesianas da região, onde os filhos dos índios eram acolhidos e estudavam as diversas artes.⁶¹

A segunda crítica ao modelo salesiano das Missões vinha da parte daqueles que achavam que os SDB deviam, como os Jesuítas terem construídos também as suas *Reduções*. Não é que Dom Bosco não se mostrasse entusiasta sobre a colonização e evangelização espanhola da América. Estava bem informado, conhecia o método usado pelos Jesuítas no Paraguai ou nas missões do Sul do Brasil. Achava porém que aquele modo de agir lembrava

«o método dos missionários da Idade Média usado para converter os povos germânicos, identificando a conversão destes povos selvagens

⁵⁹ P. STELLA, *Don Bosco nella storia...*, Vol. I, p. 169.

⁶⁰ AA. VV., *Misiones Salesianas de la Patagonia. Su labor durante los primeros 50 años* [s l], Imprenta de la Misión Salesiana [s d], p. 55.

⁶¹ *Ibid.*, p. 55. Na obra citada não aparecem os nomes dos jornalistas, nem do defensor do Pe. D. Milanésio.

com o próprio civilizar-se político e com o desenvolvimento da mesma região». ⁶²

A estratégia de Dom Bosco era outra. Numa Circular de outubro de 1876, afirmava que uma vez abertas as casas,

«ativados estes internatos, assegura-se a moralidade e a religião entre os indígenas [e] se pode ministrar uma educação científica e cristã às crianças de todas as classes. Ao mesmo tempo cultivam-se aquelas vocações eclesíásticas, que viessem a aparecer entre os alunos. Assim esperamos que se possa preparar missionários para os Pampas e para a Patagônia. Deste modo os selvagens tornar-se-iam evangelizadores dos mesmos selvagens, sem perigo de se renovarem os massacres dos tempos antigos». ⁶³

A corrida missionária para o interior à busca dos indígenas patagônicos ou dos pampeiros passava no entanto pelos imigrantes italianos e seus filhos estudantes nos colégios que paulatinamente iam surgindo. A respeito de imigração italiana e a problemática missionária escreve Gianfausto Rosoli:

«a imigração italiana, [era] a mais necessitada, abandonada e difícil (dominada por anti-clericais e maçons), mas também a mais culturalmente vizinha. Este dado antropológico deve ser sublinhado pelo seu valor missiológico, porque coloca a assistência aos imigrantes na ótica do empenho missionário. Por outro lado, teria aparecido como um contra testemunho para os salesianos, o não dirigir-se aos “seus” conacionais, ameaçados de perder a fé, ao invés de se dirigirem unicamente às populações primitivas». ⁶⁴

Pe. João Cagliero dizia claramente que «a missão entre os italianos era mais urgente que entre os índios». ⁶⁵

O Boletim Salesiano em artigo de outubro de 1887, cujo título era *Os italianos na América*, se referia aos pedidos dos bispos feitos constantemente a Dom Bosco e vindos de todas as partes das Américas. O infor-

⁶² M. MIDALI, *Don Bosco...*, p. 463.

⁶³ P. STELLA, *Don Bosco nella storia...*, Vol. I, p. 174.

⁶⁴ M. MIDALI, *Don Bosco...*, p. 513.

⁶⁵ ASC A 1380802: carta Cagliero-Bosco, 4 de março de 1876.

mativo descrevia as necessidades, as misérias e perigos materiais e espirituais dos imigrantes italianos que lhe suplicavam: «Vinde, vinde, se não fosse por outro motivo, pelo menos para salvar os vossos compatriotas». O periódico continua dizendo que Dom Bosco escutou aquelas vozes persuadido de que era uma sua estrita obrigação confiada pelo Pastor da Igreja universal e da qual ele teria que dar contas ao Senhor da messe.

«O cuidado pelos imigrantes não é senão o princípio de uma imensa empresa que para nós italianos deve ser caríssima. São nosso sangue, são nossos irmãos, aqueles que todos os dias vemos partir para aquelas terras longínquas, muitas vezes abandonados nas praias, onde não pensavam chegar e onde não encontram nada do que haviam sonhado e esperado».⁶⁶

8. Os Salesianos no Brasil

Os estancieiros da fronteira do Brasil com o Uruguai mandavam seus filhos estudarem no Colégio Salesiano de Vila Colón, subúrbio de Montevidéu. Foram também eles instrumentos da divulgação de Dom Bosco no Brasil. Além das notícias provenientes do Uruguai havia aquelas referentes às fundações da Argentina. Os missionários capuchinhos que pregavam aos colonos do Rio Grande do Sul em suas andanças falavam dos Salesianos e suas obras. O bispo da cidade do Rio de Janeiro, Dom Pedro Maria de Lacerda, em 1878 e o de Porto Alegre Dom Claudio Ponce de Leão, em 1881, foram dos primeiros, que solicitaram a presença dos Salesianos em suas dioceses. Os demais prelados, seus seminaristas e/ou padres que estudavam na Europa admiravam e faziam propaganda do nome salesiano. Alguns destes visitavam Valdocco e conheciam Dom Bosco.⁶⁷ «Não se pode compreender perfeitamente a instalação da obra salesiana no Brasil sem enfatizar a relação direta com o episcopado e sua orientação pastoral».⁶⁸

Entre os prelados mais insistentes encontravam-se o do Rio de Janeiro (D. Pedro Lacerda⁶⁹), o de Salvador (D. Jerônimo Tomé), o de Olin-

⁶⁶ BS 10 (1887) 375.

⁶⁷ Antes de D. Tomé ir à Europa para ser sagrado bispo, foi aconselhado a visitar Dom Bosco. Na ocasião não foi possível.

⁶⁸ R. AZZI, *Implantação e desenvolvimento inicial da obra salesiana no Brasil (1883-1908)*, Roma, LAS 1996, pp. 504-511.

⁶⁹ D. Pedro Maria de Lacerda, 1830-1890, foi bispo no Rio de Janeiro de 1868 a 1890. Estudou no Seminário de Mariana, onde foi também professor. Conhecia muito

da e Recife (D. Antônio Gonçalves de Oliveira⁷⁰), o de Fortaleza (D. Luís A. dos Santos⁷¹), o de Belém (D. Macedo Costa⁷²), o de Cuiabá (D. Carlos Luís D'Amour⁷³).

Não eram apenas os eclesiásticos que tinham ciência da atividade dos missionários piemonteses. Personalidades do governo dos diversos escalões eram-lhes também simpáticos. Os jornais franceses, lidos no Brasil pela nossa classe média e abastada tinham divulgado abundantemente a viagem triunfal de Dom Bosco através das cidades francesas. Personalidades como o Imperador D. Pedro II,⁷⁴ sua filha, a Princesa Isabel e

bem os Salesianos. Quando de sua visita a Turim, em setembro e outubro de 1877, foi hóspede em Valdocco. Pagou as passagens para os missionários salesianos que vieram por primeiro ao Brasil, ajudando a comprar a casa em Niterói, local da primeira comunidade. Escreveu aos diocesanos uma carta em favor do Colégio Santa Rosa. Os religiosos de Dom Bosco eram para ele um dom de Deus.

⁷⁰ Seu nome secular era Antônio Gonçalves de Oliveira. Nasceu na fronteira de Pernambuco com a Paraíba, na localidade de Pedras de Fogo em 1844 e faleceu em Paris no ano de 1878. Da Ordem dos Capuchinhos, estudou na França, ordenando-se em Toulouse em 1868. Contrário à política de D. Pedro II e aos maçons foi duramente perseguido, preso e condenado a trabalhos forçados. Após a anistia governamental, retornou à França. Está em curso sua causa de beatificação.

⁷¹ Dom Luís Antônio dos Santos, nasceu em Angra dos Reis, Rio de Janeiro, em 1810 e faleceu em 1891. Estudou no Seminário de Mariana, onde foi professor. Sua ordenação sacerdotal aconteceu em 1841. Bispo de Fortaleza (Ceará) de 1860 a 1881. Da capital cearense passou a Salvador da Bahia, onde como Arcebispo esteve de 1881 a 1890. Com a Proclamação da República, renunciou sendo substituído por D. Macedo Costa.

⁷² Dom Antônio de Macedo Costa, nasceu em Maragogipe, Bahia, no mesmo ano de D. Lacerda 1830. Faleceu em 1891 na Bahia. Em 1860 foi eleito bispo de Belém do Pará. Por sua atuação, através de seus escritos e prédicas defendendo corajosamente a Igreja contra a maçonaria e a política imperial, durante a Questão Religiosa, foi perseguido, preso e condenado em 1874. Em 1890, transferido para o Arcebispado da Bahia, torna-se Primaz entre os Bispos brasileiros. Admirador de Dom Bosco e da Congregação, correspondeu-se com D. Lasanha, tentando levar os SDB a Belém. Em uma viagem à Itália deseja falar com Dom Bosco e o Papa e «fará quanto puder para conseguir os Salesianos para sua colônia Providência». (L. LASAGNA, *Epistolario*, Vol. II..., carta Lasagna-Bosco, Colón, 30 de julho de 1884).

⁷³ Carlos Luís D'Amour nasceu em S. Luís do Maranhão em 1837, falecendo em 1921. Bispo de Cuiabá e seu primeiro Arcebispo. Sócio do Instituto Histórico Maranhense e do Instituto Histórico Brasileiro.

⁷⁴ Com a abdicação de D. Pedro I, Imperador do Brasil de 1822 a 1831, ocupa seu lugar o filho D. Pedro II, nascido no Rio de Janeiro em 1825 e morto em Paris no ano de 1891. Com apenas um ano Pedrinho perde a mãe. Com a declaração de sua maioridade em 1840, é coroado rei no ano seguinte. Culto e conhecendo diversos países da Europa e

seu esposo o Conde d'Eu,⁷⁵ além de políticos e pessoal das mais diversas classes sociais, todos esperavam a vinda dos Salesianos ao país. Os mesmos parentes da família imperial, morando na França, conheciam e apreciavam a obra e a santidade de Dom Bosco.

Em 1882, Pe. L. Lasagna visitou os Príncipes na residência de Petrópolis. Posteriormente tornaram-se cooperadores salesianos. No ano seguinte foi saudar-lhes no Rio, antes de retornar ao Uruguai. Naquela ocasião ficou sabendo de uma novena feita por Dom Bosco em favor do Príncipe D. Pedro.

«O relacionamento entre a família imperial e Dom Bosco não aconteceu apenas através de Lasagna e os Salesianos. A herdeira do trono, princesa Isabel Cristina de Bragança era casada com Louis Philippe Marie Ferdinand Gaston de Orléans, conde d'Eu. Através de seus familiares na França tinham conhecimento das obras e da santidade de Dom Bosco».⁷⁶

os Estados Unidos nosso Imperador renuncia pacificamente quando da Proclamação da República. Enquanto estava no trono, hostilizou bastante a Igreja, sendo contrário à sua separação do Estado. Perseguiu, prendeu e condenou a trabalhos forçados diversos bispos. No entanto, o Imperador teve suas posições positivas com respeito à Igreja. Convidou e pagou a vinda dos Capuchinhos ao Brasil. Conseguiu, com o governo formado pelo Duque de Caxias, um acordo com a Santa Sé. Em Petrópolis concede uma audiência a D. Lasagna, presentes também a Princesa Isabel e o Conde D'Eu. Sobre este encontro D. Lasagna escreve, «monarca sábio e ativíssimo mais do que qualquer outro, dignou-se, no Dia de Pentecostes, receber-me em audiência particular em seu Palácio de Petrópolis. Entreteve-se comigo longamente em conversação familiar, desejando ser informado claramente sobre a origem dos Salesianos, a finalidade da própria missão na Igreja de Deus, sobre os métodos adotados na instrução e educação da juventude, sobre os meios com os quais conseguíamos manter tantas obras. Sobre os resultados obtidos e outras coisas mais. Quando se sentiu completamente satisfeito expressou o vivo desejo de ver no mais breve espaço de tempo transplantada nossa caritativa Instituição em seu vasto Império, prometendo desde então sua augusta proteção à nossa obra, despedindo-me com a maior benevolência e cortesia». (L. LASAGNA, *Epistolario*, Vol. II..., carta Lasagna-Bosco, Collegio Pio di Villa Colón, 24 de novembro de 1882).

⁷⁵ Luís Fernando Gastão de Orleans, Conde d'Eu. (1842-1922). Seu pai, o Conde de Nemours enviou-o à Inglaterra para estudar. Vindo ao Brasil, conseguiu invejável influência na Corte, sobretudo após o casamento com a filha do Imperador. Pe. Lasagna, equivocando-se, chegou a confundir-lo com o herdeiro do trono. Não era simpático aos militares, aos quais havia substituído na Guerra da Tríplice Aliança. Era o «estrangeiro». Achavam-no intransigente e até insensível.

⁷⁶ A. FERREIRA, *Essere ispettore-vescovo agli inizi delle missioni salesiane*, in RSS 19 (1991) 209.

Nas Memórias Biográficas encontramos uma carta⁷⁷ do capelão da Princesa Isabel Cristina ao Pe. M. Rua, solicitando dois favores a Dom Bosco. O primeiro era uma bênção toda especial para ela, para o Imperador, para o Conde D'Eu e seus três filhos. No segundo pedia a récita de uma novena, juntamente com todos os padres e alunos salesianos, pelo «jovem príncipe D. Pedro, futuro Imperador do Brasil». O príncipe levava um tombo do cavalo e encontrava-se enfermo de um dos braços. Dom Bosco responde afirmativamente de Turim no dia 19 de agosto de 1883.⁷⁸ Em março de 1886, uma outra correspondência⁷⁹ do fundador dos Salesianos à «Condessa d'Eu», recomenda-lhe os seus religiosos e assegura a oração deles e dos alunos pela saúde e prosperidade da família real. Afirma que é seu dever invocar na S. Missa as bênçãos celestes por todos os súditos brasileiros. As duas correspondências de agosto de 1883, a do Capelão da Princesa e a de Dom Bosco, foram escritas em francês e a de março de 1886 em italiano.

9. Planos do Pe. Luiz Lasagna para o Brasil

Niterói foi a primeira semente. Logo mais viriam outras e brevemente o mapa nacional estaria pontilhado pelas obras salesianas. O intrépido bispo de Trípoli conhecia bem a realidade brasileira. Não só através de livros, relatórios, jornais, mas principalmente pela observação pessoal. Outra fonte de que se servia eram os relatórios que a Nunciatura brasileira enviava à S. Sé. A viagem de 1882, da Capital do Império à foz do Amazonas foi uma oportunidade ímpar de observar «in loco» a situação do país. As longas conversas com os bispos, religiosos e outras pessoas foram de enorme utilidade na execução de seu plano missionário. O périplo pode ser seguido no Epistolário de Dom Lasagna e nas cartas do clérigo Teodoro Massano.

A cavaleiro das necessidades missionárias da grande nação do trópico meridional, o «bispo dos índios» estabeleceu algumas metas que constituíam seu Plano Missionário. 1 - a assistência aos imigrantes e seus filhos, preocupações estas que eram as mesmas de outros salesianos de Turim, como Dom Bosco e Pe. M. Rua. 2 - o cuidado pelos autóctones, os *índios*, em uma região até agora inculta, era de suma importância. Os

⁷⁷ Paris, 6 de agosto de 1883

⁷⁸ MB XVI 513-515.

⁷⁹ MB V 553.

novos missionários deviam organizar grupos para catequizar os numerosíssimos selvagens que viviam na «sombra da morte». Escrevendo a Dom Bosco o angustiado sacerdote, afirma que no Brasil as necessidades morais e as misérias espirituais são inumeráveis e enormes, em todos os aspectos.

«Desde o feroz selvagem que vive nu pelas florestas virgens deste imenso Império, ao órfão que gira vagabundo pelas ruas das populosas cidades. Desde o escravo que geme sob a repressão de patrões desumanos, ao inocente menino abandonado por pais sem coração».⁸⁰

3 - Na Bahia o problema com os imigrantes era praticamente inexistente. As dificuldades diziam respeito aos filhos livres dos escravos, chamados *ingênuos* e os órfãos, cujos genitores tinham sido vitimados pela malária. Na carta dos Cooperadores baianos ao Pe. M. Rua lê-se:

«Uma multidão de meninos pervertidos enche as nossas ruas, de maneira a causar compaixão até aos animos mais indiferentes. Uma das causas de tal flagello foi a extinção repentina da escravidão no Brasil, sem medidas que prevenissem os males que proviriam do abuso de uma liberdade, para a qual os pobres escravos não estavam preparados. Isso trouxe para a massa popular grande numero de mães e paes que não constituem familias regulares, e, cujos filhos, sem educação e sem freios, passam a vida a aprender o vicio, vestidos ás vezes com um farrapo somente, pois a benignidade do nosso clima, em qualquer estação e a qualquer hora, tal desordem lhes permite. De todos os Estados brasileiros foi o da Bahia o mais inundado por essa praga nefasta por ser aquella que mais nucleos de escravos possuia».⁸¹

A cooperação dos salesianos com os bispos, numa época difícil em que a Igreja do Brasil vivia sérios problemas de ordem interna, não estava ausente de seus pensamentos e encargos apostólicos.

As Filhas de Maria Auxiliadora e os irmãos leigos salesianos seriam os grandes colaboradores da empresa salvífica dos povos americanos nestas plagas meridionais. As irmãs seriam imprescindíveis no trabalho apostólico com as meninas nos colégios internos ou externos. Os irmãos coad-

⁸⁰ L. LASAGNA, *Epistolario*, Vol. II..., carta Lasagna-Bosco, S.^{ta} Rosa de Niterói, 6 de agosto de 1883.

⁸¹ ASC F 545: Carta dos Cooperadores ao Pe. Rua. Vide também Anexo IV.

jutores nos Oratórios e nas Escolas Profissionais de Artes e Ofícios. As intenções do fundador da obra salesiana no Brasil eram as mesmas de Pio IX, o Pontífice amigo e orientador de Dom Bosco na fundação e organização da Sociedade. O Papa solicitava e incentivava o envio de missionários para a América.

Em maio de 1881, o futuro Inspetor vai a Turim. Ao viajar tinha presente em sua mente pelo menos duas razões: a expansão de outras empresas e outras missões na América e o cuidado de sua saúde.⁸² Sua viagem a Europa foi muito importante para a vinda dos salesianos à Terra de Santa Cruz, até porque retorna como Inspetor da Inspetoria uruguaio-brasileira.

No ano de 1882 realiza a famosa excursão pelas costas brasileiras. O objetivo era observar «in loco» as condições para atender alguns dos inúmeros pedidos feitos pelos bispos do Brasil. Antes da partida escrevera da capital uruguaia uma longa carta ao Pe. J. Cagliero expondo seu plano de viagem.⁸³ A intenção, era chegar até ao Grão Pará. Escreveria ao bispo local. Caso ele lhe mandasse a passagem iria até Belém, como já havia prometido a Dom Bosco.

No litoral brasileiro encontrar-se-ia com os senhores bispos que pediam insistentemente os religiosos de Turim para suas regiões pastorais. Conhecedor das dificuldades e perigos por mar e por terra encontrados no país tropical, onde o clima, as febres⁸⁴ e a varíola eram-lhes adversos, preparara-se física e mentalmente para a aventura. Escrevera a Dom Bosco sobre os imprevistos do Tenebroso Netuno.⁸⁵ Não obstante, observava, se tantos aventureiros se embrenhavam pelas terras no Império brasileiro, à busca de ouro e outras riquezas materiais, não seriam os missionários salesianos, cuja vida haviam consagrado para conquistar almas para Cristo, que iriam abandonar aquelas terras selva-

⁸² L. LASAGNA, *Epistolario*, Vol. I. (1873-1882). Introduzione, note critiche e testo a cura di Antonio Ferreira, carta Lasagna-Bonetti, 27 de junho de 1881. (Esta correspondência não tem data. Pe. Lasagna começou escrevê-la em Montevidéu e só terminou em Marselha. A data é do Correio daquela cidade francesa).

⁸³ L. LASAGNA, *Epistolario*, Vol. I..., carta Lasagna-Cagliero, Montevideo, 20 de abril de 1882.

⁸⁴ Os missionários da segunda expedição não puderam descer no Rio de Janeiro, por causa da febre amarela.

⁸⁵ «Há vários dias que temos furiosíssimas borrascas no Oceano vizinho. O Pampeiro ruge terrivelmente em torno de nós. Queira Deus, não venhamos a sofrer sobre o barco Equador as agonias sofridas em 1876 no Ibéria!... O Arcanjo S. Rafael nos salve da voracidade dos peixes!» (L. LASAGNA, *Epistolario*, Vol. I..., carta Lasagna-Bosco, Villa Colón, 6 de maio de 1882).

gens! Durante a viagem, iniciada em maio de 1882, o chefe da excursão fazia-se acompanhar por Teodoro Massano. O jovem clérigo salesiano atuaria como seu secretário. No mesmo pacote viajava Sua Excelência o Internúncio Apostólico no Brasil, Dom Mário Mocenni, a quem Pe. L. Lasagna havia contactado previamente.⁸⁶ E o mesmo Lasagna que nos apresenta os motivos pelos quais a viagem se realizou no mês de maio:

«Porque se me oferece a bela oportunidade de acompanhar D. Mário Mocenni...e além disso, em se tratando de um passo tão difícil e de suprema importância para nós, julguei mais que conveniente dá-lo em um mês consagrado ao louvor de nossa boa mãe Maria Auxiliadora. No tempo em que não só em Turim, mas em toda a Itália são feitas tantas orações e se prestam tantas honras a esta grande Benfeitora do povo cristão e insigne Patrona dos Salesianos».⁸⁷

A viagem do Inspetor da Inspetoria uruguaia-brasileira deu grande impulso à causa salesiana do país nortenho. Tratava-se de um reconhecimento, aconselhado um ano antes, pelo mesmo Pe. M. Rua, das condições e necessidades que a região ofereceria para as futuras presenças salesianas. O missionário pretendia «estudar in loco as propostas de fundações salesianas feitas por Dom Antônio de Macedo Costa, Bispo

⁸⁶ Pe. Lasagna já havia também escrito a Dom Cagliariero comunicando que: «Yá escribi tambien al Nuncio del Brasil pidiéndole apoyo y consejos y cuando me conteste sacaré copia de todos estos documentos y se los mandaré». A viagem de Pe. Lasagna em companhia do Internúncio Mocenni, de Montevideu ao Rio de Janeiro foi muito frutuosa. Conversaram sobre os problemas eclesiásticos do Brasil e os planos de Lasagna para a região, não só em relação aos Salesianos, mas também quanto à Igreja no Brasil e a criação de novas Dioceses. Lembramos que uma das finalidades do trabalho salesiano no Brasil era ajudar os senhores Bispos a resolverem os seus problemas pastorais. Posteriormente, chegados ao Rio o Inspetor salesiano teria recebido uma cópia da *Relazione dello Stato delle cose Ecclesiastiche del Brasile* de posse da Santa Sé desde 1856, in RSS 19 (1991) 194. Quando Pe. Lasagna retornou da viagem pelo litoral brasileiro, «a Nunciatura e o Governo começaram a estudar a possibilidade de criar uma Diocese em Alagoas... e um Vicariato apostólico em Manaus». (L. LASAGNA, *Epistolario*, Vol. II..., p. 47, n. 103). Dom Mário Mocenni, italiano, nasceu em 1823 e faleceu em novembro de 1904. Delegado Apostólico no Equador, Peru, Bolívia e Chile. Em 1882 Internúncio no Brasil. Em novembro daquele ano veio trabalhar em Roma na Secretaria de Estado. Em 1893 foi feito Cardeal.

⁸⁷ L. LASAGNA, *Epistolario*, Vol. I..., carta Lasagna-Bosco, Villa Colon, 6 de maio de 1882.

da Amazônia brasileira e por outros Bispos do Nordeste do país». O clérigo Teodoro Massano, faz um interessante relato sobre a viagem, narmando suas impressões e descobertas. As cartas, de modo especial as de número 8 e 9, são de grande valor para a pré-história salesiana do país. Antes de retornar, ainda em Belém, o futuro Bispo escreve a Dom Bosco, apresentando alguns critérios para as fundações no Brasil:

«A obra dos Oratórios, de Artes e Ofícios encontra simpatia em todas as partes. Precisa começar daqui. As Colônias Agrícolas são também o desejo desta gente, mas acredito que ainda não são possíveis, entre nós. Aqui o sol e as intempéries são perigosos para a saúde e em uma Colônia Agrícola precisa expor-se muito, e até que não tenhamos pessoas bem aclimatadas, ou nativos do Brasil, a Colônia Agrícola será sempre difícil. Embora, prometa vantagens materiais fabulosas, porque estas terras tropicais são de uma fertilidade incrível».⁸⁸

Após mencionar as diversas culturas que poderiam ser objetos do trabalho das Escolas Agrícolas no Continente Brasil, Lasagna conclui:

«Mas, para a saúde dos Salesianos é preciso esperar que nos estabeleçamos para começarmos a experiência...Então, fundações de Oratórios com Artes e Ofícios e Escolas para as classes modestas e pobres».⁸⁹

A peregrinação do Inspetor pelas cidades atlânticas brasileiras deu resultados rápidos. Em apenas 8 anos, de 1883 a 1900 o grande país americano teve em seu território 18 fundações, 15 dos Salesianos e três das Salesianas ou Filhas de Maria Auxiliadora.

- 1 1883 - Colégio Santa Rosa, Niterói, RJ
- 2 1885 - Liceu Coração de Jesus, S. Paulo, SP.
- 3 1890 - Colégio S. Joaquim, Lorena, SP.
- 4 1892 - Lorena (FMA), SP.
- 5 1892 - Guaratinguetá (FMA), SP.
- 6 1892 - Pindamonhangaba (FMA), SP.
- 7 1894 - Colégio Salesiano do S. Coração, Recife, PE. Inaugurado em 10/ 02/1895.
- 8 1894 - Liceu Salesiano S. Gonçalo, Cuiabá⁹⁰, MT.

⁸⁸ ID., *Epistolario*, Vol. II..., carta Lasagna-Bosco, Belém, 26 de junho de 1882.

⁸⁹ Ibid.

⁹⁰ D. Lasagna saiu de Montevidéu, a 20 de maio de 1894, passando um mês de aventuras pelos rios da bacia platina. Cuiabá era no fim do mundo. «No fim do mundo existe

- 9 1895 - Oratório S. Luís, Araras, SP.
- 10 1895 - Colônia Teresa Cristina (Índios Bororós), MT.
- 11 1896 - Escolas Dom Bosco, Cachoeira do Campo, MG.
- 12 1897 - Escola Agrícola S. Antônio, Coxipó da Ponte, MT.
- 13 1897 - Liceu N. Senhora Auxiliadora, Campinas, SP.
- 14 1897 - Colégio N. Senhora Auxiliadora, Lorena (Noviciado), SP.
- 15 1899 - Colégio Santa Teresa, Corumbá, MT.
- 16 1899 - Colégio S. José, Guaratinguetá, SP.
- 17 1900 - Colônia S. Sebastião, Jaboatão, PE.
- 18 1900 - Liceu Salesiano do Salvador. Salvador, BA.

10. Niterói, a primeira obra do Brasil

A Casa de Niterói foi a primeira comunidade salesiana que se fundou no Brasil.⁹¹ Em 1882, Dom Bosco comunicara ao Cardeal Protetor, Nina Lorenzo, ter aceitado as fundações do Pará, Rio e Niterói. A abertura da casa foi autorizada em 1883 pelo mesmo Dom Bosco ao Pe. Lasagna.⁹² Inicialmente chamou-se Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, posteriormente Colégio Salesiano Santa Rosa. Ao lermos a história daquela fundação e conhecermos as as dificuldades por que passou inicialmente, dois fenômenos chamam-nos a atenção: a campanha sistemática dirigida contra os religiosos, por parte dos liberais e maçons que não suportavam a presença dos missionários em Niterói, provando-os duramente;⁹³ e a coragem daqueles primeiros salesianos ao enfrentarem as provocações, acusações e violências físicas.⁹⁴ Os grupos anti - clericais não desejavam a presença dos padres em Niterói. A nova força da Igreja acantonada às margens da Guanabara era uma ameaça aos intentos de desclericalização do país.

um rio; no fim deste rio existe um morro; atrás do morro está Cuiabá». (Frase citada por L. Marcigaglia, atribuída ao Marechal Floriano Peixoto).

⁹¹ Os Salesianos chegaram em Niterói no dia 14 de julho de 1883.

⁹² ASC A 183 e A 184: «Archivio Segreto Vaticano».

⁹³ ASC F 504: Carta Borghino-Rua, 29 de julho de 1884. Nas suas cartas, o primeiro diretor do Colégio de S. Rosa, Miguel Borghino, lembra freqüentemente aqueles dias. «O demônio quis colocar-nos à prova e se não conseguiu jogar-nos por terra, deu-nos no entanto uma boa paulada».

⁹⁴ Um dia no bonde, o diretor Pe. Miguel Borghino recebeu um soco na cabeça. O ecônomo ouviu certa vez insultos de um grupo de rapazolas que gritavam: «Mata, jesuíta».

A ojeriza contra Roma por parte da imprensa liberal foi típica das últimas décadas do Império. Seu alvo contra o «clericalismo dominante» visava particularmente o ensino e a educação religiosa dos padres Lazaristas (Caraça), dos Jesuítas (Itu) e das Filhas da Caridade, (Colégio Imaculada Conceição da Praia de Bota Fogo). Assim os recém chegados tiveram assestadas contra si e a Igreja, de quem eram porta vozes, as baterias dos inimigos.⁹⁵ Enquanto uns imploravam a presença dos religiosos de Turim, outros atacavam e temiam⁹⁶ a atuação dos mesmos. A imprensa de então está prenhe de impropérios contra Pe. L. Lasagna, Dom Pedro Lacerda, os padres de modo geral e os SDB em particular, desdenhosamente alcunhados de «os tais padrinhos», ou jesuítas camuflados,⁹⁷ no dizer dos maçons do Rio e Niterói. Não foram poucos os que não se conformaram com a orientação dada pela ultramontana⁹⁸ Igreja (assim a denominavam seus inimigos), da qual eram representantes os novos jesuítas. O jornal católico, *O Apóstolo*, procurava esclarecer a opinião pública a respeito dos SDB, que chegavam a Niterói «com o único fim de educar e ensinar os pobres e ingênuos».⁹⁹ Os seguintes periódicos eram acerbamente contra os padres: *Notícias*, em sua coluna «Balas de Estalo». *O Fluminense*, sob o título «Mouros na Costa». *Folha Nova*, o mais ferrenho de todos, em sua crônica «Lapsos de Lápis». Em 30 de dezembro de 1883, o cronista do supra mencionado periódico, referindo-se à educação jesuítica, da qual os salesianos eram «representantes camuflados», comentava azedamente:

⁹⁵ Para maiores esclarecimentos sobre o assunto vide R. AZZI, *Os Salesianos...*, Vol. I, caps. XXI e XXII. São Paulo, Editora Salesiana Dom Bosco, 1982. Pe. Luís MARCIGAGLIA SDB., *Os Salesianos no Brasil*, Vol. I, (1883-1903). São Paulo, Escolas Profissionais Salesianas 1955.

⁹⁶ Em 30 de dezembro de 1883, lia-se em *Folha Nova*: «Ontem tivemos a fortuna de ver um salesiano a flunar nas Rua do Ouvidor. Era um padre de boa aparência e capaz de botar na sombra a todos os barbudinhos do Castelo. Escutei-o a conversar, a conversar com um oficial da marinha estrangeira. Voz plangente, mas sem afetação. Ouvindo-o, seguramente ninguém o levará preso. Aquela figura sem as vistas oblíquas do lazarista, nem a pantomina joco-séria do capuchinho, pareceu-me inimigo perigoso. Tão sério assim e de tão discreta compostura, deveria ser o mais ardiloso dos invasores». (R. AZZI, *Os Salesianos...*, Vol. I, p. 385).

⁹⁷ Em 1759, o Marquês de Pombal expulsou os padres Jesuítas do Brasil, durante o conflito referente ao Patronato. O mesmo acontecerá no Uruguai em 1859. Mais informações vide L. LASAGNA, *Epistolario*, Vol. I..., p. 59.

⁹⁸ Ultramontanismo, segundo Aurélio, é uma doutrina e política dos católicos franceses (e outros) que buscavam inspiração e apoio além dos montes, isto é na Cúria romana. Os montes aqui são os Alpes franceses e italianos.

⁹⁹ R. AZZI, *Os Salesianos...*, Vol. I, p. 311.

«essas centenas de crianças não lucrariam mais sendo educadas aqui, do que nas solidões de Itu, de onde voltam bons calígrafos, excelentes decoradores, e jamais um cidadão apto para as lutas sociais?»¹⁰⁰

A diatribe acirrou-se ainda mais com a publicação, em dezembro de 1883 de uma carta, atribuída a um salesiano, criticando o senhor arcebispo. Não bastasse o fato e uma outra dose foi acrescentada em Friburgo. Os Lazaristas pregavam as missões naquela cidade serrana. Um dos padres teria criticado o comportamento desrespeitoso dos estagiários da Politécnica do Rio. Alguns dos rapazes não se comportavam dignamente na Igreja, tendo um dos mais irreverentes tentado entrar no templo sagrado montado em um cavalo. O vigário e os fiéis impediram-no, segundo se lê em Pe. L. Macigaglia. O fato, mesmo repercutindo na Corte, não teria tido maiores conseqüências para os filhos de Dom Bosco. Acontece que os Lazaristas foram confundidos, conscientemente ou não, com os Salesianos. A imprensa leiga e liberal serviu-se do ocorrido como um trunfo a mais para verberar a Igreja e os SDB, reforçando seus intentos anti-clericais. A partir de então o equívoco de se confundir os religiosos das duas Congregações foi generalizado causando sempre grande constrangimento aos recém-chegados missionários da Rua Santa Rosa, em Niterói. O apoio de D. Lacerda,¹⁰¹ do Vigário, dos Cooperadores e de Associações como os Vicentinos, fizeram com que os filhos de Dom Bosco vencessem as dificuldades.

11. Em Pernambuco, a primeira obra do Norte

O presente tema enquadra tão somente, e de modo não exaustivo, o período entre as primeiras conversações e a fundação (1891-1894) do Colégio de Artes e Ofícios do Sagrado Coração em Pernambuco. O estudo sobre a fundação na Bahia, que não ostenta o condão de um trabalho acabado, tornar-se-ia mais incompleto ainda, se Niterói, Recife e Aracaju não fossem contemplados.

¹⁰⁰ Ibid., p. 323.

¹⁰¹ ASC F 504: Carta Borghino-Cagliero, [Niterói?], 10 de novembro de 1883. «O Bispo é um verdadeiro pai, provendo-nos de todo o necessário. Além de ter pago a nossa viagem, conseguiu também os meios para começarmos a construir e promete ajudar-nos ainda».

Três foram as vertentes principais de onde partiram os esforços que levaram os salesianos a ocuparem o histórico solar do Mondego na capital pernambucana: a) Os Superiores de Turim. b) A Organização dos Vicentinos e seu presidente Carlos Alberto de Menezes. c) O Bispo diocesano do Recife, D. João Esberard. O Pe. M. Rua acreditava que em Pernambuco deveria localizar-se o centro irradiador de onde sairiam os salesianos para outras regiões do Norte. A história irá demonstrar que a idéia do segundo Reitor Mor dos SDB tornar-se-á uma realidade.

Ao desembarcar em Pernambuco,¹⁰² o primeiro Inspetor do Brasil, entra em contato com os Capuchinhos da Penha e com o senhor bispo D. José Pereira da Silva Barros. Acorda com este um outro encontro, quando retornar do Pará, para acertarem melhor o local que deve ser comprado para os salesianos. No mês de agosto as buscas conduzem a uma antiga abadia beneditina e a um velho solar, denominado Casa do Mondego, no passado colonial residência do Governador português Luiz do Rego Barreto. O histórico casarão tinha também funcionado como sede do Colégio dos Maias e de um educandário feminino, Santa Genoveva.¹⁰³ Pe. L. Lasagna pensava em uma fundação em primeiro lugar em Pernambuco e só futuramente no Pará, mesmo porque uma fundação inicial na foz do Amazonas, ficaria muito isolada. Pernambuco estava a meio caminho entre o Pará e o Rio de Janeiro, onde se encontrava a comunidade mais próxima.¹⁰⁴ Aquela posição geográfica era mais estratégica para a comunicação e o desenvolvimento ulterior dos mesmos salesianos. Lasagna também era de parecer que não se devia deixar um vazio geográfico tão grande entre o Norte e Sul. A viagem entre o Rio de Janeiro e o Pará durava cerca de 15 dias de navio. Os Salesianos sentir-se-iam muito isolados na Amazônia. Recife, cidade geograficamente centralizada, recebia todos os navios que viajavam para a França e a Inglaterra. Este era também o pensamento do bispo de Pernambuco, *velho pároco, apostólico e ótimo*.

¹⁰² 14 de junho de 1882.

¹⁰³ Carlos LEÔNIO, *Sete Lustras da Inspeção Salesiana do Norte do Brasil (1895-1930)*. Lorena, S. Paulo [s e] 1967, faz uma descrição do local e cita alguns de seus anteriores donos. Uma notícia mais completa sobre as beneficências do terreno encontrar-se-á no Plano Menezes, abordado mais adiante nesta monografia.

¹⁰⁴ Entre Rio e Belém são precisamente 4.412 km. A Capital do Pará dista do Recife 2.074 km e desta ao Rio são 2.338 km.

12. Um empresariado cristão trabalha para os SDB

Nos fins da década de 1880 um grupo de empresários católicos, tanto no Rio como em Pernambuco e na Bahia, bateu-se pela idéia da vinda dos Salesianos ao país. No Rio encontramos o comerciante Guilherme Morrisy¹⁰⁵, no Recife Carlos Alberto de Menezes¹⁰⁶ e o cooperador Antônio Muniz Machado. O grupo de cidadãos pernambucanos montou um projeto para um Internato de Escolas profissionais na cidade do Recife. A preocupação dos Irmãos Vicentinos era sobretudo a falta de educandários para a formação de meninos órfãos e desamparados que não «tiveram a fortuna de nascerem de pais suficientemente abastados».

«Em Pernambuco um grupo de homens se propõe a dar o exemplo, atacando a grave questão de que nos ocupamos, pela criação de um asylo para os orphãos e desamparados e de escolas profissionaes para os meninos pobres. O asylo receberá os meninos da primeira cathegoria, em numero proporcional aos recursos de que dispuzer, visto ser cara a sua manutenção. Annexos a elle, porém, haverá grandes externatos, que distribuam a educação rudimentar e religiosa, e ao mesmo tempo a educação profissional, para todas as artes e officios, para o que disporá de officinas capazes de formar operarios verdadeiramente instruidos e moralizados». A «Associação Salesiana», após alguma outra tentativa, foi escolhida para dirigir a obra, «pelo seu fim especial, a educação profissional dos meninos pobres, e porque o seo systema torna facilima a obra».¹⁰⁷

¹⁰⁵ Morto em 1894. Era comerciante, membro da Conferência de S. Vicente de Paulo e um dos fundadores da Ordem da Cruz. Participou do grupo que recebeu em Niterói os salesianos de quem sua família foi sempre muito amiga. Na tarde de 14 de julho de 1883, os SDB ao pularem a janela da residência, pois estavam sem a chave da porta não encontraram alimentação suficiente para a ceia. Os Morrisy aumentaram-lhes o cardápio mandando alguns ovos e um queijo do reino. Marcigaglia afirma que a tradição do «queijo histórico», ainda continua a cada 14 de julho. Os descendentes de Morrisy não esqueceram o episódio, reeditando-o por diversos anos.

¹⁰⁶ Carlos Alberto era presidente da Conferência de S. Vicente de Paulo e um dos fundadores da Companhia Industrial Pernambucana, construtora da Fábrica de tecidos de Camaragibe. Um dos objetivos dos dirigentes da fábrica era seguir as normas sociais preconizadas pela Carta papal «Rerum Novarum».

¹⁰⁷ ASC F 351: *Projecto de fundação de um asylo para orphãos e desamparados e de Escolas Profissionais para os meninos pobres na cidade do Recife*, p. 8, 9. O libreto apresenta um

Os organizadores do projeto criaram uma Comissão¹⁰⁸ para promover donativos e esmolas, adquirir o terreno, introduzir e instalar os membros da Pia Associação. Só após realizarem estes propósitos dariam por finda a missão do grupo.

A vinda dos Salesianos porém não seria fácil e rápida. Uma série de correspondências e conversações, viagens e promessas haveriam de acontecer. Interessado em conseguir os missionários de Dom Bosco para sua terra, Carlos Alberto escreve em 1889, ao amigo Guilherme Morrisy solicitando seus préstimos no sentido de que ele converse com o diretor do Liceu de S. Paulo sobre a possibilidade de enviar alguns salesianos a Pernambuco. A resposta do Pe. Lourenço Giordano, não foi muito animadora.¹⁰⁹ Deixa claro que dentro de dois anos «provavelmente não se poderá enviar Salesianos a Pernambuco». Alguns motivos: a orientação do S. Padre que recomendava que as fundações já existentes fossem solidificadas; a existência de muitos pedidos, dos quais não poucos, anteriores àquele feito pelo Dr. C. Alberto.

G. Morrisy respondendo ao amigo do Recife, diz que também ele está interessado no projeto e aconselha-o a dirigir-se ao Papa ou ao Cardeal Protetor da Congregação.¹¹⁰ Quem sabe se através deles Pe. M. Rua não mudasse de opinião, adiantando a realização do pedido? Por sua vez, Pe. L. Lasagna promete continuar apoiando ativamente a idéia, embora a fundação deva ser decretada pelo Conselho Superior de Turim. Sugere contudo, que o Dr. C. Menezes faça um pedido formal ao Pe. M. Rua, «invocando as tratativas precedentes feitas comigo». E ainda que se peça o apoio de Roma, na pessoa do Cardeal Protetor da Congregação e do Sumo Pontífice. Estas sugestões foram dirigidas a G. Morrisy, em comentário ao pedido anterior do senhor Carlos Alberto.

resumo da história e atividades salesianas mundiais, até àquele ano. Uma cópia foi entregue ao Pe. Rua que fez a seguinte observação na primeira Capa: «D. Dur[ando] conservi colle pratiche di Pernambuco».

¹⁰⁸ Membros da Comissão: Presidente, Conselheiro Dr. Joaquim Correia d'Araújo; Vice-Presidente, Dr. Carlos Alberto de Menezes; Secretário, Dr. Manuel da Trindade Peretti; Tesoureiro, Coronel Augusto Octaviano de Souza; Membros, Júlio Cesar Paes Barreto, Philippe de Araújo Sampaio, Antonio Gomes de Mattos.

¹⁰⁹ ACSR: carta Giordano-Menezes, S. Paulo, 20 de novembro de 1889. Existe uma cópia datilografada no ASC F 091.

¹¹⁰ Cada Congregação tinha como Protetor um Cardeal. O da Congregação Salesiana era desde 1877, o Arcebispo de Bolonha, Card. Lúcio Maria Pároco (1833-1903).

«Desejo que o senhor participe ao Sr. Dr. Menezes os meus sentimentos com respeito da fundação da Casa Salesiana de Pernambuco. Eu admiro o zelo do Sr. Doctor e vejo que bem mereceria ser correspondido com prontidão. Eu visitei no anno 1882 essa cidade e vi com meus olhos as necessidades moraes da povoação entera e da mocidade especialmente. Na epocha aquella eu tratei com o Excel.^o Senhor Bispo de uma fundação que eu desejava ardentemente».¹¹¹

No entanto «o desejo ardente» do Pe Lasagna não se concretizava. Ele mesmo é quem apresenta a G. Morrissy as razões que *me fizeram retroceder nas minhas empresas*: o desenvolvimento das casas já existentes; as dificuldades sempre mais sérias de se obter pessoal na Itália; o fato de não poder assumir compromisso sério, vez que não tinha certeza se continuaria na direção das Missões salesianas do Brasil. Diante dos acontecimentos, acha que antes de três anos não se poderia pensar na fundação.¹¹²

Morrissy e Menezes deverão ter em vista as condições necessárias, presentes na área que deverá ser adquirida para o desenvolvimento exigido pela atividade salesiana.

«Os salesianos para poderem trabalhar com fruto a favor dos meninos pobres, precisam possuírem uma propriedade na cidade, em lugar sadio, de uma extensão não inferior a dez mil metros quadrados, para ter recreios, igreja, oficinas, aulas etc. etc. Para começar basta qualquer edificio suficiente para os primeiros padres e uma Capela provisória com algum salão para artes. O restante edificar-se-á, segundo os recursos que a Providência enviar... Tenha em vista que o terreno não pode ser fora da cidade: pois a ação educadora deve ser exercida com meninos externos e também com os Oratórios festivos. O local deve ser facilmente acessível às multidões dos meninos desvalidos ou da rua».¹¹³

As correspondências entre os dois «confrades» vicentinos continuam insistindo na temática da fundação salesiana. Em dois meses e alguns dias o comerciante fluminense recebe duas cartas¹¹⁴ do Norte. Na res-

¹¹¹ L. LASAGNA, *Epistolario*, Vol. II..., carta Lasagna-Morrissy, Collegio Pio di Villa Colón, Montevidéu, 27 de novembro de 1889.

¹¹² Ibid.

¹¹³ Ibid.

¹¹⁴ Escritas em 5 de dezembro de 1889 e 12 de fevereiro de 1890. Não apresentam o remetente. Deduzimos, pelo conteúdo e pelas palavras de Morrissy que ambas tenham sido escritas por Carlos Alberto. As respostas são enviadas por G. Morrissy em 22 de março de 1890.

posta, convida o *caro confrade e amigo* a vir ao Rio, conferenciar com Mons. Cagliero e Pe. L. Lasagna, pois ambos no mês de maio virão ao S. Rosa e às casas de S. Paulo.

No segundo trimestre de '91, em reunião da Assembléia Geral dos Vicentinos¹¹⁵ o presidente Carlos A. de Menezes concitava seus pares a iniciarem uma obra social em favor da infância e mocidade pernambucanas. Anunciava ainda uma viagem que faria brevemente à Europa,¹¹⁶ onde trataria do assunto com os Salesianos de Turim com quem esperava contar. Ao encontrar-se com Pe. M. Rua o industrial pernambucano explicou-lhe seu plano, recebendo promessas de ser atendido em 1894. Carlos Menezes deixa na ocasião em Turim, cinco contos de réis para custeio da viagem dos primeiros salesianos. Entrega também ao Reitor-Mor alguns exemplares¹¹⁷ do Apelo de D. João Esberard, convocando seus fiéis a trabalharem pela vinda dos SDB para a Diocese pernambucana. Pe. M. Rua ao ler a carta do bispo escreveu na capa do mesmo: *Deve servir como aprovação e consenso do Bispo para a fundação*. Dias depois, em carta ao Pe. L. Giordano, o Reitor-Mor assegura que em dois anos os Salesianos estariam em Pernambuco.

13. Fundação da casa do Recife

Uma carta-bilhete do Pe. L. Lasagna ao Pe. Carlos Peretto (1860-1923) datada em 9 de setembro de 1891 comunica a aceitação da Casa de Pernambuco: «Foi aceita a Casa de Pernambuco e isto faz com que se possa pensar em outras».¹¹⁸ Retornando a Recife o senhor Menezes escreve¹¹⁹ ao

¹¹⁵ Aos 14 de abril de 1891. C. LEÔNICIO, *Sete Lustrós...*, p. 17, n. 6.

¹¹⁶ Embarcou em 3 de maio de 1891.

¹¹⁷ ASC F 091: Nesta pasta encontram-se pelo menos duas cópias da Circular de Dom Esberard. Em 12 de dezembro de 1891, Pe. Miguel Rua agradece os exemplares deixados em Turim por C. Menezes. «Honnoré et Cher Coopérateur. Je ne puis que bénir votre zèle et vous remercier très affectueusement des exemplaires que vous avez bien voulu m'envoyer. C'est beau et j'ai la ferme espérance qu'avec la grace de Dieu cette publications produira beaucoup de bien et pourra favoriser le développement de nos oeuvres au Brésil».

¹¹⁸ ASC F 091 e B 717: L. LASAGNA, *Epistolario*, Vol. II..., carta Lasagna-Peretto, [s l], 9 de setembro de 1891.

¹¹⁹ Documento não encontrado mas atestado pela correspondência de Lasagna escrita de Villa Colón a Menezes, em 26 de março de 1892: «He recibido, su atenta y larga carta del 23 Febrero». L. LASAGNA, *Epistolario*, Vol. II..., carta Lasagna-Menezes, Colegio Pio de Villa Colón, 26 de fevereiro de 1892.

Pe. L. Lasagna dando conta de sua entrevista com Pe. M. Rua e feliz pela promessa recebida. Seu amigo lhe responde, não menos satisfeito:

«Alegro-me que o Senhor tenha tido a promessa de P. Rua para 1894. Isto deve ser entendido como o prazo mais longo. Dependendo dos acontecimentos as coisas podem ser antecipadas. Creio que no próximo ano já se poderia iniciar, se a Comissão encontra a Casa e prepara-a para aquela época. Poder-se-á conseguir aquela que eu visitei e indiquei ao senhor Sampaio?»¹²⁰

Pe. L. Lasagna deve viajar¹²¹ para o IV Capítulo Geral. Antes pretende passar em Pernambuco, onde conversará sobre a nova fundação. Nota-se que gostaria de encurtar o prazo dado pelo Pe. M. Rua ao Dr. C. Alberto. Por outro lado, espera que a presença do novo bispo do Recife, Dom João Esberard, traga maior impulso à causa da fundação da obra salesiana naquela cidade.

«Com a augusta presença do sábio e zeloso Bispo e a atividade do nosso amigo o doutor Alberto de Menezes será muito provável que a santa empresa de dar uma guarida aos meninos abandonados tenha um desenvolvimento mais acelerado... Nas grandes reuniões do Capítulo perorarei a causa do Brasil e a fundação projetada em Pernambuco. Assim será muito provável que se encurte o prazo designado pelo P. Rua ao Dr. Menezes».¹²²

Continua por parte do Presidente dos Vicentinos e seus correligionários uma intensa atividade em vistas ao novo cenário que se delineou com a promessa do Pe. M. Rua. O cooperador acha mesmo que está sendo paulificante: «Perdoem-me tanta importunação. Nós somos como os cervos sedentos que correm em direção à fonte de águas vivas».¹²³ Nesta mesma carta insiste na passagem de Pe. L. Lasagna pelo Recife, quando da viagem do quase Bispo à Europa. Esta mesma insistência já havia expresso há poucos dias através de correspondência ao Pe. Pedro Rota, tratando sobre a compra da casa para os salesianos.

¹²⁰ Ibid.

¹²¹ Em julho de 1892.

¹²² L. LASAGNA, *Epistolario*, Vol. II..., carta Lasagna-A um amigo, 28 de março de 1892.

¹²³ ACSR: Carta Menezes-Giordano, Recife, 23 de junho de 1892.

«Interceda junto d'elle meu caro Padre, junctando os seus rogos ao nossos. A fundação de Pernambuco está feita, no que dependia de nós. Temos o dinheiro para a casa, cuja compra vamos effectuar já. Continuamos a pedir, afim de lhes poder dar com a casa uma quantia para primeiro estabelecimento. Os meus pedidos tem sido acolhidos com entusiasmo. Mas agora começam a cahir sobre nós para obter a vinda prompta dos Padres e eu tenho grande confiança que P. Lasagna passando aqui tudo resolverá».¹²⁴

L. Lasagna consegue fazer uma viagem relâmpago a Pernambuco, conhecendo e aprovando o desenvolvimento dos trabalhos, orientados para a aquisição do imóvel. C. Menezes, após a compra do terreno comunica ao Pe. L. Giordano que havia pago 40:000\$000 (quarenta contos de réis) pelo que valia mais de 100:000\$000.¹²⁵ Esta cifra não bate com o número que se encontra em um relatório anônimo do ASC, onde a importância é de 36:000\$000 contos de réis. O Presidente dos Vicentinos havia deixado com Pe. M. Rua cerca de 5:000\$00 contos. Estariam incluídos em sua conta o valor total da casa e do terreno, o que aliás somaria 41:000\$000 contos?

14. Dom João Fernando Santiago Esberard

Ao chegar ao Recife em janeiro de 1892, Dom João¹²⁶ encontrou uma Conferência de S. Vicente ativa e entusiasmada pelas coisas salesianas. O trabalho já realizado pelos confrades estava bem adiantado. O bispo no entanto trouxe novas forças ao empreendimento. Em primeiro

¹²⁴ Ibid.

¹²⁵ Ibid. «Nous avons payé 40 contos ce que vaut á présent plus de 100». Menezes-Mon cher Père L. Giordani. Camaragibe le 14 Septe 1894

¹²⁶ Espanhol, nasceu em 1843 e faleceu em 1897. Bispo de Olinda e Recife de 1891 a 1893. Chegou ao Recife somente em 24 de janeiro de 1892, tomando posse no dia 1º de fevereiro. Em pouco mais de um ano será transferido para o Rio de Janeiro como primeiro Arcebispo. Estávamos no tempo de Floriano Peixoto e da revolta da Armada. O fato ocasionou o atraso também da tomada de posse na nova Arquidiocese do Rio de Janeiro. Assim, de 21 de novembro de 1893 a 18 de agosto de 1894 o imóvel destinado ao Colégio Salesiano foi a residência do Arcebispo do Rio. Não pode de imediato viajar, dadas as condições políticas geradas pela revolta na Capital. Ao chegar o novo bispo Dom Manuel dos Santos Pereira, Dom Esberard teve que entregar o Palácio da Soledade e passou a ser hóspede dos salesianos. Quando deixou o solar do Mondego em 18 de agosto de 1894,

lugar lançou uma Pastoral e em seguida organizou um grupo de pessoas que se encarregou de levantar fundos para a nova obra, incluindo ajuda aos órfãos, entre os quais haveria também filhos de combatentes desaparecidos em Canudos. Formada por importantes e atuantes vultos da sociedade pernambucana a comissão conseguiu com os meios adquiridos apressar a compra do solar e do terreno.

O documento de Dom João Esberard exarado no Palácio episcopal da Soledade do Recife, aos 12 de março de 1892 tinha por título: *Appello do Exm. Snr. Bispo Diocesano para a fundação de Um Collegio Salesiano na Cidade do Recife, 1892*. O novel pastor, dirigia-se a todos os amados Diocesanos, mormente aos da cidade do Recife. A Carta episcopal obteve imediata ressonância positiva, embora, não apresentasse a força persuasiva, nem a contundência verbal de outra Pastoral que seria escrita mais tarde pelo seu colega da Bahia, Dom Jerônimo Tomé. O objetivo e as mazelas sociais atacados, eram no entanto os mesmos. Referindo-se aos problemas de então, vividos pela classe operária D. Esberard afirmava que Dom Bosco «é um novo Vicente de Paula enviado pela Providência». O educador de Turim dizia o bispo, como perfeito entendedor das necessidades de seu tempo, ataca os problemas. O prelado recifense acha que para combarê-los deve-se iniciar ministrando educação aos filhos do povo. A Circular recorda os trabalhos dos religiosos salesianos levados a termo em Niterói (1883), no Liceu de S. Paulo (1885) e em Lorena (1890) e lembra as contínuas solicitações para fundações em outras cidades.

Pe. L. Lasagna escreve de Turim ao «queridíssimo amigo Dr. Carlos A. de Menezes»,¹²⁷ comunicando que recebeu as passagens do pessoal destinado à nova casa de Pernambuco. Agradece a todos a solicitude e o zelo com que trabalharam. No momento está muito ocupado em providenciar os compromissos de outras fundações anteriores. No entanto, permanecerá em Turim até o mês de março, onde procurará obter o pessoal para a nova casa que deseja no mais breve tempo possível seja instalada e floresça. Avisa que no próximo 10 de dezembro, Pe. C. Perretto retornando da Europa, passará pelo Recife, acompanhado por um grupo de missionários destinados às casas do Sul do Brasil. O diretor do S. Joaquim de Lorena deseja ver como está a Casa destinada aos Salesia-

vijando para o Sul, presenteou a futura Capela dos Salesianos com um cálice de prata (C. LEÔNICIO, *Sete Lustrros...*, p. 20).

¹²⁷ L. LASAGNA, *Epistolario*, Vol. III..., carta Lasagna-Menezes, Turim, 4 de dezembro de 1892.

nos pernambucanos, pois deverá dar notícias a Turim para que *estimulem e apressem a nova expedição de março*.

15. Dificuldades em 1893

O barco que vem de Montevidéu com o Bispo de Trípoli aproará no cais do Rio no início de julho. Ainda sulcando as águas do Atlântico o prelado escreve a Carlos Alberto, dizendo-se amargurado por não poder atender a todos na medida dos seus desejos. Ficarà no Brasil durante seis meses, residindo principalmente em Lorena. O pessoal para o Recife não foi ainda designado, embora esteja quase certo que em novembro tudo se arranje. Não obstante acha que se deve procurar novamente os préstimos do Sumo Pontífice e do Cardeal Rampola, através de Dom Esberard.

«O pessoal que me assignarão não estava pronto e virá no mez de Novembro. O nosso bom Superior, o Pe. Rua, tem a melhor vontade, porém o Papa desde Roma lhe faz surpresas, ordenando-lhe de repente de enviar Missionários ao México, à Venezuela, etc, e assim o coitado não pode atender aos seus e nossos compromissos. Seria bom interessar o Sumo Pontífice na fundação de esse Collegio, fazendo-lhe chegar uma carta de D. Esberard ao Cardeal Rampolla, invocando a sua alta protecção... Eu estou quase certo que em setembro hão de conceder-nos o pessoal para Recife, assim tendo-o prometido P. Rua, mas é bom tomar todas as medidas que nos possam facilitar a realização dos nossos projetos. Eu sou convidado com instâncias a Bahia e farei tudo para chegar até Pernambuco».¹²⁸

O grupo de Pernambuco continua insistindo, através do Presidente dos Vicentinos. Uma correspondência de agosto de 1893, endereçada pelo padre Celestino Durando¹²⁹ a Carlos Alberto afirma que o Pe. M. Rua recebeu sua carta enviada em 14 de julho passado. O encarregado da abertura das novas casas agradece a boa vontade do missivista e diz-lhe que sentir-se-ia feliz se tivesse condições de atendê-lo de imediato

¹²⁸ L. LASAGNA, *Epistolario*, Vol. III..., carta Luiz, Bispo de Trípoli-Menezes, a bordo de «La Plata», 9 de julho de 1893.

¹²⁹ Nasceu aos 29 de abril de 1840 e faleceu 27 de março de 1907. Foi o encarregado das correspondências referentes à abertura de novas casas.

nos seus piedosos desejos que aliás são também os mesmos dos salesianos. Aconselha-o a escrever mais uma vez a Lasagna. Não obstante:

«a dificuldade de ter pessoal disponível é sempre a mesma e nos impede de atender vossos desejos antes do tempo estabelecido. No entanto procure escrever novamente a Dom Lasagna. Pode ser que sua carta tenha se extraviado. No presente momento ele está em São Paulo (Brasil). Lyceu do Sagrado Coração, Campos Elísios».¹³⁰

16. Um ano de boas novas (1894)

Carlos Alberto recebe em janeiro de 1894, uma boa notícia proveniente da capital uruguaia. Seu amigo bispo comunica que o Colégio do Recife (a que chama de Lyceu Salesiano do Recife) já tem diretor, na pessoa do Pe. L. Giordano e espera que possa logo mandá-lo a Turim escolher o pessoal para a obra.

«Para induzir o Revmo. Padre Rua a determinar o pessoal competente para o Lyceu Salesiano do Recife eu lhe offereci por Director o Rev^o Padre Lorenzo Giordani (sic), actual Director do Lyceu do Sagrado Coração de Jesus de São Paulo. Julgo pois, a coisa concluida e só espero a resposta do Padre Rua para mandar a Italia o Rev^o P. Giordani a procurar o resto do pessoal para inaugurar logo a Casa de Pernambuco. Reze e confie em Deus, tudo se fará».¹³²

¹³⁰ ACSR [d o] e ASC [d d] F 091: Abbé Celestin Durando. Oratoire Salésian Rue Cottolengo, 32. Turin. Ce 1.º Août 1893

¹³¹ L. LASAGNA, *Epistolario*, Vol. III..., carta Lasagna-Menezes, Montevideú, 20 de janeiro de 1894.

¹³² Pe. M. Rua estava preocupado com os problemas políticos-militares oriundos na Revolta da Esquadra, em 6 de setembro de 1893. Sua carta tinha sido escrita, cerca de seis meses após a eclosão daqueles fatos. As dificuldades haviam atingido não só a população civil em geral, mas também o Colégio de Niterói e a Igreja. No Rio houve a prisão de um Cônego, dado que não foram de acordo com o sermão do religioso. O retardamento da viagem de D. Esberard do Recife para a tomada de posse no Rio foi outro problema, como vimos, proveniente da nova situação revolucionária. Na Casa de Santa Rosa, o pessoal passou fome. Eram 200 os alunos internos e certa vez na cozinha encontrava-se apenas arroz e couve. O diretor Pe. P. Rota resolveu fechar a estabelecimento entregando os alunos às famílias ou hospedando-os por algum tempo nos Colégios de Lorena e S. Paulo. O Santa Rosa foi «ocupado» pelo governo do Marechal Floriano Peixoto, servindo temporariamente como Hospital Militar. Até maio de 1894, as famílias niteroienses foram recebi-

No mês de fevereiro seguinte é o próprio Pe. M. Rua que se dirige ao incansável Vicentino dando-lhe notícias ainda mais tranquilizadoras e concretas. Finalmente '94 seria o ano da fundação, tão suada e aguardada por todos. Transcrevo a mensagem do Reitor-Mor dos Salesianos ao Cooperador líder do movimento do Recife:

«Parece que já se aproxima o tempo fixado pela D. Providência para se abrir em Pernambuco uma casa salesiana para a educação da juventude pobre. Deus querendo, caso não apareça alguma novidade, espero que no mês de novembro do corrente ano de 1894, possamos começar a pia Instituição. Queira no entanto, V. S. informar-me se a casa estará pronta e mobiliada com os móveis necessários e se os problemas civis¹³³ não impedirão a efetuação da obra desejada. Creio também que seja de toda conveniência que V.S. comunique tudo a S. E. Rev.ma o Senhor Bispo, afim de que tenhamos sua aprovação e sua bênção.¹³⁴ Quando eu souber de V.S. que tudo está pronto, sem nenhum impedimento para a abertura da casa, imediatamente procurarei o pessoal necessário. Que o Senhor dê a paz e a tranqüilidade a este ótimo país. Com os sentimentos de profunda estima e afeto».¹³⁵

Dom Lasagna, ainda em fevereiro, comenta as palavras do 1º Sucessor de Dom Bosco escritas a Menezes: «Agora estou contente pelo grandíssimo bem que certo se fará».¹³⁶ Sua satisfação era ainda maior, pelo fato de ter sido endossada a proposta feita ao Superior Geral de se instituir em Pernambuco o Centro das obras salesianas do Norte do Brasil. Na região logo mais seria criada uma Inspeção abrangendo a área da Bahia às fronteiras com os países setentrionais.

das em suas enfermarias, há pouco salas de aulas ou outros departamentos educacionais. É deste tempo o famoso diálogo entre o Embaixador inglês no Itamarati e Floriano Peixoto. A Inglaterra temendo por seus súditos no Rio e querendo protegê-los, pretendeu enviar uma esquadra àquela cidade. O embaixador de sua Majestade ao perguntar como os navios britânicos seriam recebidos nas águas da Guanabara, ouviu seca e laconicamente de Floriano a resposta: *a bala*. (L. MARCIGAGLIA, *Os Salesianos...*, Vol. I, p. 35).

¹³³ A aprovação e bênção do Ordinário local era uma das exigências de Pe. Rua. Neste sentido vai sua observação, aposta na capa do libreto do Apelo de Dom Esberard.

¹³⁴ ACSR [d o] e ASC F 091 [d d]: Carta Rua-Menezes, 15 de fevereiro de 1894.

¹³⁵ ACSR [d o] e ASC F 091 [d d]: L. LASAGNA, *Epistolario*, Vol. III..., carta Lasagna-Menezes, Villa Colon, 26 de fevereiro de 1894.

¹³⁶ *Ibid.*

«Pois bem, com a data de 5 de janeiro deste anno (1894) o Pe. Rua me responde accéitando a idea e entre outras palavras me diz as seguintes: procurarei fazer como me dizes, com respeito a Pernambuco, logo que cesse a revolução (refere-se à Revolução da Armada). Justamente minha intenção é neste ano fundar aquela casa... De Turim enviarão o pessoal subalterno e eu mandarei o Diretor, futuro Inspector ou Provincial de essa enorme zona de territorio... Sempre tenho me batido com força e insistência pelos interesses desta parte do Brasil e agora estou contente pelo grandissimo bem que certo se fará».¹³⁷

Dom L. Lasagna conclui agradecendo «o zelo e amabilidade de todos os Senhores da Comissão que eu tanto estimo e amo em Jesus Cristo». Em 22 de março, Menezes se dirige ao Pe. M. Rua, comunicando que tudo está pronto para receber os SDB. O Reitor pede ao encarregado das Missões, Pe. C. Durando que insista com Menezes na preparação dos móveis pois, se tudo correr bem, em outubro ou no mais tardar em novembro, os Salesianos desembarcarão em Pernambuco para se ocuparem dos meninos pobres. Pe. Celestino Durando finaliza sua carta admirando a dedicação e as solicitações de Menezes e seu grupo e prometendo que os Salesianos se lembrarão sempre deles em suas preces.¹³⁸ De Liège e já em preparativos para seguir para Londres, onde visitaria a primeira obra salesiana inglesa, em Ashel Street of Battersea West, Pe. L. Giordano escreve ao presidente dos Vicentinos:

«Tenho a honra de lhe escrever, em nome do Superior Geral Pe. Miguel Rua para lhe dar uma boa nova. A abertura da Casa de Pernambuco é um assunto decidido».¹³⁸

Pe. L. Giordano já fala como diretor da nova casa. Pede informações, um plano sobre os atuais recursos, esperanças e orientações a respeito dos futuros alunos a serem admitidos. Pe. M. Rua pretende que os Salesianos cheguem antes do fim do ano. Não obstante, o diretor da nova fundação do Brasil Norte deseja ainda saber se, em decorrência do cli-

¹³⁷ ASC F 091: «Vous êtes bon et charitable; et nous prierons toujours pour vous et 'a toutes vos pieuses intensions, aussi que pour toutes les pieuses personnes que vous ont secondé avec tant de zèle et d'empressement». Durando-Menezes, Oratoire Salésien. Rue Cottolengo, n. 32. Turin. Ce 14 avril 1894.

¹³⁸ ACSR (d. o.) e ASC F 091(d. d.): carta Giordano-Menezes, Liège le 18 Juillet 1894.

ma tórrido, não seria melhor para a saúde dos primeiros irmãos que a viagem se protelasse até fevereiro de 1895.¹³⁹

«Desejo que me dê as informações que julgar necessárias a respeito da casa, enviando mesmo, se for possível, um plano sobre o que se espera a respeito dos recursos atuais e futuros sobre os jovens que se poderia admitir etc. O Reverendo Pe. Superior espera que cheguemos aí antes do fim do ano». ¹⁴⁰

A resposta de Menezes foi que viessem o mais breve possível. Seus coetâneos e colaboradores da futura obra, já começavam a cobrar-lhe aquela presença.

17. Plano de Carlos Menezes para Pernambuco

Cerca de três meses após o pedido feito pelo Pe. L. Giordano, o diretor da «Ferrocarril» pernambucana enviava ao primeiro diretor do Sagrado Coração o *Plano*¹⁴¹ e a *fotografia da casa que encontramos para nossa obra*.¹⁴² O cooperador inicia descrevendo geograficamente a área, as adaptações que devem ser realizadas e o que, segundo ele, poderia ser feito. De início acha que um pensionato seria uma boa coisa, prestaria um grande serviço não só a Pernambuco, mas a Alagoas, Paraíba e Rio G. do Norte. E como a obra salesiana tem sido anunciada como dirigida aos meninos carentes e o nome de Dom Bosco está estreitamente ligado à juventude pobre e abandonada, poder-se-á abrir também um externato para esses jovens. Em outras duas ocasiões o presidente da Cia. de troles pernambucanos escreveu ao padre L. Giordano abordando o plano para a obra de Pernambuco. Em setembro de '94 o então nomeado diretor comunicava de Paris:

¹³⁹ ACSR e ASC. «Cependant si en venant de la saison d'hiver en Europe au coeur de l'été dans le climat tropical de Pernambuco il y avait à craindre pour la santé des premiers Salésiens, si vous le jugez bien, on pourrait retarder jusqu'au mois de Février le départ, pour ne pas créer une mauvaise opinion du climat d'ici, avec un mauvais commencement».

¹⁴⁰ Ibid.

¹⁴¹ ACSR (d o) e ASC (d d.): Em Anexo I, encontra-se a íntegra do plano Menezes, traduzido do original francês. Camaragibe, 14 de setembro de 1894.

¹⁴² Anexo, fotos do Colégio do Recife.

«Recebi suas duas cartas com o plano de nosso querido futuro Colégio... Espero viajar na primeira ou segunda semana de novembro. O pessoal para este ano será bastante reduzido, seja porque os inícios das casas em geral são humildes, seja porque após as informações recebidas do Superior Pe. Rua, o pessoal à disposição não é muito numeroso».¹⁴³

O próximo diretor assegura que os salesianos chegarão em Pernambuco com a melhor boa vontade de trabalhar pelo bem da juventude. Começarão com um Oratório festivo aos domingos e depois verão se será conveniente receber alguns estudantes e aprendizes internos ou estudantes externos. A casa, após as informações enviadas pelo C. Alberto, impressionou bem a todos em Valdocco. Vários confrades, ao verem a fotografia, desejaram trabalhar em Pernambuco, inclusive pessoas de Londres, Liège, Lille e Paris. Pe. L. Giordano espera muito da obra pernambucana que começará humilde e esquecida do mundo, mas tornar-se-á gigantesca. Finalizando cita Cottolengo, o santo que costumava dizer que as obras do mundo são como as pirâmides. Começam com grandes bases e terminam pontiagudas. As obras de Deus são como pirâmides ao contrário. As bases em ponta, mas se alargam sempre. «O Sagrado. Coração de Jesus e Nossa Senhora Auxiliadora façam de nossa querida casa uma pirâmide ao contrário».¹⁴⁴ É o que realmente acontecerá.

Numa correspondência de Londres, Pe. M. Rua dá alguns conselhos ao Pe. L. Giordano. O superior, um tanto impressionado desejava acalmar um pouco o entusiasmo do diretor da obra pernambucana:

«Recomendo-te que desde o início tenhas calma e programes começar devagarinho, devagarinho. Durante o primeiro ano e possivelmente também no segundo limitar-se ao Oratório festivo e um pouco de aula, durante a semana, em que se ministre também o ensino do latim aos melhores e capazes. Não dispomos de pessoal e não podemos oferecer-te, a não ser poucos ajudantes que precisarão de assistência, aulas, etc., etc. Não gostaria que por causa de muito trabalho com os alunos descurasses os irmãos. Veremos de boa mente o plano que o senhor Menezes te enviou. Não para começar logo a construção com tuas despesas. Embora se possa iniciar logo, se ele ou outro se encarregar de todo o trabalho e o que for materialmente necessário à obra, como se fosse al-

¹⁴³ ASC F 545: cópia xerocada.

¹⁴⁴ ASC F 091: carta Giordano-Menezes, Courcelles-Presles, le 19 de setembro de 1894, près de Paris.

go próprio, sem que tu te responsabilizes de nada, a não ser no sentido de sugerir algo que pudesse contribuir para que a construção se tornasse mais adaptada».¹⁴⁵

Pe. L. Giordano comunica a C. Menezes que a expedição chegará ao Recife em 9 de dezembro. Serão seis salesianos, havendo a promessa de que o grupo contará com a presença de mais um clérigo. O diretor volta mais uma vez, a lembrar que o silêncio e a humildade deverão ser as características do início da obra. Deve-se evitar mesmo qualquer publicidade, até que juntos possamos estudar melhor o terreno e o que deva ser feito.¹⁴⁶

18. Desembarque e inauguração do Colégio

Uma correspondência de cerca de seis laudas e meia, escrita pelo padre Clélio Sironi ao Pe. M. Rua deixou aos pósteros algumas notícias sobre a chegada e recepção do primeiro grupo de Salesianos ao Norte do Brasil. O barco *Galícia* com os missionários italianos ancorou no *Lamarão*¹⁴⁷ aos 9 de dezembro de 1894. No dia seguinte todos, inclusive os que se destinavam a outras regiões da América puderam com «indizível alegria visitar nossa casa». O Colégio Salesiano de Artes e Ofícios do Sagrado Coração e o Oratório Festivo foram inaugurados em 10 de janeiro de 1895, conforme outra missiva de quatro páginas, enviada pelo mesmo Pe. C. Sironi ao Reitor-Mor, Pe. M. Rua.¹⁴⁸ A imprensa por diversas vezes se referiu ao acontecimento, de há muito esperado pelos recifenses: a fundação na cidade de um Colégio pelos padres salesianos.

«Conforme anunciamos, realizou-se no domingo 10 do corrente a inauguração do Colégio do Salesiano que vierão (original) fundar nesta cidade os filhos de Dom Bosco, os Padres Salesianos».¹⁴⁹

¹⁴⁵ ACSR (d o) e ASC F 091 (d d): carta Rua-Giordano, Londres, 9 de outubro de 1894.

¹⁴⁶ ACSR (d o) e ASC (d d) F 091: carta Giordano-Menezes, Paris, le 23 Nov. 1894. «C'est pour vous prier à vouloir bien nous aider à commencer l'oeuvre dans le silence et l'humilité, en évitant même toute publicité jusqu'à que nous ayons bien considéré ensemble le terrain et le quid faciendum».

¹⁴⁷ *Lamarão* era o porto do Recife, significa grande lamaçal. A cidade, ilha, península e continente ao nível do mar era (é ainda em parte) constantemente inundada pelas águas marítimas e pluviais dos rios Capibaribe e Beberibe.

¹⁴⁸ ASC F 091.

¹⁴⁹ *Era Nova*. Recife, 16 de fevereiro de 1895.

Outro periódico, referindo-se às Escolas Profissionais a serem iniciadas para os meninos carentes, fazia rasgados elogios ao Pe. L. Giordano, primeiro diretor da obra.

«Na quinta-feira última foi alli collocada a primeira pedra do edificio destinado às oficinas do Collegio, commettimento para o qual foram extraordinarios os esforços do Rvd. Giordani, digno e ativissimo director do estabelecimento, cujos bons resultados obtidos em 6 mezes apenas, já o publico os conhece e admira».¹⁵⁰

¹⁵⁰ *Jornal do Recife*. Recife, 16 de agosto de 1895.

SEGUNDA PARTE - A FUNDAÇÃO

CAP. III - O APELO DA SOCIEDADE

1. O povo, sua terra, seus problemas

Na formação étnica baiana,¹ sobressaem as pessoas de cor. O fenômeno é oriundo do processo histórico de sua formação social, ocorrendo notadamente em Salvador,² e Recôncavo baiano. Brancos e mestiços predominam nas demais regiões do Estado. Os índios não são numerosos. Entre eles os mais conhecidos são os Pataxós na região de Porto Seguro, Sul do Estado.

¹ O Estado da Bahia (566.968 km²) contava em 1997 com 11.801.810 hab. correspondendo a 7,6% da população do país. Ocupava o quarto lugar em relação aos demais Estados, com vinte e sete por cento (27,5%) da Região do Nordeste. A população concentrava-se nos aglomerados urbanos de Salvador (2.056.013 hab.), Feira de Santana e Vitória da Conquista. As cidades abrigavam 60% dos habitantes do Estado. Em termos econômicos, sua força de trabalho era bastante expressiva: 32% do total da população, o que equivalia à cifra de 3.800.000 habitantes.

² *Salvador* - Mística e envolvente, fundaram-na os portugueses na Bahia de Todos os Santos em 1549. Os navegadores, capitaneados por Pedro Alvares Cabral, quando em 1500 aportaram no lugar a que denominaram Porto Seguro, descobriram mais ao Norte um ponto propício à fundação da Capital da Colônia. Sua posição geográfica, além de oferecer mais segurança às naveas de além mar, facilitava outrossim as ligações com a Europa, África e Ásia. A topografia urbana apresenta-se rigorosamente dividida em Cidade Alta e Cidade Baixa. Ricas igrejas barrocas, antigas ruas coloniais, impressionantes conjuntos arquitetônicos. Um não-sei-que de enfeitante, fascinante e inexplicável, acaba envolvendo insensivelmente o visitante. A alegria de viver estampa-se na fisionomia do baiano. Parece não ter problemas, sua vida é uma prece feita de um sincretismo de religiões das culturas portuguesa, africana e índia. Um observador anônimo assim a descrevia: «Esta é uma terra mística, território de deuses. Sente-se esta energia no ar. Igrejas católicas ou terreiros de Candomblé, não importa. A fé de seu povo está presente em tudo; em sua arte, nas festas, em sua culinária». Salvador é um dos centros produtores da cultura brasileira. A ONU incluiu a cidade no Patrimônio Histórico e Artístico da Humanidade. A cidade foi a primeira capital do país, de 1549 a 1763. É ainda conhecida pelo pomposo título de Terra de Todos os Santos. Orgulhosamente os baianos afirmam que são 365 as Igrejas, uma para cada Santo dos dias do ano litúrgico. O secretário de Pe. L. Lasagna escrevia: «Na cidade encontram-se muitíssimas e riquíssimas Igrejas» [A. FERREIRA, *Uruguay e Brasile visti...*, in RSS 3 (1883) 323]. Afirmação que aliás não bate com a opinião de outro secretário, o Pe. Gusmão Calógero. O ilustre acompanhante do Pe. Paulo Álbera, não descobriu em 1901, tanta maravilha nos templos soteropolitanos. Talvez estivesse ainda um pouco cansado da longa caminhada. Hoje a megalópole se estende cada vez mais para o Norte com bairros modernos, avenidas de primeiro mundo e numerosas praias.

Os escravos angolanos apresentaram a velha capital da Colônia com um dos mais autênticos sinais de sua manifestação popular: a *capoeira*, um misto de dança e luta, sempre acompanhada pela música do berimbau, também de origem afro. Um historiador já pintara o Brasil como sendo «*mais um país afro-americano que luso-americano*». Realmente não se pode negar a enorme, colorida e rica influência da cultura dos filhos de Cam naquele país sul-americano, especialmente na terra de Rui e às margens da Guanabara. Não é ali que se concentrou a maior população negra, capturada nas terras africanas? Não se pode cassar o título de maior comprador de seres humanos, arregimentados compulsoriamente para trabalhar nas lavouras de café, nos partidos de cana, nas derrubadas das matas primitivas e nas escavações das minas em busca das pedras preciosas, riquezas que fizeram a grandeza de muitas nações de além mar!

Durante boa parte do ano a metrópole é uma festa, começando com o mundialmente famoso Carnaval de rua. O tradicional caruru de Cosme e Damião,³ em setembro, inicia o período das folias na cidade. A arquitetura, o folclore, as comidas típicas, as músicas, são características que não se esquecem, quando se visita a «Boa Terra». No entanto, como as demais cidades, Salvador também é flagelada por problemas, chagas sociais e violências. Já em fins do século passado seus líderes religiosos e políticos debatiam-se com a situação em que sobrevivia parte da população, sem trabalho e sem instrução. Na fase histórica que nos interessa, últimos anos do século XIX, um pouco antes da vinda dos Salesianos, alguns dos problemas sociais baianos provinham da abolição da escravatura, da febre amarela, da guerra de Canudos, da carência de instituições educativas e do deslocamento do eixo econômico para o Sul do país.

2. O início com os Vicentinos

As Associações Vicentinas, ou Conferências de S. Vicente de Paulo,⁴ obras de cunho assistencialista, colocam-se entre as grandes benfeitoras e propagadoras da Congregação salesiana em diversos países. As Con-

³ Cosme e Damião são os *Erês* do Candomblê. Erê é um espírito inferior.

⁴ Os Vicentinos têm sua origem em Vicente de Paulo, sacerdote francês, nascido em 1581 e morto em 1660. Famoso pelas obras sociais dedicadas aos pobres, fundadas ou orientadas por ele. Sua canonização aconteceu em 1737. No século XIX, Francisco Ozanan funda na França a Conferência de S. Francisco de Paulo, atuante na história salesiana do Brasil e do Prata.

ferências ajudaram na solução das dificuldades⁵ que Dom Bosco teve que arrostar ao sair da Itália e abrir suas casas no exterior.⁶ Os trabalhos de pessoas e organizações como os Vicentinos, divulgando seu nome e atividades, muito contribuíram para que os SDB se instalassem em países como França, Uruguai e Brasil.

As Conferências, constituídas unicamente por homens, tiveram seus quadros no Brasil, formados pela antiga burocracia rural, elementos da nova burguesia ou mesmo nobres.⁷ Os leigos católicos que a compunham tinham formação européia, não se podendo esquecer a contribuição que deram à Igreja no Brasil. O objetivo da organização era o atendimentos aos pobres, enfermos e necessitados. Seu trabalho não dependia do clero, embora colaborassem com a hierarquia no seu empenho pelas reformas. É o que aconteceu quando a Igreja brasileira resolveu romanizar-se, desligando-se do cordão umbilical do Estado-Império. Dom Macedo Costa em documento de 2 de agosto de 1890, contendo os pontos principais sobre a reforma da Igreja no Brasil, aconselha aos párocos que devem «fundar onde for possível as Conferências de S. Vicente de Paulo, presidi-las, dirigi-las, animá-las, coadjuvá-las.⁸ Em Niterói encontram-se ilustres membros daquela organização, que trabalharam incansavelmente, no sentido de que os salesianos se estabelecessem na cidade. Guilherme Morrisy⁹ inglês que veio morar no Brasil e

⁵ Entre os problemas enfrentados por Dom Bosco e Pe. Rua com relação aos missionários estavam os de ordem financeira e os relativos à qualificação de pessoal e a adaptação a diferentes línguas e culturas. Numa carta de Villa Colòn, escrita pelo Pe. Giordano ao Pe. Rua(?) em 1883, lê-se, a respeito das dificuldades com os idiomas: «Sabe que em alguns momentos nosso Colégio torna-se a torre de Babel! Mas, entendamo-nos, não pela desordem, pois entre nós aqui reina a melhor ordem, com a mais bela caridade, mas pela confusão das línguas. O piemontês sempre presente, depois vem o italiano, ouve-se também alguma palavra em inglês e fala-se francês. Misturamos também o espanhol, especialmente nas prédicas. Não basta ainda, já aparece o português. O nosso amabilíssimo senhor Inspetor, depois daquela excursão ao Brasil foi bombardeado por perguntas, dando esperanças a todos e fazendo promessas futuras». (ASC F 710).

⁶ Dom Bosco estava com 60 anos, quando em 1875, fundou suas primeiras obras fora da Itália e da Europa. Nice na França e Buenos Aires na América.

⁷ No Piemonte, na época Capital do Reino da Sardenha, um dos Presidentes da Conferência foi o Conde Cays de Caselette (nascido em 1815 e morto em 1882). Em setembro de 1878, tornou-se salesiano, estudou teologia e fez-se sacerdote de Dom Bosco.

⁸ R. AZZI, *Os Salesianos...*, Vol. I, p. 244.

⁹ O comerciante Guilherme Morrisy, falecido em 1894, esteve presente na Alfândega do Rio, quando da chegados dos primeiros padres de Dom Bosco. Fundador e primeiro presidente da Legião da Cruz (atuante em Juazeiro do Norte na época do Pe. Cícero

Antônio Correia de Mello¹⁰ estão entre os que devem ser citados. Ambos ao saberem da chegada imprevista dos missionários, prepararam-lhes apressadamente a acomodação. O imprevisto explica também o fato de os religiosos italianos não terem encontrado a chave da casa nem comida. No Recife encontramos o industrial Dr. Carlos Menezes¹¹ e o próprio G. Morissy, embora este residisse em Niterói.

Em Salvador no ano de 1849, o Primaz do Brasil, Dom Antônio Romualdo de Seixas funda a Conferência de S. Francisco de Paulo. A intenção do prelado era obter fundos para uma obra das Irmãs de Caridade. Elas viriam da Europa trabalhar em sua Arquidiocese.¹²

Os Vicentinos baianos preocupados com a formação e educação cristãs das crianças, resolveram batalhar para a fundação de uma Casa salesiana em sua terra. Capitaneados pelo seu presidente, Ten. Cel. Dr. José Leôncio de Medeiros,¹³ empreenderam, a partir de 1892, uma grande campanha para arrecadação de meios destinados à fundação de uma comunidade salesiana na Bahia¹⁴ O movimento envol-

Romão Batista, 1844-1934), o cooperador fluminense foi um dos executores do testamento de Dom L. Lasagna. A respeito, da chegada ao porto, escreve Pe. L. Lasagna a Dom Pedro Maria de Lacerda em carta de 17 de julho de 1883: «O senhor Morrissy teve a bondade de vir receber-nos a bordo. Com sua atividade e influência ajudou-nos admiravelmente a vencermos as chateações do desembarque e as espinhosas tramitações da alfândega. Tudo terminou bem não obstante o nosso caro Morrissy tenha enfrentado uma série de problemas e contrariedades que realmente nos levaram a admirar sua paciência e seu zelo». (L. LASAGNA, *Epistolario*, Vol. II..., carta Lasagna-Lacerda, Santa Rosa de Niterói, 17 de julho de 1883).

¹⁰ O senhor Antônio Correia de Melo falecido em 1887, foi procurador da Diocese do Rio e membro da Conferência de S. Vicente de Paulo. Um dos fundadores da Legião da Cruz e seu primeiro tesoureiro.

¹¹ Carlos Alberto de Menezes foi presidente da Conferência de S. Vicente de Paulo e do Conselho Central da Bahia. Juntamente com os esforços a favor dos Salesianos conseguiu para Recife as Irmãs da Sagrada Família e os Irmãos Maristas, dando assim oportunidade de educação não só para meninos, mas também para as meninas. É o fundador da Cia. Industrial Pernambucana, tentando por em prática em sua Indústria os princípios da *Rerum Novarum*.

¹² L. LASAGNA. *Epistolario*, Vol. II..., p. 22.

¹³ ASC F 545: A leitura de um trabalho sobre a obra salesiana no mundo entusiasmara o Dr. Leôncio também Chefe do Corpo Sanitário do Exército.

¹⁴ A Pastoral de D. Tomé se refere aos esforços da Sociedade de S. Vicente de Paulo para estabelecer um Colégio no Recife e do empenho da mesma para fundar um estabelecimento congênere no Estado da Bahia. A infância abandonada gravará no coração o nome de Dom Bosco, como já o fez com o de S. Vicente, afirma o prelado.

veu não só a sociedade metropolitana, mas também algumas cidades do interior. Conhecendo as dificuldades do empreendimento, entre outras como sempre, a carência de recursos para a fundação e sustentação do empreendimento, a Sociedade resolveu abrir uma Caderneta com aquela finalidade. O Conselho Central da Bahia resolveu patrocinar a deliberação do Conselho Particular de Salvador «tomada na sessão ordinária de agosto de 1892, no sentido de que fosse instalado, em nosso Estado, a Obra gloriosa e imortal de Dom Bosco». ¹⁵ A meta pretendida pelos confrades era ambiciosa e demandaria avultada soma não encontrada facilmente nos cofres da Sociedade. Seus poucos recursos provinham das cotas das Conferências e doações particulares oferecidas para socorro às famílias pobres e aos desamparados e sofredores. A situação entretanto não os fez desanimar. Enfrentando *incríveis dificuldades e inqualificáveis angústias* os devotos de São Vicente de Paulo lançaram-se à luta «abraçados a esse ideal sublime». O primeiro total do balanço da poupança foi de Cr\$ 3.000\$000, três Contos de réis, ¹⁶ evidentemente uma quantia irrisória para o que se propunham realizar. Os trabalhos não arrefeceram, realizaram-se festas beneficentes e propagandas. Dois anos após a deliberação do Conselho Particular, o caixa já apresentava o somatório de 4.020\$250. «Produtos de quermesses, somados a valores obtidos pelo Conselho Particular de Salvador, recolhidos os saldos de várias Conferências». ¹⁷

Ainda em 1894, os confrades Dr. Antônio Calmon de Pin e Almeida e Dr. Felinto Bastos acionam o futuro Governador, Dr. Luiz Vianna, Conselheiro do Império e o Barão de Jeremoabo, Presidente do Senado, a fim de que fosse apresentado um projeto concedendo um auxílio de 20.000\$000, para a criação de um Colégio Salesiano. A solicitação foi apresentada por Luiz Vianna e aprovada, resultando a Lei Estadual número 74 de 4 de junho de 1895. Para se receber a verba sobressaiu-se pelo esforço e tenacidade o 1º vice-presidente do Conselho Central Vicentino, Barão de Jeremoabo. A importância, depositada no Banco da Bahia, deveria ser entregue ao Conselho Central da Conferência de São Vicente de Paulo. O objetivo da verba era:

¹⁵ ACB: Raimundo ALVES DA ROCHA, *Vicentinos e Salesianos*, (Conferência). Salvador, 19 de janeiro de 1976.

¹⁶ Em 1942, começa o Cruzeiro, um mil réis correspondia a um Cruzeiro. Um Conto de réis equivalia a mil Cruzeiros.

¹⁷ ACB: R. ALVES, *Vicentinos...*

«a aquisição de um prédio, onde funcionasse um colégio destinado à educação de menores desamparados e dirigido pelos padres da Congregação Salesiana».¹⁸

Duas viagens do Pe. Lourênço Giordano à Bahia

O ano escolar de 1896 no Recife começou em 3 de fevereiro. Parece que as doenças adivinharam que o Colégio iniciava as aulas, pois se abateram impiedosamente sobre o pessoal. Do diretor Pe. L. Giordano, ao vice Clélio Sironi e aos outros Salesianos e alunos. Concedem-se alguns dias de férias, mesmo porque era Carnaval. Os Salesianos enfermos se abrigam na residência do sempre gentil senhor Carlos de Menezes, em Camaragibe. Pe. L. Giordano aproveita para ir à Bahia, onde encontraria melhor clima e poria em dia o desejo do Pe. M. Rua que já pensava numa obra salesiana ao sul de Pernambuco. O diretor do Recife faria uma visita de reconhecimento, em sua primeira viagem àquelas plagas. Em chegando a Salvador, foi recebido por Frei Ferrini, hospedando-se na residência do Presidente da Conferência Vicentina, Leôncio de Medeiros. Conversou com o Primaz, Dom Jerônimo Tomé da Silva,¹⁹ com Mons. Manfredo Lima e com a professora Amélia Rodrigues. Retornou ao Recife no dia 27 de abril.²⁰ A viagem foi um grande e importante incentivo ao trabalho dos Vicentinos.

O movimento tomou novo impulso, quando em 24 de maio de 1896, o Arcebispo Dom Jerônimo fundou, a Associação dos Cooperadores Salesianos, na presença dos membros do Conselho Central Vicentino, cujos pares ocupavam as cadeiras centrais do auditório. Na ocasião o bispo em eloqüente discurso, concitou o povo baiano a colaborar com

¹⁸ Ibid.

¹⁹ Jerônimo Tomé da Silva, nasceu na cidade cearense de Sobral, na época diocese de Fortaleza, em 12 de junho de 1849. Faleceu em Salvador aos 12 de fevereiro de 1924. Sua ordenação sacerdotal aconteceu na cidade de Roma em 21 de dezembro de 1872. Aluno do Colégio Pio Latino Americano doutorou-se em filosofia pela Universidade Gregoriana, em 3 de setembro de 1869 e em teologia pela mesma Universidade em 12 de agosto de 1873. Lecionou filosofia no Seminário de Olinda e italiano no Colégio pernambucano. Sagrado bispo de Belém em 26 de junho de 1890, em 12 de setembro de 1893 é transferido do Pará para Salvador da Bahia, Sede primacial do Brasil, criada em 1551.

²⁰ ACSR: *Crônica do Pe. L. Giordano*, in C. LEÔNCIO, *Sete Lustrós...*, pp. 29-30.

os Vicentinos na nobre causa que patrocinavam. Sobre o apelo do pastor soteropolitano e a atuação dos Cooperadores Salesianos trataremos mais à frente.

A cruzada dos Confrades envolvia não só o aspecto financeiro do problema, como também o da escolha de um local a ser adquirido para a finalidade almejada. Assim é que, em julho de 1896, o Conselho Central designa uma comissão, em sua maioria composta por médicos, para visitar uma fazenda, situada no bairro da Massaranduba. A inspeção realizou-se no mês de agosto seguinte, dia 16. Foram em bonde especial, em companhia do senhor Arcebispo. O local, no entanto não apresentava as condições necessárias. Uma segunda área foi vista em 1897, tratava-se de uma roça na baixa da Soledade. Naqueles dias encontrava-se na Bahia o Diretor do Colégio Salesiano Santa Rosa de Niterói, Pe. Luiz Zanchetta. Os observadores também descartaram o novo local.

Segunda viagem

Em setembro de 1897, os Vicentinos mandaram ao Recife o Dr. José Leôncio. Sua missão era convidar o Pe. L. Giordano para ir à Bahia, pois tanto para a Conferência, como para todos os que trabalhavam pela abertura de um espaço salesiano na cidade, era aquele o momento de se acertar a aquisição do terreno. O intervalo entre a primeira viagem, fins de março de 1896, sexta-feira Santa, quando chega a Salvador e a segunda, setembro de 1897, fora preenchido por intensa campanha que agora parecia dar seus frutos. Desta vez Pe. L. Giordano e L. Medeiros retornam a um sítio, já visitado na viagem anterior. Encontrava-se à venda numa colina da Cidade Alta na paróquia de Nazaré. As condições gerais do imóvel foram julgadas «excelentes», embora o valor pedido pelo proprietário, José Joaquim de Pinho, vulgo Caranguejo, fosse um tanto alto: 100.000\$000 (cem contos de réis). Esperançoso e confiante em Nossa Senhora Pe. L. Giordano teria lançado duas medalhas na entrada do terreno, próximo ao portão, exclamando: «Senhores, o negócio da compra desta casa, está entregue a Nossa Senhora Auxiliadora. Não é mais tempo de pensar, mas de agir»²¹.

O Dr. L. de Medeiros continuou as negociações com o senhor Joaquim de Pinho que afinal, mudou de idéia, reduzindo em 35 contos de

²¹ ASC F 545.

réis o valor anteriormente estipulado, aceitando o total de 65 contos. O problema financeiro porém continuava, não se dispunha da quantia. Após diversas negociações entre Giordano e Medeiros resolveu-se apelar para um empréstimo bancário. No dia 14 de setembro de 1897, ultimam-se os acertos e fecha-se o contrato, efetuando-se o pagamento à vista. A transação foi realizada com o Banco da Bahia, no valor de 50.000\$000. As letras foram assinadas pelo Pe. Lourenço Giordano, Dr. José L. de Medeiros e o Dr. Domingos José da Costa Guimarães. Finalmente o imóvel foi adquirido aos 28 de setembro de 1897, custando a quantia de 71.000\$000, incluindo as despesas cartoriais. O Caixa *Vicentinos-Salesianos* apresentava um saldo de 26.000\$000 que completou o montante exigido pelo senhor Caranguejo. Pe. L. Giordano comunica o fato²² ao Pe. José Lazzeri, encarregado das obras das Américas. Dirá que o terreno adquirido tem cerca de dois hectares, «estendendo-se dos pés ao cimo da colina. Sua largura é de mais ou menos 140 m por outros tantos de comprimento. No que não é ocupado pela construção, existe uma horta e um prado». Naquela mesma ocasião envia a Turim 6.000\$000, cerca de L. 5.000. (cinco mil Liras italianas) para a viagem dos primeiros missionários que viriam para a Bahia. Em telegrama comunica o envio da carta e a importância.²³

Rua Oratório Salesiano Torino
Bahia 11/3/50 V ML

²² Em 9 de outubro de 1897.

²³ A falta de melhores conhecimentos geográficos e de maior comunicação fez com que a importância de seis mil contos de réis dos salesianos brasileiros da Bahia fosse depositada no economato em Turim, na caixa dos salesianos argentinos da Inspeção de Bahia Blanca, a cerca de 400 km ao Sul de Buenos Aires, existente desde 1883. Simplesmente confundiram a Bahia do Brasil que chamavam de Bahia Negra, com a Bahia Blanca argentina. O desconhecimento geográfico era tal que Pe. Pedro Rota ao escrever (27 de julho de 1916) ao Pe. Gusmano Calogero, chama-lhe a atenção, a fim de que não confunda as duas Bahias. «Antes de embarcar do Rio para a Bahia (a negra não a branca, lembra-se?) no dia 19 do corrente, recebi, enviada de S. Paulo, a sua caríssima de 9 de junho, juntamente com os decretos de nomeação dos diretores da Bahia (confirmação) do Rio Grande e da Tebaida». Em outra correspondência do mesmo Pe. P. Rota lê-se: «Encontrome na Bahia (a negra) para os Exercícios Espirituais» (ASC F 545: carta Rota-Gusmano, Bahia, 27 de julho de 1916. *Ibid.*, carta de 2 de dezembro de 1924). Este episódio não é o único que demonstra a ignorância por parte do Primeiro Mundo das realidades ao sul do equador. Um boletim salesiano norte americano da década dos anos sessenta, confunde o Rio Negro argentino com o homônimo brasileiro da Amazônia. Enquanto a capa da revista traz o mapa do rio brasileiro, no interior do boletim fala-se do rio argentino.

Comprata Casa mando lettera denaro viaggio. Giordano. (A casa foi comprada, mando carta e o dinheiro para a viagem. Pe. Giordano).²⁴

Por coincidir a data com *O Dia da Exaltação da Santa Cruz*, o Colégio Salesiano da Bahia foi batizado pelos Vicentinos e pelo Pe. Giordano de *Liceu Salesiano do Salvador*.²⁵ A imprensa baiana,²⁶ em peso, divulgou o acontecimento.

Cidade do Salvador

«Bahia (Brasil) 25 de setembro 1897

A Imprensa bahiana e o Padre Giordano. Representante dos Salesianos. Em visita feita á imprensa, foi este distinto e benemérito sacerdote recebido de modo tão lisonjeiro e cordial que é nosso dever transcrever, como uma homenagem ao filho de Dom Bosco, as honrosas referencias que lhe foram tão justamente endereçadas».

Diário da Bahia

«Collegio Sallesiano - Tivemos a satisfação de receber em nossa sala de trabalho a visita dos Srs. padre Lourenço M. Giordani, director do Collegio Salesiano do Recife, conego Manfredo de Lima director dos Cooperadores Salesianos desta capital. O padre Lourenço Giordani veio a esta capital tratar da fundação do Collegio desta capital, onde já foi escolhida uma chácara no largo de Nazareth, para seu estabelecimento, tratando-se agora de fazer aquisição do predio e respectivo terreno».

A Bahia

«O rvm. Padre Giordani - Acha-se nesta cidade o rvm. Padre Lourenço Giordani, digno director do Collegio Salesiano do Recife. O illustre sacerdote veio expressamente tratar da fundação de um estabelecimento congenere do que è director naquella cidade».

²⁴ ASC F 545.

²⁵ De 1900 a 1962 chamou-se oficialmente *Liceu Salesiano da Bahia*. Em seguida: *Liceu Salesiano do Salvador*. Ambas as denominações podem ser encontradas ainda em nossos dias.

²⁶ ACB e ASC F 545.

O Republicano

«Collegio Salesiano - Recebemos hontem a honrosa visita do rvm padre Lourenço Giordani, director do Collegio Salesiano, de Pernambuco. O virtuoso sacerdote, entregue ha muito ao laborioso trabalho de difundir a instrução entre as classes desfavorecidas da fortuna, acha-se entre nós tratando da fundação do Collegio Salesiano, estabelecimento que se impõe pelas vantagens que delle auferiram os nossos pequenos irmãos, e que é requerido pelo progresso desta terra a quem o Collegio dos salesianos abrirá as portas de novos e risonhos horisontes».

Correio de Notícias

«Padre Lourenço Giordani - Distinctamente acompanhado e apresentado pelo nosso illustrado collega da Cidade do Salvador rvm. Sr. conego Manfredo de Lima, visitou-nos o sr. padre Lourenço M. Giordani que se acha neste Estado, incumbido de uma das mais honrosas commissões. S. ex. veiu tratar da installação de um collegio salesiano».

Diário de Notícias

«Padre Giordani - Em companhia do sr. conego Manfredo de Lima, illustrado redactor da Cidade do Salvador, deu-nos a honra de uma visita a esta redacção e revm. Padre Giordani, da benemérita congregação dos Salesianos que se acha nesta capital activando a fundação do Lyceu de Artes e Officios, e promovida pela Confraria de S. Vicente de Paulo para a educação dos orphãos».²⁷

Adquirida a área, espera-se ansiosamente o pessoal para a posse do imóvel. No dia 2 de novembro (1897) em reunião do Capítulo Superior aborda-se o problema da insistência do Pe. Giordano que continua solicitando e esperando os salesianos para a Bahia. Na Ata daquela reunião Pe. Lemoyne escreveu:

«Pe. Giordano, do Brasil insiste que se mande o pessoal para a nova casa da Bahia. O Capítulo delibera que esta casa não seja aberta antes de 1889 e que não se mande menos de seis irmãos».²⁸

²⁷ ASC F 545.

²⁸ ASC D 868: *Verbali Consiglio Superiore*, 2 de novembro de 1897.

3. O Arcebispo Primaz e a causa dos Salesianos

O Arcebispo primaz do Brasil, D. Jerônimo Tomé, foi um dos personagens mais atuantes na primitiva história salesiana da Bahia. Sua presença ficou marcada de modo especial em duas ocasiões. A primeira em maio de 1896, quando lançou numa Carta Pastoral um apelo convidando os fiéis baianos a se envolverem no trabalho por uma obra salesiana naquele Estado. Sua exortação era no sentido de que todos se movimentassem efetivamente, para ajudar e apressar a instalação dos religiosos de Dom Bosco na Bahia. O pedido incluía também o aspecto financeiro. Na ocasião o Arcebispo da Bahia, referindo-se às crianças abandonadas que perambulavam pela cidade, dirigia-se aos ricos e poderosos da sociedade baiana:

«Filhos, esses meninos que vedes derramados pelas ruas sem abrigo, olhados com desprezo e escarneo pela maior parte dos homens são nossos irmãosinhos. Têm a mesma natureza, foram feitos, como vós, á imagem de Deus, foram remidos, como vós com o mesmo sangue de Jesus. Andam cobertos de andrajos e sofrem privações, não encontram uma mão protectora que os livre de tantas miserias».²⁹

Outro momento do envolvimento afetivo e efetivo com os Salesianos, aconteceu a 17 de junho de 1896, quando de uma conferência feita em seu Palácio. Na ocasião, reunindo parte de seus fiéis, fundou a Pia Associação dos Cooperadores Salesianos.

A atuação do bispo não consistiu apenas em falar ou escrever sobre os religiosos que desejava em sua Arquidiocese. Em 1895,³⁰ foi recebido

²⁹ Anexo III: *Apelo de Dom Jeronymo Thomé da Silva*.

³⁰ «Quando no ano passado fomos a Roma *videre Petrum* [ver Pedro, isto é o Papa] na pessoa do augusto Pontífice Leão XIII, ligeira excursão que fizemos pela Itália, ofereceu-nos o grato desejo de visitar a casa de Dom Bosco em Turim. Alegremente recebido pelo seu sucessor o Rvmo Sr. Padre D. Miguel Rua, percorremos todo o estabelecimento que conta para mais de dous mil alumnos». (Carta-apelo de 24 de maio de 1896). D. Jerônimo passou nove meses pela Europa. Além do Oratório de Valdocco, esteve na obra de San Pier d' Arena, em Veneza e Portugal. Em 1890, quando de sua viagem a Roma para a consagração episcopal, Dom João Cagliari havia insistido com ele, a fim de que visitasse o Oratório de Turim. Naquela ocasião não foi possível. Assim, o bispo da Patagônia apresentou seus colegas: «São Dom Jerônimo Thomé da Silva, do Pará e Dom Joaquim Arcoverde, de Goiás. Aconselhei-os a passar pelo Oratório e demorar-se alguns dias. Eles desejam conhecer nossa Casa e nossas coisas e estão decididos em dar um forte assalto no Senhor Pe. Rua para conseguirem Salesianos. Acolhei-os bem pois são nossos grandes amigos». (A. FERREIRA, *Unità nella diversità...*, pp. 16-17).

pelo Pe. M. Rua em Turim. O prelado ficou muito impressionado com o que observou no Oratório São Francisco de Sales: oficinas de sapateiros, ferreiros, marceneiros e alfaiates. Prelos a vapor e tipografia modernos com imensas salas para compositores, encadernadores, estamarias de música e diversas obras impressas em várias línguas. Dom Jerônimo Tomé expôs ao Pe. M. Rua seu pensamento e a necessidade de a Diocese da Bahia possuir um estabelecimento congênera. A resposta do Superior Geral foi satisfatória e esperançosa. Aguardava apenas que as circunstâncias fossem mais favoráveis.

O bispo, após dizer da alegria dos meninos, da sua robustez física, do empenho com que se dedicavam aos trabalhos, concluiu: «tudo allí tem vida, tudo trabalha, tudo glorifica a Deus». O Primaz do Brasil fala entusiasmado ao Sucessor de Dom Bosco sobre as visitas que fizera às casas salesianas de Niterói e S. Paulo.

O prelado chama a atenção de seus leitores para a necessidade que o homem tem de cultivar os princípios da religião. A sociedade terá sérios problemas, caso queira esquecer, desfazer-se destas normas. Tornar-se-á impotente diante do caos que se criará e a mesma autoridade arranhada não terá condições para agir. Um povo sem religião, afirma o documento, não tem consciência e facilmente cairá na tentação de abolir a autoridade, partindo para a rebelião. Lembra S. Tomás de Aquino, quando afirma que a obediência baseada no temor é insegura. Poderá desabar a qualquer momento, explodindo a violência incontrolada, irracional. A religião educa, forma, humaniza a criatura. Nosso coração estremece, afirma D. Jerônimo, se não é petrificado pelos vícios e pela irreligião. E estas prerrogativas para serem objetivadas devem ser dosadas com o tempero da dedicação, da entrega e do amor. É neste sentido que Dom Bosco ensinava a seus religiosos que a educação é coisa do coração. Dom Jerônimo cita um trecho de Leão XIII, quando o Pontífice se referia à sobrenaturalidade da obra de Dom Bosco:

«A obra de Dom Bosco é, sem dúvida, extraordinária, excede as forças humanas, pois não se concebe que um homem só, desprovido de meios materiais, um sacerdote pobre e humilde, haja podido fazer em breve tempo, pois breve tempo são trinta ou quarenta annos, as maravilhas que, assombradas, contemplan a Europa e a América».³¹

³¹ ASC F 545.

Há momentos em que o apelo do antístite se reveste de um testemunho comovente de seu amor pela juventude abandonada e de um forte convite aos seus *dilectissimos filhos*, para que trabalhem «em favor do Collegio Salesiano que projectamos fundar aqui na Bahia». Referindo-se ao «caridoso protetor dos meninos», o Primaz lembra as palavras do então clérigo Bosco:

«Se um dia chegar a ser padre consagrarei toda a minha vida aos meninos. Chamal-os-hei, far-me-hei delles amado, dar-lhes-hei bons conselhos e farei todo o empenho para que alcancem a salvação eterna».³²

A Circular de 1896, em seus últimos parágrafos, lamenta a falta de colégios na Bahia para meninos pobres e faz um apelo aos ricos, a fim de que trabalhem pela nova empresa religiosa e social que cuidará dos irmãos cobertos de andrajos. O bispo encerra seu apelo, prometendo que irá criar uma Comissão para angariar meios financeiros para a benemérita Sociedade de S. Vicente de Paulo. Pede que todos colaborem com ajudas materiais e morais em benefício do empreendimento. A referida Comissão teria duas finalidades: cuidar das crianças infelizes, ajudando-as a serem mais tarde úteis à sociedade e conseguir meios para a fundação de uma obra salesiana na cidade.

4. Os Cooperadores Salesianos

Os Cooperadores Salesianos da Bahia estão originariamente unidos a D. Tomé. Com efeito, quatro anos antes que os filhos de Dom Bosco chegassem à cidade, o Arcebispo já fundava ali o terceiro ramo da Família Salesiana. Conhecendo a história dos Cooperadores, sabia que o grupo iria apressar a realização do seu objetivo. O Boletim Salesiano³³ refere-se a uma Conferência de D. Tomé, acontecida em 24 de maio de 1896. Na ocasião o primaz solicitava ajuda para a fundação de um Instituto Salesiano na Bahia. No mês seguinte, o pastor baiano funda a Pia União dos Cooperadores Salesianos, concitando *a todos a dar o próprio nome para apressar com ajudas materiais e morais a vinda dos Salesianos para a Bahia*. A partir daquele momento o grupo passou a trabalhar oficialmente perseguindo o mesmo objetivo pleite-

³² Ibid.

³³ BS 11 (1896) 328-329 e BS 12 (1905) 376.

ado pelos Vicentinos que gozavam efetivamente das bênçãos de sua Excelência.

A imprensa baiana que exerceu papel preponderante na divulgação e propaganda a favor dos Salesianos fala sobre o acontecimento, realizado no palácio do Arcebispo. O articulista de *O Bahia* com o título *Primeira Conferência Salesiana* resume o discurso de D. Tomé em dois pontos: a) Inauguração nesta capital da Pia Associação dos Cooperadores Salesianos. b) Leitura do apelo dirigido aos baianos para a fundação de um Internato destinado a educação dos jovens abandonados, sob a direção dos beneméritos filhos de Dom Bosco.

Os novos CC SS logo se puseram em campo. O desejo de verem uma obra de Dom Bosco em sua terra era tal que resolveram comunicar-se diretamente com o Pe. M. Rua enviando-lhe um emocionado pedido.³⁴ O memorial com 40 assinaturas apresentava como primeiro assinante o Cônego Manfredo Alves de Lima, Diretor dos Cooperadores Salesianos. Em seguida vinham as firmas do Conselheiro Braulio Pereira, membro do Superior Tribunal de Justiça do Estado; do Dr. José Leôncio de Medeiros e de Amélia Rodrigues. As visitas do Pe. L. Giordano que estruturou melhor a Pia União e a do Pe. Luiz Zanchetta,³⁵ foram um grande impulso para o Centro.³⁶

Nas primeiras décadas, o Liceu teve a presença constante e ativa dos Cooperadores (incluindo-se na Associação a Arquiconfraria de N. Sra. Auxiliadora), quer na organização de festas, conferências e quermesses em benefícios dos órfãos quer, em atividades litúrgicas programadas pela Associação. Em 1914, preparava-se o Congresso de Cooperadores em S. Paulo. Pe. Paulo Consolini (1882-1961) vem ao Norte fazer palestras sobre o evento. Na Bahia é recebido com muita satisfação e reverência. Aos Cooperadores baianos fala sobre *A vocação e formação de Dom Bosco*

³⁴ ASC F 545: 24 de maio de 1898. Anexo IV.

³⁵ Pe. L. Zanchetta esteve na Bahia em 1897, quando foi escolhido para ser diretor da Pia União dos Cooperadores. Pe. Giordano fala desta viagem, deixando supor que Zanchetta gostaria de fixar residência na velha capital da Colônia. (ASC F 545: carta Giordano-Lasagna, Camaragibe, 12 de abril de 1897).

³⁶ Os Cooperadores baianos passaram vários anos inativos. A Organização praticamente desapareceu, retornando às atividades, quando se tratou da construção do Santuário de N. Senhora Auxiliadora, inaugurado em 1938. Nos dias atuais, entretanto, continua naquela presença salesiana um numeroso grupo de leigos e leigas que sem breví de Cooperadores merecem o reconhecimento e o aplauso pelo muito que fazem junto aos salesianos. Entre eles encontram-se funcionários e outros colaboradores que exercem as mais variadas funções na obra, na qualidade de voluntários na pastoral do Oratório dominical.

até ao início de sua formação. O senhor Arcebispo nomeia uma Comissão especial para estudar os temas: *Propagação da devoção a Maria Auxiliadora; Obra das vocações eclesiásticas e religiosas; Instituição das Filhas de Maria*. Faziam parte do grupo escolhido pelo bispo, além do Pe. C. Sironi, a professora Amélia Rodrigues, Mons. Zacarias Luz, Dr. Theodoro Sampaio, Sr. Aloísio de Carvalho, Diretor do *Jornal de Notícias* que divulgou matéria a respeito do encontro a ser realizado. A comissão reuniu-se três dias depois, aos 19 de julho de 1914. O Congresso dos Cooperadores foi adiado por motivo da crise oriunda com a Primeira Grande Guerra.

Outros temas, em geral de cunho sócio-religiosos, realizados pela Associação e pelas Damas de Maria Auxiliadora apresentaram os seguintes títulos: *A questão social e sua solução prática pelos Salesianos*, pronunciada pelo Pe. Manoel Pacheco, jesuíta português; *Os Cooperadores Salesianos e o ideal de Dom Bosco*, conferência do Pe. Antônio Ferreira, SJ, abordava o ensino religioso nas escolas. Em junho de 1918, os CC SS assistiram a uma explanação a respeito do *Papel da mãe especialmente com relação à moça*. Outro conferencista foi ainda um filho espiritual de S. Inácio, o Diretor do Colégio Antônio Vieira, Pe. Antônio M. Alves que dissertou sobre as *Missões do Mato Grosso e do Rio Negro*. O orador fez um paralelo entre os Jesuítas do Paraguai e os Salesianos, citando trechos de Chateaubriand sobre as missões aos infiéis. Ao final dirige um apelo aos ricos em favor dos pobres e pede orações pelo Liceu. O Pe. Epifânio Borges, conselheiro escolar também foi dos palestrantes convidados pelos CC SS. Normalmente feitas pela manhã, a do Pe. Conselheiro teve que ser à noite.

«Infelizmente não compareceu a assistência seleta da manhã, pois teria sem dúvida, conseguido destruir uns tantos preconceitos que a respeito do Lyceu têm não poucos dos que se dizem benfeitores do mesmo»³⁷.

³⁷ ACB: Crônica, maio de 1921. A observação é do Pe. João Kaiser, o cronista da época. Não conseguimos descobrir o movente dos tais preconceitos. Pelo visto poderíamos supor tratar-se-ia das freqüentes saídas dos alunos do Liceu, para participarem de festas religiosas ou sociais; ou ainda sobre o tratamento diferenciado entre aprendizes e estudantes. Pe. P. Rota trata do assunto em uma de suas visitas. Quanto às inúmeras saídas dos alunos da banda e escola de canto, o comentário poderia ser no sentido do tempo que teriam disponível para os estudos. Os exames feitos regularmente e sob o controle oficial, não falam de reprovações, mas de sucessos. Será que o fato de serem na maioria órfãos ou carentes tinham um tratamento um pouco mais brando, quando se tratava da avaliação da aprendizagem? Não cremos. Os pagantes internos ou externos por vários anos foram

Entre os inúmeros cooperadores que se distinguiram nos primeiros tempos do Liceu, estava José Alves Ferreira, Barão de S. Raimundo. Aquele cidadão ao falecer (1914) deixou para o Salesiano 30 apólices de hum conto de réis cada. Com a doação havia algumas obrigações que os herdeiros deveriam cumprir. Uma delas preceituava que os órfãos deveriam assistir na Igreja da Piedade a Missas anuais pela alma do Barão e da Baronesa sua esposa. Outra mandava colocar flores e acender velas aos domingos nos túmulos de ambos. Faziam parte da doação 10 Contos de réis que deveriam ser depositados em banco. Os rendimentos serviriam para premiar todos os anos, aos alunos que mais se distinguissem nos estudos. O nome dos prêmios deveriam ser: Prêmios Barão e Baronesa de S Raimundo. Após a execução do testamento, o que sobrasse deveria ser dividido em três partes (não se diz se iguais), sendo uma delas para o Liceu Salesiano.

Da. Olga Corrado,³⁸ exímia benfeitora do Santuário de N. Senhora Auxiliadora, sempre lembrava as Missas do barão.

5. As doenças em Pernambuco e a obra da Bahia

Um dos sérios problemas que os missionários europeus tiveram que enfrentar no Brasil foi o das enfermidades.³⁹ Na época algumas cidades brasileiras, como certas áreas do Velho Continente eram muito insalubres. No Norte do Brasil os educadores piemonteses provenientes de uma zona temperada, não estava acostumado aos rigores climáticos, às usanças e ao regime alimentar dos trópicos. Deste modo, a si-

em número reduzido. Os pais que podiam pagar e que não deveriam ser tão poucos, escolheriam propositadamente outros Educandários mais exigentes? Praticariam algum tipo de discriminação, evitando que seus filhos estudassem juntamente com os órfãos da guerra social e os outros órfãos? Os documentos não respondem a estas indagações que podemos fazer. Certamente os que, segundo Kaiser estavam insatisfeitos, não eram contrários à formação artística dos meninos, mas à sua supervalorização. Poderia estar interferindo negativamente em sua formação acadêmica e ou profissional. Os órfãos eram também bons de bola. Certa vez em amistoso com os alunos do Aprendizado Agrícola de Juazeiro da Bahia (cerca de 508 km de Salvador), os juazeirenses levaram a pior por 4 x 1.

³⁸ Da. Olga faleceu em Salvador, em abril de 2000.

³⁹ Pe. Luíz Marcigaglia referindo-se aos primeiros salesianos que trabalharam no Brasil, descreve a tragédia de 1903, ocorrida em Niterói e no Vale do Paraíba. (L. MARCIGAGLIA, *Os Salesianos ...*, Vol. I, pp. 115-130). Em apenas 86 dias a febre amarela ceifou a vida de dois sacerdotes e cinco clérigos, além de outras quatro pessoas não salesianas e mais três funcionários. Onze cortejos fúnebres saíram do Santa Rosa naqueles dias fatídicos.

tuação em Pernambuco apressou a fundação baiana. Uma saída estratégica da planície mauricéia para a colina de Nazaré. No Sul, as endemias chegaram a fechar temporariamente obras como o Colégio S. Joaquim de Lorena (iniciado em 1890) e o S. José⁴⁰ de Guaratinguetá, aberto em 1899.⁴¹

O neo-sacerdote Pe. C. Sironi,⁴² treze dias após a chegada ao Recife, escrevia ao Superior Geral. Entre outros assuntos dizia que o clima não era muito excessivo, inclusive classificava-o de temperado. As noites eram naturalmente fresquíssimas, até porque estavam próximos ao mar que *durante a maré alta se aproximava dos muros do nosso jardim*. Concluindo, afirmava Sironi:

«portanto estamos bastante bem com este clima que dizem não ser de modo algum favorável aos europeus. Até agora temos um ótimo apetite, e a sede tão intensa dos primeiros dias vai diminuindo».⁴³

Ao escrever estas palavras o futuro diretor do Liceu não conhecia ainda muito bem as condições sanitárias de sua nova cidade. A comunidade pernambucana pagaria também seu tributo aos males dos trópicos, embora não tanto em quantidade e intensidade como os que se registraram às margens da Guanabara. Isso porém, não significa que na Mauricéia as enfermidades tenham sido leves e rápidas. Por diversas vezes os salesianos se viram obrigados a fugir temporariamente da cidade, para «onde os ares e o clima eram mais benignos». Já aludimos ao fato,

⁴⁰ Sobre o fechamento definitivo deste Colégio veja-se o episódio do ultimato enviado ao Inspetor Pe. P. Rota por Mons. Filippo: «Ou tudo ou nada», Os Salesianos escolheram o «nada». (L. MARCIGAGLIA, *Os Salesianos...*, Vol. I, p. 101).

⁴¹ Nos capítulos VIII e IX de Marcigaglia, encontra-se um histórico sobre as experiências de combate ao mosquito *stegomyia*, transmissor da febre amarela. Há também uma rápida biografia dos mortos salesianos naqueles tormentosos dias.

⁴² Pe. Sironi foi ordenado no dia 4 de novembro de 1894. Em 1896, substituiu o diretor Pe. Giordano que aconselhado pelo médico parte no dia 3 de maio, a Europa para tratar da saúde. Antes, já havia passado alguns dias fora do Recife. O Dr. Carlos Alberto Menezes, amigo e benfeitor dos Salesianos o acolhera em sua residência de Camaragibe, na época a cerca de uma hora da cidade.

⁴³ ASC F 531: carta Sironi-Rua, Recife, 23 de dezembro de 1894. L. de Oliveira cita parte desta missiva em *Centenário da Presença Salesiana no Norte e Nordeste do Brasil*. Vol. I, Recife, Escolas Dom Bosco de Artes e Ofícios 1994, pp. 31-32. Vale a pena ler a descrição geográfica do primitivo terreno do Salesiano e cotejá-la com a situação edilícia atual.

quando afirmamos que no início de 1896, os problemas de saúde foram tais que as aulas tiveram que ser suspensas. O vice-diretor Pe. C. Sironi e outros salesianos enfermos transferiram-se para a residência do benfeitor Dr. Carlos A. Menezes.

O diretor Pe. L. Giordano afirma que a fraqueza, o mal-estar e a prostração eram gerais, acompanhadas de fortes dores de ventre. Os médicos atribuíam à situação sanitária da cidade e às suas águas. Estavam doentes Pe. L. Giordano, Pe. C. Sironi, os clérigos Della Valle⁴⁴ e Sierkiewscz e o coadjutor Carlos Garino. Alguns deles foram mandados para o Sul do país. A luta contra as enfermidades locais não era desconhecida por Turim. Pe. L. Giordano em uma de suas várias cartas aos superiores comunica ao Pe. José Lazzero⁴⁵ que não pode preparar o balancete porque passou muito tempo na cama. Dada sua irreconciliabilidade com o clima, os médicos aconselharam-no a dormir e passar a maior parte do tempo fora do Recife.⁴⁶ Em julho volta a falar de sua saúde, dizendo-se melhor, mas a sonolência constante não lhe permite trabalhar. No ano seguinte, continuam as lamentações um tanto quanto psicóticas. Enquanto repousa na residência do senhor Menezes dá notícias ao confidente Pe. J. Lazzero (1837-1910).

«Estou melhor, mas continuo ouvindo freqüentemente a frase: “se não queres que a enfermidade torne-se crônica, tens que sair do Recife, durante o verão”. Em três anos recaí oito vezes ...com dores que não desejo aos cães e que me levam à cama por semanas. Deixam-me abatido, sem ânimo e obrigando-me a passar tempos e tempos fora do colégio.⁴⁷»

⁴⁴ Luiz Della Valle é de Albenga (Gênova) nascido aos 10 de novembro de 1872. Seu primeiro Colégio foi Val Salice depois Foglizzo. Em 26 de outubro de 1892, recebeu do Pe. Miguel Rua a veste clerical, fazendo a profissão perpétua em outubro de 1893. Ainda clérigo fez parte da comunidade do Recife voltando a Turim, onde se ordenou sacerdote. Logo após retorna ao Recife (1899), onde aguarda a fundação do Liceu Salesiano da Bahia. Em Salvador deveria ser ecônomo porém termina sendo nomeado o primeiro diretor da obra. Pe. Domingos Molino escolhido anteriormente não pode assumir. Pe. L. Della Valle foi um incansável desbravador amava a Bahia, seus órfãos e gozava a estima de todos que o conheciam. Juntamente com Pe. Lourenço Giordano fundou a Escola Agrícola da Tebaida em Sergipe. Faleceu no Oratório de Valdocco, aos 25 de maio de 1914.

⁴⁵ Fazia parte do Conselho Superior e era o encarregado da correspondência com os missionários.

⁴⁶ ASC F 545: carta Giordano-Lazzero, Pernambuco, 14 de março de 1898.

⁴⁷ *Ibid.*, carta Giordano-Lazzero, Camaragibe, 27 de janeiro de 1899.

A situação tornou-se mais preocupante quando⁴⁸ a febre amarela fez sua primeira vítima fatal em Pernambuco, na pessoa do clérigo Benjamim Casale da comunidade do Colégio Orfanológico S. Joaquim,⁴⁹ outra obra social dos salesianos no Recife que posteriormente passou a funcionar na cidade de Frei Caneca, interior do Estado. Qual não deve ter sido o sofrimento de sua família na Itália! Ele havia chegado de Turim no mês anterior. Juntamente com o clérigo Luiz Rigotti tinham vindo ao Brasil para serem missionários.

Os diversos casos fatais ocorridos no Orfanotrófio e seus arredores, eram atribuídos à falta de higiene, até porque os cuidados com a saúde pública eram deficitários. Sobre esta problemática o senhor Olavo Almeida Águeda deixou um testemunho.

«O falecimento do Cl. Benjamim Casale, a doença do Pe. Pedro Ghislandi, bem como a morte de alguns alunos, não se pôde deixar de atribuir ao estado anti-higiênico do colégio S. Joaquim, localizado nas proximidades de um forno de incineração que não funcionando, servia apenas de depósito de quase todo o lixo arrecadado na cidade, onde proliferava um aluvião de moscas».⁵⁰

Fazia-se necessária uma providência rápida, reclamada pelo pessoal dirigente e pelos médicos a que faziam coro os jornais. A dificuldade estava em achar um prédio adequado.⁵¹ Na pasta sobre o Colégio Salesiano do Recife encontramos em 4 de dezembro de 1897, mais uma carta de Pe. L. Giordano ao Pe. J. Lazzero, dando conta de suas doenças e lamentando o clima durante as primeiras chuvas. No ano seguinte as enfermidades continuam martirizando os salesianos. Refugiam-se nas residências de duas senhoras benfeitoras.⁵² Correspondência da época afirma que os problemas de saúde no Colégio fizeram com que diminuísse

⁴⁸ Em 24 de fevereiro de 1904.

⁴⁹ A direção daquele Orfanotrófio foi assumida pelos Salesianos, quando da visita do Pe. Álbera ao Recife, em 1901. Maiores informações em C. LEÔNCIO, *Sete Lustrros...*, pp. 85-95 e L. de OLIVEIRA, *Centenário da presença...*, pp. 63-64. L. MARCIGAGLIA, *Os Salesianos...*, pp. 110-111. Interessante saber como os SDB foram recebidos no ambiente do Frei Caneca. Quais as reações dos alunos, as respostas dadas pelos novos administradores do Orfanotrófio.

⁵⁰ ASC F 545.

⁵¹ C. LEÔNCIO, *Sete Lustrros...*, p. 88.

⁵² Da. Maria Ana Barreto de Sousa Leão, do Engenho Macugé, próxima à Escola Agrícola de Jaboatão-Colônia e Da. Maria Lacerda de Menezes, esposa do Dr. Carlos Alberto de Menezes (em Camaragibe).

o número dos alunos, bem como tenha sido reduzida a subvenção estadual do novo governo Corrêa de Araújo. Algumas pessoas, inclusive o Pe. M. Rua,⁵³ chegaram a pensar que as dificuldades por que passavam os Salesianos em Pernambuco eram um sinal de que a Providência não os queria ali. Pe. L. Giordano ao invés, entendia que tudo aquilo era resultado de muito trabalho e nenhum descanso. Sua situação psicológica é tal que escreve a Turim e não tem coragem de expedir a correspondência. É o caso de uma carta ao Pe. M. Rua, «feita de joelhos suplicando que não diferisse a abertura da casa da Bahia para o próximo ano. Embora bem pensada e estudada não tive coragem de enviá-la. Seja feita a vontade de Deus».⁵⁴

O diretor do Recife vive angustiado, abatido pelas doenças e outros tipos de contrariedades. O que ainda o conforta é a espera dos irmãos que virão proximamente da Itália. A situação têm causado estragos também na economia fazendo muitos buracos.⁵⁵ As tais doenças palustres, ou febres, atacam desta vez estômago e pulmões do Pe. L. Giordano. Não podia ler, escrever ou aplicar-se em coisa nenhuma. Consultou-se com quatro médicos, um dos quais recomendou que devia continuar passando as noites fora do Recife. Vai mais uma vez para Camaragibe.⁵⁶

A poluição das águas recifenses atribuía-se às tubulações precárias da cidade. Este fato foi mais tarde reconhecido como o real causador dos males. É possível também que os mangueses da chamada Ilha do Leite e que ladeavam o terreno, tivessem alguma influência na saúde dos que habitavam a casa do Mondego. Precisamente no muro, a Leste do atual parque aquático do colégio que separa a piscina do terreno vizinho, ficava um pequeno ancoradouro, em meio a terrenos infectos. Ali aportavam os barcos que subiam ou desciam pelo Capibaribe, trazendo os mantimentos para o colégio.⁵⁷ Hoje tudo aquilo está saneado, coberto de asfalto e com belas mansões.

⁵³ Manifesta este pensamento ao Pe. Giordano, C. LEÔNCIO, *Sete Lustrós...*, p. 32.

⁵⁴ ASC F 545: carta Giordano-Lazzerro, Pernambuco, 17 de maio de 1898.

⁵⁵ *Ib.*, carta Giordano-Lazzerro, Pernambuco, 4 de julho de 1898.

⁵⁶ ASC F 545.

⁵⁷ Na época o transporte urbano tanto do porto do Lameirão para o centro da cidade, como para os bairros e entre si, era feito pela tração animal. As pessoas mais aquinhoadas usavam os Coches da Casa Agra, os Cabriolés, ou os Coches das Cocheiras dos Coelhoos. Os demais usuários, menos abastados, serviam-se dos chamados bondes de burro. As febres como o impaludismo que martirizaram nossos missionários eram, segundo se pensava, ocasionadas pela presença das várias cocheiras dos muare nas imediações da residência dos padres.

A problemática sanitária dos arredores do Mondego reforçou a idéia de se adquirir um outro local nas imediações do Recife, onde os salesianos pudessem refugiar-se dos malefícios ambientais da capital. Partiu-se assim para se adquirir a área, onde se fundou a Escola Agrícola S. Sebastião, município de Jaboatão,⁵⁸ a cerca de 19 km. do centro recifense.

Já se vão cinco anos da presença salesiana em Recife. As doenças continuam a flagelar tanto religiosos como alunos. Pe. M. Rua preside mais um encontro do Conselho Superior.⁵⁹ As enfermidades e a fundação da Bahia vêm à baila, pois Pe. L. Giordano continua doente e insistindo pela abertura daquela casa, onde o clima é melhor. No entanto nada é resolvido de imediato.

A família do clérigo Della Valle, apavorada com a situação no Brasil, pede ao Pe. M. Rua que o filho retorne à Itália. Pe. L. Giordano continua insistindo com Pe. J. Lazzero. Solicita pessoal e notícias a respeito da Bahia. Refere-se aos poucos Salesianos em uma obra (a do Recife) com 115 aprendizes e muito cansaço nos irmãos. Ele mesmo teme recair pela nona vez. O bravo missionário chega a dar um puxão de orelhas no Inspetor das Américas.

«Vejo que também o senhor leva as coisas na brincadeira! Encontro-me no ponto de tomar uma boa resolução. Senhor D. Lazzero, estou absolutamente precisando de repouso para me reconstituir das conseqüências do grande abandono em que me deixaram e continuam a deixar-me».⁶⁰

⁵⁸ Escrevendo sobre as benemerências da Casa de Jaboatão, Pe. L. Giordano mostra grande simpatia pela obra: «Deus bendiga esta Casa e lhe conceda a fecundidade, de modo que se torne logo uma Foglizzo em miniatura, um Saint-Pierre de Canon (fundação na França), ou un Burwash (fundação na Inglaterra). Um outro serviço nos presta esta benedita Colônia, o de oferecer aos irmãos da capital um lugar de saúde e reforço. As vizinhanças de Pernambuco são todas mais ou menos amenas, mas esta zona de Jaboatão é a melhor de todas. Parece impossível que a uma hora de viagem do litoral cheguemos a um lugar tão diferente quanto ao clima e à vegetação. É uma boa ajuda para a nossa saúde, freqüentemente muito atingida pelas febres nestes cinco anos. E, a propósito, devo dar-lhe uma boa notícia. Talvez tenham descoberto onde a serpente esconde a cauda, como se diz proverbialmente, isto é, a origem das febres. Faz algum tempo o problema agita os meios médicos. Tem-se, com muito fundamento que a causa principal é o envenenamento da água potável. O encanamento e o tubo condutor da água das casas é quase todo de chumbo de má qualidade. E como a água é bombeada através de máquinas a vapor, estes corroem facilmente os tubos condutores, desenvolvendo boa dose de óxido de chumbo. O governo tomou medidas para debelar o mal». BS 24 (1900) 225-227.

⁵⁹ ASC D 868: VCS, 9 de janeiro de 1889.

⁶⁰ ASC F 531: carta Giordano-Lazzero, Pernambuco, 28 de março de 1899.

Em fins de março ou início de abril o fundador da Inspeção do Nordeste do Brasil, sente-se sempre mais impaciente, enfermo e «preocupado além disso com o negócio da fundação da casa da Bahia e do pessoal salesiano que espera obter». *Tomando uma boa resolução*, deixa tudo no Recife com seu vice-diretor Pe. Clélio Sironi e viaja a Turim.⁶¹ Espera conseguir o pessoal da Bahia, bem como descansar física e espiritualmente. Possivelmente nesta viagem tenha acertado em Valdocco, a ida à Europa do clérigo Della Valle e sua ordenação. No Piemonte os superiores e a família insistem em uma maior permanência, dadas as condições precárias de sua saúde. Ele porém, resolve voltar ao Brasil, preocupado que estava em encontrar um lugar de repouso para os salesianos e pensando sobretudo na fundação da casa da Bahia. Quando retorna ao Recife, aparece mais disposto e mais esperançoso. Logo depois, através de carta do Pe. J. Barberis recebe a «alegre notícia» sobre a vinda de mais cinco salesianos para a Bahia. «Deo Gratias», exclamava.

Em agosto de 1899, comenta-se em Valdocco a observação feita pelo bispo da Bahia sobre os salesianos de Pernambuco. Dom Tomé dizia que eles não gozavam de boa saúde, porque não queriam tomar certas precauções pequenas, mas necessárias. E acrescentava secamente o prelado baiano que o Diretor deveria ser mudado por um administrador melhor.⁶² Parece que a advertência do Primaz foi levada a sério. O Conselho Superior em outubro incluirá na pauta assuntos referentes ao Brasil. Lemoyne apenas escreve em suas notas: «Tomam-se disposições para o desenvolvimento da Inspeção do Brasil».⁶³

Pe. L. Giordano ao retornar de Turim vem acompanhado pelo recém ordenado padre Luiz Della Valle, os clérigos Pedro Broda, Hugo Simon, Constantino Zajkowski, Martinho Daly e os irmãos leigos: Henrique Valli, Valentim Bivalec e Francisco Vai. Pouco depois será aberta a casa

⁶¹ Retorna no dia 30 de novembro de 1889.

⁶² ASC D 868: VCS, [16] de agosto de 1899. D. Tomé não devia conhecer a situação física e emocional do Pe. Giordano. O diretor do Recife, vivia angustiado, amargurado porque as doenças não o deixavam dirigir o Colégio e sua comunidade de irmãos salesianos, como devia e gostaria. Chega a escrever que o Estabelecimento «se torna uma meia República. Daí todas as irregularidades, aborrecimentos, cartas que escrevo ao Pe. Lazzero e ao Pe. Rua e não mando, porque não tenho coragem». (ASC F 545: carta Giordano-Lazzero, Pernambuco, 27 de janeiro de 1899). Por diversas vezes Pe. L. Giordano pede para retornar a Europa, onde poderia repousar longe da América e exercer a função de assistente ou professorsinho em Battersea, primeira casa fundada na Inglaterra em 1887. ASC F 545: carta Giordano-Lazzero, Pernambuco, 14 de março de 1898.

⁶³ ASC D 869: VCS, 21 de outubro de 1899.

da Bahia, inaugurada oficialmente aos 11 de março de 1900. O mesmo Pe. L. Giordano propõe para diretor e ecônomo respectivamente da nova obra os Pe. Domingos Molfino e Luiz Della Valle. Este, certamente não desconfia que o primeiro diretor do Colégio Salesiano do Salvador será na realidade ele.

No final do primeiro ano de funcionamento o diretor do Salesiano de Pernambuco não se sente muito satisfeito em relação à Bahia:

«Não sei qual deve ser minha linha de conduta, com respeito à Bahia. Os Superiores disseram-me que pensasse em abri-la, e fui. Pe. Rua me havia dito, na manhã do dia da partida que fizesse um pouco o papel de Vice-Inspetor e o fiz...mas, espero dele mais esclarecimentos».⁶⁴

6. Amélia Rodrigues Niterói e a Bahia

«Os Salesianos, a obra de Dom Bosco resumem os derradeiros affectos de minha vida. Confio que esse amor será a luz que ilumine os meus dias até a hora final. Assim o permita a Virgem Auxiliadora» (Amélia Rodrigues).⁶⁵

Amélia Rodrigues⁶⁶ enfileira-se entre as primeiras benfeitoras da história dos salesianos no Brasil. As atividades da professora junto aos Salesianos desenvolveram-se em favor da obra de Niterói e na Bahia quando se iniciaram as conversações para a fundação do colégio. Sua presença constante, ativa e apaixonada foi tal que, o Diretor do Santa Rosa, Pe. Luiz Zanchetta,⁶⁷ chamou-a de a *Mamãezinha dos Salesianos*

⁶⁴ ASC F 545: carta Giordano-Lazzero, Pernambuco, 10 de dezembro de 1900.

⁶⁵ Manoel Firmo Nazareno de ARAÚJO, *Dezesseis Lustras a Serviço da Educação na Bahia (1900-1980)*. Salvador Bahia, EPSB 1983, carta Amélia-Alberti, Bahia, 1º de Junho (C. Christi) de 1899, p. 27.

⁶⁶ Amélia Rodrigues nasceu na Lapa (hoje, Amélia Rodrigues, em homenagem à ilustre filha), em 26 de maio de 1861. Faleceu aos 22 de agosto de 1926. Renomada escritora, produziu diversas obras famosas, em prosa e verso. *Mestra e Mãe*, traduzido em alemão e *Verso e Reverso* são alguns de seus trabalhos. Durante várias décadas seus despojos encontravam-se no piso da sala de atendimentos do Santuário de Nossa Senhora Auxiliadora do Liceu Salesiano. No final de 1999, Da. Amélia Rodrigues foi colocada ao lado do altar de Dom Bosco, na nave esquerda do Templo, dedicado à Virgem a quem ela tanto cultuou. É como se ela quisesse permanecer junto a Dom Bosco, naquele Santuário pelo qual tanto se dedicou.

⁶⁷ Luiz Zanchetta nasceu em 1865 e faleceu em 1921, foi o terceiro diretor do S. Rosa, a partir de 1894.

da Bahia.⁶⁸ O historiador R. Azzi abre o Capítulo XIII de um de seus livros⁶⁹ sobre os Salesianos com o título: «Uma cooperadora muito especial». Entre suas primeiras atividades encontra-se a campanha desenvolvida na Bahia para a compra da imagem de Nossa Senhora Auxiliadora⁷⁰ de Niterói. O diretor do Santa Rosa, Pe. Miguel Borghino, havia encomendado na Europa uma estátua da Auxiliadora. Começou-se então uma coleta para amealhar fundos para a compra da efígie da Santa. Pe. Ângelo Alberti Bruno, então catequista do colégio solicitou os préstimos de Amélia Rodrigues.

Na época Salvador pululava de bandos precatórios. Pedia-se para os órfãos da guerra de Canudos, para as viúvas, cujos maridos haviam sucumbido naqueles sertões e para o próprio Colégio Salesiano que se estava para fundar na cidade. Havia grupos solicitando ajuda para o concerto da Igreja de S. Francisco e para as inundações da cidade do Recife. No entanto, a cooperadora começa a campanha pela imagem. Em agosto, mostra-se preocupada, pois tem apenas cinco contos de réis. Resolve mandar a lista do Pe. A. Alberti para a Arquidiocese, pedindo que o Senhor Arcebispo e alguns padres encabeçam a subscrição. No mês seguinte, volta a comunicar-se com Niterói. A subscrição enviada à Arquidiocese encontra-se ainda nas mãos do Cônego Machado e o Arcebispo está com varíola. Acha que vai demorar a atender ao pedido de Niterói. *Tenho até um certo receio de devolver-lhe o mesmo papel, por causa do contágio.*

A última correspondência encontrada sobre a Imagem de Niterói foi escrita no dia 29 de setembro de 1897.⁷¹ Nota-se o pesar com que comunica a suspensão das inscrições.

«Todos, todos, desde o Sr. Arcebispo até as cooperadoras, dizem que não é possível dar mais para o Rio, quando é urgentíssimo dar para o Colégio daqui. Em primeiro lugar o nosso que só tem a casa nua.

⁶⁸ ACB: *Revista Ecos* (1948) 17. Fundada em 1932.

⁶⁹ R. AZZI, *Os Salesianos no Rio de Janeiro*, (1894-1908), Vol. III. S. Paulo, Editora Salesiana Dom Bosco 1983, cap. XIII.

⁷⁰ A imagem inaugurada na Colina de Santa Rosa, a cerca de 100 metros do nível do mar tem 36 metros de altura. Foi confeccionada em Milão pelos artistas Giudici e Del Bo. Sua inauguração fez parte dos festejos do IV Centenário da Descoberta do Brasil, dos 25 anos da Primeira Expedição Missionária Salesiana às terras americanas e das celebrações do Ano Santo.

⁷¹ M. de ARAÚJO, *Dezesseis Lustrós...*, carta Amélia-Alberti, Bahia, 4 de agosto de 1897, p. 21.

Eu...acho razão! Consultei o senhor Pe. Giordano e ele repetiu-me a mesma coisa. Disse-me que deixasse as esmolas para a casa paupérrima que se começa. Tudo o que poderá se obter será pouco. Sinto-me um pouco embaraçada, por lhe ter prometido um pequeno auxílio, porém, não há remédio senão dizer-lhe a verdade. E V. Rev.ma, como bom salesiano, espero que concordará"...Se fosse rica, daria para tudo; mas Deus não quer que eu tenha. Assim peço-lhe que me desculpe não cumprir o prometido. Julguei que o colégio daqui não fosse para agora, e por isso foi que prometi. Pelo amor de Deus me desculpe.... Queria pedir a Nosso Senhor que me ajude a ser verdadeira cooperadora. Não me esquecerei do Colégio Santa Rosa, embora não possa mais angariar para ele, especialmente agora, em esmolas pecuniárias. Continuarei porém a fazer propaganda das leituras e obras de lá». ⁷²

Horas indormidas e sonhos insistentes perturbaram com certeza o descanso da mestra e poetisa, ao pensar que não poderia colaborar com as ajudas para o monumento da Virgem sobre a Guanabara. A conclusão comovente da última carta, mostra sua grande fé em Deus, amor a Dom Bosco e às obras de Niterói e Salvador. O monumento da colina de Santa Rosa sobraçando a então Capital do Brasil queria ser também, no entender dos religiosos de Dom Bosco, um símbolo da proteção da Mãe de Deus sobre o Brasil.

Incansável pedinte

«Tinha começado a escrever um diálogo, mas interrompi, por ter muito que fazer e sair muitas vezes para o trabalho de pedir e reuniões de cooperadores. Tenha paciência comigo. Neste fim de ano só pertença ao Liceu Salesiano do Salvador». (A. Rodrigues).⁷³

Os documentos sobre a história inicial do colégio mostram-nos a presença e a dedicação constante e incondicional de Amélia Rodrigues pela nova fundação.

«Aqui na Bahia o desejo do Collegio Salesiano é geral e, direi mesmo febril. Não sei quando teremos a felicidade de ver entre nós os Salesia-

⁷² ASC F 545: carta Amélia-Alberti, Bahia, 29 de setembro de 1897.

⁷³ M. DE ARAÚJO, *Dezesseis Lustrós...*, carta Amélia-Alberti, Bahia, 29 de setembro de 1897, p. 22.

nos; está me parecendo que a coisa é muito difícil, por parte dos illustres Salesianos. Todos dizem a uma voz, chegados eles, tudo o mais se arranjará. Eu encomendo muito a Nosso Senhor minhas pobres orações à Congregação de Dom Bosco».⁷⁴

Não obstante a dedicação, as canseiras, ocupações e problemas pessoais, lamentava-se insatisfeita, dizendo-se pobre, fraca e ocupada, pois gostaria de fazer muito mais por Dom Bosco. Pe. L. Zanchetta quando em 1897, viajou a Europa, passou no mês de abril pela Bahia. Da. Amélia foi uma das que compôs o grupo de recepção ao visitante, muito admirado pelos cooperadores, após a reunião havida com eles. Em junho a cooperadora comunica ao Pe. A. Alberti a felicidade que experimentou ao conhecer Pe. L. Zanchetta, apontado posteriormente pelos cooperadores para ser o primeiro diretor do colégio a ser iniciado na Bahia.

Após a promessa de Pe. M. Rua sobre o envio dos Salesianos à Bahia, Da. A. Rodrigues redige uma carta ao superior, em nome dos cooperadores, agradecendo-lhe pelo enorme dom que acabava de conceder à terra baiana⁷⁵.

Gafe, «filha do muito amor»

Chega finalmente o momento em que Da. Amélia, sentiu a grande alegria de comunicar aos Cooperadores⁷⁶ a notícia sobre a vinda dos salesianos. Através do Pe. A. Alberti foi a primeira a ter conhecimento da notícia positiva sobre a vinda dos fundadores da obra. Sem mais, antecipando-se ao mesmo Inspetor comunicou a boa nova aos seus pares.⁷⁷ Pe. A. Alberti ao saber que ela já havia passado a notícia ter-lhe-ia dito que melhor seria ter aguardado o Pe. L. Giordano. O fato fez com que a cooperadora em diversas ocasiões pedisse desculpas. O problema, certamente nasceu de uma alma enamorada e encarnada em uma causa que foi um dos grandes negócios de sua vida. Da. Amélia a senhora está desculpada e Dom Bosco certamente aí no céu está lhe agradecendo pelo que fez pela sua obra e seus Salesianos do Brasil.

⁷⁴ Ibid., carta Amélia-Alberti, Bahia, 26 Junho de 1897, p. 19.

⁷⁵ ASC F 545: carta Amélia-Rua, Bahia, 2 de outubro de 1897.

⁷⁶ Na reunião de 28 de abril de 1899.

⁷⁷ Fato ocorrido em 26 de abril de 1899.

«O motivo pelo qual eu dei a notícia aos companheiros foi aquele que já mandei dizer; não me ocorreu a idéia de que a noticia devia vir do Rvm.º Sr. Pe. Giordano. Acho muita razão no que V Rma. diz, sobre as ditas informações que pedi. Peço q. me desculpem, pois a minha falta foi filha do muito amor e muito interesse que me despertam os negócios do nosso colégio». ⁷⁸

No dia 29 de abril, após reunião com os Cooperadores escreve ao Pe. A. Alberti pedindo informações, orientações sobre a vinda dos Salesianos e ao mesmo tempo desculpas pela notícia que havia transmitido aos seus pares. Nesta carta diz que os Cooperadores dispõem de uma caderneta com 5 contos de réis e que esta importância ficaria para os padres comprarem o que precisassem de mais urgente. Faz uma série de perguntas sobre enxoval, objetos de cozinha, se precisa arranjar antecipadamente empregados. O interesse, as perguntas denunciavam o desvelo de uma mãe devotada e zelosa pelos filhos. Comportava-se realmente como a «Mamãezinha dos Salesianos da Bahia».

«Estamos muito entusiasmados com a vinda dos Padres. Felizmente não ha que pensar sobre a crise da agua, pois ha na chacara muita agua e excelente. É possível q. seja mais facil obter o auxilio de 30 contos q. se pediu ao congresso, logo q. elles chegarem, e com a abertura do collegio. Quanto ao mais a Providencia divina proverá». ⁷⁹

A construção do novo prédio, em 1907, trouxe para A. Rodrigues maior carga de preocupações e trabalhos. Inúmeras foram as promoções de espetáculos, conferências e festas de beneficência para angariar fundos para a obra. O Boletim Salesiano falava de seus trabalhos publicados nos jornais a benefício dos órfãos. ⁸⁰ As festas eram organizadas pelos *Comitê das Damas de Maria Auxiliadora*, tendo à frente a educadora. No ano de 1908, o mesmo Boletim traz outra matéria sobre Dona Amélia.

«A esta obra como a outras dirigidas ao desenvolvimento do Instituto Salesiano da Bahia, está intimamente ligado o nome de uma ativíssi-

⁷⁸ M. de ARAÚJO, *Dezesseis Lustrós...*, carta Amélia-Alberti, Bahia, 1º de junho (C. Christi) de 1899, p. 27.

⁷⁹ *Ibid.*, carta Amélia-Alberti, Bahia 20 de abril de 1899, pp. 25-26.

⁸⁰ BS 31 (1907) 92.

ma e culta cooperadora, a senhora Amélia Rodrigues, ilustre poetisa que publicou também um volume de versos em benefício do Lyceu Salesiano». ⁸¹

As tertúlias lítero-musicais freqüentemente realizadas pelos alunos e cooperadores contavam sempre com uma poesia de Amélia Rodrigues. ⁸² Certa feita confessa ao Pe. A. Alberti que as festas dramáticas, rendendo cada uma mais de 1.000\$000 contos de réis, deixam-na tonta. Todavia, «com o auxílio de Maria envidar-se-á todos os esforços», ⁸³ a fim de que o Colégio Salesiano seja tão brilhante quanto os demais. O palco do Politeama, próximo à Av. Sete, foi ocasião de uma de suas mais entusiastas declarações sobre Dom Bosco, após presenciar a apoteose que ali se realizou em benefício da próxima obra salesiana a se iniciar na cidade.

«Eu fiquei muito commovida. Foi este um dos melhores momentos que tenho gozado na minha vida. Graças, graças a Deus! Dom Bosco aplaudido delirantemente na minha terra. Deante d'elle os bahianos de pé e emocionados, oh, Sr. Pe. Alberti, isto recompensou largamente o pouco que fiz, e o muito que desejei». ⁸⁴

Grande foi sua alegria, quando em agosto de 1897, o Congresso aprovou em segunda discussão a verba de 30 contos, destinada à compra da Chácara. No mês seguinte não foi menos sua exultação quando aquela soma foi sancionada pelo Governador. ⁸⁵ Adquirido o terreno foi imediatamente percorrê-lo, confessando não ter palavras para exprimir a alegria que todos experimentavam.

«Não tenho palavras para exprimir o meu contentamento e o de todos. O Sr. Pe. Giordano está aqui desde muitos dias, trabalhando ativamente. Ontem mesmo fui à chácara e gostei muito. Tem muitos jardins e muitas árvores frutíferas. Mais tarde, quando se fizer o que falta, ficará um primor, se bem que eu ache ainda o terreno pouco». ⁸⁶

⁸¹ BS 32 (1908) 61. Este número traz uma foto da professora.

⁸² BS 36 (1912) 30.

⁸³ M. de ARAÚJO, *Dezesseis Lustrros...*, carta Amélia-Alberti, Bahia 3 de maio de 1898, p. 22.

⁸⁴ ID., *Dezesseis Lustrros...*, carta Amélia-Alberti, [s d], p. 22.

⁸⁵ ID., *Dezesseis Lustrros...*, carta Amélia-Alberti, Bahia, 4 de agosto de 1897 e 5 de setembro de 1897, 20.

⁸⁶ Arquivo da Inspetoria de S. João Bosco, BH.

A cooperadora tinha razão, quando afirmava que a área era pequena para um colégio. Em poucas décadas o estabelecimento cresceu e os espaços tornaram-se insuficientes para o perfeito funcionamento da obra.

Os Salesianos muito devem ao zelo, à dedicação de Da. Amélia Rodrigues. A grande devota de N.S. Auxiliadora impressionou com sua atividade e personalidade ao senhor Padre P. Álbera, quando este visitou o Brasil. Ao escrever de Niterói ao Pe. M. Rua, o segundo sucessor de Dom Bosco ao se referir à cooperadora tratava-a como:

«Aquela bela alma que é Da. Amélia. Faz um bem imenso aos salesianos do Brasil com sua pena áurea. Conviria que D. Rua lhe mandasse uma palavra de encorajamento para continuar sua obra de caridade. É uma mestra que ganha a vida trabalhando e no entanto faz tanto bem aos salesianos».⁸⁷

7. Outros admiradores de Dom Bosco

A crônica da Bahia inicia em sua primeira linha escrita, afirmando que foram muitos os instrumentos usados pela Providência para dar início à obra salesiana naquelas terras: O boletim salesiano; As Leituras Católica; Os diversos gêneros de propaganda dos Colégios de Niterói e S. Paulo; As Conferências de S. Vicente de Paulo, tendo à frente o Presidente do Conselho Central da Bahia, Dr. José Leôncio de Medeiros; O Arcebispo D. Jerônimo Tomé da Silva com suas duas Pastorais e a primeira Conferência salesiana no seu Palácio; O Cônego Manfredo, eleito Diretor dos Cooperadores Salesianos; O Governador do Estado, Dr. Luiz Vianna; pessoas e organizações do laicato católico, empresários, indiferentes, positivistas, oficiais do exército. O próprio Reitor-Mor dos Salesianos, Pe. M. Rua, pensava já em 1883, na possibilidade de mandar seus religiosos a Pernambuco e à Bahia. Carlos Alberto de Menezes, visitando Turim em 1891, tratará do assunto com o Superior.⁸⁸

Em se tratando da Bahia, a cidade estava na mira do Pe. M. Rua, até porque na época era mais conhecida que a antiga vila dos pescadores, situada entre os morros de Olinda e os montes Guararapes. Salvador ostentava o título de ter sido a capital da Província e orgulhava-se de ser a Sede Primacial da Igreja do Brasil. Após o estabelecimento no Recife, a

⁸⁷ ASC F 545: carta Álbera-Rua, Niterói, [s d] de 1901 [d o].

⁸⁸ C. LEÔNICIO, *Sete Lustrros* ..., pp. 60–61.

idéia foi levada à frente pelo Pe. L. Giordano e uma parte da sociedade baiana, especialmente o grupo dos Vicentinos. Os problemas climáticos e sanitários da «Veneza brasileira» alimentaram e de certo modo apressaram a realização daquele objetivo. A casa da Bahia seria um apoio à comunidade do Recife e facilitaria uma fundação em Sergipe, desejo também já acalentado, fora do ambiente salesiano.

Os religiosos Capuchinhos em suas andanças pelos sertões baianos falavam, constantemente sobre Dom Bosco e seus seguidores que em Turim cuidavam de crianças pobres. Pe. L. Lasagna, do Uruguai dizia ao Pe. João Cagliero:⁸⁹ «Dir-lhe-ei também que os Capuchinhos, muito espalhados pelo Brasil, difundiram por toda parte muito entusiasmo pelos salesianos».⁹⁰ Em 17 de julho de 1883 os Salesianos de Niterói são visitados pelo Comissário Geral do Brasil, Frei Fidelis,⁹¹ «sempre bom e afetuoso para conosco», nota Lasagna. No dia anterior tinham vindo ao Santa Rosa dois outros sacerdotes pertencentes àquela Ordem.⁹²

8. Chácara na Bahia de Todos os Santos

Realizadas as exigências legais, mesmo porque os compradores do imóvel eram estrangeiros, fecha-se em setembro de 1897, o contrato de compra do solar José J. de Pinho, constituído pela casa principal, dois barracões e um sítio.⁹³ O senhor Arcebispo pretendia adquiri-lo para sua residência de descanso. Ao saber que Pe. Giordano se agrada- ra do local, deu-lhe a preferência. O terreno media de frente 150 m,

⁸⁹ Pe. João Cagliero (1838-1926) foi nomeado por Leão XIII, bispo tutelar de Magida, em 13 de novembro de 1884. O mesmo Papa confiou-lhe o Vicariato Apostólico da Patagônia. Em 6 de dezembro de 1915 foi eleito Cardeal.

⁹⁰ L. LASAGNA, *Epistolario*, Vol. I ..., carta Lasagna-Cagliero, Colón, 16 de maio de 1881. Pe. Lasagna, quando esteve na Bahia em 1882, hospedou-se no Convento dos Capuchinhos

⁹¹ Frei Fidelis de Ávila, (1829-?). Foi Vigário apostólico em Assunção, Prefeito apostólico em Pernambuco e Chefe dos capelães militares na Guerra da Tríplice Aliança.

⁹² L. LASAGNA, *Epistolario*, Vol. II..., carta Lasagna-Lacerda, Santa Rosa de Niterói, 17 de julho de 1883.

⁹³ ASC F 545: O documento original encontra-se no Primeiro Ofício de Registro de Imóveis e Hipotecas da Comarca de Salvador, João Borges Hegouet. O *Histórico sobre as Damas de Maria Auxiliadora e a construção do Santuário*, afirma na última folha que o dono do terreno era o senhor Antônio Francisco Ribeiro Guimarães, também conhecido por Caranguejo. As três testemunhas presentes aos *Autos de Usucapião requerido pelo Liceu*, em

no Largo de Nazaré. À direita: 283.75 m ao longo da Ladeira do Limoeiro e fundos das casas da Rua Dr. Climério de Oliveira. Do lado esquerdo, 310 m, alcançando as terras da Fábrica de tecidos S. Salvador, Ladeira de Nazaré e fundos de algumas casas. Aos fundos as medidas eram de 179.60 m, confinando com a Rua Fonte Nova, uns brejos e terras da Fábrica S. Salvador.⁹⁴ Do topo da colina, em direção à Rua Fonte Nova e brejos, a topografia apresentava uma série de curvas de níveis. Um levantamento topográfico realizado nos anos '80, detectou em pouco mais da metade da área⁹⁵, uma escala de 17 m de desnível.

O senhor Thomaz Moreira de Athayde⁹⁶ ficou encarregado da guarda da Chácara, enquanto os Salesianos não se fixaram definitivamente. Foi substituído sucessivamente pelos coadjutores Henrique Valli, Alberto Urbanowicz e Eduardo Iberti. A área servia também para piqueniques.

Longa espera

O sítio estava comprado, os salesianos prometidos, mas ninguém aparecia. De outubro de 1897 a abril de 1899 transcorreu um longo tempo de expectativas, nervosismo e incertezas. Todos aguardavam a chegada dos Salesianos.

Todavia, a angústia da espera e o silêncio martirizante continuariam ainda por dois anos e dois meses. Nem mesmo Pe. L. Giordano conhecia o motivo de tanta demora. Seria a falta de pessoal, constantemente alegada em Turim, ou de verbas, para o deslocamento do pessoal, como acontecera nas demais fundações americanas? Desconhecemos e estranhamos o que acontecia nos escritórios do Centro da Congregação. A estranheza se torna mais acentuada, quando sabemos que o mesmo Pe.

1931, todas falam que o dono da Chácara era o senhor José Joaquim de Pinho. Não há dúvidas de que realmente a mansão pertencia ao senhor J. J. de Pinho, o verdadeiro Carangejo, embora não pertencendo à família dos crustáceos.

⁹⁴ Dados extraídos na Certidão, conforme original, passada em 8 de janeiro de 1932, quando se tratou do usucapião do terreno. Quanto à frente da área, defronte à Praça Almeida Couto, o *Documento de Compra e venda, Escritura Pública*, assinado pelo Pe. Lourenço Giordano põe 144 m, fechado por um muro, ao invés de 150 (ACB).

⁹⁵ O conhecimento das curvas de nível tinham por fim a construção da Quadra Auxiliadora.

⁹⁶ ACB e Cartório João Martins no Forum de Salvador.

M. Rua era um dos grandes interessados e propugnadores da causa da Bahia negra.⁹⁷ As correspondências insistentes e angustiadas do Pe. L. Giordano ao Pe. J. Lazzero mostram-nos quanto o zeloso batalhador da causa baiana teve ainda que lutar. Numa carta⁹⁸ «escrita de joelhos», suplicava a abertura da casa de Salvador para o ano de '98. Três meses mais tarde insistia novamente.⁹⁹ Na mesma missiva Pe. M. Rua faz uma observação, na qual pede que Pe. L. Giordano tenha paciência. «Espere pelo menos até o fim do ano escolástico, pois até ao final daquele ano esperamos fazer alguma coisa com referência a Salvador». Como para tranquilizá-lo, são escolhidos os dois primeiros que farão parte da nova comunidade: Mesmo assim, Giordano continua estrilando, pois são poucos. Aguardará que até o final do ano sejam encontrados mais alguns.¹⁰⁰

Luiz Della Valle e o coadjutor Henrique Valli, que deveriam partir para a Bahia, permanecem em Recife, aguardando nervosamente os acontecimentos. Pe. Júlio Barberis havia dado esperanças de que dentro de pouco tempo chegariam os irmãos que fariam parte da Casa da Bahia. Della Valle está impaciente e com o estômago e os pulmões afetados pela malária. Às vezes pensa que o Sagrado Coração queira chamá-lo. Está de tal modo impressionado que pede a Nossa Senhora e Dom Bosco que o preparem para morrer. Em Recife não poderá fazer nada, nem se restabelecer da saúde, pois o clima não colabora. Segue mais uma carta para o Pe. J. Barberis, onde manifesta o desejo de transferir-se, esperando *reconquistar os diversos anos perdidos naquela casa*.¹⁰¹ Nesta correspondência, nada consta sobre sua ida no próximo mês de abril à Europa, onde receberá o presbiterato e cuidará da saúde.

Desembarque

O novo sacerdote, Pe. Luiz Della Valle ao retornar da Itália, vem acompanhado por um grupo de salesianos, alguns dos quais desembarcam em Recife. Ele e o coadjutor Henrique Valli permanecem no trans-

⁹⁷ Pe. C. Leôncio observa que este é um ponto a ser estudado. Por que os salesianos demoraram tanto a se instalar na Bahia, após a compra da Casa do Caranguejo? Com a veneranda mansão do Pe. Cícero, em Juazeiro do Norte, aconteceu algo parecido.

⁹⁸ ASC F 545: carta Giordano-Lazzero, Pernambuco, 21 de janeiro de 1898.

⁹⁹ ASC F 545: carta Giordano-Lazzero, Pernambuco, 14 de março de 1898.

¹⁰⁰ ASC F 545: carta Giordano-Lazzero, Pernambuco, [s l d i], junho de 1899.

¹⁰¹ Ibid., carta Della Valle-Barberis, Pernambuco, 26 de fevereiro de 1899.

atlântico, pois deverão seguir para Salvador. Antes que o navio zarpasse, expediu-se um telegrama ao Presidente das Conferências de S. Vicente de Paulo, Dr. Leôncio de Medeiros, informando-o sobre a viagem e quando chegariam. O telegrama não foi visto pelo militar que então não se encontrava na cidade, de modo que os dois salesianos, chegaram improvavelmente à metrópole baiana.¹⁰² Repetia-se em parte, não obstante os cuidados de Amélia Rodrigues, o episódio ocorrido no S. Rosa em 1883. Os dois viajantes dirigiram-se de imediato, à residência episcopal, onde foram recebidos carinhosamente por D. Tomé que lhes ofereceu pousada. No entanto, naquela primeira noite baiana, preferiram o Convento dos Frades Franciscanos. No dia seguinte receberam diversas visitas e conheceram sua próxima residência. Notaram de imediato o efeito, benéfico aos salesianos, de uma propaganda constante, feita por todos, principalmente pela imprensa.

Aos 5 de dezembro encontramos a primeira correspondência assinada pelo Pe. L. Della Valle, ecônomo da nova casa salesiana. Endereçada ao Pe. J. Barberis dava notícias sobre a mini comunidade.

«No último sábado, após uma ótima viagem, desembarcamos o irmão Valli e eu aqui na Bahia. Os demais oito companheiros ficaram em Pernambuco. Viemos preparar a casa para os outros que devem vir depois, juntamente com o Rev.mo Sr. Pe. [Domingos] Molfino».¹⁰³

Os primeiros dias foram dedicados às visitas ao Senhor Arcebispo D. Tomé da Silva, ao Governador Luiz Vianna¹⁰⁴ (2 de janeiro), aos Cooperadores, aos Vicentinos e outras autoridades. Enquanto se aguarda o diretor, o ecônomo inicia algumas reformas e acomodações na ex-residência Joaquim de Pinho.¹⁰⁵ Uma das primeiras preocupações do padre Della Valle foi preparar um local para as celebrações litúrgicas. Para tal resolveu-se improvisar uma humilde Capela, na sala principal da residência. Localizava-se em frente à Praça Almeida Couto facilitando o

¹⁰² ASC F 545: O Liceu estava preparado. Tinha sido caído, embora faltassem ainda os móveis, providenciados dias depois pelos Vicentinos e outros Cooperadores.

¹⁰³ ASC F 545: carta Della Valle-Barberis, Pernambuco, 5 de dezembro de 1899.

¹⁰⁴ Luiz Vianna, embora não tenha assinado o pedido, enviado ao Pe. Rua pelos Cooperadores, foi sem dúvida um dos que mais colaborou para a vinda dos Salesianos para Bahia. Em sua primeira visita aos novos habitantes de seu Estado, prometeu-lhes ajuda financeira no trabalho com a juventude pobre da Bahia. A promessa foi cumprida.

¹⁰⁵ A mansão será novamente reformada em 1908 e 1911 e demolida em 1924, quando se iniciou a construção do segundo pavilhão no Liceu

ingresso dos fiéis. A Missa inaugural foi celebrada no dia 14 de janeiro, dia em que diretor em exercício visita Dom Jerônimo que insiste na inauguração oficial da obra. Três dias depois o Sr. Arcebispo foi conhecer o primitivo templo do culto salesiano na Bahia, dedicado a Nossa Senhora Auxiliadora. A célula do majestoso Santuário que hoje engalana aquele logradouro.

As autoridades municipais, logo procuraram ajudar a instituição nascente, dispensando o dízimo pago à Prefeitura.¹⁰⁶ No mês de janeiro, Pe. Della Valle já havia visitado três vezes o Governador. Ele mesmo comenta que dever-se-ia aproveitar muito, dado que os vereadores, deputados e autoridades em geral estavam animadíssimos. De fato, a Câmara Municipal deu uma subvenção de três contos, a isenção de qualquer taxa sobre as riquezas móveis, as construções da casa e terrenos. Esperava-se a votação de um desconto de 50% sobre o valor do gás de iluminação. O pedido para tal já fora examinado na última reunião da Câmara. O Prefeito e alguns deputados influentes, asseguravam que a solicitação seria concedida.

«Na abertura do Colégio estarão à disposição do Diretor 20 contos (cerca de L 20.000). Poderemos também obter uma dupla subvenção, do governo e do município, se em março dermos os passos necessários, antes que o atual governo termine o mandato. O Governador e alguns deputados e vereadores com os quais já falamos a propósito, asseguram o êxito de outras subvenções. Precisa solicitar».¹⁰⁷

Molfino, «em que mundo, em que astro tu te escondes»?

Os dois salesianos de Nazaré tinham como uma das tarefas primeiras preparar o ambiente para a inauguração do colégio, enquanto não chegasse o homem designado para dirigir a comunidade. Chamava-se Pe. Domingos Molfino, porém não aparecia nem dava notícias. Sabia-se que o pai sofria de uma «gravíssima e prolongada» enfermidade. O ecônomo, inexperiente e sem poder tomar determinadas atitudes, estava preocupado e debalde tentava contatar, com seu Diretor que se encontrava em algum lugar de S. Paulo. As correspondências que lhe dirigia, ou não chegavam às suas mãos ou não eram respondidas. Na segunda quinzena de janeiro, Della Valle escreve ao Pe. J. Barberis comunicando-lhe a situação.

¹⁰⁶ Fato ocorrido a 18 de janeiro de 1900.

¹⁰⁷ ASC F 545: carta Della Valle-Barberis, Bahia, [1899-1900].

«Dir-lhe-ei que aqui, estamos sós, o coadjutor Valli e eu. Escrevi e reescrevi ao Diretor Pe. Molfino, em S. Paulo. Não tive o prazer de obter uma só palavra de resposta. O caríssimo Sr. Pe. Giordano respondeu-me dizendo-me que também ele não sabia de nada. Não tinha conseguido notícias de S. Paulo e portanto, não me podia dizer nada de definitivo sobre esta casa, a não ser que recebesse brevemente alguma decisão. Eu portanto, faço o que posso. A capela foi inaugurada desde o dia 14. No mesmo dia comecei um pouco de catecismo. O Arcebispo que visitei várias vezes, está muito satisfeito».¹⁰⁸

No entanto, Pe. L. Giordano, a esta altura mais tranqüilo e até otimista, transmite ao Pe. José Lazzero, o Inspetor que vivia em Turim, algumas «boas notícias» sobre a Bahia.

«Chegam-me boas notícias sobre a Bahia. Somente estão na expectativa do Diretor nomeado. Por isto nos voltamos ao Pe. Rua e ao Pe. Cerruti, a fim de que vejam e providenciem, para que não se prolongue por muito tempo a inauguração daquele colégio. Nosso principal benfeitor, o Governador, deve em breve deixar o governo. Ele e todos desejam que seja inaugurado ainda no seu governo».¹⁰⁹

Já é o segundo mês da compra da Chácara da Colina de Nazaré e a casa não foi ainda inaugurada. O Vice Inspetor pede notícias da Europa. No Recife, *chovem cartas do Arcebispo [da Bahia] e de outros benfeitores*.¹¹⁰ No entanto, nada se conhece a respeito do paradeiro do diretor. Todos aguardam impacientes alguma solução. Pe. Della Valle lembra que o Governador Luiz Vianna «nosso principal benfeitor» estava prestes a deixar o cargo e antes de se retirar, gostaria de assistir à inauguração do colégio.

Deixando o Coadjutor Valli na Bahia, o jovem sacerdote Della Valle dirige-se a Pernambuco.¹¹¹ Em Recife, com Pe. Giordano deverão decidir algo de importante sobre o andamento da fundação na colina de Nazaré. Retornando, nosso «novo baiano» traz na bagagem a responsabilidade do cargo de diretor, primeiro superior local dos Salesia-

¹⁰⁸ Ibid., carta Della Valle-Barberis, Bahia, [s d] janeiro de 1900.

¹⁰⁹ Ibid., carta Giordano-Lazzero, Pernambuco, 10 de dezembro de 1899.

¹¹⁰ Ibid., carta Giordano-Lazzero, Pernambuco, 06 de fevereiro de 1900.

¹¹¹ Della Valle partiu da *Boa Terra*, em 18 de fevereiro de 1900 e retornou no dia 25 do mesmo.

nos da Bahia.¹¹² Não obstante a responsabilidade, sente-se feliz, pois vem acompanhado de um grupo de irmãos que juntos irão divulgar Dom Bosco naquelas plagas. São eles: o Pe. Agostinho Zanella, o clérigo Constantino Zajkowski, o Coadjutor Carlos Garino e seu irmão José Garino, aspirante. A presença dos pioneiros era um grande impulso para a obra nascente e motivo de muita alegria para todos os que olhavam esperançosos o que começava a acontecer nas vizinhanças do Tororó.¹¹³

Marcada a inauguração oficial começam os preparativos imediatos. As «coletas» continuariam a funcionar, pois faltavam ainda alguns objetos a serem providenciados. Os padres Lazaristas irão presentear o altar e o tabernáculo, os paramentos serão oferecidos pelo senhor Arcebispo.

9. Nasce um novo Colégio Salesiano

A inauguração da nova obra aconteceu aos 11 de março de 1900. Na ocasião estavam presentes pessoas de todas as classes sociais: os Vicentinos, a Pia União dos Cooperadores Salesianos, o Arcebispo D. Jerônimo e seu Clero secular, Ordens e Congregações de vários hábitos, o Governador Luiz Vianna, Políticos, Juizes, Desembargadores, Militares, Cônsules da Grécia, Itália e Áustria. Jovens da Escola Normal e outros Educandários da Capital, a Imprensa. Bandeiras tremulavam festivas, embaladas pela brisa amiga que vinha das bandas de Piatan e Ondina, da Barra e outras praias não muito distantes de Nazaré. A cerimônia terminou ao som do Hino Nacional tocado por duas bandas militares presentes. Pe. M. Rua, referindo-se ao evento, escrevia mais tarde no Boletim Salesiano:

«Na cidade da Bahia, foi fundada uma pequena casa, de artes e ofícios que com o auxílio e o conselho dos Salesianos e Cooperadores, tornar-se-á, dentro em pouco, tão grande como as outras do Brasil».¹¹⁴

¹¹² Não encontramos o documento oficial da nomeação do então ecônomo para diretor. Cremos que diante da situação emergencial, Pe. L. Giordano tenha resolvido o assunto, enviando posteriormente para homologação em Turim.

¹¹³ Lago e bairro das proximidades, onde mais tarde afogar-se-á um dos alunos do Colégio.

¹¹⁴ BS 1 (1901) 7.

Estas últimas palavras refletem uma idéia antes manifestada por Da. A. Rodrigues, profetizando a grandeza futura do Liceu.

A sessão comemorativa teve início com uma saudação do Senhor Arcebispo Primaz. Em seguida, o Cônego Manfredo Alves de Lima falou em nome dos Cooperadores. O Dr. Manoel Aníbal de M. Figueiredo representou os Irmãos Vicentinos, enquanto que o Pe. L. Giordano agradeceu a todos em nome próprio e dos salesianos. No relatório enviado a Turim, referiu-se à feliz viagem feita à casa da Bahia «finalmente uma realidade». Quanto à inauguração, não achava ser exagero, dizer que no seu gênero foi uma festa mais única do que rara.

«Não viajava desconhecido como em 1896, ou para acertar a compra da casa como em 1897. Vinha para estar entre irmãos de uma Casa salesiana e para assistir a inauguração solene do Liceu Salesiano do Salvador. Não foram as músicas, nem os pavilhões desfraldados, nem a imensa afluência de povo que constituíram maravilha. Foi, sem exceção, o quadro comovente e sublime formado pela presença de todas as autoridades. O Arcebispo, alma e vida de todas as atividades de sua vastíssima Arquidiocese; do Governador, o benemérito Dr. Luiz Viana, dos Presidentes das Câmaras, dos Senadores, dos Deputados, do Município e dos Tribunais. Divisas militares, ao lado de outras pertencentes à Ordens Religiosas, dos Cônsules da Itália, da Áustria e da Grécia. As representações da Escola Normal, dos Colégios e das diversas classes sociais. A presença de cinco órfãos de Canudos e o retrato de Dom Bosco que parecia sorrir para todos». ¹¹⁵

Um triunfo esplêndido para a santa causa do órfão e de Dom Bosco, exclamava emocionado o proximamente primeiro Inspetor da Inspetoria Salesiana S. Luiz Gonzaga. Os presentes podiam observar o primeiro grupo dos cinco órfãos recebidos pelo Liceu. Seus pais haviam sido mortos nas escaramuças do Arraial de Canudos. Era a concretização da promessa feita pelo mesmo Pe. L. Giordano quando de sua vinda à Bahia para comprar o terreno (1897). Na época acertara-se que o colégio receberia os órfãos de Canudos que estivessem dentro da faixa etária compreendida pelo estabelecimento.

¹¹⁵ BS 8 (1900) 225-227. Este documento refere-se por duas vezes aos «cinco órfãos de Canudos». A terceira testemunha dos Autos de Usucapião requerido pelo Liceu em 1931 lembra que «a pedido do Governador lá foram internados pequenos órfãos vindos de Canudos».

Collegio S. Bellino

Inicia-se o primeiro ano de funcionamento da comunidade salesiana de Salvador da Bahia.¹¹⁶ Situada a 839 km. ao Sul do Recife, a casa nasceu como sucursal do Sagrado Coração. Na época as três presenças do Norte do Brasil passaram a ser a de Pernambuco (Sagrado Coração), a da Bahia e a Escola Agrícola de Jaboatão.¹¹⁷

O Inspetor era o Pe. José Lazzero (1837-1910), Primeiro Conselheiro Profissional do Capítulo Superior. Era ainda o encarregado da correspondência com os missionários. Jamais visitou as casas de sua Inspetoria. Acrescenta-se também que não gozava de boa saúde, sofrendo de um mal que se tornou crônico. Pe. L. Giordano, Vice Inspetor, fazia também o papel de Inspetor. No Elenco de 1900, o Colégio da Bahia chamava-se Colégio S. Bellino,¹¹⁸ significando que inicialmente o mártir era o patrono daquela fundação. Era costume dos fundadores de obras, emprestarem o nome de um santo de suas devoções para patronos das novas instituições. Pode ter sido o caso de Pe. L. Giordano ou Pe. L. Della Valle.

Primeiros alunos

Entre os primeiros alunos internos do Liceu encontravam-se os meninos de rua, acolhidos para formarem uma nova família, plasmada segundo o Sistema pedagógico salesiano. Uma parte dos grupos comandados pelos *Capitães de areia*, dos que perambulavam pelas avenidas e becos da velha Bahia, carente de instituições educacionais suficientes para acolhê-los.¹¹⁹ A urbe olhava sempre com simpatia pa-

¹¹⁶ A primeira comunidade era assim composta: Pe. Luiz Della Valle-diretor e ecônomo; Pe. Agostinho Zanella-Catequista; Coadjutor Carlos Garino; Coadjutor Henrique Valli; Clérigo Constantino Zaikowski; e o Aspirante coadjutor José Garino, irmão do senhor Carlos Garino. A 25 de maio, chega o Clérigo André Sierkiewicz.

¹¹⁷ As demais fundações brasileiras, inicialmente pertenceram à Inspetoria uruguaia, cujo Inspetor era o Pe. L. Lasagna, mesmo depois que se tornou bispo em 1893.

¹¹⁸ Bellino vem do latim «bellus» e significa belo, gracioso. S. Bellino, bispo de Pádua, foi martirizado em 1147, perto de Fratta Polesine. É o patrono da cidade de Rovigo. Seu onomástico celebra-se no dia 26 de novembro.

¹¹⁹ Na época já existiam na Bahia diversas instituições educativas, como os Capuchinhos que tinham a si os cuidados de um orfanato. Encontravam-se ainda os Jesuítas, os Beneditinos, as Mercedárias, a Casa da Providência, o Seminário da Bahia.

ra a nova obra da colina de Nazaré. No primeiro mês de funcionamento o colégio havia matriculado 24 estudantes e 26 aprendizes, estes atendidos por cinco mestres e um familiar.¹²⁰ Dois dias antes da inauguração da casa, foram recebidos os primeiros cinco órfãos de Canudos, logo depois mais três, segundo uma foto daqueles dias, encontrada nos Arquivos da casa. Desconhecemos o número total dos aprendizes, matriculados naquele primeiro ano de funcionamento. Sabe-se que as oficinas foram inauguradas no ano seguinte a 1º de fevereiro. Em outra foto da mesma época estão 46 meninos. De qualquer modo podemos supor que os alunos dos primeiros anos, foram algumas dezenas, já que os salesianos tiveram condições de escolher entre eles, o grupo teatral do Liceu. A primeira apresentação teve lugar, aos 16 de setembro de 1901. Fala-se, talvez exageradamente, que se encontrava presente uma audiência curiosa e embasbacada de quase 2.000 pessoas.

Educação colegial e oficialização do ensino

A atividade salesiana além do ensino profissional apresentava outra vertente, o ensino acadêmico, orientado para os jovens das classes médias, preparando-os para as profissões liberais ou atividades comerciais. O fenômeno aconteceu não só no Brasil, mas também no Uruguai, nos tempos do Pe. L. Lasanha, embora o Inspetor da Argentina, Pe. Francisco Bodrato (1823-1880) não admitisse o fato.

O Santa Rosa, em treze anos de atividades, já havia educado cerca de 4.000 alunos, a maioria dos quais endereçados às profissões liberais. Quando se tratou de se obter a personalidade jurídica, a meta dos educadores salesianos foi apresentada como tendo

«por fim a educação moral e a instrução primária, secundária, artística e profissional da mocidade, especialmente da classe média e mais necessitada e da infância desvalida».¹²¹

O interesse dos educadores nesta área, não constituiu por conseguinte uma novidade, embora contestada por alguns que julgavam

¹²⁰ ACB F 545: *Crônica*, 1º de janeiro de 1900.

¹²¹ R. AZZI, *Os Salesianos...*, Vol. III, p. 283

uma inovação estranha aos planos do fundador. As primeiras obras do Brasil já seguiam esta caminhada, espelhando-se na praxis do próprio Dom Bosco, quando estabelecimentos escolares como Valsalice¹²² e Alássio passaram a ter muita importância.

«A partir das primeiras décadas do século XX, os salesianos passaram progressivamente a canalizar para as atividades escolares de cunho acadêmico a maior parte dos seus recursos financeiros e humanos, e tanto as escolas de artes e ofícios como as escolas agrícolas entraram paulatinamente em declínio salvo poucas exceções».¹²³

Em geral os pedidos feitos para fundações tinham por objetivo a abertura de Escolas Profissionais, como são exemplos, S. Paulo (1885), Recife (1894), Cachoeira do Campo (1896), Coxipó da Ponte (1897), Salvador (1900), Tebaida (1902). No entanto, os salesianos à medida que se envolviam com os estudos profissionalizantes não descuidavam os cursos primários e secundários para aqueles estudantes que pleiteavam as profissões liberais. O setor colegial tinha sua razão de ser. A obra apostólico-pedagógica nascida em Turim deveria expandir-se.

Os colégios seriam a sementeira natural, onde nasceriam e brotariam as vocações que iriam engrossar as fileiras da Congregação. Outro motivo de peso para Dom Bosco e seus educadores pastores era que através da formação juvenil nos seus estabelecimentos poder-se-ia combater as doutrinas protestantes e as ideologias liberais e positivistas que surgiam na época. Não era outra a idéia do Pe. L. Lasagna, formado em Letras clássicas. Os SDB transferidos do Uruguai e Argentina para o país nordestino, trouxeram a experiência pedagógica adquirida nos estabelecimentos argentinos e uruguaios.

Este tipo de ação pedagógica tinha seus opositores, entre eles o próprio Inspetor, Pe. F. Bodrato que não aceitava a situação do Colégio Pio de Montevideo. O diretor Pe. L. Lasagna foi proibido de tomar certas medidas para melhorar os estudos acadêmicos. Pe. F. Bodrato chegou mesmo a criticar algumas autorizações de Dom Bosco e do Pe. J. Cagliero. Após a morte do Inspetor argentino, Pe. L. Lasagna torna-se em 1881, Inspetor do Uruguai e Brasil encontrando o caminho livre para

¹²² *Anexo XIV.*

¹²³ R. AZZI, *Os Salesianos no Brasil à luz da História*. S. Paulo, Edit. Salesiana Dom Bosco 1983, p. 86. Veja-se ainda do mesmo autor: *Os Salesianos no Rio de Janeiro*, Vol. III, pp. 282-283.

pôr em práticas suas idéias. Este posicionamento seria uma constante na atuação pedagógica salesiana das províncias brasileiras, a partir do final do século XIX.

Turim não via com bons olhos o que acontecia com a Congregação abaixo do Equador, do outro lado do Atlântico. O fenômeno não parecia muito ortodoxo. Pe. P. Rota, Inspetor do Brasil e um dos grandes paladinos dos colégios, havia dado grande impulso às obras existentes e fundado mais dez outras. Receava-se que houvesse um desequilíbrio ou mesmo desvio do espírito do fundador. Pe. P. Rota foi transferido em 1924 para o Piemonte, onde de 1925 a 1930, foi Inspetor da Inspetoria Central (Turim) e em 1930-31, Visitador de Portugal.

Reformas educacionais

A atividade educativo-pedagógica dirigida à juventude da classe média fez com que os SDB se preocupassem com a oficialização do ensino em suas instituições. Até então, várias tinham sido as reformas educacionais surgidas no país. Desde 1808, os candidatos às Escolas Superiores estavam sujeitos a determinadas normas, como se submeterem a exames nas bancas examinadoras dos colégios oficiais.

Os concluintes do famoso Pedro II, passaram (1837) a ser dispensados dos exames para ingresso nas Escolas Superiores. O fato fez com que os candidatos das outras escolas instaladas pelo território nacional, pressionassem no sentido de terem suas matrículas facilitadas. A maior solicitação era precisamente a de poderem gozar dos mesmos privilégios dos alunos do Pedro II, desde o Império modelo de ensino de todo o país.

Na época do Ministro Leôncio de Carvalho, tentou-se (1879) dar um passo à frente em favor de algumas escolas. Os estabelecimentos secundários, oficiais e particulares que seguissem o programa ministerial, viessem funcionando regularmente há sete anos e tivessem já diplomado pelo menos 60 alunos, passariam a seguir as mesmas normas adotadas pelo colégio padrão do Rio. A Assembléia Legislativa no entanto, temendo facilitar demasiado o ingresso nas Escolas Superiores e a queda na qualidade do ensino, indeferiu o dispositivo.

Benjamim Constant em 1890 lança novo decreto estabelecendo que os alunos do Pedro II, agora denominado Ginásio Nacional, deveriam se submeter a um exame geral. Caso fossem aprovados estariam suas matrículas liberadas para ingresso em qualquer outra escola superior do país. Os princípios desta reforma abrangeriam todos os Colégios Estaduais, cujos currículos fossem semelhantes aos do Ginásio Nacional.

As medidas que mais interessaram aos salesianos vieram um ano após

a abertura da obra da Bahia. Governava o país o senhor Campos Sales, cujo Ministro da Justiça, Eptácio Pessoa, coordenava também a Educação. As novas orientações foram aprovadas a primeiro de janeiro de 1901. O Título II abordava as instituições secundárias, estaduais e particulares. É propriamente este ponto que interessa aos salesianos, pois tratava das condições requeridas para a oficialização dos próprios estabelecimentos. Os artigos 361 e 362 dão orientações com respeito à oficialização do ensino nos estabelecimentos particulares:

Art. 361. Aos estabelecimentos de ensino superior ou secundário fundados pelos Estados, pelo Distrito Federal ou por qualquer associação ou indivíduo, poderá o governo conceder os privilégios dos estabelecimentos federais congêneres.

No artigo seguinte encontram-se maiores detalhes sobre as condições a serem observadas com vistas ao reconhecimento:

Art. 362. Para que estes institutos possam ser reconhecidos e gozar de tais privilégios, deverão satisfazer às seguintes condições:

I - Constituir um patrimônio de 50 contos de réis pelo menos, representado por apólices da dívida pública federal, pelo próprio edifício em que funcionar, ou por qualquer desses valores.

II - Ter uma frequência nunca inferior a 60 alunos pelo espaço de dois anos.

III - Observar o regime e os programas de ensino adotados no estabelecimento federal.

O parágrafo segundo deste III item referia-se à Lei das sociedades civis.

§ 2º Nenhuma coletividade particular será admitida à equiparação do instituto que houver fundado ou mantiver, sem que mostre ter adquirido individualidade própria, constituindo-se como sociedade civil na forma da Lei nº 173, de 10 de setembro de 1893.

Isenção e Personalidade jurídica

O Inspetor Pe. Carlos Peretto iniciou as conversações para obter a Personalidade Jurídica da Inspetoria brasileira, logo após os fatídicos acontecimentos com o trem de D. Lasagna, em novembro de 1895. Uma das primeiras dificuldades dizia respeito às escrituras dos Colégios de S. Rosa e S. Joaquim (Lorena) que estavam em nome do bispo. Quando se quis transferir os imóveis a outros donos surgiram problemas

que seriam resolvidos com a aquisição da personalidade jurídica. Pe. C. Peretto, aconselhado pelo Internúncio D. Marchi, pelo Arcebispo D. Joaquim Arcoverde e por alguns advogados, começou, a trabalhar para conseguir o que os beneditinos já haviam adquirido anteriormente. Escrevendo¹²⁴ a D. J. Cagliero trata do problema da herança de D. L. Lagsna, insistindo ao mesmo tempo na personalidade jurídica da Inspetoria do Brasil, um tema importante e urgente. Quatro meses após, em julho de 1898, o Internúncio apostólico, recebe uma matéria do Pe. C. Peretto, possivelmente já aprovada por Cagliero. Dada sua importância, para a próxima fundação baiana, transcrevemo-la integralmente:

A Sociedade Salesiana, estabelecida no Brasil a 14 de julho de 1883, aceita e reconhecida por atos sucessivos do Congresso e do Governo dos Estados do Rio de Janeiro, S. Paulo, Minas Gerais e Mato Grosso¹²⁵ reproduz e confirma os seus estatutos pelo modo seguinte:

Art. 1º A Sociedade Salesiana compõe-se de pessoas eclesiásticas e seculares, na forma do regimento interno da associação.

Art. 2º Tem por fim a educação moral e a instrução primária, secundária, artística e profissional da mocidade, especialmente da classe média e mais necessitada e da infância desvalida.

Art. 3º Neste intuito abre colégios, asilos, internatos e externatos, escolas profissionais e agrícolas e procura obter, por meio de missões a catequese e a nacionalização dos selvagens.

Art. 4º Acham-se abertas, para este fim, além da casa de Santa Rosa, no Rio de Janeiro, fundada em primeiro lugar, as casas e colégios da cidade de São Paulo, Campinas, Araras, Lorena e Guaratinguetá no Estado de São Paulo; os de Cachoeira do Campo e Ponte Nova no Estado de Minas Gerais; o de Cuiabá no Estado de Mato Grosso, onde se exerce uma missão de catequese.

Art. 5º A sede da Sociedade Salesiana, regulada por estes estatutos, é a capital do Estado de São Paulo.

Art. 6º A Sociedade Salesiana é administrada pelo Inspetor Geral diretamente, e por intermédio dos Diretores das casas salesianas.

Art. 7º O Inspetor Geral é o representante externo da Sociedade em juízo, e perante os poderes do Estado.

Art. 8º Somente ao Inspetor Geral compete transigir sobre direitos da sociedade, renunciá-los, adquirir, alienar, demolir e hipotecar imóveis

¹²⁴ ASC F 504: carta Peretto-Cagliero, [s di] Niterói, abril de 1898.

¹²⁵ Os Estados, onde os Salesianos já se encontravam.

da sociedade, autorizar a construção de edifícios novos ou grandes reparações dos existentes.

Art. 9º Os Diretores das casas salesianas, os quais são incumbidos do seu movimento e administração interna, prestarão contas anualmente ao Inspetor Geral.

Art. 10 A reunião da maioria dos Diretores que o Inspetor convocará quando for necessário constitui o Conselho da Sociedade que o Inspetor ouvirá na decisão dos negócios mais importantes.

Art. 11 Nenhum dos associados é responsável por atos do Inspetor Geral ou dos Diretores das Casas salesianas que se reputarão sempre atos da sociedade, salvo abuso do mandato ou infração de estatutos não ratificados.

Art. 12 Os edifícios atuais dos colégios salesianos e todos os mais bens da sociedade são do domínio desta, conservando os associados a propriedade dos seus bens particulares.

Art. 13 Nenhum associado, quando excluído, poderá pretender quota dos bens da sociedade, ainda que por sua dissolução ou liquidação.

Art. 14 A Sociedade Salesiana, de que tratam estes estatutos, é constituída por tempo indeterminado e somente se extinguirá pelo consentimento unânime dos sócios, ou por deliberação do Inspetor Geral, tomada de acordo com o parecer de dois terços dos Diretores.

Art. 15 Dissolvida a sociedade e pago o seu passivo, o que restou será entregue a outras sociedades salesianas que existirem no Brasil e, em falta destas, ao Reitor Maior das Sociedades Salesianas que proverá sobre a aplicação de seus bens.

E porque desta maneira são ordenados os estatutos da Sociedade Salesiana no Brasil, para a qual se pretende obter a garantia e efeitos o Decreto de 10 de setembro de 1893, lavrou-se o presente instrumento que é assinado pelo Inspetor Geral e Diretores das casas salesianas.¹²⁶

A Personalidade jurídica da Casa da Bahia foi regularizada em princípios de setembro de 1913. A Ata foi assinada por Álvaro M. Oliveira, permanecendo o documento no Cartório de Antônio Costa.

10. Primeiro relatório enviado aos Superiores

A primeira prestação de contas das casas de Pernambuco, Bahia e Jabotão traz a data de 13 de março de 1900, dois dias após a inaugu-

¹²⁶ ASC F 504.

ração do Liceu. Pe. L. Giordano escreve da Bahia e começa dizendo que não o fez antes, por causa das muitas ocupações e viagens. Trata-se do relatório do mês de fevereiro de 1900. O documento não fornece maiores informações sobre a Comunidade de Salvador, apenas as notas atribuídas aos irmãos.

NOME	SAÚDE	PIEIDADE
Pe. Luís Della Valle	10	10
Pe. Agostinho Zanella.....		(faltam ambas as notas)
Clérigo Constantino Zaikowski	10	10
Coadjutor Henrique Valli	10	10
Carlos Garino	09	09
José Garino	09	09

11. Estatutos de 1903

O Diário da Bahia publica os primeiros *Estatutos da Sociedade de São Francisco de Sales, também conhecida por Sociedade Salesiana*, cuja finalidade é «a pratica de qualquer obra de caridade, especialmente em favor dos meninos pobres». O documento é assinado pelo diretor Pe. L. Della Valle e demais salesianos da Casa. No Cartório o Oficial exarou o seguinte documento:

«Certifico, eu primeiro official do registro geral da commarca da capital que nesta data foi apresentado neste cartório e officio, o Diário da Bahia, órgão official, de vinte e dois de 9br^o do corrente anno no qual vem publicado os Estatutus (sic) Sociedade de São Francisco de Sales, também conhecida por Salesiana, para serem registrados de acordo ao o & 3 do artigo 72 da Constituição Federal e da lei nº 173 de 10 Setembro de 1893. Certifico mais que procedeu-se ao registro tomado no Protocolo 43 o numero onze mil e treze a folhas cento e sete e o numero de ordem vinte e cinco a folhas dez do livro especial para o registro das sociedades civis, litterarias, religiosas, etc; o referido é verdade e dou fé». ¹²⁷
Bahia, 28 de novembro de 1903.

José Antonio C.

¹²⁷ ASC F 545.

12. Vida econômica do Liceu

Ano após ano, embora em meio aos problemas, o Liceu foi obtendo a simpatia dos baianos e se envolvendo na história dos acontecimentos da sociedade local. Os auxílios oficiais surgiam vez por outra, embora quantitativamente insuficientes e não correspondentes às promessas. Na segunda metade de março de 1908, foram liberadas duas verbas governamentais. A primeira, no dia dezoito, provinha do Estado. Seu valor foi de 10.000\$000 (dez Contos). A segunda, do Governo federal, importou em 4.000\$000 (quatro Contos). Naquele ano recebe-se do governo local, vinte e cinco bancos para aulas e chegaram da Europa cem camas de ferro para os aprendizes internos.

Não obstante, a Instituição não poderia manter-se com as doações ou verbas esporádicas, regadas a conta-gotas. Fazer pastoral, combater os males sociais, físicos ou morais implica em respaldo financeiro.¹²⁸ Não se pode falar de fé a quem está com o estômago vazio. O interlocutor não terá forças para abrir os olhos e os ouvidos, aceitar e assimilar o conteúdo catequético. A multidão faminta, não podia escutar o Senhor. O modo como as instituições educacionais exercem suas atividades, seu carisma, *a fortiori* aquelas que se respaldam nas ajudas oficiais ou em auxílios de benfeitores, são vulneráveis e estão sujeitas a mudanças, de acordo com as situações políticas, econômicas ou sociais. Foi o que aconteceu no Colégio da Bahia que teve seus benfeitores, mesmo antes da fundação. Sua história é como a de um bebê a quem se prepara o enxoval mesmo antes de vir à luz. O colégio fundado para os órfãos, *ingênuos* e outros carentes, enquanto teve alguma assistência econômica não viveu folgadoamente, mas gozou de uma certa tranqüilidade que lhe ajudava a minorar o grave problema social da cidade. A situação não deveria, nem poderia prolongar-se indefinidamente. As transformações do tempo, a situação geral do país e seus problemas econômicos encarregar-se-iam de modificar a fisionomia dos estabelecimentos educacionais, entre eles o Colégio de Nazaré.

¹²⁸ Dom Bosco soube unir a utilidade do dinheiro à necessidade de se fazer pastoral. Em uma de suas cartas de 1871, escrita à Condessa Gabriella Corsi, sobre uma visita que ele deveria fazer à sua Vila de Casino, perto de Nizza Monferrato, assim se expressava: «Aqueles que vêm para trazer dinheiro ou tratar de assuntos referentes ao bem das almas, venham a qualquer hora e a qualquer dia que serão sempre ouvidos com grande prazer. Quem vier para cumprimentos, se agradeça e se dispense». (MB X 437-438).

Situação da República

A abolição da escravatura comprometeu, como vimos, a estrutura econômica da República, montada nos produtos agrícolas do café, açúcar, fumo, algodão e cacau. Sem a mão de obra dos cativos, os latifundiários, a maioria contrários ao movimento de libertação, passaram forçosamente a usar o trabalho remunerado dos imigrantes. Os efeitos da situação atingiu o comércio e a família brasileira de modo geral. Suas condições econômicas diminuíram. As organizações caritativas que já se ressentiam profundamente com os resultados do decreto que abolira o padroado, sofreram mais um golpe. As famílias não mais tinham condições de ajudar as obras sociais como o Liceu Salesiano e outras do gênero.

Coronelismo

Os coronéis formavam uma estrutura coesa, em que uns dependiam dos outros, sobretudo politicamente. Os pequenos coronéis, no interior do país ou nas cidades, sustentavam politicamente os grandes coronéis. Poderoso e influente o grupo governava o país. Sua atuação nos assuntos educacionais da República foi palpável e duradoura. A partir da reforma de Epiácio Pessoa (1901) as escolas, se desejassem receber alguma ajuda, deviam matricular em suas salas também os filhos dos coronéis, aqueles que pertenciam às classes média e alta. Estes alunos não se interessavam, nem iriam estudar numa Escola Profissional. Suas aspirações não eram ser marceneiros, sapateiros, tipógrafos, encadernadores ou menos ainda agricultores.

«O ensino católico naqueles tempos não tinha uma consistência econômica própria e estava muito condicionado à generosidade dos benfeitores. Uma tal problemática originou o que chamamos de política dos coronéis: as congregações religiosas, segundo o próprio carisma, podiam cumprir sua missão de acordo com o comportamento dos benfeitores. Os Salesianos, por exemplo, na época dedicaram-se à juventude pobre e abandonada, mediante o ensino profissional. Após a reforma escolar de 1901, quando os coronéis passaram a se interessar pela escola acadêmica, as escolas profissionais salesianas entraram em declínio e se desenvolveram os colégios secundários. O mesmo se poderia dizer, quanto à escola católica em geral».¹²⁹

¹²⁹ L. LASAGNA, *Epistolario*, Vol. II..., p. 43.

As mensalidades dos pensionistas possibilitariam a continuação do trabalho de assistência aos jovens carentes.

Liberalismo e positivismo

Estas correntes filosóficas não apresentaram na Bahia a intensidade malsã ou a ostensividade demonstradas em Niterói, muito embora também ali, não tenham ficado inermes. Os efeitos daninhos de sua pregação ideológica contrárias aos princípios católicos, atingiram as atividades econômicas das sociedades beneficentes soteropolitanas, em particular as religiosas, bem como influenciaram na mentalidade e formação da juventude.

Economia novo prédio e externato

A reforma urgente do edifício que se deveu processar, logo nos primeiros anos, consumia impiedosamente os Contos de réis amealhados com o trabalho dos salesianos ou através de doações dos benfeitores. Além das poucas verbas, os internos eram ajudados, quando realizavam festivais ou academias organizados pelos Cooperadores.¹³⁰ Com certa frequência podia-se encontrar na imprensa, O *Jornal de Notícias* era um dos mais reconhecidos, comentários sobre os auxílios públicos ou particulares feitos à obra social do Salesiano, aos aprendizes de suas cinco oficinas e às práticas agrícolas que eram ministradas na pequena escola agrária.¹³¹

A assistência financeira oficial ou dos benfeitores estava no entanto, abaixo do mínimo necessário à sustentação da obra. Diante do fato os SDB foram impelidos também na Bahia a abrirem o colégio para pensionistas pagantes. Era uma alternativa, para alguns contrária aos planos do fundador da Sociedade, inicialmente voltado para as classes marginalizadas, populares,¹³² mas não em desacordo com a história de sua

¹³⁰ Não foram encontradas prestações de contas destas importâncias, nem mesmo balancetes mensais ou anuais, sobretudo dos primeiros anos. Em relatório de 29 de agosto de 1911, Pe. Lourenço Giordano diz que as missas foram registradas dia a dia. Falta porém, a nota das esmoladas feitas mês por mês (ASC F 545: Rendiconto dell'Ispettore al Rettor Maggiore).

¹³¹ ASC F 545: carta Della Valle-Barberis, Bahia, [s di] março de 1903.

¹³² *Costituzioni e Regolamenti*, 2, 6, 7 11, 24, 26, 41, 79.

atuação, como se observou, em casos como Valsalice. Na Bahia, tratava-se da abertura de mais uma vertente no leque dos atendimentos à juventude, fato aliás comum em outras nações da América Latina. Os primeiros Salesianos, embora viessem para as «missões», onde chegavam iam fundando colégios, ao lado das Escolas Profissionais ou de Artes e Ofícios. A respeito das expedições missionárias para a Argentina e outras nações da América, lê-se em Pe. P. Stella:

«Todas as expedições salesianas foram denominadas e propagadas de “missionários para os selvagens da América”, mesmo se somente um reduzido número deles eram os que iam entre os patagões, os araucanos, os onas, os bororós, os jívaros. A grande maioria dos efetivos era destinada para as escolas humanísticas, para os colégios de “artes e ofícios”, para escolas agrícolas e Igrejas públicas. Os estabelecimentos de grandes Colégios para jovens estudantes caracterizou a expansão salesiana na América Latina, sobretudo no Brasil, entre os fins do século XIX e a canonização de Dom Bosco».¹³³

¹³³ P. STELLA, *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica, La Canonizzazione*. Vol. III. Roma, LAS, 1988, p. 271. Dom Bosco foi canonizado por Pio XI, em 1º de abril de 1934.

CAP. IV - FAZENDO HISTÓRIA

1. Inspeção e Província

O leitor não afeito à semântica salesiana, poderá com razão, desconhecer o significado do termo *Inspetoria*. Na realidade a palavra indica as divisões geográficas ou áreas territoriais compostas pela Congregação salesiana ou Sociedade de S. Francisco de Sales, espalhada atualmente (1999) em 127 nações. A Inspetoria - modernamente a palavra Província está sendo também usada, - abrange diversas casas, sendo uma delas central, onde reside o Inspetor, ou Provincial, coordenador das demais obras inspetoriais. Estas divisões territoriais facilitam o governo das Congregações ou Ordens e são comuns em toda a Igreja. O termo Inspetoria é usado também entre as Filhas de Maria Auxiliadora (FMA), as Salesianas. A palavra *Inspetoria* vem sendo adotada deste o Primeiro Capítulo Geral Salesiano, realizado em 1877 em Lanzo Torinese.

«Antes de tudo o termo Província e especialmente Provincial, achou-se por bem eliminar-se entre nós. Não parece mais conveniente aos nossos dias. Por outro lado daria ao mundo uma imagem de nossa Congregação como sendo uma Ordem Monástica. Santo Inácio já modificou vários destes nomes mais usados antigamente. Por exemplo, mudou o termo de *Padre Guardião por Reitor*. E nós devemos procurar mudar todas estas palavras e exterioridades que possam ir de encontro às susceptibilidades modernas. Decidiu-se então que o superior coordenador das várias casas se chamasse Inspetor e Inspetoria, a reunião daqueles lugares sobre os quais o superior exerce seu poder. Estes termos correspondem precisamente ao que desejamos dizer e ao mesmo tempo são bem recebidos em nossos dias. Acresce que são também usados em assuntos administrativos e escolásticos».¹

A aprovação das Inspetorias salesianas foi solicitada e deferida após a morte do fundador da Sociedade. A Sagrada Congregação dos Bispos e Regulares deu o placet canônico em 20 de janeiro de 1902. No entanto,

¹ ASC F 046.

desde 1877,² tanto Dom Bosco como o Pe. Rua criaram Inspetorias e nomearam seus respectivos Inspetores.³ Certa feita Pe. João Raineri notava que:

«Seria útil uma pesquisa sobre os motivos que levaram Dom Bosco e o mesmo Pe. Rua a não solicitarem desde o início a ereção canônica [das Inspetorias], antes protelando-a com certa diplomacia. Certamente não era apenas uma questão de termos jurídicos».⁴

O historiador salesiano Pe. Antônio da Silva Ferreira apresenta três «possíveis porquês», explicando o fato de os Salesianos terem esperado tantos anos para solicitarem a canonicidade de suas Inspetorias.⁵

1. *O crivo da experiência.* Dom Bosco prezava muito a experiência vivida que lhe dava mais segurança no estabelecer as normas que seriam observadas futuramente.
2. *O aspecto econômico.* O problema do sustento econômico das novas casas salesianas foi um dos que trouxeram dúvidas, quando se tratou da aprovação da Congregação pela S. Sé. As comunidades deveriam ser financeiramente independentes. Terem renda própria, suficiente par o sustento dos irmãos.
3. *A união da família salesiana.* Na época da aprovação das Constituições (1874), a Sociedade, sob a liderança paterna de Dom Bosco, formava uma verdadeira e vasta família, com 9 casas, 148 irmãos e 103 noviços. O fundador procurava sempre estar a par do que se passava na Congregação, informando também os sócios. Com a necessária oficialização, multiplicação e difusão geográfica das Inspetorias esta maneira de ser da Sociedade sofreria alguma modificação. Pe. M. Rua viu na nova ordem de coisas «um grande passo» a favor do desenvolvimento e da funcionalidade. Não poderia ser diferente, tendo-se em vista a enorme pujança da Sociedade.

² Em 1878, havia na Sociedade Salesiana, quatro Inspetorias: a piemontesa, a ligúrica, a romana e a americana, esta compreendendo as casas da Argentina e do Uruguai.

³ Juridicamente baseados no Capítulo IX das Constituições aprovadas em 1874. «Se for necessário o Reitor Maior com o consenso do Capítulo Superior estabelecerá alguns Visitadores aos quais encarregará de visitarem um certo número de Casas, caso seja necessário, dado o número e distância das mesmas. Os Visitadores ou Delegados farão as vezes do Reitor Maior nas Casas e assuntos a eles confiados» [Giovanni BOSCO], *Costituzioni della Società di S. Francesco di Sales [1858]-1875*. Roma, LAS 1982, textos críticos aos cuidados de Francisco Motto, p. 155, n. 17.

⁴ RSS 6 (1985) 35.

⁵ *Ibid.*, pp. 35-47.

2. Primeiras Inspetorias americanas

A primeira Inspetoria salesiana da América foi aberta na Argentina em 1875, após os primeiros missionários aportarem àquela terra. Inicialmente incluía também as casas uruguaias. Em 1882, foi criada a Inspetoria do Uruguai tendo à frente o dinâmico Pe. L. Lasagna. A sede em Montevidéu, abrangia as casas do Uruguai e Sul do Brasil até Niterói. As casas do Brasil começaram a aparecer, um ano após a visita exploratória de Pe. L. Lasagna às costas brasileiras.

Bahia, Casa Inspetorial (1902), os porquês

O fato aconteceu durante a visita do Pe. Paulo Álbera às Casas da região do Norte do Brasil, em 1901. Passando inicialmente pela Bahia, vai ao Recife e ao retornar por Salvador, anuncia que Pe. L. Giordano será o Vice Inspetor do Norte do Brasil. Residirá na Bahia e seu substituto como diretor do Recife será o Pe. Clélio Sirone.

Alguns dos motivos que determinaram o fato foram a maior proximidade da Bahia com as casas do Sul do país, um clima mais benévolo, a facilidade para contato e fundação da casa de Sergipe, onde já se pensava em uma obra salesiana.

Em Relatório a Valdocco, Pe. P. Álbera acrescenta outras explicações. Pe. L. Giordano passava poucos dias em Recife, onde vivia quase sempre doente. Por isso mesmo, a maior parte do seu tempo transcorria em Jaboatão. Ao invés de estar na Escola Agrícola era melhor que fosse para a Bahia, onde o Arcebispo D. J. Tomé já havia manifestado o desejo de tê-lo perto de si para ajudá-lo na Pastoral da Arquidiocese. Por outro lado o Pe. L. Giordano precisava ser um pouco mais animado. Devia levantar-se da prostração física e moral que o abateu logo após sua doença. Com a mudança para os ares da terra do Senhor do Bonfim, o fundador da Casa do Recife recebia também um novo encargo do Visitador que após conhecer a situação da Inspetoria resolveu fazê-lo Vice Inspetor. Sobre a nomeação do novo Vice Inspetor, Pe. P. Álbera escreveria textualmente ao Superior Maior.

«Procure fazer de tal modo que seja aprovada a sua nomeação como Vice Inspetor, até porque isso foi sugerido pelo próprio Pe. Lazzero. Se o Pe. Giordano não tem autoridade, como fará os pequenos ajustes que seriam necessários para o bem das três casas, tanto mais que brevemente será aberta a casa de Sergipe?»⁶

⁶ ASC F 545: Relatório Pe. P. Álbera-Rua.

A problemática das enormes distâncias foi um dos motivos que mais pesaram na escolha da Bahia como Centro Inspetorial. O contato não só dos salesianos entre si, mas entre eles e o Inspetor era muito difícil. Pe. L. Lasagna em suas correspondências com a Itália frequentemente abordava o assunto. Consumia-lhe a saúde e o tempo. Ainda em junho de 1882, escrevendo a Dom Bosco, propunha uma Inspetoria para a parte Setentrional do país. Havendo possibilidade de se fundar uma casa no Pará sugeriu que para lá se escolhesse «um diretor bem instruído, muito ativo e de grande piedade; porque deverá governar-se por si e ser rapidamente Inspetor da parte Setentrional».⁷ Em correspondência a D. Cagliero, Pe. L. Lasagna fala de uma próxima viagem a Itália, onde conversará sobre os negócios da América.

«No dia de Pentecostes começarei os Santos Exercícios para os meninos e padres de Niterói. Depois da SS. Trindade retornarei a Colon para preparar minha viagem a Itália, onde mostrarei o que se fez e o que ainda se deve fazer nesta Inspetoria que logo mais deve ser dividida».⁸

3. Visita do Pe. Paulo Álbera

A visita do Superior Maior às Américas era um desejo de há muito acalentado pelos SDB e não Salesianos. Desde 1878, D. Inocêncio Yeregui⁹ havia convidado Dom Bosco para fazer uma visita ao Continente. Não foi possível, embora jamais se tenha recusado a fazê-la.¹⁰ Completavam-se no ano de 1900, o vigésimo quinto ano da primeira expedição missionária à América.¹¹ A Argentina, o primeiro país a receber os salesianos desejava celebrar o acontecimento com a presença do Suces-

⁷ L. LASAGNA, *Epistolario*, Vol. II..., carta Lasagna-Bosco, Pará, Brasil, 26 de junho de 1882.

⁸ *Ibid.*, carta Lasagna-Cagliero, São Paulo, 11 de junho de 1886.

⁹ Inocêncio Maria Yeregui nasceu em 1833 e faleceu em 1890. Foi bispo de Montevidéu de 1881 a 1890. Era Vigário Geral de Montevidéu, quando o Governador La Torre, mandou-o a Roma tratar da criação de uma diocese naquela cidade. Antes, passou por Turim, onde Dom Bosco, famoso mediador, lhe concedeu uma carta de recomendação ao Governo italiano.

¹⁰ L. LASAGNA, *Epistolario*, Vol. I..., carta Lasagna-Cagliero, Villa Colón, 4 de outubro de 1878, in RSS 33 (1998) 335-372.

¹¹ A primeira expedição para Buenos Aires, Argentina, foi chefiada pelo Pe. João Cagliero em 1875.

sor de Dom Bosco na época Pe. Miguel Rua. Os festejos incluíam também um Congresso Salesiano. Os Inspetores da Argentina, Pe. José Vespignani¹² e o do Uruguai Pe. José Gamba (1860-1939) convidaram Pe. M. Rua, através do Cardeal Mariano Rampola. O que os dois salesianos desejavam era que S. Eminência, conseguisse do Papa Leão XIII, o sinal verde do Reitor-Mor. Sua Santidade, através do Secretário de Estado respondeu, enviando uma bênção apostólica às Missões da América. O Superior recebeu o convite e agradeceu a bênção, sem dizer se atenderia ou não a solicitação.

Naquele início de século, o número das obras e as distâncias, traziam muitas dificuldades para os dois representantes do Pe. M. Rua: Pe. João Cagliero na área do Atlântico e Pe. Tiago Costamagna na zona do Pacífico. Os Salesianos sentiam necessidade de uma palavra de encorajamento, de incentivo. Sabendo da impossibilidade de uma visita do Reitor-Mor, solicitaram que um outro membro do Capítulo Superior viesse em seu lugar. Foi então designado, o Catequista Geral, Pe. P. Álbera, para estar presente aos festejos dos 25 anos e visitar canonicamente as casas das duas Inspetorias. Pe. M. Rua oficializou a viagem através de uma Circular.

«Comunico que este ano completa-se o 25º aniversário da primeira expedição de nossos Missionários para a América. Na República Argentina, que foi a primeira a acolhê-los, deseja-se celebrar com solenidade este jubileu e com um Congresso de Salesianos, que se desejaria, fosse presidido pelo próprio Reitor Maior. Impossibilitado, far-se-á representar pelo Rev.mo P. Paulo Álbera, Diretor Espiritual da nossa Pia Sociedade. Ele partirá no dia 15 de agosto com seu Secretário e com o missionário Pe. Pedro Rota».¹³

O Visitante deixou Turim¹⁴ para iniciar um longo e cansativo périplo através das Américas. Acompanhou-o como secretário e cronista o Pe. Gusmano Calógero (1872-1935). A visita ao Nordeste do Brasil começa pela Bahia, onde desembarca do *Bresil*, às 08h30, de 28 de setembro de 1901. Pe. P. Álbera vem acompanhado pelo Pe. L. Giordano. O diretor do Liceu com 60 órfãos e autoridades foi recebê-los no cais,

¹² José Vespignani (1854-1932), Conselheiro Geral, irmão do Pe. Ernesto Vespignani (1861-1925), arquiteto que desenhou varias Igrejas, inclusive o Santuário de N. Senhora Auxiliadora da Bahia.

¹³ ASC E 213: comunicação feita em 28 de julho de 1900.

¹⁴ Em 7 de agosto de 1900, retornando em 11 de março de 1903.

conduzindo-os em bonde até ao Liceu. A conferência do visitante à comunidade salesiana abordou três pontos: piedade, progresso na virtude e zelo.¹⁵

No dia 8 de outubro seguem a Pernambuco, onde desembarcam no dia 12. As atividades do Superior no Recife foram de grande significado para os salesianos da região. Em uma de suas conferências,¹⁶ anuncia aos irmãos a criação da Inspeção S. Luiz Gonzaga do Nordeste do Brasil¹⁷.

A presença do visitador extraordinário nas casas da América foi bastante longa (1900 a 1903). Em nosso trabalho abordaremos tão só, o período que nos interessa, o relacionado com a casa de Salvador em setembro/outubro de 1902. Ao chegar a América Pe. Gusmano Calógero escreve na Crônica de viagem:

«E eis que chegamos ao Brasil...Essa imensa República será o lugar de nossas contínuas viagens, durante seis meses. Passaremos de surpresa em surpresa pelas 28 casas já existentes».¹⁸

As primeiras comunidades brasileiras visitadas pelo Superior foram as do Estado de S. Paulo (Liceu, Guará e Lorena) e no Rio, o Santa Rosa. Pe. L. Giordano fora esperá-lo na paulicéia. Os visitantes deixaram algumas de suas impressões, através da caneta do secretário Calógero:

«A bordo, nos deliciávamos em contar os muitíssimos campanários. Disseram-nos que são setenta as Igrejas da Bahia, mas nada têm de

¹⁵ ASC F 545: carta Gusmano-Barberis, Iniciada a bordo, a partir do dia 27 de setembro e terminada no dia 28, quando então acrescenta as notícias sobre o desembarque em Salvador. ACB: crônica de 28 de setembro a 8 de outubro. BS 27 (1903) 136-140.

¹⁶ Possivelmente em 24 de outubro de 1902.

¹⁷ Aos 31 de agosto de 1901 o Capítulo Superior resolveu solicitar à Santa Sé a aprovação canônica das Inspeções. No elenco apresentado pelo Pe. Miguel Rua estava a Inspeção Brasileira Setentrional de São Luiz Gonzaga. [Observamos que o nome original é *São Luiz Gonzaga*, sem o «de»]. O pedido foi aprovado em 20 de janeiro de 1902, através do documento n. 3311/15, assinado pelo Cardeal Jerônimo Maria Gotti (ASC 035 (2): Erezioni canoniche 1902. Em 1903 o *Elenco Geral da Pia Sociedade de São Francisco de Sales para o ano de 1903* apresentava trinta e quatro inspeções salesianas, entre as quais a Inspeção Brasileira Setentrional de São Luiz Gonzaga. Em 1911 a Inspeção do Norte do Brasil passou a integrar a Inspeção de S. Paulo com sede no Liceu Coração de Jesus. Em 1925 voltou a ser restabelecida a Inspeção S. Luiz Gonzaga, desta vez com o Centro em Recife.

¹⁸ BS 26 (1902) 101.

grandioso.¹⁹ A própria Catedral é uma bela Igreja, mas não, com certeza, uma coisa extraordinária».²⁰

A situação em que viviam os «ingênuos», os filhos dos ex-escravos que perambulavam pelas Ruas de Salvador chocou e escandalizou os europeus. Com Massano e Pe. L. Lasagna havia ocorrido o mesmo.

«Ao atravessar a cidade o que mais golpeia o forasteiro é a visão de tantos negros. Nosso pensamento corria ao Congo, à Senegâmbia²¹ e assistia o tráfico cruel daqueles pobrezinhos transportados como escravos para o Brasil. Eles eram os trabalhadores das fazendas intermináveis, melhor dizendo as bestas de carga. Incrível o que ouvimos a este respeito, durante os cinco meses que percorremos o Brasil. No entanto este mercado de carne humana durou séculos.²² Faz poucos anos que terminou. Durante o jubileu sacerdotal de Leão XIII, no dia 8 de maio de 1888, a Princesa Isabel assinava o decreto de emancipação de tantos milhares e milhares de escravos e homenageava o Papa, que certamente deve ter se sentido o mais feliz, entre tantos outros. Era o Papa a única pessoa que merecia um tal presente. Só os Papas reclamaram sempre energicamente os direitos destes infelizes. Paulo III e Urbano VIII lançaram terríveis excomunhões contra os promotores e cúmplices do infame tráfico. Porém, hoje mais que nunca, precisam da ajuda do missionário. Ébrios com a liberdade obtida, o fantasma do passado os atemoriza e afasta de qualquer sujeição. Privados dos meios de subsistência, com instintos depravados, precisam de uma mão benéfica e caridosa. São porém, ordinariamente de bom coração e inteligentes».²³

¹⁹ Evidentemente em termos de história ou de arte, as Igrejas da Bahia de Todos os Santos não podem ser comparadas com as de outros países da Europa. Calógero parece ter exagerado em seu julgamento. Talvez tivesse observado apressadamente as maravilhas barrocas e as riquezas dos inúmeros templos como o de S. Francisco, forrado internamente em ouro, ou a Igreja dos Jesuítas, hoje Catedral Primacial. O secretario do Pe. L. Lasagna, Teodoro Massano deixou opinião contrária.

²⁰ BS 27 (1903) 136, 137.

²¹ Região centro africana, onde eram capturados a maioria dos homens e mulheres negros que vinham para o Brasil.

²² O cronista poderia ter lembrado o mercado de crianças de Londres em 1850, durante os inícios da Revolução industrial. Na época, praticando-se «incompreensível crueldade», já se usava a mão de obra infantil, mais conveniente que a adulta (Francesco TRANIello, *L'età Contemporanea*. Torino, SEI 1974, p. 12).

²³ BS 27 (1903) 136, 137.

Na primeira capital do Brasil, o ilustre visitante foi recebido ao som das músicas executadas pela banda dos meninos dos Liceu. O mestre coadjutor, José Furlani se esmerou em suas apresentações.

«Depois, sob a presidência de Mons. Basílio Machado, decurião dos Cooperadores, do Governador do Estado, Araújo Pinho, do Sr. Arcebispo D. Jerônimo Thomé da Silva, de sacerdotes seculares e regulares, foi oferecida ao ar livre uma tertúlia músico-literária».²⁴

A homenagem aos salesianos foi prestada, no pátio interno, não se dispondo ainda, como nos modernos colégios de amplas quadras cobertas. Em primeiro lugar usou da palavra o diretor dos Cooperadores Salesianos, Monsenhor Basílio Machado, grande amigo e admirador dos salesianos e futuro Bispo de Manaus. Os elogios entusiasmados, feitos às atividades e à abnegação dos cinco que compunham a comunidade baiana - e que haviam atraído a simpatia de toda a população - eram ouvidos complacentemente pelo Pe. P. Álbera. O senhor Arcebispo, o Governador e o Prefeito falaram entusiasmados diante de uma grande assembléia formada pelos representantes da sociedade local. O secretário comenta:

«A atividade e a abnegação daqueles cinco irmãos tinham atraído a simpatia de toda a cidade. Aquela assembléia foi um verdadeiro plebiscito de afeto pela obra salesiana... Tudo isto devemos agradecer à generosa colaboração de M. Basílio e da exímia e famosa escritora Senhora Amélia Rodrigues, de cuja clássica pena saíram tantas páginas preciosas sobre Dom Bosco e sua obra no Brasil».²⁵

Aos três de outubro, pela manhã, após uma festa solene realizada na Capelinha do colégio, Dom Jerônimo ordena Subdiácono o clérigo Caitano Orite e Diácono o clérigo André Sierkiewicz.²⁶ Pe. Antônio Viet fala que um «outro forasteiro» também teria recebido ordens. À noitinha no pátio do Liceu houve um teatrinho. Entre os presentes estavam o senhor Arcebispo e o Governador Dr. Severino Vieira. O Cônego Manfredo Lima pronunciou o discurso de saudação ao represen-

²⁴ Crônica do senhor Olavo, in C. LEÔNCIO, *Sete Lustrros...*, p. 37.

²⁵ BS 27 (1903) 136, 137.

²⁶ Ambos saíram após a ordenação sacerdotal. Sierckiewicz deixou a Congregação em 17 de junho de 1906.

tante de Dom Bosco. Naquele dia, em conferência o Visitador instituiu o primeiro Capítulo da comunidade salesiana: Pe. Luiz Della Valle - diretor; Pe. André Sierkiewicz-ecônomo; e Pe. Luiz Pasquale-catequista.

Os dois sacerdotes tinham ainda muito caminho a fazerem, através das terras da América. Aos nove de outubro, acompanhados pelo Pe. L. Giordano, tomaram o primeiro vapor em direção ao Recife. Tratava-se justamente do *Pernambuco* um dos menores e mais deteriorados da Cia. Loyd. Por sinal a travessia até à capital pernambucana foi bastante tumultuada. No dia 28 de outubro a Bahia recebe outra vez o Visitador.

Até então as obras do Recife, Bahia e Jaboatão-Colônia faziam parte da Inspetoria de S. Lucas para a Venezuela, Norte do Brasil e América do Norte. O Inspetor era o Pe. José Lazzero, decano do Capítulo Superior e que jamais visitou a América. As demais obras do exterior, pertencentes à mesma Inspetoria, ficavam na Venezuela: Caracas, Valência e Curaçao; nos Estados Unidos: S. Pedro e S. Paulo e Corpus Domini (em S. Francisco da Califórnia) e a casa de Nova Iorque.

Pe. P. Álbera como que condensará suas observações a respeito da Bahia nas palavras escritas de Niterói ao Pe. Miguel Rua.

«Casa incipiente. Muita coisa caminha ainda “alla buona”. Há pouca limpeza, pouca ordem e por outro lado muito espírito de família. Falta uma mente organizadora. P. Della Valle trabalha muito, se mata, ...continua como um louco. O seu pessoal é todo jovem e deve ser formado. P. Giordano passando uma parte do ano ali, ajustará tudo. Malgrado a falta de tudo, faz-se muito bem e goza-se de muita simpatia».²⁷

O Arcebispo primaz preocupou-se não só pela instalação dos salesianos em sua Arquidiocese, mas também pelo bom funcionamento da obra. Prova disto é uma de suas correspondências ao Pe. Rua, algum tempo após a passagem do Pe. P. Álbera:

«Há tempo, escrevi uma carta a V. Rev.ma e como não obtive resposta, creio que se perdeu. Por isso, decidi-me a escrever-lhe novamente. Trata-se do Colégio dos Padres Salesianos, que está carente de pessoal. Isto por muitos motivos: Para desenvolver com segurança a escola elementar e comercial do pensionato, indispensável para o desenvolvimento do Colégio; Para desenvolver e sustentar o Oratório festivo que decaiu bas-

²⁷ ASC B 050: carta Álbera-Rua, Niterói, [s di m] de 1901.

tante por falta de pessoal; Para desenvolvimento das cinco²⁸ escolas profissionais existentes, que não têm sequer um mestre de arte salesiano. No momento bastaria um professor de inglês e francês, um mestre de arte e um bom Censor e assistente. Presentemente, o Colégio, tendo em vista a pobreza de suas finanças, não tem condições de pagar muitos professores. Espero, por conseguinte, que V. Rev. tendo em vista estes motivos, dignar-se-á enviar alguns indivíduos idôneos para aumentar o pessoal».²⁹

Na primeira folha da missiva do senhor Arcebispo, o Superior dos salesianos escreveu: *Arcebispo do Brasil, Bahia, pede pessoal para a casa da Bahia (Brasil). Resp. que se fará o possível, mas falta pessoal.*

Notamos que é a segunda vez que D. Jerônimo se dirige aos superiores reclamando sobre a falta de salesianos e o andamento de nossas casas. Na primeira solicitava a substituição do diretor do Recife, Pe. L. Giordano, pois não era bom administrador. O futuro Inspetor viajava bastante naquela época, sobretudo para Jaboatão e Tebaida. As próprias enfermidades e a dos irmãos eram uma de suas cruces. Os médicos haviam-no aconselhado a se ausentar do Recife, cujo clima não lhe fazia bem.

4. Perspectiva ampliada

O número dos alunos gratuitos atendidos pelo Liceu, dependia da ajuda que o colégio recebia do governo, dos benfeitores e da sociedade em geral. A assistência prestada aos meninos foi diminuindo, à medida que os auxílios oficiais ou particulares se faziam menos presentes ou mudava a atitude dos governantes. A política hostil aos estabelecimentos privados, mesmo de fisionomia caritativa, inviabiliza as obras destinadas a ajudar a sociedade a se liberar em parte de algumas de suas chagas sociais. As instituições que desejassem continuar assistindo e educando os «jovens pobres e abandonados», os sem voz nem vez, ou partiam - como muitos o fizeram, religiosos ou não, - para sistemas em que os alunos pagassem total ou parcialmente suas mensalidades, ou fechariam, morrendo exangues. A via pagante teve que ser adotada, turbando por vezes as consciências de certos religiosos. Estes, temerosos de perjú-

²⁸ As cinco escolas ou oficinas às quais o Prelado se refere eram: composição e impressão tipográfica, encadernação, alfaiataria, sapataria e carpintaria.

²⁹ ASC F 545: carta Jerônimo-Rua, Bahia, 6 de outubro de 1904.

rios contra suas Constituições, atraíam por outro lado as críticas muitas vezes infundadas ou de má fé de anti-religiosos ou anti-clericais.³⁰ Na Bahia chegou-se a um momento em que a obra começou a perigar. Não sobreviveria, caso não se desse outra solução para o problema, ou seja, fazia-se necessária uma fonte econômica que sustentasse o trabalho social do Liceu.

Curso Primário

O Curso Primário, que nasceu com os primeiros anos da obra, seguia os programas oficiais: *Primeiras letras*: aritmética pratica, elementos de gramática, historia nacional, geografia, lições de ciências naturais, lições religiosas morais e cívicas; caligrafia, desenho e ginástica. Foi sempre deficitário em termos de aprendizagem, de alunado e de rentabilidade econômica. O fato em parte estaria ligado aos professores, clérigos ou externos. Os clientes não acreditavam muito na eficiência de um Curso Primário que não fosse ministrado por professoras. Há um longo período em que não se fala do Primário, inclusive do tempo em que foi encerrado.

Professores e textos:

<i>Primeira Classe Elementar:</i>	F.T.D ³¹ Princípios de leitura
Professor: Antônio Gama de Cerqueira	Tabuada
12 alunos	Catecismo da Diocese.
<i>Segunda Classe Elementar:</i>	Felisberto de Carvalho - 2º livro
Professor Clérigo Emílio da Silva	Tabuada
19 alunos	Catecismo da Diocese.
<i>Terceira Classe Elementar:</i>	Felisberto de Carvalho 3º livro
Professor: Clérigo Estanislao Leik	Abílio C. Borges, Gramática
27 alunos. ³²	Portuguesa.
	F.T.D. Cálculo e Problemas. F.T.D.
	Geografia. José R. da Costa, Narrações

³⁰ Quem trabalhou em escolas, sabe que o vírus da inveja, volta-se por vezes contra os estabelecimentos particulares, geridos por religiosos ou leigos.

³¹ FTD (Frère Theophanes Durant, Superior Geral dos Irmãos Maristas).

³² Nada se registra sobre a Quarta Elementar.

Professores dos Aprendizes do Curso Elementar

Na primeira Classe Elementar, tudo igual, como acima
Segunda Classe Elementar: Professor Antônio Gama de Cerqueira. 09 alunos
Terceira Classe Elementar: Professor Diácono Enrique Pallottino. 12 alunos.
Quarta Classe Elementar: Diácono Enrique Pallotino. 11 alunos.

Curso Comercial

Começou em 1907 com 20 alunos. Um dos seus professores era o diácono, ecônomo e conselheiro escolar Enrique Pallottino, que começou a fazer parte da comunidade baiana naquele ano. Quando da abertura, a diretoria do Liceu enviou à sociedade baiana uma Circular falando sobre a nova opção oferecida pelo estabelecimento:

«Além do curso primário, já existente de acordo com os programas governativos, organizou-se um *Curso Commercial* nos moldes do que funciona, com excellentes resultados, no Lyceu Salesiano de S. Paulo, correspondente às “Business Schools” dos Estados Unidos e às Escolas de Commercio e Industria, tão conhecidas na Europa».³³

O programa do Curso Comercial tinha como modelo o da Escola Comercial do Rio de Janeiro. Seguiu a Lei federal número 1339 de 09 de janeiro de 1905. Matérias: português, francês, inglês, aritmética, álgebra, geometria, geografia, história, ciências naturais, classificação de mercadorias, legislação de fazenda e aduaneira, noções de direito civil e comercial, prática jurídica comercial, escrituração, mercantil, desenho, caligrafia, mimeographia³⁴ e dactilografia. Observa-se que era um programa bastante carregado. Os alunos tinham ainda ao menos quatro horas de aulas diárias, além do tempo destinado para declamação, música vocal e instrumental.

³³ ASC F 545.

³⁴ Aprender o uso do mimeógrafo.

Professores e textos do C. Comercial

Professor: Diácono Enrique Pallottino (20 alunos): Edmundo de Amicis, O Coração. F. T. D. Gram. Portuguesa.

C. Durando: Gramática Latina. F.T.D. Gram. Francesa. F.T.D. Aritmética elementar.

Abílio C. Borges: Desenho linear e geométrico.

Macedo Costa: História Bíblica e Catecismo da Diocese.

Observação: o professor de francês era Padre L. Gatti.

Pe. Clélio Sironi: Geografia

Pe. Ghislandi: Estudos Naturais.

Estudantes e Programa dos aprendizes

Os alunos-estudantes que desejassem dedicar-se a alguma arte ou ofício faziam inscrições nas Escolas Profissionais: tipografia, encadernação, marcenaria, alfaiataria, sapataria e agricultura. O ensino profissional destas escolas era dividido em graus, desde os primeiros elementos da arte estudada, até o aperfeiçoamento final. O colégio forneceria os instrumentos para aprenderem a trabalhar em seu ofício. Havia aulas de português, aritmética, francês, caligrafia, geografia, desenho, historia pátria. Para os aprendizes que tivessem aptidão, havia aulas de declamação, música instrumental e vocal.

Número de alunos na Bahia e na Inspeção em 1912 e 1913

Estudantes em 1912.

CASAS	Orat. Festivo	Externos	Semi-internos	Internos	Aprendizes
Aracaju	00	80	00	36	00
Bahia	250	75	00	40	60
Jaboatão	30	24	05	09	05
Recife	00	182	00	84	34
S. Joaquim	00	00	00	00	00
Thebaida	15	00	00	00	03
Obras: 6	295	05	05	169	102

Alunos na Inspeção em 1913. Não há informações para Recife, S. Joaquim em Frei Caneca e Aracaju.

CASAS	Orat. Festivo	Externos	Semi-internos	Internos	Aprendizes
Aracaju	00	00	00	00	00
Bahia	150	70	00	40	56
Jab. Colônia	40	28	00	08	03
Recife	00	00	00	00	00
S. Joaquim	00	00	00	00	00
Tebaida	15	06	00	00	12
Obras: 6	<i>205</i>	<i>104</i>	<i>00</i>	<i>48</i>	<i>71</i>

A festa de N Sra Auxiliadora foi uma oportunidade para o diretor, Pe. C. Sironi, enviar um convite às famílias dos alunos para a homenagem à Virgem. Na convocação do missionário há claramente um lembrete de auxílio aos órfãos:

«As pessoas que pela sua distância ou qualquer outro motivo não puderem tomar parte nesta solemnidade, pedimos encarecidamente não deixem de nos fazer chegar o obulo de sua generosa caridade. As nossas orações e a dos nossos orfãos reconhecidos, alcançarão de N. S. Auxiliadora, para V. Ex.^{cia} e para toda sua Ex.^{ma} Família as mais copiosas bênçams temporaes e eternas».³⁵

Enxoval

O enxoval que todos deveriam trazer ao ingresso do colégio era bastante discriminado. Normalmente exigido em todos os estabelecimentos dos SDB. O estatuto fala de «todos», o que dá a entender que estavam incluídos também os alunos gratuitos. Estava assim discriminado: 1 colchão de 1,90 x 0,85. 1 travesseiro. 1 cobertor. 4 fronhas. 2 colchas brancas. 4 lençóis. 6 camisas para uso diário. 4 ceroulas. 6 pares de meia. 8 lenços. 4 toalhas de mão. 2 toalhas para banho. 3 gravatas. 6 colarinhos. 4 guardanapos. 2 pares de sapatos ou botinas. 2 pares de chinelos. 1 um chapéu de palha branca. 4 ternos de brim. 1

³⁵ O convite foi expedido em 2 de junho de 1913 e a festa realizou-se no dia 8. A mesma correspondência foi enviada ao Pe. P. Álbera.

terno de casimira preta ou ao menos um paletó. 2 calças brancas compridas. 2 calças para banho. Da lista constava ainda 2 sacos para roupa servida. Escovas de dentes, de roupa, de sapatos, pente, tesoura e bacia. A roupa lavada deveria ser trazida no sábado, quando se levava a usada.

Órfãos e artistas

O teatro, bem como a música sempre ocuparam no Sistema Salesiano de Educação um alto valor educativo e social.³⁶ Na Bahia logo no primeiro ano começaram as atividades teatrais e musicais.

«Neste dia (16/9/1900) pela primeira vez, representou-se várias farsas com um esplêndido êxito dos nossos pequenos atores e com grande admiração e satisfação do publico que alcançava mais de duas mil pessoas».³⁷

As peças³⁸ eram freqüentemente escritas pelos irmãos coadjutores ou padres. Os artistas se apresentaram pela primeira vez³⁹ diante de uma assembléia de cerca de 2.000 pessoas. Foi um espetáculo comovente aos olhos dos assistentes que viam naqueles pirralhos, ontem sem expectativas e sem futuro, os resultados iniciais da pedagogia do santo de Turim. Nos meses e anos seguintes os meninos do Liceu serão normalmente convidados para se apresentarem na capital ou no interior com suas peças teatrais, músicas e declamações poéticas. Os educadores e seus meninos logo mais foram conhecidos e estimados além das fronteiras do Recôncavo baiano. O grupo começou a dispor de alguma entrada a mais para sua educação e subsistência. Numa apresentação no teatro

³⁶ Sobre o teatro e a música na pedagogia salesiana, veja-se M. MIDALI, *Dom Bosco...*, pp. 428-437 e 449-452.

³⁷ ACB: Setembro de 1900.

³⁸ Alguns dos dramas e comédias levados pelos alunos, oratorianos, ou ex-alunos: *Doi-dos a pulso*, *Os três valentões*, *Uma peça bem pregada*, *A escola da Roça*, *O Dr. Maracujá*, *A vingança de Átila*, *O sonâmbulo*, *As pistrinas*, *O terror dos Alpes*. (Este drama «bem ensaiado e bem interpretado», foi realizado em homenagem ao Inspetor, Pe. Guido Borra. Não pode entrar no repertório salesiano «pois tem um homicídio que faz má impressão e no 3º Ato um tiroteio sem fim». A observação é do mesmo Pe. Guido Barra na Visita de 21 de agosto de 1943, data em que foi representada a peça.

³⁹ Em 16 de setembro de 1900.

público de Salvador⁴⁰ foi aberta uma pequena loteria para ajudá-los. Na festa de S. José em 1902, além da peça teatral «a Senha de Roncar», os ouvintes puderam aplaudir a primeira sonata pública. Quando convidados às cidades do interior o programa constava de visita ao Vigário e ao Prefeito; de orações na Matriz; passeatas com a banda pelas ruas, cujos habitantes agradeciam ruidosamente as peças musicais do coadjutor José Furlani e outros compositores salesianos. Durante a noite realizavam serestas ou retretas, musicais, poesias ou pequenas peças teatrais. Uma destas festas aconteceu em Santo Amaro (1903), a terra de Caetano Veloso e Maria Betânia, onde os meninos-artistas foram muito ovacionados. Na Missa, celebrada na Matriz, o Cônego Ildefonso Nunes de Oliveira falou sobre *Nossa Senhora, os Salesianos e os jovens pobres*. Catu no Recôncavo era freqüentemente palco das exibições dos órfãos do Liceu.

O colégio, como em outros anos comemorou em 1903, o descobrimento da América. Participavam alunos e professores. Um dos momentos de muita atenção foi o da conferência do engenheiro Teodoro Sampaio sobre o dia 12 de outubro de 1492.

O Boletim Salesiano fala do grande entusiasmo dos presentes por Dom Bosco, visto como um outro Cristóvão Colombo. O Santo turinês havia também conquistado a América, o coração e a alma daqueles povos. No Novo Continente rezava-se e aplicava-se a prece do herói genovês ao missionário desbravador de Turim.

«O Senhor, Deus Onipotente e Eterno, que pelo teu sagrado Verbo criastes o firmamento, a terra e o mar, sejas bendito e glorificado em todos os lugares, porque te dignastes permitir que através de teu humilde servo, teu nome fosse anunciado nesta outra parte do mundo».⁴¹

A banda musical se apresenta pela primeira vez⁴² numa homenagem prestada ao Pe. L. Giordano, que vem à Bahia e é recebido no Plano Inclinado⁴³ Lacerda. O Inspetor e os que estavam presentes no momento

⁴⁰ Em 25 de novembro de 1900.

⁴¹ BS 28 (1903) 710.

⁴² Em 18 de março de 1904.

⁴³ ACB: Crônica de 1903. O cronista deve ter trocado «Elevador Lacerda» por «Plano Lacerda». Existiam os planos do Pilar e o do Gonçalves. Este, construído pelos jesuítas, era chamado inicialmente guindaste dos padres. Servia para transportar material da cidade baixa, onde se encontra o porto, para as Igrejas. O atual Elevador Lacerda, um dos cartões-postais mais conhecidos de Salvador, construído pela firma Antônio de Lacerda & Cia, (do engenheiro baiano Antônio de Lacerda, 1837 - 1885) foi iniciado em outubro

ficam maravilhados com as peças musicais, aprendidas tão rapidamente pelos órfãos.

No centenário da Imprensa Baiana (1811-1911), acontecimento citado dos mais importantes, os músicos do Salesiano foram convidados para abrilhantar a festa no Instituto Histórico e Geográfico. Naqueles dias inaugurou-se na Pituba uma casa de férias e passeios para alunos, mestres e salesianos. Os funerais do Barão do Rio Branco, realizados no mesmo dia do aniversário do colégio, em março de 1912, contaram com a presença dos meninos de Nazaré, bem como os 400 anos da Cidade de Ilhéus quando a banda executou belas músicas. O povo gostava de ouvir a escola de canto dos internos e ajudava os meninos com suas ofertas. Recebiam convites para Missas na Igreja da Vitória, na de S. Bento, durante a festa de Nosso Senhor das Angústias; para o *Te Deum* na festa do Dois de Julho; nas Igrejas dos Franciscanos e na dos Capuchinhos. Na novena de Santo Inácio no Colégio Vieira. A Velha Catedral⁴⁴ era um dos lugares mais freqüentados pelos meninos artistas. Participavam das funções da Semana Santa, das homenagens ao Arce-

de 1869 e inaugurado em 8 de dezembro de 1873. Não só ligava a Cidade Alta com a Cidade Baixa, mas também interligava as duas linhas de bonde Calçada/Praça Cayru e Graça/Praça Municipal. As duas «balanças» hidráulicas do elevador foram apelidadas de «Parafuso do Lacerda». O Instituto Geográfico e Histórico da Bahia rebatizou a obra, em 21 de junho de 1896, de Elevador Antônio de Lacerda, popularizado mais tarde como Elevador Lacerda. Inicialmente era escavado na rocha. Na década de 30, a firma dinamarquesa Christien & Nielsen deu-lhe nova visão, construindo a torre externa com as duas cabines com o passadiço sobre a Ladeira da Montanha. A Prefeitura Municipal de Salvador o incorporou ao seu Patrimônio na década de 50 (ACB: *Fundação Gregório de Matos*, Governo da Bahia, 450 anos Salvador).

⁴⁴ A antiga Catedral ficava na Praça da Sé, sua construção vem dos idos da fundação da Cidade de Salvador, em 1549. Na época Tomé de Souza fez erigir uma Igreja que seria a Sé da novel cidade. Inicialmente foram usados na construção barro e palha, após dois anos foi edificado um novo templo em pedra e cal, onde pontificaria Dom Pedro Fernandes Sardinha, primeiro Bispo da Bahia e do Brasil. Com o andar da carruagem, a Igreja-Mãe da Bahia passou por inúmeras transformações internas e externas, oriundas também da evolução e crescimento da cidade. Lamentavelmente a construção foi derrubada em 1933 e no espaço foram fixados os trilhos das linhas dos bondes. Os estudos arqueológicos mostraram que a Igreja da Sé, em forma retangular, era um edifício grandioso, entre os maiores do país, medindo 57 m de comprimento por 35 m de largura. A fachada olhava para a Bahia de Todos os Santos, tendo em frente a Praça Dona Isabel. Entre esta e a Cidade Baixa existia uma encosta, onde foram realizados grandes trabalhos de contenção. Nos últimos anos da década de noventa, em comemoração aos 450 anos de fundação da cidade, a Universidade Federal da Bahia, através do Museu de

bispo, das grandes festas que ali se realizavam ao longo do ano e de exéquias de personagem como aconteceu com a do Conselheiro Afonso Penna. A Praça Senhor do Bonfim acolheu-os por diversas vezes em retretas beneficentes. Famosos e cobiçados eram em geral transportados por bondes especiais.

Com o tempo uma das ocasiões mais concorridas era a Missa de Nossa Sra. Auxiliadora, ocasiões em que os cantores mais se esmeravam. Em uma das homenagens a Nossa Senhora estiveram presentes o governador eleito, Dr. Araújo Pinho, o ex-ministro da Indústria Dr. Miguel Calmon e esposa e o Chefe de Polícia da Capital. As comemorações cívicas do aniversário da Independência eram ruidosamente celebradas com desfiles pelo bairro de Nazaré ou até mesmo com reuniões artísticas, como a que aconteceu em 1912, na Praça dos Capuchinhos (também chamada Praça da Piedade). Na ocasião um dos alunos declamou a poesia *A Bandeira do Brasil*, de autoria do bispo salesiano e futuro governador do Estado de Mato Grosso, Dom Aquino Correia.⁴⁵

A sociedade continuava sendo informada sobre a obra social dos salesianos da Praça de Nazaré.⁴⁶ No declive da colina em direção a atual Rua Djalma Dutra, funcionava um início de Escola Agrícola. Posteriormente recebeu a alcunha de Roça dos Padres.

Arqueologia e Etnia executou um plano de intervenção arqueológica no recinto da antiga Catedral. Ali foram realizadas descobertas interessantes, cujo estudo, em andamento fornecerá dados preciosos para um melhor entendimento do processo histórico da primeira Capital do Brasil. Os arqueólogos puseram à lume os alicerces da faixada (estamos em abril de 1999); os fundamentos de duas capelas, a do SS. Sacramento e a de S. Miguel, respectivamente à direita e à esquerda do altar-mor e a base da escadaria de uma das torres. No interior e no adro descobriram-se grande quantidade de ossadas humanas. Era costume sepultar certas personalidades, do clero ou não, no interior das igrejas, variando o local de acordo com o grau da autoridade. Em alguns casos havia seis esqueletos superpostos, lembrando um pouco as Catacumbas romanas. Apareceram no decorrer das escavações restos de cerâmicas portuguesas e tupiguaranis, porcelanas chinesas, fragmentos de metal e de objetos de uso doméstico ou pessoal (facas, dedais, alfinetes, pingentes). Havia moedas do tempo de D. João III (o rei que autorizou a fundação da cidade), da época de Dom Sebastião e uma de 1696, cunhada pela recém fundada Casa da Moeda da Bahia. A atual Sé da Bahia, pertencia ao Colégio dos Jesuítas, mais tarde primeira Faculdade de Medicina do país. Carlos Etchevarne, *Universidade Federal da Bahia, Museu de Arqueologia e Etnologia, A Sé Primacial do Brasil*. Folha avulsa de abril de 1999.

⁴⁵ Em 1918, os salesianos da Bahia, enviaram-lhe um telegrama, cumprimentando-o pela escolha para dirigente político do Estado.

⁴⁶ Salvador, março de 1903.

Abertura do Externato e pensionato (1907)

As campanhas organizadas pelos Cooperadores, com a professora Amélia Rodrigues à frente e pelo próprio Arcebispo (sua segunda Carta de 1906 pedia auxílios aos seus diocesanos para as Escolas do Liceu), não produziam meios suficientes para o sustento dos internos. A economia liceana revestia-se de maior seriedade porque então, executavam-se algumas reformas na mansão do Caranguejo. Consertada nos primeiros anos estava outra vez ameaçando a ruir. Acresce ainda que o governo, em âmbito local como nacional, eliminara as ajudas às obras de beneficência aos jovens carentes, enquanto que os auxílios de particulares, quando apareciam eram raros e minguados.

«A Bahia passava por uma grave crise financeira e os bons sustentavam as muitas instituições de beneficência já fundadas».⁴⁷

A inauguração do novo prédio havia aumentado o espaço físico das instalações, facilitando abertura de um externato e de um pensionato e ajudando a minorar as dificuldades financeiras da escola. Pe. C. Sironi dá então início a um pequeno externato.⁴⁸ De acordo com as possibilidades de vagas e a vizinhança do Liceu tanto estudantes como aprendizes poderiam ser internos ou externos. No mês de março os internos eram 65, os externos 30 e os oratorianos 70. No início de abril, o prédio novo ganha luz elétrica, enquanto que aos 17 de julho é a vez da Casa Velha (mansão do Caranguejo) ser também iluminada.

No entanto, a situação econômica continuava difícil, repercutindo drasticamente nas Escolas Profissionais. A visão das autoridades, eleitas e sustentadas pela bem montada estrutura coronelística que tudo manipulava, havia mudado. As escolas religiosas que só se preocupavam com a classe pobre e sem condições de progredir na vida, praticamente não acolhiam os filhos da classe média, os jovens abastados, ricos. Esta atitude havia despertado descontentamento nas esferas dirigentes que paulatinamente criaram uma situação em que os estabelecimentos se quisessem continuar tinham que receber também alunos pagantes, ou sejam das classes mais abastadas.

Em dezembro de 1907, o Liceu, já equiparado oficialmente, tendo em vista os «recursos insuficientes» para manter o estabelecimento, ex-

⁴⁷ BS 31 (1907) 92.

⁴⁸ Em 18 de fevereiro de 1907.

pede uma Circular comunicando a abertura do Colégio também para alunos pensionistas.

«No intuito de ampliar e desenvolver a propria esphera de acção em favor da juventude, a direcção deste estabelecimento, pezarosa de não poder augmentar o numero dos orphãos, por falta de suficientes recursos, admitirá, como as outras casas salesianas do paiz, alumnos pensionistas mediante modica contribuição. O escopo pelo qual foi instituída esta Casa (pelo menos na intenção dos Cooperadores) era dar instrução e educação profissional gratuita. Mas, e pelas dificuldades de se encontrar esmolos suficientes, não bastam as pouquíssimas e reduzidas pensões dos alunos, vê-se a necessidade de se aumentar o número dos alunos pagantes. O Colégio conserva seu primitivo título: Liceu Salesiano do Salvador».⁴⁹

Esta atitude já tinha sido tomada não só em S. Paulo, mas em Niterói e no Sagrado Coração, em Recife. Não foi outro o comportamento dos mesmos religiosos em Montevideú, quando fundaram o Colégio Pio, onde se encontrava estudando, juntamente com alunos menos abastados, a nata⁵⁰ da sociedade burguesa dos fazendeiros e comerciantes não só crioulos e brasileiros, mas também de imigrantes italianos. A alta cúpula da Sociedade Salesiana em Turim, não desconhecia o fato. Anteriormente nos referimos à problemática dos alunos ricos, quando narramos a aceitação por parte de Dom Bosco do Colégio de Valsalice.

O Pensionato incluiria alunos de diversos cursos entre estudantes e aprendizes.

«Para se estender mais longe os benéficos effeitos do seu systema educativo, a direção abriu, com a devida separação e o necessario tratamento, um pensionato no qual, satisfeitas todas as exigências didacticas, admitte alumnos para os *Cursos Primario, Commercial* (estudantes) e *Profissional* (Aprendizes)».⁵¹

Numa das visitas extraordinárias, após a abertura do Pensionato e Externato, o autor anônimo se referia à falta de recursos para os alunos órfãos:

⁴⁹ ASC F 545: Circular de 24 de dezembro de 1907.

⁵⁰ L. LASAGNA, *Epistolario*, Vol II..., p. 554.

⁵¹ ASC F 545: Estatutos do Liceu.

«Este ginásio foi aberto nestes últimos anos porque o governo não dava mais subvenções para as Escolas Profissionais e estas, por si sós não podiam sobreviver. Não obstante desde o início tem sido de grave ônus para a casa. Os alunos são ainda poucos e deve-se pagar 12 contos de taxa ao governo. Espera-se que aumentem e assim possamos ter a ajuda que se espera».⁵²

Observe-se que o governo não só não ajudava mais a obra a social do Liceu, mas até usufruía do trabalho feito, através da cobrança de taxas, referentes aos 43 alunos, cujas mensalidades ajudavam a educação dos que não tinham condições de pagar. O Colégio terminou o ano de 1907 com um déficit de 16:239\$000 e um débito antigo de 120:000\$000, oriundo precisamente em grande parte da reforma executada no prédio, quando ameaçava a ruir.

Publicam-se os novos estatutos do Liceu, explicando os objetivos do estabelecimento, o motivo da recente orientação tomada pela diretoria e ao mesmo tempo, incluindo normas referentes aos alunos Externos. Encontramos dois textos dos estatutos, ambos sem data. Junto com um deles achava-se a Circular de 24 de dezembro de 1907, acima referida.

A conclusão das obras do prédio em dezembro de 1906, dando espaço para a posterior abertura do curso comercial, conforme a citada circular de dezembro, leva-nos a supor que os Estatutos em pauta sejam do ano de 1907. Uma nota em um dos documentos do Arquivo, faz pensar que a segunda cópia seja de 1912.

Apresentamos a seguir o documento, que parece ser de 1907. O outro mais resumido mostra algumas diferenças com respeito ao enxoval que o aluno deveria trazer ao ingressar no Colégio.

*Estatutos do Lyceu Salesiano do Salvador
Largo Conselheiro Almeida Couto-Bahia*

O Lyceu Salesiano do Salvador, situado num dos pontos mais altos da capital, em lugar ameno e espaçoso, e em boas condições hygiênicas, tem por fim proporcionar aos seus alumnos, além da educação religiosa e civil, uma instrução que seja conforme aos melhores methodos de ensino. Este estabelecimento consentaneamente ao espirito de caridade do Veneravel J. Bosco, fundador da Sociedade Salesiana, visa de preferen-

⁵² ASC F 545: [s d a].

cia á educação dos meninos orphãos ou abandonados⁵³, não tendo outra ambição mais que de augmentar o seu numero e desenvolver a sua benefica acção. Entretanto, destituido de patrimonio ou rendimento de qualquer espécie como está, em quanto a Providencia divina e a beneficencia publica e particular não lhe offererem os meios de realizar todo o seu desideratum, irá cumprindo a favor da infancia desamparada o mais que lhe for possível, augmentando com a melhor vontade os beneficios a medida que os recursos lh' o consentirem.

Observação: «De accordo com o exposto acima, em quanto o Lyceu não estiver em condições de admittir gratuitamente todos os seus educandos, dando a preferencia aos que forem mais necessitados, e abandonados, completará a sua lotação, admittindo alumnos aprendizes e estudantes, mediante uma modica contribuição. A este respeito é mister entender-se com a directoria».⁵⁴

Regulamento de 1907

Alguns comentários. O regulamento estabelecia normas para a accitação de alunos aprendizes ou gratuitos e para os pagantes. O aluno bolsista deveria ser órfão e não ter outra pessoa responsável por ele. Entre os documentos deveriam constar certidões de batismo, vacinação, orfandade, pobreza. A idade oscilava entre onze e treze anos.

A última parte do regulamento intitulava-se *Advertências* e dirigia-se aos alunos pagantes e seus responsáveis. Apresentamos seu conteúdo principal. O ingresso ao colégio era às 10h00 e a saída às 16h30. Havia uma mensalidade trimestral paga adiantada: Curso Primário: 20\$000. Comercial (externos): 35\$000. Para comparecer nos dias de festa e passeio cada aluno deveria ter duas calças brancas, um paletó preto e um chapéu de palha branca. Todos os alunos deveriam conformar-se inteiramente com o regulamento interno. Além do tempo marcado para ferias de dezembro a fevereiro, concedia-se durante o ano, a pedido dos pais e a título de prêmio, três saídas, devendo-se retornar na hora designada pelo diretor que limitava as férias dos aprendizes. Os estudantes poderiam ser visitados nos domingos, dias santos e quintas-feiras no tempo de recreio ou de estudo. Os aprendizes po-

⁵³ Segunda redação: *cujo numero estará em relação com os meios que a beneficência publica e particular offererem.*

⁵⁴ ASC F 545.

diam ser visitados aos domingos e dias santos. Para as pessoas do interior, será permitida a visita em qualquer dia. As pessoas estranhas à família deveriam trazer uma autorização dos pais. De dois em dois meses o diretor mandava aos genitores ou tutores um boletim referente à saúde, estudo, trabalho e conduta. Proibia-se guardar ou andar com objetos de valor, canivetes ou dinheiro que se recebesse das famílias. Tudo era guardado, especialmente dinheiro, fornecendo-se à medida que o aluno precisava. As oficinas do Liceu, se o aluno desejasse, se encarregavam da confecção das roupas e sapatos. No caso, recomendava-se aos pais ou benfeitores que deixassem antecipadamente a importância destinada para tais fins. Os pedidos para a admissão deveriam ser dirigidos à diretoria do colégio, apresentando-se a documentação necessária.

Entre as condições para o menino ser admitido no Liceu Salesiano do Salvador estava a de freqüentar regularmente o Oratório festivo, aberto todos os domingos e dias santos das 8 às 9^{1/2} horas e das 14 às 17 horas. A entrada para as aulas era às 10 da manhã e a saída às 16^{1/4}. Indispensável para todos o uniforme colegial, isto é, dois pares de calças brancas compridas e um paletó preto, para comparecer nos dias santos e festas, aos teatrinhos, passeios, etc. Os alunos deviam comparecer ao Liceu asseados e decentes na pessoa e vestido. A entrada no colégio, após qualquer ausência não autorizada, exigia uma justificação dos parentes ou tutores declarando o motivo do não comparecimento.

Não se podia introduzir no ambiente livros estranhos às aulas, jornais ou revistas de qualquer espécie nem receber ou transmitir recados, cartas ou encomendas aos educandos. A portaria era um lugar de passagem, não para se ficar conversando. Mesmo nas ruas, quer indo ao colégio, quer voltando não se podia demorar, batendo papo com colegas. Eram excluídos dos exames semestrais e finais os alunos que não obtivessem aprovação nos exames de catecismo ou tivessem faltado a um numero de vezes igual à metade das lições. Cada um devia acostumar-se à disciplina, ao trabalho e à ordem em tudo; ocupar bem o tempo; fugir dos maus companheiros e das leituras más e ter como fundamento do seu progresso intelectual e moral o santo amor de Deus. Pedia-se instantaneamente aos parentes ou tutores que enviassem todos os dias pontualmente seus protegidos à escola dando-lhes sempre o tempo necessário para cumprirem com diligência seus deveres escolares; que procurassem tomar freqüentes informações ao diretor sobre o aproveitamento e a conduta de seus interessados.

Semi-internato

Os semi-internatos nunca foram de grande expressão em nossos estabelecimentos educacionais. A manutenção era muito dispendiosa, sobretudo no que dizia respeito à alimentação. As mensalidades tornavam-se muito próximas à dos internatos, o que constituía um problema para a instituição e para a família.

A primeira informação que tivemos sobre o semi-internato da Bahia vem de 1919, quando havia 13 aprendizes semi-internos. Daquele ano até 1942, os semi-internos foram sempre em número reduzido, havendo, momentos em que houve dois e três alunos. Em várias ocasiões foi reaberto, sendo a última vez em 1957, ano em que houve oito alunos. De 1964 adiante não houve mais semi-internato. Após estudos da Comunidade local e da Inspetoria chegou-se a conclusão que era melhor fechá-lo. Como substituição pensou-se em um externato de tempo integral com duas modalidades. Uma em que o aluno tivesse estudo no salão dos internos, ocioso à tarde, já que eles estavam nas aulas. A outra também opcional poderia constar de banca ou estudo dirigido.

Os aprendizes internos constituíam outra dificuldade. Número desproporcional ao ambiente, a idade avançada e alguns praticamente analfabetos. Surgiram diversos problemas pedagógicos, disciplinares, de adaptação e aprendizagem. Foi o caso de um grupo de 28 internos recebidos em janeiro de '48, mediante um Convênio com a Assistência Social da Bahia. O Provincial, Pe. Ladislau Paz escreverá que para o ano de 1952, não se receba mais de cem alunos e que sejam abaixo dos 14 anos de idade. No ano seguinte, o superior renovou a ordem. Os números porém continuarão a mostrar que as normas exaradas pelo Inspetor, por algum motivo não foram seguidas.⁵⁵

Em 1958, numa reunião do Conselho da casa estuda-se a possibilidade de se reduzir algumas séries do ginásio, entregando-se outras do primário «a uma senhora competente, séria e idosa».⁵⁶ Há também atritos com o Governo que não honra os compromissos, referentes aos alunos da Secretaria de Educação. Entretanto, o diretor aconselhava: «Devemos ser prudentes, para obtermos pelo menos o que merecemos neste ano».⁵⁷ Mesmo assim resolveu-se⁵⁸ não mais aceitar alunos conveniados.

⁵⁵ Anexo VIII.

⁵⁶ ACB: Ata de 16 de junho de 1958.

⁵⁷ Ibid.

⁵⁸ Em julho de 1958.

No início do directorado do Pe. Belchior Maia (1960 - 1964), realizou-se, juntamente com a Inspeção salesiana, um estudo com vistas ao primário. O plano era o mesmo já pensado anteriormente: entregá-lo a professoras que dividiriam as rendas com o Colégio. O pedido foi enviado ao órgão competente, poucos meses antes de Pe. Belchior passar a integrar o Conselho Estadual de Educação da Bahia. Do Recife aconselhava-se um exame cauteloso do assunto pois era um tanto delicado em termos trabalhistas.

«Deve-se estudar todos os ângulos do problema: trabalhista, econômico e principalmente disciplinar (religioso), por causa do movimento das professoras dentro da casa».⁵⁹

Antes do final do ano foi acertada a abertura do Pré-Primário e Primário. Na época pensava-se no reinício de um Pensionato. O Inspetor adverte que não deveria ser uma alternativa para sustento da casa e fosse dotado de um ambiente sadio e regime próprio. Nada se encontrou sobre sua concretização.

Mensalidades para o Internato (estudantes ou aprendizes)

O aluno para ser admitido como estudante⁶⁰ não deveria ter menos de 8 anos nem mais de 13. Se aprendiz não menos de onze nem mais de treze. Todos apresentavam certidão de batismo e vacinação. A mensalidade dos estudantes era de 45\$00 para o Curso Primário e de 50\$00 para o Curso comercial, além de uma jóia de 50\$00 no dia da entrada. Os aprendizes pagavam 30\$00 mais a jóia de 30\$00. Aquele que desejasse participar de aulas facultativas de piano, pagaria 10\$000 mensais. O Colégio se encarregaria da roupa lavada e engomada, através de uma taxa mensal de 8\$000. Livros, roupas, calçados ficavam por conta dos pais ou tutores. Os alunos gratuitos (internos ou não) deveriam permanecer no Liceu até concluírem o tempo de aprendizagem.

Fecha-se o internato

O Internato apresentava dificuldades sérias em termos econômicos. Em '63, a situação era triste e no ano seguinte os alunos eram apenas

⁵⁹ ACB: carta Pompeu-Belchior, Recife, 14 de agosto de 1964.

⁶⁰ Estudante era o aluno que não fazia nenhum curso profissionalizante, como era a característica dos aprendizes.

36.⁶¹ Anteriormente tinham sido matriculados 400, tendo sido o maior internato da Inspetoria.⁶² Uns pretendem fechá-lo, outros não, há argumentos a favor e contra. Não se chega a uma determinação, deixando-se continuar o problema. Em dezembro o assunto entra em pauta de discussão. Todo o Conselho da Casa votou a favor de sua continuação.

«Considerando as mudanças impostas pela situação econômica, manteríamos o Internato até que motivos imperiosos não forçassem a fechá-lo».⁶³

⁶¹ Os números às vezes variam, de acordo com as fontes. No mesmo arquivo da Bahia encontramos 64 internos, incluindo 7 aprendizes no ano de 1964.

⁶² Este número de alunos foi criticado pois eram recebidos sem critério, sem seleção e fora de faixa etária. Revoltados com o regime de internato, aqueles jovens traziam sérios problemas para o internato. Pe. Pompeu ainda acrescenta que «havia muita falta entre os salesianos» (ACB: Relatório de 3 de março de 1967). Na década de 1960, houve dificuldades também em outros internatos. O autor destas páginas trabalhou no Colégio de Aracaju de 1963 a 1965 como clérigo tirocinista. Havia naqueles anos cerca de 300 externos e 70 internos com um único assistente. Entre os internos encontrava-se um grupo difícil, alguns com a nossa mesma idade. Eram filhos de coronéis baianos, sergipanos ou alagoanos. Certa vez um destes rapazes nos ameaçou com um canivete. Estávamos no pórtico do Colégio, próximo a um monte de lenha que um caminhão havia descarregado para o fogão. Pensamos em nos defender com uma daquelas toras. Não foi necessário, tudo ficou só em ameaças e o rapaz continuou no Colégio... Em 1967 quando cursávamos teologia em S. Paulo, aquele jovem que então vivia em Santos foi visitar-nos como um bom amigo. Outro interno do mesmo colégio de Aracaju viera da Bahia. Protestante, alguns meses após recebeu o batismo em nossa Igreja. Jamais se adaptou à disciplina e terminou sendo afastado, colocando a culpa no clérigo. Certa noite, enquanto todos dormíamos, o jovem apareceu no dormitório. Ali também se encontrava a cela do assistente, uma divisória com dois lados em tecido branco, armada em um dos ângulos do salão. O interno, cuja cama ficava logo após nossa divisória, ficou muito preocupado e temeroso, vendo seu ex-colega, com uma faca na mão, entrar diretamente naquela cela. Após eternos minutos o intruso abandona o recinto e antes de deixar o dormitório, recolhe num saco, parte do que encontra nos bidês ao lado das camas dos alunos. A esta altura o Pedro, imaginando encontrar seu assistente esfaqueado e morto, abre o pano da cela e vê com felicidade que o então jovem salesiano continuava dormindo profundamente. O diretor, Pe. Manoel Nazareno é acordado e telefona para a polícia. Na manhã seguinte o invasor é preso, quando se dirigia a Salvador, com um automóvel de um militar, puxado nas ruas de Aracaju. Ao ser interrogado afirmou que pretendia eliminar-nos. Ao se deparar com a imagem de Nossa Senhora Auxiliadora, que conservávamos ao lado cama, lembrou-se dos ensinamentos que ouvira no Salesiano sobre a Santa, desistindo do propósito. Aquele assistente, hoje sacerdote, escreve estas páginas, agradecendo a Auxiliadora, de quem procurou sempre ser devoto e propagador de sua devoção.

⁶³ ACB: Reunião de 13 de dezembro de 1963.

A Inspetoria foi consultada, após a reunião. Que fazer? A resposta foi no sentido de que a decisão ficaria a critério da Casa. No entanto, Recife apresentava outra alternativa. No caso de fechamento, poderiam reabrir como substituto um semi-internato bem organizado, com estudo dirigido e não simplesmente banca. Antes porém o Capítulo da casa deveria fazer um estudo criterioso sobre o assunto.⁶⁴ E assim, o Liceu continuou padiolando um internato moribundo, deficiente e oneroso. No final de '64, o Inspetor Pe. Geraldo Pompeu de Campos *ordenou* o golpe de misericórdia no internato,

«por não atender às exigências de ordem pedagógica, devido às demasiadas exigências da vida livre que os tempos estão a impor e que não se podem enquadrar com as estruturas atuais do Regulamento que Dom Bosco nos deixou».⁶⁵

Tenta-se reabrir o Pensionato

Encerrado o internato pensou-se na abertura de um pensionato. Numa reunião,⁶⁶ presente o Inspetor, abordou-se o assunto, acertando-se que não devia ser uma fonte de manutenção da casa e tivesse um ambiente sadio e regime próprio. Uma determinação uma tanto simplista, pois de qualquer maneira deveria ser também mais um reforço econômica para a casa. A idéia do Inspetor era transformar um dos dormitórios em quartos para os pensionistas. Durante as férias serviriam para os que viessem fazer retiro. O diretor Belchior Maia, no entanto, foi de parecer contrário. Segundo ele as modificações não poderiam iniciar imediatamente. Além disso, havia outros planos mais urgentes, objetivando atrair novos alunos: reforma total dos pórticos, construção de uma quadra de futebol de salão; salas especializadas de ciências, geografia e história; outros serviços de ampliação e piscina.

Enquanto se planejava, os alunos iam desaparecendo. As matrículas em 1966 tinham encerrado em fevereiro com 317, cerca de 100 a menos em relação ao ano anterior, quando já eram poucos. Os motivos desta debandada foram, segundo se dizia, as reprovações, o aumento

⁶⁴ ACB: carta Belchior-Pompeu, Salvador, 30 de julho de 1964; carta Pompeu-Belchior, Recife, 14 de agosto de 1964.

⁶⁵ ACB: Relatório de 15 de setembro de 1964.

⁶⁶ ACB: Atas do Conselho da casa, 15 de agosto de 1965.

das mensalidades, muitas vagas nos colégios do Governo e nos particulares que *cercavam o Salesiano por todos os lados*; a extinção do internato e semi-internato. As turmas eram apenas sete no Ginásio: duas primeiras, duas segundas, duas terceiras e uma quarta.

Horários na Bahia

O horário faz parte do correto funcionamento de uma organização. Nos primeiros anos constituiu um dos problemas entre europeus e americanos. Juntamente com a comida foi motivo de várias críticas em Aracaju, Jaboatão e outras fundações da América Meridional. Salesianos e colaboradores ou funcionários não se adaptavam às novas regras, transplantadas de além mar e rechaçadas pelo organismo dos autóctones americanos. Nas Oficinas da Bahia constituiu um empecilho que entravava a aprendizagem e a produção. As crônicas e relatórios inspetoriais falam constantemente do assunto. Pe. P. Rota no Relatório de sua Visita Extraordinária de 1908 lembra a Turim:

«Em algumas casas, especialmente Sergipe e Bahia, vários sócios criticam muito o horário das refeições, dizendo que em certos lugares (por exemplo na Bahia) é inclusive contrário aos costumes do lugar e aos horários adotados pela maior parte dos Institutos Religiosos».⁶⁷

O Visitador, preocupado, conclui em uma «N. Bene»:

«Neste sentido, não sei o que dizer. O que em primeiro lugar é de se deplorar é a pouca ou quase nenhuma uniformidade no horário e no intervalo entre uma refeição e outra».⁶⁸

Ao longo de nossas leituras encontramos diversos horários, modificados com o correr do tempo, possivelmente para se tornarem mais funcionais ou por causa das críticas de salesianos e funcionários. O primeiro horário deixado pelo cronista, o Coadjuutor José Maria Furlani data de fevereiro de 1905, modificado com relação ao ano anterior. Encontram-se também horários para os Retiros espirituais dos salesianos e dos alunos respectivamente.

⁶⁷ ASC F 545: Pe. Rota, Relatório de 1908.

⁶⁸ Ibid.

Horário geral de 1905

5 ^{1/2}	Levantar
06	Missa, Café, Recreio
07	Oficina, Estudo
08	Recreio dos Estudantes
08 ^{2/0}	Estudo
09 ^{1/4}	Almoço
10 ^{1/4}	Estudo, oficina, aulas de canto
11	Aula
12	Divisão
01	Recreio geral, merenda, aula de música
01 ^{1/2}	Estudo, oficina
02	Aula
03	Divisão
04	Recreio
04 ^{1/2}	Jantar e recreio
05 ⁵⁵	Aula de música
06 ^{1/4}	Estudo geral
07	Aula para os artistas
07 ^{3/4}	Recreio geral e ceia
08 ⁵	Orações.

Retiro dos alunos em 1905

5 ^{1/2}	Levantar
06	Missa, Café, Recreio
07	Oficina, Estudo
08	Recreio dos Estudantes
08 ^{2/0}	Estudo
09 ^{1/4}	Almoço
10 ^{1/4}	Estudo, oficina, aulas de canto
11	Aula
12	Divisão
01	Recreio geral, merenda, aula de música
01 ^{1/2}	Estudo, oficina
02	Aula
03	Divisão
04	Recreio
04 ^{1/2}	Jantar e recreio
05 ⁵⁵	Aula de música

06 ^{1/4}	Estudo geral
07	Aula para os artistas
07 ^{3/4}	Recreio geral e ceia
08 ⁵	Orações.

Retiro para os salesianos em 2 de julho de 1905 (pregador Pe. L. Giordano)

06	Levantar
06 ^{1/2}	Missa, terço, café, recreio em silêncio
08	Veni Creator, meditação, reflexão no estudo
09 ^{1/4}	Almoço, recreio moderado
10 ^{1/2}	Leitura, instrução, reflexão no estudo
12 ^{3/4}	Visita, coroa do S. Coração, exame de consciência
01 ^{3/4}	Ladainha dos Santos, descanso no estudo
03	Leitura, instrução, reflexão no estudo
04 ^{1/4}	Recreio em silêncio
04 ^{1/2}	Jantar, recreio moderado
06	Via Sacra, Veni Creator, Meditação, Ave Maris Stella, Benção, reflexão no estudo
07 ^{3/4}	Ceia, recreio em silêncio
08	Orações, descanso.

Em fevereiro de 1906, encontramos outro horário do Retiro Espiritual para os Salesianos. Os pregadores foram o Pe. L. Giordano e o Frei Edoardo Ober. A pauta é semelhante ao anterior. O despertar é meia hora mais cedo e o descanso quinze minutos mais tarde. Há também a inserção das várias horas do Breviário.

O leitor, caso não esteja aborrecido com tantos horários, poderá ainda observar os de 1908 e 1952.

Horário de 1908

Dias Úteis

5 ^{1/2}	<i>Levantar</i>
06	Missa, Café, Recreio
07	Oficinas, Estudo
09	Recreio dos Estudantes
09 ^{1/4}	Almoço
10 ^{1/4}	Estudo, Oficinas, Aula de Canto

11	Aulas
12	Divisão
01	Recreio, Merenda
01, 10	Aula de Musica
01 ^{1/2}	Oficinas, Estudo
02 ^{1/2}	Aulas
03 ^{1/2}	Divisão
04 ^{1/2}	Jantar
06[?]	Aula de Musica
06 ^{1/4}	Estudo, leitura especial
07 ^{1/4}	Aula dos artistas
08 ^{1/4}	Chá, Recreio
08, 35	Orações e repouso.

Quintas-feiras⁶⁹

5 ^{1/2}	Levantar
06	Missas
07	Oficina, Estudo
8 ^{1/2}	Recreio-Estudantes
9 ^{1/4}	Almoço
10 ^{1/4}	Oficina-Aula de Canto
11	Estudo
12	Divisão
01	Recreio
01, 10	Limpeza
01 ^{1/2}	Oficina
02 ^{1/2}	Estudo
04	Recreio
04 ^{1/2}	Jantar
05 ^{1/2}	Passeio
07 ^{1/4}	Estudo
08 ^{1/4}	Recreio
08,15	Orações.

⁶⁹ Nas quintas-feiras havia um horário especial para os internos. Era dia de passeio e limpeza geral nas camas e armários particulares. O mesmo acontecia nos Seminários Salesianos.

Domingos e Dias Santos

05 ^{1/4}	Levantar
06 ^{1/2}	Primeira Missa, Café, Recreio
08 ^{1/2}	Segunda Missa, Recreio
09 ^{1/4}	Almoço
11 ^{1/2}	Estudo
12	Divisão
01	Recreio
01, 10	Aula de Musica
02	Catecismo
02 ^{1/2}	Capela
03 ^{1/4}	Estudo
04 ^{1/2}	Jantar
06 ^{1/2}	Estudo
08	Recreio
08, 20	Orações.

Horário Geral de 1952

06h00	Missa da Comunidade com os internos
07h30	Missa dos externos
08h45, 11h05	Aulas para os externos
14h00	Começavam as aulas para os internos.

Abertura do Curso Colegial

Na primeira visita inspetorial de Pe. Ladislau Paz a Salvador,⁷⁰ no discurso de saudação feito por um aluno da quarta série estava a solicitação, em nome dos colegas da abertura do Curso Colegial para o ano seguinte. No início dos anos sessenta, as famílias começaram a questionar o colégio nos sentidos da implantação do Segundo Ciclo, anteriormente chamado Segundo Grau. Na primeira reunião do seu Conselho em 1960, o diretor Pe. Belchior Maia (1960 a 1964) tratou do assunto, perguntando se era ou não conveniente a abertura do Científico ou Colegial.

⁷⁰ Em 25 de março de 1947

«Continuam as pressões, continuam a não entender porque não abrimos. Conversei a respeito com o Capítulo imparcialmente e apresentando as dificuldades. A maior restrição que achei é que não se via inconveniente em fechar caso não desse certo».⁷¹

O Conselho inspetorial aprovou o pedido, sublinhando que se estudassem os prós e os contras, procurando-se a melhor maneira de aproveitamento para alunos e salesianos. Combinou-se que, dependendo das solicitações de matrículas e organização do Laboratório de Física e Química, o irmão Coadjutor Luiz de Oliveira seria convocado para organizá-lo no período das férias. O primeiro ano começou em 1970.

Convênio com a SEC (Secretaria de Educação e Cultura)

A sociedade via o ócio, o vazio do grandioso prédio do Liceu. Diante do fato, a Secretaria de Educação e Cultura foi uma das primeiras entidades a utilizar aquelas instalações. Os primeiros alunos conveniados entraram no Colégio em 1953. Eram 17, somados aos 65 da Legião Brasileira de Assistência. Em 1958, resolveu-se não se aceitar mais os bolsistas do Governo, já que este não pagava o Colégio.⁷² Posteriormente realiza-se novo convênio funcionando à noite, encerrado em maio de '65. O Colégio solicita renovação, acrescentando novas cláusulas sobre pagamento de luz, bedel e alguma remuneração, o que dá a entender que os SDB não percebiam nada pelo serviço prestado ao Governo, talvez porque ambos deviam-se mutuamente. Não se deu nenhum retorno ao pedido. No entanto, há outra proposta da SEC, pela qual no Salesiano funcionaria um dos estabelecimentos do Governo. A resposta foi negativa por parte dos SDB. Um ano depois, nova tentativa desta vez para se instalar um Museu do Estado no Salesiano. Enquanto se aguardava um outro prédio, ocupar-se-ia temporariamente o imóvel também como almoxarifado. Que degradação!⁷³ Menos mal que ambos os pedidos foram indeferidos, alegando-se a falta de segurança para o Liceu. Jogo duro...

SMEC-Primário (Secretaria Municipal de Educação e Cultura)

O relacionamento com a Secretaria Municipal de Educação e Cultura foi diferente, talvez por influência do professor Jair de Brito, Secretá-

⁷¹ Ibid.

⁷² ACB: Ata de 30 de julho de 1958.

⁷³ Ibid., 27 de maio de 1966.

rio Municipal da Educação. Celebrou-se com a entidade em '66, um acordo pelo qual durante um ano funcionaria no Salesiano um curso primário da Prefeitura. O curso seria vespertino e à noite, haveria mais quatro salas de excedentes da Escola Municipal Rui Barbosa, provenientes dos bairros de Nazaré, Campo da Pólvora, Tororó, Fonte Nova, Saúde e Jardim Baiano. No total chegaram a 100 estudantes. Os alunos passaram a receber dos salesianos uma maior atenção religiosa, já que faziam parte da Instituição.

Naquele ano mais de quarenta entidades religiosas firmaram convênios com a SMEC. Sobre o Liceu o Dr. Jair antigo e futuro professor do Liceu comentou:

«os Salesianos que num gesto de desprendimento cederam seis salas para funcionar gratuitamente, no turno vespertino, aulas para os meninos pobres do bairro de Nazaré, além de outras para artesanato no turno noturno».⁷⁴

Visto que os funcionários do Liceu não gostaram da idéia de serem registrados na Prefeitura, o Prof. Jair de Brito promete pagar Cr\$ 120.000,00 mensais. Após um ano, nada se havia recebido. A direção do colégio acha no entanto, que ambos os turnos devem continuar, até porque *precisamos nos entender* com a Prefeitura, a respeito do imposto que nos tem cobrado. Por outro lado, tentar-se-á a título de compensação, receber algum material escolar e congênere. Os alunos da Prefeitura são 280 em '68, todos do primário. Há dificuldades em continuar o convênio. Deve-se melhorar o quadro de professores e assessores.⁷⁵ Os desentendimentos continuaram, encerrando-se o acordo em meados da década de '70.

Formação para-militar

A partir de 1922 começa a funcionar no colégio o Tiro de Guerra nº 156, os primeiros fuzis são entregues no início de julho.⁷⁶ A partir dos 14 anos os alunos deviam servir, recebendo no final do Curso o Certificado de reservista de Terceira Categoria.

Durante a Segunda Guerra, em junho de '44, o Quartel General da

⁷⁴ *A Tarde*. Salvador, 4 de março de 1966.

⁷⁵ ACB: carta Santiago-Pompeu, Salvador, [s d m] de 1968.

⁷⁶ ASC F 545: Crônica Viet, 5 de julho de 1922.

Região Militar da Bahia expediu uma circular dispondo acerca da formação do batalhão pré militar. Todos os meninos no Salesiano, entre 12 e 16 anos passavam obrigatoriamente a fazer parte do *Centro de Instrução pré-militar nº 606*. Aos 3 de julho um grupo de 100 alunos marcharam fardados até ao Centro do Comando militar regional, acompanhados pelo rufar de tambores. Ali receberam os fuzis para as instruções militares. Após a recepção das armas os colégios desfilaram até Campo Grande. As aulas teóricas e práticas se iniciaram dois dias, após a entrega das armas. Eram ministradas às quartas e sábados por um cabo do Exército.⁷⁷ Na festa da Juventude⁷⁸ a banda marcial «assombrou», recebendo elogios nas rádios. «A cidade engalanada. O povo corre às lufadas para assistir ao grande desfile que tanto arreбата. São moços que desfilam garbosos e todos aplaudem». A frase é do Pe. B. Maia.⁷⁹

A revolução de '30 e o Liceu Salesiano

Em 4 de outubro rebentou na cidade um grande movimento de anarquia popular. Os amotinados invadiram as propriedades norte-americanas e queimaram o que puderam. Mais de 70 bondes foram incendiados, o edifício da Circular e diversos outros prédios. Das nove às onze da noite os grupos passavam na Praça em frente ao colégio, gritando, quebrando lâmpadas e o que encontravam pelo caminho.

Os alunos permaneceram nas janelas até altas horas, apreciando o movimento. Por toda parte se repetiam boatos alarmantes sobre a insurreição armada. No dia 6 decreta-se o Estado de Sítio e um dia depois no porto aparece ameaçador o barco de guerra *Rio Grande*. Nossos dois reservistas salesianos, senhor Pautilo e sr. Claudionor estão nervosos com a notícia de que serão obrigados a se apresentar, fato que não deve ter acontecido.

A direção do estabelecimento decide mandar os alunos para casa no dia 25 de outubro. O fato ocorreu um dia antes, em virtude da detenção do Presidente Washington Luiz⁸⁰ e da entrada das tropas rebeldes na Bahia.

⁷⁷ ACB: Crônica de 1944, junho e setembro. Há uma cópia do documento em ASC F 545.

⁷⁸ 3 de setembro de 1944.

⁷⁹ ACB: Crônica 1944.

⁸⁰ Em 18 de setembro de 1926, W. Luiz havia visitado o Liceu e fora recebido com todas as honras possíveis.

Oratório São José da Bahia

Oratório festivo é o encontro de jovens, diariamente ou em dias festivos, por isso oratório festivo. Normalmente funciona em conjunto com uma obra salesiana, podendo funcionar também isoladamente. Os jovens recebem orientação religiosa, organizam-se em grupos esportivos, participam de encontros de formação, passeios e outras atividades, inclusive teatrais. O trabalho, em geral, é desenvolvido com os mais carentes. Os salesianos são ajudados por ex-alunos, cooperadores e/ou pelos mesmos rapazes e suas famílias.

Na Bahia o Oratório começou em janeiro do primeiro ano de funcionamento da obra, quando se fala de 25 oratorianos. Não se esclarece se foi aberto no próprio ambiente da Casa Joaquim José de Pinho, cujas condições deveriam ser bem precárias. Há notícia de que na Páscoa de 1903, funcionava na península de Itapagipe.⁸¹ Chamava-se Oratório S. José. Seu encarregado era o Pe. André Sierkiewicz, catequista do colégio. Houve sérias dificuldades para o funcionamento. O transporte, a distância até a península dificultava o acesso. No relatório do ano ao Reitor-Mor, Pe. L. Giordano pergunta se os aspirantes do primeiro ano, os «ascritos» (noviços) poderiam auxiliar o Pe. André, como *ajudantes de campo*. Não temos a resposta, nem tampouco há notícias sobre a participação dos Cooperadores na obra social de Itapagipe.

No ano de 1904 lê-se na prestação de contas para o Secretário do Capítulo Superior: o Oratório «não funciona de um certo tempo para cá, por dificuldades». Com o novo ano, nova tentativa desta vez no Liceu, quando o grupo começou a crescer «em número e boa vontade». Em alguns documentos de 1906, lê-se que o Oratório continua aberto no Liceu, dando-se a entender que recomeçara com o pé direito. O Inspetor dirá que funciona regularmente e com muito proveito. Nestes primeiros anos o maior desenvolvimento foi alcançado em 1911, «graças ao encarregado e algum irmão coadjutor». A matrícula então alcançou os duzentos jovens. Um cooperador salesiano anônimo, impressionado com a obra social de Nazaré, comenta o que via realizar-se no Oratório em favor da sociedade baiana.

«O Oratório festivo está em franco progresso. Os salesianos prestam com aquela obra “relevantes serviços à família baiana, ... realizando a obra mais urgente do século, a educação do povo para o trabalho e para a virtude».⁸²

⁸¹ ASC F 545: Relatórios do Pe. L. Giordano.

⁸² ASC F 545: Suplemento do Boletim Salesiano: abril, maio, junho e julho de 1912, números 04, 05, 06 e 07.

Entre 1913 e 1918, há em geral, poucas informações, mesmo no Arquivo do Liceu. Houve problemas com as correspondências da América para a Europa e vice-versa, motivadas pelos acontecimentos da Primeira Guerra Mundial. Em fins de 1916, o Oratório é suspenso por um mês. Informa-se que foi por causa das férias. Sabe-se que na época ocorriam problemas de desentendimento entre as várias seções que compunham o grupo: internos, externos, aprendizes e outros adventícios não se entendiam.

Recomeça a funcionar no início do ano seguinte. Em abril, «devido a várias causas», os matriculados são apenas 80. Os salesianos continuam sem condições de sistematizar satisfatoriamente o grupo. Os desacertos entre os jovens era tal que tornava-se inviável o funcionamento daquela atividade juvenil. Lamentavelmente nossos bravos missionários foram obrigados, em fevereiro de 1919, a encerrar mais uma vez o Oratório da Bahia. A crônica daquele mês e ano, diz melancolicamente: «Por causa das grandíssimas dificuldades de se manterem unidos externos, internos e oratorianos, decidiu-se pela suspensão temporária do Oratório festivo».

Há um longo período⁸³ em que nada consta sobre o oratório da obra de Salvador. Estranho, cheguei mesmo a pensar que a falha seria nossa e não dos cronistas. Fica a interrogação. De qualquer modo não se fala nem da reabertura da atividade. Antigos funcionários farão referências desairosas aos oratorianos. Certa vez, em uma «briga», usaram até as cadeiras de uma sala de aula, danificando várias delas. Há nova interrupção, a segunda vez.

De qualquer modo sua caminhada, durante cerca de 70 anos, apresentou momentos de grande atividade social e religiosa. Nas épocas em que os leigos Coadjuutores eram insuficientes, o trabalho foi coordenado por pessoal externo. Em '39, Pe. Guido Barra deixa escrito que dado o atual número de coadjutores (9 naquele ano), podia-se muito bem dispensar o pessoal externo do Oratório, teatro e banda. A ordem foi executada, o Oratório se ressentiu um pouco no segundo semestre de '40, mas depois se recuperou. As atividades bastante freqüentes eram esportivas, religiosas, artísticas e de lazer. A rapaziada conseguiu até formar um grupo teatral muito apreciado pelos baianos. Nos anos citados houve por vezes alguns interstícios que dependeram em parte dos responsáveis pelo grupo tão heterogêneo e de bairros diferentes.

Há razões para se pensar que os problemas tinham origem na falta de energia e de maleabilidade política por parte dos coordenadores. As-

⁸³ De 1919 a 1926, 1938 a 1946, 1958 a 1965.

sim uma das atividades de nível sócio-pastoral das mais caras ao Sistema Salesiano, viveu sérios problemas na Bahia. Talvez os responsáveis não souberam entender a formação genética do jovem baiano. Sua psicologia sua história. Seus genitores, alguns antigos cativos ainda vivos, guardavam a revolta que lhes corroía a alma, ao lembrarem a história recente de um sistema que os submetera e anulara como pessoa, como seres humanos. Esses sentimentos, talvez estivessem ainda latentes nos rebentos que entravam Oratório S. José da Bahia, nome como fora conhecido desde a misteriosa Itapagipe. Lembremos que a maioria dos que procuravam nossas obras sociais, traziam nas veias o sangue daqueles mesmos homens e mulheres violentamente arrebatados de sua terra: a Mãe África. Sua história no Novo Mundo construíra-se com submissão, suor, revolta, sangue e morte. História triste e vergonhosa e que certamente não se apagara na mente daqueles jovens rebentos. Daí, quem sabe, serem avessos às normas, às «imposições» dos brancos, da «raça superior»,⁸⁴ seus algozes de ontem. Aquelas ordens e certa superioridade nos estudantes do colégio, rememoravam as feridas ainda abertas, a história ainda recente e viva de seus genitores.

Analisando as vicissitudes do Oratório São José, supomos que os seus responsáveis não quiseram, ou não atinaram com as mudanças na educação em geral e na salesiana em particular, ocorridas no início do século. As modificações a que nos referimos derivaram da Lei de 1901, sobre os estudos secundários e da política dos Coronéis. No caso específico do atendimento aos meninos dos Oratórios, a pessoa passou a ocupar um segundo plano, predominando a instituição. Assim sendo, passou-se a privilegiar a disciplina, a qualidade e não a quantidade; a exclusão dos elementos portadores ou geradores de problemas; o interesse por aqueles mais dóceis, mais sujeitáveis à disciplina; a uma prática religiosa tradicional.⁸⁵

⁸⁴ A propósito de racismo, veja-se o que escreveu L. de Oliveira em *Centenário da Presença Salesiana no Norte e Nordeste do Brasil*, Vol. II. Recife, Escola Dom Bosco de Artes e Ofícios 1994, pp. 171-172. Nós mesmos conhecemos fatos semelhantes. Certa feita, na Faculdade nos oferecemos para darmos sangue a um enfermo. Não fomos aceito porque éramos de cor morena e o tal era branco. Morreria do mesmo jeito. Outro ilustre, «mentiroso por tradição», dizia com ares de superioridade, a um colega do outro lado e no outrolado do mar: «não confio nos brasileiros». Frase de alguém que ainda conserva e alimenta o espírito colonialista. Dita quando já se pensava em dar início aos preparativos do centenário da obra salesiana da colina de Nazaré.

⁸⁵ A. FERREIRA, *Campo Grande: Fundamentos históricos e filosóficos da educação salesiana*. Curso aos professores universitários, segundo semestre de 1998.

Pe. Lourenço Gatti (1882-1955) um dos diretores da obra, foi por certo tempo encarregado do Oratório e capelão substituto no Hospital Santa Isabel. Comparando as duas atividades, lamenta-se afirmando que, enquanto no Hospital se fazia muito, no Oratório o trabalho era pouco. Lá sentia-se realizado no atendimento aos doentes terminais, «convertidos» após 20, 30 e até mais anos.⁸⁶ Sua queixa principal era que o Oratório como estava sendo conduzido nos últimos tempos era prejudicial aos próprios jovens. Os destinatários da *primeira obra salesiana*, assim Gatti a definia, não tinham local para suas atividades, nem uma portaria por onde pudessem ser controlados.

As dificuldades vinham em parte da mistura entre internos e semi-internos, bem como falta de campo para os recreios e esportes. Os jogos de bola só atraíam os grandes, trazendo inúmeras desordens. Os pequenos ficavam sem jogos e queriam também o seu pedaço, a sua vez. Gatti pretendeu terminar um aterro em área à esquerda do edifício novo, terreno correspondente hoje, a uma parte do Teatro Nazaré. A idéia era construir ali a portaria dos oratorianos e meninos do Catecismo. Não foi aprovada e o Oratório, sem condições de funcionar, foi temporariamente suspenso.

No ano seguinte houve um melhoria no atendimento, pois com um novo horário, a meninada pode ficar separada dos internos. Vários anos antes, em 1917, o Inspetor Pe. P. Rota havia recomendado que os oratorianos deviam ter um ou mais pátios, fazendo votos que isso se conseguisse o quanto antes. A separação dos pátios era necessária sobretudo porque favorecia a disciplina e evitava a mistura com os internos. Na mesma Igreja, os oratorianos assistiam à Missa arrumados no coro. Era inconveniente e não favorecia a concentração exigida pela celebração religiosa dominical. O Inspetor Guido Borra,⁸⁷ na visita de 1944, achou melhor colocá-los na sala Padre Santana, sobre a sacristia, onde também se reuniam as Damas de Maria Auxiliadora.

No ano de '49, embora houvesse 300 inscritos, eram tais os problemas que o diretor Pe. Francisco Fabbri pede ao Inspetor para transferir o Oratório para fora do colégio. Recebeu uma negativa.

Na parte dos gráficos apresentamos a evolução numérica do Orató-

⁸⁶ Certa vez em 1918, quando era ajudante do Capelão do S. Isabel, Pe. L. Gatti conseguiu converter dois árabes gravemente doentes. Após o batismo, ambos ficaram bons. Um deles foi desprezado pelos familiares maometanos. O irmão o renegou, afirmando: já que é cristão é melhor morrer. Não foi mais visitá-lo. O outro enfrentou as iras do tio com quem viera para o Brasil, há 4 anos.

⁸⁷ Seu nome era Guido Borra, ao chegar ao Brasil trocou para: Guido Barra.

rio da Bahia de 1908 a 1969. Há alguns claros que não conseguimos preencher, inclusive as informações de 1970.

Ex-alunos

Conhecedores de nosso Sistema pedagógico, de nossas devoções sobretudo a Nossa Senhora Auxiliadora, muitos entre eles viveram com os salesianos, desde a infância à juventude, quando deixaram os colégios para ingressassem nas Universidades ou na vida ativa de modo geral. Uma boa parte deles tem dado no mundo do trabalho, nos ambientes sociais onde vivem, exemplos de «bons cristãos e honestos cidadãos» como queria o fundador da Sociedade Salesiana.

A primeira reunião, com antigos alunos do Liceu foi resultado de um convite do Pe. L. Giordano e do diretor do colégio Pe. C. Sironi. Compareceram 45 jovens.⁸⁸ Durante muito tempo o Assistente eclesástico da Associação era o Pe. Constantino Wasilewsky. Naquele junho de 1909, após assistirem uma Missa solene em ação de graças a N. S. Auxiliadora, fundaram a União dos ex-alunos do colégio. Acertou-se que haveria outros encontros, a exemplo do que se realizava nos demais colégios salesianos. Propuseram também uma colaboração mais efetiva nos festejos das Bodas de Ouro do Pe. M. Rua.⁸⁹

Outra idéia surgida foi erigirem um monumento a Dom Bosco. Para angariar fundos para a imagem, realizam no final do ano (1913), um bonito festival.⁹⁰ Em 1915, os ex-alunos fundaram oficialmente o Centro dos Ex-alunos da Bahia. Precisamente em outubro daquele ano a imagem de Dom Bosco chega de S. Paulo. Deveria ser inaugurada nas comemorações do primeiro centenário do nascimento do Santo, marcadas para os dias 29 a 31 de outubro. Em vista do acidente com a Barca Sete⁹¹ e os alunos do Santa Rosa, o senhor arcebispo resolveu adiar as

⁸⁸ ASC F 545: 8 de junho de 1909. O BS de novembro do mesmo ano registra o número de 40 rapazes.

⁸⁹BS 33 (1909) 350.

⁹⁰ É da época a inscrição: *Liceu Salesiano do Salvador* no frontispício do colégio. O meio busto do santo encontra-se na metade do pórtico interno do primeiro andar por sobre a portaria principal. Foi inaugurado em 28 de novembro de 1915.

⁹¹ Em 26 de outubro de 1915, voltando do Rio, tendo a bordo cerca de 400 alunos do Santa Rosa, a Barca Sete afundou nas águas da Guanabara. No sinistro faleceram 27 alunos e um irmão coadjutor, o senhor Otacílio Nunes, após ter salvo diversos alunos. Dizem que o Diretor Pe. Dalla Via de tão traumatizado ficou com os cabelos todos brancos (um relato do triste episódio encontra-se em L. MARCIGAGLIA, *Os Salesianos ...*, Vol. II, pp. 147-151).

comemorações, que se realizaram no dia 29 de novembro (1915). Fazia-se presente o candidato a governador Dr. Antônio Muniz.⁹²

Uma das atividades sociais que o grupo passou a realizar foi a referente ao teatro. O «Grêmio Dom Bosco» que andava cambaleante foi reativado, levando ao palco alguns teatros, sempre apreciados pela comunidade. Os documentos em várias oportunidades nos lembram as atividades teatrais dos ex-alunos do Liceu Salesiano. Os espetáculos eram quase sempre bastante concorridos. Um, deles presente o senhor arcebispo, aconteceu em 1915, quando se arrecadavam fundos para ajudar as vítimas da seca do Ceará. Algumas das peças por elas encenadas eram: *A vingança de Átila*, *O duque de Montgomery*, *Educação moderna*, *As Pistrinas*, *Os trinta botões* e outros.

Durante certo tempo, não houve união na *União dos Ex-alunos*, embora desconheçamos maiores informações a respeito dos motivos reais que originavam os desentendimentos. Há um certo paralelo com o que aconteceu com os oratorianos. A nova diretoria, eleita em abril de 1914, não parece ter tido muita aceitação por parte de determinados colegas. A eleição foi comemorada com o primeiro número de um periódico chamado a «Tribuna». Após a publicação do jornalzinho as dificuldades parecem ter aumentado. Só um número veio a lume. A política⁹³ entre os ex-alunos semeou a cizânia da discórdia e da divisão. Os esforços dos Salesianos para a pacificação do grupo foi debalde. O mesmo Pe. P. Rota na visita de 1914 recomendava que se continuasse com amor o trabalho com eles, que pareciam mostrar boa vontade. No entanto, a criação de dois partidos rivais com «graves divergências entre as duas partes» levou ao extremo da cassação da entidade, por parte da comunidade salesiana local.

«É digno de nota o fato de se ter dissolvido por voto unânime dos Superiores da casa a Associação dos Ex-alunos, por motivo de graves divergências entre os dois partidos da Associação. A reorganização está aos cuidados de um grupo de verdadeiros ex-alunos e na nova reforma não serão admitidos senão como aderentes os que por nenhum motivo podem dizer-se ex-alunos de um Colégio salesiano qualquer».⁹⁴

⁹² Naqueles dias um grupo de ex-alunos do Colégio de Lucca, visita os ex-alunos da Bahia (1920). Pertenciam à marinha italiana. Um deles havia sido recomendado pelo ecônomo geral Pe. Artur Conelli (Nascido em Milão em 1864 e morto em Roma em 1924).

⁹³ Os Estatutos vetam a política partidária no seio da organização, cuja finalidade é a ajuda mútua. O mote da União que forma uma Confederação Mundial é «*Uni-vos e ajudai-vos*».

⁹⁴ ACB: Crônica, julho 1915.

No ano de 1916 reorganizou-se o grupo. Ao retornarem logo se preocuparam com os movimentos sócio-artístico-religiosos. Encontram-se na época uma série de correspondências que nos falam da atividade do grupo. Citamos algumas: a primeira, ainda em 1915, é uma carta da administração da revista *Echos*, surgida naquele ano no Ginásio Anchieta de Porto Alegre. Possivelmente *Ecos*, publicado no Liceu a partir de 1922, tenha-se inspirado em sua homônima porto-alegrense. A publicação dos Jesuítas, enviada aos Ex-alunos da Bahia, tinha

«por fim proporcionar aos alunos, principalmente de Colégios católicos, uma leitura sadia e atraente que os possa afastar um pouco das revistas e jornais que para eles são perigos».⁹⁵

Outros documentos dizem da existência e atividade dos ex-alunos com a nova diretoria. São correspondências de sócios desculpando-se por não poderem participar das reuniões mensais da Associação; do Secretário do Conselho Geral dos Centros dos Ex-alunos Dom Bosco do Brasil, com sede em S. Paulo; da Administração dos Correios da Bahia, concedendo uma Caderneta para remessa de publicações dos Ex-alunos à Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro; dos alunos internos, convidando os Ex-alunos para sua festas; de Monsenhor Flaviano Osório Pimentel, convidando-os para a participação na missa da catedral em homenagem ao arcebispo D. Jerônimo T. da Silva em seu aniversário.⁹⁶

No relatório do presidente recém eleito⁹⁷, abordam-se alguns pontos dos estatutos que deveriam ser reformados. Tratava-se de recomendação do mesmo padre Inspetor: o periódico *A Tribuna* que não deveria desaparecer; a participação o Centro da Bahia na Federação Brasileira; o incentivo à biblioteca local, fundada em julho de 1916 na comemoração do segundo aniversário da reforma dos estatutos; a compra de um bilhar e de um piano. Entre os associados havia muitos músicos, era necessário um piano melhor, «fazendo-nos certa honra». O senhor Bianor Bezerra Brito termina seu discurso de posse, referindo-se à devoção ao Sagrado Coração de Jesus e anunciando a entronização de sua imagem na sala dos Ex-alunos.

Em 1918 três anos após a fundação do Centro, o Presidente em relatório feito aos salesianos, presente o Pe. Inspetor P. Rota, lamentava a

⁹⁵ ACB: carta da Administração de *Echos*.

⁹⁶ 12 de junho de 1918.

⁹⁷ 24 de setembro de 1916. José Tourinho, eleito em 7 de agosto de 1948, anteriormente secretário. Suas atas eram escritas em taquigrafia

pequenez do Centro e a impossibilidade de se fazer mais do que se tinha realizado. As reuniões aconteciam «normalmente» no primeiro domingo de cada mês.

«O que sempre nos tem preocupado é o engrandecimento desta obra que nos foi confiada...é o seu aperfeiçoamento e o retemperamento do bom espírito que nos foi insuflado nos Colégios salesianos, onde nos educamos».⁹⁸

O inventário dos bens da Associação continha em 1918, 27 itens. Não estavam anotados nem bilhar nem piano, bem como várias bandeiras de pano e roupas de teatro usadas em parceria com o Liceu.

Nos anos quarenta há algumas manifestações nas festas de S. João e no dia do Ex-aluno. No final da década elegem nova diretoria e fazem algumas modificações regimentais. O Presidente José Tourinho, a quem a Associação muito deve, deu forte impulso social aos seus comandados. Sua administração por diversas vezes se apresentou nas rádios de Salvador. Em seu tempo houve ainda uma grande preocupação de incutir no ânimo dos jovens o ardor cívico pelas tradições nacionais. A associação funcionou com certa regularidade até 1955. Em seguida passou a caminhar em dispnéia e algumas reuniões eram mais para recordações. Alguns no entanto, compareciam ao colégio para fazerem a Páscoa.

Não se pode comparar a atuação dos ex-alunos baianos com a de outras congêneres como a de S. Paulo ou a do Recife.⁹⁹ A política partidária, que o regimento proíbe, a crise de liderança, o desinteresse e mesmo a falta de certo apoio dos salesianos, motivados por alguma desconfiança ou atitudes dos próprios ex-alunos, convulsionou e desuniu a União, em alguns momentos de sua história. Não se formou um grupo consistente, constante, com uma programação religioso-social, como requer o Estatuto.

Em 1957 alguns tentaram reaproximar-se com o colégio e entre si. Tentaram estabelecer uma sede fora do Liceu, coisa que na época ainda não era possível, por isso lhes foi negado. Como resposta foi dito que a

⁹⁸ ACB: Documento. n. 26. Do Sr. Presidente da Associação, 21 de julho de 1918.

⁹⁹ Durante o XXXVI Congresso Eucarístico Internacional do Rio de Janeiro, o Presidente Insuperior dos Ex-alunos da Insuperioria S. Luiz Gonzaga, enviou uma Circular a todos as Uniãoes Insuperioriais. João Petribu convocava as entidades ex-alunais a se fazerem presentes na «imponente Concentração Nacional dos Ex-alunos de Dom Bosco para a solene instalação da Federação Brasileira dos Ex-alunos». Não conseguimos saber se a Bahia participou do evento (ACB: *Federação Insuperiorial Ex-alunos de Dom Bosco*. Norte do Brasil-Recife. João Petribu, Presidente Insuperiorial dos ex-alunos.

União dos antigos alunos só teria sentido se funcionasse «dentro de casa», ou seja no mesmo teto do Salesiano. Os rapazes se fecharam novamente. No directorado do Pe. Belchior Maia d'Athayde, na primeira reunião da Comunidade salesiana (10 de março 1960), comenta-se que as associações de Cooperadores e Ex-alunos não mais funcionam e precisam ser restabelecidas. Elege-se outra diretoria e marcam-se reuniões para o penúltimo domingo de cada mês. O presidente J. Tourinho em julho programa as atividades do semestre e a participação no Segundo Congresso Nacional de S. Paulo em setembro de 1961. Em agosto daquele ano no almoço comemorativo havia 252 ex-alunos. Sobre as novas atividades da União o Presidente dá uma animada entrevista na Rádio Excelsior da Bahia. A partir de 10 de outubro de '60, a Missa dominical dos alunos com as praticas de piedade passaram a ser assistidas por alguns antigos colegas.

Novas dificuldades e nova desarticulação do grupo, até que em agosto de '65, aparecem alguns propondo eleição de uma outra diretoria. Assim em cerca de setenta anos de caminhada ex-alunal Salvador mostra seus altos e baixos, suas sombras e luzes, não muito diferentes de outras agremiações irmãs em outros estabelecimentos salesianos.

Os antigos alunos salesianos, em geral onde quer que se encontrem, nas diferentes organizações ou repartições mostram-se afeiçoados, atenciosos e reconhecidos à Congregação que os acolheu em sua meninice ou juventude.

Vocações

As vocações foram sempre um dos objetivos da Igreja e das Congregações. No Brasil salesiano desde os primeiros tempos, incluíam-se jovens de todas as proveniências, mas preferiam-se aqueles seminaristas que viessem de famílias européias, especialmente italianas, de sólida formação religiosa. No meio de todos os seus afazeres, Pe. L. Della Valle não descurava este aspecto. As crônicas dos primeiros anos registram a presença de rapazes até mesmo pertencentes ao clero diocesano que faziam experiência vocacional com os salesianos da Bahia. Em correspondência ao Pe. Celestino Durando,¹⁰⁰ Catequista geral, o diretor L. Della Valle agradece ao Sagrado Coração, a Nossa Senhora e a Dom Bosco, pois os jovens correspondem e *não faltarão vocações*. Preocupado

¹⁰⁰ ASC F 545: Della Valle-Rua, 22 de junho de 1901.

com a situação, certamente não muito ortodoxa, dos candidatos ao seminário, Pe. Della Valle envia algumas questões ao Pe. C. Durando. Gostaria de saber como deveria agir, a respeito da formação e recepção dos candidatos. Que parâmetros deviam ser observados na aceitação de vocacionáveis? Que tipo de jovem deveria ser aceito?

«Deveriam ser aceitos filhos naturais? E os filhos naturais, mas legítimos, ou seja, reconhecidos? Aqueles filhos legítimos, em atenção a pessoa fidedigna, mas de pais desconhecidos? Devem ser aceitos indiferentemente como padres, clérigos ou somente como coadjutores? Não se podendo nem como padres, nem como leigos, que se deve fazer com eles, quando têm vocação e dão esperança? Poder-se-ia introduzi-los na comunidade, sem emitirem profissão? Em outras palavras, com votos particulares? E quantos aos mulatos, podem ser aceitos?»¹⁰¹

Ignoramos se foram enviadas as respostas. Pe. L. Della Valle vivia então na cidade mais africanizada do país. Ele mesmo observando o comportamento da sociedade local, com respeito aos problemas por ele abordados, faz o seguinte esclarecimento:

«Acho bom observar que aqui o povo e o clero não fazem observação sobre a legitimidade e a cor escura (exceto para o negro). Aliás, sabe-se que existem padres (filhos naturais) e um deles, entre os mais zelosos bispos do Brasil, é publicamente notório ser filho natural. Por outro lado, convém observar, que neste país os filhos naturais e as pessoas mulatas são inúmeros. Sem dúvida, mais numerosos que os filhos legítimos ou os brancos».¹⁰²

O Epistolário de Pe. L. Lasagna e a correspondência de T. Massano estão prenhes de informações sobre esta problemática, encontrada por eles no país tropical. Della Valle havia escrito sobre o assunto também ao Pe. Luiz Piscetta (1858-1925) e solicitava a orientação do Pe. C. Durando para os «muitos casos que acontecem por aqui». Não sabemos se o Inspetor da Inspeção de *Todos os Santos* respondeu às questões delavalinas.

Realmente um dos problemas enfrentados pelos salesianos dizia respeito à educação dos jovens da América, à vida moral dos alunos que

¹⁰¹ Ibid. O problema da pele existia não só entre os SDB, mas também com as FMA. No passado, há casos de Norte a Sul do país.

¹⁰² Ibid.

ingressavam em seus colégios. O fenômeno tinha muito a ver com a pastoral vocacional. Uma das correspondências do Pe. J. Vespignani ao Pe. J. Barberis aborda a problemática. Interessante observar o juízo de Vespignani sobre os jovens americanos.

«Li que o senhor P. Cerruti diz muito bem que os Colégios de Dom Bosco são para o Ginásio, dado que esta é a idade propícia para se educar um jovem. A escola elementar seria para os externos. Não sei se a corrupção da América permite aplicar completamente este método. Aqui um jovem aos 12 anos é freqüentemente incorrigível, em termos de moralidade, se não for totalmente isolado dos maus colegas. As famílias e as escolas são em geral cheias de perigos para a religião e para a moralidade. Não há outro meio senão conservar ainda as escolas elementares para internos».¹⁰³

A Bahia dos primeiros decênios sempre mandou algum candidato ao Aspirantado. Quando os aspirantes foram obrigados a servir ao Exército, o Tiro de Guerra fornecia os Certificados de Reservistas.

No ano de 1901 foram ordenados André Sierkiewicz, Caitano Oriti, e Pedro Ghislandi, todos no dia 21 de dezembro. Em 29 de outubro de 1902, Dom Jerônimo impõe a batina ao primeiro aluno pensionista do internato, Alberto Furquim. No mesmo ano os primeiros noviços da Bahia, João Bartolomeu da Silva e Antônio Silva Melo seguiram para Jaboaão. No ano seguinte foi a vez do noviço Coadjutor Francisco Vai e os clérigos Alberto Furquim, Emílio José da Silva e Epifânio Borges iniciarem o noviciado na Tebaida, quando são 11 os candidatos à vida salesiana. Em 27 de fevereiro de 1905, iniciam o Noviciado mais quatro aspirantes. Em dezembro de 1907, ordena-se o diácono Lourenço Gatti e em setembro de 1909 Luiz Rigotti recebe o Subdiaconato. Ordenar-se-á presbítero aos 30 de novembro de 1910. No ano de 1913 eram três os aspirantes na comunidade da Bahia. Nos anos seguintes as crônicas silenciam sobre o assunto.

Observamos o grande interesse do Pe. L. Della Valle pelas vocações em geral e a de seus jovens clérigos. Sobre André Sierckiewicz, acha que é muito obediente e tem boa vontade. Espera que mandem as demissórias para seu subdiaconato em setembro e até ao fim do ano de 1910 para a ordenação. Quanto ao clérigo Caitano Oriti, o diretor escreveu longamente ao Pe. J. Barberis e ao Pe. J. Lazzero afirmando que tam-

¹⁰³ ASC B 562: carta Vespignani-Barberis, [s l], 1º de setembro de 1887.

bém ele poderia receber o Subdiaconato em setembro. O terceiro clérigo, o Pedro Ghislandi, é para Della Valle o mais instruído e virtuoso, embora todos sejam bons.

Ao iniciar o trabalho vocacional as Inspetorias não dispunham de aspirantado, de uma comunidade específica, onde os seminaristas pudessem cultivar sua vocação sacerdotal ou religiosa. Os rapazes vocacionados permaneciam nos colégios, juntamente com os demais estudantes. A responsabilidade de sua formação até à entrada do Noviciado era por conta do diretor e demais salesianos. Hoje retornou-se a algo semelhante. Diversas casas acolhem jovens candidatos que pensam em ser padres ou irmãos leigos. Nos primeiros anos Recife, Bahia, Jaboatão, Colônia e a Tebaida foram exemplos desses núcleos acolhedores. Mais tarde Pe. L. Giordano reuniu todos os noviços, 7 em Jaboatão-Colônia, em seguida na Tebaida e outra vez em Jaboatão.

Escola mista

Os cuidados pedagógico-pastorais de Dom Bosco foram inicialmente dirigidos à juventude masculina. O santo porém, logo cedo pensou na problemática das meninas, carentes dos mesmos cuidados dispensados aos meninos. Com esta finalidade fundou, juntamente com Maria Mazzarello a Congregação das Filhas de Maria Auxiliadora (FMA). Os religiosos cuidavam das obras dos Oratórios, Escolas Profissionais e Internatos destinados aos meninos. O mesmo acontecendo com as religiosas que atendiam às jovens.

As necessidades e imposição dos tempos vieram modificar esta sistemática em alguns países como o Brasil. Tanto os SDB como as FMA passaram a matricular ambos os sexos no mesmo colégio e nas mesmas classes. A transformação não foi fácil nem rápida. Tratava-se de uma medida revolucionária, de uma longa tradição que deveria ser quebrada. Não só os dirigentes da Congregação viam algo de negativo na medida, mas também uma boa parte dos demais irmãos, sobretudo os mais idosos.¹⁰⁴ A história e o tempo porém são frios e pragmáticos. No colégio de Salvador os pedidos para a Escola mista vieram, pelo que vimos, a partir de 1970. Na visita extraordinária de 7 a 8 de outubro o problema veio à baila. Pe.

¹⁰⁴ Um destes, certa vez, lamentava-se: «não me sinto obrigado a cumprir certas obrigações. Não foi para este tipo de Congregação que professei». Conversávamos justamente sobre a problemática dos colégios mistos.

Pedro Garnero foi sensível ao tema e às razões aduzidas em favor do mesmo. Foi precisamente a Associação de Pais e Mestres do Salesiano (APAMES) que por primeiro se manifestou a respeito da problemática. Em outubro de 1970, encontramos um pedido da entidade ao Pe. Antônio J. de Carvalho, subscrito por cinco casais da diretoria do órgão.

«Encarnando os anseios de todos os pais e mestres do referido Estabelecimento de Ensino e considerando as legítimas vantagens advindas com uma instrução realizada em ambiente misto (rapazes e moças), tantas vezes proclamadas pela psicologia hodierna, vêm, respeitosamente solicitar de V. Revma. que, à semelhança do que ocorre em outros estabelecimentos congêneres, seja permitido o acesso do sexo feminino ao Curso Colegial do Liceu Salesiano do Salvador».¹⁰⁵

Ainda no mês de outubro, quatro dias depois, o Centro Cívico Dom Bosco, órgão representativo dos alunos do Liceu Salesiano envia outro pedido ao Inspetor, formalizando a mesma proposta da Associação de Pais e Mestres do colégio.

«O curso misto está se tornando imperioso a cada ano que passa neste Estabelecimento, devido à necessidade de haver maior entrosamento entre rapazes e moças. Bem sabe V. S. que onde há presença feminina há mais respeito mútuo, aliás o que já existe entre nós, porém nunca completo só entre rapazes».¹⁰⁶

O pedido dos jovens alunos, assinado pelo Presidente do Centro Cívico, alude a outras vantagens da escola mista. Seriam, segundo eles, um maior aproveitamento nas aulas, o que já havia sido verificado em outros colégios da Capital que tinham adotado o sistema; um maior rendimento nas atividades extra-classe, *pois as garotas possuem mais jeito para organização de promoções do que os rapazes*.

O diretor Pe. L. Santiago, diante da insistência das famílias e alunos, especialmente daqueles que tinham irmãs no Curso Científico, dirige em nome dos salesianos o pedido oficial ao Sr. Dom Eugênio de Araújo Sales, DD. Arcebispo de Salvador e Cardeal Primaz do Brasil. A petição à Secretaria Eclesiástica de Salvador continha três observações: «consi-

¹⁰⁵ ACB: Ilmo. Rev.mo. Padre Antônio José de Carvalho. Cidade do Salvador, em 24 de outubro de 1970.

¹⁰⁶ Ibid. Rev.mo. Sr. Pe. Antônio José de Carvalho. DD. Inspetor Salesiano no Nordeste do Brasil. Salvador, 28 de outubro de 1970.

derando a necessidade de salvaguardar a autoridade da Igreja e da Congregação Salesiana, com o compromisso de a mesma comunidade salesiana de Salvador preencher estas condições»:

- 1º Escola mista somente no Curso Colegial com as convenientes instalações sanitárias em separado;
- 2º «Ad experimentum», devendo retroceder logo se o resultado for negativo;
- 3º Exclusivamente para irmãs, parentas ou recomendadas dos atuais ou futuros alunos e com a preponderância de matrículas destes.¹⁰⁷

Mons. Andrade Lima passa a solicitação a Dom Eugênio Sales que responde no espaço em branco das primeiras 10 linhas:

«De acordo, “ad experimentum” e observadas as condições abaixo enumeradas. + Eugênio Card. Sales. Salvador, 5 de novembro de 1970».

Antes de terminar o ano de 1970, o Conselho Inspetorial recebe o pedido da Comunidade de Salvador. O documento fala da carência e necessidade de integração educacional e social que devem ser atingidas pelo Liceu, o que em parte poderá ser alcançada com a escola mista. A solicitação foi posteriormente aprovada pela Inspetoria.

Estranhamos o fato de a direção do Liceu ter solicitado ao Arcebispo a permissão para iniciar a escola mista no colégio salesiano da Bahia. Cremos que em se tratando de uma decisão interna da Inspetoria salesiana bastava a permissão do Conselho inspetorial. O próximo colégio a conseguir a mesma proeza foi o de Juazeiro do Norte, em 1974, quando então dirigíamos a obra. Ali não solicitamos nada ao senhor bispo do Crato. O Inspetor, na época, Pe. Antônio José de Carvalho autorizou a mudança.

5. Disciplina na Bahia

A comunidade baiana, como de resto outras do Brasil e da América,¹⁰⁸ foram por vezes motivo de comentários, em vista de certos casti-

¹⁰⁷ Ibid. Secretaria Eclesiástica de S. Salvador da Bahia. O documento está em papel da Cúria de Salvador, com o brasão do Sr. Cardeal Sales.

¹⁰⁸ Em 1885, Pe. João Cagliero visitava a América. Há pouco mais de um mês de sua chegada ao Novo Continente, impressionado com o que viu em um Colégio de Buenos Aires, escrevia a Dom Bosco, lamentando-se que «Almagro era uma casa pobre de espírito

gos impostos aos seus alunos. Em determinados momentos, os praticantes de tal método punitivo, ao serem admoestados ou lembrados que Dom Bosco reprovava suas práticas, chegaram a responder: «aquí não é a Itália». Houve até quem no colégio de Almagro, B. Aires, fosse mais além afirmando que «em matéria de educação de jovens Dom Bosco e os que viviam com ele em Turim não entendiam um figo seco»,¹⁰⁹ o que significava não entendiam nada.

Em Salvador a situação tornou-se bastante crítica a partir do final dos anos '30. Parecia que o clima belicoso da Europa influenciava os ânimos dos jovens alunos e educadores da América. Nas aulas o ambiente era difícil e o Padre Conselheiro trabalhava muito, pois o pessoal salesiano era pouco. Uma boa noite de fogo¹¹⁰ tentou restabelecer a ordem, deixando o ambiente geral carregado. A partir de então as cadernetas tornaram-se obrigatórias para os alunos externos, tornando-se um instrumento para controle dos alunos e onde se mandavam avisos para os pais. Poucos dias após a trovada do conselheiro, um dos alunos maiores teve que ser afastado (2 de junho).

O clérigo Ezio Polla não se sentia bem em Jaboaão, física e moralmente, como ele mesmo confessa. É transferido para a Bahia, de onde escreve ao Pe. F. Rinaldi e logo depois ao Pe. P. Ricaldone. Em ambas as missivas, uma delas quando se encontrava em «situação desesperada», comenta os problemas disciplinares. E. Polla refere-se a um caso que lhe fez «sangrar o coração». Dando nome aos bois, escreve que o conselheiro AT, assistente do refeitório, tendo já castigado quase todos os alunos, contra a vontade do diretor, «repete hoje os mesmos castigos». Ao saber do que estava acontecendo, o catequista, também um AT, entra no refeitório arregaçando as mangas e gritando: «mas, Fulano que bestialidade é esta». O conselheiro ao perceber a atitude ameaçadora de seu colega, foge por uma porta. Deve ter sido uma festa para os internos, embora não tenham podido assistir ao duelo dos quase extra terrestres.

«Os meninos saem correndo em grande algazarra e... não menores comentários. Pois bem, quem poderá acreditar? No mesmo dia, repetiu-

e de dinheiro». Os clérigos ali não conheciam outro método para conseguirem alguma disciplina, a não ser bater nos meninos. «Todos os dias e em todas as horas não se ouve outra coisa que gritos ai, ai, em todos os ângulos da casa». Francesco MOTTO (a cura di), *Tre lettere a salesiani in America*, in *Don Bosco educatore scritti e testimonianze*, a cura di Pietro Braido. Roma, LAS 1997, pp. 439-444.

¹⁰⁹ F. MOTTO, *Tre lettere...*, p. 442. n. 5.

¹¹⁰ Em 27 de maio de 1939.

se a mesma coisa e o Diretor teve que intervir para tirar do castigo trinta e seis jovens».¹¹¹

Em uma daquelas noites um dos internos não apareceu no dormitório. Ninguém percebeu que tinha permanecido no estudo, emendando «num sono só» o da carteira com o da cama. Felizardo, no nosso tempo de internato «não tinha disso não!» Nem o assistente nem os colegas perceberam o fato. Realmente estranho.¹¹² De qualquer modo é difícil acreditar que os demais internos não tenham notado... Certamente esperaram o dia seguinte para verem o que aconteceria. Quem foi prisioneiro de um internato pode mais facilmente compreender a situação *daquelas gaiolas de ouro*.

Nos anos trinta encontram-se insistentes reclamações dos Inspetores sobre os maus tratos com alunos na Bahia e as discussões entre os encarregados da disciplina.

«Aos irmãos que têm que tratar diretamente com os alunos nas aulas ou oficinas, recomendo vivamente e com o mais profundo sentimento que evitem, que evitem (*os verbos foram repetidos e sublinhados pelo Inspetor*) sempre bater. Ao maltratar os alunos, além do abuso de autoridade e injustiça, desonramos a Congregação e produzimos graves danos ao Colégio, que perderá alunos».¹¹³

Certa feita em 1941, o Capítulo da Casa reuniu-se para tratar unicamente da disciplina praticada pelos clérigos e coadjutores e a falsa interpretação que davam do Regulamento. O Inspetor que a presidia, ficou alarmado com o que ouviu. Para ele os assistentes eram poucos e deviam ser apoiados «in totum». O diretor Pe. Antônio Viet e o catequista, Pe. Osvaldo de Carvalho comunicaram que já haviam usado todos os meios com os assistentes,¹¹⁴ mas sem resultados. A eles atribuía-se o problema da indisciplina. O conselheiro Pe. Belchior Maia acrescentou que realmente havia indisciplina, mas que não era motivo de alarme.

¹¹¹ ASC F 091: carta Polla-Ricaldone, Bahia, 11 de junho de 1930.

¹¹² Acontecido em 6 de junho de 1939.

¹¹³ ACB: Guido Barra, *Visite Ispettoriali*, Bahia, 25 de novembro de 1940.

¹¹⁴ Assistentes na época: Coad. João Benício, primeiro trienal; clérigo Armando Bolentino; Coad. Francisco Chiappello; Coad. Luiz Demichelis, segundo trienal; Coad. José Giacomarra; Coad. Conrado Lins; Coad. Pedro Miele; clérigo Luiz Salmoiraghi segundo trienal; clérigo José Vicente, primeiro trienal; Coad. Domingos João Serra. Dez ao todo.

No encontro foram tomadas algumas medidas, como uma maior presença dos salesianos no dormitório e a ajuda aos clérigos por parte do encarregado da disciplina dos estudantes, Pe. César del Grosso. Quanto às suspensões ficou determinado que competiriam somente ao diretor. Nem mesmo ao conselheiro escolar que por vezes também exagerava. Pe. Guido Barra resume o problema em quatro palavras: *nem sentimentalismo nem rigorismo*.

O esperado passeio geral de 1941 foi suspenso e depois esquecido, «devido à falta de disciplina». Cancelou-se também a exposição dos trabalhos das oficinas, pois não havia clima para tal. Falava-se de espartanismo dos assistentes. No entanto, momentos houve em que eles eram taxados de desinteressados pela disciplina ou incapazes de promovê-la, freqüentemente recorrendo ao conselheiro ou diretor.

O visitador Pe. José Reyneri (1945) tocou na mesma tecla, aconselhando que se evitassem as violências, de modo especial os plantões, que causavam má impressão, prejudicando muito o colégio e o «nosso nome». Sobretudo não se aplicassem cascudos e tapas. No plantão o aluno permanecia por certo tempo em pé, diante de colunas ou paredes. Alguns jovens tirocinistas ficaram famosos na Bahia por estas práticas.

O visitador de 1952, Pe. João Resende Costa ficou impressionado como que ouviu dizer sobre o festival de castigos. Deviam ser exceções, recomendando que se evitassem as formas odiosas. Lembrava que a caridade era a base do Sistema Preventivo.¹¹⁵ Certa vez o diretor Pe. Natal Griglio (1899-1967, diretor na Bahia de 1958-1959) pedia que o Conselheiro não castigasse demasiadamente. Fazia a mesma observação aos clérigos.¹¹⁶ Os alunos estavam muito irritados com tantas punições. O assistente dos maiores deveria exigir um pouco menos e não castigar tanto, o dos médios «estava batendo muito nos alunos».

Uma das recomendações estabelecia que os fumantes e fujões deveriam ser castigados e os recidivos afastados. Diante da situação eram comuns as fugas dos alunos.¹¹⁷ A partir de '53, os alunos foram divididos em mais uma divisão, a dos menores. No mês de julho de 1953, arranjou-se um passeio para os clérigos.

Juntamente com a disciplina falava-se também da piedade que decaía visivelmente, sobretudo entre os aprendizes. O fenômeno era mais patente nos momentos de maior indisciplina. Não se pense que o as-

¹¹⁵ ACB: Visita do Pe. J. Resende, 1952.

¹¹⁶ Um dos clérigos saiu durante a teologia, o outro após a ordenação sacerdotal.

¹¹⁷ ACB: Ata do Conselho da Casa, 12 de junho de 1959.

sunto disciplina era específico e privativo da Bahia. O festival era geral, fazendo com que reunidos em S. Paulo¹¹⁸ os Inspetores decidissem que as suspensões passariam a serem decretadas somente pelo diretor, mesmo porque em vários momentos o nervosismo campeou não só entre alunos, mas também no meio dos salesianos.

Atenção com a moralidade

Um assunto muito combatido pelos dirigentes da obra no internato ou entre os alunos de modo geral. O campo moral devia ser saneado, afastando-se inexoravelmente os elementos perigosos, escandalosos e incorrigíveis. Para eles não havia consideração. Os trajes de jogos, as leituras, as conversas com pessoas estranhas, as correspondências (controladas pelo diretor) eram constantemente objetos de exames. A última Ata do Pe. Guido Barra (Inspetor de 1938 a 1946) padronizava o tipo de calção que devia ser usado e o que não devia ser usado. O futuro Bispo D. João Resende Costa deixará escrito:

«Com respeito aos trajes esportivos, nestes climas e com a liberdade que se nota lá fora, observei alguma vez um pouco de descuido e convidei em observarem sempre as nossas normas».¹¹⁹

Na Ata de agosto de 1943, acrescenta uma nota com os seguintes itens:

- a) Proceda-se com mão forte contra os escandalosos, afastando-os sem consideração, logo que se descobrirem.
- b) Aos estudantes não se deve conceder pensão gratuita: esta é reservada só aos aprendizes quando recomendados pelo Governo ou por pessoa benemérita.
- c) Para elevar o nível moral e profissional dos aprendizes, se determine uma pensão por ex. 50 Cruzeiros mensais».¹²⁰

Ao terminar sua visita Pe. J. Resende fez duas reuniões separadas, uma com o Conselho da Casa, a outra com os clérigos, da qual nada encontramos nos registros. Aos capitulares recomendou «grande vi-

¹¹⁸ Início de 1949.

¹¹⁹ ACB: Relatório Rezende-Ziggiotti, 1953.

¹²⁰ Ata do dia 24 de agosto de 1943 (Pe. J. Resende).

gilância em toda a casa, sobre alunos, empregados etc.». Lembrou a problemática dos castigos tão debatidos no Sistema de Dom Bosco, recomendando que os salesianos estivessem sempre no meio dos alunos, durante os recreios e tivessem *o máximo cuidado pelos teatrinhos, aos quais Dom Bosco tinha tanto carinho*. Outro ponto abordado foi o voto de pobreza. Usava-se dinheiro sem licença e nas oficinas eram feitos trabalhos sem autorização do diretor.¹²¹

Disciplina religiosa

Era um dos males que assolavam a comunidade. As dificuldades na vida familiar e de piedade eram debatidas com bastante frequência nas visitas inspetoriais ou dos regionais. Pe. G. Barra que muito trabalhou para corrigir certos abusos na Inspeção, certa vez referindo-se à meditação em Salvador, chegou a dizer que o assunto tornara-se «pedra de escândalo». Pe. J. Resende a propósito notou o problema, deixando escrito que se devia insistir muito com os irmãos sobre a caridade, especialmente no «dizer bem de todos».

O fato da indisciplina parece ter sido mais agudo nos anos sessenta. Na época quem fosse destinado à comunidade de Salvador era porque estava para sair da Congregação. Esta era a idéia que se generalizara pela Inspeção. Com efeito diversos foram os sacerdotes, clérigos ou coadjutores que pediram licença de votos, enquanto trabalhavam naquela comunidade. Os relatórios falam de reduções ao estado laical, *após muita conversa para convencer do contrario*.

«A comunidade de Salvador tem sofrido muito porque durante três anos seguidos sacerdotes deixaram a Congregação para voltarem ao século como leigos. Também houve muita dificuldade de entrosamento entre os Salesianos. O Inspetor tem tomado sentido e procurado o remédio, mas até agora não acertou».¹²²

O Inspetor Pe. Pompeu de Campos lamentar-se-á: «neste ano ainda não foi vencida a problemática da comunidade provocada pelas crises de vários elementos».¹²³ Segundo ele as causas das defecções eram: falta

¹²¹ ACB: Visita de 1944.

¹²² ACB: Visita do Pe. Pompeu de Campos, 1966.

¹²³ Ibid. Relatório de 1967.

de vocação para alguns; outros ao invés a possuíam, mas faltou uma sólida formação na filosofia e teologia; alguns não tinham sido acompanhados devidamente durante o tirocínio, chegando à teologia com graves dificuldades que não resolveram antes do sacerdócio; houve também padres novos que foram deixados à própria sorte; a falta de vida de piedade, a ausência à meditação; a demasiada liberdade etc.

Todos estes acontecimentos concorriam para as várias defecções. Concluindo suas observações, afirma que «o tipo brasileiro nordestino é muito fechado, mole, sentimental».¹²⁴ Comentários à parte, sobre esta conclusão. Sublinhamos, com o professor Luiz de Oliveira, que a debandada foi geral. E não só na Bahia ou na Inspetoria S. Luiz Gonzaga. Eram os efeitos das mutações, nem sempre bem assimiladas ou interpretadas, trazidas pelo Vaticano II.

6. Férias

Nem todos os alunos tinham condições de passar férias com a família ou os responsáveis. Problemas econômicos, de parentela, ou mesmo porque preferiam permanecer com os padres. De qualquer maneira, as férias eram aguardadas por todos. Era o momento da reposição das energias gastas em uma atividade, que não tinha aposentadoria nem jamais falta-

¹²⁴ ASC: Relazione sull'Ispeatoria, 19 settembre 1968(?). Pe. Pedro Garnero faz cinco observações a esta relação. Cito duas que mostram o que então se pensava da Inspetoria e dos habitantes daqueles rincões do Brasil. Na terceira observação lê-se: «É a Inspetoria mais difícil do Brasil (A Inspetoria S. Luiz Gonzaga) e sem possibilidade, pelo que se pode observar de ulteriores desenvolvimentos. Encontra-se na famosa zona do “quadrilátero da fome”, o conhecidíssimo Nordeste brasileiro. Há uma grande escassez de vocação e o elemento humano é o mais difícil do Brasil: elemento instável, irrequieto, indeciso». No quinto ponto, Pe. P. Garnero continua o comentário: «Talvez se deva pensar para essa Inspetoria o mesmo que se pensou para algumas Inspetorias italianas, a reunificação com uma outra. O problema porém é delicado e difícil pois as distâncias são enormes. Outra solução poderia ser, dar a esta Inspetoria uma região de muitas vocações, como seria o Estado do Espírito Santo. Encontrar-nos-íamos porém, diante das dificuldades postas pela Inspetoria de Belo Horizonte e dos próprios Salesianos daquele Estado, que não querem saber dos “nordestinos”». A afirmação do ilustre superior argentino, é um tanto apressada e priva de valor histórico, segundo nosso julgamento. Em se tratando do relacionamento entre os mineiros e os paulistas entre si, talvez fosse mais acertada. Algum tempo depois, durante vários anos, noviços de Minas fizeram o noviciado na Inspetoria do Recife. Em seguida aconteceu o contrário. Ainda em nossos dias, noviços e teólogos nordestinos frequentam as Casas de formação de Minas Gerais.

va trabalho. Os locais de férias, no campo ou nas praias, eram cedidos por benfeitores ou alugados. Ali se recolhiam salesianos e internos. Em São Tomé de Paripe havia a casa da benfeitora Da. Lydia Bourgos. Em 1911 alugou-se uma bela mansão de primeiro andar na praia da Pituba para onde «foram a metade dos Superiores passar férias e tomar banho de mar».¹²⁵ A vivenda foi usada até fevereiro de 1921, quando foi definitivamente abandonada.¹²⁶

Nos últimos dois anos, durante as férias os padres atendiam à paróquia de Amaralina. Em uma das fotos sobre a Bahia vêem-se os alunos em um dos costumeiros passeios a Pituba. Outra meta de recolhimento era Rio Vermelho, onde se alugou uma residência, no lugar conhecido por Genipapeiro. Os padres se revezavam para descansar e ao mesmo tempo prestavam assistência religiosa às Mercês. As Irmãs também tinham na área uma residência de férias.

Alagoinhas, Itaparica eram procurados tanto para descanso, como para cuidados com a saúde. No tempo da Casa da Pituba ofereceu-se uma outra em Serrinha, interior do Estado. Havia no entanto a condição de os SDB substituírem o vigário, Pe. Carlos Nogueira. Não se fala da aceitação.

7. Passeios para internos e salesianos

Nas quintas-feiras o *passeio* era regulamentar e tradicional em todos os internatos. Pedagogicamente uma medida de grande alcance. Por vezes, caminhava-se muito, quando se tratava de *passeio geral*. Saía-se de casa às quatro da manhã, retornando-se à noitinha. O almoço era preparado no local, previamente acertado. Para o alunado preso no Internato era um momento de muita expectativa e regozijo. Na terceira semana de outubro de '38 as caminhadas das quintas-feiras foram abolidas, pois os salesianos, que sempre acompanhavam os alunos, tinham dificuldades de andarem a pé. Realmente deveriam ser um tanto cansativas para os que já tinham certa idade. Uma das rotas, longa para ser feita a pé, começava em Nazaré, passava por Campo Grande e Rio Vermelho com Missa em uma Capela de Amaralina, pertencente a um benfeitor.

¹²⁵ ACB: Crônica 1911.

¹²⁶ Em dezembro de 1938, os salesianos estiveram presentes no lançamento da primeira pedra da Igreja de Nossa Senhora da Luz, no bairro da Pituba, onde as religiosas daquela denominação mantêm um Colégio.

Salesianos visitam Aracaju

A estrada de ferro de 1913, Salvador - Propriá, passando por Aracaju, era uma rota freqüentemente utilizada pelo pessoal do Liceu, da Tebaida e do colégio N. Senhora Auxiliadora de Aracaju. Dois trens diários deixavam a Bahia com destino a Propriá, passando pela Tebaida e Aracaju. Um deles partia às duas da tarde para chegar na terra del Rey na manhã seguinte. Em julho de '47, da Estação da Calçada em Salvador embarcam às 6h00 da manhã, dez Salesianos. Chegaram a Aracaju «cerca de 18 horas depois».¹²⁷ Retornaram após quase uma semana, «alegres e encantados» com a bondade com que foram tratados pelos irmãos de Sergipe.

Rebocador encalhado

Aconteceu em um passeio geral¹²⁸ na Ilha da Madre de Deus na Bahia de Todos os Santos. Um vento repentino encapelou as ondas fazendo da viagem um pesadelo. O rebocador, que conduzia a banda, os menores e alguns professores, encalhou num banco de areia, deixando os passageiros ilhados e apavorados no meio do mar. No outro barco, um veleiro, onde estavam os maiores houve preocupação, pois ficou perigosamente lotado, ao ter que receber com muita dificuldade os navegantes. O medo emudecera a todos, enquanto a galeota abrindo todas as velas, singrava as ondas procurando a praia amiga e salvadora. A noite de breu impedia uma longa visão. No entanto, no fundo da escuridão apareceu uma luz que se aproximava dos quase náufragos. Era o rebocador que se arrancara do areal submarino e vinha em direção do veleiro.

Aquela viagem marítima tornou-se famosa na história dos passeios dos meninos do Liceu. Os padres devem ter lembrado o episódio da Barca Sete de Niterói. Às 23h00, cansados, famintos e mais *navegados* chegam ao colégio.

Passageiros despejados na estrada

Aconteceu certa vez quando alunos e salesianos foram a Itapoan. O caminhão desconchavado e alquebrado pelos anos, verdadeiro ca-

¹²⁷ Pe. Gino Compagnin em sua crônica de julho de 1947.

¹²⁸ Outubro de 1944.

lhambeque desmanchando-se aos pedaços, rejeitou a carga, jogando carroceria e passageiros no meio da estrada. Apenas sustos e esco-rições.

«Dom Bosco» é abalroado

Aconteceu em 1948, quando o «Mascote» da Cia. Baiana com os alunos do Liceu, singrava as ondas da Baía de Todos os Santos com destino à ilha de Itaparica. Uma distração talvez e se chocaram contra outro barco, ironicamente chamado «Dom Bosco». Seu proprietário, Cloves Maia, era um ex-aluno salesiano do Liceu. Completamente destroçado, o «Dom Bosco» e sua carga ficaram ao léu das ondas, enquanto os passageiros foram recolhidos pelo «Mascote».

Excursão a Paulo Afonso

Eram desastrados os passeios do colégio da Bahia. Em janeiro de '56, a caminho de Paulo Afonso, 471 km de Salvador, a camioneta em que viajavam alguns salesianos, chocou-se com um caminhão. O coadjutor Luiz Alexandre e o clérigo Orsini Nuvens são hospitalizados. O irmão Alexandre em primeiro de março, teve o braço amputado, pois ameaçava gangrena.

Cipó

A pequena cidade está a 270 km de Salvador. Dos 15 SDB da comunidade, oito se acotovelaram no interior da camioneta do colégio. Eram quatro horas da manhã, quando partiram. Os demais, ficaram preocupados e rezando, pois não haviam esquecido o que acontecera no ano anterior na visita a Paulo Afonso. O retorno estava marcado para o dia seguinte. Chegou a noite e nenhuma notícia dos viajantes. As preocupações iam aumentando, até que às 22h00, aparece um caminhão trazendo os excursionistas. A velha camioneta não suportara. Os buracos e pedras da estrada haviam-lhe destruído os pneus e danificado as rodas. À tardinha os irmãos leigos José Giacomarra e Daniel Antunes aparecem com o veículo. Era mais uma aventura dos salesianos baianos.

Ali se esfolava por um pouco de comida

Nas férias de '57 a famosa camioneta da Bahia passou por mais algumas peripécias nos caminhos lamacentos, que levavam à imponente refinaria de Mataripe. As estradas, segundo o cronista, eram um verdadeiro pantanal.

«Com muito esforço chegamos... Vimos as magníficas instalações e os grandes projetos para a ampliação. Almoçamos num bar que se parecia com as fitas de “cow-boys”, onde sabem esfolar por um pouco de comida. A volta foi penosa. As chuvas aumentaram a lama. Os clérigos e coadjuvantes de pé no chão, ou melhor na lama, empurrando a camioneta».¹²⁹

*Emaus*¹³⁰

O cenário era o mesmo veículo e a lama das estradas. Não se fala qual o destino que tomaram. O veículo, enterrado até aos eixos, não pôde continuar, nem havia trator que pudesse arrancá-lo do lamaçal. Repetem-se nos caminhos da Bahia os fatos da Tebaida. Arranjam-se quatro juntas de bois (oito animais) e termina a festa da lama que já se tornara uma tradição. Um dia Pe. Eduardo W. da Fonte trouxe do Rio de Janeiro uma camioneta nova.

8. Cinquentenário dos Salesianos na Bahia

As comemorações cinquentenárias aconteceram mais freqüentes dos meses de agosto a setembro de '49. A Missa comemorativa do evento foi celebrada no dia do ex-aluno. Além destes, participaram alunos e respectivas famílias, autoridades entre elas o Cel. Maurino Cerzimbra, Chefe da Casa Militar e representante do senhor Governador. Após a Missa afixou-se uma placa relativa à data, momento em que a nova diretoria dos ex-alunos tomou posse.¹³¹

¹²⁹ ACB: Crônica de 1957.

¹³⁰ No jargão salesiano era o passeio tradicional que se fazia na segunda-feira após o Domingo da Ressurreição.

¹³¹ *A Tarde*. Salvador segunda-feira, 15 de agosto de 1949 e *Diário de Notícias*, 17 de agosto de 1949.

A sagração de seis altares laterais do Santuário Nossa Senhora Auxiliadora fez parte das comemorações. A função foi executada por seis bispos presentes que celebraram em cada um dos altares consagrados. No final do ano o diretor enviou a Turim as fotos sobre as comemorações jubilares, incluindo a homenagem prestada ao Governador e o desfile pelas ruas da cidade.¹³²

9. Domingos Sávio, um aluno de Bosco canonizado aos 15 anos

O centenário do nascimento de Domingos Sávio,¹³³ aluno de Dom Bosco no Oratório de Turim foi celebrado com grande pompa. O catequista de então, Pe. L. de Araújo foi o grande promotor das homenagens ao adolescente santo. A festa não pode deixar de ser uma grande oportunidade oferecida aos baianos para conhecerem os efeitos espirituais do Sistema Salesiano de educação. As Rádios Cultura, Excelsior e Sociedade da Bahia foram instrumentos preciosos de divulgação da vida de Sávio. A Cultura por cinco dias subsequentes divulgou a novela intitulada: «O Santo da Juventude» aumentando sua clientela de admiradores e veneradores. No Santuário houve novenário e Retiro espiritual para os alunos. O pregador, Pe. Agenor Vieira Pontes, fazia quatro práticas por dia. O novenário foi inicialmente programado para ser oficiado ao mesmo tempo no Liceu e na Catedral. Algumas dificuldades fizeram com que se realizasse somente no Salesiano. O Instituto Normal participou diretamente nas homenagens a D. Sávio, exibindo um filme para preparar os festejos do santo dos jovens.

As chuvas ameaçaram a concentração que deveria realizar-se no Estádio Otávio Mangabeira na Fonte Nova. Terminaram sendo mesmo no Santuário de Nossa Senhora Auxiliadora com a Missa celebrada¹³⁴ pelo ex-aluno salesiano Dom Mário de Miranda Vilas Boas. Ao término da função Domingos Sávio foi declarado patrono da juventude baiana. Afixou-se um grande quadro com sua efígie, no alto à direita de quem olha para o altar mor. Ao terminar a Missa, retirou-se o San-

¹³² ACB: Crônica de 1949. Na ocasião um salesiano argentino que passava para a Europa levou para Turim alguns doces «de marmelada brasileira». Presente aos superiores, mandado pelo diretor do Liceu, Pe. Francisco Fabbri (1904-1983).

¹³³ Nasceu em Riva di Chieri, Piemonte, Itália em 2 de março de 1842. Faleceu em Mondônio, vizinhança de Turim aos 9 de março de 1857.

¹³⁴ Em 5 de outubro, sábado às 16h00.

tíssimo, dando-se início na Igreja a uma rápida sessão. Um aluno do colégio da Bahia, falou em nome do ensino oficial e um outro pelo Salesiano. Usaram ainda da palavra o Dr. Aloysio da Costa Short, representante do Governador do Estado e do senhor Prefeito, Dr. Hélio Machado.

A semana de homenagens a S. Domingos Sávio terminou com a Missa irradiada às 10h00 do domingo, 6 de outubro de 1957.¹³⁵

10. APAS - Associação de Pais do Salesiano

Educadores de jovens, os SDB não desconheciam o fato de que os pais também devem colaborar com a Escola na educação dos filhos. O contrário seria construir na areia. Além das diversas agremiações como as Companhias; a JOC (Juventude Operária Católica da qual faziam parte diversos alunos aprendizes); o Grêmio Estudantil Dom Bosco; a AEC (Associação de Educadores Católicos, instalada na Bahia em 1962, da qual vários diretores do Liceu foram Presidentes); a Organização dos Cooperadores; a União dos ex-alunos; as Damas de Maria Auxiliadora; funcionou também no Liceu o Círculo de Pais e Mestres, por vezes chamado Escola de Pais (começou em '60, '61).

O grupo da APAS chamou-se ainda APAMES (Associação de Pais, Mestres e Alunos). Nos anos em que funcionou entrosado com a diretoria do estabelecimento, prestou grandes serviços ao colégio, aos pais e aos alunos e mestres, realizando festas, promovendo campanhas para ajudar economicamente o Liceu nas suas crises financeiras.

A presença da APAMES na implantação do curso científico em 1970 foi de grande valia não só insistindo e mostrando a necessidade do mesmo, mas também na orientação e assistência de seus advogados. O pedido enviado pelo estabelecimento ao Conselho Inspetorial denuncia a presença daqueles profissionais. O casal Methódio-Luzia Coelho assim se expressou a respeito dos serviços prestados pela Escola de Pais da Apames.

«A Escola de Pais foi quem fez a implantação do Curso Científico. Foi uma grande dádiva que o Liceu Salesiano nos proporcionou. Agradecemos esta salutar orientação para nossas famílias».¹³⁶

¹³⁵ ACB: Crônica setembro-outubro de 1957.

¹³⁶ ACB: Ata da Apames, 21 de março de 1970.

O primeiro coordenador do Conselho Diretivo da Associação de Pais e Alunos da Bahia foi o Dr. Washington Trindade, ratificado como Presidente.¹³⁷ O secretário, o senhor Risério Leite. A diretoria logo tratou de preparar uma minuta de Estatuto, estudado e aprovado em Assembléia Geral. Um dos objetivos foi a promoção vocacional. No final de 1961 enviou seis aspirantes para o Seminário de Carpina e outro para o de Jaboatão. Tudo indica que a maior atividade do grupo foi entre os anos sessenta e setenta no tempo em que os diretores do colégio eram B. Maia ('60 - '64) e L. Santiago ('68-'70). Durante os anos '65 - '67 os registros são parcos em informações.

Um dos objetivos da APAS foi defender a escola particular, ameaçada pelo Governo, que não a via com bons olhos e pretendia estatizar o ensino. Os objetivos do Estatuto acham-se exarados no artigo 2º dos Estatutos

«O fim da Associação é o aperfeiçoamento das relações entre pais e mestres, para maior rendimento da ação moral, social e educativa destes em proveito do educando, visando fortalecer as famílias como núcleos básicos de defesa dos direitos irrecusáveis da liberdade de ensino, liberdade de consciência e integridade do lar».¹³⁸

Ao término dos anos '70 o colégio vivia uma crise econômica que se arrastava há alguns anos. No sentido de aumentar o número de alunos e obter maiores condições de rentabilidade econômica, trabalhava-se pela instalação do Segundo Grau misto.

A crise tornava-se ainda mais séria pelo fato de que a Sunab dificultava a aprovação dos reajustes das mensalidades, ao mesmo tempo que os professores clamavam por aumento de salário. Em '69, o órgão do governo concedeu um reajuste de 15%, após o exame do pedido em Recife. A Apames movimentava-se para conseguir meios financeiros para compra de livros para a biblioteca e material didático para o Segundo Grau.

11. Crise dos anos 60 e venda do Liceu

Ao assumir a Direção do Liceu, Pe. B. Maia reuniu em fevereiro seu conselho para estudar alguns pontos que achava importantes e urgentes

¹³⁷ Dr. W. Trindade foi Juiz federal do Trabalho e ainda nos anos recentes nos ajudou muito nas consultas que lhe fazíamos.

¹³⁸ Ibid. Ata da reunião de 21 de junho de 1964.

para a nova administração. Na pauta estavam o aprimoramento do nível intelectual dos alunos, a seriedade das notas, a separação do curso profissional, a criação do curso científico e a sistematização das construções. Pensava que através da racionalização das atividades daria um maior deslanche pedagógico-pastoral, social e econômico ao estabelecimento. Os gastos, agravados com a construção do Cine Nazaré, fizeram com que o velho Liceu passasse novamente por tempos difíceis.

Os problemas econômicos da sociedade; as verbas governamentais que tinham diminuído ou desaparecido totalmente; a própria visão do Governo avessa ao ensino particular; a escassez de alunos; os administradores do colégio, nem sempre clarividentes e objetivos diante dos problemas de sua economia, embora tentassem combatê-los; tudo contribuía para complicar a situação. As oficinas estavam vazias e paradas. Faltavam mestres, alunos e material. Em todos os pavilhões do monstro sagrado e silente, encontravam-se salas, salões ociosos, provocando a coíça de muita gente, na observação de Pompeu de Campos, Inspetor.

Na Rua Dom Bosco, um conjunto iniciado por uma das administrações anteriores, ficara tragicamente a meio do caminho, mostrando a carcaça de cimento bolorenta e fria. Os viandantes, com certeza, lembravam aquela história do Evangelho, precisamente aprendida com os padres. A do homem que começou a construir sem planejamento, deixando a obra inacabada porque faltaram os meios.

O pessoal salesiano estava preocupado. Uma das reuniões do Conselho abordou tão somente assuntos econômicos. O colégio não vai bem, anunciava B. Maia, referindo-se às causas «que motivaram a queda do gabarito de *crédito e haver* da nossa administração». ¹³⁹ Acrescenta que a situação tornara-se mais trágica por causa da conjuntura vivida pela sociedade brasileira. O diretor não aponta os motivos da problemática interna, entre outras, a falta de alunos, uma mensalidade abaixo do possível e os gastos com a construção do cinema. Crescia-se por outro lado, a grita dos professores que, acossados pelas dificuldades externas, clamavam por maiores salários.

De '57 a '64 acontecera um verdadeiro desfile de tesoureiros, exibindo-se na passarela econômica do Liceu. Nada menos de sete, praticamente um por ano. ¹⁴⁰ O Inspetor P. Campos, alarmado, mandou o ecônomo inspetorial Pe. Gino Compagnin visitar a Bahia.

¹³⁹ ACB: Ata de 29 de julho de 1963.

¹⁴⁰ Natal Griglio em 1957. Eduardo Wanderley da Fonte e Samuel de F. Barros em

O diretor Jonas Magno Pinto ao terminar o triênio (1956-1957), *doente e decepcionado com tudo*, foi substituído pelo Pe. Luiz Santiago de Araújo (1968-1970). Ao ser nomeado, tinha recebido a dura tarefa de arranjar comprador para o colégio. Transcrevemos o que nos disse em consulta feita em 1999.

«Pe. Inspetor me incumbiu de oferecer à Universidade da Bahia, o Liceu Salesiano de Salvador, como Escola de Aplicação.... Obedeci, mas rezava para que o Magnífico Reitor não aceitasse. O Reitor Dr. Roberto Campos me disse: “Padre, esta crise è passageira e a Universidade não precisa do seu Liceu. Tudo passa. Tente outros meios. E no que depender de mim, o ajudarei”! Respondi logo ao Pe. Inspetor, falei com o Delegado da Educação, Dr. Elói, que me aconselhou introduzir o Segundo Grau. Falei com Professores e alunos e todos vibraram».¹⁴¹

Agradecemos ao Dr. R. Campos, futuro chefe do Executivo baiano e ao seu Delegado de Educação.

Sabe-se no entanto, que o Governo pretendeu comprar o imóvel para montar ali uma de suas Secretarias.¹⁴² Pe. L. Santiago em reunião da Apames comunica que o colégio será oferecido ao Governo Federal para a instalação de uma Faculdade ou para o Estado que faria funcionar no prédio um de seus colégios.¹⁴³

Enquanto a situação não se ajustava, alguns encontros com os pais eram festivais de pedidos para ajudar a empurrar um enfermo que tinha dificuldades em se manter em pé. Pedia-se dinheiro para a biblioteca do científico que se pretendia começar, para o laboratório, para premiação dos alunos e exposição de trabalhos escolares. Em setembro de '69 o diretor faz correr uma lista, durante uma reunião da Apames, na qual cada assinante se comprometeria a doar, por fora da mensalidade, NCr\$ 20, 00 por mês, para ajudar as despesas do colégio. Algo a nosso ver, simplesmente constrangedor. Naquele ano a Sunab havia aprovado, em estudo feito no Recife, um aumento de 15% (quinze por cento) nas mensalidades. A esta altura a direção já havia avisado aos pais que sem o

1958 (Pe. Samuel, após uma semana de sua posse, foi nomeado Diretor de Aracaju). Francisco Marcante em 1959. Eduardo W. da Fonte de 1960 a 1962. Manoel Soares Caldas cerca de um ano, em 1963 e José Pereira Lima, em 1964.

¹⁴¹ Carta Santiago - Antenor, Santa Rosa, RG, setembro de 1999.

¹⁴² ASC F 545: Relazione dell'Ispettore, 1966.

¹⁴³ Ibid. Ata da Apames, 12 de setembro de 1969.

auxílio deles o estabelecimento não sobreviveria. As subvenções federais haviam passado de NCr\$ 11.000,00 para NCr\$ 4.000,00. A taxa inspetorial, espécie de aluguel que se repassava à Inspeção havia sido temporariamente dispensada, pois não havia como pagá-la.

O educandário baiano não era porém, o único que estava em crise, nem constituía a ovelha negra no cenário da educação religiosa baiana e nacional. Os bispos brasileiros já haviam despertado para a crise das escolas católicas, ociosas e em falência.

Em '70, o colégio do padre Della Valle recebe uma lufada de ar nos pulmões. A Segunda-Feira Jovem, patrocinada juntamente com a Apames e o Grêmio Dom Bosco, rendeu líquido NCr\$ 1.885,00. A importância foi entregue com recibo em duas vias, ao tesoureiro do colégio, Pe. Jacyr Amadeu Alves.

Economicamente promissor foi o aumento das mensalidades em 25% (vinte e cinco por cento). O curso científico trouxe novo fôlego à economia do Liceu. O percentual de aumento teve a orientação do Dr. Elói. As mensalidades ficaram assim discriminadas: Primário: NCr\$ 480,00. Ginásio: NCr. 650,00. Primeiro ano científico: NCr\$ 800,00. A comunicação da mensalidade aos pais aconteceu, em reunião não programada, mesmo porque a Direção da escola soube da aprovação do científico apenas no dia três de março.

O presidente da Apames insatisfeito solicitou o parecer do consultor jurídico da entidade, Dr. Methódio Coelho. A opinião do perito, talvez um pouco sibilina, foi que não lhe competia opinar sobre a matéria, desde que a Associação oficialmente não existia.¹⁴⁴ O advogado observa que o diretor tivera a consideração de esboçar a vida estrutural do colégio e que em seu julgamento não acreditava que o Conselho Estadual de Educação viesse tomar nenhuma medida contra o estabelecimento. O professorado estava reivindicando maiores salários e só com o aumento das mensalidades poder-se-ia atendê-los.

O fato do aumento das mensalidades, envolvendo o diretor, o presidente da Apames e o consultor jurídico, talvez tenha deflagrado um outro que irá culminar com a renúncia da diretoria da Apames. O Liceu porém continuou funcionando e não mais se falou em vendê-lo. No ano de '70, como uma das soluções financeiras aprovou-se no Conselho da Casa o aluguel de um turno, a uma das Faculdades locais.

¹⁴⁴ A Apames do Colégio foi reconhecida juridicamente no início de 1970.

12. Desentendimentos e renúncias

Em cerca de dez anos de funcionamento não se registraram dificuldades incontornáveis entre o colégio e a Apames. No entanto, um acontecimento mostrou que ao menos durante a última diretoria as águas não estavam tão tranqüilas. Em reunião de 4 de abril de 1970, Pe. L. Santiago discordou do conteúdo da Ata,

«achando-a infiel, porque não havia referências ao adiamento da eleição, com a confirmação e continuidade da Diretoria que vinha trabalhando na organização da Apames desde 17 de junho de 1969, conforme relatório aprovado naquela mesma Assembléia».¹⁴⁵

O presidente Osmundo Souza¹⁴⁶ respondeu que a observação feita após as formalidades de aprovação e assinatura constituía constrangimento para todos. Era inexplicável, mesmo porque o diretor achava-se presente desde o início da reunião, até mesmo no momento em que aquela Ata fora discutida. Outro ponto de discórdia foi a presença do presidente do Grêmio, sem a comunicação ao diretor do colégio. Santiago quis saber quem o havia convidado. Foi-lhe respondido que o estudante participava do encontro por uma sugestão do mesmo diretor do estabelecimento. O aluno Novais, era este seu nome, acrescenta que tinha vindo com muito boa vontade trazer a palavra dos colegas e expor os planos de trabalho de sua entidade, a fim de coordenar os esforços de todos em prol do colégio.

A situação continua tensa com Osmundo Souza afirmando que estranha a atitude do Pe. diretor. Para ele trata-se de uma ingerência,

«que não se coaduna com a natureza mesma dos trabalhos de grupo, de doação com o requisitado por uma Associação de Pais e Mestres, onde é preciso, sobretudo que as autoridades do Colégio respeitem a personalidade e a hombridade dos Diretores».¹⁴⁷

Continuando seu discurso, Osmundo pede a renúncia, pois considera impossível trabalhar sob condições *que ferem diretamente a dignidade dos cargos que devem ser exercidos e dos seus titulares*. Pe. L. Santiago rece-

¹⁴⁵ ACB: Ata da Apames, 7 de abril de 1970.

¹⁴⁶ Nas Atas, sua assinatura termina sempre com três pontinhos em forma de triângulo.

¹⁴⁷ Ata da Apames, 7 de abril de 1970.

be a demissão, juntamente com a dos demais diretores da Apames. O presidente renunciatário termina seu discurso, esperando que os

«critérios da Direção do Liceu ficarão à altura das tradições salesianas, de modo que os filhos dos Diretores renunciatários não venham a sofrer quaisquer restrições ou prejuízo em virtude desta atitude dos seus pais».¹⁴⁸

Em maio foi eleita nova diretoria para o exercício de 1970. Fez-se a programação das atividades do ano e a Apames continuou seu trabalho de colaboração e aperfeiçoamento entre pais e mestres em benefício dos alunos.

13. Pedidos de fundações

Um jornal local comentando o significado que os salesianos representam para a Bahia, escrevia em 1933:

«O que é a obra salesiana na Bahia, não precisamos dizê-lo. Ela aí está nos serviços inestimáveis que vem prestando, nas gerações que aprontou para a luta honesta para a vida, nos edifícios magníficos do seu Colégio, na imponência do suntuoso Santuário que se vai erguendo».¹⁴⁹

Calçada

Encontramos duas correspondências solicitando aos salesianos a aceitação de uma obra Pia no bairro da Calçada, em Salvador. Os pedidos são de maio e junho de 1893. Trata-se de uma Casa Pia e colégio dos Órfãos de S. Joaquim¹⁵⁰ situada na Cidade Baixa.

O primeira carta é do Sr. José Augusto Figueiredo, escrita ao amigo Luiz Rodriguez Dutra, cujos filhos estudavam com os Salesianos em

¹⁴⁸ Ibid.

¹⁴⁹ Jornal *Era Nova*. Salvador 5 de abril de 1933.

¹⁵⁰ Obra de caridade, situada em uma grande propriedade, inicialmente pertencente aos Jesuítas. Posteriormente doada pelos Reis do Brasil e Portugal a Dom João VI, a fim de servir como abrigo a órfãos desamparados, protegidos pelo Imperador. Competia ao Presidente da Província aprovar as eleições realizadas pela administração, embora o governo não interviesse.

Niterói. O mesmo senhor José Augusto, provedor da entidade beneficente, no início de 1893 havia escrito ao Arcebispo baiano, a fim de que o prelado conseguisse a aceitação do colégio por parte dos salesianos. A solicitação chegara às mãos do Pe. L. Lasagna que então se encontrava no Rio.

Na segunda correspondência o senhor L. Dutra dirigia-se ao Padre Luiz Roca,¹⁵¹ solicitando «a mão caridosa de um salesiano» para a Casa Pia dos Órfãos do S. Joaquim, Ao mesmo tempo mandando os Estatutos do colégio. Os salesianos não puderam aceitar o pedido. Não havia pessoal suficiente. No início do documento, alguém em Turim escreveu a seguinte observação:

«Não temos pessoal. Dentro de não muito tempo esperamos ir ao Recife. Um vez que aquela casa esteja indo bem, poder-se-á acertar com o Diretor da mesma a respeito da Casa dos Órfãos. (P. Rua assinará) 26 de junho de 1893».¹⁵²

Na época Pe. L. Lasagna viajou de Montevideo, demorando-se por seis meses em Lorena, no Vale do Paraíba do Sul. A 9 de julho de 1893, comunica ao Dr. C. Alberto Menezes, que deseja passar em Recife, para apressar a fundação salesiana daquela cidade, «atendendo também aos insistentes convites de ir à Bahia».¹⁵³ Esta viagem não foi realizada. A revolta da Armada impediu a ida do Pe. L. Lasagna ao Nordeste do Brasil. Em um dos trechos de sua longa carta ele diz ao padre César Cagliero (1854-1899, primo do bispo João Cagliero):

«A capital (leia-se o Rio de Janeiro) foi impiedosamente bombardeada, com a explosão da revolta nos portos. Eu, que por ordem do P. Rua, tinha planejado uma viagem à Bahia, a Pernambuco e uma outra ao E. Santo, fiquei preso».¹⁵⁴

¹⁵¹ Pe. Luiz Rocca nasceu em Milão em 1853 e faleceu em Turim em 1909. Em dezembro de 1875, ordenou-se sacerdote, indo para Alássio, onde passou cerca de 20 anos. Em 1895, Pe. Rua o faz Ecônomo Geral.

¹⁵² ASC F 545.

¹⁵³ L. LASAGNA, *Epistolario*, Vol. III..., carta Lasagna-Menezes, a bordo del La Plata, 9 de julho de 1893.

¹⁵⁴ L. LASAGNA, *Epistolario*, Vol. III..., carta Lasagna-César Cagliero, Lorena, 28 de outubro de 1894.

Ondina

Em duas vezes, encontramos pedidos para fundações no bairro de Ondina. A primeira aconteceu em setembro de 1901, quando de uma visita do Pe. L. Della Valle e do clérigo Pedro Ghislandi a um benfeitor de nome Balbino.¹⁵⁵ Naquela ocasião, os Salesianos receberiam com a Colônia Agrícola a importância de 6 contos de réis. A segunda tentativa ocorreu em 1947, época do governador Otávio Mangabeira.¹⁵⁶ O problema era sempre o mesmo, falta de pessoal salesiano.

Conceição do Coité

Os trens da época, 1903, resfolegavam pesada e ruidosamente durante um dia inteiro, para alcançar a cidadezinha de Conceição do Coité. Também ali, ambiente verdejante e de amenas colinas, o pároco local gostaria de ver os Salesianos em sua terra, para isso, «cedendo-lhes seus haveres e sua paróquia».¹⁵⁷

Cidade de Nazaré

Pe. Ambrósio Tirelli,¹⁵⁸ certa feita escrevendo ao Pe. Felipe Rinaldi refere-se a uma fundação na cidade de Nazaré, no Recôncavo baiano. A obra tinha sido oferecida por um senhor Bettencourt, ainda nos tempos de Pe. L. Giordano. Tratava-se de um Orfanotrófio, «uma casa para escola agrícola, distante sete horas de vapor da cidade». Pe. L. Gatti fala sobre este Orfanato, acrescentado que eram 110 os meninos.¹⁵⁹ Pe. A. Tirelli acha que ao invés de se abrir novas casas, os esforços deveriam ser carreados para a formação de pessoal. As obras existentes deveriam ser «salesianizadas» e à medida que houvesse salesianos preparados, outras poderiam ser abertas.¹⁶⁰ Em setembro de 1925, o Inspetor se comunica

¹⁵⁵ Não conseguimos determinar seu parentesco com Antônio Balbino, mais tarde governador do Estado.

¹⁵⁶ Nasceu em 1886 e morreu em 1960.

¹⁵⁷ ASC F 091: carta Giordano-Barberis, Bahia, 22 gennaio 1903.

¹⁵⁸ Inspetor das Casas da Inspetoria do Norte, a partir da divisão em 1925.

¹⁵⁹ ASC F 091: carta Gatti-Rinaldi, Bahia, 5 ottobre 1923.

¹⁶⁰ *Ibid.*, carta Tirelli-Rinaldi, Bahia, 30 de julho de 1925.

mais uma vez com padre Rinaldi para lhe falar sobre a oferta de Nazaré. Desta vez, aumenta o percurso do navio, em mais uma hora. Diz, que após ter visitado o local é de parecer negativo, pois *os lugares e as condições são inaceitáveis*.¹⁶¹

Uma embrulhada

O «embrulho» da Casa da Penha consistiu em um prédio, em Itapagipe, doado ao Estado, antes já arrematado pelo Salesiano. Conservamos o mesmo termo *embrulho*, usado pelo jornal *A Tarde* em sua edição de 23 de novembro de 1933. Exponho o problema como foi explicado pelas duas partes: a professora Amália Barbosa Lopes, doadora do imóvel e o Pe. Pedro Ghislandi.¹⁶² O acervo do jurisconsulto Dr. Frederico Marinho de Araújo foi posto em hasta pública (1923). A professora Amália procurou na época os padres da Colina de Nazaré, propondo-lhes entregar certa quantia, a fim de que eles adquirissem o imóvel *Casa da Penha*, sob a condição de que ali instalassem uma escola gratuita com o nome do falecido. O estabelecimento destinar-se-ia ao atendimento de crianças pobres do bairro de Itapagipe. Passaram-se dez anos sem que nada tivesse sido feito, segundo Da. Amália, no sentido de realizarem

«o compromisso tomado perante a minha consciência pela consciência do seu diretor. Urgido pelos meus contínuos protestos, resolveu o diretor do mesmo Liceu com os demais componentes desta Diretoria entregar-me a casa em apreço». ¹⁶³

Diante do fato de que sobre a propriedade pesava uma grande dívida de impostos, a professora através do diretor da Faculdade de Medicina, Dr. Augusto Cesar Vianna, dirige-se ao Interventor do Estado, a fim de obter do mesmo que a casa lhe fosse entregue sem os gravames dos impostos, já que o problema não dependera dela, cujo desejo era ainda estabelecer ali um educandário para as crianças pobres da área. O chefe

¹⁶¹ *Ibid.*, carta Tirelli-Rinaldi, Recife, 31 de outubro de 1925; carta Tirelli-Vespignani, Lorena, 4 de outubro de 1925.

¹⁶² Na época em que se adquiriu o prédio em hasta pública, o Diretor do Liceu era o Pe. Lourenço Gatti. Pe. Ghislandi o substituíra, pois ele estava no Rio.

¹⁶³ *A Tarde*, Salvador, 24 de novembro de 1933.

do Governo não aceitando a idéia propôs que o prédio passasse ao Estado que lhe daria o mesmo destino. A contra proposta foi discutida no que dizia respeito ao ensino religioso e após alguns acertos, aceita pela senhora Amália B. Lopes.

A *Tarde*¹⁶⁴ informara que o Liceu estava providenciando junto às autoridades competentes a transferência para o Estado do prédio que lhe pertencia em Itapagipe. O mesmo informativo, em data que parece ser primeiro de dezembro, publica matéria do Pe. Pedro Ghislandi, dando uma explicação sobre o problema.

«Sr. Diretor: atendendo ao apelo desse conceituado vespertino ao Liceu, ...cumpre-me responder-vos o seguinte:

I. Que o signatário da presente ao assumir a Direção do Liceu Salesiano, encontrou fazendo parte do seu patrimônio a Casa da Rua da Pehna, onde passaram alguns dias de férias os alunos pobres do Colégio, a qual fora arrematada em hasta pública por Da. Amália Barbosa Lopes, em nome dos Salesianos, conforme se verifica do respectivo registro e transcrição de imóveis.

II. Que nestas condições teve também ciência de que fôra também desejo da referida benfeitora e promessa do então Diretor que se fundasse ali uma escola em homenagem ao Dr Frederico Marinho.

III. Que respeitando esse compromisso moral e na impossibilidade material de satisfazer o desejo da insigne senhora, o atual Diretor em 21 de abril do corrente ano prometeu ao saudoso Dr. Augusto Vianna transferir para o Estado a posse do referido imóvel, para que ai se instalasse a Escola por todos desejada.

IV. Que de fato, após entrevista com o digno senhor Interventor Federal neste Estado em 9 de maio, resolveu a atual diretoria em petição ao ilustre Prefeito da Capital e por seu intermédio oferecer ao Estado para aquele nobre fim, o referido imóvel o que foi aceito, depois da opinião unânime e favorável do Conselho Consultivo em meados de junho do corrente ano dispondo-se portanto esta diretoria a assinar a respectiva escritura de doação.

V. Que sendo assim, houve da parte da Ex.ma Senhora D. Amália Barbosa um pequeno equívoco, quando ofereceu espontaneamente a casa em apreço ao Estado sem as formalidades de lei, porquanto conforme

¹⁶⁴ Em 25 de novembro de 1933.

verificou o Departamento Geral da Instrução e este vespertino noticiou na edição de 23 do corrente o referido imóvel arrematado e transcrito em nome do Liceu Salesiano, só por ele poderia ser doado e transferido legal...[aqui o documento está danificado].

Pe. P. Ghislandi termina sua explicação dizendo-se satisfeito porque em breve o Estado realizará o desejo da insigne benfeitora do Beato Dom Bosco, a instalação da «Escola Dr. Frederico Marinho», e que as dificuldades sobretudo financeiras não permitiram que os salesianos efetuassem.

Casa Correccional

O Governador do Estado, Dr. Otávio Mangabeira convoca o diretor Pe. Gino Compagnin (01/05/1947) para oferecer aos Salesianos a Direção do Instituto de Preservação e Reformas (I. P. R), uma Casa Correccional. Ao final do mês, chega ao colégio uma nova solicitação pela qual os SDB fariam as propostas de participação na obra. O diretor responde que não tem autoridade sobre a matéria pois o assunto era atinente à Inspetoria Salesiana do Norte do Brasil. Não foram encontradas ulteriores informações sobre a oferta.

Colégio em Paulo Afonso

No início dos anos cinquenta a CHESF (Companhia Hidroelétrica do S. Francisco) insistiu que os SDB assumissem a direção de um colégio construído pela empresa à margem direita do S. Francisco. O estabelecimento situava-se a 471 km de Salvador, ao Norte do Estado. Uma das dificuldades, além da crônica falta de pessoal salesiano era que o estabelecimento era misto. Estávamos em '51, '52 e a *mixité* não tinha sido ainda liberada. As insistências foram constantes, mesmo porque um diretor, inadvertidamente, tinha prometido aceitar a obra.

A Inspetoria não estava muito afim e só receberia o educandário nas seguintes condições: 1. Matricularia somente meninos. 2. Seria um simples externato. 3. Faria um contrato somente por três anos. «Não foram do nosso parecer e graças a Deus, podemos livrar-nos daquele abacaxi».¹⁶⁵

¹⁶⁵ A partir de 1955, começou uma polêmica, motivada pelo assassinato de um de seus irmãos, cometido por um agente de polícia. A família jurou vingar-se, pretendendo elimi-

Colégio em Itabuna

Durante o segundo directorado do Pe. Gino Compagnin (1955 a 1957), o Dr. Gileno Amado, Secretário de Educação do Estado ofereceu uma área em Itabuna (454 km ao Sul) para a construção de um colégio e Escolas Profissionais. O bispo local desejava entregar uma das paróquias aos Salesianos. Pe. Agenor Vieira Pontes e o Pe. Sebastião Alves¹⁶⁶ ainda visitaram a área, oferecida pelo Prefeito da cidade. No entanto, o velho motivo da carência de pessoal impediu a concretização da obra.

nar o policial. Sebastião Alves associou-se ao pai, começando também a andar armado. Andava sempre acompanhado por dois capangas. O Inspetor de então, Pe. Agenor Vieira Pontes, logo que teve conhecimento do problema, aconselhou-o a mudar de idéia. Não conseguindo que Pe. S. Alves desistisse do intento, procurou fazer com que se afastasse da Congregação, o que aconteceu em 1960. No ano seguinte se encardina na diocese de São Jorge dos Ilhéus, Sul da Bahia, sua terra. A situação no entanto, continuou cada vez mais tensa e em 1961, acontece o assassinato também do padre, quando saía da Igreja de Itororó. Recebeu quatro tiros. Os assassinos após abaterem o sacerdote ainda desfecharam outros golpes contra algumas senhoras que tentavam socorrê-lo. Os criminosos, segundo se presumiu, teriam sido os pistoleiros «Bigode» e «Cacique». Para o Deputado Arnaldo Silveira os mandantes do crime seriam os familiares de um indivíduo vitimado há tempos por um irmão do Sebastião Alves.

¹⁶⁶ ACB: *Crônica* de 1951.

CAP. V - CAMINHADA EM DISPNEIA

1. Doenças e mortes

Um das insistências do Pe. L. Giordano na abertura da Casa da Bahia fundamentava-se no seu bom clima que seria bem mais benigno à saúde dos irmãos. Não obstante, a comunidade baiana seria também ela castigada pelas enfermidades, ou porque os SDB adoeciam ali, ou porque já chegavam doentes. Não faltavam porém «médicos especialistas» e lugares amenos para onde os enfermos se dirigiam freqüentemente.

Itapicuru a cerca de 70 km da capital, Itaparica, Ilheus no extremo Sul do Estado eram alguns desses refúgios. Os primeiros coadjuutores da comunidade: Adalberto Urbanowicz e Valentim Bywalec foram por diversas vezes cuidados fraterna e gratuitamente pelo Dr. Gomes Villaça. Urbanowicz não se restabelecendo completamente, vai ainda a Itaparica e em seguida ao Recife. Alberto Furquim e Pe. Lourenço Gatti passaram dias na ilha. Outros atingidos foram os clérigos Emílio J. da Silva (professor e assistente), Oscar Moraes vindo de Pernambuco e Atílio Cosci. Os médicos Gomes Villaça e Heráclio Mendes, nem sempre venceram a beribéri de seus pacientes.

Em menos de dois anos a Bahia perdeu os dois primeiros Diretores

Pe. L. Della Valle com apenas 42 anos, falece em Turim,¹ vítima de achaques e de uma violenta nefrite adquirida na Tebaida, na época em que foi mestre de Noviços. O diretor Pe. C. Sironi, por ordem do Inspetor, viaja ao Rio para cuidar da saúde.² Dado que a situação era melindrosa, os superiores decidem mandá-lo para Gênova. Pe. Henrique Pallottino, conselheiro escolar, assume a direção do colégio. Pe. C. Sironi retorna melhor, embora logo cedo os incômodos reapareçam. Resolve passar alguns dias na Tebaida, retornando acompanhado pelo Pe. P. Ghislandi. Pouco depois sente-se mal e recolhe-se ao quarto. O

¹ 25 de maio de 1914.

² Maio de 1910.

Dr. João Alexandre Cerqueira acha que é impaludismo. Dias depois apresenta-se com muita febre e delírios constantes. Às dez da noite de 4 de maio é examinado pelos médicos Drs. Júlio Adolfo e o mesmo Dr. J. Cerqueira. Os profissionais ficam muito *impressionados e os salesianos consternados*. A situação é gravíssima. Conseguem recuperá-lo um pouco, sendo em seguida encaminhado a S. Paulo e de lá a Poços de Caldas. O Inspetor vê-se obrigado a substituí-lo pelo Pe. Pedro Broda³, então diretor do colégio Orfanológico S. Joaquim, em Pernambuco. Pe. C. Sironi não mais retornará à Bahia. Falece em Lorena no dia 10 de março de 1915. Na Missa de Sétimo dia, em Salvador, a professora Amélia Rodrigues, emocionada dedica-lhe belos versos de sua lavra. A Crônica da Bahia⁴ traz uma biografia interessante sobre Pe. C. Sironi.

Araças assassinos

Elísio Cunha Freire entrara no Colégio em março de 1908. Era dócil e a família tinha boas esperanças nele. Igual a todos os meninos de sua idade, gostava de frutas, mesmo quentes, tiradas do pé. Naquele dia ingerira algumas araças na roça dos padres, sendo rapidamente acometido por grave febre tifóide. Enviado para tratamento na casa de sua responsável, não resistiu ao mal, falecendo aos 21 de outubro à tarde. O fato repercutiu fortemente em meio aos colegas, era o primeiro aluno do Liceu que viajava para o mundo dos ressuscitados. Pe. Pedro Ghislandi administrou-lhe os sacramentos.

No colégio comenta-se um fato acontecido 15 dias antes com o Elísio. Estavam na Igreja, arrumando algumas alfaias litúrgicas. Em dado momento o garoto toma de uma bela estola roxa e colocando-a no pescoço finge estar confessando, (fato aliás, bastante natural entre alunos de colégios religiosos, afeitos a ouvirem falar de Confissão ou a se confessarem). Aquela estola foi usada pela primeira vez, de acordo com a crônica, na celebração da Missa de «Requiem» pela alma do jovem Elísio Cunha.

³ Broda (barba em polonês) Piotr nasceu em 7 de fevereiro de 1872, em Chorzow, Alta Silésia, Polônia. Faleceu em 5 de novembro de 1938. Pe. P. Broda foi diretor em S. Joaquim de 1909 a 1914 e o terceiro diretor da Bahia, de 11 de novembro de 1914 a 21 de dezembro de 1921. Chegou ao colégio aos 2 de fevereiro de 1915. Foi Mestre de noviços em Jabotão-Colônia de 1 de setembro de 1928 a 9 de janeiro de 1934.

⁴ Março de 1915.

Afogamento no Tororó

Um dia após os exames de fim de ano,⁵ um aluno do primeiro ginásial afoga-se no dique do Tororó, imediações do Liceu. O garoto teria saído de casa, afirmando que iria ao colégio se confessar. Acompanhado por um colega foram caçar na Fonte das Pedras, próxima ao lago, onde aconteceu a tragédia. Nos anos seguintes outras vidas serão tragadas pelo Tororó. De suas sinuosas e perigosas vias asfaltadas não são poucos os mergulhos fatais para o fundo escuro e lamacento de suas águas. Hoje aliás, bem menos poluídas e mais aprazíveis, mostrando seus orixás gigantes, restaurantes e pedalinhos.

A espanhola

Durante a Primeira Grande Conflagração mundial a febre espanhola visita a América, fazendo tantos estragos, que parecia a própria guerra. Diversos alunos do Salesiano tiveram que serem enviados para casa dos pais ou responsáveis. Dom Helvécio Gomes, retornando da Europa, ficou retido por alguns dias no Liceu, atacado pela moléstia. O coadjutor Del Piano, famoso arquitecto de Igrejas salesianas, em viagem do Recife para S. Paulo, não pode vir ao Colégio, com receio do contágio. O diretor Pe. P. Broda foi visitá-lo a bordo. Em outubro de 1919, mais de mil óbitos em apenas 30 dias. O colégio continuava com as bênção do Céu, pois não aconteceram problemas tão graves. Na primeira quinzena de novembro o Diretor da Saúde Pública visitou os internos, verificando que os casos ali registrados foram de varicela, moléstia já curada.

Na lista dos falecidos entre os anos de 1914 e 1915, encontravam-se ainda outras personalidades ligadas à história salesiana da Bahia. Entre outras citamos Da. Maria Constança da Cunha Góes Calmon,⁶ primeira Presidente das Damas de Maria Auxiliadora. A senhora Calmon é uma das fundadoras do grupo de Cooperadores da Bahia, juntamente com seu pai, o Comendador Bernardo Martins Catarino.

A morte do barão

O barão de S. Raymundo⁷ foi outro dentre os benfeitores desaparecidos naqueles anos. Em seu testamento deixou para os meninos do Liceu

⁵ 21 de novembro de 1914.

⁶ Faleceu aos 23 de março de 1914.

⁷ Em 28 de julho de 1914.

30 apólices de um Conto de réis. Os padres, como condição, deveriam celebrar anualmente uma Missa em seu sufrágio e com a presença dos jovens aprendizes.

2. «O Grito»

O fato aconteceu na segunda quinzena de setembro de 1908, quando veio a lume a folha anti-clerical «O Grito», especializada em atacar religiosos, padres e o Arcebispo. Artur Falcão [Filho] tinha problemas, dizia-se mesmo que era viciado e descuidado pelos pais. Há dois anos estudava gratuitamente no Salesiano. Dada a vida problemática dos genitores, uma tia pertencente à diretoria das Damas de Maria Auxiliadora conseguiu-lhe uma bolsa de estudos no internato. Certo dia uma sua irmãzinha fora acometida de febre tifóide. Acreditando-se que o mal era contagioso, a tia recomendou não se permitisse que o aluno visitasse a enferma, a não ser com a condição de não mais retornar ao Colégio. Artur Falcão, pai do aluno, ao saber da ordem da cunhada, ficou furibundo, mesmo porque já tinha outros problemas com a mesma e com o Liceu. Revoltado publica um volante esbravejando contra os salesianos *injuriando-os horrendamente e fazendo apelo a uma sublevação para defender a bandeira*.⁸

O «Grito» foi afixado e distribuído pela cidade, enquanto o autor da denúncia veio novamente ao estabelecimento, acompanhado por um comparsa que serviria de testemunha, caso fosse negado o pedido de retirada do filho. O diretor,⁹ a esta altura já desejando livrar-se do problema, autoriza a saída do aluno. O pai agradecendo o gesto da diretoria, afirmava que gostaria de fazer um protesto pela imprensa a respeito da matéria divulgada pelo volante. Na realidade uma hipocrisia. A respeito do episódio padre Gatti comenta:

⁸ Aludia a fatos recentes acontecidos em cidades como Salvador e Rio, onde a bandeira nacional fora pisoteada e incendiada por alguns estrangeiros.

⁹ Nesta época era diretor interino o Pe. L. Gatti. Clélio Sironi com o Inspetor L. Giordano estavam no Rio. Celebrava-se então os 25 anos do colégio S. Rosa. Entre outras atividades havia uma Exposição Nacional das Escolas Profissionais, da qual participava o Liceu da Bahia. Pe. Sironi retorna no início de outubro, mesmo porque não estava bem de saúde. Antes visita diversas autoridades, falando sobre os trabalhos dos salesianos na Bahia. Interessou-se «muito» pela equiparação do colégio S. Coração do Recife.

«Além de infamante, ingrato e caluniador, ainda hypocrita. Devo admitir que seu recurso ao Juiz dos Orphãos, como alega o avulso, é uma mera falsidade e o mesmo Dr. Cândido Leão, de quem invoca a justiça foi quem o despediu do seu officio de escrivão porque conhecia o seu máo proceder. Voltou o menino para ser aceito, mas recusamos decididamente».¹⁰

Compare-se o fato com os nossos dias, quando semelhantes episódios acontecem entre pais e Colégios. Para certa imprensa «paparázica» falada e/ou televisiva, tais acontecimentos são sempre pratos gordos. Em nossos dias, o Diretor receberia uma intimação do Juiz de Menores e o aluno seria vitoriosamente recebido pelo estabelecimento. Nada de novo sob o velho e laborioso sol. «Tudo continua como dantes no Quartel d'Abrantes».

Em 6 de outubro de 1907, foram lançados na cidade alguns manifestos anônimos, vomitando hostilidades contra os salesianos. Um boletim salesiano é devolvido com insultos e referências aos fatos de Varazze.

3. Do Pe. Broda ao Pe. Viet (1915-1942)

Ao falecer o Pe. C. Sironi,¹¹ o polonês Pe. Pedro Broda ocupa seu posto.¹² Logo de início elimina o terceiro e quarto anos ginasiais, em vista do reduzido número de alunos e abre duas secções de cursos preparatórios. Os estudantes da primeira secção fariam exames no ano seguinte. Facultativamente foi aberta a Escola de Escrituração Mercantil. O Liceu matriculara 23 internos, 52 externos, 45 aprendizes internos e 7 externos. As enfermidades se fazem presentes com a chegada do novo diretor. No segundo semestre aparecem a papeira, embora, com poucos casos e a varíola. Esta castigou duramente tanto a cidade quanto o colégio.

Os canhões troavam terrificantes nos céus e montanhas da Europa. No Novo mundo nasce um fervoroso ardor pela educação para a nacionalidade. Frutos desta onda é a fundação no Liceu, do Grêmio literário-científico Afonso Celso. O desfile de setembro em homenagem à pátria, foi um triunfo para os alunos que se exibiram garbosos e orgulhosos pe-

¹⁰ ACB: Crônica de 1908.

¹¹ Diretor de 1906 a 1914.

¹² Diretor de 1915 a 1920

las ruas de Nazaré. A ordem e a beleza com que se apresentaram valeu-lhes o primeiro lugar. Um dos grandes auxiliares dos padres neste particular, foi o professor Álvaro Figueiredo. Outros mestres eram: Amaro Lins, Osório Ribeiro, Emílio Silva e Bianor Brito. Preciosos colaboradores na obra educativa salesiana nos primeiros anos da Bahia.

O número de alunos alcançara os 246 e os oratorianos chegavam a 80. Fazia-se necessário um aumento nas instalações. Com esta finalidade e para maior segurança foram incrustados dois grossos vergalhões¹³ nas paredes da atual «Segunda Portaria». Foi um modo prático e econômico encontrado para reforçar o local, onde deveriam ser construídos banheiros e sanitários. Assim é que acima, do primeiro andar surgiram seis apartamentos para os salesianos. A construção das instalações no entanto, parecem não ter tido para os alunos muita utilidade de imediato, pois o quadro de matrícula no ano seguinte diminuiu.¹⁴

No setor religioso Pe. P. Broda começou uma Capelania¹⁵ no Hospital S. Isabel. Em nível inspetorial os salesianos continuaram fazendo os Retiros na Bahia. À semelhança dos anos anteriores, não pararam as atividades teatrais e evoluções do batalhão colegial que se reorganizara. Uma das peças teatrais, *O Pirata Argolim*, foi encenada por três vezes. A intensa atividade escolar e teatral é coordenada pelo Pe. José Solari, autor da peça: *Holandeses no Brasil*,¹⁶ que fez furor.

Em novembro um susto arrepiou a todos. Registrou-se um leve tremor de terra, suficiente para atemorizar quem não está afeito a estes movimentos tectônicos. Na ocasião Pe. Constantino Zajkowski falou sobre uma próxima conjunção de cinco dos planetas do sistema solar. O fenômeno celeste ocorreu entre os dias 17 e 20 de dezembro. A última notícia do ano é a infausta nota de falecimento do fundador do Colégio, o grande Dom Lourenço Giordano, fato ocorrido aos 4 de dezembro de 1919. O grande salesiano terminou seus dias em S. Gabriel da Cachoeira, nas missões salesianas às margens do Rio Negro.

No novo ano (1920), é ainda exíguo o número dos alunos, apenas 145 matrículas. As causas seriam a insuficiência de religiosos salesianos e a carência de meios financeiros que impedia a construção de novos

¹³ 31 de março de 1918.

¹⁴ Em 1918 eram 246, passando para 181 em 1917: internos 45, externos 76, aprendizes internos 47, aprendizes externos 13.

¹⁵ Em fevereiro de 1918.

¹⁶ Encenada em 5 de outubro de 1919.

ambientes e a contratação de professores. Os estudantes internos são 48, os externos 50. Os aprendizes internos 42 e externos 5.

Festa do Sagrado Coração de Jesus

Pe. P. Broda gostava de festas litúrgicas. Na festa do Sagrado Coração de Jesus, incentivou «todos» os alunos a executarem a famosa Missa polifônica do maestro De Angelis. Note-se que os órfãos e alunos em geral cantavam no idioma do Lácio.¹⁷ E não se tratava de seminaristas que por dever, estudavam o latim no currículo escolar.

Certames Catequéticos

No segundo semestre de cada ano havia uma atividade à qual participavam todos os alunos. Além das aulas de religião, ministradas inicialmente pelos padres e mais tarde, na falta deles, por mestres leigos, os salesianos costumavam fazer também o chamado Certame Catequético.

Os internos, orientados e preparados durante o ano, eram convocados para uma demonstração de seus conhecimentos a respeito da doutrina cristã. Tratava-se de uma sabatina que levava horas de grande entusiasmo, tensão e torcida. Os vencedores recebiam invejados prêmios e a admiração de todos. Alguns mais tarde terminavam nos seminários da Congregação ou das Dioceses. Na igreja comum dos fiéis tornavam-se imbatíveis, quando se tratava de assuntos de fé.

No Hospital S. Isabel Pe. P. Broda que já era o Capelão, inicia¹⁸ uma escola de catequese para os enfermos que podiam ir à Capela. Assim além da Missa e Unção dos Enfermos os cuidados da Capelania se estendiam à catequese dos enfermos, vindos das diversas localidades do interior do Estado.

S. José

No dia do patrono dos operários e das Oficinas do Liceu os aprendizes organizavam uma festa especial, incluindo desfiles. Eram momentos

¹⁷ Região da península itálica, cuja Capital é Roma. No Lácio originou-se a língua latina da qual derivam os demais idiomas neolatinos como o italiano, o espanhol, o francês, o português.

¹⁸ Em fevereiro de 1918.

em que as ruas da cidade se enchiam de alegria, músicas e vivas. Logo após o mês de S. José, os aprendizes ganham a primeira máquina de escrever.¹⁹ Começam logo as aulas de datilografia com o professor José Tourinho, brevetado pela escola Remington.

Festa de N. Senhora Auxiliadora em 24 de maio

Pe. L. Gatti observa que em 1920, constatava-se a necessidade da celebração da festa de Nossa Senhora Auxiliadora no dia 24 do mês de maio. Apresentava dois motivos: o feriado que se guardava e a comemoração da Batalha de Tuiuty. As homenagens à Mãe de Deus eram prestadas em diversas datas de outros meses. A partir de então a grande festa com alunos e comunidade passou a se realizar no dia 24 de maio. No término do mês fazia-se, como ainda acontece, a coroação da Santa.

Durante o dia não houve a procissão, mas à noite²⁰ fez-se uma piedosa caminhada «aux flambeaux»,²¹ repetida nos anos vindouros. A devoção a Auxiliadora, tão cara a Dom Bosco, a este tempo já fazia parte de boa parcela da comunidade baiana. No Retiro Espiritual de setembro (12 a 15) os alunos cantam pela primeira vez o Ofício de Nossa Senhora.

Antes do final do ano o Colégio celebra uma Missa de sufrágio pelo Pe. Paulo Álbera,²² segundo sucessor de D. Bosco e primeiro Superior Geral que conheceu a Bahia, antes de ser guindado ao Reitorado. Pe. P. Broda termina seu sexênio e é destinado para Aracaju. O diretor a partir de 1922, é o italiano Pe. Lourenço Gatti.²³

¹⁹ Comprada aos 4 de abril de 1921.

²⁰ Uma sessão teatral que se costumava fazer naquela hora foi substituída pela procissão. A imagem de Nossa Senhora usada naquela noitinha foi adquirida pela Associação das Damas.

²¹ Procissão à luz de fachos, velas e tochas em geral.

²² Nasceu em Turim em 6 de junho de 1845, falecendo aos 29 de outubro de 1921 na mesma cidade. Entrou no Oratório em 18 de outubro de 1858. Em 1868 é ordenado sacerdote. Em 1881 tornou-se Inspetor das Casas francesas, passando a residir em Marselha, onde passou dez anos, elevando de três a treze o número das fundações na França. Chamavam-lhe o «pequeno Dom Bosco», dada a sua intensa atividade e vida interior, dirigida para a formação espiritual das almas. Começou a governar a Congregação em 16 de agosto de 1910.

²³ Faleceu em Recife aos 20 de abril de 1955. De 1905 a 1907 trabalhou como clérigo na Bahia, onde se ordenou sacerdote no dia 21 de dezembro daquele ano. Foi diretor do Liceu de 1921 a 1932, quando foi designado para ser diretor no Dom Bosco de Manaus. Ecônomo inspetorial no Recife de 1947 a 1950.

4. A economia liceana dos anos 20 a 40

Uma visão financeira do Liceu indicará que boa parte de sua história foi vivida sob os percalços econômicos. Nos anos 20-40, as dificuldades se avolumaram, precisamente quando foram iniciadas duas grandes obras: o prédio das Escolas Profissionais (1924) e o Santuário de N. Senhora Auxiliadora (1929). Em 1924, poucos meses antes da divisão da Inspetoria Maria Auxiliadora e conseqüente término do mandato do Pe. Pedro Rota, sai uma lista dos débitos das Casas salesianas da Inspetoria.²⁴ A maioria das obras operava em negativo, enquanto que a Bahia não apresentava débito, embora não tivesse reservas (Recife estava com um saldo negativo de 70\$000). O Noviciado e estudantado de Foglizzo no Piemonte²⁵, havia pedido uma ajuda. A Inspetoria não pode colaborar,

«porque todas as casas estão cheias de débitos e onde há Colégios como o de Recife, não podemos pedir esmolas sem que passemos por ridículos, passamos por ricos... Eis nossa situação. Temos muito trabalho, o nome Salesiano é circundado por uma bela auréola, mas no interior das casas, leva-se a vida com dificuldades».²⁶

A aventura da construção das Escolas Profissionais refletira drasticamente no quadro econômico financeiro. No entanto, à parte este problema, a casa ia bem. Pe. A. Tirelli tivera ótima impressão ao observar o trabalho dos irmãos. Animados tentam superar as dificuldades. As coisas pareciam caminhar ordenadas e metódicas. Um ano mais tarde o julgamento do Inspetor é diferente. Embora houvesse progressos, muito havia que se realizar, a fim de que tudo estivesse terminado. Era necessário uma coordenação comunitária das atividades. Algo havia mudado bastante, ou o Inspetor tinha sido demasiado apressado ou otimista em seu julgamento

(A Bahia) «é uma casa que não parece ainda bem orientada. E isto é a causa da maior parte dos inconvenientes passados e presentes. Fizeram-se muitas tentativas, segundo o elemento ocasional mais [?] preponderante. O bem que se faz é de iniciativa individual e não obedece a um

²⁴ ASC F 091: *Prefeitura Apostólica do Rio Negro, Lista dei Debiti delle Case salesiane dell'Ispeetoria di Maria Ausiliatrice nel Brasile.*

²⁵ Fechado em 25 de junho de 1997.

²⁶ ASC F 091: *Prefeitura Apostólica...*

plano de continuidade, de tal modo que para ser continuado, as pessoas possam facilmente serem substituídas».²⁷

Os problemas deviam-se aos trabalhos de construção que, aliás tinham sido suspensos, por falta de recursos, atrasando também o início das obras do Santuário. Aos domingos e dias festivos os internos, externos e oratorianos assistiam às missas como «sardinhas enlatadas».

«De janeiro até hoje, em quase todos os meses teve-se que fazer empréstimo ao banco. Em 31 de dezembro, os débitos eram de 98 Contos, agora são 140 Contos».²⁸

Outras dificuldades roubavam o sono do Inspetor e atanzavam-lhe a consciência, não muito afeita às mudanças dos tempos. Preocupava-o a falta de pessoal salesiano. Segundo pensava, a presença de colaboradores externos poderia trazer a perda do verdadeiro espírito salesiano. O mal, caso houvesse, deveria ser remediado com o trabalho pelas vocações. Pe. A. Tirelli experimentava certos escrúpulos oriundos do número de alunos pagantes que ele via aumentar, em relação aos órfãos e/ou gratuitos. E como que em desencargo de consciência escrevia:

«Estou convencido que a Providência Divina quer servir-se dos pobres e humildes filhos do Ven. D. Bosco para coisas grandes também no Norte do Brasil. Os nossos collegios estão cheios de alumnos; todas as casas têm agora annexo um Oratório festivo; algumas têm aulas nocturnas para operarios; temos escolas profissionaes e em todos os internatos e externatos existe um numero consolador de alumnos gratuitos conforme o espirito de nosso Ven. Fundador... Não faltam occasiões em que se quer insinuar que nós nos desviamos dos pobres par attendermos aos ricos e assim affrouxamos o nosso empenho na bôa marcha dos collegios. Por toda resposta basta abrir os olhos. As nossas casas attendem aos pobres com os Oratórios festivos, com as aulas nocturnas no Recife, em Manaos; com as escolas profissionaes e com uma bôa percentagem de alumnos internos e externos com pensão reduzida ou de todo gratuita. Do “Rendiconto Administrativo” de uma de nossas casas resulta que no anno de 1924-1925, tinha 112 alumnos gratuitos... era todo um collegio! Não... ainda neste ponto, como o vêdes estamos com o espirito de D. Bosco... somos salesianos».²⁹

²⁷ Ibid., Relatório Tirelli-Rinaldi, Recife, 25 de maio de 1926.

²⁸ Ibid., carta Tirelli-Vespignani, Bahia, 11 de julho de 1926.

²⁹ ASC F 091: *Inspetoria Salesiana S. Luiz Gonzaga, Norte do Brasil*. Circular n. 1. Recife, 4 de abril de 1926.

No ano³⁰ em que se iniciou o Santuário a situação, descrita por Joaquim Santana, - confessor, encarregado da Capela e diretor da Arquiconfraria de N. Sra. Auxiliadora, - era muito difícil. É de se admirar o fato de terem dado sinal verde a uma obra, avaliada em 1.000,000\$000 de contos. Possivelmente confiava-se na Providência. Pe. J. Santana assim se exprime:

«A casa atravessa atualmente uma crise moral e financeira, a meu ver bastante séria e pesada. Quanto ao movimento econômico é precário e difícil. Creio eu que com 120 ou 150 contos de réis a casa não se apruma nem se balança (note-se a expressão de Pe. J. Santana). As dívidas várias e a divisão, a registoção delas é *hypothetica* e empírica. Se faltar amanhã o Diretor, difficilmente um outro qualquer chega ao conhecimento do movimento econômico da casa».³¹

O encarregado da construção do Santuário apresenta alguns motivos que, segundo ele deram origem e alimentavam a situação calamitante. O diretor da obra, Pe. L. Gatti (1921-1932), também ecônomo, arrastava-se doente e cansado, ademais de açambarcado com outras atividades. Isso em uma casa de administração difícil e complexa. Além do mais não confiava em pessoa alguma.³² Outras razões apresentadas pelo missivista ao Pe. P. Ricaldone era que a presença do Diretor na comunidade era a mínima possível. Devia atender pastoralmente à Santa Casa, onde havia mais de 700 enfermos e 30 irmãs. Acrescentavam-se ainda as chamadas externas e compromissos outros. Em consequência dessas atividades a vida familiar, moral e espiritual deixava a desejar. Pouca frequência aos Sacramentos, ensino religioso falho e associações juvenis inexistentes. Em casa não há piedade.

As observações de J. Santana, cremos, devem ser levadas por menos, com «grano salis». Sabe-se que na época entre ele e o diretor havia problemas de desentendimentos relativos à construção do Santuário. Havia rugas ainda com o Inspetor.³³ Na comunidade da Bahia, à época havia bas-

³⁰ 1 de setembro de 1929.

³¹ ASC F 545: carta Santana-Ricaldone, Bahia, 9 de julho de 1929.

³² Fato que não é do passado, mas continua vivo e atuante ainda hoje por parte de alguns.

³³ ASC F 091: carta Tirelli-Santana, escrita a bordo do Affonso Penna, 30 de dezembro de 1928; carta Santana-Ricaldone, Bahia, 13 de janeiro de 1929; e carta Santana-Ricaldone, Bahia 9 de julho de 1929. (Pe. J. Santana escrevia a D. Ricaldone ora em italiano, ora em português. Certa feita diz ao Superior que poderá sair da Bahia para qualquer outro lugar, onde poderia ensinar catecismo em português, francês, italiano, espanhol e com um pouco de prática também em inglês).

tante nervosismo entre os irmãos, também ou sobretudo por causa das doenças que padeciam. «O estado de nervo [do diretor] influencia toda a casa». O catequista, era «neurastênico e como tal tratado pelos demais». ³⁴

A casa sempre endividada, dizia Pe. A. Tirelli, este ano está bem melhor. Abrigava então cerca de 70 alunos pobres e os externos eram aproximadamente 120. Na Capela havia catequese para rapazes e moças, ministrada pelas Damas de Maria Auxiliadora. O oratório funcionava aos domingos e dias santos. Os salesianos continuavam encarregados da Capelania do Hospital Santa Isabel. Para o Inspetor, a Bahia em 1929, não obstante a problemática por que passava, era a casa onde mais se desenvolvia a obra salesiana.

5. José Joaquim de Santana, um diretor também

«É horrível a situação da Bahia, é a Casa mais infeliz da Inspetoria» (J. Santana).

Pe. P. Ghislandi (diretor de 1933-1935) viera de Manaus, alquebrado pela idade e pelas doenças. Ao chegar à Bahia, viveu sempre enfermo, contagiando a obra. A economia da casa que havia melhorado um pouco nos últimos anos, novamente degradingolara. Em maio de 1935, antes de viajar ao Norte da Inspetoria, o Inspetor Pe. José Selva havia visitado a Bahia e *as coisas andavam quase bem*. Em setembro, as cartas recebidas traziam notícias bastante negativas. Irmãos descontentes, diretor desanimado, débitos preocupantes. O futuro bispo começa a pensar em colocar na Bahia *um Diretor mais enérgico e com mais saúde*,³⁵ o que aconteceria logo mais. O escolhido foi o Pe. José Santana.

«É o homem que pode resolver mais facilmente as dificuldades daquela casa. Tem um caráter um pouco forte e enérgico, mas os mesmos irmãos o desejavam e ficaram contentes». ³⁶

Pe. Santana ao receber o comunicado ficou como que traumatizado e suplicou que se destinasse um outro. Finalmente aceitou, mas com o propósito de ficar só um ano. Estava com 62 anos de idade e não goza-

³⁴ ASC F 092: Relatório do Pe. A. Tirelli em 1929.

³⁵ ASC F 091: Relatório Selva-Ricaldone, 27 de agosto de 1935.

³⁶ *Ibid.*, carta Selva-Ricaldone, 21 de fevereiro de 1936.

va boa saúde. *Trabalhara sempre como auxiliar e vivia completamente alheio ao movimento diretivo da casa.* Ao receber o Colégio, Pe. Pedro Ghislandi não teve condições de lhe passar muitas informações, pois logo se retirou, falecendo pouco depois. No entanto Santana, em apenas um ano, o tempo que durou seu mandato, termina a construção do Santuário e saneia as finanças. A obra passa a respirar outros ares, apresentando uma vida mais dinâmica e confiante. Logo ao iniciar seus trabalhos fez um apanhado da situação da casa, uma verdadeira radiografia da obra. Um dos pontos descritos é a crise econômico-financeira da instituição.

Pessoal salesiano - Insuficiente, independente, alguns idosos e por isso sem muitas condições de trabalho comunitário. O documento fala que na maior parte faltava espírito de sacrifício e obediência. Os clérigos eram quatro, dois «doentes e inábeis», os outros «acostumados a fazerem o que entendiam».

Imóvel - A parte velha (prédio de 1901) está descuidada e necessitando de reformas. A nova [construção de 1927], também precisa de urgentes e dispendiosos reparos.

Ginásio - O ginásio era constituído por um pequeno grupo de alunos indisciplinados e o que era pior, sem religião, pois os professores eram na maior parte leigos. Pe. P. Ghislandi se dedicara ao ginásio que na época, em termos nacionais, apresentava certos problemas relacionados com as exigências governamentais. As dificuldades diziam respeito à fiscalização, leis, regulamentos e decretos. Pe. Santana estava completamente alheio, diante das normas de ensino e sem técnicos, mesmo porque não podia pagá-los. Sentia-se inseguro na direção da escola.

Registros - Incompletos, sem dados suficientes.

Economia - a) Na tesouraria foram encontrados apenas 700 rs. e notas de «pagamentos urgentes, inadiáveis de quase 10 contos e com pesados encargos de juros».

b) Pensões, havia um prejuízo de quase 32 contos.

c) Diante da situação, antes de Pe. P. Ghislandi deixar o cargo, desejava contrair um débito de 300 contos com a Caixa Econômica Federal a juros de 10% ao ano. Pe. J. Santana, preferiu apenas 200 contos amortizados em 12 anos, com juros de 10%. Deste empréstimo foram retirados no total, 100 contos para pagar os «credores mais exigentes»

que cobravam juros de 12 por cento. Dias depois efetuou-se mais um saque de 50 para o Inspetor. Com o restante do empréstimo foram realizados alguns reparos mais urgentes.

Oficinas – A marcenaria, alfaiataria, mecânica e sapataria estavam supressas ou fechadas. A tipografia e encadernação continuavam, mesmo assim eram «arremedos de oficinas salesianas pois só temos 15 ou 20 aprendizes mal cuidados». A casa não tinha condições materiais para manter o ginásio e as oficinas. Faltava pessoal e meios financeiros para contratá-los.

Hipoteca - Em 1929 ou 30, Pe. Lourênço Gatti havia comprado uma casa, ligada ao Liceu. Um desastre. Com a revolução as verbas foram cortadas. Teria custado 140 contos e «não valia a metade». Foi obrigado a hipotecar o imóvel como garantia da dívida, pagando juros de 12% anuais.

«Até hoje pagaram-se mais de 100 contos de juros. A casa está bastante estragada e para repará-la, embora ainda não seja nossa, será necessário gastar uns 30 contos».³⁷

Na época do empréstimo com a Caixa Econômica a dívida deste imóvel³⁸ era de 90 contos. Pagou-se 60 e os 30 restantes foram renegociados a juros de 8%. Pe. J. Santana aconselhou a venda da casa, liquidando assim a hipoteca. Com alguns contos que restariam pagar-se-ia certas dívidas ingentes. Outra idéia era levar para a Bahia o estudantado teológico, criando assim mais uma fonte de entradas para a casa.

Ação judicial - A Prefeitura resolveu cobrar os atrasados de décimas e outros impostos, acionando judicialmente o Liceu. Os débitos importavam em cerca de 24 contos, provenientes dos tempos de L. Gatti e Pedro Ghislandi, os dois últimos diretores. Foi preciso recorrer-se ao Governo do Estado que perdoou a dívida. Devoto de Nossa Senhora Pe. J. Santana apelou para sua intercessão.

³⁷ ACB.

³⁸ Não foi localizado. O colégio possuiu outra casa no bairro do Barbalho. O imóvel muito precário (cerca de 12 x 30 m) em 1973 foi reformado, alugado a um funcionário e posteriormente vendido ao mesmo.

Outras dívidas - O relatório do Pe. J. Santana, sem destinatário, apresenta outros débitos contraídos pela casa da Bahia.

- a) À Inspetoria devia-se mais de 100 contos. A dívida inspetorial continuaria a crescer, «pois o Pe. Inspetor cobra mais de um conto por cada salesiano das casas». Na penúltima página Pe. J. Santana escrevia: «se não temos para comer e nos mantermos, como auxiliar a Inspetoria?»
- b) À Soc. Ed. Intern. (Sociedade Editora Internacional de Turim): existia apenas notas avulsas, referentes a uma dívida que segundo suposições andava pelas 10.000 Liras.
- c) Ao «Sacro Cuore» de Roma devia-se pagar entre seis e oito mil liras.
- d) As duas últimas direções do Liceu haviam contraído débitos, ainda não pagos, na Suíça, Alemanha, França, Bélgica, Livrarias de S. Paulo e Rio.
- e) Ao padeiro devia-se mais de 36 contos e ao açougueiro 17 contos.

«O resumo mostrando o estado miserável da casa», impressionava. Não era fácil para o velho e cansado guerreiro levar o barco à praia. Algumas de suas exclamações quase desesperadas são significativas: «É horrível a situação da Bahia», ou «a Bahia é a casa mais infeliz da Inspetoria». No final do informativo J. Santana dirige-se ao Superior solicitando apoio ou substituição.

«Se tivesse..., saúde e não fosse tão velho e desmemoriado, não temeria, mas assim cansado e desalentado, tudo me é difícil e penoso. Tenha compaixão de mim retirando-me desta casa ou mandando alguém de sua confiança, para tirar-me da grande vergonha, levando talvez a casa à ruína».³⁹

Pe. P. Ricaldone atende o pedido, substituindo-o. Permanece ainda alguns meses em Salvador, no economato e concluindo o Santuário de Nossa Senhora Auxiliadora. No ASC encontramos seu agradecimento comovido. Não obstante seu estado de ânimo, em apenas 22 meses de lutas, jeremiadas e choros José Joaquim de Santana deixara o Liceu caminhando uma nova fase. O sucessor poderia continuar o trabalho de recuperação dos vários setores da obra.

³⁹ ASC F 091: *Liceu Salesiano do Salvador, 29 de junho de 1936*. P. J. Joaquim de Santana. [s d].

Em 14 de fevereiro de 1937, o diretor passou a ser o Pe. Guido Barra que ocupou o posto até 22 de março seguinte, quando foi nomeado Inspetor, substituindo Pe. J. Selva,⁴⁰ nomeado Bispo do Registro do Araguaia. O novo diretor mais tarde observaria: «A casa não tem mais débitos, especialmente por mérito do Pe. Santana».⁴¹ Com efeito o Liceu que no início de '36 estava agravado em cerca de 500 contos, zerara o débito. Foram pagas duas hipotecas de 290 contos com juros de 12%. Liquidados os compromissos com a Itália, Alemanha, Suíça, S. Paulo e Niterói.

As reformas da casa haviam consumido mais de 80 contos. A dívida para com a Inspetoria, um montante de 122 contos, estava quase que totalmente liquidada. A situação permitiu inclusive a abertura de duas oficinas que podiam receber 70 aprendizes gratuitos.⁴² O Santuário de N. Senhora Auxiliadora, que havia custado mais de 1.000.000 de Liras (cerca de 1.300 contos), estava praticamente concluído. Faltava o pagamento do altar mor que custaria 92 contos, dos quais já havia 60 em caixa. O Colégio estava com uma cozinha nova e o pórtico havia sido prolongado. O Inspetor está esperançoso com as mudanças do pessoal:

«A casa sofria de uma antiga e profunda crise, por causa do pessoal. Com as mudanças do novo ano tem-se a sensação que tudo está equilibrado e que há paz e harmonia».⁴³

Pessoal salesiano da obra em 1938: Sacerdotes 6. Clérigos 1. Coadjuutores 7.

Alunos 277: internos 111, externos 216.

Aprendizes 50

Professores externos 14.

Empregados 12.

6. O alemão que veio de Sergipe

Pe. J. Santana entrega sua obra a um sacerdote baixinho e raquítico, fisicamente sem muita expressão, silencioso, santo e entendido em eco-

⁴⁰ ASC F 091: carta Barra-Ricaldone, Bahia, 29 de março de 1938.

⁴¹ ACB: Visita de 5 a 8 de outubro de 1938.

⁴² Em fins de 1937.

⁴³ ASC F 091: Relatório de 31 de dezembro de 1938, carta Santana-Berruti, Bahia, 24 de (?) de 1938.

nomia e administração. Seu nome era Antônio Viet. O clima da colina de Nazaré estava tranqüilo e descortinava-se um futuro menos tumultuado. Pe. Guido Barra escreveria logo mais ao Reitor-Mor:

«Esta casa da Bahia viveu 40 anos de débitos. Agora está livre e com um belo Santuário, devido à atividade do P. Santana. Tem cerca de 350 alunos e está fadada a um maior desenvolvimento com P. Viet».⁴⁴

De '38 a '42 não se fala de dificuldades econômicas na casa. O relatório inspetorial para Turim dirá em 1940 que a «casa vai bem e é a que mais ajuda a Inspetoria». Uma prova dessa afirmação era o fato de ter iniciado um semi-internato gratuito com alunos no curso primário e profissional. No início de '42, o clérigo Miguel D'Aversa foi portador de 150.000\$000 contos de reis para o Inspetor do Sul e no final do mês de fevereiro, a Inspetoria manda enviar mais 10.000\$000 contos para o construtor de Natal.

Em março acontece outra sangria no caixa da casa. A Inspetoria mais uma vez «ordena que o diretor mande 15 contos para a construção potiguar».⁴⁵ Em nenhum momento se falou de empréstimos ou pagamento de dívidas. No caso, o Inspetor possivelmente se escudasse nos Regulamentos Gerais da Sociedade.⁴⁶ No Banco, Pe. A. Viet enfrentou problemas maçantes para conseguir um segundo cheque de 25 contos para a obra do colégio do Rio G. do Norte. Talvez por ser ele um dos súditos do Eixo.

Em junho tem-se a notícia de uma subvenção estadual de 4.500 contos. A livraria do Colégio estava com uma pesada multa, o que muito dificultou o recebimento da quantia. Embora o Delegado a tivesse despachado, o funcionário do caixa alegou que não podia pagar, senão quando o Liceu provasse que estava quite com o Ministério da Fazenda. No final do mês,

«conseguiu-se finalmente pagar “por verba” os impostos da livraria, pondo-se assim termo a tantos vexamos, causados por um salesiano cabeçudo que, sem conhecer as leis, teimou em não deixar por estampilhas no livro de vendas. Com a multa de quase 400\$ 000 e o prejuízo com dever ter fechada a porta da livraria, não foi pouco».⁴⁷

⁴⁴ Ibid.

⁴⁵ ACB: *Crônica* de 5 de março de 1942.

⁴⁶ Regulamentos Gerais. Art. 197.

⁴⁷ ACB: *Crônica* de 30 de junho de 1942.

CAP. VI - CONSTRUÇÕES E IMÓVEIS

1. O Solar do Caranguejo não funciona

Antes do início das aulas, o sítio do Caranguejo passou por algumas reformas.¹ Com o funcionamento do ano letivo, percebeu-se que a falta de espaço era um dos problemas sérios na velha mansão J. de Pinho. Em pouco tempo a situação tornou-se inviável. O vetusto casarão era uma residência particular que não suportava a parafernália administrativa de uma instituição educacional à moda salesiana. A amplidão dos ambientes e dos pátios fazem parte imprescindível de sua pedagogia, sobretudo em se tratando de internato com salões para dormitório, refeitório, aulas, capela, secretaria, portaria, além da acomodação para os padres. Uma nova estrutura fazia-se urgente, a fim de que pouco a pouco se alcançasse as condições mínimas de trabalho. A necessidade de reforma no colégio foi notada pelo mesmo Pe. P. Álbera, quando de sua visita a Salvador.

«A casa precisa ser restaurada (e) com pouca despesa poder-se-ia acrescentar mais um piso e assim preparar melhor os dormitórios que não correspondem à importância do Colégio».²

2. A primeira construção

Salesianos, cooperadores e outros benfeitores, logo se puseram em movimento para ampliar o espaço físico do Liceu. Organizaram-se espetáculos, palestras, festas, tendo à frente a «mamãesinha dos salesianos». Um grupo de industriais colaborou com um fundo especial para ajudar na construção da obra. Neste particular não podem ser esquecidos os doutores Teodoro Sampaio, Feliz da Rin, Júlio Bertini e o engenheiro arquiteto Emanuel da Rin.³ Pe. Della Valle escreve a Turim, ex-

¹ Onze anos mais tarde, o imóvel de dois pavimentos, sofreria novos melhoramentos. Na época servia também como dormitório para os Salesianos. Ficaram temporariamente sem quartos e outras pequenas comodidades, mesmo porque grandes não as conheciam.

² ASC F 545: Relatório Álbera-Rua, Niterói, [?] 1901.

³ BS 31 (1907) 92, 93.

pondo o problema, enviando as plantas da obra⁴ e dizendo que já possuía a soma de L. 50.000 para começar os trabalhos. Em maio, na reunião do Capítulo Superior,⁵ o assunto é objeto de estudo. Remetem-se os desenhos ao ecônomo geral Pe. Luiz Rocca que após atento exame, respondeu positivamente.

O novo edifício surgirá ao lado da antiga casa, adquirida em 1897. Sua pedra fundamental foi benta por Dom J. Tomé aos 10 de junho de 1900.⁶ No prédio funcionarão além da capela, o dormitório dos internos e as oficinas. Na ocasião houve muita alegria, comparecendo à cerimônia muita gente importante da sociedade baiana. O secretário dos cooperadores salesianos, senhor Braulio Xavier, também secretário «ad hoc» registrou para a história a Ata⁷ da colocação da pedra angular da primeira construção das muitas que os salesianos emprenderiam no topo e nas fraldas da colina de Nazaré. O documento de Braulio Xavier levou a assinatura de quinze das autoridades presentes. Participavam do evento o senhor Arcebispo Primaz Dom J. Tomé, o Governador do Estado Dr. Severino dos Santos Vieira e nutrido grupo de representações de autoridades religiosas, políticas e militares.

O edifício planejado para dois pavimentos, apresentará uma área de 45 m de comprimento por 15 de largura. O térreo terá 5, 40 m de altura, soalhado e forrado de louro. O primeiro andar uma altura de 4,60 m soalhado de louro com paredes de alvenaria e uma espessura de 0,25 m feitas com uma liga de 3 de cal por 2 de argila. A cobertura apoiar-se-á em 12 tesouras francesas com ripões pintados a óleo com zarcão roxo - terra com telhas em caiação branca. Os alicerces *serão de pedra com profundidade precisa para solidez da obra*. Apresentarão uma altura de 0,60 m a partir da face do chão com alvenaria de pedra. A escadaria para o primeiro piso será construída com degraus de 0,20 m. A capela terá uma divisória postiça até ao forro, confeccionada em madeira, forrada em papel.

No segundo andar haverá duas divisórias de tábuas de louro ou de paraíba. Deverão ser pintadas a óleo com uma polegada de espessura e menos de dois metros de altura.

A obra foi acertada para ser entregue em 31 de janeiro de 1901. O custo orçado em 90.000\$000 (noventa contos de réis), incluindo os

⁴ Anexo, fotos sobre a Bahia.

⁵ ASC: VCS, D 868 1859-1907, maio de 1900.

⁶ ASC F 545: Data registrada na Ata feita «ad hoc», não correspondendo ao dia 3 de junho também encontrada.

⁷ ASC F 545: Encontra-se uma cópia no ACB.

materiais por conta do construtor Eugênio Cardoso. O pagamento seria feito em diversas prestações, um tanto quanto exdrúxulas: 10.000\$000 quando o alicerce estivesse cheio e postos alguns materiais para início da obra. Logo que a construção chegasse à metade da altura do primeiro pavimento pagar-se-ia mais 10.000\$000. O saldo dependeria dos auxílios que o diretor fosse recebendo dos benfeitores. Acrescentava-se ainda que o construtor Eugênio Cardoso sujeitar-se-ia a «esperar, ainda depois de prompta [a] obra para o que então tiver ainda de haver».⁸ Como se vê, um acordo aparentemente bastante favorável aos padres.

Pe. Della Valle começou os trabalhos somente nos primeiros dias de novembro de 1902. A felicidade e a expectativa eram grandes, não só dos cooperadores, mas de todos os que de qualquer maneira haviam contribuído para o levantamento da obra. Observavam com alegria a construção dos alicerces, os muros que paulatinamente se erguiam, em parte fruto da caridade de muitos. O Liceu então já alcançara foros de interesse público.

Amargura e decepção

Certo dia descobriu-se que o edifício apresentava sinais assustadores de falhas na construção. O coração do diretor bateu forte e quase arrebitou, quando lhe disseram que o fenômeno era tão sério que a obra poderia desabar a qualquer momento, esmagando operários e transeuntes na rua. Tudo foi suspenso, preocupando também a sociedade que começara a viver os problemas daquela casa destinada aos meninos desamparados de sua cidade. Comentam-se as atividades educacionais com os jovens marginalizados.

«Graças aos auxílios dos cofres públicos e generosas esmolas de particulares, o Liceu Salesiano do Salvador já educa e instrui cerca de setenta menores distribuídos por cinco oficinas: composição, e impressão tipográfica, encadernação, alfaiataria, sapataria e carpintaria—além de elementos de técnica agrícola».⁹

Observavam-se faces carrancudas, prenhes de decepção e revolta. Quais os motivos concretos de tão grave e irresponsável fato? Não en-

⁸ ASC F 545: Contrato Della Valle-Eugênio Cardoso.

⁹ASC F 545: *Jornal de Notícias*, Salvador, março de 1903. O periódico refere-se a cinco oficinas e elenca sete, incluindo a agrária.

contramos explicações, os documentos silenciam espantosa e escandalosamente. Tudo indica que as reformas em andamento seguiram uma execução açodada, sem as devidas fiscalizações técnicas, ou até mesmo faltando aquela seriedade edilícia exigida pela obra. A imprensa, favorável à presença salesiana chamava a atenção de seus leitores para o que se passava na Praça de Nazaré.

«O Liceu que merece apoio de todas as classes, está quase a definhar à mingua de recursos, pelo acanhado do local e pela pobreza das oficinas... Causa espanto ver ali recolhidos 80 orfãosinhos, cercados de cuidados, instruídos, educados, não obstante as dificuldades de toda espécie que se opõem ao desenvolvimento da instituição, nesta quadra de crise que a Bahia atravessa... Esse número de vadios regenerados e educados pode se multiplicar se todos os baianos concorrerem para o término das obras do novo edifício que se está construindo para o agasalho do filho do povo».¹⁰

Pe. Carlos Leôncio da Silva, contemporâneo dos Pe. L. Giordano, L. Della Valle e C. Sironi, afirma que ouviu muitas vezes, em 1904 e 1905, aqueles sacerdotes comentarem o assunto da construção da Bahia. Constantemente pediam orações, a fim de que se chegasse a bom termo na solução do problema.

Não posso escrever notícias pormenorizadas e históricas, escreveu em *Sete Lustrós*, mas sei que por vários anos se tratou disto e de uma comissão quase permanente, da qual participava ativamente Da. Amélia Rodrigues que angariava meios para uma nova construção e para salvar a antiga. Um grupo de quatro engenheiros¹¹ examina gratuita e pormenorizadamente a saúde física do imóvel, propondo soluções para salvar a periclitante construção. O relatório do grupo¹² foi publicado pelo *Jornal de Notícias da Bahia*. A solução proposta exigia uma soma que os salesianos não dispunham. No entanto, com muito esforço e ajuda dos amigos da obra, chegou-se, pouco a pouco a se executar as recomendações dos especialistas.

Entrementes, desencadeou-se um forte movimento de oração a Nossa Senhora Auxiliadora, de propaganda e arrecadação de fundos para

¹⁰ Ibid.

¹¹ 14 de julho de 1905. Os peritos foram Arlindo Frágoso, Francisco Lopes da Silva, Alexandre Freire Maia Bettencourt e Teodoro Sampaio.

¹² Anexo VI.

ajudar a reconstrução. Todos se envolveram: os cooperadores, o senhor Arcebispo D. Tomé, a quem o Inspetor Pe. L. Giordano e o Diretor Pe. C. Sironi pediram socorro; a imprensa, a professora Amélia Rodrigues. Esta exímia escritora e notável poetisa pôs sua pena a serviço da nova obra. O resultado da venda de seus trabalhos literários eram creditados em caixa a favor do colégio dos órfãos.

3. Segunda Carta pastoral do senhor Arcebispo

D. J. Tomé escreve outra Carta pastoral aos baianos, pedindo pelos órfãos de Nazaré¹³

«Estendendo as mãos, suplicando um óbolo... em benefício da infância pobre e desamparada, meninos que viviam abandonados às agruras da triste orfandade e da indigência e que agora estão abrigados no Colégio Salesiano destinado por sua natureza ao ensino das diferentes artes e ofícios. A história da caridade é um grande livro e a Bahia possui neste livro uma fúlgida página, intitulada: Liceu Salesiano do Salvador... Ninguém se torna pobre, fazendo o bem. Há uma mão misteriosa que preencherá vossa bolsa, à medida que vós a esvaziáis, para ajudar a juventude abandonada. Esta mão é a mão de Deus, fonte da bela e preciosa virtude que é a caridade».¹⁴

A Circular do senhor Arcebispo foi lida nas paróquias da Arquidiocese no primeiro domingo, após seu recebimento. Em cada freguesia organizou-se uma Comissão de senhoras e outra de homens para recolhimento de donativos. O Boletim Salesiano¹⁵ e a revista católica *Santa Cruz* do mês de novembro de 1905 - publicada em S. Paulo por um grupo de católicos, admiradores da obra salesiana- comentou a pastoral do prelado baiano, afirmando que se tratava de um apelo ao clero e fiéis da Arquidiocese, em favor do Liceu popular, dirigido pelos salesianos.

Sabe-se que Pe. L. Giordano escreveu «diversas cartas» a Turim, referindo-se ao problema e às campanhas em favor do prédio. Em junho de 1906, comunica que os salesianos estão tratando «de receber a soma redonda de 45 contos, mas com o compromisso de admitir um certo nú-

¹³ Em 1º de outubro de 1905.

¹⁴ ASC F 545: Pastoral de Dom Jerônimo e BS 29 (1905) 376.

¹⁵ BS 29 (1905) 376.

mero de jovens gratuitos internos e externos». Na correspondência¹⁶ Pe. Inspetor expõe aos Superiores a situação criada com o prédio que ameaça ruir. Comunica que o Dr. Aurelino Leal, Chefe da Segurança Pública do Estado da Bahia, um tanto incrédulo em termos de fé cristã, mas de bom coração, desejava com a importância recebida de coletas realizadas com seus amigos, abrir oficinas em diversas paróquias. Encontrando fortes dificuldades, dirigiu-se aos salesianos, pelos quais se entusiasmou, sobretudo após conhecer Pe. Paulo Álbera na visita que este fizera à Bahia.

Pensando em assinar um contrato, Pe. L. Giordano reúne-se diversas vezes com o senhor A. Leal, com o diretor Pe. J. Sironi e em Sergipe com os dois Conselheiros Inspetoriais (Pe. Luiz Pasquale e Pe. Della Valle). Dado que a resposta não vinha, o chefe da Segurança Pública insiste, através de telegrama, desejando saber o resultado das tratativas em Sergipe.

Na reunião com os Conselheiros na Tebaida, chegou-se à seguinte conclusão:

1. O assunto não deveria ser focado como coisa do governo.
2. Não se devia deixar dívidas indefinidas, mas circunscritas a determinado número de anos.

O engenheiro responsável será o também escritor Dr. Teodoro Sampaio, o primeiro contratante era o Dr. A. Leal e o segundo o Liceu Salesiano, representado pelo provincial Pe. L. Giordano. Na conclusão das obras seria empregada a verba de quarenta e cinco contos de réis arrecadada para e pela Fundação da Assistência pelo Trabalho da Bahia.

Os salesianos se obrigavam a aceitarem no Liceu, «indicados pelo primeiro Contratante e satisfeitas as exigências do estatuto do Liceu», vinte internos. Estes alunos fariam um curso não inferior a quatro anos, a não ser por motivo de afastamento disciplinar ou moléstia incurável. O colégio deveria denunciar, durante os quatro anos do curso, as vagas que por ventura surgissem, a fim de que pudessem ser preenchidas. Era ainda sua tarefa abrir um externato, inicialmente com 40 alunos, indicados pelo Dr. A. Leal. Os meninos freqüentariam os cursos elementares de acordo com o nível de cada um. Ao término desta etapa, dependendo da adaptação ao estabelecimento os jovens passariam a freqüentar uma das oficinas. Segundo a possibilidade de vagas, o número dos alunos poderia ser aumentado. Aos mais adiantados haveria a possibilidade de se ministrarem aulas de ensino agrícola elementar.

Pe. J. Sironi, havia pedido explicações¹⁷ sobre a terceira cláusula que

¹⁶ ASC B 710: carta Giordano-Amatissimo Padre, Bahia, 9 de junho de 1906.

¹⁷ Em 15 de janeiro de 1906.

tratava das vagas dos alunos. A resposta do Dr. Aurelino que devia ser enviada a Turim, vem quase um ano depois:

«Não tenho a mínima dúvida em concordar que a clausula 3ª do contrato deve ser entendida de acordo com o que diz em sua presente carta».¹⁸

O Contrato apresentado ao Conselho Superior foi aprovado em linhas gerais, após algumas observações feitas pelo Pe. Paulo Álbera, por solicitação do Pe. M. Rua. A documentação encontra-se no ASC e no Cartório do Tabelião Affonso Pedreira de Cerqueira, em Salvador, assinada em 15 de dezembro de 1906. As testemunhas foram duas das mais gradas personalidades da sociedade baiana: o senhor Arcebispo Primaz Dom Jerônimo T. da Silva e o senhor Governador do Estado da Bahia, Dr. José Marcelino de Souza.

A construção teve início antes mesmo da resposta de Aurelino à clausula terceira.¹⁹ E como o gato uma vez escaldado tem medo também de água fria, agora os responsáveis estavam mais atentos, tendo-se presente a decepcionante experiência. A época das chuvas atrapalhou o ritmo dos trabalhos, tornando a execução mais lenta, sobretudo na parte externa, a fachada. Um ano porém, foi suficiente para que se chegasse à conclusão. Uma das últimas visitas às obras, aos três de dezembro foi a do senhor Aurelino de Araújo Leal.²⁰

O prédio surgiu majestoso, fazendo com que a Bahia apresentasse mais um dos seus belos conjuntos arquitetônicos, resultado de muitos esforços não só dos salesianos, mas de boa parcela da comunidade baiana. A inauguração foi marcada para o dia 16 de dezembro de 1906. No dia 9, o governador visitou o Colégio, pois não poderia fazer-se presente, na festa da inauguração. Quatro dias depois, a convite do padre diretor Clélio Sironi, o Jornal de *Notícias da Bahia* visitou o edifício. Citamos um trecho dos comentários do importante noticioso baiano.

«A entrada do edificio é central, o chão está ladrilhado e o pavimento inferior, outros dois vastos salões abertos e sustentados por colunas de estylo toscano. O salão da esquerda já se acha prompto e nelle está collocado o altar; o da direita, porém, faltam ainda forros e a parte do pre-

¹⁸ ACB: bilhete Aurelino-Sironi, Bahia, 5 de janeiro de 1907.

¹⁹ Ano de 1906.

²⁰ Falece no Rio de Janeiro em 6 de junho de 1924. Na Missa de trigésimo dia na Basílica do Salvador, a escola de canto do Liceu executou a Missa do maestro Arrigo.

ciso revestimento. O prédio em questão, modesto, porém decente, não está de todo prompto e assim o querem inaugurar os Salesianos para que se possa bem avaliar do começo da grande obra, feita pela esmola de todos, já em dinheiro, já em materiaes, já em abatimentos grandes, etc., etc. Assim é que, em 11 mezes de trabalho, se tem despendido apenas 70:000\$000, não falando em administração, pois esta tem sido gratis, pelos prestimos dos srs. dr. Theodoro Sampaio, Feliz Da Rin, Júlio Bertini e engenheiro Manuel Da Rin, este principalmente, a quem os salesianos estão a dever muito e muito pela sua obra».²¹

A Revista Santa Cruz em seu número 7 do ano de 1907, também tratará do assunto.

Inauguração

A cerimônia começou às 6h00 da manhã. Pe. L. Giordano benzeu a Capela e celebrou a primeira Missa. Às 9h00, Dom J. Tomé procedeu a bênção da imagem de Nossa Senhora Auxiliadora, vinda há pouco de Roma. Cantou a Missa solene e administrou a bênção geral do pavilhão. Encontravam-se presentes muitos representantes da sociedade local. Na celebração eucarística, o Primaz, que passou o dia com os salesianos agradecendo a Deus, congratulou-se com todos os que haviam contribuído para a construção do novo Liceu: salesianos, cooperadores, autoridades, fiéis, a Bahia. O Santo Padre através de telegrama ao Arcebispo, abençoou os salesianos e benfeitores da obra.

Roma, 17 de dezembro de 1907

Brasil, Bahia. Senhor Arcebispo – Santo Padre abençôa os salesianos, benfeitores que sob a orientação do digno Arcebispo facilitaram a inauguração do edifício. Car. Merry del Val.²²

Pe. M. Rua, em resposta a um telegrama alusivo ao evento, escreve ao Pe. L. Giordano abençoando a obra e pedindo à Mãe celeste que faça com que corresponda à finalidade para a qual foi fundada.

«Caríssimo Pe. Giordano

Recebi o telegrama em nome do Arcebispo, Salesianos e Cooperadores, no qual se me transmite a notícia da inauguração do edifício e se pede uma bênção.

²¹ *Jornal de Notícias*, Bahia, 13 de dezembro de 1906.

²² ASC F 545.

Bem, eu vos abençoção de coração e peço à nossa Mãe celeste que faça de tal modo que a obra corresponda ao fim para o qual foi fundada. Ao mesmo tempo congratulo-me contigo e com todos os que de algum modo tomaram parte ou se interessaram. A S. E. Reverendíssima e aos benfeitores darás os meus cumprimentos e respeitos e minhas saudações também a todos os irmãos.

Ao mesmo tempo de saúdo de coração.

Teu afeiçoadíssimo em JC.²³

Todos visitaram a obra e boa parte dos presentes esperou pela sessão dramático-musical com a participação ativa e desembaraçada dos alunos. Pe. L. Giordano regeu a orquestra, auxiliado pelo clérigo Estanislau Lucacewski. Tudo terminou às 22h00 horas, finalizando também um dos capítulos iniciais da aventura Giordano-Della Valle nas terras da Bahia. O local, embora ainda insuficiente para as atividades do Liceu, fez a direção respirar profundo, dando-lhe novo ânimo para os embates dos dias subsequentes. Na ocasião estava presente o Vigário Geral do Rio de Janeiro, Mons. Luís da Silva Brito²⁴. O discurso por ele pronunciado foi muito aplaudido. No velho sobrado J. de Pinho, continuarão refeitório, cozinha, secretaria e sala de jogos.

O mesmo *Jornal de Notícias* publica na ocasião um longo artigo noticiando a efeméride.

«Às 6 horas da manhã, o padre Lourenço Giordani (sic), inspector das casas salesianas no norte do Brasil, deu a benção á modesta capella do *Lyceu Salesiano*, sendo logo depois celebrada a primeira missa, de acordo com o programma, oficiando aquelle mesmo sacerdote. Esse acto, realizado no novo edificio, em festas, foi assistido por muitas pessoas e pelos orphãos».²⁵

4. Segundo edificio

O desenvolvimento das Escolas Profissionais encontrava-se sufocado e comprometido. Urgia providenciar um local definitivo para suas insta-

²³ Ibid.

²⁴ Luís Raimundo da Silva Brito, 1840-1915. Bispo de Olinda de 1901 a 1910. Arcebispo da mesma Arquidiocese de 1910 a 1915. Pe. L. Lasagna comoveu-se com sua visita, quando da chegada dos SDB a Niterói. (L. LASAGNA, *Epistolario*, Vol. II..., carta Lasagna-Lacerda, Santa Rosa de Niterói, 17 de julho de 1883).

²⁵ *Jornal de Notícias*, Salvador, 19 de dezembro de 1906.

lações. A ampliação de 1906 não comportava estudantes e aprendizes. Por outro lado, o barracão que servia de local para as Escolas e ao mesmo tempo para representações teatrais e festas era impraticável. Confiando na Providência, na sociedade, nos benfeitores e no governo os religiosos-educadores do Jardim Nazaré encetaram a construção de uma outra ala para as oficinas. As escavações começaram em junho de '24 e em agosto o início das obras de alvenaria.

Pe. P. Rota na visita anual (1924) referiu-se à necessidade e urgência do prédio, mesmo porque daria uma nova fisionomia à obra destinada à formação da juventude pobre local. A pedra angular foi benta em 7 de setembro, pelo bispo de Santa Maria, Dom Atilio Eusébio da Rocha que celebrou a Missa no pórtico. Sua Excelência colocou a pedra *no ângulo extremo à direita do lado poente*. A oração oficial proferida pelo Dr. Teodoro Sampaio foi considerada uma verdadeira peça oratória. Outro a usar da palavra foi o Comendador Bernardo Catarino incentivando os SDB a prosseguirem na obra empreendida a benefício dos jovens carentes da cidade. O Governador do Estado, Dr. Francisco Marques de Góes Calmon respondendo às palavras do diretor Pe. L. Gatti, prometeu *espontânea e cavalheiristicamente*, a ajuda de seu governo a um trabalho destinado à formação profissional dos jovens mais carentes. Participou do ato um grande número de clérigos regulares e diocesanos, de políticos, militares, benfeitores e amigos em geral. Fazia-se presente o Ministro da Agricultura e Obras Públicas, Dr. Miguel Calmon de Pin e Almeida. Na ocasião foi inaugurada uma amostra com os retratos dos benfeitores do Liceu. As Damas aproveitando o momento realizaram à tarde uma quermesse. Notava-se a ausência do Senhor Arcebispo Primaz que não pôde tomar parte na festa.

O prédio foi localizado entre a primeira construção Cardoso-Aurelino e o atual Santuário N. Sra. Auxiliadora. A veneranda e histórica residência José Joaquim de Pinho teve que ser demolida, bem como a acolhedora mangueira, cuja sombra abrigava alunos e padres nas horas caniculares dos trópicos. Foram derrubadas pois não serviam mais, deveriam ser descartadas, desaparecendo assim dois patrimônios da primitiva história salesiana da Bahia. O progresso frio e insensível é avesso e inimigo do passado. «Hoje foi derrubada a tradicional mangueira do Liceu. Meninos e Superiores abrigavam-se sob sua copa».²⁶

Pe. A. Tirelli ao visitar a Bahia em 1925 escreve ao conselheiro profissional-geral Pe. J. Vespignani,²⁷ comunicando que o novo edifício es-

²⁶ ACB: Crônica, 2 de maio de 1924.

²⁷ ASC F 091: carta Tirelli-Vespignani, Lorena, 5 de julho de 1925.

taria pronto em dezembro. Na visita inspetorial de 1926, o prédio não estava concluído e faltava ainda muito para ser feito, embora já estivesse coberto e no térreo funcionassem as oficinas de encadernação, sapataria e alfaiataria. Marcenaria e serralharia continuavam no galpão.

Na época as Escolas da Bahia contavam com um grande profissional, o coadjutor Pautilo Lyra. O mestre havia implantado ali uma nova dimensão profissional. Notava-se o progresso. No entanto, a construção do prédio estava parada por falta de verbas. Os Governos federal, estadual e municipal não ajudavam e as Circulares enviadas aos cooperadores apresentavam um retorno menor que nos anos anteriores.

Os trabalhos edilícios são retomados, após três anos e meses chegam ao final.²⁸ É um imponente edifício *de instrução literária e artística, capaz de abrigar seiscentos educandos*. A missa em ação de graças foi celebrada por Mons. Elpídio Tapiranga, representante do Arcebispo Dom Augusto Álvaro da Silva.

O governador F. M. de Góes Calmon declarou inauguradas as grandes oficinas e os vastos salões de aulas, de estudos e de dormitórios, englobando uma área aproximada de 240 m². Ato contínuo o representante do senhor Arcebispo procedeu a bênção do prédio.²⁹ A Ata registrou 25 assinaturas, enquanto que no lançamento da primeira pedra foram apenas cinco. O Senador Miguel Calmon, enviou do Rio um telegrama de felicitações. Por sinal, o telégrafo modificou o nome do Diretor e do Colégio.

*Pedro Lourenço Gatti Lyceu Bahyano. Agradecendo amavel comunicação envio effusivos parabens pela inauguração officinas Lyceu auspicioso acontecimento que representa grande serviço nossa terra. Atenciosas saudações. Miguel Calmon.*³⁰

No primeiro piso foram colocados o gabinete dentário, a barbearia, o gabinete de educação física, o de química e a sala das Companhias.

5. Novo prédio para as Escolas Profissionais

A construção começou logo após o término das obras do Santuário de Nossa Sra. Auxiliadora (1938). Inicia por trás da sacristia e sala Pe. J.

²⁸ No dia 24 de novembro de 1927.

²⁹ ASC F 545: Ata do lançamento da primeira pedra das Escolas P. Salesianas da Bahia e Ata da Solene inauguração das Escolas P. Salesianas da Bahia, 24 de novembro de 1927.

³⁰ ACB.

Santana no primeiro andar, confinando na outra extremidade com as casas vizinhas e o edifício Alpha. Apresenta dois estágios, o primeiro terminou em 1939.³¹ É o andar térreo, onde foram instalados o teatro e as oficinas de marcenaria e mecânica. A falta de verba impossibilitou a continuação da obra.

Nos inícios de 1944, a Legião Brasileira de Assistência pretendia instalar na Bahia a *Cidade dos Meninos*. O objetivo era diminuir o índice de desamparados. A organização vinha enfrentando muitas dificuldades para encontrar pessoal idôneo para a direção da mesma. Da. Ruth Vila-boim Aleixo, Presidenta da L B A, seção da Bahia visitara o Colégio em 1943, ficando positivamente impressionada com a assistência aos meninos carentes. Ao dirigir-se aos salesianos, solicitando a colaboração na *Cidade dos Meninos*, deve ter recebido resposta negativa do pessoal local. Sabendo que o Pe. José Reyneri estava de visita a Buenos Aires a Da. Ruth lhe escreve uma carta em janeiro de 1944.

«É nosso pensamento dar a direção da *Cidade dos Meninos* a um padre Salesiano, coadjuvado por outros padres dessa mesma Ordem mas, não encontramos aqui, disponíveis padres dessa Meritíssima Irmandade. Nesse sentido, vimos apelar para V. Revma. Encarecendo o elevado objetivo da obra e confiada na colaboração valiosa dessa Ordem, de examinar a possibilidade de ser posto à disposição da *Cidade dos Meninos* um padre para servir como Reitor, acompanhado de dois mais para auxiliá-lo na administração.³²

A correspondência da primeira Dama baiana com o representante do Superior Geral dos salesianos deu resultados positivos, inesperados pelos próprios religiosos da colina nazarena. Não encontramos notícias mais detalhadas sobre as tratativas posteriores à carta de Buenos Aires. Sabe-se porém que em pouco menos de um ano, a L B A resolve continuar a construção do prédio, iniciado em 1939 e até então só no andar térreo.

«Para se ampliar o local e se aceitar um maior numero de aprendizes a Legião Brasileira de Assistência terminou a construção do edificio onde já funcionava a marcenaria. Os trabalhos reiniciados em março, conti-

³¹ ACB: Visita Ispettorale, Bahia, 2 de novembro de 1939. «Atualmente estão escavando os fundamentos das novas oficinas (sapataria, marcenaria, mecânica...) que no final do corrente ano estarão prontas no plano térreo».

³² ACB: Legião Brasileira de Assistência. Comissão do Estado da Bahia, Salvador, 31 de janeiro de 1944.

nuaram sob a coordenação do P. Gino Compagnin que já em outubro entregava o edifício de três andares pronto».³³

A Legião parecia mais apressada que mesmo os salesianos. Em pouco tempo, põe-se à disposição do Liceu uma verba³⁴ de Cr\$ 700.000,00 para construir o novo prédio das E. P. Salesianas. Aos 19 de janeiro sai o pagamento da primeira quota, depositada em conta corrente no Banco do Distrito Federal. Dois dias depois, recebe-se a primeira importância Cr\$ 200.000,00 justamente no dia da festa de Dom Bosco. Os trabalhos seguem álcres e constantes, pois devem ser concluídos no mais breve espaço de tempo. O material para a construção vai se empilhando e em poucos dias os pátios do Liceu estavam abarrotados de ferro, areia, pedra e tijolos. A 8 de fevereiro Da. Ruth visita o canteiro de obras e fica satisfeita com o que já havia sido feito. A imprensa registra a colaboração entre a L. B. A. e os salesianos em benefício dos desamparados. As cotas financeiras não atrasavam e apesar das chuvas o canteiro de obras não pára. Em junho, os 80 metros de comprimento do edifício com seus dois andares, além do térreo, impressionam pela imponência arquitetônica.

Durante a construção surgiu um problema com os vizinhos. Achavam que o prédio constituía, através das janelas, uma invasão de privacidade. O caso foi à justiça e uma parte da obra foi embargada. Não demorou muito para que o Tribunal desse ganho de causa ao Liceu que, mesmo assim teve que pagar os custos da querela jurídica.

A inauguração contou com a presença da benfeitora dos meninos do Liceu que se sentia muito feliz em meio aos alunos. Uma lápide comemorativa lembrava o acontecimento.

«Escolas Profissionais Salesianas edificadas pela Legião Brasileira de Assistência. Sessão da Bahia, sendo Presidente a Excelentíssima Senhora D. Ruth V. Aleixo. Bahia, 16 de outubro de 1945».³⁵

O piso superior foi ocupado com estudo e dormitório dos internos. A L B A trabalhou com os salesianos durante diversos anos. Hoje a entidade não mais existe.

³³ ASC F 545: Scuole Professionali di Bahia, relatório do Inspetor, 1945.

³⁴ Em 5 de janeiro de 1945.

³⁵ ACB: Crônica de 1945.

6. Cinema Nazaré

A área de propriedade dos salesianos, atualmente ocupada pelo Nazaré media 15, 30 m de frente para a Praça Almeida Couto, 78,20 m de comprimento e 32,70 m confinando com a Rua Dom Bosco, aos fundos. A pedra angular do Cine-Teatro-Nazaré foi posta no dia 7 de agosto de 1950. Na época o Provincial salesiano era o Pe. Ladislau Paz e o diretor do Colégio Pe. Francisco Fabbri. O pavilhão originariamente destinava-se a teatro, refeitório, dormitórios e salas de aula.

A festa teve a presidência do ministro da Educação e Saúde, Dr. Clemente Mariani, que liberou uma verba de Cr\$ 1.120.000,00 para ajudar nas obras.³⁶ Participaram outras autoridades como os Drs. Joaquim Barreto de Araújo, Orlando Gomes, Presidente da Legião Brasileira de Assistência da Bahia e os engenheiros Manoel Pontes Tanajura e Fernando Brandão Correia. Contavam-se ainda vários cooperadores salesianos, autoridades civis, militares e religiosas, representantes do Governador e do Arcebispo. Pe. Francisco Fabbri, usando a figura evangélica da semente que lançada ao solo cresce e frutifica, resumiu a história do Liceu, citando os principais benfeitores nestes cinquenta anos. Ressaltou as figuras dos senhores Clemente Mariani e Orlando Moscoso.³⁷ Ao visitar Salvador, Pe. João Resende ficou satisfeito com o que viu no Colégio.

«Esta Casa, uma das maiores do Brasil Salesiano, merece um especial elogio pelo grande trabalho dos Salesianos que embora em número reduzido, se empenham com dedicado espírito de sacrifício em dar conta da enorme tarefa... Vão adiantadas as obras de construção do grande e belo teatro e dos locais para as oficinas, refeitório, aulas e dormitórios».³⁸

Já se tornara tradicional o Liceu iniciar uma construção, parar por falta de verbas e auxílios, esperá-los e depois continuar. Não foi diferente com o Nazaré. Talvez por isso mesmo, o diretor, poucos meses após o início das obras escreveu uma carta ao Pe. Pedro Ricaldone, pedindo suas bênçãos e recomendando «os trabalhos de construção que estamos desenvolvendo para completar o plano edilício deste grande Colégio».³⁹

³⁶ Um jornal baiano, certa vez falando das E. P. Salesianas da Bahia, chamava-as de Escolas Industriais Clemente Mariani.

³⁷ ACB: Ata da colocação da primeira pedra da ala esquerda do Liceu Salesiano do Salvador.

³⁸ ASC: Visita extraordinária de 1952.

³⁹ ASC: carta Fabbri-Ricaldone, 8 de junho de 1951.

Os trabalhos se prolongarão por cerca de onze longos anos. Sem ajuda oficial, a não ser na época do influente Ministro da Educação, Clemente Mariani, o auditório sofreu solução de continuidade. Caminhou a passos lentos de acordo com o flutuar da economia do Liceu e do festival de ecônomos a que nos referimos no capítulo quarto. O plano arquitetônico inicialmente bastante tradicional, foi posteriormente modificado, apresentando linhas mais modernas, embora com acabamento modesto.

Pe. Eduardo da Fonte ecônomo e o diretor Belchior Maia retomarão em 1960, as obras do Cine-Teatro-Nazaré. Ao mesmo tempo inicia-se uma intensa propaganda, a fim de que se pudesse concluir no mais breve tempo o volumoso empreendimento. O influente jornal *A Tarde* escrevia: «espera auxílio material - tijolos, cimento, ferro, mobília etc, - sem o que não será possível a inauguração de tão importante obra dentro do prazo estabelecido».⁴⁰

O Prefeito Municipal de Salvador, Heitor Dias, reconhecendo a utilidade do empreendimento para a Bahia, abriu mão dos impostos da Prefeitura, significando uma substancial ajuda. Em janeiro de '62, o Fundo Nacional de Educação[?] paga a dívida que tinha para com o Liceu. Pe. E. da Fonte agradece a S. José e lhe promete um monumento.

Na portaria principal do colégio, qual sentinela indormida, há um nicho com uma graciosa imagem do Santo. Ali duas velinhas elétricas estão sempre acesas, lembrando a promessa do ecônomo. Mais dois anos de árduos trabalhos e o Liceu completava a terceira ala de seu imponente conjunto arquitetônico. A cidade contava com mais uma casa de espetáculos e o Liceu mais espaço para seus estudantes e aprendizes.

A inauguração da casa de espetáculos deu-se aos 15 de agosto de 1962. Faziam-se presentes Sua Eminência, o Cardeal Primaz, D. Augusto Álvaro da Silva que benzeu o salão e Sua Excelência, o governador do Estado, Juraci Magalhães. A Orquestra Sinfônica do Conservatório da Bahia ofereceu um concerto que agradou a todos. No dia seguinte eram inauguradas as novas máquinas de projeção, cujo custo importou em Cr\$ 3.000.000,00. O primeiro filme rodado intitulava-se «Um sonho Impossível» da 20th Century Fox. Estrelavam David Ladd, Donald Crisp e Theodore Bikel. Na tela seguia-se a história de um garoto que desejava ser pintor. Havia sido filmado nos Países Baixos com belas tomadas na Catedral de Antuérpia, focalizando os trabalhos de Rubens. A Orquestra da Academia de S. Cecília e o Coro de Roma eram as gran-

⁴⁰ *A Tarde*, Salvador, 17 de março de 1961.

des atrações da película.⁴¹ Ao completar um ano, a família cinematográfica baiana, foi homenageada com um «cocktail». Em nome dos exibidores falaram o Pe. B. Maia e o Dr. Walter da Silveira. Pela crítica cinematográfica o jornalista Orlando Sena.

A casa não tinha três anos de funcionamento e já andava coxeando, embora apresentasse um saldo de Cr\$ 500.000,00. Acreditava-se entre os salesianos, inclusive o Inspetor, que a solução seria o arrendamento. Estudou-se mais detidamente a problemática, estabelecendo-se um contrato de aluguel com algumas das seguintes conclusões:

1. O Liceu receberia Cr\$ 700.000,00, durante os dois primeiros anos.
2. Os funcionários seriam indenizados dois a dois até dezembro.
3. O gerente e os dois operadores ficariam por conta do arrendador.⁴²

O Nazaré, estava alugado em 1967 por 320 contos mensais. Seu funcionamento regular sofria certos percalços, pois em se tratando de um Cinema da Igreja, por motivos óbvios, nem todas as fitas podiam livremente serem exibidas. Havia sido estabelecido que o prédio poderia ser usado como lançador de filmes de arte, contanto que os responsáveis, respeitassem a censura exigida pelo contrato que havia sido realizado com os salesianos.⁴³

Posteriormente o Cine Nazaré foi desativado. Atualmente na antiga sala de projeções realizam-se conferências, reuniões colegiais e festas de formaturas.

Os pisos do Cinema Nazaré

Nos fins da década de '60, a Inspetoria, autorizou a construção de um primeiro andar sobre o Nazaré, pondo como condição a administração do prédio pela mesma.⁴⁴ Não foram encontradas maiores informações, a respeito deste acréscimo e posteriormente de um segundo piso, onde foram instalados vários apartamentos para os salesianos e visitantes, sempre freqüentes na Bahia.

Em certo momento, quando já funcionavam os dois pavimentos sobre o Nazaré, tentou-se com a Predial-Serviços Imobiliários Ltda. um contrato pelo qual aquela firma derrubaria todo o prédio, construindo outro edifi-

⁴¹ *Diário de Notícias*, Salvador, 15 de agosto de 1962.

⁴² Atas do Conselho da Casa, 21 de julho de 1965.

⁴³ ASC F 545: Atas do Conselho da Casa, 9 de março de 1967.

⁴⁴ ACB: Ata [Visita Inspetorial?] de 6 de novembro de 1969.

cio no local. O Salesiano receberia da Construtora, pela cessão da área as seguintes compensações: a) Nove apartamentos com dois quartos, sala e dependências, no valor estimado de Cr\$ 550.000,00 (quinhentos e cinquenta mil cruzeiros). b) O pavimento acima da tipografia e encadernação seria adaptado e nele construídos apartamentos para os padres. c) O Salesiano receberia da construtora Cr\$ 1.000,00 (hum mil cruzeiros), a partir da entrega do cinema e cessão do terreno, até à conclusão da obra e entrega dos apartamentos. d) A instalação dos móveis e equipamentos do Cinema, em um dos salões do colégio, afim de possibilitar o seu uso como auditório e sala de projeções. e) Conserto do telhado do colégio nos locais danificados. f) Divisão interna dos salões do primeiro pavimento para salas de aulas. g) Instalação de copa e sanitário no salão de recepção da Igreja.

A minuta do contrato não apresentava data, nem assinaturas. Tampouco se fala de alguma resposta da Predial. Certamente não aceitou as cláusulas aparentemente um tanto salgadas.⁴⁵

7. Edifício da Rua Dom Bosco

A primeira notícia sobre construção nos terrenos do declive onde hoje estão o Ginásio Dom Bosco e a Quadra Auxiliadora vamos encontrar em agosto de 1924, quando o diretor L. Gatti (1921-1932), sem comunicar ao Conselho Inspetorial, solicita ao Conselho Geral a licença para edificar seis casas. O custo foi orçado em duzentos e cinquenta mil réis. A firma se responsabilizaria pela obra e durante dez anos o Liceu não receberia nenhum provento. Na Europa torceram o nariz, comunicando que o pedido deveria ser feito através da Inspeção. Em seguida poderia ser reexaminado.⁴⁶

⁴⁵ Nos últimos anos da década de '80 projetou-se uma reforma bastante radical no segundo andar, pretendendo-se dar uma maior funcionalidade à residência dos religiosos. O projeto da arquiteta Nélia Paixão não foi executado. Em '97/98, a área sobre o Nazaré foi completamente reestruturada, construindo-se dois pavimentos. Um ocupado pela Pré Escola, o outro pela residência dos Salesianos.

⁴⁶ ASC: VCS, D 872 1919-1926, 2 de outubro de 1923 e 4 de janeiro de 1924. Estas solicitações ao Conselho Superior, sem passar pelo Centro da Inspeção de origem, eram bastante comuns. Em outubro de 1923, o mesmo Gatti, serve de intermediário do bispo do Ceará, que visita Salvador e pede aos superiores a fundação de uma obra naquele Estado. A resposta dada pelo Conselho em dois de outubro de 1923, esclarecia que o assunto deveria ser tratado diretamente entre o Inspetor e o bispo interessado. Não encontramos ulteriores notícias sobre o assunto.

No início dos anos '60, teve início o prédio da Rua Dom Bosco. Tradicionalmente permaneceu inacabado por alguns anos. Não era diretamente destinado às obras sociais, como os edifícios anteriormente descritos. No entanto, pensava-se que indiretamente, com seu aluguel ou venda, poder-se-ia ajudar as obras do Liceu. Pe. Jonas Magno Pinto, ao assumir a direção do Colégio, encontra tudo parado e em estado lastimável. Discutiu-se a venda, optando-se pela entrega a uma firma construtora, que em contrapartida cederia ao Liceu alguns apartamentos. Pedu-se ao Conselho inspetorial a permissão.⁴⁷

Aprovada a matéria, partiu-se para um contrato com a Predial. O Salesiano ficaria com o último andar, convertido em apartamentos. A construção, estamos em setembro de '67, não foi logo iniciada, uma vez que a firma estava às voltas com a Prefeitura para conseguir a licença. Pouco mais de um ano depois, os engenheiros aparecem para conversar sobre o início dos trabalhos. O diretor Pe. Luiz Santiago firma novo contrato, acordo aliás, não muito bem visto pelo Conselho Inspetorial, pois, segundo o Inspetor Pompeu de Campos, a comunidade não seguira os trâmites exigidos.

«Contrato sem as devidas formalidades: reunião do Conselho da Casa com Ata assinada por todos e também com os pareceres de quem foi contra».⁴⁸

O Salesiano, de acordo com as tratativas iniciais, deveria receber três apartamentos. O Colégio, sem verbas, como estava interessado em construir uma piscina (10 x 20), tentou fazer uma negociação. Avaliada com as respectivas máquinas, em Cr\$ 100.000,00 (cem mil Cruzeiros), foi proposto pelo diretor Pe. Luiz Santiago (1968-1970) que a piscina fosse trocada pelos apartamentos. O projeto não vingou, mesmo porque alguns salesianos sussurraram ao Inspetor que eram contrários ao empreendimento.

8. Construções menores e outras posses

No período de '32 a '42, executaram-se uma série de obras de melhorias e humanização do ambiente. Uma das primeiras foi a cons-

⁴⁷ ACB: carta Jonas-Inspetor, Salvador, 30 de agosto de 1966.

⁴⁸ ACB: carta Pompeu-Santiago, Recife, 17 de janeiro de 1969.

trução de amplo pórtico de 60 m, do centro do colégio ao Santuário. Em 15 de julho de 1938, é inaugurada a escada, próxima à livraria ao lado do Santuário. Por causa do forte desnível, fez-se naquele mesmo ano um muro de arrimo, que permitiu o nivelamento de ambos os campos de esportes. O trabalho realizado sem muito esmero e para economizar, desmoronou por duas vezes. Quando finalmente ficou pronto, resultou numa boa área. Em 1940 terminou o nivelamento de ambos os campos esportivos.⁴⁹ Parte da terra usada na área veio do terreno onde foi construído o Hospital Manoel Viturino.

O acentuado barranco existente após o campo dos aprendizes exigiu um contraforte ciclópico de pedras e cimento, arrimando todo o terreno.⁵⁰ Em janeiro de '41 reforma-se o telhado da ala central, colocando-se o forro e construindo-se o escoamento das águas do primeiro andar. Naquele ano, o Visitador se referia aos grandes passos que se haviam dado neste particular, em Salvador. São de 1942, a balaustrada entre os campos superior e inferior, a rampa, a rede metálica (hoje não mais existe) do pátio dos aprendizes e a restauração do pórtico que recebeu um recapeamento com moldura de cimento rústico. Entre a Casa dos Aprendizes (comprada ao senhor Alexandre Cerqueira, localizava-se logo após a construção de E. Cardoso e o início do túnel e Teatro Nazaré) e os terrenos confinantes havia sérios desmoronamentos. Para solucionar os constantes problemas foi necessário um muro de arrimo na área (1942).

Nunca se havia feito tanto em tão pouco tempo. A falta de ambiente para esportes sempre tinha sido um dos problemas para alunos aprendizes e oratorianos da Bahia. Agora as dificuldades estavam em grande parte resolvidas com um espaço bastante humanizado e utilizável.⁵¹

⁴⁹ Havia, como já foi assinalado, dois campos em níveis diferentes. O inferior dos aprendizes, ocupando a área entre as atuais oficinas e a piscina e o de nível mais alto, que pertencia aos alunos. Correspondia à parte entre a cantina de hoje e o Santuário. Separando a ambos foi construída uma balaustrada em 1940. Na parte onde se encontra o Ginásio Dom Bosco foi erguida uma tela (1940) que impedia as bolas caírem no barranco em direção à Rua Djalma Dutra. Em 1952 inauguraram-se na área do campo dos alunos algumas quadras para diversos jogos. Ali foram construídos em 1999, um belo jardim com bancos, flores e figos benjamins. Da mesma época são as modernas obras esportivas que embelezam a parte inferior, onde funcionou o campo dos aprendizes.

⁵⁰ É a parte que vai do Ginásio Dom Bosco, ao DECS (Departamento Esportivo do Colégio Salesiano), alcançando também a área do Edifício Dom Bosco.

⁵¹ Na preparação do colégio para os festejos do Centenário, o Liceu de Salvador tornou-se ainda mais belo e imponente. Um dos funcionários da casa dizia-nos em março de 2000: «Pe. Aguinaldo é para o Liceu, o que é Antônio Carlos Magalhães para a Bahia».

Sala de recepção

Tentou-se mais um acordo com a Predial, visando a construção de um prédio com sobrelaja, térreo e três andares. O terreno a ser aproveitado localizava-se entre o Santuário e o Hospital Manoel Viturino. Media 15 m de frente por 10 m de fundo e 18 m de frente e fundo. O colégio ficaria com o terceiro piso, ou o primeiro, provido de sanitário e copa, caso optasse por utilizar a área como salão de recepção anexo à Igreja.⁵² O documento não tem data nem assinaturas. Presumimos que seja da década de '60.

Casa do Dr. Alexandre Cerqueira

Tatava-se de um imóvel adquirido para os aprendizes, nos primeiros anos do Colégio. Com andar térreo localizava-se em parte do terreno ocupado pelo Cine-Nazaré, logo defronte à Praça Almeida Couto. Foi sede do Primário, até que este passou para o primeiro andar do prédio inaugurado em 1927. Em 1941, ameaçou desabar. Sofreu então grandes reformas. Foi demolida em dezembro de 1949.

Fazendas Camaçari e Primavera

Pouco sabemos sobre a fazenda de Camaçari, oferecida pelo governo para os salesianos fundarem uma Escola Agrícola. Em maio de 1939, fala-se que todas as vacas foram vendidas. A informação leva-nos a concluir que a propriedade tenha sido adquirida pelo menos nos anos '30. A falta de condições para mantê-la fez com que o Inspetor em 1955 mandasse o *diretor e o ecônomo* restituí-la, segundo lê-se na crônica. Bastava o sítio da Muriçoca para abastecer o Colégio de verduras, frutas, galinhas e porcos. «Em vacas por alguns anos, nem se fale».⁵³ Palavra de Inspetor!

Sobre a Primavera,⁵⁴ subúrbio de Pirajá, vizinha ao aeroporto, sua história é narrada pelo Pe. Manoel Firmo Nazareno de Araújo. A área pertenceu a uma enorme fazenda de Tomé de Souza, primeiro Governador

⁵² ASC F 545: Contrato entre o Liceu S. do Salvador e a Predial.

⁵³ ACB: Visita de 1955.

⁵⁴ M. NAZARENO, *Dezesseis Lustrós...*, pp. 97-105.

dor Geral do Brasil. Seu usufruto foi adquirido em 1957. Pertencia à Prefeitura e anteriormente estava arrendada pelo senhor Raul Antônio Quirino. Por falta de cumprimento das cláusulas documentais, falta do relatório bienal do imóvel à Prefeitura de Salvador, os SDB perderam os direitos sobre o usufruto da área, posteriormente readquirida em parte através de compra.⁵⁵

Sobrado da Ribeira de Itapagipe

Doado aos salesianos pelo senhor Viturino Soarez, falecido em junho de 1916. Em 1933, foram perdoados os impostos antigos sobre o Liceu e o imóvel de Itapagipe. Desconhecemos outras informações.

9. O Liceu só se ajesta, derrubando tudo e se reconstruindo

Sentença das Cônegas do Amor Divino. As construções do Liceu foram surgindo, na medida das necessidades da obra, sem muito planejamento arquitetônico e pedagógico. Em poucos anos tornavam-se, ao mesmo tempo, desconfortáveis para funcionamento das Escolas Profissionais e para o colégio.

Certa vez, em janeiro de '39, duas religiosas das Cônegas do Amor Divino de um colégio Classe A de Natal RN visitaram demoradamente o Liceu. Não levaram boa impressão sobre a edificação do educandário. Segundo as freiras só havia uma maneira de se consertar a problemática: derrubar tudo e se reconstruir. Como as reverendas se dedicassem aos nobres e ricos, talvez esperassem encontrar na escola dos órfãos e pobres, instalações para destinatários de sangue azul.

⁵⁵ Em 1983 a diretoria do Colégio começou um difícil diálogo com as autoridades para readquirir, mesmo por compra, os cerca de 350.000m² da Fazenda Primavera. As démarches foram árduas e por vezes desanimadoras. «Uma longa e difícil caminhada, escreve o tesoureiro Pe. M. Nazareno, incerta, cansativa, cheia de lutas, desilusões, esperanças e VITÓRIA». Certa vez afirmamos (éramos então diretor do Liceu) ao indômito pernambucano que só acreditávamos no êxito da empreitada após assinarmos a escritura. Deve-se contudo agradecer a boa vontade de algumas autoridades como o Prefeito da Capital, Clériston Andrade, outros políticos e do General Comandante da Região de Salvador, por sinal ex-aluno salesiano do Colégio de Niterói. Nas imediações da propriedade, no bairro de Pau da Lima, os SDB durante anos ajudaram na pastoral paroquial. Na área reconquistada pelo Liceu, construiu-se um local de reflexão para alunos e professores e em 1999 um Centro de formação pastoral e acolhimento, denominado *Espaço Dom Bosco*.

No correr dos anos, relembramos, não foram poucas as ocasiões em que encontramos notícias sobre estudos e planos de reformas para adaptar e melhorar os ambientes da comunidade e do colégio. Muito trabalho teve que ser realizado não só nas dependências internas, mas na construção de pórticos, no nivelamento dos pátios para campos esportivos destinados aos aprendizes e alunos, nas construções onerosas de grandes muros de arrimos em um terreno de acentuados acíves; na canalização das águas, nos muros ao redor da propriedade. Quem conhece a geografia onde se implantou o Liceu, bem pode aquilatar o volume de trabalho executado durante os anos, mesmo nas últimas décadas. Os Inspetores e Visitadores falam em diversos momentos do esforço despendido e das melhorias que paulatinamente iam observando.

10. Usucapião

Os Capítulos inspetoriais de 1929 e 1932, bem como os Conselhos Inspetoriais já haviam se preocupado com o assunto da legalização da propriedade dos imóveis da Inspeção. Ao se estudar a problemática concluiu-se que os antigos responsáveis pelos bens em apreço, ou estavam quase todos mortos ou era difícil substituí-los. Um fato importante para solucionar a questão era que a Sociedade Salesiana era reconhecida pelo Governo. Deste modo poder-se-ia, usando-se do direito de prescrição, constituir as várias obras em entes morais. Pertencentes à Sociedade, como entes morais e com estatutos próprios reconhecidos oficialmente, tinham como responsável um diretor «pro tempore», coadjuvado por outros sacerdotes. Seguindo esta orientação, Salvador foi a primeira casa na Inspeção que em 1932, conseguiu legalizar seus terrenos. Em seguida vieram as de Aracaju e Recife.⁵⁶ O Governo não dificultou o processo, antes ajudou com subsídios legais e isenções.

A posse da Chácara do Caranguejo e as construções adquiridas legitimamente pelo Liceu Salesiano do Salvador foi declarada por sentença judicial, vez que o comprador não possuía a prova documental do domínio. Toda a peça referente ao processo, - Petição inicial, Certidão pedida pelo Liceu, Procuração do Pe. Lourenço Gatti, Edital, Depoimentos das três testemunhas, Conhecimento e Sentença, - encontra-se no Cartório do Primeiro Ofício, Registro de Imóveis e Hipotecas da Co-

⁵⁶ ASC F 545: Relação ao Secretário do Capítulo Superior feita pelo Pe. A. Tirelli em 17 de junho de 1932.

marca de Salvador, bem como no Arquivo do Colégio Salesiano da Bahia. A citação seguinte é a *Sentença* conclusiva de todo o documento:

«Julgo por sentença o justificado de fls. para que produza os seus devidos e legais efeitos, passando-se ao justificante o competente título de domínio, na forma do disposto no artigo 550 do Cod. Civ. Bras. Publique-se e intime-se. Bahia, 16 de dezembro de 1931.

(a). Honorato J. Pereira Maltez». ⁵⁷

11. O Liceu Salesiano da Bahia e seus 21 diretores em 100 anos: 1900 a 2000

1. Pe. Domingos Molfino	1900 ⁵⁸
2. Pe. Luiz Della Valle	1900 - 1905
3. Pe. Clélio Sironi	1906 - 1914
4. Pe. Pedro Broda	1915 - 1920
5. Pe. Lourenço Gatti	1921 - 1932
6. Pe. Pedro Ghislandi	1933 - 1935
7. Pe. José Joaquim de Santana	1936 - 1937
8. Pe. Guido Barra	1938 ⁵⁹
9. Pe. Antônio Viet ⁶⁰	1938 - 1942
10. Pe. Gino Compagnin	1943 - 1948
11. Pe. Francisco Fabbri	1949 - 1954
12. Pe. Gino Compagnin ⁶¹	1955 - 1957
13. Pe. Natal Griglio	1958 - 1959
14. Pe. Belchior Maia d'Athayde	1960 - 1964
15. Pe. Jonas Magno Pinto	1965 - 1967
16. Pe. Luiz Santiago de Araújo	1968 - 1970

⁵⁷ ASC F 545.

⁵⁸ Primeiro diretor nomeado para a casa da Bahia. Não apareceu para tomar posse. Sua ausência é um tanto quanto obscura. Sabe-se no entanto que o pai sofria de uma grave enfermidade.

⁵⁹ Foi diretor de 14 de fevereiro a 22 de março de 1938, quando eleito Inspetor da Inspeção do Norte em substituição ao Pe. José Selva, nomeado bispo de Registro do Araguaia.

⁶⁰ Em agosto de 1942, em virtude da guerra com a Alemanha, Pe. A. Viet foi substituído pelo Pe. Noé Gualberto de Lima, que ocupou o cargo até ao final do ano.

⁶¹ Diretor do Liceu pela segunda vez.

17. Pe. Aginaldo Lima Viana 1971 - 1976
18. Pe. Antenor de Andrade Silva 1977 - 1982
19. Pe. Orsini Nuvens Linard 1983 - 1987
20. Pe. Antenor de Andrade Silva⁶² 1988 - 1993
21. Pe. Aginaldo Lima Viana⁶³ 1994 - .

⁶² Diretor do Liceu pela segunda vez.

⁶³ Diretor do Liceu pela segunda vez.

CAP. VII - ESCOLAS PROFISSIONAIS

1. Padre José Bertello e as escolas profissionais

Pe. J. Bertello¹ foi o segundo Conselheiro responsável pelas escolas profissionais salesianas. Substituiu o Pe. José Lazzero (1837-1910), que ocupou o posto de 1884 a 1898. Na observação de Eugênio Céria, Bertello «foi sobretudo um bom amigo dos Coadjuutores»,² os mestres e coordenadores das oficinas salesianas da Congregação. Em 1909 passou a responder também pelo economato geral, dando nova fisionomia às escolas profissionais. De «manuais e artesanais» tornaram-se «disciplinadas» e modernas, de acordo com os padrões exigidos pela indústria do tempo.

Conhecedor profundo das idéias de D. Bosco e dos problemas e necessidades dos jovens operários, soube interpretá-las, traduzindo-as em benefício da aprendizagem profissional dos alunos. Para atualizar D. Bosco nos tempos, em termos de profissionalização, percorreu com um grupo de colaboradores, vários países da Europa, visitando setores de ensino profissional, onde hauriu conhecimentos teóricos e práticos que depois difundiu pelas escolas da Congregação. Costumava dizer que para termos sucesso no campo do trabalho, «devemos caminhar com o século, apropriando-nos do que nele há de bom, antes precedendo-o se possível, na estrada do verdadeiro progresso».³ Para ele as escolas profissionais - alguns o consideram fundador - deveriam ser abertas a todos e precisavam ser renovadas constantemente. Só assim estariam de acordo com as novidades que o tempo ia apresentando. O que se encontrava em outras organizações deveria ser visto, confrontado e aproveitado.

Sua preocupação estendia-se também à fundação de escolas preparatórias e à formação de pessoal que pudesse trabalhar com os alunos

¹ Nasceu em Turim em 20 de abril de 1848 e faleceu na mesma cidade aos 20 de novembro de 1910. Em 1873, laureou-se em Teologia. Possuía o mesmo título em Filosofia e Letras. Foi Inspetor na Sicília e no Oitavo Capítulo Geral eleito Conselheiro Profissional Geral.

² Eugênio CERIA, *Profili dei Capitolari Salesiani*. Colle Don Bosco, LDC 1951, pp. 221-231.

³ *Pia Società Salesiana di Don Bosco, Le Scuole Professionali. Programmi didattici e professionali*. Torino, Tipografia Salesiana 1910, p. 5.

aprendizes. Numa das reuniões do Conselho Superior⁴ anota três propostas para serem discutidas: A primeira dizia respeito à distribuição do pessoal que deveria se ocupar com as escolas de aprendizes. A outra se referia às colônias agrícolas e a terceira abordava o tema dos noviços, alunos das escolas profissionais da Itália que deviam fazer o Noviciado em S. Benigno. A reunião do Conselho discutiu a segunda proposta:

«Sabemos como se multiplicam os pedidos para a implantação ou direção de colônias agrícolas. Estes pedidos são indeferidos no mais das vezes, por falta de pessoal capaz. Mas, que é que foi feito até agora para o recrutamento e formação deste pessoal? Proponho: que se inicie em Ivrea uma verdadeira Escola Agrícola para os jovens com base em nossos internatos. Isto é, com pensão reduzida ou gratuita, de modo que possamos acolher um bom número de órfãos e jovens pobres que dêem esperança de se tornarem bons agricultores e quem sabe, também salesianos. A esta escola ou à de Parma sejam enviados para uma suficiente instrução aqueles entre os clérigos, que por motivo de saúde ou outros motivos, deixam o hábito (batina) passando para a categoria de coadjutores e tenham disposição para a agricultura».⁵

Primeiras exposições internacionais

Pe. José Bertello preparava-as com o maior esmero. Seu interesse por elas não se limitava só a Turim, mas estendia-se a todo o mundo salesiano das Artes e Ofícios. As três primeiras exposições didáticas de toda a Congregação se realizaram em Turim:

- 1ª. *Turim-Valsalice*, de 1º a 26 de setembro de 1901.
- 2ª. *Turim-Valdocco*, de 2 de agosto a 16 de outubro de 1904. Esta exposição contou com amostras de 36 escolas profissionais, sendo 17 da Itália. As outras regiões da Europa apresentaram 5 escolas, Ásia 3 e América 11.
- 3ª. *Turim-Valdocco*, de 3 de julho a 16 de outubro de 1910. Contou com 55 Casas e amostras de 203 escolas, incluindo também o setor agrícola. É o ano do falecimento do Pe. Miguel Rua que encontrara a Congregação com 64 casas deixando com 341.⁶

⁴ O Conselho Superior da Congregação é o órgão que governa em âmbito mundial toda a Congregação. Compõe-se do Superior Geral ou Reitor-Mor, do Secretário e Conselheiros. Cada um é responsável por um dos setores do governo da Congregação.

⁵ ASC: VCS, 3 de agosto de 1905.

⁶ *Dizionario Biografico dei Salesiani*, Torino 1969, pp. 38 e 247.

Os frutos advindos dessas exposições foram inúmeros nas escolas dos diversos Continentes. Iniciou-se uma nova mentalidade muito importante, uma conscientização no sentido de se formar a história documental de nossas atividades profissionais e agrícolas. Infelizmente os anos posteriores nem sempre mostram o resultado prático das medidas do Conselheiro Profissional. Pe. J. Bertello organizou os horários de trabalho dos aprendizes e introduziu a gratificação econômica aos alunos, bem como normas para os exames. Neste particular um dos problemas que encontrou foi a resistência do governo italiano que proibia o trabalho de menores e senhoras nas fábricas.

O grande promotor das escolas profissionais costumava dizer que elas deveriam oferecer sempre mais espaços para as aulas de teoria e cultura em geral. E para tal, os alunos tinham que dispor de horários preestabelecidos e fixos. As atividades não poderiam ser consideradas como momentos de aproveitamento do trabalho de menores e as inovações tornavam-se necessárias para modernizar as escolas profissionais salesianas.⁷

2. As escolas da Bahia

«Muitos estudantes custearam seus estudos na universidade, trabalhando como encadernadores na oficina do Colégio Salesiano. Existem advogados, engenheiros, presidentes de bancos e usinas que aprenderam a ser encadernadores nessas velhas máquinas».⁸

O Liceu Salesiano da Bahia abriu as oficinas, em 1º de fevereiro de 1901.

Não se esqueça que as escolas e as oficinas abertas no dia primeiro de fevereiro continuam alacremente e com proveito. Muitos jovens pedem para ingressar no Colégio, mas a pequenez do lugar não o permite.⁹

Os primeiros trabalhos realizados pelos órfãos, aprendizes das cinco oficinas e da pequena Escola Agrícola, foram mostrados publicamente,

⁷ *Salesiani nel mondo del lavoro*. Atti del convegno europeo sul tema «Salesiani e pastorale per il mondo del lavoro». Roma, 9-15 Maggio 1982. Dizionario Biografico dei Salesiani. Torino, a cura dell'Ufficio Stampa Salesiano, p. 38.

⁸ ACB: *Tribuna da Bahia* [s. d]. Entrevista do Sr. Orlando Climério. (funcionário das Oficinas do Liceu, a partir de 2 de fevereiro de 1931, até esta data).

⁹ ACB: Crônica, 4 de março de 1901.

de 27 de dezembro de 1903 a 3 de janeiro de 1904. A exposição foi visitada por um bom grupo de pessoas, curiosas por observarem o que se pode construir com um trabalho sério e dedicado junto a jovens, antes sem presente, nem futuro. A transformação dos meninos de rua em profissionais saídos das escolas salesianas era mais uma prova de que os educadores que ocupavam a Casa do Caranguejo tinham vindo para modificar o ambiente social citadino.

As Atas do colégio falam das Comissões julgadoras que nos primeiros anos, convidadas pelo diretor do Liceu, compareciam nos meses de novembro ou dezembro para julgamento dos trabalhos dos meninos artífices. Delas faziam parte figuras como o interventor do Município e o presidente da Secretaria de Artes e Ofícios. Os melhores trabalhos faziam parte das exposições. O Boletim Salesiano comentava a exposição de 1903:

«A exposição das Escolas Profissionais do Instituto Salesiano que aconteceu no último mês de dezembro passado foi uma clara prova do grande progresso feito por aqueles colaboradores¹⁰ e da aprendizagem prática e elaborada que se administra àqueles jovens internos. Na exposição concorreram trabalhos das oficinas de alfaiataria, sapataria, encadernação, tipografia e marcenaria. Alguns livros encadernados atraíram a admiração de todos e, no gênero foram julgados perfeitos».¹¹

A segunda mostra aconteceu em novembro de 1904. Muito visitada pelo povo em geral e elogiada por uma comissão de técnicos. A ocasião deu motivo para que surgissem mais alguns benfeitores da obra beneficente. O Boletim Salesiano, cinco meses mais tarde, comunicava o acontecimento a todos os seus leitores nos seguintes termos:

«BAHIA (Brasil). No Colégio Salesiano de Salvador inaugurou-se no dia 20 de novembro passado, uma pequena exposição dos trabalhos executados pelos alunos das Escolas Profissionais do Colégio. Uma comissão de técnicos examinou a mostra e seu parecer foi altamente lisonjeiro. Um contínuo suceder-se de admiradores visitou a pequena exposição nos poucos dias em que esteve aberta. Alguns beneméritos senho-

¹⁰ Os mestres das oficinas, na época eram todos leigos. Certos profissionais contratados não se interessavam em transmitir os conhecimentos aos alunos. Temiam que os jovens aprendendo a arte, viessem ao depois substituí-los no emprego. Dom Jerônimo escrevendo ao Pe. Rua em 9 de março de 1904, comenta o fato, julgando-o negativo. O fenômeno é ainda verificável em nossos tempos

¹¹ BS 28 (1904) 155.

res vendo o bem que ali se faz, se dispuseram a ajudar a tão providencial instituição».¹²

A obra de Niterói, com sua Escola Profissional completou seus 25 anos em 1908. Uma das comemorações programadas foi a realização de uma Exposição Nacional de Escolas Profissionais Salesianas. Pe. L. Giordano e o Diretor Pe. C. Sironi já haviam deixado a Bahia e se encontravam a bordo do S. Salvador, quando souberam que os festejos haviam sido adiados.¹³ Mesmo assim, seguiram viagem, levando o material da escola do Liceu. Realizada a exposição e o julgamento das amostras, a encadernação recebeu medalha de ouro, a tipografia medalha de prata e a Instituição Liceu Salesiano da Bahia ficou com a medalha de ouro.¹⁴

Nos anos iniciais, uma das estratégias usadas para incentivar a aprendizagem e a aplicação dos alunos, aprendizes ou estudantes era a premiação no final de cada ano. Uma festa muito concorrida e participada pelos benfeitores da obra. As Damas de Maria Auxiliadora e o Dr. Martins Catharino estavam sempre entre os mais assíduos e generosos. Uma dessas ocasiões o primeiro lugar da tipografia recebeu do Dr. Martins Catharino uma Caderneta da Caixa Econômica Federal no valor de 50\$000. O primeiro colocado na encadernação, outra de 25\$000. Na alfaiataria, sapataria e marcenaria, cada aluno contemplado ganhou a mesma quantia de 25\$000 sempre em Caderneta da Caixa. Em 1968, o aprendiz que obteve o maior aproveitamento foi contemplado com um valioso relógio, oferecido pelo benfeitor Major Cosme de Farias.¹⁵

Desconhecemos o local onde inicialmente foram instaladas¹⁶ as Escolas Profissionais Salesianas da Bahia. As diversas visitas e relatórios inspetoriais relativos aos anos iniciais, alguns apresentando certas lacunas (incompletos ou faltando informações durante diversos anos), não esclarecem muita coisa sobre o assunto. A partir do ano de 1918, com o

¹² BS 29 (1905) 91.

¹³ Procuramos saber o motivo do adiamento. Os autores lidos não nos responderam a questão. O fato teria sido talvez ocasionado por uma forte diarreia que teria acometido os índios. Enfermos não poderiam participar da exposição no dia estabelecido. Daí a mudança do evento.

¹⁴ BS 33 (1909) 125.

¹⁵ Um dos bairros da capital baiana chama-se Cosme de Farias.

¹⁶ Em 1º de fevereiro de 1901.

Inspetor Pe. Pedro Rota, sabe-se que tiveram suas marchas e contra marchas, não apenas economicamente mas também no que diz respeito ao relacionamento aprendizes e estudantes externos.

A problemática chegou a ser discutida em algumas reuniões da comunidade. Ao finalizar a visita o Provincial recomendava que se procurasse pouco a pouco fazer com que desaparecessem as diferenças de tratamento entre aprendizes e estudantes, «até porque muitos deles provêm de ambientes pouco favorável à boa educação. Devemos acolhê-los com maior cuidados, a fim de formá-los mais convenientemente para a sociedade». ¹⁷ Observamos que naquele ano os alunos começavam a aumentar, em relação aos aprendizes. É possível que diante do fenômeno os responsáveis pela instituição que se tornava pedagogicamente mais exigente e complexa, não tenham usado o tino suficiente para tocarem normalmente a obra. Uma outra recomendação do Pe. P. Rota era que se cuidasse da regularidade e exatidão das prescrições quanto ao «nosso Regulamento».

A peregrinação das oficinas

As escolas profissionais salesianas da Bahia em sua história já centenária, funcionaram em cinco lugares diversos.

1°. Inicialmente, supomos, foram instaladas nos galpões que existiam na Chácara, ou no próprio térreo do mesmo sobrado Caranguejo, um local úmido e estreito.

2°. Em 1905 mudaram para o primeiro andar do prédio novo ainda inacabado.

«As oficinas de tipografia e a encadernação foram transportadas para o andar de cima, por causa da grande umidade e estreiteza do antigo lugar». ¹⁸

3°. Em primeiro de fevereiro de 1912, transferem-se para o galpão de uma usina falida, desativada pela crise econômica.

«Artístico e elegante se colocará no pátio a uma relativa distância da casa nova e ainda servirá para ligar as casas existentes entre si. Ampliará o local e servirá para as passagens em tempo de chuva». ¹⁹

¹⁷ ACB. *Visita Inspetorial* de 1918, Pe. Pedro Rota.

¹⁸ ACB: Crônica, 18 de agosto de 1905.

¹⁹ ACB: Crônica, 10 de outubro de 1909.

Os restos da fábrica tinham sido comprados pelos salesianos em 1909. O objetivo era servir para recreio dos alunos na época das chuvas e ser usado para festas, cafés, almoços e premiações de fins de ano.²⁰ Para se aumentar o espaço, nos momentos de festas, usava-se um toldo de lona, doado pelo senhor Augusto Froelich. A cobertura viera dos Estaleiros de Itapagipe, pertencentes à Cia. Transportes Marítimos.

Em 1913, no mês de agosto adquire-se outra cobertura de zinco, unida mais tarde, à velha mansão Caranguejo, através de um pórtico, que desabou em 1921, causando grande susto e muito alvoroço. Felizmente houve apenas danos materiais. Este mesmo fenômeno havia acontecido na Tebaida, quando ruiu um velho abrigo que servia de Igreja, resultando alguns feridos leves.

A transformação do galpão em salão de teatro e oficinas trouxe uma série de problemas,²¹ embora as representações teatrais que eram bastante numerosas e esperadas pelo público, servissem para aumentar o caixa, ajudando a sobrevivência da garotada do Liceu. Nos finais de semana, as máquinas eram transportadas para um canto da cobertura. Assim a maior parte do salão permanecia livre para a assistência, os artistas e o palco. Nas segundas-feiras pela manhã tudo já deveria estar nos respectivos lugares para os aprendizes e mestres recomeçarem os trabalhos normais da semana. Imagine-se a problemática para recolocar as pesadas máquinas gráficas em seus respectivos lugares.²²

Outra área de tensão era provocada pelo fato de se aceitar um elevado número de alunos externos, muito pequenos e mesmo analfabetos. «Para fazer número» narra a crônica. Para eles era inútil a tentativa de se ensinar uma arte. Perdia-se tempo pois atrapalhavam a aprendizagem dos demais. O conselheiro profissional (Pe. A. Viet) estabeleceu algumas normas como a idade mínima de 12 anos e que o aluno tivesse condições de frequentar a terceira classe elementar. Na marcenaria havia um único mestre o irmão Pedro Miele. Quando chovia não se podia permanecer em sua oficina. Os outros mestres eram funcionários externos, mercenários que não tinham interesse em produzir, nem formar futuros concorrentes que poderiam ocupar seus postos. Frequentemente tinham que ser mudados. O encarregado das oficinas insistia continuamente com a Inspetoria, para que enviasse mestres salesianos.

²⁰ ACB: Crônica, 22 de novembro de 1914.

²¹ ASC F 545: Crônica Viet.

²² O antigo teatro-galpão foi demolido em 1951. O Inspetor se alegrou com o fato pois, segundo escreveu, tratava-se de um esconderijo de meninos, durante os recreios.

4°. O quarto local das escolas profissionais foi o prédio inaugurado em 1927.

Ainda em 1926, antes da inauguração do prédio, os aprendizes da mecânica e da marcenaria foram transportadas para o andar térreo ocupando metade da área. O fato aconteceu quando da vinda do senhor Pautilo Lyra salesiano, exímio profissional em artes gráficas. Houve esperanças de transformações graduais. Introduziu-se a parte teórica, novidade que deu muita dor de cabeça, porque a direção da casa achava que era inútil. Organizaram-se três exposições com bons resultados. No entanto, a quarta amostra não pôde mais ser preparada. Havia sido proibida, porque se achava que era *um gasto inútil de dinheiro*.

Os rapazes enquanto trabalhavam e se aprimoravam na respectiva arte, pensavam na exposição de suas melhores obras e se sentiam incentivados e felizes. Com a negativa não houve mais entusiasmo e competitividade e as oficinas entraram em declínio mais acentuado. Fechou-se a sapataria e a mecânica.²³

A marcenaria continuou capengando, pois não dispunha de mestre nem alunos e funcionava apenas com um funcionário. Não se ensinava na alfaiataria que passou a produzir só trabalhos a pagamento. A tipografia também entrou em crise porque o salesiano, aborrecido com a situação, pediu para ser mudado. A encadernação era praticamente a única onde se fazia discretamente alguma coisa. Estes últimos fatos aconteceram justamente quando se inaugurava o pavilhão para as Escolas Profissionais ao que tudo indica, mal planejado.

«A nova casa, onde há uma mistura de estudantes e aprendizes foi inaugurada em novembro de 1927. No mesmo dia da inauguração falecia de tétano um jovem aprendiz. A casa é grande porém mal dividida, de modo que serve pouco».²⁴

Entretanto, algum tempo após a inauguração do prédio das escolas profissionais, de modo especial com os anos '30, as artes e ofícios começam a apresentar uma nova fisionomia de progresso. O fato deveu-se além da reorganização ambiental, por sinal ainda precária, à leva de pessoal salesiano especializado. Um nutrido grupo de irmãos coadjutores

²³ Supomos que a mecânica começou teoricamente em 1927. Naquele ano os documentos registram a matrícula de 16 alunos. Três anos depois, a crônica afirma que teve início o Curso de mecânica prática. Os professores eram dois engenheiros civis e um bacharel.

²⁴ ASC F545: Crônica Viet.

foi carreado de toda a Inspetoria para a casa de Salvador. Em 1931, eram dez os salesianos leigos na comunidade e no final da década contavam-se nove. Um grande esforço de concentração em vistas à obra social da colina nazarena. O oratório também melhorou com a presença dos mestres salesianos. O Inspetor, Pe. A. Tirelli em um de seus relatórios afirmava entusiasmado que as oficinas baianas eram as melhores da Inspetoria e estavam entre as melhores do país. Mais tarde G. Barra dirá que estão bem equilibradas.²⁵ Uma de suas recomendações era que em todas as oficinas se seguissem os programas detalhados dos vários graus com discriminações teóricas e práticas. A situação provocou efeitos positivos também no aspecto econômico. Pôde-se adquirir novas máquinas para a marcenaria e mecânica (1940). O *Diário de Notícias* na época divulga matéria sobre as atividades do Liceu com os aprendizes.²⁶

A constância porém, durante certos anos, não foi o ponto alto do ensino profissionalizante do Liceu. Os altos e baixos, eram frequentes. Na visita inspetorial de '42 encontram-se várias observações no sentido de um maior desenvolvimento das oficinas. Um delas era que os alunos não fossem dispensados facilmente das aulas. Recomendava-se a propaganda para aumentar a matrícula dos mesmos e o incentivo aos cursos profissionais. Uma insistência especial do Pe. G. Barra dizia respeito à necessidade que os aprendizes tinham de assistirem aulas durante as manhãs²⁷ nas oficinas e à tarde aprendizagem de banda. O Inspetor sublinhava que as escolas profissionais deviam receber todos os trabalhos, inclusive encomendas externas.

5°. Finalmente as oficinas salesianas do Liceu tiveram um ponto definitivo com o pavilhão iniciado pelos salesianos em 1940 e terminado em 45 pela Legião Brasileira de Assistência.

Ao término do prédio foram redimensionadas recebendo alunos da Legião Brasileira de Assistência.

No entanto na marcenaria faltavam cuidados com a conservação das máquinas e uma disposição melhor para que se tornasse realmente uma escola. A encadernação não tinha ordem, nem asseio e faltava cuidado com os tipos e outros materiais. De '42 a '49, há um longo silêncio, não encontramos informações a respeito do número dos alunos, não pertencentes ao convênio com a LBA. Não parece ter havido maiores problemas. Precisamente no final da década, Pe. Francisco Fabbri é convocado

²⁵ ASC F 545: carta Barra-Berruti, 25 de março de 1939.

²⁶ *Diário de Notícias*, Salvador, 15 de julho de 1941.

²⁷ Em 1948, as aulas passaram para o período da tarde.

pelo Palácio do Governo para o exame da possibilidade de uma parte dos móveis oficiais serem confeccionados nas oficinas do Liceu Salesiano. A proposta não foi aceita. A mecânica desativada por algum tempo, voltou a funcionar em setembro de '49, quando o Diretor, por ocasião do Cinquentenário, pede a Turim, como presente, um mecânico.

Na visita do Pe. João Resende Costa o ambiente era outro, tanto que se encontram referências elogiosas à casa e às oficinas.

«Alegrei-me sobremaneira em ver como se fazem todas as práticas de piedade, tanto os Salesianos como os alunos. Apreciei muito as oficinas que são das mais completas que temos no Brasil. Tive mesmo a oportunidade de assistir [...] a inauguração de novas máquinas na tipografia, na alfaiataria, na sapataria, na marcenaria e na mecânica»²⁸

As máquinas (as tipográficas eram alemãs) foram bentas pelo Visitador. Ao ato estavam presentes diversas autoridades entre deputados estaduais, representantes de várias instituições e a Imprensa.²⁹

3. As bruxas continuam

Durante cerca de oito anos,³⁰ de '47 a '55, as Atas das visitas inspetoriais abordam pouquíssimas vezes o tema das escolas, embora os Visitadores extraordinários tenham alguns comentários positivos. O Inspetor Pe. Ladislau Paz afirma laconicamente em 1955, que ao visitar as oficinas não encontrou novidades.³¹ Não se sabe o que acontecia, supõe-se que iam bem. Pe. Miguel D'Aversa elimina em '56, a terceira classe dos estudantes e aprendizes, pois dão muito trabalho e pouco resultado.³² Na última Ata, como Inspetor da Inspetoria S. Luiz Gonzaga, mostrava-se insatisfeito com o andamento das Escolas Profissionais da Bahia. «O Curso profissional preocupa bastante, pois como está os alunos não querem aprender o ofício».³³ Na ocasião decide a separação entre aprendizes e estudantes. Os aprendizes passaram a fazer o curso específico, do terceiro ano ao sexto anos, recebendo no final o diploma respectivo.

²⁸ ACB: Ata da visita de 1952.

²⁹ *Estado da Bahia*, Salvador, 20 de outubro de 1952.

³⁰ De 1947 a 1955.

³¹ ACB: Ata de 22 de agosto de 1955

³² ACB: Ata de 11 de outubro de 1957.

³³ ACB: Ata da visita de 10 de outubro de 1958.

Pe. Agenor Vieira Pontes assume a Inspetoria em 1957 quando foi dividida. A parte Norte, Inspetoria Missionária da Amazônia ficou com a coordenação do Pe. Miguel D'Aversa. O novo Inspetor, Pe. Agenor Vieira Pontes, metuculoso e onipresente deixa na primeira visita à Bahia uma série de normas sobre as escolas profissionais.

Reclama de modo especial do ecônomo, que segundo ele deve dar mais atenção às oficinas. Com efeito, o material encontrava-se abandonado e amontoado ao lado da marcenaria. Devia ser *lixado, lubrificado e engraxado*. Protegido contra o pó e as goteiras, até à *próxima oportunidade de uso ou de outra aplicação*. A tipografia precisava de novos tipos, os cavaletes deviam ser reparados e conservados, as caixas colocadas em seus devidos lugares. Ao lermos os relatórios, impressiona o desleixo que havia. Parece que nada tinha dono, embora os coadjutores de '56 a '59, tenham sido sempre em número de quatro em cada ano. A própria obra passava por sérias dificuldades.

«O Colégio em geral está em decadência com respeito ao número de alunos, mas isto depende sobretudo dos superiores. A Escola profissional está bastante abandonada: atualmente apenas uns sessenta alunos, quando há pouco tempo eram mais de cem. O Oratório festivo não funciona por falta de pátio, pois este está sempre ocupado pelos alunos internos. O Colégio há muitos anos, possuía um grande terreno, mas pouco a pouco foi sendo vendido. Pe. Rota, ... dizia que aquele terreno seria para a Escola profissional, o Oratório festivo e Escola primária para os meninos pobres daquele bairro. Conseqüência: não se pode desenvolver a Escola profissional, não há Oratório festivo e sente-se a falta da Escola elementar... não há mais lugar...».³⁴

Um dos relatórios inspetoriais (1962) afirma que «as oficinas estão em estado de impraticabilidade. Devem ser vendidas as peças que existem e apenas reaparelhar a Arte Gráfica». Nas sete existentes, havia apenas 27 alunos. Todo o prédio seria, com a ajuda de um arquiteto, reaproveitado em sua área construída e ociosa. No caso, foi posteriormente convidado o engenheiro Gatto, construtor do prédio da L B A.

Três anos depois, quando havia apenas um coadjutor o Inspetor Geraldo Pompeu de Campos e a comunidade, examinando a problemática das escolas profissionais estabeleceram algumas conclusões.

1. Reduzir as oficinas apenas às artes gráficas.

³⁴ ASC: carta Agenor-Ziggiotti, Recife, 20 de novembro de 1961.

2. Vender ou alugar a marcenaria, a sapataria e a mecânica, pois eram obsoletas e não podiam ser remontadas. O assunto seria levado a apreciação do Conselho Inspetorial.

3. A tipografia seria reaparelhada com o apurado da venda das máquinas antigas.³⁵ De acordo com o novo plano, comprou-se uma Heidelberg, mandando-se uma das linotipos para a Escola do Bongü.³⁶ Os contratos existentes com a sapataria e alfaiataria cessaram de comum acordo em 1968.

Julgamos que alguns dos motivos que tumultuaram as Escolas Profissionais da Bahia foram os seguintes: a) Insuficiência de mestres salesianos e de local apropriado. b) Tratamento diferenciado, um tanto discriminatório entre aprendizes e estudantes, em detrimento daqueles.³⁷ c) Necessidade de maior entendimento e apoio da diretoria do Colégio para com os encarregados das Oficinas. d) Carência de maior sensibilidade por parte da direção do Colégio para com a realidade aprendizes-estudantes.³⁸

4. A novela da Marcenaria

Esta oficina começou a funcionar nos primeiros tempos, pois em 1906 já se tem notícia de sua existência. No entanto os relatórios encontrados começam a registrar números só a partir de '32, quando eram apenas três alunos. No decorrer dos anos, realizou diversas encomendas de importância não só para a casa, mas para a Inspetoria. Entre outros trabalhos assinalamos:

- o coro do Santuário de N. Senhora Auxiliadora (Bahia),
- sessenta carteiras para o estudo dos aspirantes em Recife,
- dezesseis bancos para a Capela dos Aspirantes em Recife,
- vinte e cinco carteiras para o estudantado filosófico de Natal.

Nos anos quarenta entra em crise econômica e disciplinar. O maior número de alunos foi matriculado entre os anos de 1950 a 1957, quan-

³⁵ ACB: Visita do Pe. Pompeu de Campos, Salvador, 26 de agosto de 1968.

³⁶ ACB: Crônica, novembro de 1968.

³⁷ Houve um passeio em que no barco não havia lugar para todos. Os aprendizes foram deixados em casa. Certamente que não de boa vontade.

³⁸ O Visitador Pe. José Reyneri, quando esteve na Bahia em 1945, recomendara «que não devia haver diferença de tratamento, especialmente quanto à alimentação entre estudantes e aprendizes» ASC F 092: Ata da conferência do Pe. José Reyneri, aos Capitulares da casa da Bahia. 13 de novembro de 1945.

do funcionou com bastante regularidade, sobretudo por causa da presença dos mestres salesianos.

O diretor Pe. Jonas Magno Pinto, diante das dificuldades de um gerenciamento eficiente, resolveu alugar a oficina por dois anos. O contrato foi firmado com a firma CIREL/BIMOVEIS.³⁹ O Cinema Nazaré fez também parte do pacote dos alugueis na época.

Na marcenaria havia um batalhão de marceneiros, ao todo 30, dos quais três dormiam no Colégio e um fazia também as refeições. Pe. Luiz Santiago de Araújo renovou o contrato, reduzindo o número de funcionários. Há poucos dados sobre ambos os documentos [o de Jonas e o de Santiago]. Não obstante algumas informações nos dão conta de que não devem ter sido tão interessantes para o Colégio. Feitos sem muito cuidado embora a Crônica diga «consultar-se-á um advogado». O prazo do novo contrato foi de cinco anos, recebendo-se mensalmente NCr\$ 200,00. Os inquilinos continuamente insistiam por outros ambientes, não previstos no acordo.

«Pedem sempre novos quartos além da parte de baixo. Assim, lhes foi cedida, uma sala perto da encadernação. Todo o dormitório antigo dos aprendizes. Uma sala de aulas, onde expõem os móveis, esta porém provisoriamente até março. Estando assim as coisas, tanto o povo, como o administrador apostólico falam e lamentam que o Liceu tenha virado casa comercial».⁴⁰

Além desses problemas havia outros aborrecimentos. Logo após a renovação do contrato de '68, sem que o diretor do Liceu fosse consultado, os cinemas de Salvador exibiram propaganda colorida sobre os móveis da empresa madeireira Cirel, «fabricados nas Oficinas do Liceu Salesiano, Indústria do Liceu Salesiano». O fato era negativo para a Escola que era uma obra de utilidade pública, sem fins lucrativos. Quando se reclamou, a resposta recebida foi que a propaganda já estava feita e não poderia ser retirada sem prejuízo de milhões.⁴¹ Os padres continuaram com a batata quente.

O dormitório dos aprendizes passou a fazer parte dos ambientes usados pelos arrendatários que deveriam pagar mais NCr\$ 100,00. Após dois meses sem nada pagar, o grupo solicitou um outro salão para expo-

³⁹ Pelo que entendemos a Cirel ocupava o salão com as máquinas, enquanto que a Bimóveis as dependências para depósitos e exposições.

⁴⁰ ACB: Parecer sobre aluguel da marcenaria.

⁴¹ ACB: carta Santiago-Pompeu, Salvador, 25 de fevereiro de 1968.

sições. O assunto é levado ao Conselho da Casa que espantosamente se divide meio a meio. Era o cúmulo! O diretor permanece indeciso, mesmo porque verbalmente já havia prometido algo à Bimóveis. Sua preocupação torna-se ainda mais acentuada quanto os arrendatários, possivelmente chantageando, perguntam se os SDB queriam denunciar o contrato. Consulta-se rapidamente o Inspetor, perguntando-se o que se devia fazer (*Quid agendum*). O diretor a esta altura acha que o acordo tinha que ser rescindido. Um dos problemas porém, era que as máquinas da marcenaria pelo fato de serem doações, não poderiam sair do Colégio. Por duas vezes alguns senhores deputados (os Brito) já haviam perguntado por elas.

Um dos diretores da Bimóveis Ronaldo Lago propõe um acordo para deixar a marcenaria. Até o fim de setembro (1968) entregaria os locais, onde segundo ele, havia investido de sete a oito novos milhões de Cruzeiros. Para isso, numa ante visão milenária do pedido de perdão evocado pela «*Tertio Millennio Adveniente*», pede também ele o perdão de uma dívida de oitocentos milhões de Cruzeiros devidos ao Liceu. Caso em setembro ainda não tivesse deixado os ambientes, pagaria o aluguel até novembro, quando deveria transferir-se para um dos bairros da cidade, São Caitano. Aguardava tão somente a instalação da luz elétrica no local que havia adquirido.

A Inspetoria é consultada sobre os termos da proposta do senhor Ronaldo Lago. Responde positivamente, desejando saber se os atrasados seriam pagos com correção monetária caso a firma arrendatária não os quitasse até novembro. Não há respostas à pergunta. O fato é que se passou um ano e o senhor Ronaldo continuava ocupando o imóvel. A esta altura a casa e a Inspetoria concordaram em rescindir de vez o acordo. A Bimóveis retirou-se em 1968.⁴²

A Cirel, por sua vez, deixaria o prédio em 120 dias, levando as máquinas, que seriam pagas parceladamente. Pe. L. Santiago comunica a decisão⁴³, apresentando duas cláusulas:

1. O prazo final seria o dia 30 de julho, dependendo esta data da escritura da rescisória.
2. A Cirel levaria todas as máquinas da marcenaria, pagando mensalmente, em dez prestações, um total de Ncr\$ 6.000,00 pela compra das mesmas.⁴⁴

A parte adversária não se decide pela rescisão amigável do contra-

⁴² ACB: Crônica, novembro de 1968.

⁴³ Na reunião do dia 17 de junho de 1969.

⁴⁴ ACB: Ata da reunião do Conselho da Casa, 17 de junho de 1969.

to. Todos acordam em se proceder judicialmente contra o senhor Antônio da Costa, um dos diretores da empresa. Propõem-se como advogados o Dr. Valdo ou Dr. Câmara ou mesmo ambos. Os padres estavam com pressa, enquanto a Cirel cozinhava o pepino em banho-maria.

Além de queda coice

Um fato veio agravar mais ainda a situação. Um incêndio⁴⁵, provocado ou não, alimentado por um vento forte e um intenso calor, envolveu parte da marcenaria e um dos depósitos onde estavam 300 camas, 200 carteiras, papel da tipografia, cavaletes. Tudo foi danificado ou completamente queimado. Os bombeiros foram chamados, faltando água durante a operação, motivando um coro de vaias dos populares. O tenente Joaquim Nunes, afirmou que no momento da convocação já era tarde. As chamas haviam alcançado proporções enormes. Muitos, impotentes e temerosos, assistiam do vizinho edifício Iafa, à fúria devastadora do sinistro. Outros com baldes, mangueiras, latas e o que tinham em mãos lutavam contra o monstro abrasador e voraz. A *Tribuna da Bahia*, cuja sede estava a cerca de 800 metros do local explicava a seus leitores:

«Há mais de dois anos a Serraria do Liceu está arrendada à firma Antônio Costa Madeireiro Indústria e Comércio. As laterais da Serraria dão para um matagal que é visto por qualquer pessoa que desce a ladeira Dom Bosco ou do campo de futebol do Salesiano. Serrilha, pedaços de madeira e outros detritos jogados nas proximidades foram se acumulando, até que um cigarro aceso, ou outra coisa provocou o incêndio».⁴⁶

Antônio Costa, após o incêndio sentindo-se atingido e esperando tirar proveito da situação, quis passar por vítima diante dos advogados. Na última reunião do ano,⁴⁷ o Conselho da Casa examinou os documentos apresentados pela Cirel, relativos ao Seguro da oficina, constatando que o local atingido pelo fogo não estava incluído na área documentada. Era mais uma esperteza dos homens da firma.

Os profissionais contratados foram os Drs. Magaldi e Nilton Viterbo. Anteriormente haviam se apresentado, propondo assumirem a causa

⁴⁵ Aconteceu em 23 de novembro de 1969.

⁴⁶ *Tribuna da Bahia*. Salvador, 24 de novembro de 1969.

⁴⁷ Em 9 de dezembro de 1969.

por 7.000.000,00 de Cruzeiros Velhos. Ainda em dezembro inicia-se o processo. Pouco menos de um ano depois⁴⁸ o Dr. Nilton Viterbo comunica que a « Cirel Madeireira Antônio Costa» entregará as chaves dentro de dois meses. Não se diz mais nada a respeito da celeuma. Sabe-se porém que o ambiente foi desocupado. Assim terminava mais uma das novelas vividas pelo Liceu.

O aluguel da Marcenaria da Bahia foi uma experiência negativa para os administradores da Inspeção. Todavia, dado que a história é mestra da vida, mas tem poucos discípulos, momentos semelhantes se repetiram, ali mesmo na benemérita obra da Velha Metrôpole soteropolitana. Há quem confunda caridade com condescendência ou entreguismo.

⁴⁸ No dia 22 de outubro de 1970.

Os diretores da Bahia em cem anos – 1900 a 2000



Pe. Domingos Molfino (26/02/1871 a 28/06/1952) foi o primeiro diretor nomeado para o Liceu Salesiano da Bahia. A enfermidade do pai impediu-o de assumir o cargo. O ecônomo Pe. L. Della Valle o substituiu.



Pe. Luiz Della Valle
1900 – 1905



Pe. Clélio Sironi
1906 – 1914



Pe. Pedro Broda
1915 – 1920



Pe. Lourenço Gatti
1921 – 1932



Pe. Pedro Ghislandi
1933 – 1935



Pe. J. Santana
1936 – 1937



Pe. Guido Barra
Fevereiro/março/38



Pe. Antônio Viet
1938 – 1942



Pe. G. Compagnin
1943 - 1948



Pe. F. Fabbri
1949 - 1954



Pe. G. Compagnin
1955 - 1957



Pe. Natal Griglio
1958 - 1959



Pe. Belchior Maia
1960 - 1964



Pe. Jonas M. Pinto
1965 - 1967



Pe. Luiz Santiago
1968 - 1970



Pe. Aguinaldo Lima
1971 - 1976



Pe. Antenor de Andrade
1977 - 1982



Pe. Orsini Nuvens.
1983 - 1987

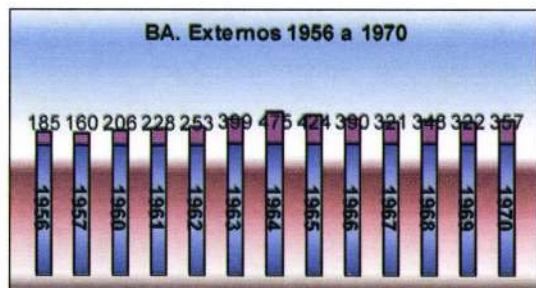
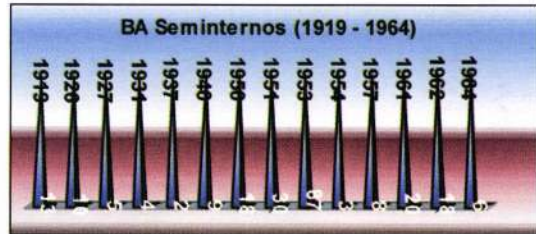
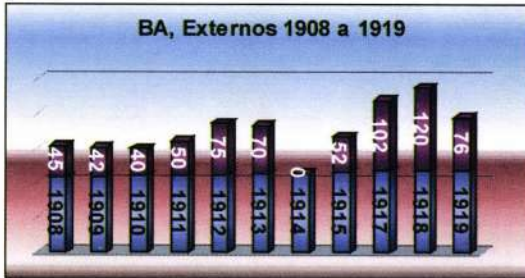


Pe. Antenor de Andrade
1988 - 1993

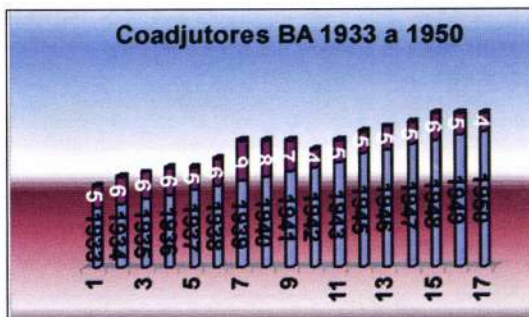
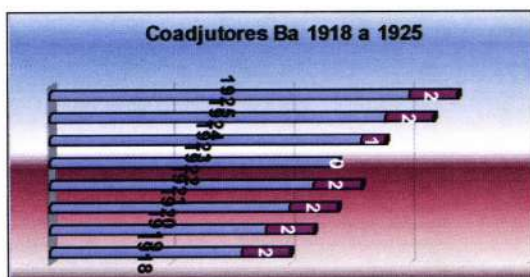
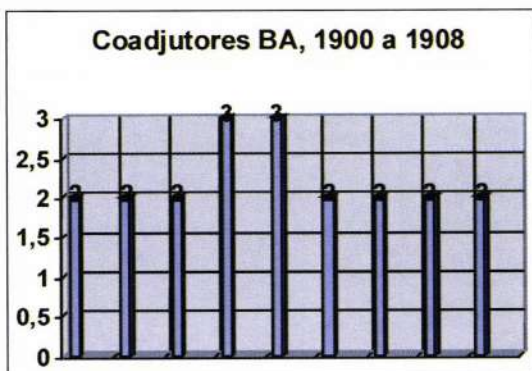


Pe. Aguinaldo Lima
1994.....

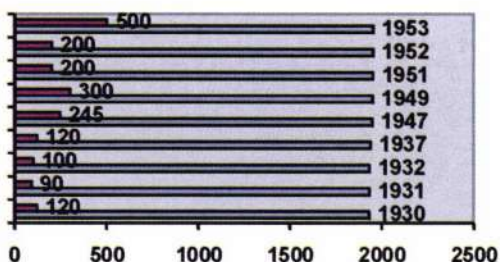
Alunos 1908 a 1970



Irmãos Coadjuutores na Bahia. 1900 a 1970

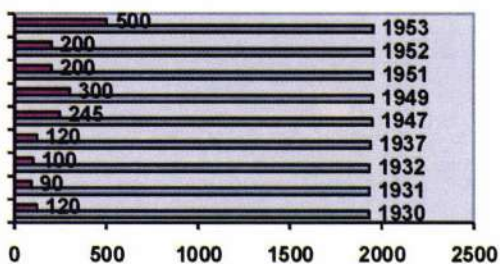


Oratório Bahia 1908 a 1927



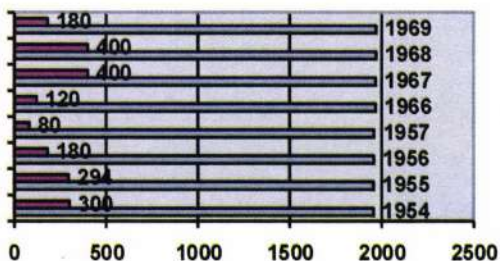
1908	1909	1911	1912	1913	1915	1916	1918	1927
70	80	200	250	150	89	200	80	90

Oratório Bahia 1930 a 1953

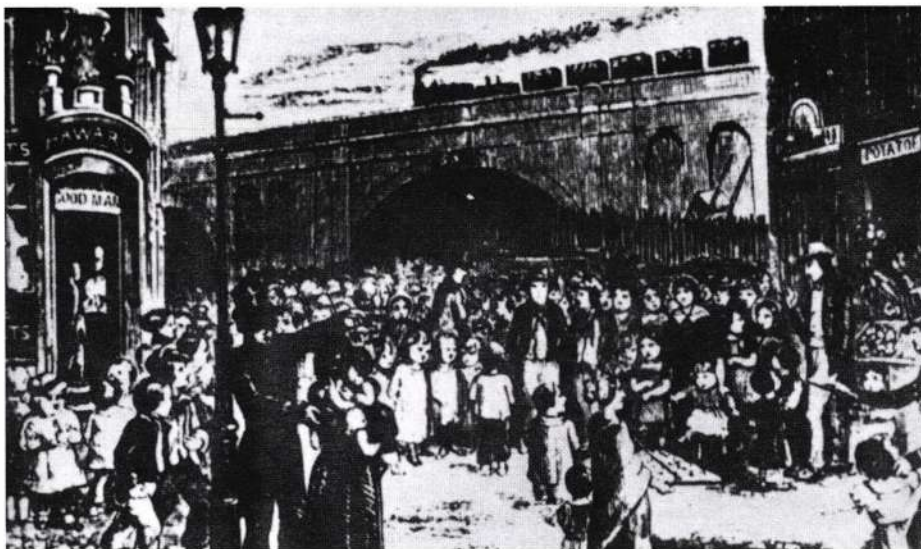


1930	1931	1932	1937	1947	1949	1951	1952	1953
120	90	100	120	245	300	200	200	500

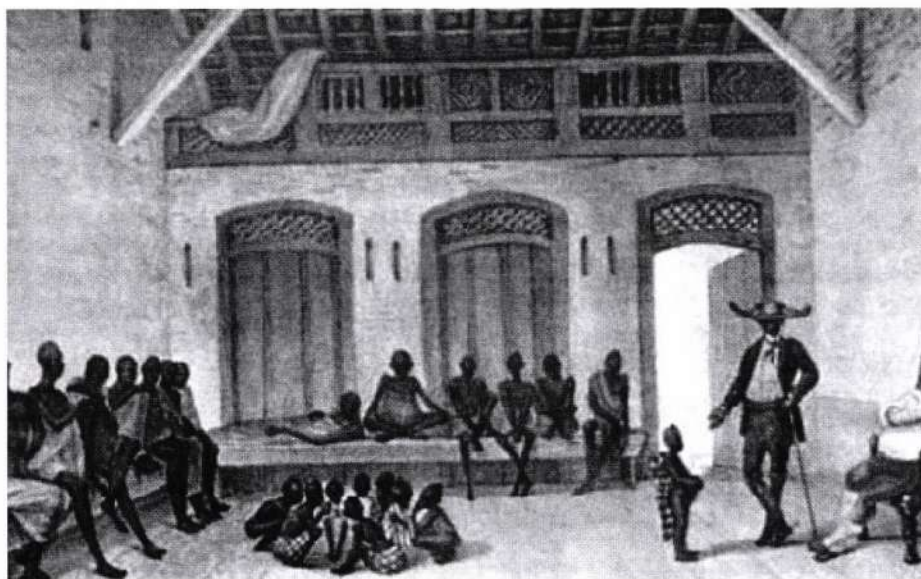
Oratório Bahia 1954 a 1969



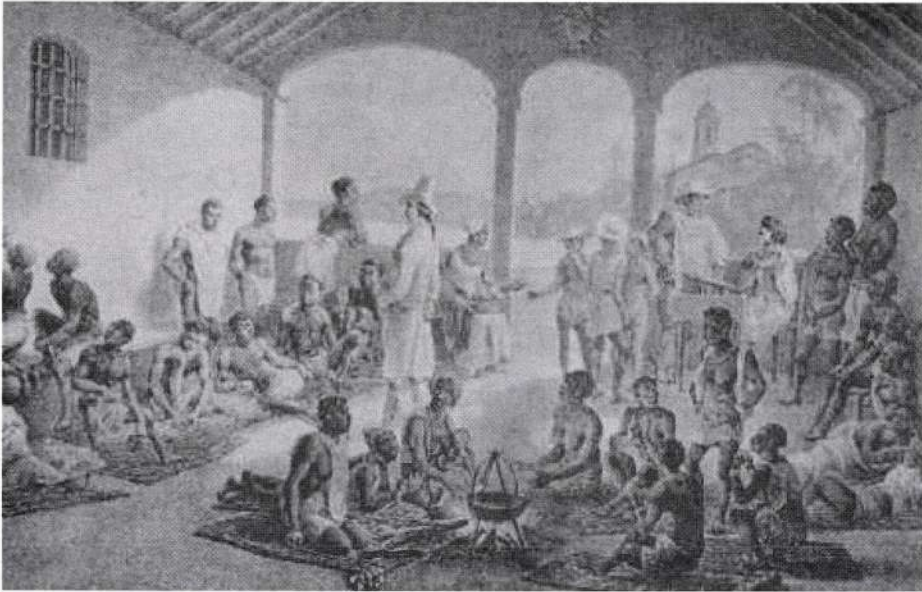
1954	1955	1956	1957	1966	1967	1968	1969	
300	294	180	80	120	400	400	180	



Mercado de crianças em Londres, 1850.



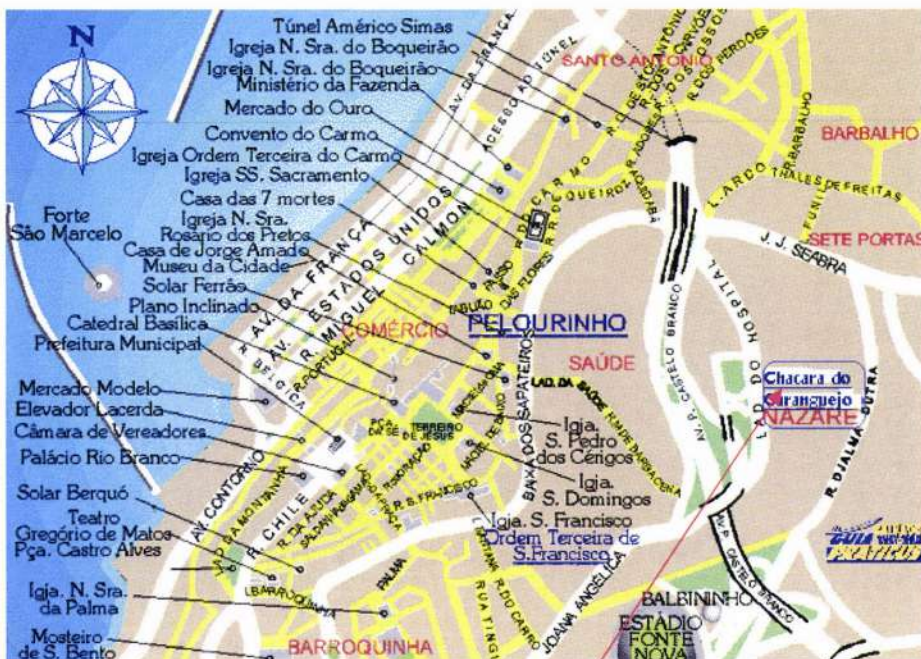
Jovens e crianças mercadejados. Note-se a esqualidez de alguns.



No Rio de Janeiro, Salvador, Recife eram comuns as cenas acima. Uma turista, nada menos que da Inglaterra, a patrocinadora e posteriormente monopolizadora do hediondo tráfico, ao visitar o Brasil perturbou-se com um destes mercados. “Não tínhamos dado 50 passos no Recife, quando ficamos inteiramente perturbados com a primeira impressão de um mercado de escravos. Era a primeira vez que estávamos num país de escravidão, e por mais que os sentimentos sejam penosos e fortes quando imaginamos... não são nada em comparação com a visão tremenda de um mercado de escravos... cerca de 50 jovens criaturas, rapazes e moças, com todas as aparências de moléstia e de penúria, conseqüência de alimentação escassa e do longo isolamento em lugares doentios, estavam sentados e deitados na rua em meio dos mais imundos animais (...) vi uma criança de cerca de dois anos à venda. As comidas estavam agora tão raras que nenhum bocado de alimentação animal tempera a *farinha de mandioca* que é o sustento dos escravos, e mesmo isso, estas pobres crianças com seus ossos salientes e faces escavadas... Vintenas dessas pobres criaturas são vistas em diferentes cantos das ruas com todos os sinais de desespero. E se uma criança tenta arrastar-se por entre eles... a única simpatia que ela pode provocar é um olhar de piedade” (ars. com br/projetos/ibrasil/1997/txtref/lamber.htm).

Alguns vendedores lambuzavam de óleo a pele do escravo, pois alguns de tão doentes mudavam de cor. O comprador examinava-o como se fosse realmente um animal. Passava-lhe o dedo no corpo e lambia, pois podia não ser suor...

“Deus, ò Deus, onde estais que não respondes? Em que mundo, em que astro tu te escondes, embuçado nos Céus”? (Castro Alves, Navio Negreiro).



Liceu Salesiano do Salvador.



Região de Canudos (Bahia, círculo negro) e Juazeiro do Norte (Cariri).



Primeira obra salesiana do Norte do Brasil, inaugurada oficialmente em Pernambuco em 1895. O Dr. Carlos Meneses fala dos trilhos que facilitavam o acesso. A foto é de fevereiro de 1906. O prédio ao fundo é a pensão Almata, demolida no final de 1999. AFR.



Rua Dom Bosco em 1934. Já aparece o busto do Santo e não mais se observam os trilhos. A Calçada está sendo preparada para o plantio de árvores. AFR.



Um ângulo da parte interna do vetusto Solar do Mondego, transformado em Colégio Salesiano de Artes e Ofícios. Ao fundo, do outro lado do pórtico, em parte construída posteriormente, funcionou no primeiro andar, o estudo dos Aspirantes até o ano de 1956.



Alunos e Salesianos do Recife em 1898, tendo ao centro o diretor, Pe. L. Giordano. Os que estão em uniformes brancos são componentes da banda. AFR.



O Vale da Morte lembra o Vale de Josafá. Após o último combate os cadáveres, a céu aberto, ficaram ressecados inundando o local. O odor que os corpos exalavam em decomposição e semi destruídos pelas aves de rapina tornava o ambiente insuportável. Um fazendeiro local juntou seus empregados e sepultou as carniças. Em abril de '99, quando visitávamos o Vale, um professor da região nos dizia que ainda se encontram naqueles carcaças, ossos e botões de fardas militares. (Foto Niva Paixão, abril de 1999).



Lagoa do Cambaio, palco de um dos mais ferozes combates de Canudos. O sangue dos cadáveres, avermelhou a água dando-lhe o nome de lagoa vermelha. (Foto Niva Paixão, abril de 1999).



Escavações mostrando o túmulo de uma criança. (Foto Niva Paixão, abril de 1999).



Trincheira circular. Enquanto um conselheiro carregava a arma, o outro atirava. Acontecia por vezes que um deles era posto fora de combate por uma bala macaca. Imediatamente substituído, os soldados pensavam que o morto havia ressuscitado. Apavorados, fugiam em desabalada carreira pela caatinga sertaneja (Foto Niva Paixão, abril de 1999).



Base do Cruzeiro e local da Igreja erguidos pelo Conselheiro. Entre a árvore e a colina do horizonte coleia silencioso e misterioso o Vaza Barris. A foto mostra o leito seco do lago Cocorobó. Quando cheio não são vistas nenhuma das ruínas. (Foto Niva Paixão, abril de 1999).



Canavial da Escola Agrícola da Thebaida em 1902. À esquerda Pe. Luiz Pasquale[?] e o coadjutor Henrique Valli[?], observam o tamanho de uma cana de açúcar. AFR.



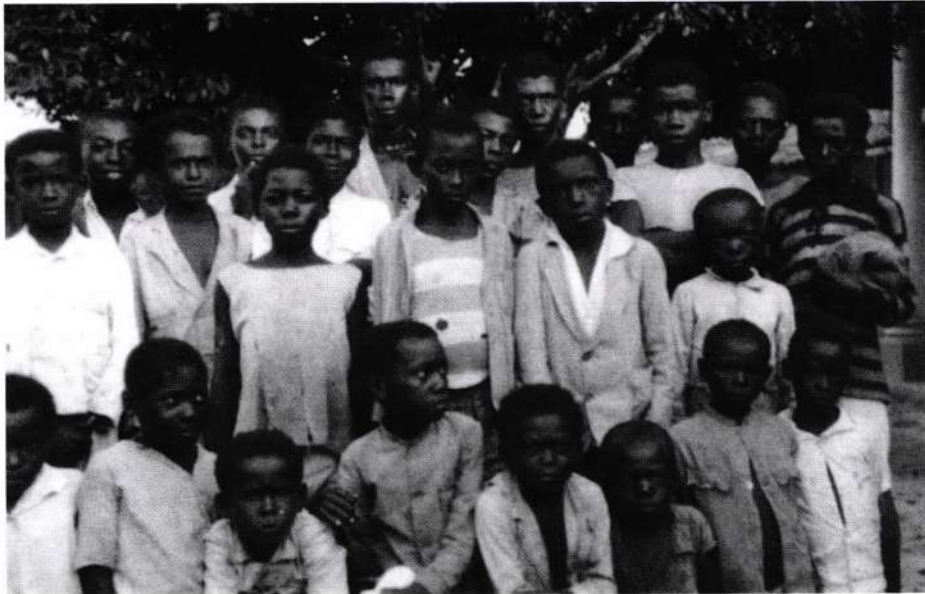
Dona Bebé, ao centro de vestido negro, com um grupo de suas Oratorianas. AFR.



Aracaju, hoje completamente reformado. A área cercada era uma das quadras do Colégio. AFR.



Aracaju Oratorianos "brancos" da Tebaidinha, (1908 – 1909). AFR.



Aracaju Oratorianos "negros" da Tebaidinha,(1908-1909). AFR.



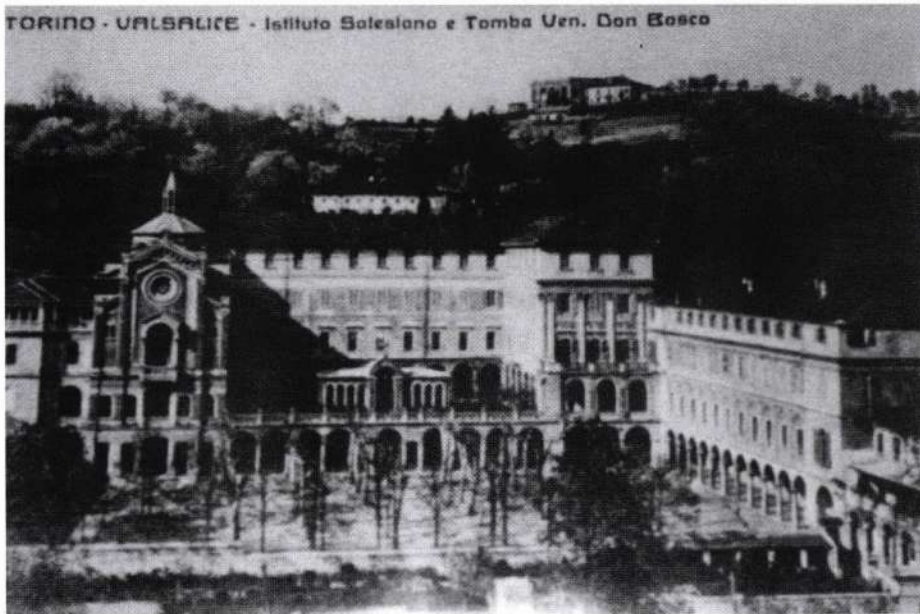
Oratorianas da Bebé. AFR. No centro, de preto, D^a Genésia Fonte. Na extrema direita, Clotilde Ribeiro, do primeiro grupo de oratorianas, que veio a falecer em 1999. De preto ainda à direita, Ceciliana, na casa da qual se iniciou o Oratório. Atrás de D^a Bebé, D^a Aurinha, pianista e fiel companheira. (Informações adquiridas com o prof. Luiz de Oliveira). AFR.



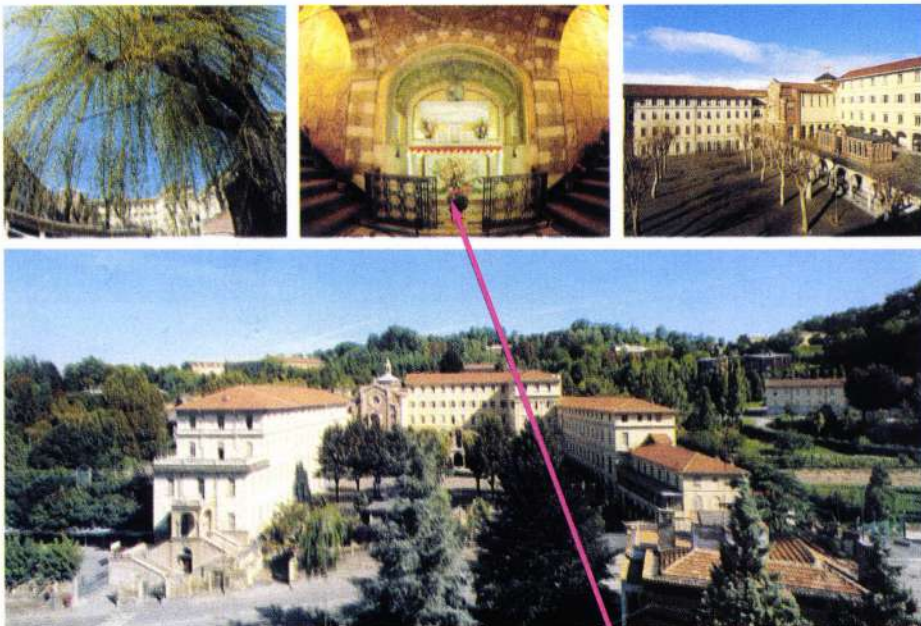
Refeitório. Escola Agrícola São José da Tebaida. ACSA.



Àrea onde se lavavam os pratos. ACSA.



Antigo Colégio de Valsalice e Mausoléu de Dom Bosco.



Em primeiro plano Valsalice moderno. A foto central mostra o local do túmulo de Dom Bosco, até ser transladado para Turim em 1929, época de sua beatificação.



Projeto geral da obra salesiana da Bahia, enviado pelo Pe. Luiz Della Valle ao Pe. Miguel Rua em 1900. AFR.



Visão externa de um ângulo do Solar do Caranguejo, defronte à Praça A. Couto. AFR.



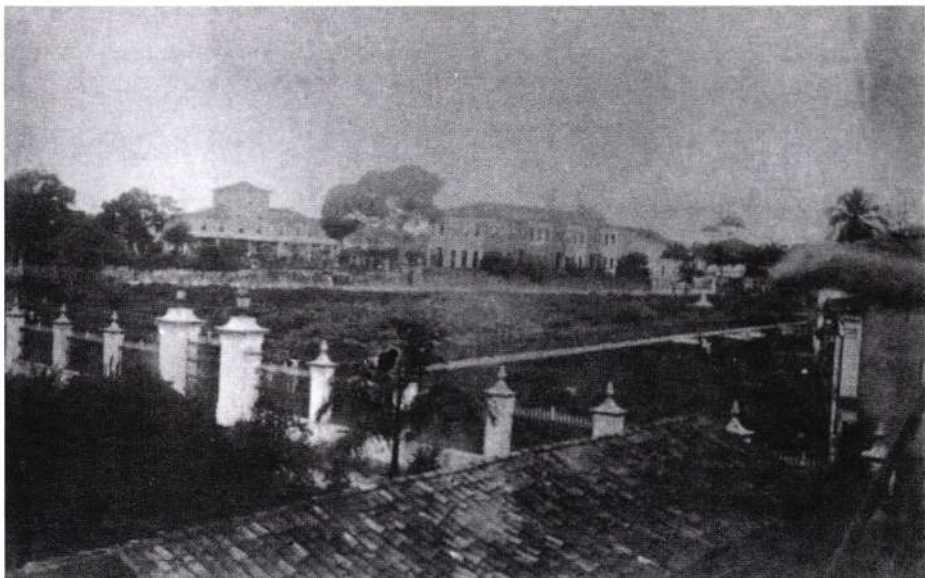
Liceu Salesiano do Salvador. Projeto de reconstrução do novo edifício. Foi apresentado ao Pe. Della Valle em 20 de fevereiro de 1906. ACB.



Prédio de Eugênio Cardoso, 1901. Primeira construção dos SDB da Bahia, a que esteve para desabar. Em 19 de dezembro de 1905 começou a reconstrução. A inauguração marcada para 9 de dezembro do ano seguinte, foi adiada por causa das chuvas. Por solicitação do senhor Arcebispo realizou-se aos 16 daquele mês. AFR.



Pátio interno do Liceu mostrando como era o Colégio Salesiano da Bahia nas duas primeiras décadas do século XX. O Galpão à esquerda é de 1909. A casa à direita é a primitiva mansão J. Joaquim de Pinho. AFR.



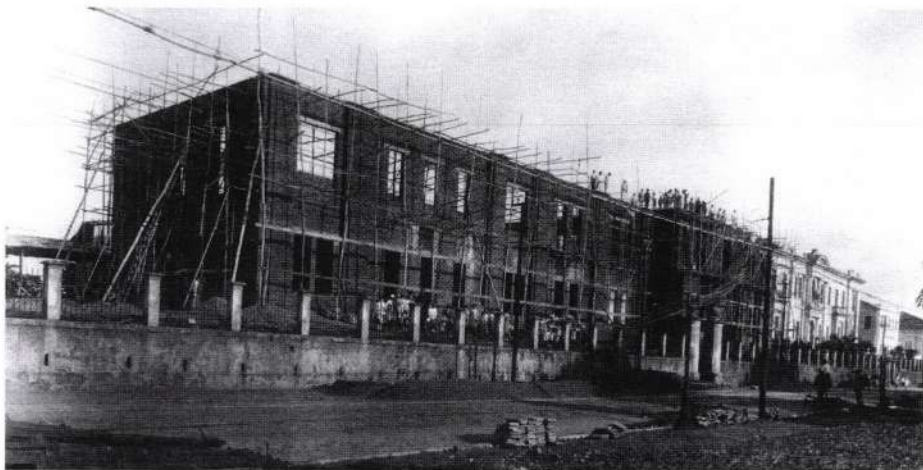
Praça Almeida Couto, Solar J. do Pinho, mangueira e primeiro prédio construído pelos SDB na Bahia. ACB.



Arquiconfraria de Maria Auxiliadora.



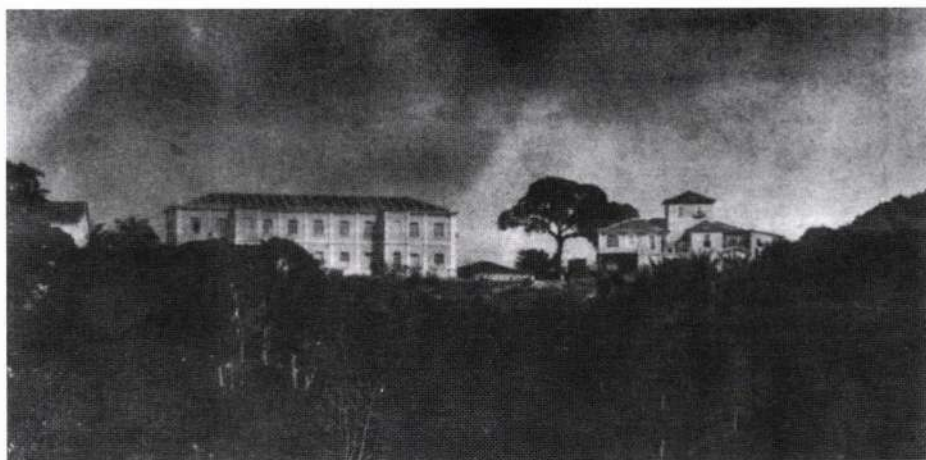
Dom Jerônimo Tomé da Silva e outros benfeitores inauguram o novo prédio, em 16/12/1906. Na fotografia tirada após a Missa, às 9h30 da manhã, na entrada da portaria, estavam presentes as seguintes autoridades, além do Senhor Arcebispo: o Comendador, Bernardo Martins Catharino. O Barão de São Raymundo, José Alves Ferreira. Da. Joana Freitas Leal, mãe de Aurelino Leal, Da. Maria Anna Guimarães e Da. Constância Góes Calmon, todos parainfos da obra. Contavam-se ainda no evento o Intendente, Dr. Araújo Falcão. Dr. Aurelino e Senhora. Dr Sampaio e Da. Rin, (três das famílias mais beneméritas da obra). O Presidente do Tribunal, Dr. Bráulio Xavier. O Presidente das Conferências de São Vicente, Dr. Tibúrcio Suzano Araújo. Os Cônegos Manfredo Alves, Miguel de Lima Valverde e Monsenhor Sólon Pedreira, bem como outros representantes de Ordens e Congregações religiosas e da imprensa da Capital e a professora Da. Amélia Rodrigues. Pe. L. Giordano está à esquerda. Pe. Clélio Sironi já era o Diretor. AFR.



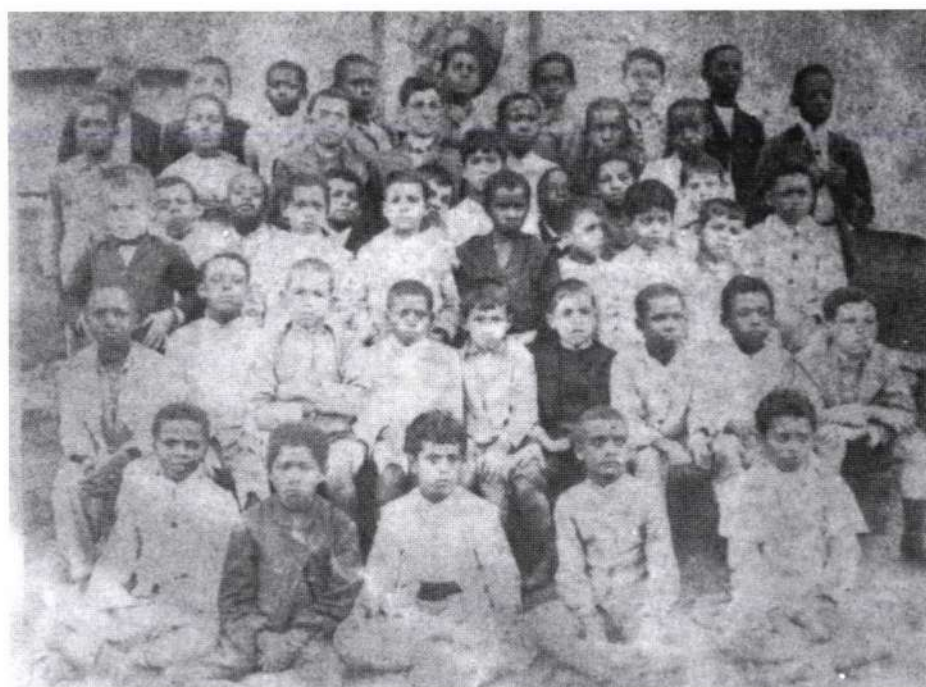
O Liceu continua crescendo. Este é o segundo prédio, inaugurado em 1927. Construído na área em que se encontravam a mansão José de Pinho e a mangueira, cuja sombra acolhia padres e alunos durante o verão. AFR.



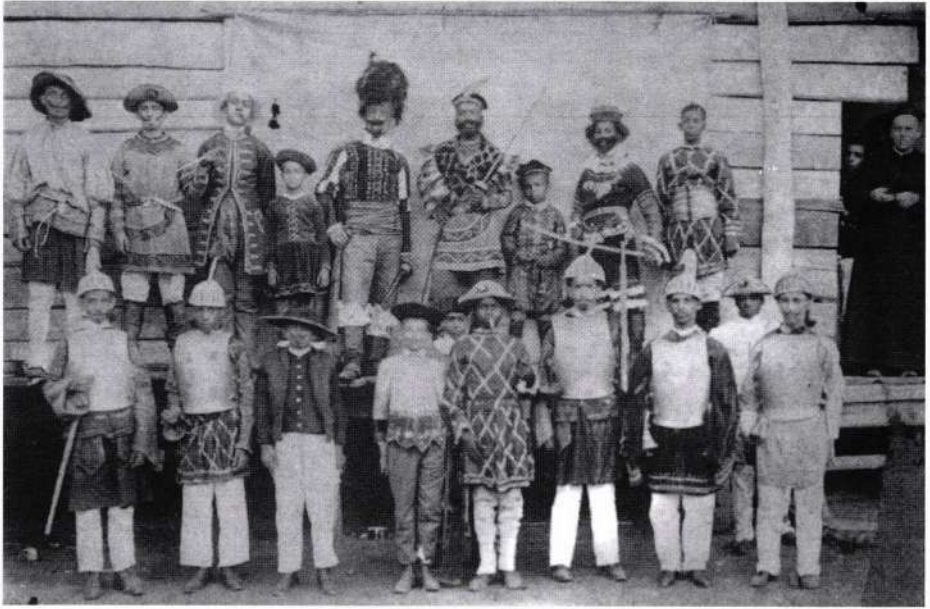
Primeiros meninos órfãos da Guerra de Canudos. Entraram no Colégio em 9 de março de 1900. A crônica fala em seis órfãos. No entanto, segundo esta fotografia e outras indicações, foram realmente cinco. Da esquerda para direita vemos: o diretor, Pe. Luiz Della Valle, Pe. Lourenço Giordano, diretor do Colégio do Recife e fundador do Liceu e o Catequista Pe. Agostinho Zanella. ACB.



Roça dos padres, após 1906, onde funcionou uma incipiente Escola Agrária. A direita observa-se a mangueira, onde Salesianos e alunos conversavam à sua sombra. Foi derrubada em 1923, juntamente com o Solar J. de Pinho. A casa que se encontra à esquerda possivelmente era a que pertencia ao Dr. Alexandre Cerqueira, comprada para os aprendizes. AFR.



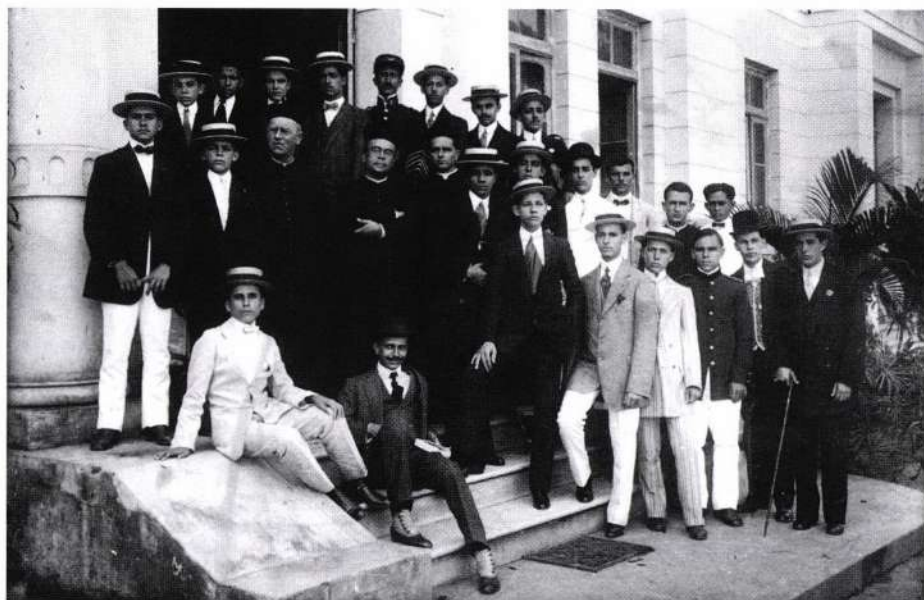
Grupo de órfãos e “ingênuos”. No centro, ao fundo, o quadro de Dom Bosco quase sempre presente nestas ocasiões. ACB.



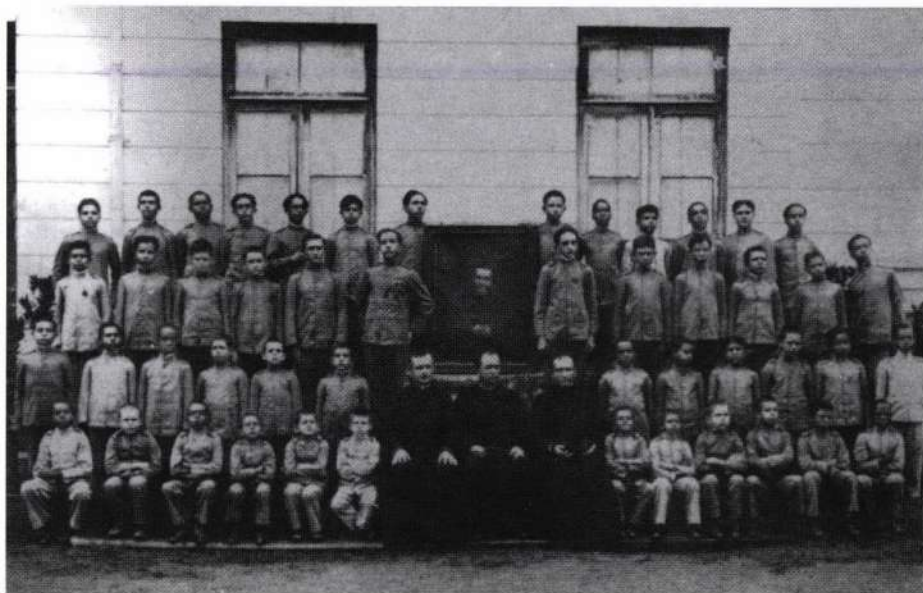
Grupo de comediantes dos primeiros anos do Liceu. Os irmãos coadjutores faziam parte do elenco. ACB.



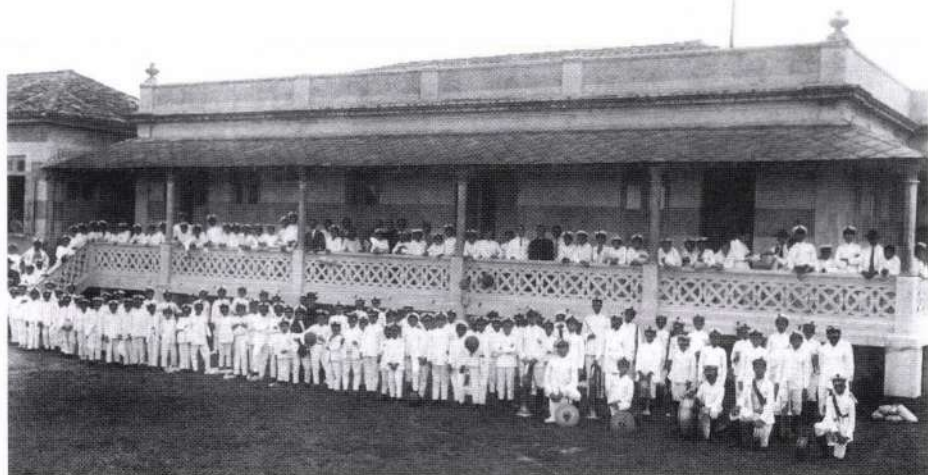
Banda do Liceu com o mestre Coadj. José Maria Furlani e o Pe. L. Giordano. O irmão Furlani chegou da Itália no dia 22 de fevereiro de 1900. Foi chefe dos encadernadores, assistente das Oficinas e cronista da Casa da Bahia em 1905 e 1906. AFR.



Ex-alunos com o Inspetor Pe. L. Giordano, o Visitador Pe. P. Rota e o Diretor Pe. C. Sironi, 1912. ACB.



Grupo de alunos de 1918. Ao centro Pe. Pietrov Broda, à sua direita, o Prefeito Pe. Constantino Zaikowsky, à esquerda, o Conselheiro Inácio Wasilewsky[?]. A farda daqui, usada pelos alunos foi inaugurada em 1918, substituindo o terno escuro. ACB.



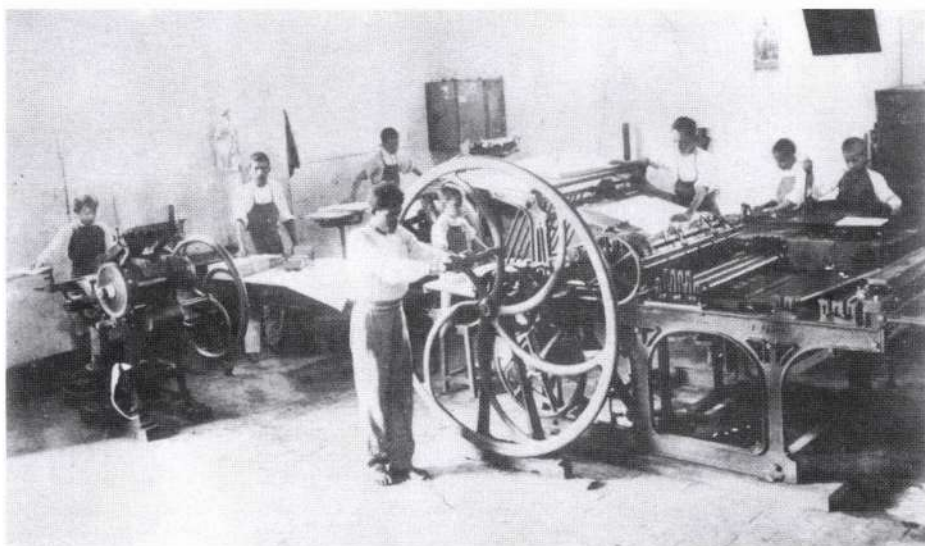
Passeio geral na fazenda do senhor Juventino Silva, em Pituba, outubro de 1925. AFR.



Passeio dos Oratorianos-ACB.



Final do ano escolar de 1925. Pe. Epifânio, Pe. Tirelli, Pe. Gatti e Pe. Moneta. ACB.



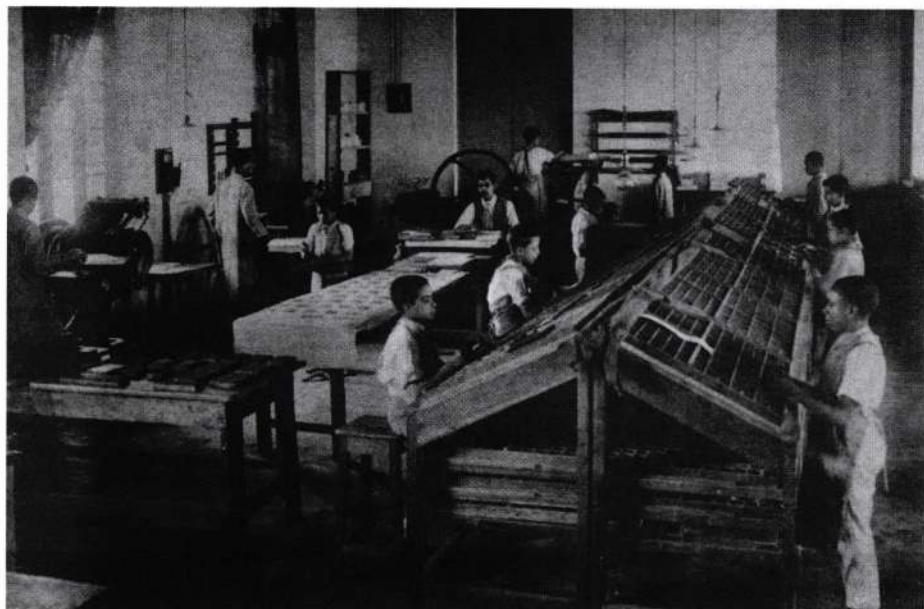
Gráfica do Liceu, quando as máquinas ainda eram movimentadas a braço.
A eletricidade foi inaugurada no Colégio em de junho de 1907.



Sapataria.



Marcenaria.



Composição.

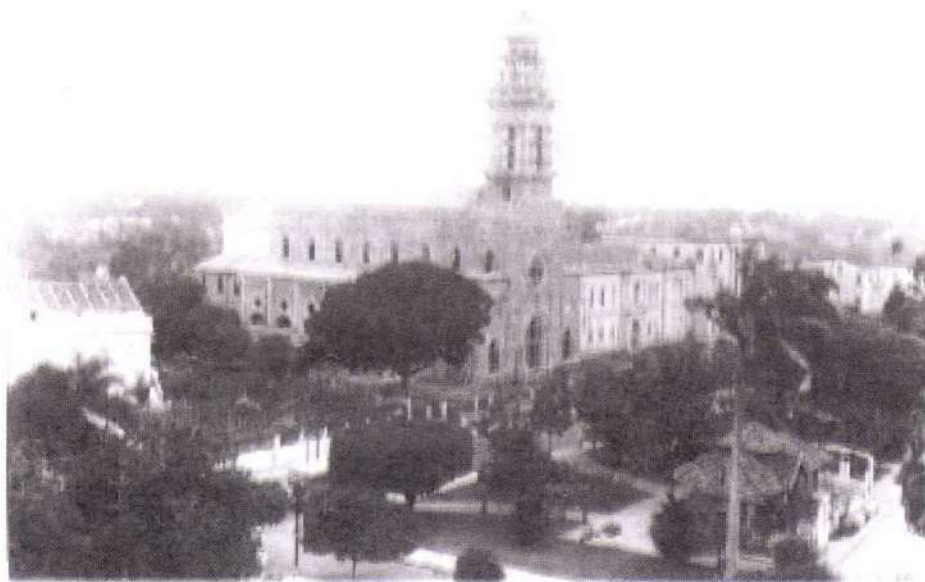


Primeiro piso do prédio continuado pela LBA?

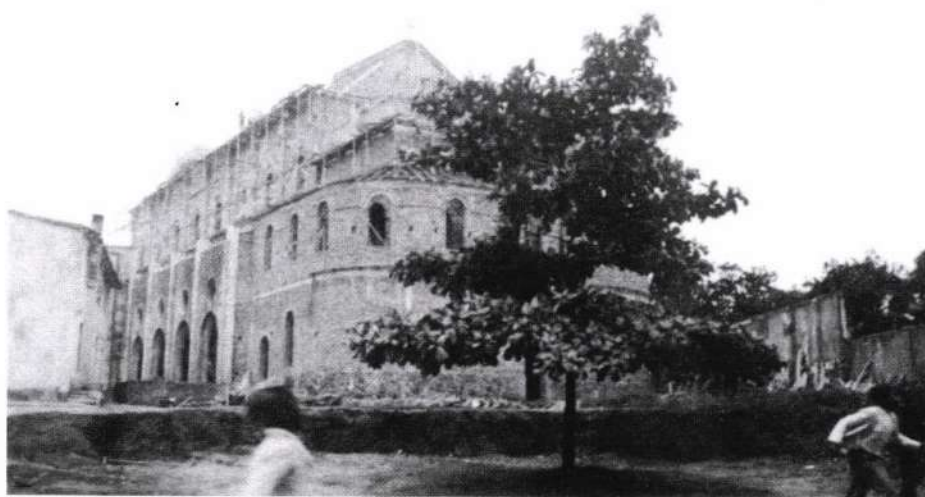


Alfaiataria.

SANTUÁRIO DA BAHIA



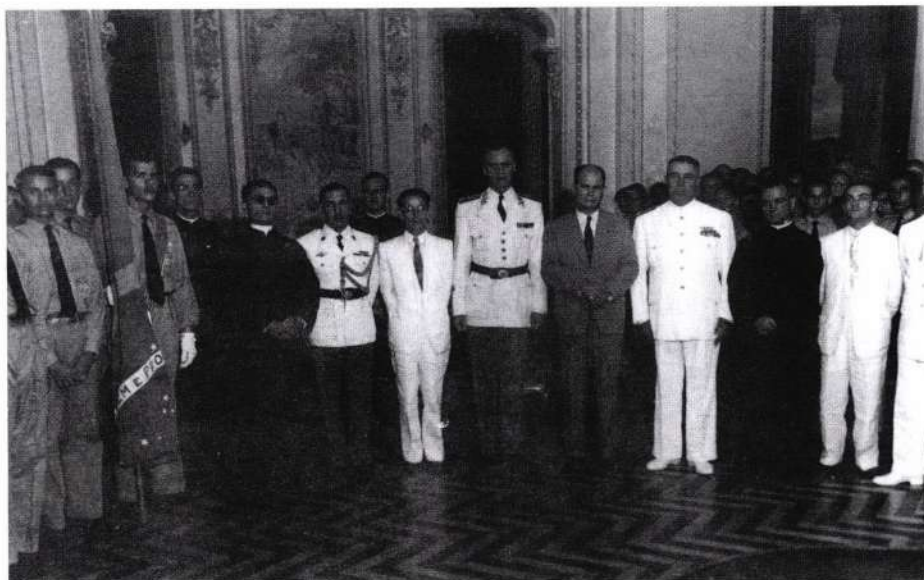
Os andaimes e a torre em construção. AFR.



Santuário em 1931. AFR.



Em 1934, enquanto se ultimam os trabalhos da cobertura o dirigível alemão faz evoluções sobre o bairro de Nazaré, parecendo saudar os operários. AFR.



Novembro de 1949. Alunos homenageiam autoridades políticas e militares: Dr. Carlos Valladares, Governador do Estado, General Juarez Távora, o Comandante da Sexta Região Militar, o Comandante do Segundo Distrito Naval, Pe. Francisco Fabbri, Diretor do Colégio, Pe. Davino (óculos negros) e Luiz Cinciripini. ACB.

CAP. VIII - NOSSA SENHORA AUXILIADORA NA TERRA DE TODOS OS SANTOS

«Não pensava que na Bahia houvesse tanta devoção à Virgem do Venerável Dom Bosco». (Laura Gomes, 1925. Presidente das Damas de N. Sra. Auxiliadora).

1. Os primórdios da devoção a «Auxiliadora dos Cristãos»

Na história da Igreja o culto prestado a Nossa Senhora, sob o título Auxiliadora ou «Auxiliadora dos Cristãos» tem uma longa data. Sua presença poderosa, sob esta invocação, encontra-se de modo especial em três momentos. Uma primeira notícia vem dos tempos da batalha naval entre cristãos e turcos no porto de Lepanto.¹ Na época, uma grande parte da cristandade entrou em regime de orações e sacrifícios, intercedendo pelas forças cristãs. Tratava-se de um encontro entre duas civilizações, a ocidental cristã e a maometana. Com a vitória sobre os turcos, os fiéis de Cristo reconhecem claramente o auxílio prestado pela Auxiliadora dos Cristãos. Em reconhecimento a Igreja colocou na Ladainha de Nossa Senhora a invocação: «Maria Auxilium Christianorum, ora pro nobis» (Maria Auxiliadora dos Cristãos, rogai por nós).

Outra oportunidade em que se percebeu a mão poderosa de Maria aconteceu em 1683 durante o assédio a Viena. A vitória retumbante dos devotos da Auxiliadora foi vista por todos como uma ajuda celeste. Depois daqueles acontecimentos funda-se a primeira Arquiconfraria sob a proteção da Virgem Auxiliadora. Ainda na Europa registra-se a 24 de maio de 1814, um acontecimento no qual se tem como certa a intervenção poderosa da Mãe de Deus. Trata-se da liberação e retorno triunfal do Papa Pio VII a Roma. Sua Santidade tinha sido aprisionado por Napoleão.

¹ Cidade e porto grego na costa setentrional do estreito que divide o golfo de Patrasso e o de Corinto. Tornou-se famosa na História da Igreja, após a batalha entre as armadas cristãs e as forças turcas, acontecida em 7 de outubro de 1571.

2. Primeira coroação de Nossa Senhora Auxiliadora na Bahia

Lemos nas Crônicas de Salvador que a primeira coroação de N. Senhora Auxiliadora realizada no Norte do país, aconteceu na festa de 29 de setembro de 1918. Naquela ocasião comemorava-se a consagração do templo dedicado por Dom Bosco à Auxiliadora em Turim, bem como os cinquenta anos da ordenação sacerdotal do Pe. Paulo Álbera, então Superior Geral dos Salesianos. À festa estavam presentes alunos de diversos colégios e numerosas autoridades. Após a coroação iniciou-se a caminhada pelas ruas do bairro, passando em frente do Hospital S. Isabel e continuando até ao Campo dos Mártires (região do Fórum Rui Barbosa). O andor foi transportado entre outros pelo Presidente do Tribunal de Apelação, Dr. Braulio Xavier e pelo Secretário da Agricultura, Dr. Pedreira Franco. O governador, Antonio Muniz de Aragão (1916-1920) e o Secretário de polícia seguiram até ao Campo dos Mártires.

Durante o dia três bandas participaram das homenagens prestadas a Nossa Senhora: a banda do Exército, a da Polícia e a do Salesiano. O general Emídio Ramalho parainfou a festa, juntamente com o governador. Uma das recomendações do Inspetor foi no sentido de que a festa de Nossa Senhora não apenas se revestisse de um aparato solene e brilhante, mas fosse o princípio de uma nova fase na devoção à Mãe de Deus.²

3. A Arquiconfraria dos devotos de Maria Auxiliadora na Bahia

A entidade foi um dos instrumentos de que os SDB se serviram para difundirem a devoção a N. S. Auxiliadora. Conhecida também com o nome de Associação de N. S. Auxiliadora, instalou-se na Bahia aos 19 de agosto de 1906.³ Tinha por objetivos os seguintes pontos: a) Trabalhar para desenvolver na capital e no interior a devoção a N. Sra. Auxiliadora. b) Difundir e estudar o catecismo com as crianças pobres. c) Propagar a comunhão freqüente e quotidiana. d) Esforçar-se para em breve dar início à construção do futuro Santuário de N. Sra. Auxiliadora.

² ACB: *Visite Ispettorale, 1918*.

³ ASC A 994: *Resumo histórico da Associação de N. Sra. Auxiliadora e da Construção de seu Santuário na Bahia*, p. I. (Folhas datilografadas). *Jornal Bahia*, Salvador, 4 de agosto de 1906. BS 6 (1907) 829.

«Efetuou-se ontem, solene e brilhantemente, a instalação da Associação das Damas de Maria Auxiliadora, criada nesta capital com o nobilíssimo fim de concorrer para a educação dos órfãos e das crianças desvalidas, tratando de adquirir meios para o desenvolvimento e progresso do Liceu Salesiano do Salvador».⁴

Na ocasião estavam presentes um grande número de autoridades religiosas, políticas e militares, bem como representantes do *Diário de Notícias*, *Jornal de Notícias* e *A Bahia*. O presidente da sessão Mons. Manfredo Alves de Lima em seu discurso desenvolveu o tema sobre caridade e a proteção que se deve prestar às crianças desamparadas. A professora Amélia Rodrigues pronunciou uma palestra abordando o papel da mulher cristã na sociedade, «sua vocação para o bem, auxiliando, concorrendo para todas as obras de caridade».⁵ No dia em que se instalou a Confraria, mais de duzentas senhoras receberam a fita de associadas. O Boletim Salesiano, descrevendo as festividades a Nossa Senhora realizadas nas obras salesianas das três Américas, comenta as atividades das Damas.

«Na Bahia, graças, ao zelo do Comitê das Damas de Maria Auxiliadora, a festa assumiu a grandeza de um inesperado triunfo»... «Na Bahia no Brasil, a intervenção do eleito Comitê das Damas de M. Auxiliadora e do Arcebispo Primaz, deram como sempre, um brilho particular à solemnidade, celebrada na elegante capela do novo Instituto do Santíssimo Salvador, inaugurado recentemente».⁶

Em diversos outros momentos a revista salesiana refere-se às Damas do Colégio da Bahia.

A primeira presidenta das Damas de Maria Auxiliadora ou Associação de Nossa S. Auxiliadora foi Da. Constância Góes Calmon, a secretária Da. Amélia Rodrigues. Há um longo período de silêncio sobre as atividades do grupo, o mesmo acontecendo, quanto à sucessão dos coordenadores ou diretores.⁷ No início o Assistente espiritual era nor-

⁴ CDB: *RSC* 3 (1906) 40. A mesma Revista publicará uma notícia sobre a fundação da *Liga das Senhoras Bahianas*. Tratava-se de uma agremiação paralela à Arquiconfraria, mesmo porque sua finalidade era um pouco diferente: «A 1º de novembro último fundou-se na Bahia, com o intuito patriótico e nobre de cooperar para o resurgimento moral e religioso da sociedade, a *Liga das Senhoras Bahianas*» (CDB: *RSC* 10 (1909) 134).

⁵ CDB: *RSC* 3 (1906) 42.

⁶ BS outubro (1908) 311, 312.

malmente o diretor do colégio. Durante alguns anos sua história foi um tanto tumultuada e desorganizada, chegando pelos idos de 1917, a praticamente não existir.⁸

Em 1918, com a presença de Pe. J. Solari começa um novo período de atividades. Numa reunião em 24 de abril daquele ano, foram distribuídas cerca de 100 fitas às novas associadas. Nesta fase a Associação das Damas paulatinamente se organiza e irá trabalhar muito, pensando na futura construção do Santuário de N. Senhora Auxiliadora, cuja pedra angular foi lançada em 1º de setembro de 1929. Pe. J. Solari é substituído pelo Pe. Estanislau Tychner, que convoca eleições para a escolha da primeira diretoria.⁹ A ata da eleição da nova diretoria registrou os nomes das escolhidas: Presidente: Isidora Lustosa Texeira de Freitas. Secretária: Da. Laura da Costa Rio. Tesoureira: Maria Lustosa de Sousa. Conselheira: Maria Leonor Rio.

As Damas fundaram centros de difusão da devoção a N. Sra. Auxiliadora não apenas em Salvador mas nas cidades de S. Amaro, Pedrão, Vila de S. Francisco, Alagoinhas, Jacuipe, S. Antônio de Jesus e até em Ilhéus. O centro da Capital, incluindo as falecidas, chegou a ter mais de 3000 sócias e 49 zeladoras.

No final do ano fazia-se a premiação às crianças que mais se sobressaíam pelo bom aproveitamento nas aulas de catequese. Distribuíam-se calçados, roupas e brinquedos. O catecismo, sempre às quintas-feiras chegou a acolher cerca de 300 meninas. Era o oratório feminino do Liceu, cuidado pelas Damas da Auxiliadora, cuja época mais ativa foi a partir de 1922 com a coordenação do Pe. Joaquim Santana. Houve certos problemas na continuação da atividade, motivados pelo grande número de meninas que vinham participar do catecismo.

Não havia meios financeiros suficientes para as premiações. Alguém chegou mesmo a sugerir a suspensão do movimento para se esperar tempos melhores e as mudanças de ordem internas. Com a intervenção e responsabilidade do diretor do colégio as senhoras continuaram o trabalho da catequese com as meninas.

⁷ Alguns de seus Diretores: Pe. Clélio Sironi 1906. Pe. José Solari 1918. Pe. Estanislau Tychner 1922. Pe. José J. Santana 1923-1938. Pe. Nestor Alencar 1939. Pe. Antônio Viet 1940. Pe. Epifânio Borges 1942. Pe. Noé Gualberto de Lima 1943-1944. Pe. Manoel Nazareno de Araújo 1945. Pe. Álvaro Lustosa 1946. Pe. Davino Ferreira 1949-1950. Pe. Luiz Cinciripini 1951.

⁸ ASC A 994: *Resumo histórico da Associação...*, 1924, p. II.

⁹ 23 de abril de 1922.

«O Diretor pediu e rogou que, sob sua imediata responsabilidade, propondo-se até de auxiliar materialmente na época da premiação, se continuasse a prestar esse grande bem, que há seis anos se vai fazendo a tanta juventude pobre e abandonada».¹⁰

As reuniões das Senhoras aconteceram durante certo tempo no 4º Domingo de cada mês. Fazia-se leitura espiritual comentada ou uma conferência. Lia-se a ata anterior, programavam-se as festas, escolhiam-se as zeladoras para cada altar da capela e mais tarde para o santuário. O encontro finalizava com a bênção do Santíssimo Sacramento.

Mensalmente faziam um retiro, onde se marcava um objetivo espiritual a ser cumprido durante o mês. Para maior facilidade na divulgação do nome de N. Sra. Auxiliadora fundaram-se outras entidades marianas, espécie de filiais. Citam-se: a) *A Associação da Arquiconfraria de N. Senhora Auxiliadora*, Secção dos homens. O grupo, conhecido por «Associação dos homens», começou em 30 de novembro de 1924. Dois anos após a fundação contavam-se mais de 100 sócios. Na ocasião o grupo separa-se da secção feminina. Nos Relatórios de 1925 a 1931 a presidente da Arquiconfraria Feminina faz diversos elogios ao grupo.

«É edificante o belíssimo espetáculo de vê-los freqüentarem todos os primeiros domingos do mês a missa, a comunhão e a reunião à tarde..., católicos fervorosos e grandes devotos de N. Sra. Auxiliadora».¹¹

b) *A Associação dos Devotos de Maria Auxiliadora*, fundada em 24 de março de 1946. c) *As Cecilianas*. Nada mais se diz sobre este grupo, a não ser após a inauguração do Santuário, quando por duas vezes seu coral canta a Missa. O sacristão empossado naquele março pelo Pe. Álvaro Lustosa, chamava-se curiosamente Cecílio Cantarelli. d) *Os Cavaleiros de Maria*. No dia 16 de julho de 1948 estes senhores fizeram a primeira reunião do grupo.

As Damas primavam pela organização das festas, em especial a de N. Sra. Auxiliadora. Sempre presentes em ocasiões especiais como as festas de S. Francisco de Sales, S. José e S. Luiz Gonzaga. Como o escol da sociedade baiana fazia parte do grupo das Damas, as suas festas em benefício do Liceu tinham sempre a presença de representantes não só do

¹⁰ ACB: *Relatório da Arquiconfraria de N. Sra. Auxiliadora «sessão femenina»* (sic) de julho de 1928 a julho de 1929.

¹¹ Ibid.

clero, mas do governo do Estado, das Forças Armadas, da Magistratura. Um dos momentos mais celebrados foi o 24 de maio de 1926, quando uma enorme multidão ouviu silente e devota, a homilia de D. Augusto Álvaro da Silva, «monumental peça, uma das melhores produzidas na Bahia». Dizia o Primaz emocionado «é alguma porção da minha enorme dívida que vou pagando a N. Senhora Auxiliadora».¹²

A escola de canto, formada por associadas e zeladoras dava uma tonalidade especial às Missas, muito concorridas. Havia um mestre de harmônio e cantos que em 1925 passou a receber uma gratificação de 15\$000 mensais. O objetivo da ajuda era estimulá-lo a um maior desempenho na preparação das funções da Igreja. O fato aconteceu dado o entusiasmo das Damas que observavam admiradas o grande número de fiéis e devotos de Nossa Senhora participarem das liturgias.

Nos dias 24 de maio, a Capelinha ficava repleta, das quatro da tarde às 10 da noite. Dona Laura Gomes no Relatório de 1925/26, escrevia: «não pensava que na Bahia houvesse tanta devoção à Virgem do Venerável Dom Bosco». Pe. Rota exclamava: «A Bahia prima pela devoção a N. Sra. Auxiliadora».¹³ Um dos relatórios das Damas (1927) afirmava que a devoção a N. Sra. Auxiliadora na Bahia é uma realidade que ninguém pode negar. A ela recorrem jovens e anciãos, os poderosos e os destituídos de fortuna. Seus devotos continuam crescendo não só em Salvador, mas em diversos centros do interior. A Arquiconfraria foi chamada pela presidenta Laura Gomes de a *Primogênita de Maria Auxiliadora*, «porque há quase 25 anos auxilia as obras do bem-aventurado¹⁴ D. Bosco e propaga a devoção a N. Sra. Auxiliadora».¹⁵

4. Um Santuário mariano na Bahia

A igreja não comportava tanta gente e o calor tornava insuportável a participação nas funções. Internos, externos, oratorianos e fiéis acotovelavam-se e transpiravam desconfortavelmente. Diante do fato Pe. Ambrosio Tirelli fala da necessidade de se iniciar a construção de um Santuário. Dom A. Augusto confirmava e reforçava o pensamento

¹² Ibid., junho de 1926 a junho de 1927.

¹³ Ibid.

¹⁴ A senhora Laura Gomes neste relatório de 1926, usa o termo *bem-aventurado*. D. Bosco foi beatificado em 1929.

¹⁵ ACB: *Relatório da Archiconfraria...*, 1926-1927.

¹⁶ ASC A 994: *Resumo Histórico da Associação...*, p. II.

do Inspetor. Em outubro de 1924,¹⁶ Pe. J. Santana já se acha com coragem de fazer o lançamento da pedra inicial do templo. Suas dimensões teriam 44 m x 22 m com uma torre de 44 metros de altura. Pe. A. Tirelli escreve alguns meses depois:

«A Capela de N. Senhora Auxiliadora já é demasiadamente pequena para a devoção tão grande que a Bahia tributa à excelsa Auxiliadora dos Cristãos».¹⁷

Pe. J. Santana escreve pelo menos duas vezes ao Reitor Maior, Pe. Pedro Ricaldone, abordando a premência reconhecida por todos, de se edificar um Santuário a N. Senhora Auxiliadora. Acrescenta que além do bem espiritual que produzirá nos fiéis, será também uma fonte de renda que ajudará na educação dos meninos pobres. Lembra que os franciscanos mantêm uma comunidade com mais de 100 frades, um colégio em S. Cristóvão (Sergipe), um noviciado na Bahia e na Alemanha uma grande Escola Apostólica. O mesmo acontecia com capuchinhos e beneditinos. Todas estas atividades contavam com recursos da Igreja.

Na época (1929) Pe. J. Santana, confessor e diretor das Damas de N. Senhora Auxiliadora, já havia conseguido quase 30 contos de réis para o lançamento da primeira pedra. No entanto, sentia-se ressentido, pois a importância conseguida com dificuldade teve que ser, por ordem do Inspetor, entregue ao diretor para pagar as despesas da casa. Acha que jamais receberá de volta, pois Pe. L. Gatti não terá condições de reembolsar. Outros 20 contos são conseguidos como trabalho das Damas. O diretor os pede emprestados e Santana comenta:

«Certamente terão a mesma sorte. Não acho justo nem legal ... [ilegível] jamais aconselharei as senhoras que com tanto empenho e boa vontade recolheram esse dinheiro para um fim dado particular, seja desvirtuado e destinado aos pagamentos de dívidas da casa, dívidas aliás contrahidas sem critério e prudência».¹⁸

Diante das dificuldades econômicas do Colégio, o diretor está querendo protelar o início da construção, cuja pedra inicial pretendia-se lançar durante o tríduo de Dom Bosco, 4, 5 e 6 de setembro de 1929. Pensava-se que ao se iniciar os trabalhos apareceriam as dádivas.

¹⁷ ASC F 091: carta Tirelli-Vespignani, Bahia, 11 de julho de 1926.

¹⁸ ASC F 092: carta Santana-Ricaldone, Bahia, 9 de julho de 1929.

5. A Arquiconfraria e o Santuário

As Damas intensificam as atividades, em forma de campanhas, orações e aumento do número das associadas. Quase que não se pensa em outra coisa, a não ser no início e no término das obras.

«Contamos iniciar as obras do Santuário e não parar, senão quando a Virgem N. Sra. Auxiliadora, com desusadas festas e entusiasmo religioso será solenemente transportada de sua humilde Capelinha para o seu trono de realza no Altar Mor do seu artístico e grandioso Santuário. Não haja esmorecimentos, não haja má vontade, não haja pensamento estranho a esse comum desejo, mas tudo se conjugue nesta única aspiração: edificar na Bahia um magnífico Santuário a N. Sra. Auxiliadora».¹⁹

O diretor do colégio, Pe. Lourenço Gatti promete²⁰ iniciar a construção. Todos se sentem animados. Uma das campanhas aprovadas pela diretoria das Senhoras consistiu na doação de uma importância correspondente a um metro cúbico de construção, 250\$000. Até mesmo as pessoas menos aquinhoadas teriam condição de oferecer. A idéia deste óbolo foi do Visitador Pe. José Vespignagni,²¹ quando de sua visita a Salvador.²² Foi ele quem prometeu e mandou de Buenos Aires o projeto da obra, feito pelo seu irmão, o arquiteto padre Ernesto Vespignani (Lugo 1861 - Buenos Aires, 1925).

No dia primeiro de setembro de 1929, Dom A. Álvaro da Silva é convidado para benzer a pedra fundamental. Presentes Dom Antônio Malan, bispo de Petrolina, autoridades religiosas e civis, bem como os representantes do Governador e do Prefeito. Ato contínuo, inicia-se a

¹⁹ ACB: *Relatório da Arquiconfraria...*, 1928-1929.

²⁰ Em 29 de julho de 1928.

²¹ Nasceu em Lugo, Itália aos 2 de janeiro de 1854 e faleceu aos 15 de janeiro de 1932. Fez parte da terceira expedição missionária da América, como mestre de Novícios, sendo posteriormente Inspetor das Casas da América. Certa feita, gravemente enfermo na Patagônia, Dom Bosco, morto cinco anos antes, apareceu-lhe no leito de morte e disse-lhe que para ficar são, devia comer um bom pedaço de churrasco à moda argentina. Vespignani não teve dúvidas, levantou-se, e engoliu afanosamente, diante do estupor de todos, o remédio que Dom Bosco lhe ministrara. Em seguida, foi à estação ferroviária receber o padre que vinha assistir seu funeral. (*Dizionario biografico...*, p. 293.

²² ACB: *Relatório da Arquiconfraria...*, 1925-1926

abertura dos alicerces e uma campanha de 100 cadernetas, garantindo-se, argumentava-se, uma quantia mensal, suficiente para o pagamento de 3 a 4 pedreiros e 6 a 8 ajudantes. Pe. J. Santana não estava tão otimista: «necessitamos de quase mil contos e não temos um vintém». É necessário que se obtenha de Cr\$ 800,00 a Cr\$ 1.000,00 semanais, a fim de que a obra esteja pronta em cinco anos.

As despesas em junho de 1930, alcançam o teto de Cr\$ 85.179,90 e em agosto Cr\$ 120.000,00. No final do ano o saldo foi de Cr\$ 42.224,50. Ainda em dezembro se inicia a campanha das telhas. No mês seguinte Pe. J. Santana encontra-se no Sul do país, de onde comunica ao Pe. L. Gatti a compra «de todo o telhado e outros materiais», no valor de Cr\$ 32.000,00.

O material em boa parte era transportado gratuitamente pela Linha Circular de Carris, cujos trilhos passavam a apenas alguns metros da obra. Naqueles dias recebe-se uma bênção de Pio XI, impetrada por Dom Malan para os trabalhos do Santuário. No mês de fevereiro (1931) a Associação está com um débito de Cr\$ 14.000,00. No entanto, embora as dificuldades sejam muitas a obra não pára. A Dona da Casa não quer interrupções e continua ajudando os construtores.

Chega a imagem encomendada para a torre, oferta do senhor Manuel de Campos Filho. Foi benta em primeiro de abril de 1932 e transportada triunfalmente da Conceição da Praia para o Liceu. No dia 3, quando levada ao Santuário, a cronista da Associação escreveu: «nunca houve na Bahia maior entusiasmo religioso». Em junho prepara-se a torre para receber a estátua que atualmente domina a cidade e os mares soteropolitanos. A cruz²³ foi instalada em outubro de '32. A primeira Missa no Santuário ainda em construção foi celebrada em 1934 na festa de Nossa Senhora.

6. O desânimo envolve as Damas da Virgem

Houve momentos de dificuldades e vacilações. Os trabalhos estavam se prolongando muito, as batalhadoras estavam esfalfadas. Foi necessária uma injeção de ânimo por parte da presidência. A luta continuou e finalmente chega-se a um ponto em que já se pode pensar na inaugu-

²³ A cruz primitiva foi substituída por um «fac simile», entre o final dos anos 70 e início de 80, quando, carcomida pelo tempo, ameaçava ruir. Algumas partes já haviam despenhado em frente ao Santuário. O artífice foi o funcionário do colégio, senhor Jorge Francisco dos Santos, cuja competência, humildade e bondade eram de todos conhecidas e apreciadas. Jorge hoje está aposentado.

ração. Estabelece-se o dia 30 de novembro de 1938, quando Dom Eduardo, bispo de Ilhéus, realiza a sagração do novo e majestoso templo da devoção a Auxiliadora em terras baianas. Todos rendem graças a Deus. As senhoras da Arquiconfraria estão emocionadas.

No mês de fevereiro a presidente Dona Lídia Ribeiro Ávila, em carta dirigida à Associação, pede para deixar o cargo. O mesmo fará logo após, a senhora secretária Laura Gomes, alegando cansaço e necessidade de repouso e tranqüilidade. Em janeiro de 1939, Pe. J. Santana preside a última reunião à frente da Arquiconfraria, «encerrando sem despedidas sua prodigiosa atividade de dezesseis anos em prol da construção do Santuário e da expansão da devoção a N. Sra. Auxiliadora na Bahia».²⁴ Na reunião de outubro, a nova secretária senhora Carolina Dórea propõe que se coloque na entrada do Santuário uma lápide em memória ao Pe. José J. Santana. Seria inaugurada no segundo aniversário do Santuário, 30 de novembro de 1940.

As senhoras continuam o trabalho. Construiu-se uma escada decente para o coro na parte interna da Igreja. O acesso erã feito impropriamente pelo estudo dos alunos, momento em que «as cantoras eram submetidas aos olhares inconvenientes dos moços».²⁵ A inauguração da nova Igreja trouxe ao bairro de Nazaré mais importância e mais movimento. O Salesiano passa a ser procurado para festas de formatura, casamentos, celebrações de Páscoas de colégios e de outras organizações civis e militares como o 50º aniversário do Corpo de Bombeiros da Bahia. Os mais famosos oradores da Bahia são convidados para pregaram nas funções realizadas no Santuário, onde acorrem multidões, sobretudo no mês de maio. Grandes procissões acontecem pelas ruas do Nazaré carregando consigo o povão orante e devoto da Virgem. De certo modo realizava-se o que dissera uma das Damas: «A Bahia há de ser o cartão da devoção a Nossa Sra. Auxiliadora».

7. Os números do Santuário

Orçamento:	Cr\$ 500.000 (em fins de 1935 alcançava Cr\$ 900.000).
Teto central	Cr\$ 25.000 pagos a Oldebrecht (Cr\$ 1.500 mensais).

²⁴ ASC. A 994: *Resumo histórico da Associação...*, p. V.

²⁵ ACB: Crônica, março de 1942.

Ladrilhos	Cr\$ 30.000 (2.000 m ² , 35.000 pedras).
Escadarias da frente	Cr\$ 3.000
Portão da frente	Cr\$ 2.500
Limpeza e pintura externas	Cr\$ 51.000
Pintura interna	Cr\$ 13.760
Outras obras de acabamento	Cr\$ 70.000
Instalação elétrica	Cr\$ 10.000
Material elétrico	Cr\$ 5.000
Mármore do coro e porta central	Cr\$ 3.000
Mesa da Comunhão	Cr\$ 18.000
Altar-mor ²⁶ , ornatos e lampadário	Cr\$ 94.000
Altar de S. Luiz	Cr\$ 20.000
Altar de S. Teresinha	Cr\$ 27.000
Imagens de D. Bosco, S. F. de Sales e os dois anjos do frontispício	Cr\$ 6.000

Cetro de Nossa Senhora

Contém 18 gramas de ouro e 55 pedras preciosas ofertadas por pessoas que freqüentavam o templo mariano. Uma benfeitora pagou a mão de obra, executada pelo senhor Machado de Tal.

Altar-Mor

No mês de agosto de 1938, começaram os trabalhos do alicerce e em outubro é montada a mesa para as celebrações. As peças de mármore compradas em S. Paulo chegaram²⁷ em 60 caixotes. Uma grande parte estavam quebradas ou danificadas. Não obstante, a inauguração do altar, juntamente com o Santuário, aconteceram em 31 de outubro.

²⁶ A imagem de N. Sra. Auxiliadora que se encontra encimando o altar-mor foi construída na cidade de Barcelona, Espanha. Uma verdadeira obra prima, danificada em 1937 por um incêndio ocorrido na sala onde então se encontrava. O sinistro acontecido às duas horas da manhã do dia 2 de junho, foi dominado a tempo, graças ao clérigo Tadeu Baginski que acordando, deu o alarme. Mesmo assim, a mão que sustenta o cetro foi carbonizada e o manto chamuscado. A obra foi restaurada pelo escultor e pintor Pedro Ferreira.

²⁷ Em 3 de outubro de 1938.

Sinos

Com a nomeação do Pe. Francisco Fabbri, diretor do Liceu (1949-1954) e do padre Davino Ferreira, Reitor do Santuário, iniciou-se uma ostensiva propaganda pela aquisição dos sinos. Os alunos se empenham exemplarmente. São premiados aqueles que mais se distinguiram em conseguirem doações através de cartões beneficentes.

Os cinco sinos comprados foram fundidos na Alemanha em 1954. Ao serem sagrados, receberam cada um o próprio nome: Senhor do Bonfim, Nossa Senhora Auxiliadora, S. João Bosco, S. Domingos Sávio e S. Pio X. O valor total da encomenda foi de Cr\$ 700.000,00. Pesam respectivamente 1.500 kg, 1.200 kg, 700 kg, 500 kg e 300 kg. Às 18h30 do dia 5 de maio de 1956, os sinos do Santuário do Salesiano tocaram pela primeira vez, acionados pelo sacristão da Igreja do Senhor do Bonfim. Na ocasião inúmeras foram as pessoas que subiram os 44 metros da torre para conhecerem os bronzes sagrados do Santuário de Nossa Senhora Auxiliadora.

Os sinos do Santuário mariano do bairro de Nazaré passaram a ser o despertador de boa parte da vizinhança. Bimbalhavam às 6h00, ao meio dia e às 18h00. Com certa frequência algum curto circuito os emudecia. No início dos anos '60, durante bastante tempo não se ouviu o badalar de seu carrilhão. Voltaram a ressoar em 11 de outubro de 1962, jubilosos com a abertura do Vaticano II.

No ano seguinte, problemas elétricos silenciaram mais uma vez os sinos da Igreja do Liceu e o Reitor do Santuário «não tinha dinheiro para consertá-los». Foi preciso a intervenção de um ex-aluno Daniel Vers-trin[?] que se encarregou das despesas do conserto.²⁸

²⁸ ACB: Crônica, julho de 1963.

CAP. IX - FUNDAÇÕES EM SERGIPE - (Tebaida e Aracaju)

1. Contextos geográfico e salesiano

O Estado de Sergipe com 22.050,40 km², apresenta como riquezas principais petróleo, sal-gema e produtos agropecuários. A Capital Aracaju¹ é uma graciosa urbe, emoldurada a Leste por belas praias do Atlântico e ao Norte pelas águas tranqüilas e preguiçosas do rio Cotinguiba. Ao Sul descortinam-se lindas dunas de areias brancas, boa parte engolidas pelo monstro imobiliário das construtoras. Alguns daqueles morros brancos lembram gigantescos cuscuzes apontando para o céu. A área urbana é de cerca de 176 km² com uma população aproximando-se dos 450.000 hab. A altitude é de 2 m acima do nível do mar, distando 1.737 km de Brasília e 501 km do Recife. Pe. Giordano ao visitá-la em março de 1902, comparou-a com Veneza, dizendo que ela, como a cidade italiana estava colocada entre dois mares: um de água, à sua frente, o outro de areia que de ambos os lados penetrava até dentro de suas portas.²

Na época em que os religiosos de Dom Bosco fundaram a obra de Sergipe, o Brasil contava com três Inspetorias salesianas. A de Maria Auxiliadora fundada em 1883, cujo Inspetor era o Pe. Carlos Peretto e com sede em Lorena no vale do Paraíba. A de S. Afonso Maria de Ligório separada do Uruguai em 1896, abrangendo o Mato Grosso. O Inspetor era o Pe. Antônio Malan e a sede estava em Cuiabá. A terceira Inspetoria era a de S. Luiz Gonzaga no Norte do Brasil, fundada em 1894. Seu primeiro Inspetor foi o Pe. Lourenço Giordano. Residia na Bahia e coordenava todo o território, atualmente compreendido pelas duas Províncias do Recife e Manaus. A área em sua totalidade compreendia 5.430.815,70 km² ou seja, 63,54% da extensão territorial do país que é de 8.547.403,50 km². As três Províncias foram aprovadas canonicamente em 1902.³

O Norte do Brasil tinha 32 salesianos, três noviços e cinco obras. O Colégio de Artes e Ofícios do Sagrado Coração em Recife (1894); A

¹ Terra de muitos cajueiros, região habitada pela tribo dos Aracajus.

² BS 25 (1902) 300-302. Interessante a leitura do artigo narrando as aventuras vividas pelos missionários no interior da Bahia e Sergipe.

³ Tarcisio VALSECCHI, *Origine e sviluppo delle ispettorie salesiane* in RSS 3 (1983) 263-273.

Colônia S. Sebastião em Jaboatão (1900) PE; O Colégio do Salvador ou Liceu Salesiano de São Salvador na Bahia (1900); O Orfanotrófio S. Joaquim em Recife (1902). A Escola Agrícola S. José no interior de Sergipe ou Tebaida foi a primeira fundação do Norte (19 de março de 1902), após a instituição canônica da Inspetoria, em 20 de janeiro de 1902.

2. A Tebaida do Pe. Giordano

A expressão é do Pe. Rota.⁴ Oficialmente a obra da Tebaida ou Thebaida chamava-se Escola Agrícola S. José a 18 quilômetros da capital, Aracaju. Pe. Luiz Pascoal e o coadjutor Henrique Valle, ambos vindos do Colégio da Bahia, foram os primeiros salesianos da micro comunidade. A fundação sergipana teve como alavanca principal o Governador do Estado, na época Monsenhor Olímpio de Souza Campos, um dos clérigos e políticos mais famosos de Sergipe.

Outra insistência de peso, que se juntou à do Monsenhor-presidente⁵ foi a do Arcebispo da Bahia. Também ele desejava, a presença dos filhos de D. Bosco às margens do Cotinguiba, área que fazia parte de sua circunscrição eclesiástica. A solicitação do Arcebispo, feita em um seu cartão de visita, é transmitida através do diretor do Liceu de Salvador, o Pe. Luiz Dalla Valle que também se mostrava muito interessado no início de uma obra salesiana em Sergipe. O objetivo dos Salesianos no Estado seria cuidar de uma Escola Agrícola no interior.

«Ao muito Rev.mo Sr. Pe. Rua [Brasão episcopal], D. Jeronymo Thomé da Silva. Arcebispo da Bahia e Primaz do Brasil saúda de todo o coração e pede, queira acolher benignamente a súplica que lhe será discretamente exposta pelo R. Pe. De la [sic] Valle para uma Colônia Agrícola no Estado de Sergipe, desta Arquidiocese. Ser-lhe-ei sinceramente grato Bahia 22 de junho de 1901».⁶

⁴ ASC F 545: [cópia digitalizada] carta Rota-Gusmano, Bahia, 10 de agosto de 1915. “Visitei as 6 casas do Norte. As coisas caminham bastante bem, exceto a falta de pessoal. Visitei também a Tebaida do Pe. Giordano. Confesso que todas as vezes que vou ali, levo sempre comigo certas prevenções contrárias, especialmente porque em geral os irmãos do Norte, simpatizam bastante pouco com aquela casa”.

⁵ Estamos em 1901, quando os Governadores dos Estados denominavam-se “Presidentes”.

⁶ ASC F 730.

O superior geral dos salesianos e o Pe. Júlio Barberis⁷ estavam a par desta problemática, desde fevereiro de 1901, quando Pe. L. Della Valle fora aconselhado pelo Pe. J. Barberis a visitar o local. Em junho de 1901, o diretor da Bahia dirigiu-se a Sergipe e, acompanhado por Monsenhor O. Campos, visitou a Escola Agrícola abandonada, como ele mesmo a denominou. A visita teria sido realizada, enquanto Pe. L. Giordano se encontrava em Recife, durante as homenagens a Dom Luiz de Brito. Pe. L. Della Valle, impaciente não quis esperá-lo.

A descrição⁸ sobre o terreno oferecido aos salesianos, mostra o entusiasmo e o arroubo de um pioneiro do Oeste Setentrional americano. O professor L. de Oliveira, comentando o texto do Pe. Della Valle afirma que: «supera de muito as informações dos enviados de Moisés para explorar a Terra Santa». O local, 18 km. ao sul de Aracaju mede 7 km x 2 km com cerca de 1400 hectares.

«Encontram-se ali mais de cem pequenas casas para colonos, dois grandes depósitos para colheitas; treze pequenas casas para os salesianos e alunos que começariam a colônia. Além disso, o terreno é irrigado por pequenos rios e por um rio navegável até pouca distância, que dá ótima água para beber e para irrigação, deixando-nos a cavaleiro da seca nestes lugares, onde tanto se teme a falta d'água. Há grandes áreas para plantações e um grande terreno, onde se pode criar quinhentas cabeças de boi sem contar as ovelhas, cabras, porcos, etc. Trata-se do melhor pasto de Sergipe para a criação de animais e, podemos dizer a única parte presentemente usufruída na colônia. Do mesmo terreno se pode extrair a cal e a terra para se construir no local tijolos e telhas. Há também madeiras para construção».⁹

Em seguida o padre geógrafo passa a falar sobre as condições de aquisição do terreno e a ajuda do Estado. Entre as benfeitorias a serem realizadas pelo governo estava a construção de uma casa para abrigar salesianos e alunos. Estaria pronta antes de terminar o ano de 1902. Haveria também um subsídio anual, obrigatório por lei, para sustentar a escola.

⁷ Júlio Barberis, Mathi Torinese 7 de junho de 1847, Oratório de Turim 24 de novembro de 1927. Aos 13 anos a mãe o apresentou a Dom Bosco que lhe disse: "Seremos sempre amigos e tornar-te-ás meu ajudante". Foi diretor espiritual geral da Congregação (Vide *Dizionario biografico...*, p. 29).

⁸ ASC F 545: *Relatório Della Valle-Rua*, 22 de junho de 1901. Chamá-lo-emos de RDV.

⁹ *Ibid.*

A Congregação adquiriria a Colônia do Governo, através de uma compra, cuja importância seria estabelecida, correspondendo ao seu valor.

«As bases estabelecidas para se realizar o contrato, a fim de que a propriedade passe aos salesianos são: a Congregação em nome dos membros (que o Senhor indicará), comprará do governo a dita colônia, por uma importância a ser estabelecida, correspondente ao seu valor. O dinheiro necessário receber-se-á do Governador com uma mão e pagar-se-á ao Tesouro com a outra. Deste modo far-se-á um ato de compra regular e que nenhum governo possa anular como ilegal. O que poderia acontecer, caso se recebesse a colônia, através de uma doação. Obviamente a colônia nos será vendida livre de qualquer ônus de arrendatários ou servidão, restando somente uma passagem dado que não existe outra estrada real. Além disso o governo obriga-se por lei a subsidiar a colônia com 15 contos anuais».¹⁰

Pe. L. Della Valle está disposto a se desfazer de um padre de sua comunidade para dirigir a Tebaida, bem como prometia ir mensalmente ajudá-lo. Na Bahia arrumar-se-ia com o pessoal da comunidade. O escolhido seria o Padre Luiz Pasquale,¹¹ um técnico agrícola com experiência na famosa Escola Agrícola de Navarre¹² na França. Sua insistência é paulificante ao dirigir-se ao Pe. M. Rua:

«Seria bom se na sua bondade pudesse responder-me ou fazer com que alguém me respondesse, o quanto antes. O Parlamento do Estado fechará em agosto e deverá decidir o assunto, antes do recesso. E eu prometi ao Presidente de Sergipe mandar a sua resposta definitiva em agosto».¹³

¹⁰ Ibid.

¹¹ Luigi Dionisio Pasquale nasceu em Coresetto, província de Alessandria, Itália, em 9 de abril de 1873. Faleceu em Barcelos aos 84 anos, no dia 28 de maio de 1957. Estudou no Colégio de Navarre, onde conheceu Dom Bosco, quando este passou pela França. No final de dezembro 1899, chegava à Bahia e em 02 de março de 1903, passava para a Tebaida, onde foi o primeiro diretor daquela fundação, ocupando o cargo por dois sexênios. Quando se referia aos tempos em que trabalhou na Escola São José da Tebaida sempre dizia: “aqueles sim, é que foram tempos heróicos”. Trabalhou em S. Joaquim, Jaboatão, São Gabriel, Barcelos, Manaus. Em 1929, foi eleito delegado inspetorial ao Capítulo Geral. Sua maior tristeza nos últimos meses de vida era não poder celebrar, pois ficara completamente cego.

¹² Não confundir com Novara outra grande Escola Agrícola Salesiana no Piemonte, Norte da Itália.

¹³ RDV.

Monsenhor O. Campos prometera uma ajuda de cinco contos de réis para a vinda dos primeiros fundadores da comunidade sergipana. A importância usada na Bahia para outras finalidades, foi posteriormente devolvida à Tebaida pelo mesmo Pe. L. Della Valle.¹⁴

Dom Jerônimo Tomé da Silva ficaria feliz se pudesse inaugurar a Colônia Agrícola no fim do ano, quando de sua visita pastoral.¹⁵ O governador de Sergipe, por sua vez terminaria o mandato em 1902 e gostaria também de acertar tudo antes de entregar o cargo. Como se vê, tratava-se de insistências provenientes de ilustres membros da Igreja. Pe. L. Della Valle refere-se por duas vezes aos «reiterados pedidos do Presidente-Governador do Estado de Sergipe e de S. E^{cia} o Arcebispo». ¹⁶ No final do relatório lê-se que seria útil fazer-se qualquer sacrifício para se satisfazer ao Senhor Arcebispo e ao Presidente do vizinho Estado de Sergipe. Ambos desejam muito a reabertura da velha escola pelos Salesianos.

Desde os primeiro contatos com Pe. L. Giordano em 1901 que Monsenhor O. Campos manifestara de imediato sua pretensão: doar aos educadores baianos uma Escola Agrícola para meninos pobres.

«A casa já existente e o terreno foram doados pelo Governo do Estado, durante a presidência de Mons. O. Campos, com o fim de fundar uma escola agrícola que o mesmo Presidente já tinha de qualquer modo iniciado».¹⁷

Pe. L. Giordano, carecendo de pessoal, não teve condições de atender ao Monsenhor, de modo que este resolveu apelar para Turim. M. O. Campos gostaria também que os SDB fundassem um colégio na capital, onde as casas de educação, tanto masculinas como femininas, eram todas dirigidas por protestantes. O diretor da Bahia fala desta problemática ao Pe. M. Rua.

«É sua intenção que se abra um Colégio para rapazes e moças na cidade vizinha à Colônia... Em todo o estado de Sergipe só há Colégios para rapazes e moças dirigidos por protestantes».¹⁸

¹⁴ C. LEÔNICIO, *Sete Lustrós...*, p.79.

¹⁵ RDV.

¹⁶ Ibid.

¹⁷ ASC F 092: Relatório do Pe. Rota, 1908. Será citado com as siglas RR.

¹⁸ RDV.

O entusiasmo do primeiro diretor do Liceu Salesiano da Bahia era incontido. Enorme a pressa do jovem sacerdote que, no mais breve tempo, gostaria de receber as terras do governo para dar início à obra. Juntamente com seu relatório já são quatro as correspondências expedidas por ele a Turim, abordando o mesmo problema.¹⁹ Três ao Pe. M. Rua, além do RDV e uma ao Pe. J. Barberis, aquela em que este o aconselhara a visitar o terreno. O secretário Pe. Gusmano Calógero escrevendo a crônica, sobre a visita do Pe. Paulo Álbera à Bahia em 1901, diz que Pe. M. Rua havia prometido a abertura da casa em Sergipe. Acrescenta inclusive, que já determinara o pessoal que faria parte daquela Escola Agrícola.

No RDV encontram-se duas anotações importantes autorizando a abertura da obra da Tebaida,²⁰ Uma do padre M. Rua, a outra do Pe. Celestino Durando:²¹

Colônia Agrícola de Sergipe para outubro ou novembro.
Grandes promessas do Governo
Para o pessoal principal se ajusta isso
Esperaria no entanto, três coadjutores de Navarra (Pe M. Rua).

Pe. Celestino Durando: Resp. 29/7-Aceita-se, se não precisa enviar pessoal. Quanto ao resto, melhor deferir para 1902.

Os Padres L. Giordano e L. Della Valle estão assim livres e desimpedidos para dentro das condições atenderem a proposta do governador sergipano e os desejos do Arcebispo da Bahia.²²

¹⁹ ASC F 545: cartas Della Valle-Barberis, 1 de fevereiro de 1901 [s l]; carta Della Valle-Barberis, 14 de março de 1901 [s l]; carta Della Valle-Barberis, maio de 1901; carta Della Valle-Rua, Bahia, 22 de junho de 1901 (a que chamamos de RDV).

²⁰ As respostas aos pedidos feitos eram quase sempre dadas por D. Bosco ou Pe. M. Rua em anotações no próprio documento.

²¹ Pe. Celestino Durando (Cuneo 29 abril de 1840 - Turim 27 de março de 1907). Durante 40 anos foi membro do Conselho Superior. No Oratório foi colega e amigo de Domingos Sávio. De 1886 a 1903 foi Inspetor da Inspetoria Exterior de Todos os Santos. Era uma Inspetoria "sui generis". Englobava as casas da Suíça, França, Espanha, Inglaterra, Polônia, África e Ásia. Foi também o responsável pela abertura de novas casas. Dom Bosco e Pe. Rua, ordinariamente não dispunham de tempo para responderem aos inúmeros pedidos que chegavam de todas as partes, sobretudo após o reconhecimento da Sociedade em 1869 e a aprovação das Constituições em 1874. Em 1878, o Capítulo Superior encarregou o Pe. Celestino Durando dos assuntos referentes àqueles pedidos. ASC D 868 e RSS 32 (1988) 67.

²² Nos primeiros meses do segundo semestre de 1901, Pe. Álbera visitou Salvador e Recife. O assunto da fundação da Tebaida ficou então praticamente resolvido.

«Amanhã, comunicarei ao nosso venerado prelado, a aceitação da Colônia Agrícola de Sergipe para novembro deste ano e considerada a utilidade de abrir a dita colônia e a necessidade de fazê-lo neste ano. Far-se-á mandando o Pe. Pascoal, que aqui poderá ser substituído pelos clérigos que serão ordenados neste ano».²³

O Inspetor e o Pe. Luiz Pasquale viajam²⁴ a Sergipe para se encontrarem com o ilustre presidente do Estado e juntos ultimarem o problema da fundação salesiana em Sergipe. A viagem exploratória encontra-se registrada na relação do Pe. L. Giordano ao Pe. M. Rua.²⁵ Juntamente com o RDV ao Pe. Rua são interessantes para quem desejar ter uma idéia sobre a trajetória da Bahia a Sergipe, percorrida pelos nossos desbravadores.

O Boletim Salesiano comentando as andanças dos dois exploradores diz que desanimados, cansados e sem encontrarem nenhuma área propícia, aos seus objetivos, foram convidados pelo Monsenhor para conhecerem um seu sítio no local denominado Tebaida.²⁶ Finalmente

²³ ASC F 545: carta Della Valle-Durando, Bahia, 17 de agosto de 1901.

²⁴ A viagem iniciada em 2 de março de 1902, durou seis dias. Os meios de transportes eram trem, canoas a remo ou a vela (jangada), cavalo ou carro de boi. De Aracaju, à Tebaida os caminhos eram tais que por vezes faziam-se necessárias três juntas de bois (seis animais) para puxar o carro, “coisa que entre nós, até uma vaca magra faria”. (ASC F 385: carta Blangetti-Rinaldi, Tebaida, 26 de fevereiro de 1910).

²⁵ BS 25 (1902) 300-302.

²⁶ C. LEÔNCIO, um dos noviços da Tebaida, escreve a propósito desta viagem e das buscas realizadas: “O Pe. Giordano várias vezes nos contava, já na Tebaida, peripécias desta viagem e as incertezas e dificuldades para achar um terreno apto para uma escola agrícola. Quem conhece o velho Sergipe d’El Rei, sabe como a novel capital Aracaju e arredores, estão situados num terreno arenoso, cheio de dunas, transportáveis pelos ventos, às margens do Cotinguiba, que dá à capital seu porto fluvial. Pelo interior, muitos terrenos secos e cobertos de uma mais ou menos profunda camada de pedregulhos que torna o solo árido e só revestido de uma vegetação rasteira de carrasco, marmelo brabo e samambaia de folhas ásperas como lixa”. (*Sete Lustros...* p. 79) Pessoalmente ouvimos também nós, do mesmo Pe. Leôncio quando diretor na Faculdade, em Lorena, S. Paulo, algumas referências sobre Sergipe e a Tebaida. O bondoso velhinho de cãs grisalhadas pelos anos e pela experiência, parecia ter saudades daqueles dias, onde pelo que lemos, tudo era pobreza, trabalho e solidão. Aqueles missionários precisavam rezar muito e ter têmpera de aço para não desanimarem. Certa feita Pe. L. Lasagna comentava em carta ao Pe. J. Bonetti: “Quem poderá dizer das dificuldades, privações e fadigas do pobre missionário que se lança na aventura de procurar as pobres ovelhas, perdidas no fundo daqueles vales, para reconduzi-las ao ovil do Senhor? ... Recomendo ao senhor e a todos os cooperadores que rezem muito pelos pobres missionários da América, que tanto precisam de arrimo no próprio zelo e santidade” (L. LASAGNA, *Epistolario*, Vol. I, carta Lasagna-Bonetti, A bordo do Umberto I, Oceano Atlântico, 27 de junho de 1881).

após virem o lugar, gostaram e resolveram ficar. Tratava-se de uma fazenda - pousada - fim de semana do governador. As terras eram atravessadas pelo rio Pitanga e por três quilômetros margeada pelo rio Poxim. Dali se descortinava, não longe o verde das matas tropicais de Água Fria.

A referência ao Boletim Salesiano, feita pelo Pe. Carlos Leôncio parece um tanto quanto incongruente. Não vemos porque Pe. L. Giordano, Pe. L. Pasquale e Monsenhor O. Campos tiveram que procurar outro lugar para a fundação se, de acordo com o Relatório Della Valle, o mesmo Olímpio Campos já havia oferecido a Tebaida.

Inauguração

Aos 19 de março de 1902, com a presença de Monsenhor O. Campos, procedeu-se a inauguração da primeira obra salesiana de Sergipe, a Escola Agrícola Salesiana S. José, ou Tebaida. O nome de S. José foi uma homenagem ao Santo operário, no dia de sua festa e ao Pe. José Lazzero, Inspetor do Norte do Brasil até 1902, quando substituído pelo Pe. L. Giordano. Este, após a inauguração demora-se ainda alguns dias em Sergipe, retornando à Bahia no dia 4 de abril. O encarregado da nova obra é o Padre Luiz Pasquale, auxiliado pelo irmão Coadjutor Henrique Valli. As instalações da antiga fazenda foram orçadas em 30 contos de réis.

Mangas arregaçadas

«A Thebaida foi se transformando em alegre e laboriosa povoação, habitada a principio por um numero limitado de 54 internos, não contando os externos admittidos ás aulas elementares... Construida em bôas condições hygienicas e provida de todo o necessario para o bem-estar dos alumnos, tem por fim dar aos mesmos uma educação intellectual e moral afim de tornal-os virtuosos cidadãos; activos e honestos operarios. A Escola aceita meninos como apprendizes e estudantes formando duas secções completamente separadas».²⁷

Os primeiros anos foram de desbravamento das terras para funcionamento da Escola Agrícola. O Coadjutor Olavo Almeida, citado por C. Leôncio, observa que sob a proteção do governo do Estado a obra prosperava chegando mesmo a aumentar a área geográfica. A ajuda mensal pro-

²⁷ ASC F 730: *Escola Agrícola S. José (Thebaida)*, Bahia, Esc. Typ. Salesiana, 1910.

metida e legalizada não faltava aos educandos. Começou uma nova vida simples e bucólica na fazenda ocupada pelos missionário ítalo-baianos.

«Novos agricultores vieram pôr-se ao lado dos jovens agrícolas para imitar-lhes os exemplos de um trabalho constante e gozar de sua alegre convivência - e assim constituiu-se perto da Escola, a *Villa D. Bosco* com suas casinhas de agradável aspecto. Tudo isto foi se realizando debaixo das vistas e sob a acção de jovens; muitos dos quaes, sahindo da Escola levaram com a educação o amôr ao trabalho e a gratidão profunda por aquelles que em seu desamparo lhes estenderam a mão caridosa».²⁸

Padre L. Giordano, uma espécie de Mecenas das ciências agrárias, implantou em Pernambuco e Sergipe duas Escolas Agrícolas. A ambas dedicou muito de si, sobretudo a da Tebaida da qual foi também diretor. Para facilitar a aprendizagem dos alunos, escreveu um Manual prático de Agricultura, composto por três fascículos, muito apreciados pelos leitores (Anexo XI).

Um dos acontecimentos que favoreceu à Tebaida foi a unificação das Inspetorias Norte e Sul,²⁹ oferecendo ao Pe. L. Giordano condições de maior facilidade no referente à transferência de pessoal para o Norte. Assim é que para a Tebaida vieram inicialmente o técnico em agronomia Pe. A. Cosci e posteriormente Pe. Samuel Galbusera.

No mês de outubro de 1911, Pe. Atílio Cosci se encontrava em Turim. Voltando para Brasil passa um ano na Escola de Campinas e no início de 1913, Pe. P. Rota o manda para a Tebaida, «em companhia do

²⁸ Ibid.

²⁹ Em reunião do dia 26 de janeiro de 1912, na sede inspetorial da Inspetoria do Sul, em Lorena, o Pe. Inspetor Pedro Rota lê uma carta do secretário do Capítulo Superior, pela qual as duas Inspetoria do Sul e do Norte do Brasil, foram unificadas. Assim o Brasil, ao invés de três Inspetorias passou a ter duas: a do Brasil Sul e Norte (Maria SS. Auxiliadora) e a de Mato Grosso, denominada S. Afonso Maria de Ligório, cujo Inspetor era Pe. A. Malan. Em 1925, com o término do mandato do Pe. P. Rota, retornou-se à situação de 1912. A Inspetoria Brasil Norte e Brasil Sul é novamente separada. Alguns motivos que levaram os Superiores a tomarem a decisão: poucos salesianos, muito trabalho, cansaço e doenças; a Inspetoria do Sul tinha 118 salesianos, enquanto no Norte havia cerca de 60 com uma média mais ou menos de 5 noviços ao ano; uma certa crise de autoridade, tornava difícil as mudanças de pessoal, pois o número insuficiente de salesianos fazia com que os diretores não cedessem facilmente seus súbditos para outras comunidades. Com a união o Norte recebeu novos salesianos vindo do Sul. A formação dos futuros religiosos passou a ser bem mais aprimorada, com a preparação nos seminários e o envio dos estudantes para as casas de S. Paulo e Itália.

Pe. L. Giordano meu antigo diretor da casa de S. Paulo». ³⁰ Ao chegar, sofreu um pouco o calor excessivo e piorou dos incômodos, mas sentiu-se bastante entusiasmado e otimista pela obra. Confiava sobretudo em seu antigo diretor, a quem chamava de *meu quase irmão*. À frente da Tebaida, poderia em breve desenvolvê-la.

«Em um futuro não muito remoto, poderá honrar a Congregação, não só nesta zona, mas em todo o Brasil... A casa presentemente vai bastante bem... o que falta é o dinheiro, motivo pelo qual deve-se limitar muito a aceitação de internos, porque como pobres, não teríamos meios de mantê-los. Para os pensionistas precisa melhorar a situação, quer aumentando o pessoal, quer esperando que funcione a ferrovia que já foi inaugurada, mas que por motivos particulares não começou ainda o livre trânsito.» ³¹

Aprendizes e estudantes

Em geral nas Escolas Profissionais dos SDB os jovens educandos se apresentavam sob duas categorias: aprendizes e estudantes, formando duas seções *completamente separadas*. Os meninos pobres e órfãos em extrema indigência eram aceitos gratuitamente como artistas (os que aprendiam uma arte, ou aprendizes). Na Tebaida os garotos aprendizes ocupavam o tempo, parte na agricultura e parte nas demais oficinas: marcenaria, sapataria, alfaiataria, serralharia, carpintaria e padaria. Recebiam aulas de português, aritmética, história do Brasil, geografia, agricultura teórica, escrituração mercantil e instrução moral e cristã. Os alunos que tivessem aptidão podiam também assistir aulas de declamação, desenho, música vocal e instrumental.

Outro grupo da Escola S. José era formado pelos estudantes ou pensionistas. O ensino dividia-se em três cursos: *Inferior, Médio e Superior*.

O Curso inferior

- Princípios de moral cristã e instrução cívica
- Leitura de impressos e manuscritos
- Caligrafia e ortografia
- Aritmética (princípios) e conta

³⁰ ASC F 385: Carta Cosci-Álbera, Tebaida, 16 de março de 1913.

³¹ Ibid.

Curso médio

- Gramática portuguesa
- Análise lógica e gramatical
- Geografia e corografia do Brasil
- Elementos de francês
- Aritmética (quatro operações e sistema métrico decimal) e agronomia.

Curso superior

- Gramática portuguesa
- Análises lógica e gramatical
- Composições
- Geografia
- História universal e pátria
- Aritmética (curso superior)
- Francês
- Desenhos linear e geométrico
- Botânica

Para o grupo que tivesse aptidão havia aulas de música vocal e instrumental e declamação.³² Ambos os cursos no correr do tempo sofreram alguma modificação, acrescentando-se, por exemplo, a escrituração mercantil.

Condições para admissão na Escola São José

1° O menino para ser aceito devia:

(a) Apresentar certidão de Batismo, pois não deveria ter menos de nove anos de idade, nem mais de treze, se fosse pensionista (estudante). O aprendiz deveria ter onze anos completos e não mais de quatorze.

(b) Trazer atestados de vacinação e perfeita saúde.

2° O aprendiz deveria pagar a pensão de: Rs. 60\$000 por trimestre e jóia de Rs. 10\$000 no dia da entrada, correndo por conta da escola a lavagem da roupa.

3° O estudante pagaria a pensão de Rs. 120\$000 por trimestre, adiantados, mais a jóia de Rs. 20\$00 no dia da entrada.

4° A escola se encarregava da lavagem e engomagem da roupa, mediante a mensalidade de Rs. 4\$000.

5° As despesas de livros, calçados, roupa, medico, papel, tinta, lápis etc. correriam por conta dos pais ou tutores.

³² ASC F 730: *Estatutos da Escola Salesiana S. José, Aracaju-Thebaida.*

6º O aprendiz, ou estudante deveria providenciar o seguinte enxoval: 1 travesseiro de bom tamanho. 2 fronhas. 6 lençóis. 2 cobertores. 6 camisas de dia. 2 camisas de dormir. 2 pares de meias. 2 gravatas. 4 ceroulas. 2 calções para banhos. 6 toalhas para rosto. 2 toalhas para banho. 2 pares de botinas ou sapatos. 2 ternos de brim para o diário. 2 ternos de brim para os dias santos. 1 par de chinelos. 1 dito (par) de tamancos. 2 sacos para roupa suja.

Todos os objetos eram marcados com o número que o aluno recebia no ato da matrícula.

Atividades religiosas e sociais

A primeira «pequena academia» aconteceu aos 22 de junho de 1902. Durante o almoço os meninos declamaram algumas poesias muito aplaudidas pelos presentes. O dia terminou com uma loteria. Essas loterias ocorriam freqüentemente, após as festas constantes da escola. Integravam a estratégia dos padres para ajudar na educação dos jovens carentes. À medida que os anos se sucediam o grupo de músicos e cantores tornava-se mais conhecido no interior do Estado, fenômeno também ocorrido na Bahia. Os convites eram constantes para apresentações nas festas religiosas ou profanas nas cidades do interior e na Capital. Peças teatrais como *A aposta do Guedes*, *A peça bem pregada*, *Falso amigo*, *O Distráido* (cujo personagem principal era C. Leôncio) foram repetidas diversas vezes na escola e fora. Na ocasião em que os despojos do Mons. O. Campos chegaram a Aracaju, transportados pelo paquete Esperança, os meninos da Tebaida tocaram «lúgubres melodias» e cantaram a Missa de «Requiem».³³

Ao tomar posse da Escola S. José em 1902, Pe. Luiz Pasquale tentou imprimir um «modus vivendi» que se assemelhava à vida nos Seminários ou Aspirantados. O calendário religioso seguido à risca durante o ano constava em 1908 de 35 celebrações, divididas liturgicamente em festas de primeira, segunda e terceira classes, cada uma com suas solenidades e celebrações específicas. Uma das práticas religiosas mais cuidadas era o Retiro anual. Para os alunos durava cinco dias, enquanto que para os Salesianos era de uma semana. Dava-se muita importância ao tríduo preparatório no início do ano, concluindo-se com as Confissões gerais.

Os artistas participavam até mesmo de comemorações políticas, co-

³³ *O Estado de Sergipe*, Aracaju, 22 de novembro de 1906.

mo aconteceu em agosto e outubro de 1908, na época do governo José Rodriguez da Costa Dórea (1908-1911). Na festa de outubro, tratava-se da inauguração dos trabalhos de abastecimento de água da cidade de Aracaju. Esta movimentação dos alunos da Escola S. José eram ocasiões para o crescimento e o interesse dos homens públicos pela Tebaida. Mesmo assim, as eventuais ajudas não foram tão significativas. Em novembro de 1911, decretou-se uma verba anual de 10\$000,00 (dez contos de réis) para a Escola Agrícola S. José.

Apesar da distância, as festas programadas pela comunidade eram muito concorridas, sobretudo após a inauguração da estrada de ferro Salvador-Propria em 1913. Os alunos do Salesiano de Aracaju participavam com alegria dos momentos festivos da Escola S. José. O trem facilitava o acesso. A primeira informação³⁴ que pudemos encontrar sobre uso da estrada pelos SDB refere-se a uma viagem feita pelo Pe. P. Rota.³⁵ O padre partiu de Salvador para Aracaju em agosto de 1913 e retornou no dia 19 daquele mês, acompanhado pelo Pe. L. Giordano.

As atividades escolares começavam com o Retiro Espiritual. O espírito, a mente e o coração em paz eram requisitos preciosos para se iniciar um tranqüilo e proveitoso ano letivo. Os frades Franciscanos do Convento de S. Cristóvão, Frei Joaquim (Guardião do Convento), Frei Leonardo, Frei Benigno e Frei Peregrino (foi também Guardião) eram frequentemente convidados para pregar o Retiro. Aqueles religiosos deram, sobretudo nos momentos das doenças uma assistência realmente fraterna e cristã à comunidade salesiana da Tebaida. Deve-se muito a eles.

Não faltavam diversões como o Carnaval Salesiano (com desfile de Zé Pereira, quebra-potes e músicas), as «Festas salesianas», os passeios³⁶

³⁴ ACB: Crônica, 1913.

³⁵ Em agosto de 1913.

³⁶ Os passeios eram chamados *gerais*, quando duravam um dia inteiro ou simplesmente passeios, se apenas de algumas horas. Em certas ocasiões passavam o dia em sítios de amigos ou benfeitores da obra, como no do Coronel José Victor, residente em S. Cristóvão ou no sítio *Candeal da Boa Vista*, pertencente ao político Yvo do Prado. Esses momentos eram também proporcionados aos meninos que se distinguiam por comportamento e estudo. Em janeiro de 1910, o Diretor Pe. José Blangetti e o ecônomo Pe. Bartolomeu Dolce visitam o Cel. José Victor que estava doente. Observamos que o relacionamento dos padres teбайдenses alcançava também a raia dos homens ditos poderosos, os coronéis que ajudavam na manutenção das obras sociais. Este comportamento é notado em outras regiões do Brasil. Os SDB não se pejavam de privarem constante e amigavelmente com os ricos, os manda-chuvas regionais. Era a prática da política do Pai Nosso, posta a serviço dos jovens pobres, uma vez que os poderosos lhes ajudavam em suas obras sociais. Seria interessante um estudo especial sobre o assunto.

nas cidades ou nos campos, os piqueniques às margens dos rios ou nos montes circundantes como S. Antônio e S. Miguel.³⁷ Neste último na própria Tebaida, Pe. L. Pasquale ergueu um Cruzeiro em 28 de setembro de 1902. Os passeios faziam parte da rotina do Internato.

O Sr. bispo³⁸ sempre que podia fazia-se presente, celebrando Missa cantada. Houve ocasiões, como na festa do Sagrado Coração em 1918, que apareceu dois dias antes. Na oportunidade, o 42 BC de Aracaju, acampado às margens do Poxim, veio dar uma tonalidade especial ao momento. O Comandante convidou o prelado para celebrar a Missa dominical para a soldadesca e participou juntamente com a oficialidade de toda a festa e do «nosso modesto banquete». Muitos soldados e a banda do Batalhão assistiram à Missa. A informação é de A. Cosci que termina acrescentando: tudo o que aconteceu na festa do S. Coração, foi um novo triunfo da pobre e rabugenta Tebaida.³⁹

Noviciado na Tebaida

Pe. L. Giordano ao se tornar Inspetor, entusiasmado com o sucesso da Tebaida, resolveu recolher os noviços e aspirantes espalhados pelas casas da Inspetoria, reunindo-os em Sergipe. O fato aconteceu no início de 1903.⁴⁰ No entanto, na realidade as coisas não deveriam ser tão promissoras. Talvez, a idéia positiva da condição financeira da Escola Agrícola de Sergipe fosse um pouco desfocada pelo fato de se compará-la com a «paupérrima» Escola de Jaboatão.

A obra teбайдense passou a ter duas realidades: a Casa de Formação com aspirantes e noviços e a Escola Agrícola. O noviciado era «sui generis» pois, além do imóvel não apresentar as condições necessárias, em termos físicos, faltava ainda a aprovação canônica do noviciado. O Mes-

³⁷ ACSA: Crônica, 29 de setembro de 1902. Na festa de S. Miguel de 1902, os alunos em um dos passeios pelos tabuleiros da região, perderam-se e não mais encontravam o caminho de volta. A intercessão ao Santo, diz a Crônica, fez com que novamente se orientassem e retornassem à casa.

³⁸ Dom José Thomaz Gomes da Silva, nascido no Rio Grande do Norte em 1873. Foi o primeiro bispo da diocese de Aracaju, criada em 1910.

³⁹ ASC F 730: carta Cosci-Álbera, Tebaida, 2 de julho de 1919.

⁴⁰ Os onze noviços daquele início de ano eram

João Bartolomeu da Silva, Epifânio Borges, Emílio Silva, Alberto Furquim, Alfredo Mesquita, Vicente Mesquita, Paulo Moneta, Aprígio Pessoa e os aspirantes a Coadjuutores José Bouhur, Deusdedit Lima, Emiliano Sevre. (C. LEÔNCIO, *Sete Lustrós...*, p.51).

tre dos noviços, Pe. Carlos Simona carecia das formalidades requeridas e os noviços aceitos sem os requisitos legais necessários. A situação era realmente caótica, o noviciado de 1903 não valeu. No ano seguinte, àqueles «noviços, juntaram-se alguns aspirantes, vindos do Recife».

No mês de junho a Tebaida hospeda um grupo de salesianos convocados para o Capítulo Inspetorial, em preparação ao Capítulo Geral. O Inspetor pensava assim promover e divulgar a Escola S. José. Em outubro, vem mais uma notícia desagradável para os moços aspirantes à vida salesiana. Voltando de Turim, após o Capítulo Geral, Pe. L. Giordano comunica que também o noviciado de 1904 não tinha sido reconhecido, pois não estava ainda aprovado. Mais um ano perdido. Era dose para elefante. Os rapazes precisavam de muita fé e um grande desejo de serem salesianos para continuarem insistindo.

Os noviços de 1903 iriam em 1905, começar o noviciado pela terceira vez. O início foi marcado para o dia 31 de outubro. Os candidatos eram dezessete.⁴¹ Após um ano, surgiu mais um problema legal para os jovens que dentro de alguns dias deveriam fazer suas primeiras profissões na vida religiosa salesiana. O Noviciado que tinha sido canonicamente aprovado só aos 12 de novembro teve que ser ainda protelado, até àquela data, para ser realmente válido, pois só então completaria um ano, exigido pelas normas canônicas.

ARACAJU NOVICIADO

Decr. 12. 11. 1904

Arch. 74-V

Reg. I – 26.⁴²

Os percalços não foram resolvidos com a aprovação de Roma. Em novembro de 1905 não havia mestre, nem assistentes. O noviciado estava destruído e envolto em doenças com todos os noviços enfermos.

⁴¹ O Noviciado de 1904-1905, cujo Mestre foi Pe. Luiz Della Valle, iniciou em 31 de outubro de 1904. Foram excluídos alguns do grupo de 1902, pois não apresentavam os requisitos canônicos e juntaram-se oito novos candidatos: Cl. Carlos Alves, Cl. Epifânio Borges, Cl. Ananias Câmara, Cl. Alberto Furquim, Cl. Alfredo Mesquita Montenegro, Cl. Vicente Mesquita, Cl. Aprígio Pessoa, Cl. Emílio Silva, Cl. João Bartolomeu da Silva. Coadjs.: José Pinto Camerino, Manoel dos Anjos, Franklin Abílio dos Santos, 1. Francisco Deusdedit Lima, Francisco Macedo, 1. Alberto Muniz, 1. Heitor Schneider, Pedro Ivo da Silva. *Elenco della Società di San Francesco di Sales, 1905, Brasile* (S. Luigi Gonzaga), p. 28.

⁴² ASC F 545.

No início de 1906 foram trasladados para a Sede Inspetorial no Recife e em outubro para Jaboatão-Colônia.⁴³

Um Calvário sem Tabor

Era dura a vida nos tabuleiros e carrascals da Tebaida, mesmo durante os anos em que viveu o grande benfeitor Mons. O. Campos. Pe. L. Della Valle, embora a tenha cantado em prosa e verso, no entanto, ao tomarem posse da terra, logo os salesianos tiveram que tentar sanar os primeiros problemas resolvíveis, protelando os de maiores complexidade. Um deles era o isolamento em relação às Capitais sergipana e baiana.

«Aracaju, a Capital do Estado, com a qual faz-se quase todo o comércio está a 18 km de distância. Até agora não existe ferrovia, mas construiu-se uma linha que unirá Bahia com Aracaju. Espera-se que em nosso terreno haja uma estação (Thebaida), a cerca de um km. das casas».⁴⁴

Nos anos em que nos meios políticos sergipanos, se fazia sentir a presença de Monsenhor O. Campos havia sempre uma esperança para a Tebaida. A escola receberia sua ajuda pelo menos, enquanto não decolasse com suas próprias forças. Promessas não faltavam, em termos de novas verbas estaduais e federais. Caminhando em dispnêcia a Tebaida dos padres Giordano e Pasquale, embora lutando contra a natureza, não perdia a esperança de dias melhores. Um fato sangrento viria escurecer, no entanto, mais ainda as nuvens sobre aquelas paragens, mudando talvez, a sua história. No Rio de Janeiro, então capital da República Monsenhor O. Campos era violentamente assassinado⁴⁵ por inimigos políticos. O desaparecimento do grande benfeitor fez a Escola Agrícola S. José entrar em contagem regressiva para o declínio, embora o fenômeno durasse ainda alguns anos e aparecessem outros agravantes. O auxílio governamental inicialmente da ordem de 20:000\$000 (vinte contos de réis) anuais passou para 15:000\$000 e em 1909 reduziu-se a 10:000\$000. Em setembro as autoridades governamentais suprimiram totalmente a ajuda.

⁴³ C. LEÔNICIO, *Sete Lustras...* pp. 50-54.

⁴⁴ ASC F 730.

⁴⁵ O assassinato aconteceu em 9 de novembro de 1906, no Rio de Janeiro. Com o desaparecimento do maior benfeitor, a Escola S. José entrou em contagem regressiva para o declínio, embora seus sete fôlegos durassem ainda vários anos, ao longo dos quais apareceram em cena outros agravantes.

O caminho de ferro demorou uma eternidade nas pranchetas dos engenheiros da Leste Brasileiro. Quando alcançou a área da Tebaida, nos inícios de 1913, passou a uma certa distância das residências, ficando a estação a cerca de dois quilômetros do terreno dos padres. Os políticos para melhor favorecer seus interesses haviam desviado o traçado da estrada. Para o acesso à estação foi necessário comprar uma faixa de 30 metros de largura, onde se construiu Avenida Monsenhor O. Campos. Começava próxima à Capela e terminava nos trilhos. Pe. C. Leôncio diz que a estação foi chamada ora Tebaida, ora Dom Bosco e *anos depois o mato tomou conta da estrada e de tudo na velha Tebaida*. Em abril de 1999 pudemos observar alguns restos da antiga parada Dom Bosco.

Outros trabalhos importantes e necessários foram inicialmente irrigação, adubação e combate aos insetos, como as muriçocas,⁴⁶ transmissoras da sezão ou febre palustre. Para aumentar a área cultivável foi necessária a implantação de um sistema de drenagem nos banhados e distribuição de águas⁴⁷ nos morros. As formigas arruinavam os campos e seus esforçados agricultores.

As casas de taipa cobertas de palha de coqueiros e o longo barracão tiveram que ser reformados, juntamente com algumas outras benfeitórias, para melhor acolher salesianos e aprendizes. Esses serviços, aliás, também realizados na Escola Agrícola da Colônia de Jaboatão foram motivo de críticas ao Pe. Inspetor.⁴⁸

Realmente não foi pouco o investimento necessário para viabilizar as culturas num terreno, dominado por dunas, brejos e inóspitos carrascais. Colhemos alguns números dos primeiros anos, carreados pelo Ins-

⁴⁶ As muriçocas mais comuns na Tebaida eram as *anopheles fasciatus* das quais no Brasil são conhecidas pelo menos 12 espécies. Os tais insetos eram os incontestáveis senhores dos brejos teбайдenses.

⁴⁷ Monsenhor O. Campos doara à Escola com um Cata-vento. Constantemente em concerto, foi logo chamado de Cata - dinheiro.

⁴⁸ ASC F 092: RR. Neste documento encontra-se a afirmação de alguns sócios lamentando-se que, enquanto o Inspetor se encontrava na Tebaida trabalhava-se muito. Por vezes ele dava contra ordens às suas próprias e às do diretor. "Trabalhos colossais de muita despesa e provavelmente pouco retorno". Com relação a estas observações, Pe. Rota defende o Inspetor: "os grandes trabalhos, dos quais se fala, foram executados principalmente em Sergipe e Jaboatão, com o objetivo de recuperar lugares insalubres, onde havia muita água, para em seguida distribuí-la em outras áreas". E acrescenta: "lembro que se deve dizer que o Inspetor, neste assunto tem uma visão mais ampla que geralmente a de seus súditos. A prova disto é que alguns trabalhos, antes considerados desnecessários ou inviáveis, depois de executados foram de grande utilidade e conveniência".

petor para a E. S. José da Tebaida. Os dados foram encontrados nas prestações de contas do Pe. L. Giordano, enviadas a Turim.

1905

- 16 de agosto: 174\$000 para efetuar compras para a escola.
 - 23 de agosto: 70\$000 para a mesma finalidade.
 - 25 de agosto: 200\$000 para a publicação de um folheto.
- Em 1906 não encontramos nenhuma informação econômica.

1907

- 23 de fevereiro: 130\$000 (não se indica a finalidade)
- 02 de julho: 100\$000 (idem)
- 10 de agosto: 128\$000 (idem)
- 12 de agosto: 200\$000 (idem)
- 07 de outubro: 80\$000 (idem).

1909

- 03 de maio: 200\$000 para a Agricultura
- 16 de maio: 40\$000 (objetivo desconhecido)
- 21 de maio: 112\$000 para o Oratório festivo
- 04 de julho: 200\$000 para a Agricultura
- 14 de julho: 66\$000 para o Oratório festivo

Delenda Thebaida

«A casa deveria continuar, mesmo porque em se fechando ganhar-se-ia pouco pessoal».⁴⁹

Algumas das críticas à Escola S. José eram bastante violentas. Os mais radicais pregavam mesmo a *destruição da obra*. Um de seus conhecedores e defensores era o padre Pedro Rota. Ele achava que «as coisas iam bastante bem», confessando que seu entusiasmo renascia, quando visitava a Colônia. Suas prevenções desapareciam, observando o que se tinha feito, à custa de tantos sacrifícios. Realmente as informações a respeito da fundação do Po-xim mostram que os salesianos foram verdadeiramente heróis e desbravadores. As dificuldades incluíam também a alimentação, chegavam a passar fome. No entanto, diziam-se contentes, crendo mais ou menos no futuro.

⁴⁹ ASC F 545: (cópia digitalizada) carta Rota-Gusmano, Bahia, 10 de agosto de 1915.

Pe José Blangetti⁵⁰ ao assumir a escola, atordoado e em pânico faz uma relação, talvez um tanto exagerada, sobre a situação da obra. Suas lamúrias podem ser resumidas nos seguintes pontos: a casa encontra-se isolada a dezoito quilômetros da capital e está para cair. As subvenções foram cortadas e o governo acha que é melhor fechar a escola ou mudar de lugar. Assim pensam também os benfeitores. As dívidas são muitas com um déficit de 19 Liras por dia. Chocado com o que encontrou propôs fechamento, mas foi voto vencido. Eis um de seus juízos altamente impressionante sobre a jordânica Tebaida.

«Aqui só existem duas coisas boas: ar e água. Nada mais presta. A casa é de taipa (paus com barro) e de pouca duração. Aliás, uma parte está para cair. Todos dizem que o terreno é ruim, agricultores e não agricultores. Gasta-se muito mais do que aquilo que se recolhe. O lugar é longe de tudo (cerca de 18 kl, da capital)».⁵¹

Um depoimento do padre Rota não é muito diferente:

«O terreno é todo em colinas e vales, em um destes corre um rio no qual se fez importantes trabalhos para impedir o alagamento da parte baixa do terreno que antes era bastante insalubre. Há muito bosque e as terras em geral não são férteis. A casa encontra-se completamente isolada».⁵²

Era muito forte o choque experimentado por aqueles missionários europeus, vindos de um mundo onde as coisas eram outras e de outros modos.

Três meses são passados desde a chegada do novo diretor J. Blangetti ao antigo refúgio do governador sergipano. Turim continua em silêncio, não responde sua carta de fevereiro passado. Resolve escrever outra, está mais tranquilo, pois «qualquer coisa havia melhorado». Falava-se que a estrada de ferro passaria a um quilômetro e meio da casa e haveria uma estação para servir à escola e arredores. Havia ainda a promessa de que o governo voltaria a ajudar com uma verba anual de 6:000\$000. Mesmo assim o missivista demonstra certa impaciência e espírito crítico. Pede insistentemente que Pe. Rinaldi lhe responda,

⁵⁰ Pe. José Blangetti nasceu na Província de Cúneo (Itália) no dia 3 de janeiro de 1873 e faleceu em Campos do Jordão aos 28 de fevereiro de 1919. Trabalhou em Pernambuco e na Tebaida, onde foi diretor em 1910. (ASC B 221).

⁵¹ ASC F 385: carta Blangetti-Rinaldi, Aracaju-Thebaida, 26 de fevereiro de 1910.

⁵² ASC F 730: La *Tebaida*.

«ou melhor ainda, que nomeie pessoas sérias para examinar tudo seriamente e não acreditar nas belas palavras de quem não quer que se conheçam as misérias desta casa».⁵³

Os desabafos do Pe. J. Blangetti deixam entrever que entre ele e o Provincial havia pequenas rugas. Seu estado de espírito era possivelmente agravado pelas enfermidades que campeavam pela escola. Precisa ir á Itália para cuidar da saúde e para melhor conversar sobre as nossas críticas condições. Já havia pedido ao Inspetor, mas a resposta foi negativa e de modo absoluto.

Os campos eram sorvedouros e o retorno não correspondia aos investimentos. As dificuldades continuavam, enquanto que a obra cambaleava. Os débitos continuavam bastante elevados, cerca 10:000\$000. Nem se vendendo tudo, pensava Blangetti poder-se-ia conseguir aquela importância. No final de maio de 1910, havia na Escola S. José 23 jovens pobres e 9 estudantes pensionistas, cujas mensalidades eram irrisórias para atender aos gastos.

Passam alguns anos sem possibilidades de algum melhoramento físico. E por que não se fechava aquela fundação, perguntamos. Na realidade, gostava-se da vida no meio daquela natureza ainda primitiva e ingênua, sem as complicações da cidade. Os motivos para abandoná-la ainda não tinham sido encontrados, ou melhor, reconhecidos. Paulatinamente aparecerão cada vez mais inquietantes e meridianos.

Pe. P. Rota resumia em 1920 a história da fundação que tanto entusiasmou Luiz Della Valle⁵⁴ e Lourenço Giordano.

«A Escola Agrícola jamais conseguiu sustentar-se sozinha. O governo dava um subsídio de 6 contos ao ano (10 mil libras naqueles tempos); mas o

⁵³ ASC F 385: carta Blangetti-Rinaldi, Aracaju-Thebaida, 26 de fevereiro de 1910.

⁵⁴ Luiz Della Valle é de Albenga, Gênova nascido aos 10 de novembro de 1872. Seu primeiro Colégio foi Valsalice, depois Foglizzo. Em 26 de outubro de 1892, recebeu do Pe. Miguel Rua a veste clerical, fazendo a profissão perpétua em outubro de 1893. Fez parte ainda clérigo da comunidade do Recife, voltando a Turim, onde se ordenou sacerdote. Neo-sacerdote retorna ao Recife no ano de 1899, onde aguarda a fundação do Liceu Salesiano da Bahia. Em Salvador deveria ser ecônomo. Termina sendo nomeado o primeiro diretor da obra, pois o Pe. Domingos Molfino, escolhido anteriormente não pode assumir. Pe. L. Della Valle foi um incansável desbravador que amava a Bahia, seus órfãos e gozava da estima dos baianos. Juntamente com Pe. Lourenço Giordano fundou a Escola Agrícola da Tebaida em Sergipe. Faleceu no Oratório de Valdocco, aos 25 de maio de 1914.

penúltimo Governador⁵⁵ não deu nada. A Inspetoria ajudou, fazendo que outras casas mandassem regularmente qualquer coisa. O pobre Pe. Ghislandi andava daqui e dali, pregando para poder trazer para casa qualquer coisa. No entanto, jamais se deixou de trabalhar e a Escola apresentava uma bela vida, embora quase ninguém se dignasse visitá-la. E assim vivia sua vida mesquinha, raquítica, sempre esperando tempos melhores, que nunca chegavam. Mas, de qualquer modo, não se encontrava motivos suficientes para se fechar aquela casa. Em tais condições, que se deve fazer? Propuz que fosse fechada e tive resposta negativa».⁵⁶

No entanto, no dizer de um famoso sergipano,⁵⁷ o diabo não era tão feio como se pintava. O mesmo Pe. P. Rota confessará, que havia exageros em certas críticas feitas. Embora algumas, mesmo dirigidas ao Inspetor fossem razoáveis. Em um de seus relatórios de 1920, feito ao Capítulo Superior, após o falecimento de Dom Giordano (4 de novembro de 1919), assim se expressava:

«Começemos pela Tebaida. Certamente já chegaram mais de uma vez aos ouvidos dos superiores lamúrias e protestos do pessoal do Norte, que conhece esta casa. Eu a vi em 1908 (na época que estive como visitador), quando, custando-me um pouco a aceitar a opinião do pranteado Dom Giordano, para o qual não havia, sob o sol, nada que se pudesse comparar àquela instituição etc. Com efeito, eu sou o primeiro a reconhecer que havia muito exagero da parte daqueles que pareciam ter, como diria, *delenda Thebaida*».⁵⁸

Reformas

Não obstante a falta de recursos, muito se gastou para se melhorar a situação dos internos e noviços da escola. Além dos trabalhos de estruturação nos campos, as reformas e adaptações nos imóveis tiveram início desde os primeiros dias da Tebaida. Pe. P. Rota escreveu em seu relatório de 1908:

⁵⁵ Manuel de Oliveira Valadão, governador de 1914 a -1918.

⁵⁶ ASC F 730: *La Tebaida*.

⁵⁷ Pe. Alfredo Tenório.

⁵⁸ ASC F 730: *La Tebaida*. As duas formas: Thebaida e Tebaida, são encontradas neste mesmo documento.

«No início sofria-se bastante no Colégio. Mas agora com os trabalhos executados, em andamento e com as precauções que são tomadas, as condições são bem melhores»⁵⁹

Pe. L. Giordano lançara os alicerces de uma Capela. Pe. Atílio Cosci (Livorno 1868 - S. Paulo 1941) ao ser destinado à Tebaida no início de 1913⁶⁰ começa a trabalhar para conseguir alguns trocados. A idéia inicial era levantar as colunas da capela e fazer alguma reforma nas casas que ameaçavam a ruir. Certamente confiava na Providência, pois a vida estava difícil. Não havia nenhum pensionista e nenhuma entrada fixa. A nota afinada que ainda consolava o intrépido missionário eram os órfãos de sua Tebaida, «piedosos e bons».

Em 1918, por ocasião de uma festinha a S. Lourenço e do onomástico do diretor, foram inaugurados novos melhoramentos nos ambientes e inaugurada uma nova Avenida, traçada pelo Pe. L. Giordano. Começou a funcionar um novo «refeitório, cozinha, dispensa etc. Foram inaugurados porque caíam, melhor, já havia caído uma parte»,⁶¹ comentava bilioso Pedro Ghislandi.⁶² Outra luz no fundo do túnel tebaidense foi o início do funcionamento de uma moderna casa de farinha. Era o progresso chegando às mãos daqueles jovens camponeses que pouco a pouco iam aprendendo a tratar os produtos do campo.

O matadouro

Desde Niterói, passando por Pernambuco, Bahia e agora na Tebaida que os salesianos autóctones, ádvenas, ou alunos, todos eram envolvidos pela fúria imparcial das moléstias, em especial a malária. Enfermidades sérias, causando diversos óbitos e fugas para outras regiões do Brasil ou

⁵⁹ ASC F 092.

⁶⁰ ASC F 730: Cosci-Álbera, [Batatais], 10 de junho de 1913. A carta mortuária do Pe. A. Cosci escrita pelo Pe. G. Barra se diz que ele foi mandado para a Tebaida como diretor. Contudo nem no elenco dos salesianos, nem tão pouco na ficha biográfica se encontra esta informação. O diretor da E. Escola era então o Pe. L. Giordano, embora frequentemente na prática Cosci fizesse as suas vezes. A citação seguinte é da carta citada neste número: «Graças a Deus, Pe. Giordano está muito bem de saúde e com ele á frente desta casa, brevemente poderemos melhorar e desenvolver nossa obra».

⁶¹ ASC F 730: carta Ghislandi-Giordano, Escola S. José, 23 de outubro de 1918.

⁶² Pe. Pedro Ghislandi nasceu em Bérgamo aos 26 de novembro de 1873. Faleceu em Salvador (BA), aos 62 anos, em 5 de março de 1936. Foi diretor durante 19 anos, inclusive na Tebaida. (ASC C 051).

da Europa. Impressionam os acontecimentos negativos que se abatiam periodicamente sobre a Escola S. José. Alguns meses depois da tocaia ao veículo de Mons. O. Campos as febres palustres desceram incontroláveis e impiedosas sobre os salesianos da comunidade: do diretor Pe. L. Pasquale, ao mestre de noviços com seu assistente.

«P. Mestre caiu gravemente doente e se retirou para o convento dos Franciscanos em Esplanada na Bahia [cidade logo após a fronteira]. O mesmo aconteceu ao Cl. Lukaszewski, assistente ou sócio que se retirou para o Recife. Foram caindo doentes de impaludismo outros noviços... Pode-se dizer que todos os noviços adoeceram antes do fim do ano. Doentes e devemos dizer meio abandonados, dadas as circunstâncias».⁶³

Pe. Luiz de Brito, do pessoal da Tebaida, confirma a mesma problemática ao Pe. P. Rota quando afirma que «quase todos os aspirantes e noviços tiveram febres».⁶⁴ Os doentes abandonados, - nem mesmo o Inspetor estava presente, pois havia viajado para a Amazônia,⁶⁵ - foram socorridos pelos frades do Convento dos Franciscanos de S. Cristóvão. Pe. C. Leôncio escreveu que o superior da comunidade, Frei Eduardo «vinha confessar, celebrar missa aos domingos e... consolar». Quando os ataques do impaludismo faziam-se presentes duas vezes por dia, o caridoso Guardião do S. Cristóvão transportava e atendia os infestados em seu Convento. Pe. C. Sironi correu alarmado da Bahia a Sergipe para assistir seus irmãos. Não podendo ficar ali por mais tempo pediu ao Pe. João Gasparoli que viesse à Tebaida em auxílio dos mesmos.

As doenças que haviam influenciado na aquisição do terreno da Escola Agrícola S. Sebastião, em Pernambuco e haviam apressado a fundação da Bahia vão intervir na transferência do Noviciado e Aspirantado da Tebaida mais uma vez para Jaboaão. O fato ocorreu, em 1907, após o Inspetor retornar da Amazônia. Sem muitos protocolos, já que havia o decreto de autorização de janeiro de 1902. Os noviços, dadas as circunstâncias das doenças, foram transportados apressadamente ao Recife e em seguida para a Colônia de Jaboaão.

⁶³ C. LEÔNCIO, *Sete Lustrós...*, p. 53. L. de OLIVEIRA, *Centenário da Presença...*, Vol. I, pp. 76-77

⁶⁴ ASC F 730: *La Tebaida*.

⁶⁵ Pe. L. Giordano em março de 1904 viajara para as tratativas sobre as Missões do Rio Negro. Roma e o bispo D. Frederico Costa desejavam entregar aquela região aos missionários salesianos.

«O Pe. Giordano depois de propor trazer o noviciado para Jaboaão, ainda tentou transferi-lo “para outra localidade a pouca distância”, mas o Capítulo Superior respondeu-lhe que “transporte o Noviciado para Jaboaão e não mude assim tão facilmente”».⁶⁶

Uma das enfermidades mais sérias na área da escola S. José era sem dúvida o impaludismo. Pe. P. Rota dá uma apreciação a respeito.

«É verdade que se trata de um lugar insalubre, se não no alto onde se encontra a casa, certamente nos terrenos mais baixos, onde naturalmente era preciso ir trabalhar, pois eram precisamente os melhores. Nos tempos em que lá se encontravam os aspirantes e Noviços, quase todos (e dizia-me ainda ultimamente P. Brito) tiveram as febres, algum morreu e outros jamais se recuperaram. Ainda ultimamente P. Galbusera teve que se retirar, fortemente atingido pelas febres palustres periódicas, ficando P. Ghislandi ali sozinho. E isso não somente por escassez de pessoal, mas pelas dificuldades de se conseguir que algum voluntariamente queira ir para lá. Nestes últimos tempos com efeito, deveu-se mandar algum do Sul. Primeiro foi o P. Atílio Cosci que depois de um ano teve que se retirar, em seguida veio o supra citado P. Galbusera. Quando P. Giordano saiu de lá P. Ghislandi ficou só por algum tempo».⁶⁷

O Irmão Salvador Piccolo há apenas dois meses havia chegado a Aracaju. Acometido pelas doenças transferiu-se do colégio para a Tebaidinha⁶⁸, onde se esperava que melhorasse, mesmo porque ali a salubridade era melhor do que nas vizinhanças do estabelecimento. Seu estado se

⁶⁶ ACSR: Pasta 170, doc. 3. L. de OLIVEIRA, *Salesianos em Sergipe del Rey* in Verbalis, nº 778, 4 de setembro de 1906.

⁶⁷ ASC F 730: *La Tebaida*.

⁶⁸ Tebaidinha aqui é o local onde em 15 de novembro de 1908, Pe. L. Giordano inaugurou o Oratório de Aracaju, em duas quadras por ele compradas, local onde em nossos dias se encontra a Nossa Senhora Auxiliadora. O lugar era também chamado de Tebaida por algumas pessoas. Não confundir com a Tebaida primitiva onde funcionou de 1902 a 1920 a Escola Agrícola S. José e que ficava próxima a São Cristóvão. Em conversa com o professor L. de Oliveira, o mesmo nos afirmou que em 1941, Pe. Emílio Serafim começou a chamar a Tebaidinha de Colégio Salesiano, compreendendo o local freqüentado pelos alunos e onde se encontrava a capela. A parte onde os oratorianos se reuniam passou a chamar-se Oratório, desaparecendo então o termo Tebaidinha. Naqueles idos Pe. E. Serafim era chamado “o padre dos pobres”, enquanto que, Pe. Antônio Campelo de Aragão, futuro bispo, era conhecido como “o padre dos ricos”.

agrava sempre mais e não resistindo, vem a falecer na mesma Tebaidinha.⁶⁹ Pelo atestado médico o óbito teria acontecido por complicações «de febre remitente biliosa com caracteres típicos.» Numa comunicação⁷⁰ ao Pe. Paulo Álbera afirma-se que a morte do coadjutor foi mesmo de febre amarela. O médico havia segredado que o verdadeiro motivo fora oculto para que não se causasse problemas ao Colégio. As pessoas ficariam alarmadas. Pe. J. Solari,⁷¹ Vice-diretor do Colégio escreve ao Pe. Álbera, falando sobre o desaparecimento do o senhor S. Piccolo. O mesmo faz o Pe Lourenço Gatti⁷² em carta ao Pe. Gusmano Calogero.

Todos tinham medo dos ares da Tebaida e de Aracaju. A infecção que levava o Irmão coadjutor à sepultura não fora uma indigestão como se propalara, mas contraída em uma latrina provisória da Rua da Aurora, onde também um jovem teria adquirido o mal. Salvava-se por causa de sua «robustíssima têmpera». Pe. L. Gatti confessa ainda que a Inspeção Higiênica já havia reclamado duas vezes contra as condições daquele sanitário. Pe. Pedro Ghislandi «de quem já se tinha perdido toda esperança estava em convalescença fora de casa». Um aluno do Colégio de Aracaju também acometido de febre retirara-se para a casa dos pais.

O médico dos salesianos foi convidado para fazer uma visita à Tebaida. Após as consultas voltou horrorizado. Seu juízo foi estonteante, rápido e objetivo: «aquele lugar é um matadouro».⁷³ Um prior do Convento de S. Cristóvão comentou que não compreendia como se podia ficar num lugar daquele.

Pe. Atílio Cosci (1868-1941) em 1919 encontra-se pela segunda vez na Tebaida. Segundo ele, tudo estava em ordem na escola de seu velho mestre Pe. L. Giordano. Nada faltava, apenas uma residência um pouco mais cristã em que pudessem viver sem o perigo constante de cair sobre as suas cabeças. As benfeitorias existentes foram para ele uma surpresa agradável: plantações, terrenos arados, campos de experiência, sementeiros, viveiros. E o que era também importante observar era que tudo estava dentro das normas legais. O trabalho desenvolvido na escola, as

⁶⁹ Aos 12 de abril de 1912.

⁷⁰ ASC F 744: carta [Solari]-Álbera, Aracaju, 10 de maio de 1912. O documento incompleto não apresenta o nome do remetente. Através de outros escritos podemos ter certeza que o autor é Pe. José Solari. Por falta de pessoal ele exercia também as vezes de diretor e conselheiro.

⁷¹ Ibid.

⁷² ASC F 730: carta Gatti-Gusmano, Aracaju, 14 de julho de 1912.

⁷³ Ibid.

culturas do campo e o sistema de educação agrícola não deviam temer nem fiscalização, nem análise, pois já tinham dado provas de excelente desenvolvimento. Ademais, tratava-se de uma escola agrícola para camponeses e não um Instituto de formação superior.⁷⁴ Os alunos naquele ano eram 22, dois padres e dois irmãos.

«O [nosso escopo] é habilitar os jovens camponeses, a serem bons cidadãos, vencendo o profundo empirismo, radicado nestes povos antiprogressistas. Tudo isso baseado no Sistema educativo de D. Bosco».⁷⁵

Pe. Luiz Zanchetta da comunidade de Niterói vem à Bahia.⁷⁶ Havia sido encarregado pelo Inspetor Pe. P. Rota, de pregar os retiros do Nordeste. Sua tarefa é em Recife e Bahia, porém aproveitando a oportunidade vai à Tebaida. As impressões ao visitar Sergipe foram bastante «pessimistas», especialmente no que se referiu à saúde. Encontrou Pe. Samuel Galbusera bem doente. Logo depois, transferido para Lorena não mais retornou ao Norte. Pe. L. Zanchetta quis saber as impressões dos diretores da Tebaida e Aracaju, bem como os demais irmãos salesianos, a respeito da vida na Escola Agrícola S. José. «Suas respostas foram bem pouco favoráveis à pobre Tebaida».⁷⁷

Horários

O horário da Tebaida, em particular o das refeições era um dos pontos mais críticos e criticados. Os sócios que não se adaptavam às mudanças do horário, alegavam que era contrário aos costumes locais e aos usos da maioria dos institutos religiosos. Era a repetição dos problemas acontecidos anos antes na Inspetoria uruguaio-brasileira nos tempos de Pe. L. Lasagna e Pe. Tiago Costamagna, quando por imposição médica, seguiram-se os costumes brasileiros-uruguaiois, ao

⁷⁴ ASC F 730: cartas Cosci-Álbera, Thebaida, 2 de julho de 1919 e setembro do mesmo ano.

⁷⁵ Ibid. Tebaida, 2 de julho de 1919. Pe. A. Cosci ao escrever deveria estar cansado e sonolento. «Il nostro oroscopo (sic) è di abilitare i giovani ad esser buoni contadini...», em lugar de: «*il nostro scopo*».

⁷⁶ 10 de janeiro de 1920.

⁷⁷ ASC F 730: *La Tebaida*.

contrário do que se ditava em Turim e se observava na Inspetoria argentina.

«Em algumas casas, especialmente em Sergipe e Bahia, vários sócios criticam muito o horário das refeições, dizendo que em certos lugares (p. e. na Bahia) é mesmo contrário aos costumes do lugar e ao horário observado pela maioria dos Institutos Religiosos».⁷⁸

Pe. P. Rota ao comentar a problemática dos horários não sabe o que dizer. Lamenta-se, no entanto, observando que é de se deplorar:

«A pouca ou quase nenhuma uniformidade no horário e nos intervalos entre uma refeição e outra... Esses horários não favorecem nem aos trabalhadores, nem aos trabalhos».⁷⁹

Estranhamente o almoço em Sergipe, era às 10h00 da manhã e a janta às 15h00. Deveria ser realmente insuportável para quem não estava acostumado.

Dias Úteis

5 ^{3/4}	Levantar
6 ^{1/4}	Missa - Café
7 ^{1/4}	Trabalho
9 ^{3/4}	Recreio
10	Almoço
1 ^{1/4}	Aula de banda - Estudo
12	Aulas
02	Trabalho
03	Jantar
04	Trabalho
6 ^{1/4}	Recreio
6 ^{3/4}	Estudo - Aula de Canto
7 ^{1/2}	Estudo
08	Chá
8 ^{1/2}	Orações - descanso.

⁷⁸ Ibid.

⁷⁹ Ibid.

Quintas feiras

5 ^{3/4}	Levantar
6 ^{1/4}	Missa - Café
7 ^{1/4}	Trabalho
9 ^{3/4}	Recreio
10	Almoço
11 ^{1/2}	Aula de banda - Estudo
12 ^{1/2}	Aula de Cerimônias
01	Limpeza nos dormitórios
1 ^{1/2}	Banho
3	Jantar
4	Trabalho
6 ^{1/4}	Recreio
6 ^{3/4}	Estudo - Aula de Canto
7 ^{1/2}	Estudo
8	Chá
8 ^{1/2}	Orações - Descanso.

Domingos e dias Santificados

06	Levantar
6 ^{1/2}	Primeira Missa - Café
8 ^{1/2}	Segunda Missa
10	Almoço
11 ^{1/2}	Aula de Banda - Estudo
12	Leitura das notas
12 ^{1/2}	Recreio
1	Catecismo
1 ^{1/2}	Banho
2 ^{1/2}	Prática - Benção
3	Jantar - Passeio
6 ^{3/4}	Estudo
7 ^{3/4}	Estudo
8 ^{3/4}	Oração - Descanso

Observa-se que nos horários encontram-se apenas dois banhos semanais, às quintas, domingos e dias santificados. Costume europeu. À noite, antes do repouso, havia um chá.

Um vizinho prepotente

A área da Avenida Monsenhor O. Campos, comprada pelo Pe. L. Giordano deu-lhe muitas dores de cabeça. Um vizinho, Heitor Cisneiros de Albuquerque, alegando ser o proprietário da gleba invadiu o terreno. Após cercá-lo com arame farpado, soltou seus animais e «roubava» a madeira. Criou-se um grave problema, pois de nada serviram as tentativas de solução amigáveis. A celeuma foi terminar nos tribunais, protegendo-se por diversos anos, enquanto os salesianos gastavam somas que não podiam com advogados e procuradores.

Em agosto de 1915, Pe. Rota escrevendo ao Pe. Gusmano Calógero refere-se à diatribe com Cisneiros, a quem denomina de «vizinho prepotente».

«Pe. Giordano está empenhado numa lide com um vizinho prepotente que lhe invadiu um terreno necessário à comunicação com a estação: o direito está de nosso lado e a primeira sentença foi favorável. O outro apelou e quando Pe. Giordano acreditava cantar vitória, a querela foi anulada por defeito de trâmite. E isto por negligência do advogado. Tudo foi começado de novo. Parece, no entanto, que a solução definitiva ser-nos-á favorável. Se não, novas despesas. Este é também um motivo pelo qual o P. Giordano se empenha com toda sua energia nesta problemática. Trata-se também, além de tudo o mais, de nossa honra».⁸⁰

Heitor Cisneiros era homem de prestígio, fazia parte da coronelância regional, das oligarquias da República Velha. Tinha entrada no Tribunal de Justiça. Podia e toparia a briga com os gringos da Tebaida. Tanto mais que o partido dos padres, com a morte do Monsenhor O. Campos não andava às boas. Os artigos nos jornais publicados de ambas as partes alimentavam as piadas e jogavam lenha na fogueira, acirrando cada vez mais os ânimos.

«No entanto, a prepotência era tão evidente e tão clara a nossa razão que finalmente o Tribunal deu-nos ganho de causa. Triunfo completo! No entanto, decepção absoluta. A sentença jamais foi executada: o condenado não pagou nada, não se retirou do terreno usurpado e ...zombava. Mas, onde estava a justiça, que fazia? Isto, pergunto também eu.

⁸⁰ ASC F 545: [cópia digitalizada, original e c.]: carta Rota-Gusmano, Bahia, 10 de agosto de 1915.

No entanto foi justamente o que aconteceu e não se recebeu nada das despesas que tínhamos feito. Tudo perdido, exceto a honra.⁸¹

Na época um Jornal local, cujo nome e data não pudemos descobrir, publicou sob o título *Notas Judiciais*, o resultado da querela jurídica com Heitor Cisneiros:

«O dr. Juiz de Direito da 1.^a vara, em data de 29 de Setembro findo, sentenciou nos autos da acção ordinaria proposta pelo padre Lourenço Giordano contra Heitor Cisneiros, mandando que este restituia aquelle os terrenos de que se acha de posse indevidamente retirando a cerca e suspendendo definitivamente a destruição das mattas e capoeiras existentes nos mesmos terrenos (Thebaida), condemnando o réo Cisneiros a pagar, pelo que for apurado, a importancia das mattas e capoeiras destruidas, juros da mora e custas, ficando o autor padre Lourenço Giordano mantido na posse e gozo dos terrenos por lhe pertencerem».⁸²

A sentença era meridiana. No entanto, como afirmou Pe. P. Rota, salvou-se apenas a honra. Ao partir para o Rio Negro, o novo Prefeito Apostólico, P. L. Giordano, nomeado em 1916, viajou satisfeito, pois era já conhecedor da resposta da Justiça. Todavia, os salesianos só conseguiram alguma coisa, através de um acerto amigável com o «vizinho prepotente». Irreconciliável com o Inspetor, Cisneiros esperou sua transferência para a Amazônia para se aproximar «quase espontaneamente» do pessoal da escola, fazendo um acordo bom demais para ele.

«Conseguimos que ele nos reouvesse o terreno de que realmente precisávamos para termos nossa estrada livre e direta até à estação, e nós lhe cedemos um pasto muito útil para ele, mas para nós de nenhuma utilidade».⁸³

⁸¹ ASC F 730: *La Tebaida*.

⁸² *Ibid.*

⁸³ *Ibid.*

3. Mudança de governo

O novo governo que se iniciou em Sergipe,⁸⁴ parecia aos salesianos um pouco mais favorável e de boas intenções. Pe. P. Rota,⁸⁵ escreve da Bahia ao Pe. P. Ghislandi, dando-lhe algumas instruções. Entre outras solicitava que fosse até ao novo governador e lhe fizesse ver da impossibilidade de a Tebaida continuar existindo, sob as condições em que se encontrava. O Inspetor então, parecia mesmo decidido a fechar a escola, vez que autorizou ao diretor dar conhecimento ao primeiro mandatário do Estado que se as coisas não melhorassem «a Congregação ver-se-ia na dura necessidade de fechar a escola». Dias depois o governador Joaquim Lobo e vários políticos visitam a Tebaida. Ficou satisfeito com a obra e prometeu ajudá-la. Registraram as impressões no livro dos visitantes. Joaquim Lobo começou a cumprir a promessa de ajuda, pagando parte dos débitos atrasados pelo Estado. Meses mais tarde, Pe. A. Cosci comunicava ao Pe. P. Álbera :

«O governo do Estado nos desprezou por longo tempo, mas o atual presidente do Estado visitou a Escola e ficou tão satisfeito que logo nos deu um subsídio. Se o governo continuar seu apoio creio que em pouco tempo nos reergueremos».⁸⁶

Pe. P. Ghislandi escreve ao governador

A casa encontrava-se *em estado quase deplorável, quase em ruínas*. Com as esperanças das ajudas prometidas, pensou-se em realizar alguma melhoria nos ambientes. Fez-se um estudo do montante a ser gasto. O resultado, porém, foi decepcionante, dada a desproporção entre o que se precisava fazer e o que se esperava receber como auxílio. Assim, o assunto das reformas foi encerrado, pois tratar-se-ia de mais um peso para a comunidade. Pe. P. Ghislandi, em face à dura realidade, resolve em 24 de fevereiro de 1920, escrever a José J. Lobo. Apresenta-lhe vários assuntos: a história da Tebaida, os esforços da Congregação em manter ali os mais competentes salesianos, as enormes somas jogadas sem retorno, os problemas de saúde. Concluindo afirma que:

⁸⁴ José Joaquim Lobo, governou de 1918 a 1922.

⁸⁵ ASC F 730: Rota-Ghislandi, Bahia, 9 de fevereiro de 1919.

⁸⁶ Ib. carta Cosci-Álbera, Tebaida, 2 de julho de 1919.

«A Congregação Salesiana se encontrava na iminência de fechar a Escola, destinando os poucos alunos (uns 20) a qualquer outra nossa casa ou restituindo-os às famílias».⁸⁷

A declaração foi interpretada pelo Palácio do Governo como um ultimato dos Salesianos Pe. P. Rota desde o início de fevereiro, encontrava-se em visita ao Norte, onde colheria notícias mais detalhadas sobre a morte de Mons. L. Giordano. Desconhecia por conseguinte o conteúdo da correspondência de Ghislandi a Joaquim Lobo.

Pe. P. Rota dá uma explicação par a carta do Pe. P. Ghislandi

Encontrando-se ainda na Amazônia Pe. P. Rota teve conhecimento da correspondência do diretor da Tebaida. A notícia chegou-lhe através de um amigo sergipano que trabalhava num emprego público em Manaus. O funcionário recebera um *Diário Oficial* onde se publicara a matéria. O Inspetor surpreso retorna a Pernambuco e logo escreve aos superiores, dando uma explicação para o fato.

«E então, como se explica esta carta?

Passei pela Bahia no dia 09 de fevereiro, dali escrevi uma carta ao P. Ghislandi que me pedia instruções. Escrevi rapidamente comunicando-lhe mais ou menos aquilo que já expus acima e vejo que ele interpretou a coisa de modo mais explícito e foi logo ao positivo. Considero que ele não fez isto par ver-se livre daquele peso, porque P. Ghislandi era bastante afeiçoado à Tebaida. Certamente ele era de acordo, antes, acreditava ser encarregado de agir daquele modo. Eu não posso dizer outra coisa, porque não sei como o Governador viu a coisa, sendo que o Diário Oficial simplesmente apresenta o documento sem fazer nenhum comentário».⁸⁸

Decide-se a sorte da Tebaida

A vida na escola agrícola do Pe. L. Giordano sempre foi difícil. Dificuldades e crises jamais deixaram de existir. Agravaram-se sobretudo em

⁸⁷ Não encontramos o original da Correspondência de Ghislandi ao Governador. Talvez se encontre ainda no Palácio O. Campos em Aracaju. A notícia encontra-se em Pe. P. Rota: ASC F 730: *La Tebaida*.

⁸⁸ ASC F 730: Pe. Rota, *La Tebaida*.

três momentos: após 1906 com a morte de Mons. O. Campos; em 1916 com a ida de Mons. L. Giordano para a região missionária do Rio Negro; piorou mais ainda com a sua morte, em 04 de dezembro de 1919.

A fundação dos arredores de São Cristóvão faz lembrar o negro existencialismo de Heidegger e seus discípulos, para quem o ser existe para a morte.⁸⁹ Parece mesmo que a Tebaida nasceu para viver sofrendo e morrer prematuramente. Fazia parte de sua sina. Não desapareceu mais cedo porque o patriarca de nossas fundações no Nordeste, a sustentou com sua presença quase constante, seu trabalho dedicado e incansável. Infelizmente Pe. L. Giordano foi vencido pelas forças da natureza, deixando porém um grande exemplo aos pósteros.

Em 1920 estavam na Escola S. José, «sem ter o que fazer», o diretor Pe. Pedro Ghislandi e dois irmãos coadjutores. Diante das realidades passadas, do presente e de uma sombria perspectiva para o futuro o Conselho inspetorial resolve estudar corajosamente a questão da Tebaida. Não se podia mais continuar como estava. Uma das dificuldades, quando se tratou do assunto do fechamento, era como o Governo receberia a decisão, mesmo porque agora o clima no Palácio era um tanto mais benigno em relação à obra do rio Poxim. Aos 28 de maio de 1920, encontraram-se em Aracaju, o Inspetor Pe. P. Rota, o diretor Pe. P. Ghislandi, Pe. Antônio Vellar e Pe. José Selva. Ao se reunirem concluíram que não havia mais condições de se continuar com a escola. A decisão seria comunicada aos superiores de Turim «para termos sua determinação». O problema era «ver se [se] podia conseguir que o Governo, sem levar a coisa a mal, retomasse aquele terreno, fazendo-nos alguma concessão».⁹⁰

Pe. Rota apresenta algumas das razões, que segundo nos parecem, devem ter influenciado na decisão do Conselho inspetorial de maio de 1920.

«A minha opinião é que o futuro da Tebaida seria sempre escuro, e um problema de difícil solução. O terreno ingrato, insalubridade deficiente, a ajuda incerta das autoridades (com efeito, depois de 4 anos virá um outro Governador⁹¹, e como será?), a vizinhança da cidade de Aracaju (a 18 km), onde temos um pequeno Colégio bem começado, onde

⁸⁹ Das Zein zum Tode (O ser para a morte).

⁹⁰ ASC F 730. Pe. Rota, *La Tebaida*.

⁹¹ Pe. Rota aqui se refere ao atual chefe do Executivo sergipano que pelo menos pagou alguns atrasados e era mais ou menos favorável à obra.

mais tarde se poderá desenvolver uma obra, se não igual, mas pelo menos equivalente a esta de Tebaida, tudo isto faz pender as razões em favor do fechamento daquela casa. Por isso eu creio que os Inspetores não julgarão que a Congregação sofre uma grande perda com isto. Mas, eu sei muito bem, que nem eu, nem o P. Ghislandi podemos tomar esta determinação, porque eu creio que se requerem mais motivos para se fechar uma casa do que para abrir. É por isto que deploro sinceramente o acontecido».⁹²

4. Os diretores da Tebaida (1902 a 1920)

- Pe. Luiz Pasquale 1902-1909
- Pe. José Blangetti 1910
- Pe. Lourenço Giordano 1911-1915
- Pe. Pedro Ghislandi 1916-1920 ⁹³

5. Transferência para Aracaju

O oratório da «Tebaidinha»

As condições da Tebaida em S. Cristóvão, jamais foram propícias à organização e manutenção de um Oratório Festivo. As residências eram escassas e distantes umas das outras, dificultando as reuniões dos poucos jovens existentes.⁹⁴ Por isso mesmo, os salesianos sempre esperavam a fundação de um na Capital, onde se encontravam muitos meninos e jovens, carentes de assistência religiosa. Pe. L. Giordano informa que em 1907, trabalhava naquele sentido. De abril a novembro de 1908 foi grande a movimentação entre Tebaida e Aracaju.⁹⁵ Tratava-se de encon-

⁹² ASC F 730: Pe. Rota, *La Tebaida*.

⁹³ ASC: *Elenco Generale della Società di S. Francesco di Sales*.

⁹⁴ Ainda em 1999, podemos constatar como são raras as casas em torno da região, havendo mais habitações nos arredores de S. Cristóvão.

⁹⁵ As informações que seguem podem ser compulsadas na Crônica de 1908 do Colégio Salesiano de Aracaju; em L. de OLIVEIRA, *Centenário da Presença...*, Vol. I, p. 78 e C. LEÔNICIO, *Sete Lustrros...*, pp. 81 e ss. Este último autor, citando o senhor Olavo de Almeida põe a data da fundação do Oratório de Aracaju no dia 15 de agosto de 1908, quando foi na realidade em 15 de novembro. Pensamos com o historiador Luiz de Oliveira que se trata de uma falha da Crônica. Dizia-nos o professor num "e-mail" que nos en-

trar um local propício a ser comprado para a instalação da obra. Uma primeira viagem de Pe. L. Giordano e do Diretor, Pe. Luiz Pasquale realizou-se em 7 de abril de 1908. No dia 9 adquirem um terreno no lugar chamado Perua.⁹⁶ Durante toda a semana o vai e vem foi constante: Inspetor, Diretor e Pe. Constantino Zaikowski, preocupados em prepararem o ambiente para logo mais iniciarem a catequese. Compra-se mais uma quadra e meia, na Conceição e em maio (14) o diretor da Tebaida compra outra quadra. Na metade de junho um grupo de meninos vai a Aracaju preparar o ambiente para as próximas atividades oratorianas. Pe. L. Pasquale escreve uma Circular aos *Generosos Cooperadores e Caridosas Cooperadoras*.

«No intuito de darmos maior desenvolvimento a nossa Escola Salesiana neste Estado, melhor correspondermos ao espirito de D. Bosco, nosso Veneravel Fundador, que tomou a seus paternaes cuidados a educação das creanças, resolvemos abrir, em Aracajú, uma casa com a denominação de – Oratório Festivo (ou Recreio da Infancia)».⁹⁷

Aos 9 de novembro o senhor Nicolão é transferido da Escola S. José para a Capital. Será o porteiro do Oratório. Em seguida Pe. Carlos Zaikowski (10) e no dia 14, Pe. L. Giordano, Pe. L. Pasquale e Pe. Pedro Ghislandi (da Bahia, se encontrava na Tebaida), acompanhados por músicos e cantores chegam para inaugurarem em 15 de novembro o Oratório, dedicado a Maria SS. Auxiliadora, chamado «Tebaidinha» pelo povo (pelo fato de ali se encontrarem meninos remanescentes da Tebaida), ou ainda «Recreio da infância». Às 9 horas houve Missa solene, celebrada pelo vigário forâneo Monsenhor Raimundo de Melo, acolitado pelo Pe. P. Ghislandi, como Diácono e como Subdiácono o diretor da Tebaida. No sermão Pe. Inspetor explicou ao povo e autoridades presentes a finalidade do trabalho salesiano nos Oratórios festivos. Após a

viu em 29 de novembro de 1999: “Creio que o cronista tinha no subconsciente a data de 15 de agosto, dia santificado, mais próprio para o começo de uma obra religiosa; daí colocar 15 de novembro com o dia seguinte a 14 de agosto”. O prof. Olavo Almeida (ASC F 385: *Riassunto Storico*) nota que o Oratório no subúrbio que o povo batizou depois com o nome de Tebaidinha, teve como finalidade o atendimento às necessidades religioso-morais da juventude aracajuense.

⁹⁶ Não conseguimos identificar este local. Um dos documentos encontrados registra-o entre S. Cristovão e Aracaju.

⁹⁷ ASC F 730: *Escola Agricola Salesiana S. José (Thebaida*, 24 de julho de 1908. Pe. Luiz Pasquale).

missa, o galpão que servia como Capela provisória veio a baixo, causando enorme susto aos presentes. Um menino e duas senhoras ficaram feridos. À tarde houve uma sessão cômico-musical para um «numeroso público». Foi encenada a comédia: *O Mau Companheiro*.

No título «Oratório festivo», das prestações de contas enviadas a Turim, Pe. L. Giordano deixou-nos a partir de 1903, até 1909, a caminhada progressiva inicial da Obra dos Oratórios em Sergipe.⁹⁸

- 1903 - «Até agora não se pode abrir nenhum Oratório».
- 1904 - «Até o momento não existe oratório festivo propriamente dito».
- 1905 - «Não existe por causa da distância das habitações».
- 1906 - «Não há propriamente um oratório festivo para jovens externos».
- 1907 - «Trabalhamos para abrir o oratório festivo de Aracaju».
- 1908 - «São poucos os jovens».
- 1909 - «Abriu-se o oratório festivo de Maria Auxiliadora em Aracaju, que apresenta visíveis frutos de bênçãos. Em 1909, matriculou mais de trezentos meninos com uma frequência de cerca de cem. Muita gente do povo vinha assistir as funções da manhã e da tarde».

Colégio da Rua da Aurora

As dificuldades de manutenção dos aprendizes da Escola Agrícola da Tebaida, como também a insistência de vários pais de família, levaram o novo diretor, Pe. J. Blangetti a abrir em 1910, uma sessão de alunos pensionistas. Esses internos e externos pagantes, dos cursos primário e secundário ajudariam no sustento dos aprendizes gratuitos. Em 1911 o grupo de alunos, ainda a pedido das famílias, foi transferido para a Capital. Era o nascimento de um novo Colégio salesiano, chamado Colégio Nossa Senhora Auxiliadora.

«Passo agora a dar-lhe uma notícia sucinta deste Colégio. Depois que funcionou durante alguns anos na Thebaida, no ano passado foi transportado para Aracaju, Capital do Estado. Encontramos rapidamente uma súbita aceitação».⁹⁹

⁹⁸ ASC F 744: Crônica.

⁹⁹ ASC F 730: carta Solari-Álbera, Aracaju, 10 de maio de 1912.

A inauguração aconteceu no dia 1º de março¹⁰⁰, à Rua da Aurora, também chamada na época Rua da Frente ou Ivo do Prado.¹⁰¹ Surgia assim o primeiro colégio católico, apostólico romano da comunidade sergipana. O imóvel era uma casa alugada às margens do rio que separa Aracaju da Ilha Barra dos Coqueiros. Bem próximo dali o Cotinguiba mergulha no mar levando consigo ao Tenebroso Netuno parte dos miasmas deletérios das enfermidades tropicais.

«Neste Estado o único Colégio é o nosso. Existe um outro dirigido por um tal que é de tendência protestante e onde a moralidade não é bem vista. No momento fala-se que se vê obrigado a fechar».¹⁰²

No primeiro ano de funcionamento foram matriculados 64 alunos dos quais 17 internos. No ano seguinte eram 38 os internos e 86 os externos. O estabelecimento teve de imediato boa aceitação, passando a receber desde os filhos do governador, àqueles de outras autoridades tais como magistrados, usineiros e comerciantes e do povo em geral. As classes média e alta sergipanas passavam a contribuir indiretamente para a instrução e formação dos sem elite e sem futuro. Diversos pedidos de matrícula foram rejeitados. O Pe. Inspetor chegou a desautorizar novos ingressos de alunos «para não aumentar o trabalho do escasso pessoal salesiano». Os ambientes apertados não comportavam mais de 50 externos, o que totalizaria 67 alunos com os 17 internos, diz o vice-diretor e conselheiro escolar Pe. J. Solari.

O presidente do Estado¹⁰³ logo se afeiçãoou à nova casa de educação. Na falta de local para uma das premiações dos alunos, emprestou o prédio da Assembléa Legislativa e a banda de música do batalhão. Impossibilitado de comparecer à tertúlia mandou o Secretário representá-lo. A sessão foi presidida pelo grande amigo dos salesianos, o senhor bispo

¹⁰⁰ C. LEONCIO, *Sete Lustrros...*, p. 82; L. de OLIVEIRA, *Centenário...*, p. 107.

¹⁰¹ O imóvel do primeiro Colégio Salesiano de Aracaju, situava-se onde atualmente (abril de 1999) se encontra o (velho) Mercado da Cidade. Na ocasião de nossa visita estava para ser inaugurado um novo Mercado (projeto arquitetônico de uma ex-aluna do Colégio N. Senhora Auxiliadora de SE), a poucos metros do antigo. A Rua da Aurora de antanho, compreende atualmente três trechos: a Otoniel Dórea, do Mercado Velho ao antigo prédio da Receita Federal, na Praça Gal. Valadão; a Av. Rio Branco, do prédio da Receita Federal à Praça Fausto Cardoso e o terceiro trecho a Av. Ivo do Prado, da F. Cardoso a Av. Augusto Maynard.

¹⁰² ASC F 730: carta Gatti[?]-Àlbera, Aracaju, 10 de maio de 1912.

¹⁰³ Cel. Pedro Freire de Carvalho (1911-1914).

diocesano, Dom José Thomaz Gomes da Silva. A imprensa fez os maiores elogios. Segundo Pe. J. Solari,

«todos os jornais a uma, escreveram que uma festa como aquela, jamais aconteceria em Aracaju, acrescentando que tudo aquilo contribuiu para enaltecer o nome salesiano em Sergipe».¹⁰⁴

Não foi necessário muito tempo, para se perceber que o imóvel da Rua da Aurora não suportava, as mais comezinhas exigências de um estabelecimento de educação. Repetia-se o acontecido na velha mansão baiana de J. Joaquim de Pinho, Os pedidos de matrícula eram contínuos e não podiam ser atendidos pela diretoria. O Inspetor-Diretor de ambas as obras (Tebaida e Rua da Aurora) teve que procurar outro ponto para instalar mais uma vez o Colégio N. S. Auxiliadora.

Pacatuba/Maruim

O próximo local do Colégio Salesiano de Aracaju será um prédio de primeiro andar, situado um pouco além do centro da cidade. Não era o ideal no entanto foi alugado, enquanto que os salesianos adiantando-se no tempo residiam em uma casa próxima. Brincadeiras da história: o prédio escolhido para o colégio era a casa onde havia falecido Fausto Cardoso. O assassinato ocasionara tal celeuma política, que seus correligionários terminaram por eliminar também o maior benfeitor dos Salesianos em Sergipe, Mons. O. Campos, do partido contrário. O Colégio da Pacatuba¹⁰⁵ era mais central, embora deixasse a desejar no referente à higiene e ao asseio. Uns galinheiros que existiam nas vizinhanças tornavam por vezes o ambiente irrespirável. Mesmo assim a matrícula aumentou e até maio de 1912, os internos eram 38 e os externos 86. Logo se percebeu que com o andar da carruagem, o estabelecimento não po-

¹⁰⁴ ASC F 130.

¹⁰⁵ Comunidade salesiana: Inspetor, Pe. Pedro Rota (da Inspeção Brasil Sul/Norte). Diretor, Pe. Lourenço Giordano. Prefeito, Pe. Lourenço Gatti. Conselheiro, Pe. José Solari (como Vice-diretor, exercia também a função de Diretor). Confessor, Pe. Pedro Ghislandi (pertencia à casa da Tebaida). Coadjuutor Olavo Almeida e clérigo Luiz de Brito. Trienais Clérigo Nestor Alencar e coadjutores Júlio Cavalcanti e Rosário Piccolo (morto dois meses mais tarde na Tebaidinha).

deria funcionar nem crescer. Faltavam condições físicas e higiênicas para tal. Todos olhavam confiantes o futuro e aquele local não tinha amanhã.

Pe. Aníbal Lazzari¹⁰⁶ é nomeado diretor em 1913. Recebido em Aracaju aos 26 de janeiro, aparecia envolto em terríveis apreensões, esperando compaixão e ajuda eficaz, segundo se lamentava. Dias depois de se instalar e observar o posto de sua missão escreve ao Pe. P. Álbera uma carta lamuriosa e prenhe de revolta. Não se encontrava satisfeito com o modo pelo qual lhe foi dada a notícia da transferência para Aracaju. No entanto, obedece cegamente confiado na lealdade do Superior.

«Encontrei os vários edifícios alugados carente das condições indispensável, seja no que diz respeito ao seu desenvolvimento ulterior, seja no concernente à higiene e à própria moralidade de uma casa de educação».¹⁰⁷

O diretor descreve o calor sufocante dentro das exíguas e escuras repartições do colégio. Condena sua infelicíssima posição e os odores nauseantes que exalam os galinheiros, que o circundavam por toda parte. Lembrava filme de índio... Recorda a morte do coadjutor Salvador Piccolo, atingido pelas febres e chama a atenção para outros cinco salesianos que se encontram quase ineptos para o trabalho. Reforçando sua idéia aponta alguns motivos que urgiam a mudança do estabelecimento para outro ponto: aluguel atrasado, débitos com fornecedores, isolamento das demais casas salesianas, impossibilidade física de se receber mais alunos.

As razões aduzidas podem ter apressado a transferência para a Tebaidinha. A cidade foi novamente vasculhada em busca de um outro pré-

¹⁰⁶ Pe. Aníbal Lazzari veio ao mundo no dia 30 de novembro de 1875 em Pieve Delmona (hoje, Gadesco Pieve Delmona CA'DE' Mari, Cremona, Itália). Falece em Lavrinhas, Brasil, no dia 7 de fevereiro de 1938. Estava com 63 anos, dos quais 45 de profissão e 36 de sacerdócio. Em 1895, chega ao Recife, deixando a comunidade em 1913, para ser diretor em Aracaju. Em 1920, Pe. P. Rota pede sua presença na direção do Colégio do Recife. Atacado pela malária troca de ares, passando a residir em Lavrinhas. Ali trabalhou também no Oratório da cidade de Cruzeiro. Nos dois últimos anos a enfermidade o castigou duramente. Na ocasião do féretro compareceu entre numerosos ex-alunos o Dr. Abreu e Lima seu antigo aluno do Recife. Falou em nome dos ex-alunos e Cooperadores.

¹⁰⁷ ASC F 385: carta Lazzari-Álbera, [s. d], início de 1913. As últimas palavras da citação Pe. Aníbal as copiou da Memória deixada pelo Inspetor Rota, na visita de 1912. ASC F 385: *Riassunto Storico...*

dio. Não se encontrando local apropriado, pensou-se em um retorno à Tebaida ou mesmo voltar para a Rua da Aurora. Pe. Aníbal achou melhor ir para a Tebaidinha, lugar ameno e salubre e que oferecia um vasto campo para o desenvolvimento posterior. «Embora estivesse fora do centro da cidade, estava nas proximidades dela».¹⁰⁸

A resolução tomada pelos líderes da Inspeção motivou um pedido de Pe. L. Giordano ao Pe. Gusmano Calógero. A comunidade de Aracaju deveria conseguir a licença para continuar a construção de uma obra iniciada pelo Pe. J. Blangetti na Tebaidinha. Assim, melhorariam os ambientes para um melhor funcionamento do Colégio. Pe. G. Calógero passou o pedido ao Pe. Clemente Bretto,¹⁰⁹ a fim de que o mesmo o propusesse ao Capítulo Superior.¹¹⁰ Obtida a permissão, deu-se início em 8 de setembro de 1913, à continuação de prédio. Os trabalhos foram concluídos em fins de novembro. Pe. Inspetor deu um auxílio de 6:000,00; o colégio do Recife emprestou 3:000,00; e o sr João Cardoso Aires (padrinho de Missa do Pe. Aníbal Lazzari) enviou 1:000,00 do qual dispensou o pagamento. Aos 30 de novembro efetuou-se a mudança para o novo ambiente. A imagem da Virgem Auxiliadora foi acompanhada por uma multidão de fiéis, devotos da Santa e admiradores de seus religiosos. Um dos clérigos diocesanos presente à procissão foi o Cônego Adalberto Vieira Sobral, amigo dos Salesianos.

Colégio da Tebaidinha

O isolamento do bairro periférico, a carência de meios de transportes adequados influenciou negativamente no número de alunos dos primeiros anos. Com efeito, em 1914 foram apenas 10 internos e 15 externos. Os oratorianos ao invés, cresceram substancialmente. No Domingo da Páscoa estavam presentes 150, todos pobres. Outro aspecto positivo foi que a distância do estabelecimento, fora do barulho e das distrações próprias do centro da cidade, favoreceu a aprendizagem. A mudança para Tebaidinha influenciou positivamente também na comu-

¹⁰⁸ C. LEÔNCIO, *Sete Lustrros...*, p. 83.

¹⁰⁹ Nasceu em Turim em 18 de junho de 1855, morreu na mesma cidade em 25 de fevereiro de 1929, enquanto era ecônomo geral. Quando em 1910, faleceu o ecônomo Pe. J. Bertello, o novo Reitor Maior Pe. P. Álbera chamou-o para sucedê-lo, até a eleição quando da reunião do Capítulo. Explodindo a guerra, Pe. Clemente Bretto continuou no Economato.

¹¹⁰ ASC F 730: carta Giordano-Gusmano, Tebaida, 17 abril 1913.

nidade religiosa. Pode trabalhar mais tranqüila sentindo-se finalmente em um local definitivo. Os trabalhos pedagógico-pastorais seguiram seus ritmos sem muitos problemas, pelo menos parece. Um dos fatos que na ocasião mais empenhou a atividade salesiana, seus colaboradores e destinatários, foi em 1915, a celebração do Centenário da Instituição da Festa de N. Senhora Auxiliadora. O evento foi comemorado com uma bonita festa no dia 23 de maio. Compareceram ao acontecimento pessoas de diversas partes da capital e do interior do Estado.

A jovem instituição crescia em idade, fama e adequação aos tempos. Duas grandes benfeitorias foram realizadas, em 1917. A instalação da água encanada e a luz elétrica o que facilitou em muito a vida de educadores e educandos. Neste particular deve-se agradecer o auxílio dos Generais Manuel de Oliveira Valadão, governador de 1914 a 1918 e José Joaquim Lobo, chefe do governo de 1918 a 1922, bem como ao Dr. Alfredo de Paiva Melo.

No entanto, os problemas de saúde não haviam desaparecido de todo. Precisamente no ano do término da I Grande Guerra, uma epidemia geral de febre, «a gripe espanhola» assolou as cidades brasileiras. Aracaju não ficou isenta. Em outubro, as autoridades sanitárias do Estado ordenaram o fechamento sistemático de todos os educandários. Embora o Nossa Senhora Auxiliadora não tivesse sido atingido pela moléstia, a diretoria atendeu prontamente à ordem emanada pela Inspetoria de Higiene. As repartições do colégio foram postas à disposição da soldadesca do 41º Batalhão de Infantaria,¹¹¹ também atingido pela gripe. Diversos militares foram atingidos pela espanhola. O gesto dos salesianos foi motivo de um pronunciamento na Assembléia Legislativa por parte do Presidente do Estado Gal. O. Valadão. Os Padres A. Lazzari, A. Vellar e Epifânio Borges desdobraram-se nos atendimentos domiciliares, atendendo os enfermos. Os cooperadores dos oratórios da Tebaidinha e do Oratório Venerável Dom Bosco (Da. Bebê) desvelaram-se andando de casa em casa, encorajando os doentes, levando-lhes remédios e alimentação fornecidos pelo colégio, além de uma palavra de esperança cristã.

Pe. A. Lazzari pede autorização (1918) para construir a Igreja do Oratório. Sua carta inicia expondo ao Pe. L. Giordano, «o primeiro a anunciar a intenção dos salesianos em construir o templo» o interesse da população de Aracaju pela futura Casa de oração. Fazia-se necessário e urgente um local mais adequado para as Missas e funções do Oratório

¹¹¹ Aqui o documento fala de 41º Batalhão de Infantaria, anteriormente vimos que se tratava do 42º. Sabe-se que na Capital sergipana está sediado o Vigésimo Oitavo Batalhão de Caçadores.

freqüentado também pelo povo. Certa feita o senhor bispo diocesano, Dom José Thomás referira-se à capela existente com as seguintes palavras: «a pequena capela que existe é de uma insuficiência desoladora».¹¹² A adesão das pessoas em torno da idéia girou não só em termos de campanhas oracionais, mas também quanto ao aspecto financeiro do empreendimento. A imprensa se encarregou de divulgar as quermesses realizadas em prol da obra. As famílias e autoridades teciam comentários elogiosos ao trabalho dos Salesianos nos dois Oratórios. A formação política ministrada aos meninos que se apresentavam garbosamente nos desfiles do Sete de Setembro era altamente apreciada pelos homens públicos.

Pe. A. Lazzari insiste em obter a permissão para iniciar os trabalhos e argumenta que Pe. L. Giordano com sua influência converse a propósito com o Inspetor Pe. P. Rota e com Pe. P. Álbera. Pelo menos concedam-lhe a autorização para que possa recolher esmolas com aquela finalidade, assim procederia com mais segurança. O diretor do Auxiliadora acredita que chegou o tempo oportuno. Não podemos continuar inermes diante *deste movimento, com efeito espontâneo, seria escandaloso*. Na cidade apareciam os espertos pedindo esmolas e sempre recebiam alguma coisa, em nome do Oratório da Tebaidinha. Pe. L. Giordano passou a missiva ao Pe. P. Álbera, que ao examiná-la acrescenta de próprio punho no início da mesma: «pode-se conceder a licença que pede».

Mil novecentos e dezenove é o último ano do Pe. A. Lazzari na direção do Nossa Senhora Auxiliadora de Aracaju. Quem diria que o chorão de 1913 passasse seis anos dirigindo aquela casa de educação. Parafraseando Euclides da Cunha, direi que A. Lazzari era antes de tudo um homem forte, corajoso, que gostava de enfrentar os problemas. Não fosse assim, não teria sido nomeado para assumir a direção do Sagrado Coração do Recife. Antes porém de deixar Sergipe, continuou o aterro do pátio interno, invadido por extensa lagoa, demoliu grande parte do monte de areia que ocupava o terreno e executou a construção quase completa do muro ao redor do colégio. O internato em 1919, acolheu 50 internos e, dada a deficiência de transporte, matriculou somente 11 externos.

Pe. José Selva¹¹³ é nomeado em 1920 para a direção do Nossa Senho-

¹¹² ASC F 385: carta Lazzari-Giordano, Aracaju, 10 de setembro 1918.

¹¹³ Diretor de 1920-1931, quando é transferido para o Recife. Em 28 de agosto de 1932, é nomeado Inspetor do Norte do Brasil, então denominada Inspetoria Salesiana S. Luiz Gonzaga do Norte do Brasil.

ra Auxiliadora de Aracaju. Deixava o S. Joaquim no interior de Pernambuco e permaneceria em Sergipe até 1931, onde trabalharia muito para melhorar o aspecto físico do Colégio. Deu andamento e concluiu a terraplanagem dos pátios, aterrou a extensa lagoa das vizinhanças do prédio, construiu salas de aulas, cozinha, refeitório e a parte onde atualmente se encontra a Matriz de Nossa Senhora Auxiliadora. É de seu tempo o longo pórtico, onde nos últimos anos da década de 1980, foi construída a parte mais recente e moderna da escola. Pe. J. Selva realizou ainda a perfuração de um poço artesiano, cuja água potável era bombeada, através da força eólica que movimentava um cata-vento. Tentando atrair antigos alunos e oratorianos fundou o Círculo «Auxilium». O grupo funcionou durante quatro anos, promovendo reuniões domiciliares, missas, teatros e festas religiosas. Os alunos no entanto, continuavam em pequeno número. O grande empecilho para o deslanche das matrículas era a deficiência das vias de acesso ao local. As matrículas alcançaram significativo número, a partir de 1923, quando melhoraram as vias de comunicação, implantando-se a linha de bondes que alcançou as vizinhanças do Nossa Senhora Auxiliadora.¹¹⁴ Os internos passaram a 73 e os externos foram mais de uma centena.

6. Oratório Venerável Dom Bosco

Uma outra fundação de cunho sócio-pastoral, cuja origem e desenvolvimento teve a presença direta dos salesianos de Aracaju, foi o denominado Oratório de Da. Bebé. Fazia-se necessária uma obra que cuidasse das meninas. O Pe. A. Lazzari sentia e se preocupava com o problema. Enquanto aguardava a presença das FMA resolveu iniciar, juntamente com uma jovem dinâmica e caridosa chamada Genésia Fontes, uma pequena obra social destinada exclusivamente às meninas. Chamou-se Oratório Dom Bosco,¹¹⁵ fundado em 16 de agosto de 1914.

O começo foi árduo e fadigoso, mas Genésia Fontes enfrentou as dificuldades e começou o trabalho. Pe. A. Lazzari, coordenador da obra, e Da. Bebé montaram seu primeiro Oratório na sala de uma casa particular, pertencente a uma senhora chamada Ceciliana,¹¹⁶ humilde charutei-

¹¹⁴ ASC F 385: O. de ALMEIDA, *Riassunto Storico...*

¹¹⁵ Conhecido também por Oratório Venerável Dom Bosco, Oratório da Bebé ou Dona Bebé.

¹¹⁶ Algumas destas informações foram colhidas em apontamentos feitos pelo Prof. L. de Oliveira.

ra que vivia no bairro do Carro Quebrado, área do atual S. José. Na sala as meninas recebiam aulas de religião e no quintal da residência faziam recreação. Participavam das missas, bênçãos do Santíssimo e primeiras comunhões no Oratório da Tebaidinha.

O desenvolvimento urbano invadiu o quintal de Da. Cecília obrigando-a a procurar outro local. Após uma série de dificuldades a extraordinária Bebê conseguiu com seu trabalho e economias comprar uma humilde casa de taipa no bairro da Cirurgia, esquina da Rua Dom Bosco com Desembargador Maynard. O imóvel, coberto com folhas de coqueiro, foi adaptado internamente, tornando-se um pouco mais funcional. Pela manhã, as meninas tinham aulas do Curso Primário e à tarde, Catecismo e trabalhos manuais.

Em 1919 teve início no Oratório D. Bosco um pequeno orfanato. Os salesianos continuaram presentes, com sua assistência espiritual e material à obra. Logo mais será inaugurado um novo prédio, cuja planta foi desenhada a pedido do Pe. J. Selva, substituto de Pe. A. Lazzari.¹¹⁷

O Oratório Dom Bosco vem sendo mantido pelas Camilianas desde 1952. Da. Bebê desejava entregá-lo às FMA.

7. Acesso à «Velha Colônia Abandonada»

O acesso às antigas terras da Tebaida e à estação de ferro em ruínas faz-se através da BR 101, ou da rodovia estadual asfaltada Aracaju-S. Cristóvão,¹¹⁸ parte da antiga trilha existente no início do século. Ao se deixar o asfalto toma-se uma estradinha de terra, de cerca de quatro quilômetros. Após o rio Pitanga alcançamos os restos da vetusta Estação da Tebaida e os terrenos da antiga escola.

Os outeiros que pontilham aquelas glebas, escalvos alguns, outros envoltos em farrapos de arbustos tristes e mirrados, dizem do esforço que os salesianos tiveram para cultivarem as terras do Monsenhor. Aqui e ali algumas sombras de coqueiros, mangueiras e jaqueiras amenizam os ares escaldantes daquelas brenhas. Serpeando por entre os morros, seminus e desanimadores no verão causticante, espalham-se pequenas pla-

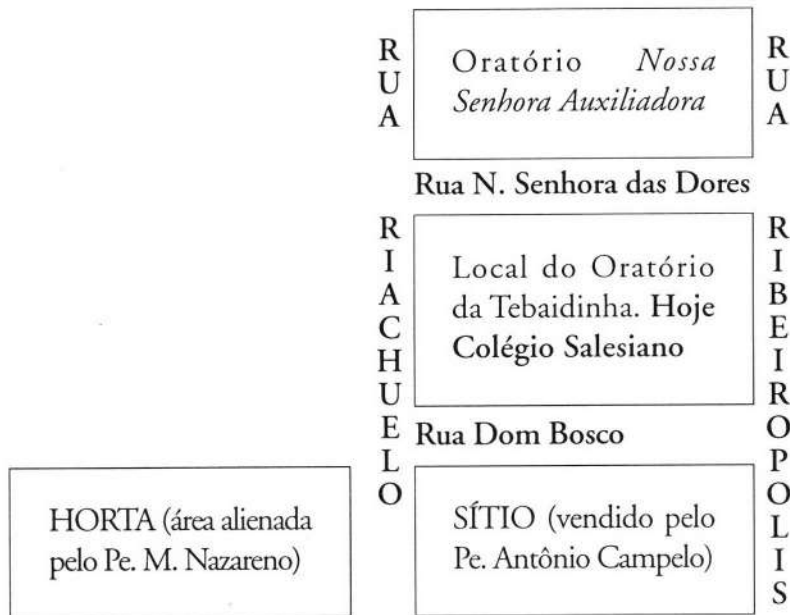
¹¹⁷ L. de OLIVEIRA, *Centenário da Presença Salesiana...* Vol. II. Recife, Escola Dom Bosco de Artes e Ofícios 1994, pp.78-81.

¹¹⁸ São Cristóvão situada sobre uma colina foi Capital do Estado até 1855. Em 17 de março daquele ano, o Presidente Joaquim Inácio Barbosa, através de uma lei da Assembléia Estadual, mudou o Governo para Aracaju.

nuras povoadas na estação chuvosa de pântanos e açudinhos. São preciosos reservatórios das águas pluviais caídas durante o inverno.

As terras da menina dos olhos do Pe. L. Giordano são hoje uma fazenda particular. Na entrada um caseiro carrancudo pode impedir o acesso, caso não se tenha a licença de ingresso, adquirida em Aracaju, onde vive o ex-aluno atualmente dono do imóvel.

8. Quadras primitivas da obra de Aracaju, Sergipe



CONCLUSÃO

Nestas últimas páginas apresentamos uma súpula geral sobre o trabalho até agora desenvolvido.

O Brasil atravessou o fim do século XIX e entrou no século XX, em meio a diversas transformações. A característica do Império brasileiro (1822-1889) era marcadamente monárquica, escravocrata, agrícola e patriarcal. Sobretudo ao terminar a Guerra da Tríplice Aliança, um forte vendaval agitou a face do país. O clima de ebulição já havia começado antes mesmo da Proclamação da República com as chamadas *questões militar, servil e religiosa*.

Os militares queriam mais liberdade no que dizia respeito aos seus interesses, incluiu assuntos políticos. Nas senzalas os escravos começavam a ouvir e aplaudir o grito da sociedade que pregava a abolição da escravatura. Os bispos e um grupo de padres viviam insatisfeitos com o relacionamento entre governo e igreja.

1. Igreja e governo

A Igreja brasileira oficialmente romana estava atrelada ao Estado. Havia no país a presença de diversos grupos religiosos independentes de Roma. Pedia-se maior abertura. O governo na sua maioria composto por elementos maçons criava constantes tensões com os prelados. O clero encontrava-se dividido entre os que silenciavam ou aceitavam a situação e os que pregavam abertamente uma ruptura com o governo.

2. Clero diocesano e clero regular

Vivendo numa sociedade permissiva e liberal, uma parte do clero apresentava sérios problemas de ordem moral, apesar dos esforços de algumas Congregações religiosas e do mesmo governo. Nas visitas pastorais os bispos abordavam claramente o desafio tentando modificar a situação. No entanto estas presenças junto a seus padres eram muito raras, dadas as distâncias e o isolamento em que viviam os sacerdotes.

As Congregações religiosas tanto masculinas como femininas também eram atingidas pela crise. Em âmbito masculino o espírito de independência motivou séria desvalorização da disciplina e da obediência. A administração e o inadequado uso do dinheiro pelos religiosos que haviam feito o voto de pobreza, contribuíram nos últimos anos do Império para a decadência das antigas Ordens. Por outro lado, a mesma presença de escravos e escravas nos conventos, a falta de vocação, as

pressões do governo contra os frades que temia que eles tomassem parte nos movimentos políticos aumentando as dificuldades para o Estado.

Nas comunidades femininas um dos problemas estava na presença de pessoal feminino não consagrado, convivendo com as religiosas. As escravas por exemplo mantidas nos conventos eram superiores ao número das freiras.

Diante do quadro geral a Internunciatura Apostólica e o governo iniciaram, mais intensamente nos três últimos lustro do Império, um movimento visando restaurar a disciplina religiosa. A *Reforma Eclesiástica* começou tendo o importante apoio do bispo de Mariana D. Antônio Maria Correia e o de S. Paulo, D. Lino Deodato. Entre os religiosos que mais se sobressaíram estavam os Lazaristas e Redentoristas. A idéia era um retorno aos padrões romanos, a romanização da Igreja brasileira.

No que dizia respeito ao governo adotou-se um novo critério para escolha dos bispos. Os novos prelados não seriam mais apontados pelo fato de obedecerem cegamente à política estatal e sim homens probos e santos que tivessem realmente condições de coordenarem pastoralmente seus padres e guiarem seus fiéis. Os seminários foram reformados em seus currículos para melhor responderem às exigências das novas gerações.

3. Religiosidade popular

As massas populacionais privadas de pastores que lhes conduzissem na fé passaram a cultivarem uma religião sincrética, desligada das verdadeiras orientações cristãs e católicas. A religião tornou-se em muitos pontos uma prática familiar em que o dono da casa, à noite se reunia com a família para rezar o terço diante do Oratório. O secretário do Pe. Luiz Lasagna, Teodoro Massano, assim descrevia a situação:

«Eis toda a devoção dos brasileiros: ter um belo altazinho em casa,... inscrever-se em muitas Confrarias e na maçonaria que aqui é quase uma necessidade para se viver comodamente e se alcançar os cargos mais honrosos».¹²¹

Um outro fenômeno provocado pela situação foi o nascimento no meio popular de movimentos políticos-messiânicos como Canudos,

¹²¹ A. FERREIRA, *Uruguay e Brasile visti...*, in RSS 3 (1983) 296-298.

Juazeiro do Norte e o Contestado. Os dois primeiros estarão ligados à história salesiana da Bahia, do Recife e do Ceará.

4. Crise econômica, reformas educacionais

A mudança do Império para a República aconteceu em meio aos problemas econômicos, em parte motivados pela mudança do regime escravocrata para o do trabalho assalariado. Aumentaram as importações e os preços dos insumos, ao mesmo tempo em que as exportações diminuíram. O resultado foi um contínuo déficit, que o governo procurava encobrir tomando empréstimo no exterior e emitindo papel moeda.

Nos últimos anos do Império as condições educacionais foram bastante precárias. A grande massa dos jovens, notadamente das classes menos aquinhoadas não dispunham de colégios que os acolhessem. Viviam nas ruas, praças e campos sem esperança, sem um amanhã, em que pudessem viver e trabalhar dignamente.

Numa tentativa de melhorar a situação foram realizadas algumas discussões sobre o tema educação. O povo começou a tomar parte no movimento, surgindo esperanças de que o trinômio: democracia-federação-educação viria solucionar em parte o problema. Apareceram algumas reformas educacionais como a de 1901 de Epitácio Pessoa, que favoreceu bastante aos futuros estabelecimentos particulares de ensino.

5. O projeto de Dom Bosco na América

São João Bosco, o santo dos jovens, de olhos abertos ao que acontecia em seu tempo e em seu mundo, foi de tal modo atingido pelo fenômeno da juventude pobre e abandonada que lhe dedicou toda sua vida até o último suspiro, ajudando-a material e espiritualmente. Sua atividade começou em Turim com a Obra dos Oratórios, instituição que recolhia os jovens operários da cidade para dar-lhes alguma assistência material e religiosa.

A Família Salesiana por ele fundada (Salesianos, Filhas de Maria Auxiliadora e Cooperadores Salesianos) logo espalhar-se-á por todos os Continentes, preocupada com a parte mais débil da humanidade. Em 1875 a atividade extrapolou o Piemonte, alcançando a França e a Argentina. Daí em diante não cessou de se alargar. Onde houvesse jovens, carentes de uma palavra amiga, necessitados de qualquer tipo de auxílio para a alma ou para o corpo, os salesianos procuravam se fazer presentes.

No Brasil os SDB começaram a ser conhecidos ao mesmo tempo

através de vários canais: o Norte do Uruguai colonizado por fazendeiros brasileiros, cujos filhos estudavam no Colégio Pio de Montevideo foi um desses instrumentos de divulgação do nome salesiano no país nordestino. Outros propagandistas da obra do educador piemontês foram os bispos brasileiros, seus padres e seminaristas que estudavam na Europa. A mesma Família Imperial brasileira (Dom Pedro, a Princesa Isabel, o Conde d'Eu) foram importantes advogados da causa salesiana no Brasil. A viagem de Dom Bosco à França em 1883 foi amplamente divulgada entre nós, através da leitura dos jornais parisienses.

Pe. L. Lasagna, diante da insistência de vários setores da sociedade nacional, realiza em 1882 uma viagem por todo o Brasil atlântico para conhecer *in loco* as condições nas quais viriam trabalhar os missionários turineses. A partir daquele ano e com a primeira fundação de Niterói, a grita pela presença dos salesianos no país tornou-se mais forte e constante.

Objetivos dos salesianos na América e no Brasil

As preocupações de Dom Bosco e seus missionários na América voltavam-se para os imigrantes, seus filhos, as missões entre os índios da Patagônia, do Mato Grosso e os aborígenes da Amazônia. Na Bahia, onde não havia imigrantes italianos, um dos objetivos dos salesianos, além da juventude pobre e órfãos em geral, era atender os *ingênuos*, os filhos livres dos escravos, após a Lei do Ventre Livre (1871). Em 1897, quando foi comprada a Chácara do Caranguejo, Pe. L. Giordano se comprometeu a receber alguns órfãos, filhos dos combatentes mortos na guerra de Canudos.

Nos três volumes do *Epistolário di Mons. Luigi Lasagna*, aos cuidados de Antônio da Silva Ferreira, encontra-se um precioso acervo de informações, a respeito da primitiva história missionária salesiana no Brasil. O primeiro Inspetor das Américas estabeleceu um plano missionário específico para o país.

1. Assistir aos imigrantes e seus filhos.
2. Evangelizar os *índios*.
3. Cuidar dos *ingênuos*.
4. Ajudar os senhores bispos.

Os imigrantes

Em capítulo anterior nos referimos à sensibilidade de Dom Bosco aos acontecimentos de seu tempo. Um dos fenômenos que mais o preo-

cupou, além da problemática juvenil foi a situação dos imigrantes europeus, no êxodo em direção aos diversos Continentes. O santo pensava particularmente na situação dos italianos que deixavam a pátria.

No século XVIII, um dos fatos sociais mais desafiadores em termos humanos e religiosos foi precisamente o fenômeno migratório. Dom Bosco, arguto observador, não ficou à margem do acontecimento. Teremos uma idéia da problemática quando pensamos que durante apenas um século de 1830 a 1930, as correntes migratórias especialmente da Europa para os demais Continentes somaram cerca de 60 milhões de indivíduos.

As Américas, a Oceânia e algumas regiões da África tiveram suas fisionomias modificadas recebendo um influxo inesperado que não o teriam sem a presença dos indivíduos alienígenas. A igreja e seus pastores, bispos e sacerdotes, não podiam ficar à margem do acontecimento, até porque em termos religiosos ele poderia ser benéfico ou revolucionário, perturbador da ordem social e religiosa. O encontro ou a supremacia da religião dos imigrantes ou a eventual assimilação dos credos acatólicos dos aurtóctones poderia não ser pacífico.¹²²

Nas Américas os países que mais atraíram o fluxo migratório italiano foram a Argentina, o Brasil e os Estados Unidos. Dos três,

«O Brasil sempre representou uma espécie de mito no imaginário do imigrante, mais do que a Argentina e os Estados Unidos».¹²³

No ano da morte de Dom Bosco, as estatísticas mostravam que no Brasil havia 97.730 imigrantes italianos. Este número motivado pela *destrutiva situação interna*, preocupou o governo da Itália que passou a controlar de modo mais rígido o fluxo de seus compatriotas para aquela nação. Um ano depois baixou para 36. 124 pessoas e em 1890 para 31.275. As cifras são das estatísticas brasileiras, as italianas eram mais baixas, respectivamente: 16. 953 e 16.233. O fato indica que as medidas restritivas aumentaram a emigração clandestina.¹²⁴

¹²² *Dal Piemonte allo Stato di Spirito Santo, aspetti della emigrazione italiana in Brasile tra ottocento e novecento*, a cura di Mauro REGINATO. Torino, Stampa della Giunta Regionale, 1996, p. 508.

¹²³ *Dal Piemonte allo Stato di Spirito Santo...*, p. 3.

¹²⁴ *Ibid.*, p. 83. Este fenômeno migratório se repete hoje de modo contrário e até mais trágico, pois quando a polícia tenta prender os barcos contrabandistas, os novos escravos mulheres, crianças e homens são jogados no mar. Da Europa Leste, países do ex-Império Russo, da África e do Oriente médio e remoto acorrem a Europa constantes levas de clandestinos ou não. Alguns nas horas caladas e frias da noite são literalmente despejados pe-

Missões indígenas e imigrantes italianos

Pe. Stella observa que em se tratando de missões Dom Bosco sonhava e pensava em sentido estrito de levar a religião aos infiéis, isto é, àqueles que não tinham fé e no sentido mais romântico da época, catequizar os povos cruéis e selvagens.¹²⁵

A atividade missionária salesiana na América foi objeto de críticas por parte de alguns que talvez não entenderam a maneira de Dom Bosco fazer missão. Comentava-se que os salesianos não se preocupavam com as missões. Cuidavam somente dos estrangeiros que ao chegarem ao Brasil ou Argentina foram realmente seus alvos prioritários, desde o início. Só após alguns anos de tentativas e contatos é que se inicia diretamente a evangelização dos povos patagônicos.

Uma das primeiras admoestações aos salesianos vem de um jornalista de Buenos Aires. Ao visitar o Território do Rio Negro escreveu «que não havia missões salesianas no Sul e sim colégios, granjas e igrejas que enriqueciam os salesianos».¹²⁶ O mesmo cidadão criticou o famoso missionário Pe. Domingos Milanésio (1843-1822) dizendo que vivia uma boa vida à custa dos índios. Um cooperador defendeu a obra do missionário e as Missões salesianas.

Na mesma época outro correspondente de *O Tempo*, ao visitar o mesmo Território do Rio Negro publicou uma série de artigos sobre as Escolas Profissionais Salesianas da região, onde os filhos dos índios eram acolhidos e estudavam as diversas artes.¹²⁷

Uma segunda crítica ao método salesiano usado nas Missões vinha da parte daqueles que achavam que os SDB deviam como os Jesuítas terem construídos também as suas *Reduções*. Não é que Dom Bosco não se mostrasse entusiasta sobre a colonização e evangelização espanhola da América. Estava bem informado, conhecia o método usado no Paraguai ou nas missões do Sul do Brasil. Achava porém que aquele modo de agir lembrava

«o método dos missionários da Idade Média usado para converter os povos germânicos, identificando a conversão destes povos selvagens

los barcos nas praias do Adriático ou do Mediterrâneo. Os contrabandistas de pessoas cobram fortunas por cabeça.

¹²⁵ P. STELLA, *Don Bosco...*, Vol. I, p. 169.

¹²⁶ AA. VV., *Misiones Salesianas de la Patagonia. Su labor durante los primeros 50 años.* [s l], Imprenta de la Misión Salesiana [s d.], pp. 54-55.

¹²⁷ *Ibid.* Na obra citada não aparecem os nomes dos jornalistas, nem do defensor do Pe. D. Milanésio.

com o próprio civilizar-se político e com o desenvolvimento da mesma região». ¹²⁸

A estratégia de Dom Bosco era outra. Numa Circular de outubro de 1876, afirmava que uma vez abertas as casas,

«ativados estes internatos, assegura-se a moralidade e a religião entre os indígenas [e] se pode ministrar uma educação científica e cristã às crianças de todas as classes. Ao mesmo tempo cultivam-se aquelas vocações eclesiásticas, que viessem a aparecer entre os alunos. Assim esperamos que se possa preparar missionários para os Pampas e para a Patagônia. Deste modo os selvagens tornar-se-iam evangelizadores dos mesmos selvagens, sem perigo de se renovarem os massacres dos tempos antigos». ¹²⁹

A corrida missionária para o interior, à busca dos indígenas patagônicos ou dos pampeiros passava no entanto pelos imigrantes italianos e seus filhos estudantes nos colégios que paulatinamente iam surgindo. A respeito de imigração italiana e a problemática missionária escreve Gianfausto Rosoli:

«a imigração italiana, [era] a mais necessitada, abandonada e difícil (dominada por anti-clericais e maçons), mas também a mais culturalmente vizinha. Este dado antropológico deve ser sublinhado pelo seu valor missiológico, porque coloca a assistência aos imigrantes na ótica do empenho missionário. Por outro lado, teria aparecido como um contra testemunho para os salesianos, o não se dirigir aos “seus” conacionais, ameaçados de perder a fé, ao invés de se dirigirem unicamente às populações primitivas». ¹³⁰

Pe. João Cagliero dizia claramente que «a missão entre os italianos era mais urgente que entre os índios». ¹³¹

Em outubro de 1887 Boletim Salesiano no artigo *Os italianos na América* se referia aos pedidos dos bispos que chegavam constantemente a Dom Bosco de todas as partes da América do Sul e do Norte. O informativo descrevia as necessidades, as misérias e perigos materiais e es-

¹²⁸ M. MIDALI, *Don Bosco...*, p. 463.

¹²⁹ P. STELLA, *Don Bosco...*, Vol. I, p. 174.

¹³⁰ M. MIDALI, *Don Bosco...*, p. 513.

¹³¹ ASC A 1380802: carta Cagliero-Bosco, 4 de março de 1876.

pirituais dos imigrantes italianos que lhe suplicavam: «Vinde, vinde, se não fosse por outro motivo, pelo menos para salvar os vossos compatriotas». O periódico continua dizendo que Dom Bosco escutou aquelas vozes persuadido de que era uma sua estrita obrigação confiada pelo Pastor da Igreja universal e da qual ele teria que dar contas ao Senhor da messe.

«O cuidado pelos imigrantes não é senão o princípio de uma imensa empresa que para nós italianos deve ser caríssima. São nossos sangues, são nossos irmãos, aqueles que todos os dias vemos partir para aquelas terras longínquas, muitas vezes abandonados nas praias, onde não pensavam chegar e onde não encontram nada do que haviam sonhado e esperado».¹³²

Os ingênuos

Pe. L. Lasagna ficou profundamente impressionado ao saber e observar como viviam as crianças favorecidas pela lei libertadora, mas que ao mesmo tempo abandonava grande parte dos *ingênuos* a viverem aos bandos pelas ruas, praças e caminhos. Em uma de suas cartas a Dom Bosco escrevia:

«Estas criaturas assim favorecidas chamam-se *ingênuos* e em onze anos já são mais de duzentas mil!!!... Pense, caro pai, se não são necessários estabelecimentos para acolhê-los, educá-los e dirigi-los pelo caminho do dever e da piedade cristã».¹³³

Bispos

A igreja brasileira vivia então sérias dificuldades de ordem interna. Os salesianos sensíveis à problemática entrando no Brasil tinham como uma das tarefas colaborar com os pastores locais.

¹³² BS 10 (1887) 375.

¹³³ L. LASAGNA, *Epistolario*, Vol. II..., carta Lasagna-Veneradíssimo Pai, Rio de Janeiro, [24 de maio] de 1882. E ainda L. LASAGNA, *Epistolario*, Vol. II..., carta Lasagna-Lacerda, Colégio Pio de Villa Colón, Montevideo, 7 de novembro de 1882.

A ação salesiana na Bahia

Como os salesianos foram conhecidos em nosso país, quem os chamou, qual seu projeto educativo, sua experiência sócio-pedagógico-religiosa nesta parte do Continente?

Qual a ressonância de suas atividades?

A pesquisa que desenvolvemos traz como título *A educação salesiana na Bahia e em Sergipe - Brasil*. Vem a lume precisamente quando se comemora os cem anos da presença salesiana naquele Estado. O objetivo foi apresentar a história da experiência educativa salesiana e sua incidência social na Bahia e Sergipe.

A divisão do estudo comporta três blocos: *pré-história, apelo da sociedade baiana e anexos*.

A primeira parte compreende dois capítulos. O primeiro descreve sucintamente a sociedade brasileira. Compreende os últimos anos do Império até aos primeiros decênios da Velha República. O segundo capítulo trata sobre Dom Bosco e os salesianos.

Na segunda parte encontram-se sete capítulos: a fundação, fazendo a história, caminhada em dispnéia, construções e imóveis, escolas profissionais, Nossa Sra. Auxiliadora na Terra de Todos os Santos, fundações em Sergipe e Conclusão.

O último bloco traz uma série de 13 anexos e um apêndice fotográfico.

Apelo da sociedade baiana e fundação da obra na Bahia

A presença dos salesianos na terra de Rui Barbosa deve-se de modo particular aos esforços do Arcebispo primaz, Dom Jerônimo Tomé da Silva e da Associação dos Vicentinos. Após diversos tramites Pe. L. Giordano, diretor do Colégio Salesiano do Recife conseguiram comprar o sítio do Caranguejo, onde instalariam a obra salesiana da Bahia.

O trabalho começa com a fundação do Liceu Salesiano do Salvador. Foram acolhidos inicialmente alunos carentes, *ingênuos* e órfãos da guerra de Canudos. Poucos meses após a inauguração as oficinas atendiam 46 jovens aprendizes internos.

Não foram poucas as dificuldades iniciais na manutenção do internato. Os benfeitores e o governo ajudavam, enquanto por outro lado os religiosos conseguiam com o próprio trabalho arranjar mais alguma entrada. A situação tornava-se mais difícil pelo fato de o país viver uma crise econômica que atingia o comércio e as famílias de modo geral, tirando-lhes a possibilidade de ajudar as obras beneficentes. As instituições da Igreja que já se ressentiam pesadamente desde a abolição do

Padroado não poderiam continuar a assistência caritativa às classes necessitadas. Deveriam procurar outras alternativas; se não quisessem fechar suas portas.

6. Crise econômica e nova perspectiva educacional para o Liceu

O número de alunos carentes atendidos pelo Liceu estava condicionado às eventuais ajudas oferecidas pelo governo, dependia da situação dos benfeitores e da sociedade em geral. Assim os problemas econômicos vividos pelo país e pela sociedade influenciavam diretamente no serviço prestado à causa dos órfãos e necessitados acolhidos pelos salesianos baianos.

Outro agravante era uma certa hostilidade para com os estabelecimentos de fisionomia caritativa. Os grupos políticos-econômicos que dominavam o país, os famosos coronéis poderosos e influentes começaram a pressionar as instituições que assistiam aos «jovens pobres e abandonados», no sentido de que recebessem também os filhos dos que podiam pagar sua educação. Caso contrário as ajudas oficiais já minguadas desapareceriam completamente. Assim, sem o respaldo financeiro para continuar suas obras educativo-pastorais as Congregações ou fechavam suas casas ou partiriam para receber alunos que, pagando suas mensalidades pudessem ajudar indiretamente a formação dos que não tinham condições de custear a própria formação.

Na Bahia a continuação da obra começou a perigar. Não sobreviveria, caso não se desse outra solução para o problema, ou seja, fizesse necessária uma fonte econômica para se continuar o trabalho educativo-pastoral da juventude baiana. Diante da alternativa de fechar a obra ou abri-la também para alunos pagantes, aceitou-se a segunda opção. A modalidade já vinha sendo adotada por alguns religiosos, mesmo em fundações salesianas de outras regiões do Brasil e da América.

A via pagante turbou por vezes certas consciências de religiosos, que segundo diziam, não se tinham feito tais para cuidar dos filhos dos ricos.

7. O projeto salesiano na Bahia e sua incidência social

Os salesianos ao iniciarem sua nova obra na Inspeção São Luiz Gonzaga, logo trataram de por em prática o próprio objetivo pedagógico-pastoral visando principalmente a juventude mais pobre da cidade.

O Liceu tornou-se um dos pontos de referimento. O bairro de Nazaré passou a ouvir e observar com alegria a azáfama dos novos inquilinos, habitantes do Liceu. Antes criaturas incômodos das praças e ruas da cidade, agora atendidos e educados pela caridade dos religiosos estrangeiros, aos quais juntar-se-iam os nacionais. As famílias, as autoridades religiosas e políticas estavam sempre presentes aos eventos sociais, religiosos e educacionais do educandário. Além de governadores, a casa foi visitada por autoridades como o presidente Washington Luiz, Plínio Salgado, comandantes militares.

A caminhada não foi fácil, mas ajudados pela sociedade a obra seguiu avante oferecendo formação profissional, acadêmica e religiosa. Apreciava-se o Sistema salesiano de educação. A ressonância social alcançada pelos padres de Valdocco penetrava capilarmente não apenas na Metrópole, mas era sentida e evocada também no interior do Estado baiano e em Sergipe del Rey, onde em 1902, fundaram a pedido Arcebispo Primaz e do governador de Sergipe a Escola São José da Tebaida e um colégio na Capital. Em poucos anos diversos pedidos foram endereçados aos salesianos para novas fundações. O distante Ceará a 1380 km ao Norte fez aos baianos uma solicitação para fundarem uma obra na terra de Alencar.

Cultores da música, do teatro e do esporte como eficazes meios pedagógicos, os educadores da colina de Nazaré criaram com seus alunos escolas de cantos e grupos teatrais frequentemente convidados para se apresentarem nas Igrejas e praças de Salvador ou das cidades do interior. Os mesmos convites se faziam também às agremiações esportivas. As solenidades religiosas da velha Catedral da Sé e do Santuário do Senhor do Bonfim foram durante vários anos abrilhantadas com a presença dos meninos cantores e músicos do Liceu Salesiano. Organizavam-se atividades teatrais, não só com alunos, mas também com ex-alunos que ao terminarem os cursos no colégio fundaram a associação dos antigos alunos. Havia ainda grupo de jovens chamados oratorianos, rapazes que se reuniam nos ambientes liceanos para participarem de jogos, assistirem aulas de catecismo e formação social.

O Liceu dos primeiros anos era um centro de encontro de autoridades religiosas, políticas e militares que freqüentavam prazerosamente as festas religiosas e sociais organizadas pelo Colégio.

Atividades religiosas

Paralelamente à atividade pedagógico-catequética com os educandos, os salesianos procuravam desenvolver e alimentar a fé naqueles que par-

ticipavam das funções religiosas na capela do Liceu. Eram capelães de de hospitais e de colégios ou frequentemente convidados para serviços pastorais no interior. Uma das tarefas mais caras era justamente a catequese popular.

A devoção a Nossa Sra. Auxiliadora na Bahia é um sinal da chegada dos seus devotos à região. Não é sem razão que o Santuário mariano mais imponentes de Salvador foi construído por eles. Como educadores de jovens fizeram de São Domingos Sávio, um santo jovem oriundo de um de seus estabelecimentos juvenis, o patrono da juventude baiana.

Milhares são os moços e moças que na Bahia, formados segundo a pedagogia do santo piemontês, «tornaram-se bons cristãos e honestos cidadãos» e saíram divulgando os princípios da fé e a devoção Nossa Sra. Auxiliadora. Ex-alunos e ex-alunas não poderão esquecer a imagem da santa que contemplavam todos os dias na torre do seu Santuário. A Auxiliadora que aprenderam a cultuar nos tempos de alunos/as continua em seu pedestal granítico sendo para todos eles a Mãe amorosa e a Mestra sapiente.

Ampliação do Liceu

No decorrer dos setenta anos do nosso estudo, o Liceu para atender melhor sua clientela empreendeu cinco construções de vulto. Em todas elas enfrentou-se sérias dificuldades econômicas. Sofreram diversas interrupções sendo necessários vários anos para serem concluídas.

1. 1900-1907: prédio Eugênio Cardoso-Aurelino Leal.
2. 1924-1927: primeiro edifício para as Escolas Profissionais.
3. 1927-1938: Santuário de Nossa Senhora Auxiliadora.
4. 1939-1940: segundo edifício para as E. Profissionais (andar térreo).
5. 1944-1945: primeiro e segundo andares do prédio iniciado em 1939 (terminado pela LBA).
6. 1950-1962: Cinema Nazaré

Ao fecho destas páginas concluímos que os objetivos iniciais (meninos carentes, órfãos e *ingênuos*), propostos pelos religiosos da Colina de Nazaré e pela sociedade que os convocou, foram plenamente alcançados, enquanto as condições sócio-econômicas lhes permitiram agir. Quando impelidos pela história foram obrigados a aceitarem a via pagante, os cuidados com os jovens carentes continuaram juntamente com as atenções também para outros grupos destinatários mais bafejados pela sorte.

Não se tratou de uma mudança de objetivos, mas de uma ampliação do leque sociológico. Os jovens pobres continuaram e continuam sendo matriculados nos cursos profissionais do Liceu, opções hoje mais numerosas e sofisticadas. O Estabelecimento desde 1901 mantém suas Escolas Profissionais, juntamente com o colégio. Ali se encontram e recebem os ensinamentos do santo dos jovens, alunos e alunas dos condomínios fechados e bairros da Classe A, bem como aqueles/as provenientes dos logradouros mais humildes e necessitados. O poder aquisitivo de boa parte dos atuais jovens do Liceu não lhes permitiria estudar em um Instituto de educação daquele nível, caso a filosofia inicial dos educadores fosse outra. A história da Colina piemontesa de Valsalice repete-se no outeiro baiano de Nazaré.

O início da obra salesiana em Sergipe foi mais tumultuado que na fundação ao Sul de suas fronteiras. Os mesmos salesianos da Bahia com o Vice-Inspetor Pe. L. Giordano iniciaram em 1902 uma fundação numa localidade denominada Tebaida a 18 km ao Sul de Aracaju. Sua existência acidentada durou 18 anos, quando os teбайдenses mudaram-se para a capital dando início a um oratório e ao colégio Nossa Senhora Auxiliadora, fixando-se definitivamente após três tentativas.

Por que os técnicos agrários da Escola Agrícola S. José da Tebaida, capitaneados por Lourenço Giordano não conseguiram conduzi-la por mais anos? Por que hoje sua história é apenas lembrada com certa nostalgia, enquanto vão sumindo os alicerces de suas quase centenárias construções e definhando ou desaparecendo inexoravelmente as vetustas árvores plantadas e regadas pelos intrépidos missionários?

Poderíamos assinalar alguns fatores como fundamentais no rápido ocaso daquela fundação. Segundo nosso ponto de vista, o terreno sáfaro e a mentalidade anti-agrária do povo suplantaram a falta de recursos. A Tebaida não podia vingar porque além do mais era contra a nossa história, nossa tradição e nossa cultura. Trabalhar no campo é um tanto quanto pejorativo, servil e humilhante. O ideário popular excomunga o campo. Cultivar a terra é uma atividade própria de escravo, ou de quem não quis ou não teve condições de aprender a ler e escrever. As famílias queriam e querem seus filhos, não armados de enxadas ou foices mas, deixando as Faculdades, embora despreparados, ostentando anéis nos dedos e canudos nas mãos, onde se encontra escrito o título de «Doutor». O lugar deles é um escritório refrigerado, engravatados e de colarinhos branco.

Os técnicos agrícolas da sofrida Tebaida tinham ideal e boa vontade. Faltava-lhes porém o entendimento histórico e psico-sociológico de um grupo ainda chagado, revoltado e com certa carga de complexo com sua história, feita em parte por uma raça seqüestrada além mar, para ser hu-

milhada e martirizada do outro lado do Atlântico. Por estas razões as Escolas Agrícolas entre nós, mesmo em outras áreas do país, não decolaram para grande vôos. As Escolas Comerciais, ao contrário escreveram outra história.

O assunto Tebaida certamente não foi esgotado. Esperemos que outros pesquisadores possam iluminar certas sombras que ainda existem. Respondam satisfatoriamente a indagação surpresa do frade de S. Crisóstvão que não compreendia como se continuava a viver em um lugar como aquele.

TERCEIRA PARTE: ANEXOS

Plano¹ do Dr. Carlos Menezes para a obra de Pernambuco

Camagibe, 14 de setembro de 1894

Meu caro Padre L. Giordano

Tenho o prazer de lhe escrever para lhe enviar o plano e a fotografia da casa que encontramos para nossa obra. Devo somente advertir-lhe que a visão é melhor que a realidade, porque a casa, abandonada depois de algum tempo está bastante «arruinada», exigindo reparação. Quando estivermos terminando a reforma examinaremos todas as paredes, estruturas, pavimentos etc. Encontramos alguma madeira estragada, os mesmos tetos em estuque um pouco danificados, mas nada que tornasse a casa inaceitável. Por outro lado, a negócio era tão vantajoso que nós não podemos hesitar. Pagamos 40 contos pelo que presentemente vale mais de 100. O jardim é enorme, como poderá constatar sobre o plano, cheio de árvores frutíferas de muito valor. No terreno há um poço enorme e magnífico com uma velha bomba a vapor que poderá ser recondicionada. No fundo encontra-se a maré, ou seja, a água do mar que alcança a área todos os dias. Há um magnífico porto que torna os transportes muito acessíveis. No Recife não há melhor situação. Dom Esberard, que assumiu a Diocese, ficou com um pouco de inveja, porque ele precisava de uma posição semelhante para um pequeno Seminário. De qualquer modo se alegrou, do mesmo modo, pelo fato de ver o local destinado aos Salesianos.

Enfim, meu Padre, com algum reparo, a limpeza completa da casa e estareis magnificamente estabelecidos. Tereis espaço para qualquer construção que desejais fazer no futuro.

Vivereis na cidade, sem estardes nos bairros indesejáveis. O bonde passa na porta. Se preferirdes andar à pé, a cidade está apenas a distância de um pequeno passeio. Muito ar, muita vegetação.

Uma vez que me destes a honra de solicitar o meu parecer sobre o que poderíeis fazer aqui, permitir-me-ei apresentar-vos, com a confiança filial que vos desejo conservar em todos os tempos.

Segundo meu ponto de vista, deveis iniciar sem mais, abrindo um pensionato para os jovens de família e um externato para os meninos pobres, com ensino profissional logo que for possível. O pensionato é de uma necessidade absoluta: em Pernambuco e nos Estados vizinhos não há um sequer. Não te-

¹ ACSR (original em francês).

mos onde educar nossos filhos, não importe o preço. Há certamente na cidade alguns Colégios. Mas, meu Deus, são antes casas de comércio do que estabelecimentos de educação. Ser-vos-á impossível recusar os inumeráveis pedidos que receberéis. Podereis ter em janeiro, no início das aulas, 100, 150, 200 e mais alunos, nas condições que impuserdes. A esta altura já nos atormentam de todas as partes, para saberem quando chegareis, se receberéis alunos, etc. etc.

Com o pensionato prestareis um grande serviço ao Estado e aos Estados vizinhos, Paraíba, Rio Grande do Norte e Alagoas. Mas, acho que não ficareis só ali. Vossa obra é anunciada como uma obra para meninos pobres. O nome de D. Bosco está estreitamente ligado à juventude abandonada, o ensino profissional é a coqueluche, o sonho deste século e um dos aspectos mais simpáticos da obra salesiana. Para corresponder a esta idéia que está no espírito de todos, podeis começar com um externato e logo que for possível instalar alguma oficina que seja mais fácil de se montar e de se fazer funcionar.

Na instalação do pensionato tereis alguma despesa a fazer. Aqui no Recife o mercado é muito pobre e no momento todos os preços muito elevados. Creio que para vários artigos seria muito vantajoso fazê-los vir da Europa, tais como vasilhame, roupa de cama, toalhas de mesa, material escolar, bateria de cozinha, serviços de mesa em metal, etc. etc.

Há três anos eu estive na Europa e comprei toda a mobília de minha casa. Tive que fazer isto, embora não fosse tão rico, porque tinha vendido tudo antes de minha partida. De qualquer modo não me arrependi de tudo, eu teria comprado muito mais caro aqui e não teria encontrado onde comprar.

Compreendo que não podeis tomar as decisões sem conhecer bem as coisas. Justamente por isto que vos propus de vir, o mais breve possível, embora só, aguardando vossos companheiros que viriam depois. Poderíeis então observar, estudar e dar vossas ordens a vossos irmãos, de modo que eles pudessem se encarregar das compras.

Desconheço vossas idéias e vossos recursos. Aqui podereis regular-vos e estou seguro que podereis conseguir tudo. Quanto a protelar vossa viagem, nem pensar nisso. Vinde, vinde, falta só uma coisa: ver a vossa chegada.

Conversei com o Senhor Bispo. Ele preza muito vossa obra, deseja-a com todas as suas forças, abençoa-vos de todo coração. Peço-vos que me recomendeis ao vosso caro Superior Pe. Rua. Dizei-lhe quanto lhe sou reconhecido em mandar-nos enfim seus queridos filhos. O bem que ele fará a Pernambuco falará muito alto diante de Nossa Senhora Auxiliadora, a quem ele serve, tão corajosamente, depois de D. Bosco.

Quanto a mim, caro Padre, peço que me guarde um pequeno canto do vosso coração e uma pequena lembrança em suas orações, crendo-me já

Vosso afeiçoado em C. J.

Carlos Alberto de Menezes.

II

1. Primeira conferência salesiana na Bahia²

Na capital do Estado da Bahia, aos 17 de junho passado, o Arcebispo D. Jerônimo Tomé da Silva fez uma esplêndida conferência para inaugurar naquela cidade a Pia Associação dos Cooperadores Salesianos e assim predispor os ânimos de todos os bons para cooperar na fundação de um Internato para a educação da juventude abandonada, a ser confiada aos cuidados dos filhos de D. Bosco.

Imponentíssima e apresentando a máxima solenidade, a referida conferência corresponde à grandeza do objeto que a inspirou e a produziu. Depois de vários cânticos o Excelentíssimo Prelado expôs em eloqüente discurso o escopo e vantagens da Pia Associação e incitou a todos a dar o próprio nome para apressar com ajudas materiais e morais a vinda dos Salesianos para a Bahia. Todo o seu discurso, pleno de afeto pelos Salesianos foi escutado com reverência e atenção não só, mas vai produzindo muitos frutos. A Sociedade de S. Francisco de Paula, inspiradora e alma desta futura fundação salesiana pelo válido apoio dado pelo ilustre Metropolita que vê com alegria aproximar-se o cumprimento de seus votos Esta idéia de um estabelecimento salesiano na Bahia foi também escutada e favorecida por toda a imprensa cidadina, que antes e depois da conferência falou sobre o assunto de um modo muito lisonjeiro.

2. Comentário de O Jornal da Bahia³

Nosso coração se encontra imerso no mais sincero e profundo júbilo, ao relatar aos nossos caros leitores o resultado da anunciada conferência salesiana. A mesma aconteceu no domingo passado, do modo mais esplêndido, pronunciada pelo preclaríssimo Prelado. Teve dois objetivos, inaugurar nesta capital a Pia Associação dos Cooperadores Salesianos e ler o apelo que hoje dirige aos baianos pela fundação de um Internato, sob a direção dos beneméritos, filhos de D. Bosco, destinado a educação de jovens abandonados. Antecipadamente anunciada, por toda a imprensa que acolheu generosamente a idéia da referida fundação. O encontro revestiu-se da máxima solenidade, o que corresponde à grandeza do objeto que o inspirou e produziu. A rica sala do palácio arquiiepiscopal apresentou aspecto festivo e estava cheio de ilustres membros do clero baiano, distintos personagens, membros da Sociedade de S. Francisco de Sales, de representantes da imprensa e de algumas senhoras. Convidado por S. E. R. o Conselho Central da Sociedade de S. Vicente ocupou a sédia central, permanecendo à direita do Arcebispo, o Cônego Dr. Emílio Lobo e à esquerda o R. S. Antônio Cortes. Quando S.E.R. subiu o sólio, foi seguido por um moteto, acompanhado por flauta armonium, cantado pelo Sacerdote Miguel Valverde.

² BS 11 (1896) 328-329.

³ ASC F 545: Junho 1896.

Terminada a música, nosso digno prelado fez ouvir sua voz, tão cara aos católicos baianos. Ressaltou o motivo pelo qual tinha reunido os seus amados diocesanos, considerando aquela sala como um outro Cenáculo. Aludindo à festa que se celebrava, invocou o Espírito Santo que movesse o coração dos assistentes, a fim de que trabalhassem com ardor na utilíssima obra salesiana da qual a Bahia tanto precisava. S. E. disse que, para conseguir este fim, fundava entre nós a Pia Associação dos Cooperadores Salesianos, erecta por D. Bosco para ajudar a Congregação de S. Francisco de Sales, na sua missão educativa. Convida seus religiosos diocesanos a se inscreverem, demonstrando a felicidade de tão caridoso encargo e suas grandes vantagens espirituais. Em seguida leu o apelo que publicamos, dirigido aos corações capazes de escutar a voz da caridade, no sentido de fundar o Colégio Salesiano, para o qual, em tudo se empenha a Sociedade de S. Vicente de Paulo.

Após a leitura deste importante trabalho que será distribuído em folhetos, e que, esperamos, produzirá o fruto desejado, o R. S. Cônego Antônio Machado, a um sinal de S.E.R. leu o capítulo do livro «D. Bosco», de C. Espiney, intitulado Cooperadores e Cooperadoras de D. Bosco. O autor explica a origem desta Associação e seus fáclimos deveres. Reduzem-se, além dos cumprimentos dos preceitos da Igreja, a dar mensal ou anualmente uma esmola, sem fixar a quantia, para a manutenção das obras salesianas. Além disso deve-se recitar quotidianamente um P. N. e uma A. M.,⁴ segundo a intenção do Sumo Pontífice.

Após a leitura cantou-se um motete do R. Sacerdote Dr. Bruno, vice-reitor do Seminário. A composição musical, relativa à solenidade com as notas graves e solenes causou uma agradável impressão. A esta altura, S.E.R. pondo-se de pé, deu a bênção apostólica aos presentes, que a receberam reverentes e felizes. Eis, em poucas palavras, em que consistiu a inauguração das Conferências Salesianas entre nós. Só nos resta congratular-nos com a Sociedade de S. Vicente de Paulo pela poderosa ajuda que recebe sua louvável empresa pela veneranda voz do nosso zeloso Metropolitano. E pelo que lhe acrescentará ainda a Pia Associação dos Cooperadores Salesianos que se movimenta, sob o estímulo de S.E.R., que como Diocese, é o primeiro cooperador.

Não podemos não recordar e encomiar o generoso auxílio prestado pelos jornais-a Bahia e o Diário da Bahia, principalmente este último, colocando à sua disposição suas colunas para a propaganda salesiana e prestando-se de boa mente para receber os donativos para o futuro Colégio.

Unindo todos os esforços, trabalhando todos com a palavra e a ação, propagando a idéia, recolhendo os donativos dos ricos e os óbolos não menos necessários do pobre, o Colégio Salesiano será dentro em breve uma realidade. Que as bênçãos do céu desçam sobre todos aqueles que protegem a empresa civilizadora, que sejam cumulados da maior prosperidade, nesta de bens materiais e na outra vida. É o voto mais sincero que fazemos.

Bahia (Brasil) junho 96.

⁴ Pai Nosso e Ave Maria.

III

Appello de D. Jerônimo Tomé da Silva

Arcebispo da Bahia e Primaz do Brazil
Aos seus Diocesanos
Para Fundação de um Collegio Salesiano
Na Cidade de S. Salvador da Bahia.

A todos os nossos amados filhos,
habitantes d'esta Archidiocese de S. Salvador da Bahia,
saude, paz e benção em Jesus Christo,
Nosso Divino Mestre e Redemptor.

Dilectissimos Filhos:

Toda a sociedade bem organizada, onde os homens têm por objetivo a felicidade do povo, deve assentar sobre duas bases inconcussas que são: a Religião e o Trabalho.

O homem sem religião é um corpo sem vida, uma machina sem movimento, um navio sem bussola, um cego sem guia. A religião, diz Rondina, é o apanagio exclusivo do homem e que o distingue dos irracionaes mais do que qualquer outra propriedade de sua natureza racional.

Sem religião o homem desce tanto que se põe a nivel com os brutos e torna-se um ente mais perigoso ainda, porque desconhecendo o principio de ordem e de justiça, lança-se no abysmo do erro e na voragem do crime. Infeliz é por certo o homem nestas condições, pois que quando lhe chega o soffrimento, que é partilha da humanidade, elle não conhece o balsamo consolador da fé, uma vez que nada crê, não se arrima na ancora da esperança, porque não deposita confiança em Deus; tudo lhe foge e não sabe resignar-se desde que não ama o Creador e ao seu proximo.

Os primitivos legisladores valeram-se da religião para retirar os homens da vida nomada e selvagem que levavam e reduzil-os a um corpo social.

E como desde o momento em que se formaram as sociedades, surgiram discordias pelo attrito de interesses individuaes e appareceram desordens que muito perturbam a boa marcha dos negocios publicos, reconheceram os fundadores dos Estados ser necessario o culto da Divindade como unico meio de contar os homens nos limites do dever e levalos á exata observancia das leis promulgadas em bem da conservação e estabilidade da sociedade.

D'ahi o dizer de Plutarco: podereis edificar mais facilmente uma cidade no ar, do que encontrar no mundo um estado politico no qual não se reconheça alguma divindade.⁵

⁵ Plutarco contra Colot.

Esse culto da divindade, posto que vago entre os antigos e revestido de diversas formas segundo as differentes nações, é um argumento irrefragavel de que os homens admittiam a existencia de uma causa suprema á cujas leis deviam estar submissos embora, excepção feita do povo eleito, os outros applicassem mal a idéa que tinham da divindade.

Com o apparecimento do christianismo, essa idea, que antes era imperfeita e mal applicada, aperfeiçoou-se e teve sua verdadeira applicação; pois que foi reconhecida e provada a existencia de um só Deus verdadeiro, creador e senhor de todas as coisas e do qual procede todo o poder no Céu e na terra. Providenciou logo o mesmo Christianismo para que a obediencia dos subditos aos superiores fosse acompanhada do sentimento da honra e a dignidade, ensinando que na obediencia ás leis, que não melindram a consciencia, não há sujeição de homem para homem, mas sim uma submissão á vontade de Deus exercida por meio dos homens.

Foi n' esta doutrina que S. Paulo nos instruiu quando disse: conserve-se toda alma sujeita aos poderes superiores; porque não ha poder que não seja de Deus; e aquelles que existem, foram ordenados por Deus. Por isso todo o que resiste ao poder, resiste á ordem estabelecida por Deus; e os que resistem attrahem sobre si a propria condemnação. Importa, portanto, necessariamente viver sujeito, não só por temor como tambem por consciencia.⁶

Uma vez reconhecida esta doutrina e adoptada como norma reguladora da vida, produz ella admiravelmente em prol da sociedade grande somma de beneficios, cujo valor S. Agostinho põe em relevo quando dirige á Egreja catholica a seguinte aposthufe: «Tu diriges e instrues as creanças com ternura, os adolescentes com energia, os velhos com brandura, como o comporta a idade não só do corpo, mas também da alma. Submettes as mulheres aos seus maridos por uma casta e fiel obediencia, não para saciar a paixão, mas para propagar a prole e constituir a sociedade da familia. Dás auctoridade aos maridos, sobre suas mulheres, não para que elles abusem da fraqueza do seu sexo, mas para seguir as leis d' um sincero amor.

Subordinas os filhos aos paes, por uma especie de sujeição livre; e dás aos paes auctoridade sobre os filhos para a exercerem com ternura. Unes não somente em sociedade, mas n' uma especie de fraternidade, os cidadãos aos cidadãos, as nações e a humanidade inteira com a lembrança dos primeiros paes. Ensinas aos reis a velarem sobre os povos, e prescreves aos povos que se submettam aos reis. Ensinas com esmero a quem é devida a honra, a affeição, o respeito, o temor, a consolação, os conselhos, os estimulos, a correcção, a censura, o castigo; e fazes saber como é que, não sendo todas as cousas devidas a todos, é devida a todos a caridade e a ninguém a injustiça».⁷

Se estes principios não forem observados, não pode a sociedade ficar largo tempo incolume, porque a força material, de que dispõe a auctoridade civil, não é por si bastante para impedir o crime e manter a ordem e tranquillidade publica.

⁶ *Ad Rom.* XIII, I, 2,3.

⁷ *De moribus Eccl.* Cat. C. XXX, n. 63.

Um povo sem religião è um povo sem consciencia, e um povo sem consciencia ao menor sopro das paixões sacode o jugo da auctoridade e atea o facho da rebelião. Aquelles que governam devem profundamente reflectir nas palavras de S. Thomaz quando ensina que o temor é um fundamento debil, porque aquelles que são subditos por temor, se se proporcionar ensejo em que possam esperar a impunidade, insurgem-se com tanto maior arrojo e violencia contra a auctoridade, quanto mais têm estado contidos nos limites da sujeição pelo receio só do castigo; e que por causa de um gravissimo temor muitos cahem no desespero e precipitam-se audaciosamente em todo o genero de attentados.⁸

Quanto de verdade se encerra n'estas palavras não ha quem ignore.

A sociedade hoje atravessa um momento dolorosamente critico. Por toda parte inquietações, por toda parte discordias, por toda parte desobediencia, áquelles que administram os negocios publicos.

Não ha garantia sequer para suas pessoas. Os homens sensatos tremem horrorizados pelo futuro da sociedade e proclamam a religião como o unico remedio para impedir o movimento da onda do anarquismo que cresce e ameaça, na sua passagem destruidora, solapar os fundamentos da ordem social.

A religião, ao mesmo tempo que liga os homens entre si, produzindo excellentes principios de estabilidade e de ordem, inspira-lhes, Filhos dilectissimos, amor ao trabalho, outro elemento indispensavel á prosperidade das nações. O homem nasceu para trabalhar como o passaro para voar. *Homo nascitur ad laborem, et avis ad volatum.*⁹

Adão, embora creado no estado de justiça original, recebeu a missão divina de cultivar o paraizo terrestre em que fôra colocado: *Posuit eum in paradiso voluptatis, ut operaretur et custodiret illum*¹⁰.

Verdade é que o trabalho imposto ao primeiro homem não era penoso, e sim agradavel e consentaneo á santidade do estado em que fôra creado; mas não deixava de ser um trabalho exigido pelo auctor da natureza.

Os proprios pagãos conheceram a necessidade do trabalho.

Segundo refere a historia¹¹ entre os Egypcios todo e qualquer homem estava obrigado a apresentar annualmente ao governador da sua provincia os trabalhos que havia feito e a provar, por tal maneira, que vivia occupado em algum officio; o que assim não fizesse, era desterrado para fóra e ás vezes condemnado á morte.

Entre os Gregos todo o pae de familia tinha a estriccta obrigação de fazer com que seus filhos aprendessem uma arte, um officio; e o que, desprezando esta obrigação, tivesse a infelicidade de cahir na indigencia, não tinha direito á assistencia dos filhos.

⁸ *Regim. Princip.* I, I, cap. 10.

⁹ *Job.* V, 7.

¹⁰ *Gen.* c. 2 v. 15.

¹¹ *Philonis Historia.*

O trabalho sobre ser uma lei do Creador, è um justo castigo do peccado imposto a todos os filhos de Adão: *In sudore vultus tui vesceris pane.*¹² Tu comerás o pão no suor do teu rosto. Explicando estas palavras observa o angelico Doutor S. Thomaz que n'ellas está contido um preceito que obriga todos os homens a algum trabalho honesto, corporal ou espirital; de modo que o famoso decreto: - *In sudore vultus tui* - não comprehende somente os operarios entregues a occupaões pesadas que molesta e que fatigam, e sim todos os filhos de Adão. Assim é que satisfaz ao preceito não só o que bate o ferro, desbasta o madeiro, esculpe o marmore, desenha quadros, cultiva o campo ou apascenta o rebanho; como o que entrega-se ao commercio, estuda as sciencias, consagra-se ás letras, cura os enfermos, educa os filhos, ensina aos alumnos, governa os homens, dirige as almas e catechisa os povos. S. Paulo, apezar das multiplas occupaões inherentes ao ministerio apostolico, para não ser pesado a alguém, dedicava-se a trabalhos manuaes - *Et laboramus operantes manibus nostris*¹³ e não podia soffrer que entre os christãos houvesse gente ociosa e sem occupaão. Chegou ao nosso conhecimento, diz elle em sua segunda carta aos Thessalonicenses, que ha entre vós gente inquieta que não cuida de trabalhar e que se envolve em cousas que não lhe pertencem: a estes advertimos e rogamos encarecidamente em nome de Nosso Senhor Jesus Christo que comão seu pão trabalhando em silencio: *Iis autem qui ejusmodi sunt, denuntiamus et obsecramus in Domino Jesu Christo, ut cum silentio operantes, suum panem manducent.*¹⁴

O proprio Jesus Christo, Filho de Deus, comquanto tivesse creado o mundo, fundado a abobada celeste, semeado no firmamento os astros, quiz estar sujeito aos trabalhos desde a sua mais tenra idade: *In laboribus a juventute mea.*¹⁵

Por espaço de muitos annos não se desprezou de manusear os instrumentos de um penoso officio e de se tornar o amparo de um pobre artifice, ganhando o seu sustento com o suor do rosto.

Em casa de José exerceu Jesus o officio de carpinteiro; e apenas sahio da humilde officina para cumprir a missão augusta de que se achava encarregado, andou de villa em villa, de cidade em cidade trabalhando sem cessar na evangelisação dos povos.

Depois de um tão brilhante exemplo, quem é, Filhos dilectissimos, que queira entre nós viver na ociosidade? E não é porventura a ociosidade que afugenta a industria e adormece a agricultura e o commercio, fontes inexgotaveis da felicidade de um povo? Não é porventura a ociosidade que paralisa o movimento intellectual, que embota as idéas impulsoras das bellas-artes e rouba á juventude o gosto pelos estudos? Não é porventura a ociosidade um vicio que enerva o corpo, extenua a alma, causando a mais funesta corrupção dos costumes? A ociosidade não

¹² *Gen.*, cap. III, v. 19.

¹³ *I, Cor.* c. 4, v. 12.

¹⁴ *II, Thessal. C.* 3, v. 12.

¹⁵ *Ps.* LXXXVIII, 16.

só é um vicio mas é a eschola de todos os vicios: *Multam malitiam docuit otiositas*.¹⁶ É n' esta eschola que o filho de familia, qual outro filho prodigo, dissipa a fortuna de seus paes, aborrece a carreira das lettras, despresa os conselhos, zomba das ameaças e torna-se membro inutil para a sociedade.

É na mesma eschola que os indigentes entregam-se ao furto, ao latrocínio, e adquirem o triste diploma de vagabundos, libertinos e, depois de terem envergonhado a sociedade com as mais torpes acções, afinal vão terminar a vida nas enxergas de um hospital ou na escuridão de um carcere. Na eschola do trabalho porém o homem se engrandece, se nobilita, se avigora e torna-se ornamento da sociedade produzindo com applicação das suas forças o que é necessario e util aos diversos misteres da vida humana.

Inspirada n' estes sentimentos, a Sociedade de São Vicente de Paulo, celestre Patrono das associações de caridade, cogita, filhos dilectissimos, fundar n' esta capital um estabelecimento afim de proporcionar, a par de solida educação religiosa, o ensino technico e professional de artes e officios a meninos pobres para que um dia sejam operarios catholicos, artistas verdadeiramente christãos.

Esta empreza que é nobre, que é sublime tem merecido benevolto acolhimento por parte do Congresso do Estado, o qual justo é que se preocupe da sorte dos infelizes se promova o que de perto ou de longe possa contribuir para melhorar a condição dos indigentes. Este procedimento merece os nossos aplausos, porque importa soberanamente ao Estado que os meninos pobres, que são tambem rebentos sociaes, sejam arrancados aos perigos da ociosidade, se fortaleçam nas officinas do trabalho para não se encontrarem, mais tarde, a braços com os horrores da miseria, quiçá do crime e do vicio.

D' esta arte ficará o pobre sabendo que a pobreza não envergonha a pessoa alguma, sendo que a grandeza do homem é toda moral, isto é, acha-se collocada na virtude e no trabalho. *Virtus et labor*.

Virtude e trabalho são justamente os dous predicados caracteristicos da illustre Congregação que vae dirigir o mesmo Estabelecimento. Queremos fallar da Congregação de Padres, em boa hora fundada pelo genio immortal de D. Bosco, em turim, na Italia, tendo por titular a S. Francisco de Sales chamada por isso mesmo Congregação Salesiana, e collocada sob os auspicios de Maria Auxiliadora dos christãos, cuja festa a Igreja catholica tem por costume celebrar alegremente no dia de hoje.

Longe iriamos se quizessemos narrar os estupendos prodigios operados pela benemerita Congregação dos Salesianos.

Bafejada pelo auxilio de Maria propagou-se esta Congregação com a rapidez do relampago pela Italia, França, Hespanha, Portugal, Belgica, Austria, Inglaterra, Suissa, Polonia, Algeria, Tunisia, Palestina, Ilhas Malvinas, Mexico, Venezuela,

¹⁶ *Eccli. c. 33, 29.*

Colombia, Equador, Bolivia Perú, Chile, Uruguay, Paraguay, Republica Argentina, Patagonia, Terra do Fogo e o nosso querido Brazil.

Em todos esses paizes os Padres Salesianos, filhos de D. Bosco, o homem prodigioso, desenvolvem admiravelmente sua acção em varios oratorios festivos, em muitas escholas diurnas e nocturnas, em diversos lyceus de artes, officios e letras, em innumerous asylos para os filhos desvalidos do pobre e em collegios também para meninos de condição mediana e mais elevada na sociedade.

Duzentos estabelecimentos de educação são outros tantos monumentos erguidos por D. Bosco e seus filhos para a educação de duzentos mil alumnos.

Foi D. Bosco imagem visivel da Providencia, que sempre velou sobre a sorte dos desfavorecidos da fortuna e soube imprimir seu espirito e zelo apostolico á activa e piedosa Congregação que fundara. Como prova de tudo isto, ahi está uma pleiade distincta de discipulos que hoje honram altamente a sociedade e compõe-se de varios bispos e dignitarios ecclesiasticos, de honrados magistrados, eximios litteratos, bravos maestros, habilissimos artistas e de varios outros operosos cidadãos, muitos dos quaes sahiram das ultimas camadas sociais. Não pois de admirar que os Padres Salesianos recebam por toda parte os mais altos encomios, até mesmo d'aquelles que se acham na cupola do poder, como bem pouco tempo fez o actual Presidente da republica do Brazil, classificando de *civilisadora e humanitaria* a missão que desempenham os mesmos Padres.¹⁷

A infancia desvalida, portanto, ha de gravar em seu coração o nome sympatico de D. Bosco, como gravado tem o de Vicente de Paulo.

Estes dous nomes valem duas epopéas.

A respeito dos trabalhos de D. Bosco, condensou Leão XIII seu juizo nas seguintes palavras que pronunciou diante de varios Cardeaes e Prelados:

«A obra de D. Bosco é sem duvida, extraordinaria; excede as forças humanas, pois não se concebe que um homem só, desprovido de meios materiaes, um sacerdote pobre e humilde, haja podido fazer em breve tempo, pois breve tempo são trinta ou quarenta annos, as maravilhas que, assombradas, contemplam a Europa e a America. Pois bem, (continuou o Papa com sua irresistivel logica) – o sobrehumano ha de ser necessariamente ou diabolico ou divino: as suas tendencias e resultado manifestam clarissimamente se é um ou outro. O que tende a propagar o reinado da soberba, não póde qualificar-se senão de diabolico; assim é a revolução e seus falsos milagres. O que, pelo inverso, se dirige a estender e a consolidar no mundo o imperio da humildade e da caridade, isto é, a soberania de Deus, deve chamar-se divino.

O dedo do Altissimo descobre-se patentemente na Obra Salesiana, visto que o seu fim é Christo, a sua regra é Christo, e Christo a arma com que lucha, que vai semeando por toda a parte abnegação, mortificação e amor; e que trabalha pela causa de Deus e não pelos interesses terrenos do homem».

¹⁷ Officio do Dr. Prudente José de Moraes Barros ao Rvmo. Padre Carlos Peretto em 5 de Março de 1896.

Quando no anno passado fomos a Roma *videre Petrum* na pessoa do augusto Pontifice Leão XIII, ligeira excursão que fizemos pela Italia offereceu-nos o grato desejo de visitar a casa de D. Bosco em Turim.

Alegremente recebido pelo seu successor o Rvmo. Sr. Padre D. Miguel Rua, percorremos todo o estabelecimento que conta para mais de dous mil alumnos. Vimos officinas de sapateiros, de ferreiros, marceneiros, alfaiates; vimos prélos a vapor, typographias bem montadas, segundo o systema moderno, salas immensas para compositores e encadernadores de livros; vimos estamparias de musicas e innumerables obras nitidamente impressas em varias linguas.

Notamos que os meninos alegres, fortes, e robustos procuravam, cada qual, dar conta de sua tarefa. Tudo alli tem vida, tudo trabalha, tudo glorifica a Deus.

Conversamos largamente com D. Rua a quem manifestamos as bellas impressões que tambem outr'ora tivemos quando visitamos outros estabelecimentos da mesma congregação. Citamos em primeiro logar o de S. Rosa em Nicteroy, para o qual tanto concorreram a generosidade do então Bispo do Rio de Janeiro D. Pedro Maria de Lacerda¹⁸ e de seus Diocesanos e a atividade do pranteado Bispo Salesiano D. Luiz Lasagna, verdadeiro apostolo do bem, verdadeiro e bom amigo do Brazil, na phase do Sr. Dr. Prudente de Moraes.¹⁹

Fallamos tambem do estabelecimento de S. Paulo erguido pela caridade dos Paulistas e regido a principio pelo incansavel Padre Lourenço Giordani, hoje director de um outro collegio, fundado por esmola do brioso povo de Pernambuco, a pedido do Exmo. Sr. D. João Esberard e a esforços da Sociedade de São Vicente de Paulo. Subio de ponto a manifestação das nossas impressões quando occupamo-nos do collegio de S. Pier d'Arena, perto de Genova, onde a musica e a arte typographica florescem admiravelmente a par de outras artes e officios, e do Estabelecimento do Coração de Jesus em Roma, illuminado como o de São *Pier d'Arena*, á luz electrica e dispondo de varias officinas e vastissimos salões adaptados á idade, estudos e outras occupaões de immenso numero de alumnos.

Nessa occasião expozemos a D. Rua a necessidade palpitante que tem a Diocese da Bahia de possuir um estabelecimento de Salesianos, a bôa vontade do governo e os esforços empregados pela Sociedade de S. Vicente de Paulo. Da bocca do respeitavel Sacerdote ouvimos palavras animadoras, dando-nos esperança de que seriam satisfeitos nossos desejos apenas as circumstancias assim o permitissem.

Ah! praza aos céos que dentro de pouco possa a Bahia offerecer aos meninos desvalidos um asylo onde elles christamente se eduquem e trilhem a carreira das artes, officios e letras.

Mas para isto é mister que a caridade publica venha ao nosso encontro, é mister esmolar, e eis a razão d'este nosso apello.

¹⁸ Na reunião do Capitulo Superior do dia 17 de agosto de 1877, tratou-se da visita que vários bispos fariam ao Oratório: Dom Lacerda, o Bispo de Ventimiglia, Marchese Peggio e Dom Manacorda di Fossano. (ASC: Verballi del Capitolo Superiore).

¹⁹ Vide Officio já citado, (Prudente de Moraes-Peretto).

A esmola, Filhos dilectísimos, tem a seu favor a linguagem da natureza e da religião.

O triste aspecto do indigente basta para despertar no coração do homem christão o sentimento compassivo de doçura e de piedade, disse um piedoso escriptor.

É um velho que implora socorro. Seu rosto pallido, suas mãos tremulas, seus olhos baços e sumidos, sua cabeça coroada com os gelos da idade, seus passos lentos e entorpecidos, uma voz debil, entrecortada, tudo excita a commiseração, tudo abala e tudo perturba o coração de um homem penetrado da verdadeira caridade.

É talvez uma viuva modesta, coberta ainda de luto; é uma virgem cheia de pudor, que mal se atreve a levantar os olhos e erguer a sua voz; é finalmente qualquer pessoa opprimida pela fome e pela necessidade; o nosso coração estremece se elle não é petrificado pelos vícios e pela irreligião.

Qual deve ser o nosso pensamento depois de um tal espectáculo? O socorro do infeliz; estender-lhe a mão e adoçar a sua desgraça, lembrando-nos de que podíamos nos achar no mesmo estado.

Jesus Christo deu-nos a este respeito o mais edificante de todos os exemplos, quando não pôde resistir a necessidade das turbas que o acompanhavam em sua pregação.

Seu coração paternal e amorosissimo se commove, e Elle obra o prodigio de multiplicar os sete pães e alguns peixinhos, com que deu de comer a mais de quatro mil pessoas, que com Elle se achavam no deserto.

Eis a esmola. Eu me compadeço deste povo, disse o Redemptor. *Misereor super turbam.*

Esta commiseração produzio o milagre, este milagre foi uma verdadeira esmola, e esta esmola foi uma prova da bondade de Deus, e um exemplo para cada um de nós.

Sigamos este exemplo: sejamos caritativos, e nós seremos os melhores amigos do pobre, e por isso mesmo será Deus o nosso melhor amigo.

Entre os pobres merecem particular attenção aquelles que ainda se achão na tenra idade: os meninos. Jesus sempre dispensou a estes ternura e affeição. Percorrendo a Judéa, chamava-os para junto de si, os acariciava, os abençoava e prometeu receber, como feito a si, o bem que fizéssemos a elles – *Quandiu fecistis uni ex his fratribus meis minimis, mihi fecistis.*²⁰

O exemplo, a recommendação de Christo calaram profundamente no animo de D. Bosco. Dotado de coração nobre e generoso dizia elle desde os mais verdes annos:

Se um dia chegar a ser padre, consagrarei toda minha vida aos meninos. Chamal-os-hei a mim, amal-os-hei, far-me-hei delles amado, dar-lhes-hei bons conselhos e farei todo o empenho para que alcancem a salvação eterna. Palavras de grande fé e amor christão! Exclama um seu biografo.

Estas palavras de fé e amor do caridoso protector dos meninos, passaram como preciosa herança para a Congregação Salesiana, cujo espirito emprehendedor e zelo activo pelo bem da mocidade estão patentes aos olhos de todos.

Uma esmola portanto, dilectísimos Filhos, em favor do Collegio Salesiano que projectamos fundar aqui na Bahia.

²⁰ *Math. c. 25, v, 40.*

É incrível que n'esta cidade haja tantos collegios de caridade para meninas indigentes, e não haja um só onde os meninos pobres aprendam, com vantagem para a religião e a sociedade, uma arte ou um officio.

É preciso portanto que levemos a effeito esta empreza eminentemente religiosa e social. Ouvi, pois, oh ricos! oh poderosos! ouvi a humilde voz do vosso pastor.

Filhos, esses meninos que vedes derramados pelas ruas sem abrigo, olhados com desprezo e escarneo pela maior parte dos homens são nossos irmãosinhos. Têm a mesma natureza, foram feitos, como vós, á imagem de Deus, foram remidos, como vós, com o mesmo sangue de Jesus. Andam cobertos de andrajos e soffrem privações, não encontram uma mão protectora que os livre de tantas miserias.

Compadecei-vos d'elles.

Da fortuna que o Senhor vos deu, tirae uma pequena parte, aquella parte que vós empregaes no luxo e na vaidade com os vossos filhos e dae-a á Sociedade de S. Vicente de Paulo para beneficiar aquellas creanças infelizes que um dia poderão ser uteis á humanidade.

Por meio de uma Commissão, esta benemerita Sociedade irá brevemente bater á vossa porta.

Abri-a, Filhos dilectissimos, deixando cahir gostosamente nas mãos dos protectores dos pobres o obolo da cidade, virtude sublime que nos vossos corações é fonte que não se esgota, é chamma que não se apaga.

Quem dá aos pobres, empresta a Deus; quem protege os pobres será, como dizia D. Bosco, largamente recompensado por Deus.

Certo de que nossa voz encontrará echo favoravel nos vossos magnanimos corações, nutrimos desde já a doce esperança de que obteremos os meios para realizar a fundação do mencionado collegio; pelo que, como prova de gratidão e affecto para convosco, damo-vos do intimo d'alma nossa benção paternal, pedindo a Deus, derrame sobre vós e vossas familias os thesouros de sua infinita misericordia.

Paço Archiepiscopal da Bahia, 24 de Maio de 1896.

Jerônimo, Arcebispo da Bahia.

IV

Cooperadores baianos pedem Colégio Salesiano na Bahia

Carta ao Pe. M. Rua

J.M.J.

Exm.º e Rvm.º Senr. D. Rua

A exemplo dos nossos caros irmãos do mundo inteiro, os ditosos inscriptos no aureo registro da Família Salesiana, que frequentemente vos dirigem a expressão de seus filiaes sentimentos de amor e respeito, de alegria ou de dor, de agradeci-

mento ou de supplica, nós, humildes mas também devotados membros da grande milícia dos Cooperadores, ainda uma vez tomamos a liberdade de endereçar-vos algumas linhas que esperamos haveis de acolher com a mesma paternal bondade que dispensaes aos vossos outros filhos do mundo inteiro.

Neste momento, Exm.^o Senr., o nosso coração se acha penetrado de indizível consolação. Acabamos de render á Excelsa Virgem Auxiliadora dos Christãos o culto de amor que a nossa Pia Associação nos prescreve; acabamos de elevar-Lhe n'um bello sanctuario ornamentado em sua honra, ardente prece impetratória em favor da obra Salesiana na Bahia; acabamos de ouvir a palavra inspirada do nosso illustre e zeloso Prelado, o Exm.^o Senr., D. Jeronymo, que dignou-se officiar nessa solemnidade modesta e simples, mas cheia para nós de singular encanto: é muito justo, pois, que nos sintamos felizes, e que nos congratulemos convosco por tão auspiciosos acontecimento, que nos parece ser a primeira estrophe do hymno que a cidade do Salvador irá continuamente cantar a MARIA AUXILIADORA.

Sim, Exm.^o Senr., esse nome bemdito, que acaba de resoar pela vez primeira n'um templo bahiano cheio de fieis, aureolado pelos seus prodigios em pró de D. Bosco, emergindo como radioso astro no infinito da misericordia de Deus a derramar sobre a empreza Salesiana a força de sua celestial influencia – esse Nome querido reinará também entre nós, e será o talisman precioso que nos trará felicidade. É sob seu poderoso auspício que vos dirigimos agora a nossa supplica-porque é uma supplica o objetivo desta carta. Estamos certos de que não voltaremos desattendidos e desconsolados, tendo invocado perante vós o Nome de MARIA, Auxílio dos Christãos. Elle será o nosso penhor de bom exito, o nosso melhor argumento, a nossa esperança e as nossas victorias.

É uma verdade, Exm.^o Senr., que o amor á Obra Salesiana se propaga cada vez mais intenso na Bahia. O desejo de vel-a estabelecida entre nós se torna cada vez mais intenso. Dizer o quanto precisamos della parece desnecessario. Uma multidão de meninos pervertidos enche as nossas ruas, de maneira a causar compaixão até aos animos mais indifferentes. Uma das causas de tal flagello foi a extinsão repentina da escravidão no Brasil, sem medidas que prevenissem os males que proviriam do abuso de uma liberdade, para a qual os pobres escravos não estavam preparados. Isso trouxe para a massa popular grande numero de mães e paes que não constituem familias regullares, e, cujos filhos, sem educação e sem freio, passam a vida a aprender o vicio, vestidos ás vezes com um farrapo somente, pois a benignidade do nosso clima, em qualquer estação e a qualquer hora, tal desordem lhes permite. De todos os Estados brasileiros foi o da Bahia o mais inundado por essa praga nefasta por ser aquelle que mais nucleos de escravos possuía.

A imprensa quase diariamente registra acções delictuosas commettidas por esses pequenos infelizes; no Congresso se tem levantado vozes patrioticas pedindo a creação de colonias correccionais, que ainda não foram levadas a effeito e tudo continua no mesmo lamentavel estado.

Não pode, pois, Rvm.^o Senr., ser maior a necessidade de uma casa salesiana que venha salvar ao menos uma parte de tantas victimas do abandono; não pode ser mais apropriado o campo para o caridoso labor dos Filhos de D. Bosco. So-

mente a esperança de possuir esse colégio abençoado reanima um pouco os espiritos preocupados com a ruína moral da desprotegida infancia bahiana.

O Senr. Governador Cons. Luiz Vianna está tão compenetrado da necessidade desse collegio, que se acha disposto a fazer por elle tudo o que lhe fôr possível e desejoso de inaugural-o em pessoa. O governo desse benemerito cidadão, porém, terminará brevemente e não sabemos se aquelle que lhe houver de succeder será animado do mesmo affeto para com os Rvm.^{os} Salesianos e sentir-se-á igualmente disposto a facilitar-lhes o que para o seu estabelecimento aqui fôr mister.

À vista do que acabamos de expôr. Ex.^o Senr., aquilataveis a ansiedade de nosso desejo em relação ao referido estabelecimento, para o qual temos trabalhado e esperamos, com o auxilio de Deus trabalhar sem descanço: respeitosa e, pois, vos ponderamos que nos parece conveniente aproveitar a occasião, porque, difficilmente se apresentará outra mais propícia.

Acresce que a casa adquirida, o pomar que a cerca, as cousas que já temos obtido, tudo vae ficando damnificado, devido a causa que não está em nossa mão impedir. Rogamos-vos, portanto, humilde e encarecidamente, que vos digneis enviar ao menos um ou dois sacerdotes que venham iniciar tão anhelada fundação. Ao nosso pedido une-se o pedido valiosos de nosso venerando Prelado, e cremos que a SS. Virgem Auxiliadora tambem se interessa por [ele]. Bem sabemos que luetaes com difficuldades innumeradas para attender a instancias iguaes que de toda a parte vos são feitas, mas lembrae-vos que o immortal D. Bosco pensava mais na America do Sul do que n'outro qualquer paiz; que da America é o Brazil a maior e a mais bella porção, e que a Bahia é a sede metropolitana primacial, é o centro, é o coração do Brazil.

Oh! não recuseis á Bahia por mais tempo tamanho bem e tão grande ventura. Dae-lhe tambem a esmola de luz que repartis pelo mundo necessitado. Confian-do em Deus, temos a certeza de que nella a obra de que sois Chefe prosperará brilhantemente e será fecundissima em fructos e benções!

Ahi fica a nossa supplica, dignissimo Representante de D. Bosco, ella vae sob os auspicios de Maria Auxiliadora, á cuja protecção tambem vae a repetição da-quella outra que vos fizemos no anno passado: a escolha do Rvm.^o Senr., P.e Luiz Zanchetta para diretor do nosso Instituto.

Nada mais acrescentamos ao nome bendito de nossa Padroeira Excelsa, senão que fazemos ardentes votos para que Ella derrame sobre nós e sobre toda a Congregação, e casas salesianas o orvalho de suas graças ineffaveis e que por longos e felizes annos resplandeça para vos a festa querida, cuja data é o unico valor que esta carta encerra.

Bahia 24 de Maio de 1898

De V Exa e Rvma
Humildes e devotados servos em C.

Os Cooperadores Salesianos

- Conego Manfredo Alves de Lima, Diretor dos Cooperadores Salesianos

- Conselheiro Braulio da S.a Pereira, membro do Superior Tribunal de Justiça do Estado
- D.^{OR} José Leôncio de Medeiros T.^e Coronel Inspetor Sanitario Militar, Presidente do Conselho Central da Bahia e Conferencia de S. Vicente de Paulo
- Amélia Rodriguez, professora municipal.

Sequem-se as demais assinaturas num total de quarenta (40).

V

Contrato da primeira construção - (Eugênio Cardoso)

No início do documento Pe. Lemoyne escreveu: «Cardozo Eugenio. Convenzione per fabbricazione».

Contrato de empreitada, entre partes o Primeiro outorgante Eugênio Antonio Cardoso e o Segundo outorgante, o Snr Director do Lyceo Salesiano do Salvador, Padre Luiz Della Valle, ou quem lhe succeder.

O II^{mo} Snr Eugenio Cardoso compromette-se pela construção de um predio ao Largo de Nazareth para o Lyceo Salesiano do Salvador, de accordo com a planta apresentada e que é nesta data assignada por ambos, tendo 45 m de comprimento e 15 de largura.

Compromette-se a fazer a construção do pavimento terreo da face do chão do mesmo pavimento á face do soalho em 5,40 m de altura; e o primeiro pavimento da face do chão do mesmo á face da cornija com 4,60 m; as paredes serão de alvenaria de 0,25 m de grossura, sendo a liga formada por tres parte de cal e duas de argilla.

O pavimento terreo será soalhado e forrado de louro, e o primeiro pavimento soalhado de louro. O cobrimento será sobre doze tezouras francezas, sendo os ripões pintados a oleo com zarcão e roxo - terra e as telhas caiadas de branco: os alicerces serão de pedra com profundidade precisa para solidez da obra; da face do chão até a altura de 0,60 m será de alvenaria de pedra. Sobe-se ao pavimento terreo por escadas de 3 graus de 0,20.

A frente levará janellas campanarias de 3 metros; o lado direito e o fundo terão tres portas correspondentes ás portas de frente e grades de ferro correspondentes ás janellas de frente. Por baixo das janellas haverá respiradouros com grades de ferro. A varanda será cimentada, sendo o cimento de Portland de 0,03m. de espessura e aplicado directamente sobre o ladrilho.

As janellas do segundo andar serão de accordo com a planta sendo caixilhos de venezianas com bandeiras de vidraças, sendo as ditas janellas de louro.

As madres terão 0,25x0,18; o vigamento 0,18x0,12; os pes de carneiro

0,18x0,18; as tezouras 0,20x0,15 e todas as madeiras serão de primeira qualidade, como sejam adeno, batinga, massaranduba, sicupeira (sic) etc.

Compromette-se mais: a fazer a pintura externa de accordo com o Señr Director quanto a côr, mas não a oleo; pintar as portas, o forro, as venesianas, as grades, paineis, as frisas e os rodapés a oleo; dar as cores externas e os rodapés. Bortar todo o bicamento de ferro zincada, pintando-o a oleo e encanando as aguas para o deposito. Fazer uma escada de madeira de primeira qualidade para o pavimento superior; assentar seis latrinas inglezas em cima e quatro em baixo, com encanamento de louça de seis pollegadas até o pateo e de alvenaria com 0,50 de diametro até o deposito, construindo também este ultimo no logar que a hygiene marcar, podendo o Sñr Cardoso utilizar-se de barro que nesse ponto for preciso tirar.

Fazer uma divisão postiça (até o forro) de madeira e forrada de papel para a Capella. Fazer duas divisões postiças no segundo andar, sendo de taboas de louro ou de parahyba de polegada, com menos de dous metros de altura, pintadas a oleo. Assentar a grade de ferro já existente e destinada ao muro da frente da roça, concertando-a e pintando-a.

Compromete-se a fazer a construção do dito edificio até 31 de Janeiro de 1901, pagando uma multa de oitenta mil reis por cada dia que exceder, sendo descontado na ocasião do pagamento, salvo caso de força maior, fornecendo todo o material de primeira qualidade e pela quantia de noventa contos de reis (90.000\$000).

O pagamento se effectuará: - 10:000\$ - dez contos de reis, depois de cheio todo o alicerce e respartado e depositados alguns materiaes para principio da obra; outros 10:000\$ - dez contos de reis logo que a obra chegue á metade da altura do primeiro pavimento; ficando os demais pagamentos, dependentes dos auxílios que o Director fôr recebendo e que o empreiteiro sujeite-se a esperar ainda depois de prompta a obra para o que então tiver ainda de haver.

Havendo contestação acerca da obra dever-se-ha recorrer á decisão do primeiro engenheiro do Município.

VI

1. Apelo publicado pelo Jornal de Notícias e relatório dos engenheiros

«A alma bahiana, tão generosa sempre, bem poderá, depois de ler o documento infra, levar, ainda uma vez, o seu obulo de caridade em favor da construção de um predio, que terá de desaparecer, consumindo quantiosa somma, se não forem com urgencia concluidas as suas obras.

Referimo-nos ao grande predio em Nazareth, cuja conclusão não custará muito. Os Salesianos accéitam desde o obulo de 100 reis até mesmo qualquer quantidade de material. Uma taboa, um tijolo, uma pedra, será uma dadiva para o complemento de uma obra proveitosissima ao futuro da Bahia.

Auxilie-se, pois, aos salesianos, para que a Bahia possa offerecer ainda na construcção do grande predio mais um attestado da sua alma generosa e benfazeja».

2. Parecer dos quatro senhores engenheiros, cuja publicação foi solicitada que se fizesse pelo Jornal de Notícias.

«Somos de opinião, nós abaixo assinados, e depois de havermos observado e examinado, detidamente, o edificio do novo collegio dos Salesianos, em Nazareth, e cujas obras de construcção se acham interrompidas:

- que no levantamento desse edificio se praticaram os mais graves erros de technica, especialmente nas dimensões dos alicerces e arranjo dos muros exteriores, derivando dahi por falta de segurança e estabilidade a situação de uma ruina em que o mesmo se acha, ruina impedida de ser completa, alem de outras singulares defesas, pela amarração, embora insufficiente e imperfeita, construcções internas – paredes, vigamento dos soalhos e travejamento do telhado; - que, todavia, poderá o edificio ser salvo, e aproveitado, por um conjuncto de medidas, urgentes, immediatas e inadiaveis, applicadas sob o criterio de um systema certo e com os cuidados da mais escrupulosa discreção, medidas que, sem perda de tempo devem ser as seguintes:

- a) Consolidação dos alicerces, que devem ser, tanto quanto possivel e conveniente aprofundados e, em seguida, protegidos por uma calçada no perimetro exterior do edificio;
- b) Consolidação dos angulos do edificio, estendida, onde concentra, ao muro da fachada e ás paredes lateraes externas, de modo que, havendo arte, façam parte os novos pilares da composição architectural;
- c) Desmancho (convenientemente feito) de toda a parede do fundo e reconstrucção da mesma, aproveitando-se o material e sendo diminuidos os vãos das aberturas do primeiro pavimento;
- d) Consolidação da estrutura interna do edificio e das paredes divisorias, onde e como se faça preciso;

Tudo isso poderá ser feito, sem prejuizo da forma architectonica adaptada, com relativa economia em condição de garantir ao edificio a estabilidade que elle não tem, depois do que a conclusão das obras se realizará sem os inconvenientes de qualquer perigo, permittindo assim o aproveitamento para os seus fins, do novo collegio dos Salesianos.

Os abaixo assignados não se eximem de indicar ao constructor o processo, caminho e ordem dessa indispensavel reforma, que, como acima disseram é urgente e inadiavel.

Bahia, 8 de agosto de 1905. Engenheiros civis: Arlindo Fragoso, Francisco Lopes da Silva Lima, Alexandre Freire Maia Bittencourt, Theodoro Sampaio.

VII

Salesianos da Bahia nos dez primeiros anos

INSPETORIA BRASIL DO NORTE

* 1900

BAHIA

Colégio S. Bellino

Endereço: Colégio Salesiano S. Salvador-Largo Nazaré (Brasil) Bahia
(Casa Sucursal). Sucursal do Recife.

Diretor e Prefeito: Pe. Luiz Della Valle

Catequista: Pe. Agostinho Zanella

Professos perpétuos: -Coad. Carlos Garino, Coad. Henrique Valli, Cl. Constantino Zaikjowski

Aspirante Coad. José Garino.

* 1901

BRASIL DO NORTE²¹

BAHIA

Colégio Salesiano do Salvador

Endereço: Liceu Salesiano do S. Salvador-Largo Nazaré (Brasil) Bahia.

CAPÍTULO²²

Diretor e Prefeito: Pe. Luiz Della Valle

Catequista e Conselheiro escolar: Pe. Luiz Pasquale

Professos perpétuos: Coad. Carlos Garino

Coad. Henrique Valli

Cl. Pedro Ghislandi

Cl. Caitano Orite

Cl. André Sierkiewicz

Cl. Inácio Wasilewski

Cl. Constantino Zajkowski

²¹ Nem sempre havia uniformidade nos títulos ou disposição das matérias.

²² O termo aparece pela primeira vez no elenco

Aspirante a Coadjutor: João Moura

Noviços: Cl. Benedito Reis Barbosa e Cl. José do Espírito Santo.

*** 1902**

INSPETORIA DE S. LUIZ GONZAGA PARA O BRASIL DO NORTE

Inspetor: Pe. Lourenço Girodano (Com residência na Bahia)

Endereço: Liceu de S. Salvador-Largo Nazaré (Brasil) Bahia.

BAHIA

Colégio do Salvador

Endereço: Liceu do São Salvador-Largo Nazaré-(Brasil) Bahia

CAPÍTULO

Diretor e Prefeito: Pe. Luiz Della Valle

Catequista: Pe. André Sierkiewicz

Conselheiro escolar: Pe. Carlos Simona

Conselheiro: Pe. Carlos Graglia

Confessor: Pe. Caitano Orite

Professos perpétuos: Cl. Martinho Daly, Coad. José Furlane, Coad. Carlos Garino,
Cl. Ugo Simão, Coad. Francisco Vai, Cl. Constantino Zaikowski.

*** 1903**

BRASIL DO NORTE

Inspetoria São Luiz Gonzaga (canonicamente oficializada pelo Decreto de 20/01/1902)

Inspetor: Pe. Lourenço Giordano, residente na Bahia.

BAHIA

Colégio do Salvador

Endereço: Liceu do São Salvador-Largo Nazaré-(Brasil) Bahia

CAPÍTULO

Diretor e Prefeito: Pe. Luiz Della Valle

Conselheiro escolar: Pe. André Sierkiewicz

Confessor: Pe. Caitano Orite

Professos perpétuos: Coad. José Furlane e clérigo Ugo Simão

Professos trienais: Cl. Lourênço Gatti, Coad. Fortunato Lualdi e Cl. Bruno Lunedei

Noviço: Cl. Henrique Pallottini.

* 1904

BRASIL DO NORTE

Inspetoria São Luiz Gonzaga
Inspetor: Pe. Lourenço Giordano

BAHIA
Colégio do Salvador
Endereço: Liceu do São Salvador-Largo Almeida Couto-(Brasil) Bahia.

CAPÍTULO
Diretor Pe. Luiz Della Valle
Prefeito: Pe. André Sierkiewicz
Confessor: Pe. João Gasparole
Professo perpétuo: Coad. José Furlane
Professos trienais: Coad. Tiago Castino, Cl. Lourenço Gatti, Coad. Fortunato Lualde, Cl. Henrique Pallottini.

* 1905

BRASIL DO NORTE

Inspetoria São Luiz Gonzaga
Inspetor: Pe. Lourenço Giordano

BAHIA
End. Colégio do SS. Salvador
End. Liceu do São Salvador-Largo Almeida Couto-(Brasil) Bahia.

CAPÍTULO
Diretor e Prefeito: Pe. Clélio Sirone
Catequista: Pe. André Sierkiewicz
Confessor: Pe. Constantino Zajkowski
Professos perpétuos: Coad. José Furlane, Cl. Lourenço Gatti, Coad. Fortunato Lualde, Coad. Adalberto Urbanowicz
Professo trienal: Cl. Henrique Pallottini
Noviços: Coadj. Mercúrio Floresta e Cl. José Tourreng.

* 1906

BRASIL DO NORTE

Inspetoria São Luiz Gonzaga
Inspetor Pe. Lourenço Giordano

BAHIA

End. Colégio do SS. Salvador

End. Lyceo do São Salvador-Largo Nazareth-(Brasil)-Bahia

CAPÍTULO

Diretor: Pe. Clélio Sironi

Pe. Constantino Zajkowski (Confessor e Oratório festivo)

Coad. José Furlani (professo perpétuo)

Coad. Adalberto Urbanowicz (professo perpétuo)

Cl. Lourenço Gatti (professo perpétuo)

Cl. Estanislau Lukaszewski (trienal)

Cl. Enrique Palottini (trienal)

Cl. José Tourreng (noviço)

* 1907

BRASIL DO NORTE

Inspetoria São Luiz Gonzaga

Inspetor Pe. Lourenço Giordano

BAHIA

Colégio do SS. Salvador

End. Lyceo do São Salvador-Largo Almeida Couto-(Brasil)-Bahia

Diretor: Pe. Clélio Sironi

Confessor: Pe. Pedro Ghislandi

Professos perpétuos: Coad. Valentim Bywalec, Subdiácono: Lourenço Gatti, Cl. Luiz Rigotti, Coad. Adalberto Urbanowicz

Professos trienais: Cl. Estanislau Lukaszewski, Cl. Henrique Pallottini.

* 1908

BRASIL DO NORTE

Inspetoria São Luiz Gonzaga

Inspetor Pe. Lourenço Giordano

BAHIA

Colégio do SS. Salvador

End. Lyceo do São Salvador

Largo Almeida Couto-(Brasil) Bahia.

CAPÍTULO

Diretor: Pe. Clélio Sironi
Prefeito: Pe. Lourenço Gatti.

* 1909

BRASIL DO NORTE

Inspetoria São Luiz Gonzaga
Inspetor Pe. Lourenço Giordano

BAHIA

Colégio do SS. Salvador
End. Lyceo do São Salvador
Largo Almeida Couto-(Brasil) Bahia.

CAPÍTULO

Diretor: Pe. Clélio Sironi
Prefeito: Pe. Lourenço Gatti
Conselheiro Escolar: Pe. Henrique Pallottini.

* 1910

BRASIL DO NORTE

Inspetoria São Luiz Gonzaga
Inspetor Pe. Lourenço Giordano

BAHIA

Colégio do SS. Salvador
End. Lyceo do São Salvador
Largo Almeida Couto – (Brazil) Bahia.

CAPÍTULO

Diretor Pe. Clélio Sironi
Prefeito Pe. Henrique Pallottini
Conselheiro Escolar Pe. Ugo Fiorini.

VIII

Alunos: a história em números

BAHIA	1900
Estud. Internos	24
Aprendizes	26
Sapataria	4
Alfaiataria	8
Marcenaria	8
Encadernação	6
Oratório	25

Nos quadros que apresentamos, os números são bastante incompletos, mesmo porque os documentos originais são falhos. Na Crônica de 1900 encontramos algumas informações, enquanto que nos anos seguintes até 1907, pelo menos nos documentos lidos, os registros numéricos são inexistentes, no que diz respeito aos meninos atendidos pelo Liceu.

No primeiro ano de funcionamento do Liceu havia 5 mestres nas Oficinas.²³

BAHIA	1908	1909	1910	1911	1912	1913	1914	1915	1917	1918	1919	1920
Internos	37	28	26	27	40	49	100	23	63	50	45	48
Semi-internos												
Externos	45	42	40	50	75	70		52	102	120	76	50
Ap. Internos	35	53	54	60	60	56	50	45	40	51	47	42
Ap. Semi-inter.											13	10
Ap. Externos								7	25	25		
Oratório	70	80		200	250	150		89		80		

²³ ACB: Crônica, 1 de janeiro de 1900.

BAHIA	1926	1927	1930	1931	1932	1937	1938	1939	1940	1942	1943	1944
Internos	75	100	96	94	95	95	376	160	102		150	238
Semi-internos	10	5		4		2			9	60 ²⁴		
Externos	120	80	98	90	90	166	240	240	196			164
Ap. Internos		60	60								54 ²⁵	74 ²⁶
Ap. Semi-inter.												
Ap. Externos		7										
Oratório		90	120	90	100	120						
Tipografia	22	22	26	22	19	16			16			
Encadernação	19	8	19	19	18	18			13			
Alfaiataria		18	13	22	12	6						
Serralharia				18								
Sapataria		16	23	20	2	2						
Mecânica		16	14		2	2	2		2			
Marcenaria					3	2			15			
Gratuidades	138	2 ²⁷	2 ²⁸	2 ²⁹		53			2 ³⁰			
Reduções	30 ³¹					54						
Prof. Oficinas		12		6	6				2			
Empregados	12	7	6	7	7				4 ³²			
Empregadas	10	10	10	10	9							
CC. SS. ³³	500	500	500	3.000								
Ex-alunos	50	50	34									

²⁴ Internos e semi-internos.

²⁵ Incluindo internos e externos.

²⁶ Incluindo internos e externos.

²⁷ A metade dos alunos tem gratuidades entre 10% e 30% mensais.

²⁸ Cinquenta por cento dos alunos tem de dez a trinta por cento de gratuidades.

²⁹ 110 alunos com gratuidades entre 10% e 50% mensais.

³⁰ As gratuidades para os aprendizes internos importavam em Cr\$ 36.000,00. Para os Semi-internos em Cr\$ 500,00, para os externos Cr\$ 3.000,00 e Oratorianos Cr\$ 1.000,00 mensais.

³¹ Reduções entre 10% e 30%. Despesa mensal de um aluno da ordem de 80\$00. A mensalidade oscilava entre 70\$00 e 80\$00

³² Exclusive dois familiares e sete professores externos.

³³ Formados pelo grupo da Arquiconfraria de N. Sra. Auxiliadora.

³⁴ Neste ano a União dos Ex-aluno foi suspensa.

BAHIA	1945	1946	1947	1949	1950	1951	1952	1953	1954	1955	1956	1957
Internos	370	377 ³⁵	156	290	249	210	400	206	223	224	202	210
Semi-internos					8	30		87	3			8
Externos	140		185	160	251	300	400	299	289	241	185	160
Ap. Internos		152 ³⁶	110	103 ³⁷	148	164		167	152	108	90	80
Ap. Semi-inter.					10							
Ap. Externos					4							
Oratório			245	300		200	200	500	300	294	180	70
Tipografia					29	30		68 ³⁸	58	17	18	24
Encadernação					45	38				25	20	16
Alfaiataria					33	35		26	29	24	17	19
Serralharia						15		30 ³⁹	25	18	6	8
Sapataria					15	20		10	19	10	17	5
Mecânica					15	10		14		18	6	8
Marcenaria					25	25		19	21	14	17	9
Gratuidades				30	⁴⁰ 50			55	149 ⁴¹		10	28
Reduções				40		200	94				146	35
Prof. Oficinas				8	5	8		9	8	8	7	8
Empregados				25	12 ⁴²	8		23	29	25	12	8
Empregadas	10	10	10	10	9	11				8	5	9
CC. SS.						15			160			
Ex-alunos						56			50	80	120	155

³⁵ Internos e externos³⁶ Internos e externos.³⁷ Internos e externos.³⁸ Inclusive a encadernação.³⁹ São todos eletrotécnicos, uma nova secção que foi aberta.⁴⁰ Internato: Cr\$ 80,150,00. Externato: 4.520,00. Oratório: Cr\$ 15.000,00⁴¹ Total geral, incluindo Oratório e Paróquia: Cr\$ 407.500,00. A anuidade foi de Cr\$ 10.000,00 para os internos e Cr\$ para externos.⁴² Prof. Externos: 15. Operários externos: 9

BAHIA	1960	1961	1962	1963	1964	1965	1966	1967	1968	1969	1970
Internos	140	120	88	100	64						
Semi-internos		20	16		6						
Externos	206	228	253	399	475	424	390	321	348	222	357
Ap. Internos	49	25	19	29	17						
Ap. Semi-inter.			2								
Ap. Externos				2	11						
Oratório							120	400	400	180	
Tipografia	18	10	10	9				11 ⁴³	1	8	
Encadernação	17	9	6	8					1	10	
Alfaiataria	5	4	5	7							
Serralharia											
Sapataria	1										
Mecânica											
Marcenaria	3	2		2							
Gratuidades	92 ⁴⁴	⁴⁵	19 ⁴⁶	54 ⁴⁷	32	31	39	22	⁴⁸	⁴⁹	46 ⁵⁰
Reduções	32		16	12	14						
Prof. Oficinas	5	7 ⁵¹	8	10	6						
Empregados	21	20	27	25	14						
Empregadas	2 ⁵²		4 ⁵³	4 ⁵⁴	4						
CC. SS.		278			189						
Ex-alunos	103	120	120	173	181						

⁴³ Incluindo 6 alunos de um Curso de litografia.

⁴⁴ Incluindo 52 alunos de entidades públicas ou privadas.

⁴⁵ Do Colégio Cr\$ 1.754.000,00. De outras entidades: Cr\$ 2.953.730,00

⁴⁶ Havia 90 bolsas de outras entidades. Total das beneficências do Colégio: Cr\$ 2.219.750,00. A anuidade dos internos do Ginásio era Cr\$ 111.000,00. Curso Elementar internos: Cr\$ 108.000,00. Ginásio semi-internos: 84.250,00. Elementar semi-internos: Cr\$ 81.750,00. Ginásio externo: Cr\$ 20.250,00. Elementar externo: Cr\$ 17.750,00.

⁴⁷ Havia 100 alunos ajudados por entidades públicas ou particulares. Total da gratuidade realizada pelo Colégio: Cr\$ 2.315.000,00.

⁴⁸ Beneficência mensal Cr\$ 12.240,00. A mensalidade dos externos era de Cr\$ 390,90.

⁴⁹ Gratuidade Cr\$ 1.452.278,00.

⁵⁰ Gratuidade total: Cr\$ 41.420,00. Mensalidade do Primário: Cr\$ 300,00. Média inferior: Cr\$ 400,00. Média superior: Cr\$ 700,00.

⁵¹ No Colégio havia 12 professores salesianos e 8 leigos.

⁵² Neste ano começaram a aparecer 7 irmãs que vieram trabalhar na cozinha e rouparia.

⁵³ Seis irmãs.

⁵⁴ Mesmo número anterior.

IX

Estatuto da APAS

CAP. I - Natureza e fins da Associação

Art. 1º A Associação dos Pais de Alunos Salesianos (APAS) é uma Associação civil, com sede permanente no Liceu Salesiano do Salvador. & único - Como unidade salesiana, personifica-se juridicamente no Liceu Salesiano do Salvador, guardando autonomia apenas quando aos seus órgãos diretivos e fins específicos.

Art. 2º O fim da Associação é o aperfeiçoamento das relações entre pais e mestres, para maior rendimento da ação moral, social e educativa destes em proveito do educando (filho e aluno).

Art. 3º Constitui finalidade genérica da APAS promover a união das famílias do educando, proporcionando oportunidade para que, em conjunto, possam estudar seus problemas e trocar sugestões, visando a: I - fortalecer as famílias como núcleos básicos de defesa dos direitos irrecusáveis de liberdade de ensino, liberdade de consciência e integridade do lar; II - despertar interesse constante sobre a vida cristã dos lares e seus deveres para com os filhos; III - estudar meios e processos para a preservação das tradições morais e religiosas da família brasileira.

Art. 4º No setor educacional, a APAS propõe-se a alcançar os seus objetivos: a - promovendo conferências, palestras, círculos de estudo a respeito de assuntos pedagógicos morais, científicos de interesse das famílias de alunos; b - ampliando a biblioteca do Liceu na divulgação de publicações úteis aos fins educativos e ao aprimoramento moral dos alunos, podendo fazer circular um Boletim Informativo da APAS; d - aumentando a colaboração dos pais de alunos salesianos, visando ao aperfeiçoamento da formação dos educando dentro dos princípios e linhas mestras do pensamento e da obra de São João Bosco.

Art. 5º No setor social a APAS atingirá os seus fins: a - incentivando e conciliando os pais de alunos a se reunirem com vistas à integração completa da escola na comunidade social; b - lutando em ordem a uma maior aproximação dos pais na campanha contra os erros sociais, principalmente os que atingem a família e buscando os meios para combatê-los; c - organizando atividades extracurriculares (desportivas, artísticas, recreativas e culturais) no sentido de propagar as diversões sadias; d - prestigiando e auxiliando as iniciativas do Liceu, dos seus mestres e das autoridades constituídas; e acolhendo sugestões dos pais no trato com os educandos.

Art. 6º A APAS funcionará ainda como órgão cooperador do Liceu no que se referir à expansão e aprimoramento do educandário, ajudando a compreensão dos pais em face dos ditames da sua diretoria.

CAP. II - Dos sócios e qualidade dos sócios

Art. 7º Todos os pais e responsáveis por alunos matriculados no Liceu Salesiano são sócios da APAS. & único - O ingresso na APAS é automático à vista da

matrícula efetivada pelo Liceu e implícita a aceitação pelo sócio da orientação contida neste Estatuto.

Art. 8º Será desligado da APAS, a critério da Diretoria, depois de ouvido o Conselho Superior, o sócio que tiver seu filho ou seus filhos desligados do Liceu.

Art. 9º Todo sócio, além dos direitos de participação nas assembléias e discussão dos seus projetos e objetivos, poderá oferecer ajuda material que julgar necessária ao atingimento dos fins da Associação.

Art. 10 A contribuição do sócio consistirá no pagamento de uma taxa fixada anualmente pelo Conselho Diretor da APAS. & único – Qualquer contribuição em dinheiro para atender aos fins sociais e educacionais da APAS, será solicitada diretamente pelo Conselho Diretor da Associação.

Art. 11 Não haverá responsabilidade solidária dos sócios pelas dívidas da Associação.

Art. 12 Haverá quatro categorias de sócios, compreendendo: a - sócios efetivos, os do art. sétimo, deste Capítulo; b - sócios facultativos, pais ou responsáveis de ex-alunos, professores do Liceu, sócios de entidades congêneres, ficando o ingresso sujeito a deferimento do Conselho Diretor; c - sócios beneméritos, os que fizerem à APAS doações ou legados importantes; d - sócios honorários, os que forem julgados pelo Conselho Superior, dignos desta distinção.

CAP. III - Da Administração da APAS

Art. 13 São órgãos da APAS: a - O Conselho Diretor; b - O Conselho Superior. & único - Nenhum cargo ou função cometido na Administração da APAS é remunerado.

Art. 14 O Conselho Diretor é constituído de: a - o casal presidente (marido e mulher); b - dois casais - vice - presidentes; c - Um secretário e seu suplente; d - um tesoureiro; e - um bibliotecário; f - um diretor de relações públicas. & O Suplente do Secretário somente funcionará nas faltas ou impedimentos do secretário.

Art. 15 O Conselho Superior é integrado por: a - um representante de pais de alunos de cada uma das turmas do Liceu; b - três professores, um do ciclo primário e dois do ciclo secundário; c - o Diretor do Liceu Salesiano ou seu representante; d - Os Membros do Conselho Diretor da APAS. & 1º - A presidência do Conselho Superior cabe ao Presidente da APAS. & 2. O Diretor do Liceu indicará os representantes do Conselho Superior e o Círculo de Professores os representantes a que, se refere a alínea *b* deste artigo.

CAP IV - Dos encargos e atribuições da Administração

Art. 16 - O Conselho Diretor orienta e dirige os trabalhos da APAS como órgão executivo.

Art. 17 - Ao Presidente, além das atribuições normais do encargo compete: a - presidir as reuniões do Conselho e executar suas determinações; b - convocar

reuniões ordinárias e extraordinárias do Conselho Diretor e convocar e presidir às reuniões do Conselho Superior; c - nomear comissões para estudos e projetos; d - apresentar à Assembléia Geral o Relatório dos trabalhos do ano anterior.

Art. 18 - Aos Vice - presidentes compete auxiliar o Presidente e substituí-lo nas suas faltas ou impedimentos.

Art. 19 - Ao secretário incumbe: a - redigir e ler as atas das sessões; b - fazer convocações por ordem do Presidente; c - receber e encaminhar propostos de novos sócios; d - executar todos os trabalhos compatíveis com a função de Secretário, inclusive arquivo e fichário de sócios.

Art. 20 - Ao tesoureiro cabe: a - gerir a aplicação dos fundos e dinheiros da APAS; b - receber contribuições eventuais, donativos e ofertas em dinheiro; c - manter em dia o livro caixa e escriturar um conta-corrente dos sócios; d - efetuar pagamentos autorizados; e - apresentar o balanço anual ao Conselho Superior. & único - O Tesoureiro poderá solicitar a ajuda de cobradores visando ao recolhimento da taxa a que se refere o artigo 10 (dez) do presente Estatuto.

Art. 21 - Ao Bibliotecário compete: a - organizar e orientar a campanha das leituras sadias; b - promover meios para a criação da estante especializada da APAS e a ampliação da biblioteca do Liceu; c- Supervisionar o empréstimo de livros de sua estante e zelar pela manutenção dos mesmos.

Art. 22 - Ao Diretor de Relações públicas é atribuída a publicidade e a propaganda dos empreendimentos da APAS, bem como a ligação desta com as congêneres e os Órgãos do poder público.

Art. 23 - O Conselho Superior é órgão consultivo e de cooperação estreita entre a Associação e a Direção do Liceu, coordenando e fiscalizando as diretrizes da APAS. & 1º Em sua função coordenadora e fiscalizadora, o Conselho Superior é sempre convocado para: a - receber o balanço de atividades e realizações da APAS; b- propor alvitres e sugestões, que serão aprovadas como Resoluções; c - organizar lista tríplice para preenchimento de cargos vagos no Conselho Diretor e em seus quadros; d - participar das reuniões que foram convocadas pelo Presidente; e- opinar sobre a prestação de contas e aplicação de fundos e dinheiros. & 2º Não haverá reuniões isoladas do Conselho Superior, mas a sua participação nos destinos da APAS poderá ser requerida por qualquer conselheiro da Direção ou pelo Diretor do Liceu ou pelo seu Conselheiro Escolar.

CAP. V - Das Assembléias e Reuniões

Art. 24 - Semestralmente, haverá assembléia geral dos sócios, fixando-se a data de convocação com a Diretoria do Liceu. & 1º Na primeira assembléia geral do ano, o Presidente apresentará o resultado dos trabalhos do exercício anterior e os pareceres do Conselho Superior. & 2º Em cada assembléia geral, todos os assuntos de interesse da APAS serão abordados e estudados seguindo-se a aprovação de reforma do Estatuto. & 3º Haverá assembléia geral extraordinária sempre que o Conselho Superior opinar favoravelmente por 2/3 (dois terços) dos seus componentes.

CAP. VI - Das eleições

Art. 25 - Anualmente, vedadas as reconduções por mais de um período seguido, haverá eleição para a constituição do Conselho Diretor. & único - A eleição do Conselho Diretor é atribuição precípua dos representantes a que se refere a alínea *a* do artigo 15 (quinze) deste Estatuto.

Art. 26 - A posse dar-se-á logo após a eleição.

CAP. VII - Disposições finais

Art. 27 - Não existe vinculação alguma das contribuições da APAS com a anuidade fixada pelo Liceu, bem como não é obrigatória a sua cobrança ou condição essencial para a matrícula.

Art. 28 - A APAS será dissolvida por força de lei ou por decisão de 2/3 (dois terços) dos seus sócios manifestada em assembléia geral. & 1º Em caso de dissolução, todos os bens da APAS, valores de quaisquer espécies serão doados ao Liceu Salesiano do Salvador. & 2º A APAS não distribuirá lucros bonificações ou vantagens em caso de dissolução.

Art. 29 - Haverá os livros de ata, caixa e conta-corrente.

Art. 30 - Anualmente, em data fixada pela Diretoria do Liceu, haverá uma festa cívico-religiosa, denominada TAMBÉM OS PAIS VÃO À ESCOLA.

Art. 31 - Os casos omissos serão resolvidos em sessão conjunta dos Conselhos Superior e Diretor e pelo Estatuto, de aceitação obrigatória e implícita dos sócios.

X

Pedido para o Curso Colegial misto. SSA/BA/1970

Rev.mo. Sr. Pe. Antônio José de Carvalho
DD. Inspetor Salesiano no Nordeste do Brasil

O Liceu Salesiano do Salvador, dentro de suas limitações, tem tido um relativo crescimento quanto à disciplina geral, quanto ao rendimento escolar e quanto à formação dos alunos para a vida, dentro do espírito que rege a orientação da diretoria, do corpo docente, da APAMES (Associação de Pais e Mestres) e do movimento juvenil, através do Grêmio Dom Bosco, que é a de fazer do nosso Liceu uma Escola moderna, a Escola Crítica, que não apenas informa e forma, mas ainda ajuda o aluno a selecionar valores. Apesar disso, há deficiências que se podem corrigir se o Colégio se inserir dentro do contexto educacional e social, característico da Bahia. Por não estarmos integrado neste contexto, a direção, o corpo docente e principalmente nossos alunos sofrem sérias restrições por parte da sociedade em geral e dos próprios estudantes de outros Colégios em particu-

lar, diante dos quais se sentem inferiorizados e humilhados, pelo conceito que deles fazem.

Por isso:

- Considerando que o Pe. (Pedro) Garnero, na recente visita que nos fez, mostrou-se sensível ao assunto e julgou válidas as razões de conveniência local apresentadas;
- Considerando que o Sr. Cardeal é favorável *ad experimentum*, com as necessárias cautelas;
- Considerando que o Corpo Docente e os Pais dos alunos, em reunião para isso convocada, insistiram sobre a urgência da solução do problema;
- Considerando que os alunos, através do parecer do Grêmio, sentem a necessidade de salvarem o próprio conceito do Colégio, por essa instituição;
- Considerando que há motivação convincente e razões sobejas que passamos a enumerar:
 1. Aqui em Salvador, o Liceu Salesiano é o único Colégio exclusivamente masculino, o que o coloca não somente em desvantagens e condição de inferioridade perante os outros, mas até como alvo de apupos e de insinuações malévolas e vergonhosas. Em vista disso o Colégio não pode comparecer oficialmente em público com todos os seus alunos em solenidades cívicas, patrióticas e estudantis.
 2. A experiência dos Maristas e Jesuítas, aqui se tem mostrado positiva.
 3. Os pais e mestres acham que é uma necessidade psicológica e social, mas também educacional, para entrosamento da formação, pois a educação não somente é preparação para a vida, mas é engajamento na própria vida não podendo haver, na adolescência um ambiente fictício na escola e outro fora, na sociedade, além disso, a mixité em seu justo lugar, é uma alavanca de estímulo, respeito mútuo, delicadeza, limpeza e higiene.
 4. Os Salesianos daqui já trabalham nas igrejas e paróquias em movimento mistos e o catequista é o coordenador de toda pastoral juvenil da Arquidiocese, além de ser Reitor do Santuário, onde há mais casamentos.
 5. Já tem havido movimento mistos no próprio Liceu: em 1960, houve o curso misto noturno, como anexo aqui da Escola Rui Barbosa; e agora, à tarde, da Escola Ana Neri;
 6. Quanto às instalações higiênicas, basta melhorar as já usadas pelas professoras da tarde e pelas professoras da manhã.

O conselho da Casa Salesiana de Salvador, depois de resistir por muito tempo às solicitações de alunos e pais para manter escola mista no Liceu Salesiano desde o Primário ao Colegial, julga agora conveniente ceder quanto ao Colegial, pelo que pede licença, ao mesmo para experiência «ad tempus».

De acordo com tais considerações, embora já um tanto atrasados, pedimos que haja consentimento, ao menos a título precário de experiência para funcionamento no Curso Colegial de escola mista para 1971.

Nestes termos, pede deferimento. Salvador, 5 de novembro de 1970.

(O pedido é assinado pelo Pe. Luiz Santiago de Araújo e outros sete Salesianos da Comunidade).

XI

1. Lições de Agricultura



2. Os nomes da Tebaida

A Escola Agrícola São José da Tebaida era motivo de comiserção por parte de todos que a conheciam ou dela ouviam falar. Parecia mais um objeto de bamboleio ou uma coisa enjeitada que se é obrigado a conservar. Vejamos alguns de seus topônimos, ou referências:

- «Lugar pedregoso e insalubre». Relatório Rota, 1908.
- «Aqui de bom, só o ar e a água. O resto é tudo ruim», José Blangetti ao Pe. Rinaldi em feivererio de 1910.
- «Aquilo é um matadouro», médico que a visitou, em setembro de 1912.
- «A Tebaida de Pe. Giordano». Pe. Rota ao Pe. Gusmano, agosto de 1915
- «Esta pobre e rabugenta Tebaida». Do padre Pedro Brida ao Pe. Giordano em outubro de 1918.

- «Esta pobre casa». *Ibid.*
- «O meu Calvário». Do diretor Cosci ao Pe. Álbera em julho de 1919.
- «Pobre Tebaida». Do Pe. Zanchetta, no Segundo Relatório Rota, 1920 possivelmente.
- « Delenda Tebaida». Pe. Rota atribui a alguns que não simpatizavam com a fundação. *La Tebaida*, Pe. Rota, 1920.
- «Aquele peso». *La Tebaida*, Pe. Rota, 1920.
- «A Velha Tebaida». Pe. Carlos Leôncio.

3. Carta do Pe. José Blangetti sobre a Thebaida

V. J. M. J.
(Tebaida), 26 de fevereiro de 1910
Rev. mo Sr. P. Rinaldi

É a primeira vez que lhe escrevo, desta casa onde cheguei no dia 3 de fevereiro. Dóe-me porém não poder dar-lhe boas notícias. Poderei confirmar com juramento, a relação que lhe faço das tristes condições desta casa. Senhor Pe. Rinaldi, tenha a bondade de ler esta minha.

Mandado como diretor, eu sabia que iria encontrar dificuldades, mas não previa que fossem tantas. Aqui só existem duas coisas boas, ar e água, todo o resto é ruim.

1. A casa é de taipa (paus com barro) e de pouca duração, de modo que uma parte está para cair.
2. Todos dizem que o terreno é ruim. Agricultores e não agricultores. Gasta-se muito mais do que aquilo que se recolhe.
3. O lugar é afastado de tudo (cerca de 18 km da capital) e com estradas tão ruins que são necessárias três parelhas de bois para puxar um carro, que entre nós aí, até uma vaca magra o faria.
4. A estrada de ferro que era esperança desta escola agrícola passa longe. O ponto mais próximo está a 3 quilômetros e a estação está a 6 quilômetros.
5. O governo que inicialmente dava a subvenção de 20:000\$000 (20 contos de réis ou 28.571 libras italianas no câmbio atual⁵⁶) anuais, depois 15:000\$000, no ano passado de 1901, reduziu a 10:000\$000 e em setembro do mesmo ano suprimiu inteiramente a dita subvenção.
6. O Governador do Estado,⁵⁷ que nos visitou no dia 14 do corrente mês, disse-me que é melhor «fechar a Escola ou mudar de lugar».
7. Os benfeitores mostram-se cansados e nos aconselham também a ir para ou-

⁵⁶ Câmbio de 1910.

⁵⁷ Na época era José Rodrigues Costa Dória (1908-1911).

tro lugar, sendo impossível continuar com a escola agrícola em terreno tão ruim.

8. O Reverendo Guardião dos Franciscanos, ontem mesmo me dizia: «não posso compreender como se possa e se queira continuar de tal modo».
 9. Chegaram 4 jovens estudantes, mas os pais se arrependeram ao verem o lugar e a casa. Mas, por enquanto os meninos ficaram.
 10. Brevemente os Rev. dos Maristas chegarão para fundar um Colégio para estudantes e nós ficaremos sem alunos.
 11. As dívidas, sem contar o que devemos às nossas casas, porque não consegui ainda ter a conta corrente de todas as casas, vão além de 3:000\$000 (cerca de 4.285 libras).
 12. Recebi ordem de fazer propaganda e fiz, sem resultado. O senhor Pe. Solari andou pelo interior, voltou depois de 8 dias, doente e só com 5 libras no bolso.
 13. No momento temos 23 jovens pobres e apenas 5 ricos e pelos cálculos feitos devemos ter um *deficit* de 19 libras por dia, sendo aqui tudo muito caro.
 14. Geralmente não se encontram intenções de Missas, de modo que a única entrada é a pensão de cinco estudantes, mais alguma esmola.
- O Oratório festivo de Maria Auxiliadora de Aracaju depende da escola. É onde se faz um pouco de bem. O Oratório é também de peso a esta casa. Em tais condições, que se deve fazer? Propus que se fechasse a casa e tive resposta negativa. Termino pedindo-lhe que me responda, indicando o que devo fazer. Abençõe o seu aff. mo em J(esus) e M(aria). Irmão e filho aff. Mo

P. José Blangetti.⁵⁸

XII

O Colégio de Valsalice (Val Salici ou Valsalici⁵⁹)

Após 1869, Dom Bosco, além das preocupações atinentes ao Oratório de Valdocco, teve que se dedicar a outras três obras: O Oratório de S. Luiz, no bairro de Porta Nova; a construção da Igreja paroquial de S. Segundo, quarteirão não muito distante de Porta Nova e à controversa aceitação do Colégio de Valsalice.

Tratava-se de um estabelecimento para ricos e a sua aceitação, praticamente

⁵⁸ Diretor da Tebaida em 1910. No ano seguinte seu nome não consta mais na lista dos Salesianos da Escola S. José, onde o diretor é Pe. L. Giordano. Em 1912 é Confessor no Colégio do Recife.

⁵⁹ O rio Pó coleia a uns 1500 m do sopé da colina, onde se ergue o Colégio. Suas margens abrigavam inúmeras plantas, formando o Vale dos «Sálices», Vale dos chorões, ou dos Salgueiros.

por imposição do Arcebispo, iria modificar o pensamento inicial do apóstolo dos jovens pobres, (sabe-se como o fundador dos salesianos sempre acatava e respeitava os Bispos, transmitindo esse seu modo de agir aos seus missionários, onde quer que eles fossem, nas terras de missões ou não).

Na segunda metade dos século XIX, a grande maioria dos institutos educacionais da capital piemontesa era destinada aos jovens carentes, na sua grande maioria imigrantes, extra-comunitários que vinham para a cidade procurar trabalho, ou tentarem subir na vida. Pietro Stella afirma que

«era perigoso tentar em Turim outras vias, além dos Oratórios festivos, escolas e oficinas para aprendizes. Certamente existia uma maior procura de instrução por parte daqueles que em Turim procuravam trabalho e posição social».⁶⁰

Em Valdocco a população emigrada juvenil e mesmo adulta, excedia em muito a capacidade edilícia e econômica da cidade. O Piemonte era carente de escolas para a formação e educação cristãs da juventude proveniente das classes mais abastadas. As famílias que podiam, temendo colocar seus filhos em colégios leigos, «onde corriam perigo de perder a fé»,⁶¹ enviavam-nos aos estabelecimentos do exterior.

Os Irmãos das Escolas Cristãs haviam aberto em Turim um colégio para alunos da classe rica. A Gazeta Oficial de junho de 1863 publicava um decreto do Ministro Amari, fechando o estabelecimento. Para muitos foi um fato lamentável. Reuniram-se então um grupo de sete sacerdotes fundaram a «Sociedade dos Sacerdotes Turineses», adquiriram um imóvel que até à metade do século XIX, pertencera aos mesmos Irmãos e criaram, em outubro de 1868, um novo estabelecimento com a mesma finalidade. O objetivo, rezava o artigo terceiro do Estatuto, era cooperar para o bem da Religião e do Estado, salvando a juventude por meio de uma educação e instrução verdadeiramente religiosa.

O Colégio fundado na antiga estrada de Valsalice, chamou-se Colégio de Valsalice. Funcionou regularmente durante três anos, quando entrou em colapso, abalado pelas dívidas. Chegou a um ponto que se tornou impossível sua inviabilidade. A direção pediu então a ajuda do novo Arcebispo de Turim, ainda não empossado. O teólogo Barone, um dos diretores da escola e condiscípulo do Arcebispo, insistiu que ajudasse a obra, apelando inclusive para o envolvimento dos demais bispos da região e para «a necessidade urgente de salvar a honra do clero de Turim». Dom Gastaldi, preocupado com seu Seminário não pode atender ao pedido. No entanto, ulteriores insistências levaram-no a oferecer a direção da obra a Dom Bosco. A reação do fundador dos Salesianos foi negativa, pois a finalidade de sua obra era atender aos filhos do povo. Dom Gastaldi não se deu por vencido. Dom Bosco diante de seu superior arquidiocesano encontrava-se numa situação melindrosa. Não aceitava-

⁶⁰ P. STELLA, *Don Bosco nella storia...*, p. 124.

⁶¹ Annali I, p. 165.

do o pedido de seu Arcebispo, poderia indispor-lo contra sua jovem Congregação. Cedendo, estaria pondo por terra um princípio muitas vezes proclamado, o de aceitar em seus estabelecimentos somente jovens das classes pobres. Certa vez, em conversa com seus colaboradores ouviu de alguns a idéia de que futuramente poderiam cuidar de um colégio para alunos ricos. O Santo, rapidamente truncou o assunto afirmando:

«Isto não, não acontecerá jamais, enquanto eu viver. Dependendo de mim jamais. Se si tratasse de assumir só a administração de semelhante colégio, então sim. Mas do contrário não. Esta seria a nossa destruição».⁶²

Em 1864, o Pe. Ruffino registra em sua Crônica «a instintiva repulsa de Dom Bosco, em se tratando de empenhos educativos em um colégio para nobres».⁶³

Seus colaboradores haviam se imbuído de tal modo da idéia das obras populares que ao serem convocados para darem a resposta ao Arcebispo, como Dom Bosco havia-lhe prometido, todos votaram contra. Quando Dom Bosco comunicou a resposta do Conselho ao Arcebispo, este voltou à carga, de tal modo que parecia tratar-se de um comando. Temendo um confronto com o novo Superior arquidiocesano, Dom Bosco convocou nova reunião para falar mais uma vez da insistência do Prelado e apelar que os Conselheiros aprovassem a aceitação do Colégio de Valsalice que «correspondia a um pedido insistente do novo Arcebispo Lourenço Gastaldi». Lemoyne referindo-se ao fato nota: «os Conselheiros, rindo, deram todos o consentimento». Era março de 1872.

Aos 12 de janeiro de 1873, quase um ano depois que o Conselho havia aprovado a aceitação, Pe. Dalmazzo, Diretor do Colégio dos nobres, em reunião dos Diretores comunicava que o Colégio contava apenas com 22 alunos. Afirmava ainda que embora o terreno parecesse árido, porque ainda não conhecido, no entanto, já apresentava algumas consolações. Terminava pedindo as orações de todos. Em 1868-1869 as mensalidades dos alunos eram assim distribuídas:

Curso Elementar	Ginásio e Esc. Técnica	Segundo Grau
L. 90,00	L. 100,00	L. 110,00

A nova administração sob a batuta dos educadores de Valdocco, estabeleceu a mensalidade indistintamente equivalente ao valor pago em 1868, pelos alunos das Escolas Elementares:

Para todos os alunos	Matrícula	Taxa suplementar
L. 90,00	L. 80,00	L. 60,00 (Gin. e 2 Grau)

⁶² Crônica do Oratório, dia 3 de abril 1864.

⁶³ Pe. STELLA, *Don Bosco nella storia...*, p. 144, nota 69.

Antes de Valsalice, D. Bosco já fizera alguns convênios com Prefeituras provincianas, pelos quais os SDB administravam Escolas municipais ou pequenos seminários. Estas obras situavam-se na província de Turim e na Riviera Poente, Ligúria.

Valsalice era porém, um fato novo que a mentalidade turinense não estava acostumada a ver nos Salesianos. A aceitação de Colégios para alunos das classes mais abastadas, tinha ocasionado uma espécie de escândalo, já que a opinião pública estava acostumada a ver os Salesianos cuidarem da juventude pobre e abandonada. E neste sentido colaborava com as obras sociais sobretudo a de Valdocco.

Aventurar-se em uma obra falida, como a de Valsalice, «para salvar a honra do clero» que a administrara, significava que os Salesianos ou tinham condições financeiras, ou se arriscavam a ir à falência. Dom Bosco em 22 de maio de 1872, escrevia a propósito a D. Gastaldi:

«Duas coisas desencorajam meus companheiros a) A nossa finalidade que é a classe média e não a nobreza e b) se personagens tão respeitáveis, como são os atuais administradores, não foram adiante com a obra, que poderemos fazer nós, pobres pigmeus?».⁶⁴

Compra do Colégio

Alugado por cinco anos o estabelecimento continuou apresentando dificuldades. Não obstante, Dom Bosco crendo que dali pudesse sair vocações sacerdotais e religiosas, comprou-o, em 1879, ano em que inaugurou um Museu, ainda hoje existente e contendo interessantes recordações de sua vida. Valsalice passou então a ter uma importância bem mais acentuada entre as obras da Congregação. Situado numa posição invejável, em meio aos bosques, ao mesmo tempo fora e vizinho da cidade, foi muitas vezes local de repouso do velho guerreiro, em seus últimos anos carregados de enfermidades. Ali foram realizados alguns dos últimos Capítulos Gerais da Sociedade. Funcionou ainda Seminário para os clérigos que se dirigiam às Missões.

Uma profecia

Em 13 de setembro de 1887, após uma reunião do Capítulo Superior, Pe. Júlio Barberis, ficando a sós com Dom Bosco, perguntou-lhe sobre os motivos de sua mudança de pensamento em relação a Valsalice, ou seja, aceitar um Colégio de ricos. A resposta não entendida plenamente, foi uma profecia que se tornaria

⁶⁴ P. STELLA, *Don Bosco nella storia...*, p. 144.

realidade cerca de um mês, após a morte do taumaturgo e duraria até 1929, quando de sua beatificação.

«- De agora em diante estarei aqui, guardando esta casa.

- Enquanto falava, tinha sempre os olhos dirigidos para a escadaria que vai do pequeno jardim superior ao pórtico do grande pátio inferior. Após alguns momentos acrescentou: prepara-me o desenho».⁶⁵

Dado que o Colégio não se encontrava pronto, Pe. Barberis pensou que se tratava de uma planta arquitetônica para as obras do prédio. Respondeu que seria preparada e ser-lhe-ia apresentada no próximo Inverno, ao que Dom Bosco replicou: «Não neste Inverno, mas na próxima Primavera. Não apresentarás a mim, mas ao Capítulo Superior». E continuava a fitar a fitar a escadaria. Através das MB, sabe-se que somente cinco anos depois, é que Pe. J. Barberis começou a compreender o significado da conversa tida com D. Bosco. Precisamente quando o viu no jazigo em Valsalice, na parte central da escadaria, insistentemente observada em setembro de 1887.

«Compreendeu tudo finalmente, quando foi levada ao Capítulo, durante a Primavera a planta do monumento a ser construído sobre a tumba do Santo. Isso sem que Pe. Barberis jamais tivesse dito algo sobre o diálogo entre os dois, em setembro de 1887».⁶⁶

A sepultura de Dom Bosco em Valsalice

Os SDB com a morte do fundador quiseram naturalmente dar-lhe uma sepultura condigna. Na época não havia em Turim um mausoléu para onde seriam transportados os Salesianos defuntos, de modo que no Cemitério, o corpo de Dom Bosco terminaria numa tumba comum. A lei não permitia que fosse sepultado em Valdocco, na Basílica de N. Senhora Auxiliadora, pois não se podia fazer sepultamentos dentro da cidade, a não ser no próprio Cemitério. As próprias autoridades sugeriram que fosse levado para Valsalice, idéia que foi acolhida. Após os solenes funerais em Valdocco, no dia 2 de fevereiro de 1889, o corpo foi transportado no dia 4, para o Colégio das cercanias do Vale dos Chorões. A tumba construída apressadamente recebeu os despojos aos 6 de fevereiro.

Deste modo iniciava-se o cumprimento da profecia de '87. Mistério da Providência que levava o Pai e Mestre dos jovens para um local que lhe dera muitas amarguras, mas que ele amara como qualquer Oratório, pois ali os alunos ricos também eram jovens e, bem sabia ele, tão pobres como os demais de S. Francisco de Sales ou Porta Nova.

⁶⁵ MB XVIII, 384-385. A. GIRAUDO e G. BIANCARDI, *Qui è vissuto Don Bosco. Itinerari storico-geografici e spirituali*. Torino LEUMANN 1988, pp. 278-279.

⁶⁶ MB XVIII, *ibid.*

XIII

Síntese cronológica (1875 a 1970)⁶⁷

- 14/11/1875: Primeira expedição missionária dos SDB e FMA parte para a América.
- 24/12/1875: Os missionários visitam o bispo do Rio de Janeiro D. Pedro Maria Lacerda.
- 1877: Dom Pedro Lacerda visita Dom Bosco no Oratório de Turim.
- 09/01/1882: Pe. Luíz Lasanha vai ao Rio de Janeiro.
- 14/07/1883: Funda-se Niterói, a primeira casa salesiana do Brasil.
- 09/09/1891: Aceita-se a casa do Recife.
- 1894: Dom Jerônimo Tomé visita Turim.
- 09/12/1894: Desembarque salesiano no porto do Lamarão.
- 10/02/1895: Inauguração do Col. Salesiano de Artes e Ofícios do S. Coação e Oratório.
- 03/1896: Pe. Lourenço Giordano vai à Bahia procurar um local para a nova obra a ser fundada na cidade.
- 24/05/1896: Carta Pastoral do Arcebispo da Bahia, Dom Jerônimo T. da Silva e fundação pelo Primaz da Associação dos Cooperadores Salesianos da Bahia.
- 17/06/1896: Dom Jerônimo funda a Pia União dos CCSS da Bahia.
- 09/1897: Segunda viagem de Pe. L. Giordano à Bahia.
- 28/09/1897: Compra-se a Chácara José Joaquim de Pinho, apelidado *Cá-ranguejo*.
- 1899: Pe. Rua autoriza Pe. L. Giordano a abrir a Casa da Bahia.
- 02/12/1899: Pe. Luiz Della Valle e o coadjutor Henrique Valli chegam à Bahia.
- 00/01/1900: Inicia o Oratório festivo da Bahia.
- 18/02/1900: O ecônomo Pe. L. Della Valle vai ao Recife, o diretor nomeado, Pe. Domingos Molphino não aparece.
- 25/02/1900: Pe. L. Della Valle, retorna de Pernambuco como diretor da obra.
- 09/03/1900: Recebem-se os cinco primeiros órfãos de Canudos.
- 11/03/1900: **Inaugura-se o Liceu Salesiano do Salvador.**
- 10/06/1900: Bênção da primeira pedra do edifício que servirá de capela, oficinas e dormitórios.
- 01/02/1901: Começam as Oficinas Salesianas da Bahia.

⁶⁷ Esta síntese registra tão somente alguns fatos, que segundo nosso entender, fizeram realmente história.

- 24/04/1901: Publicação das «Leituras Ascéticas e Populares».
- 14/06/1901: Pe. L. Della Valle em Sergipe trata com Mons. Olímpio Campos, a abertura de uma Casa naquele Estado.
- 28/09/1901: Pe. Paulo Álbera desembarca em Salvador.
- 24/10/1901: Pe. Giordano é nomeado Vice-Inspetor das Casas Salesianas do Norte do Brasil.
- 20/01/1902: Salvador Sede Inspetorial da Inspetoria S. Luiz Gonzaga.
- 19/03/1902: **Inauguração da Escola Agrícola São José da Thebaida.**
- 1902: Na Bahia, durante a festa de São José, pela primeira vez os órfãos representam a peça a «Senha de roncar» e realizam uma sonata pública.
- /11/1902: Pe. L. Della Valle inicia a construção do novo prédio do Liceu Salesiano.
- 18/09/1903: Os alunos da Thebaida fazem uma *festa salesiana* em S. Cristóvão. A Missa foi cantada em canto-chão (Gregoriano).
- 28/11/1903: Saem os primeiros Estatutos do Liceu.
- 16/01/1904: Os alunos participam da Novena ao Senhor do Bonfim.
- 19/03/1904: Na Bahia, festa de S. José. Sai o primeiro número do jornalzinho: *Alegria*.⁶⁸
- 18/04/1904: A banda dos meninos da Thebaida apresenta-se pela primeira vez, homenageando ao Pe. Inspetor, L. Giordano, em seu retorno da Bahia.
- 24/04/1904: Na festa de S. José, a escola dos cantores da Thebaida canta pela primeira vez a Missa da Infância (de Pe. J. Cagliero). Presente Mons. Olímpio Campos.
- 11/06/1904: Hospedagem de vários diretores salesianos. Havia participado do Capítulo inspetorial na Thebaida. Chegam dois lavradores italianos para trabalhar nos campos da Thebaida. Chamavam-se Aluto[?] e Garetto. Não se fala mais nestes senhores.
- 08/04/1905: Festival no Clube Germânia (Bahia) em favor do Liceu.
- 14/07/1905: Na Bahia uma comissão de quatro engenheiros examinam o prédio em construção que ameaça desabar.
- 01/10/1905: Segunda Carta pastoral de Dom Jerônimo Tomé em favor dos órfãos do Liceu.
- 19/12/1905: Início da reconstrução do prédio por Aurelino Leal.
- 20/02/1906: Dr. Aurelino Leal, Chefe de Polícia, apresenta um projeto para reconstrução do imóvel.

⁶⁸ Em 2 de abril o Inspetor chega a Salvador e estranha a existência do *Alegria*. Trata-se, segundo Pe. L. Giordano, de uma publicação irregular e abusiva. Devia-se cuidar era da propaganda do Boletim Salesiano, como era desejo dos Superiores. O *Alegria* desapareceu de circulação. «Alegria de pobre durava pouco», já naquele tempo.

- 19/08/1906: Instalação na Bahia da Associação dos devotos de Maria Auxiliadora.
- 17/11/1906: Pe. Luiz Zanchetta chama Da. A. Rodrigues: *a Mamãezinha dos Salesianos da Bahia*.
- 16/12/1906: Inauguração do novo prédio, reconstruído por Aurelino Leal.
- 20/04/1907: O diretor Pe. Carlos Sironi reúne na sala do ecônomo, todos os docentes para *decidirem coisas da máxima importância para a disciplina e a ordem do Lyceu*.
- 1907: Início do Curso Comercial, do externato e pensionato.
- 15/11/1908: **Fundação do oratório de Aracaju.**
- 08/06/1909: Primeira reunião de um grupo de ex-alunos do Colégio Salesiano da Bahia.
- 1913: O Liceu adquire a personalidade jurídica.
- 1919: Aborda-se a possibilidade da abertura de um semi-internato.
- 24/05/1920: Fixa-se nesta data a celebração da festa de Nossa Sra. Auxiliadora.
- 28/05/1920: Reunião em Aracaju, com o Inspetor Pe. P. Rota. Decide fechar a casa da Thebaida.
- 1922: Inicia o funcionamento do Tiro de Guerra no Colégio.
- 07/09/1924: Pedra fundamental do segundo edifício, em continuação ao de Cardoso-Aurelino.
- 18/09/1926: Visita do Presidente Washington Luiz ao Liceu.
- 24/11/1927: Inauguração do segundo prédio.
- 01/09/1929: Dom Augusto A. da Silva benze a primeira pedra do Santuário de N. S. Auxiliadora.
- 30/11/1938: Dom Eduardo, bispo de Ilhéus, sagra o novo templo da devoção mariana na Bahia.
- 1939: Início da construção do prédio que será terminado em 1945 pela L. B. A.
- 25/03/1947: Fala-se pela primeira vez a respeito de se abrir o Curso Colegial.
- 07/08/1950: Lançamento da pedra fundamental do Cinema-Nazaré.
- 1957: Adquire-se o usufruto da Fazenda Primavera, subúrbio de Salvador.
- 15/08/1962: Inauguração do Cinema-Nazaré.
- 1963: Fecha-se o semi-internato.
- 1964: Fecha-se o internato.
- 1970: Reconhecimento jurídico da APAMES do Liceu.
- 1971: Início do Curso Colegial misto.

BIBLIOGRAFIA

I. FONTES INÉDITAS

ARACAJU: Arquivo Salesiano da Casa de Aracaju

Pasta sobre o Colégio

Pasta Tebaida

Crônica

CANUDOS: Museu de Canudos

JUAZEIRO DO NORTE: Arquivo do Colégio Salesiano Pe. Cícero

MONTE SANTO: Museu de Monte Santo

NITERÓI: Arquivo do Colégio Santa Rosa

RECIFE: Arquivo da Inspeção Salesiana S. Luiz Gonzaga
Arquivo do Colégio Salesiano

ROMA: Arquivo Salesiano Central

A 142: *Correspondência Lasagna-Bosco*

A 183 - A 184/B31210: *Cartas e outros documentos*

A 994: *Chiese dedicate a Maria Ausiliatrice in Brasile. Resumo histórico da Associação de N. S. Auxiliadora e da Construção do seu Santuário na Bahia*

A 1380802: *Correspondência Cagliari - Bosco*

B 050: *Pe. Álbera na América*

B 221: *Carta mortuária do Pe. José Blangetti*

C 051: *Carta mortuária do Pe. Pedro Ghislandi*

D 869 - D 879, anos 1883-1966. *Verbaís do Capítulo Superior*

F 090 - F 092 - F 093. *Inspetoria Brasil Norte*

F 504: *Niterói*

F 545: *Crônica Viet: 1898-1933, (transcrição).*

F 710: *Correspondência do Pe. Lourenço Giordano ao Pe. [Rua]*

F 744: *Correspondência [Solari] - Álbera*

F 892: *Pe. Pietro Falcone, Riassunto della Cronaca della Casa (1894-1961)*

G 337: *Visitas Inspetorias*

SALVADOR: Arquivo do Colégio Salesiano de Salvador

Crônicas: 1914-1919; 1938-1945; 1947-1960

Visitas Inspetoriais: 1914 a 1970

Visitas (7) do Pe. Pedro Rota: Bahia 8 de agosto de 1914-Bahia, 12 de junho de 1920

Visitas (9) do Pe. Guido Borra: Bahia 8 outubro 1938 - Bahia 20. 5. 1946

Visitas (9) do Pe. Ladislau Paz: Bahia 20 de outubro de 1947 - Salvador 22 de agosto de 1955

Visitas (3) do Pe. Miguel D'Aversa: Bahia 16 de Agosto de 1956 - Bahia 10 de outubro de 1958

Visitas (4) do Pe. Agenor V.Pontes: Salvador 2 de Julho de 1959 - Salvador 14 de agosto de 1963

Visitas (6) do Pe. Geraldo Pompeu de Campos: Salvador 12 de junho de 1964 - Salvador 18 de agosto de 1969

Visita (1) do Pe. Antônio José de Carvalho: Salvador 13 de novembro de 1970

Ex – alunos

Doc. n. 1: *Primeiro ano social* 1915-1916

Doc. n. 3: *Segundo ano social* 1916-1917

Doc. n. 6: *Plataforma apresentada pelo Presidente da Associação*, 1916

Doc. n. 7: *Correspondência de um sócio, alferes do Corpo de Bombeiros*

Doc. n. 10: *Fundada a "Associação dos Ex-alunos de D. Bosco"*, 14 de julho de 1915

Doc. n. 11: *Inauguração da Biblioteca Social* (s d)

Doc. n. 19: *Sobre o periódico da Associação, A Tribuna*

Doc. n. 22: *Da Administração dos Correios da Bahia para remessa de publicações*

Doc. n. 23: *Correspondência de um ex-aluno que se encontra em Aracaju*

Doc. n. 24: *Convite para participar na Catedral das homenagens no aniversário de D. J. Thomé*

Doc. n. 26: *Discurso aos padres Inspetor e Diretor*

Doc. n. 56: *Os Internos Menores convidam Ex-alunos para festa no Colégio Circular do Presidente Inspetorial, João Petribu, convidando os Ex-alunos para participarem do XXXVI Congresso Eucarístico Internacional do Rio de Janeiro*

Visitas dos Representantes do Reitor-Mor

Pe. Pedro Tirone, 1931

Pe. José Reyneri, Bahia 15 de novembro de 1945

- Pe. João Resende Costa, Bahia 27 de outubro de 1952.
Sac. Giov. Resende Costa, 1952-1953. (em italiano).
Pe. Modesto Bellido, Salvador 27 de maio de 1960.
Pe. Pietro Garnerio, Salvador da Baía 8 de outubro de 1970

Atas Capitulares

15 de outubro de 1943 a 8 de novembro de 1947.

II. FONTES IMPRESSAS

1. Obras em geral

- BORIS Fausto, *O Brasil Republicano*. Vol. I, *Estrutura de poder e economia (1889-1930)*, Rio de Janeiro, DIFEL/SA 1977
- *O Brasil Republicano*. Vol. II, *Sociedade e Instituições, (1889-1930)*, Rio de Janeiro, DIFEL/SA.
DA CUNHA Euclides *Os Sertões*. São Paulo Editora Cultrix 1973
DELLA CAVA Ralph , *Milagre em Juazeiro*, Paz e Terra, 1976
DE ROSA Gabriele, *Storia Contemporanea*, Milano, Minerva Itálica, 1983
LITRENTO Oliveiros, *Canudos, Visões e Revisões*, Rio de Janeiro Biblioteca do Exército, 1998
TRANIELLO Francesco, *L'età Contemporanea*, Vol. III, Torino SEI, 1974

2. Estudos Salesianos

- AMADEI Angelo, *Don Bosco e il suo Apostolato*, Vol. II, Torino, SEI 1940
BRAIDO Pietro (aos cuidados de) *Don Bosco nella Chiesa a servizio dell'umanità. Studi e testimonianze*. Roma, LAS 1987
- *Don Bosco Educatore, Scritti e testimonianze*, Roma, LAS 1997
CERIA Eugenio, *Annali della Società Salesiana, 1841 – 1888*, Vols. 4, Torino, SEI 1961
Costituzioni e Regolamenti della Società di san Francesco di Sales, Roma, Editrice SDB 1984
DA SILVA Ferreira Antônio, *Unità Nella Diversità. Le visite di Mons. Cagliero in Brasile (1890-1896)*, Roma, LAS 1990
DE ANDRADE Antenor, *Pe. Cícero, mais documentos para sua história*, Salvador, EPSB 1987
- *Arquivos do Pe. Cícero*, Crato, Tipografia do Crato 1977
- *Cartas do Pe. Cícero*, Salvador, EPSB 1983
DE OLIVEIRA Luiz, *Centenário da Presença Salesiana no Norte e Nordeste do Brasil* Vols. I a III, Recife, EDBAO 1994-1995

- DESRAMAUT Francis, *Don Bosco en son temps* (1815-1888). Torino, SEI 1996
- DOS ANJOS Amador, *Oficinas de S. José*, Lisboa 1999
- GIOVANNI BOSCO, *Opere Edite*. Vol. XXVII, (1875-1876), Roma, LAS 1977.
- *Memorie dell'Oratorio di San Francesco di Sales* (aos cuidados de Antônio da Silva Ferreira), Roma, LAS 1992
- *Scritti Pedagogici e Spirituali*, Roma, LAS 1987
- GIRAUDO Aldo - BIANCARDI Giuseppe, *Qui è vissuto Don Bosco*, Torino, Elle Di Ci 1988
- LASAGNA Luigi, *Epistolario* Vol. 3, (1873-1895). Introduzione, note critiche e testo a cura di Antônio DA SILVA Ferreira, Roma, LAS 1995, 1997, 1999
- LEÔNICIO Carlos, *Sete Lustrós da Inspetoria Salesiana do Nordeste o Brasil* (1895-1930), Lorena, SP 1967
- MARCIGAGLIA Luiz, *Os Salesianos no Brasil*, Vol. I, (1883-1903). S. Paulo, 1955
- Memorie biografiche di Don (del Beato...di San) Giovanni Bosco*, 19 vol. (= da 1 a 9: G. B. Lemoyne; 10: A. Amadei; da 11 a 19: E. Ceria) + vol. di Indici (E. Foglio), III, V, X, XVI, XVIII
- MIDALI Mario (aos cuidados de), *Don Bosco nella storia*, Roma, LAS 1989
- NAZARENO Manoel, *Dezesseis Lustrós a Serviço da Educação na Bahia*, 1900-1980. E. P. S. B, 1983.
- PRELLEZO José Manuel, *Valdocco nell'ottocento tra reale e ideale, documenti e testimonianze*, Roma, LAS 1992
- STELLA Pietro, *Don Bosco nella Storia della Religiosità Cattolica*. I. *Vita e opere*, Roma, LAS 1968
- *Don Bosco nella Storia Economica e Sociale* (1815-1870), Roma, LAS 1980
- WIRTH Morand, *Don Bosco e i Salesiani*, Torino, LDC 1970

3. Revistas, boletins, jornais, bibliotecas

- A Sé Primacial da Bahia*, Volante editado por Carlos Etchevarne, 1999, Universidade Federal da Bahia.
- Biblioteca da UFBA (Universidade Federal da Bahia)
- Biblioteca da UFC (Universidade Federal do Ceará)
- Biblioteca do Colégio Salesiano da Bahia
- Biblioteca do Colégio Salesiano de Aracaju
- Biblioteca dos Barris, Cidade do Salvador
- Bollettini Salesiani* (1877...)

- Dizionario biografico dei Salesiani*, a cura dell'Ufficio Stampa Salesiano,
- Torino 1969
- Era Nova*, 5 de abril de 1933
- Il nuovo Zingarelli-Vocabolario di lingua italiana*, di Nicola Zingarelli.
Undicesima Edizione, Zanichelli, 1988.
- Jornal *A Bahia*, 25 de setembro de 1897
- Jornal *A Tarde* 23 e 25 de novembro de 1933. 1 de dezembro de 1933.
17 de março de 1949. 17 de setembro de 1949. 17 de março de
1962
- Jornal *Cidade do Salvador*, Bahia 25 de setembro de 1897
- Jornal *Correio de Notícias*, 25 de setembro de 1897 (BA)
- Jornal da Bahia*, 4 de setembro de 1906
- Jornal de Notícias*, 25/9/1897-13/12/1906-12/1909 (BA)
- Jornal *Diário da Bahia*, 25 de setembro de 1897
- Jornal *Estado da Bahia*, 21 de novembro de 1952
- Jornal *Estado de Sergipe*, 22 de novembro de 1906
- Jornal *Republicano*, 25 de setembro de 1897 (BA)
- Jornal *Tribuna da Bahia*, 24 de novembro de 1969
- Novo Dicionário Aurélio. Editora Nova Fronteira, 1986
- Revista Santa Cruz*, abril de 1902-janeiro de 1907
- Ricerche Storiche Salesiane*, anno II. Luglio-Dicembre, 1983
- Site Internet.

ÍNDICE ALFABÉTICO DE NOMES DE PESSOAS

- ADOLFO Júlio, 232
ÁLBERA Paulo, 135, 159, 160, 161,
164, 165, 249, 255, 238, 290,
325, 331, 339, 342
ALBERTI Ângelo Bruno, 130, 132,
133, 134
ALBERTO Menezes, 102, 224
ALEXANDRE Luiz, 214
ALLAVENA João, 74
ALMEIDA Olavo 308
ALMEIDA Olavo, 125
ALVES Antônio Manoel, 121
ALVES Sebastião, 229
AMADO Gileno, 229
ANTONELLI Tiago, 70
ANTUNES Daniel, 214
ARCOVERDE DE ALBUQUERQUE CA-
VALCANTI Joaquim, 149
AUGUSTO JOSÉ, 224
AZZI Riolando, 130
BACCINO, João Batista 74
BARBERIS Júlio, 128, 138, 139, 140,
202, 303, 306
BARBOSA Rui (1849-1923), jornalista
e político, 54, 190, 356
BARRA Guido, 208, 209, 246, 247,
281
BARTOLOMEU Floro, 47
BELCHIOR Maia, 207, vide D'Athay-
de B. Maia
BERTELLO José, 273, 274, 275
BERTINI Júlio, 249
BIKEL Theodore, 263
BILAC Olavo Braz dos Guimarães,
58
BIVALEC Valentim, 128
BIZZARRI José André, 71
BLANGETTI José, 319, 320, 321,
336, 340
BLOCK Marc, 13
BODRATO Francisco, 74, 146
BONETTI João, 70
BORGES Epifânio, 121, 341
BORGHINO Miguel, 86, 130
BORIS Fausto, 55
BOSCO Francisco, 59, 72
BOURGOS Lydia, 212
BRETTO Clemente, 340
BRITO Bianor Bezerra, 198, 236, 286
BRODA Pedro, 128, 233, 236, 237
BRUNO Lanteri, 69
BYWALEC Valentim 231
CAFASSO José, santo, 67, 73
CAGLIERO João, 67, 73, 74, 77, 83,
136, 146, 149, 224, 354
CAMÕES Luiz Vaz de, 33
CAMPOS Olímpio, 305, 308, 316,
329
CAMPOS Roberto, 220
CAMPOS Sales, 54, 55, 148
CAMPOS, 338, vide DE SOUSA
Campos
CANTARELLI Cecílio, 293
CARDOSO Eugênio, 250, 267
CARDOSO Fausto, 338
CARDOSO João Aires, 340
CARLOS Alberto, 90, 91, 110, vide
DE MENEZES
CARLOS Leôncio, 308, 312, 323
CASALE Beijamim, 125
CATARINO Bernardo, 233, 258, 277
CAXIAS Duque de, 80
CELSE Afonso, 235
CERQUEIRA João, 232, 267
CERRUTI Pedro, 202
CERZIMBRA Maurino, 215
CHATEAUBRIAND Francisco Renato,
121

- COCCHI João, 63
COELHO Methódio, 217, 221
COMPAGNIN Gino, 219, 229
CONSOLINI Paulo, 120
CONSTANT Benjamin 57,
CORRADO Olga, 122
CORREIA Antônio Maria, 349
CORREIA Fernando Brandão, 262
COSCI Atílio, 231, 325, 309, 314,
322, 331
COSTA Antônio, 150
COSTA João Resende, 208, 209,
210, 282
COSTAMAGNA Tiago, 74, 161, 326
COTTOLINGO José, santo, 62
CRISPI Donald, 263
CRISTO, 83
D. JERONYMO, 382, vide DA SILVA
Jerônimo
D. JOÃO III, 174
D. PEDRO, vide PEDRO II
D. TOMÉ, 139, 159, vide DA SILVA
Jerônimo Tomé
D'AMOUR Carlos Luís, 79
D'ATHAIDE Belchior Maia, 181,
183, 188, 191, 200, 219, 264
D'AVERSA Miguel, 247, 282, 283
DA COSTA Aloysio Short, 217
DA COSTA Antônio, 287
DA COSTA Dórea José Rodriguez,
313
DA COSTA Guimarães Domingos
José, 114
DA COSTA Laura Rio, 292
DA CUNHA Maria Constança Góes
Calmon, 233
DA FONTE Eduardo, 263
DA RIN Emanuel, 249
DA RIN Feliz, 249
DA ROCHA Atílio Eusébio, 257
DA SILVA Augusto Álvaro, 259,
263, 294, 296
DA SILVA Bráulio Pereira, 384
DA SILVA Carlos Leôncio, 252
DA SILVA Emílio José, 202, 231
DA SILVA Ferreira Antônio, 158,
121, 351
DA SILVA Jerônimo Tomé, 112,
164, 302, 356
DA SILVA João Bartolomeu, 202
DA SILVA José Thomaz Gomes,
338, 342
DA SILVA Luís Brito, 257
DA SILVEIRA Walter, 264
DALY Martinho, 128
DE ALBUQUERQUE Heitor Cisnei-
ros, 329, 330
DE AQUINO Correa Francisco, 174
DE ARAGÃO Antônio Muniz, 290
DE ARAÚJO Eugênio Sales, 204
DE ARAÚJO Joaquim Barreto, 262
DE ARAÚJO Luiz Santiago, 216,
220, 222, 285, 286
DE ARAÚJO M. Firmo Nazareno,
268
DE ARAÚJO Maria, beata do Juazei-
ro do Norte, 47
DE ARAÚJO Marinho Frederico, 226
DE ATHAYDE José Moreira, 137
DE BRITO Jair, 190
DE BRITO Luiz, 323, 324
DE CAMPOS Geraldo Pompeu, 183,
210, 219, 283
DE CAMPOS Manuel, 297
DE CAMPOS Sales Manoel Ferraz,
148
DE CAMPOS, Caitano 57
DE CARVALHO Aloísio, 121
DE CARVALHO Antônio José, 204
DE CARVALHO Carlos Leôncio, 56
DE CARVALHO Osvaldo, 207
DE CERQUEIRA Affonso Pedreira, 255
DE FIGUEIREDO Manoel Aníbal,
143

- DE FREITAS Isidora Lustosa Teixeira, 292
- DE GÓES Calmon Francisco Marques, 258, 259
- DE LA VALE, vide DELLA VALLE Luiz, 302
- DE LACERDA Pedro Maria, 52, 78, 87
- DE LEÃO Ponce de, 78
- DE LIMA Manfredo Alves, 120, 291
- DE MACEDO Antônio Costa, 21, 84, 109
- DE MEDEIROS José Leôncio, 110, 112, 114, 120, 135, 139
- DE MELO Antônio Correia, 110
- DE MELO Raimundo, 335
- DE MENEZES Carlos Alberto, 89, 90, 91, 93, 95, 97, 103, 112, 135
- DE MIRANDA Vilas Boas Mário, político, 378
- DE OLIVEIRA Camilo Torres, 54
- DE OLIVEIRA Gonçalves Antônio, 79
- DE OLIVEIRA Luiz, 189, 211
- DE OLIVEIRA Manuel Valadão, 341
- DE PAIVA Alfredo Melo, 341
- DE PAULA Vicente, 96
- DE PIN e ALMEIDA Antônio Calmon, 111
- DE PIN e Almeida M. Calmon, 258
- DE PINHO José Joaquim, 113, 136, 139, 249, 257, 258, 338
- DE QUEIROZ Euzébio, 49
- DE SÁ Miguel Calmon, 174
- DE SEIXAS Antônio Romualdo, 110
- DE SOUSA Campos, 302
- DE SOUSA Washington Luís Pereira, 191
- DE SOUZA Tomé, 268
- DEL GROSSO César, 208
- DEL VAL Merry (Cardeal), 256
- DELLA VALLE Luiz, 128, 129, 138, 139, 151, 165, 200, 201, 202, 203, 221, 225, 231, 249, 252, 257, 302, 303, 304, 305, 306, 316, 320,
- DEODATO Lino, 349
- DIAS HEITOR, 263
- DO PRADO Ivo, 337
- DO REGO Luiz, 89
- DOM BOSCO, vide JOÃO BOSCO
- DOM JERÔNIMO, 140, 198, 202, vide DA SILVA Jerônimo
- DOM TOMÉ, 119, 120, 128, vide DA SILVA Jerônimo
- DÓREA Carolina, 298
- DOS SANTOS Pereira Manuel, 96
- DURANDO Celestino, 96, 100, 200, 306
- EPITÁCIO Pessoa, 153
- ESBERARD Juan Fernando Santiago (1843-1897), 89, 93, 95, 96
- ESPINEY Carlos, 369
- FABBRI Francisco, 195, 262, 281, 330
- FAGNANO José, 74
- FALCÃO Artur, 234
- FEIJÓ Diogo Antônio, 25
- FELINTO Bastos, 111
- FERREIRA Davino, 330
- FERREIRA José Alves, 122
- FIGUEIREDO Álvaro, 236
- FLORIANO Peixoto, 54, 86
- FRAGOSO Arlindo, 252
- FRANCO Pedreira, 290
- FRANSONI Luís, 67, 70
- FREIRE Cunha Elísio, 232
- FROELICH Augusto, 279
- FURLANI José Maria, 164, 184
- FURQUIM Alberto, 231, 202
- GALBUSERA Samuel, 309, 324, 326
- GAMBA José, 161
- GARELLI Bartolomeu, 63, 64

- GARINO Carlos, 142, 151
GARINO José, 142, 151
GASPAROLI João, 323
GASTÃO de Orleans, 50, 80
GATTI Lourenço, 195, 202, 225, 231, 234, 238, 244, 265, 270, 295, 296, 325
GHISLANDI Pedro, 166, 196, 203, 225, 226, 227, 228, 231, 132, 243, 322, 325, 331, 333, 334
GIACOMARRA José, 214
GIORDANI Lourenço, 98, 104, 115, 116, vide GIORDANO Lourenço
GIORDANO Lorenzo, 91, 101, 103, 104, 112, 114, 116, 125, 126, 127, 136, 138, 140, 143, 144, 151, 161, 231, 154, 254, 256, 257, 277, 301, 305, 306, 309, 310, 314, 320, 322, 324, 329, 329, 330, 332, 333, 335, 336, 341, 342, 345, 351, 360
GÓES Constância Calmon, 291
GOMES de Oliveira Helvécio, 233
GOMES Laura, 294, 298
GOMES Orlando, 262
GRIGLIO Natal, 208
GUSMÃO Calógero, 161, 162, 306, 329, 340
HEIDEGGER Martins, 333
IBIAPINA José Antônio de Maria (1806-1883), 31
ISABEL Cristina, 81
J. TOMÉ, 78, 117, 250, 252, 255, 256, vide, DA SILVA Jerônimo
JOÃO Bosco, 53, 59, 60, 63, 66, 67, 68, 70, 71, 73, 74, 76, 77, 78, 80, 81, 82, 83, 86, 88, 99, 111, 118, 120, 134, 138, 146, 158, 160, 161, 196, 197, 204, 206, 210, 214, 217, 219, 228, 238, 240, 261, 287, 295, 341, 343, 344, 351, 353, 354, 355, 356
JOAQUIM José Lobo, 341
LADD David, 263
LAGO Ronaldo, 286
LASAGNA Luiz, 50, 52, 53, 55, 72, 80, 81, 84, 87, 94, 95, 96, 136, 145, 146, 148, 159, 160, 163, 201, 224, 326, 349, 355
LAZZARI Anibal, 339, 341, 342
LAZZERO José, 114, 124, 125, 127, 138, 140, 144, 159, 165, 202, 273
LEAL Aurelino, 254, 255
LEÃO Cândido, 235
LEÃO XIII, 50, 118
LEITE Risério, 218
LEMOYNE João Batista, 60, 64, 70, 116, 128
LEÔNICIO Carlos, 317, vide DA SILVA Carlos
LEONOR Maria Rio, 292
LIMA Manfredo, 112, 164
LINARD Nuvens Orsini, 214
LINS Amaro, 236
LOBO Joaquim, 331, 332
LOPES Amália Barbosa, 226, 227
LUIZ Marcigaglia, 56
LUIZ Washington, 358
LUKASZÉWSKI Estanislaw 323
LUSTOSA Álvaro, 293
LYRA Heitor, 51
LYRA Pautilo, 259, 280
MACHADO Basílio, 130, 164
MACHADO Hélio, 217
MAGALHÃES Juraci, 263
MAIA Cloves, 214
MALAN Antônio, 296, 301
MANFREDO (Cônego), 135
MANGABEIRA Otávio, 225, 228
MARCHI (Internúncio), 149
MARCIGAGLIA Luiz, 90
MARIA (Nossa Senhora), 62
MARIANI, Clemente, 262, 263

- MARINHO Frederico, 227
MASSANO Teodoro, 52, 81, 84, 85,
163, 349, 351
MELO Antônio Silva, 202
MENDES Heráclio, 231
MENEZES, 124, vide DE MENEZES
MIDALI Mário 65, 66, 59, 77
MIELE Pietro, 279
MILANÉSIO Domingos, 76, 353
MOCENNI Mário, 84
MOLFINO Domingos, 129, 140
MORAES Oscar, 231
MOREIRA Penna Afonso Augusto
(1847-1909), 174
MORISSY Guilherme, 90, 92, 109
MOSCOSO Orlando, 262
MUNIZ Antônio 90, 196
NINA Lourenço, 86
NOGUEIRA Carlos, 212
NUNES Joaquim, 287
OCCHIENA Margarida, 59, 60, 61,
65
OLIVEIRA Álvaro, 150
ORITE Caitano, 164
PACHECO Manoel, 121
PASQUALE Luiz, 165, 304, 307,
312, 314, 335
PAULO III, 163
PAZ Ladislau, 180, 188, 282
PEDRO II, 79, 147
PERETTO Carlos, 93, 148, 149, 301
PESCARONA Alessandro, 65
PICCOLO Salvador, 324
PINARDI (irmãos), 62
PINHO Araújo, 174
PINTO Jonas Magno, 220, 266, 285
PIO VII, 289
PIO IX, 70, 71, 83
PIO X, santo, 330
PISCETTA Luiz, 201
PONTES Agenor Vieira, 216, 229,
283
PONTES Manoel Tanajura, 262
PRUDENTE João de Moraes e Barros,
54, 55,
QUIRINO Raul Antônio, 269
RABELO Franco, 48
RAMPOLLA Mariano, 97, 161
RATTAZZI Urbano, 67, 68
RESENDE João, 262
REYNERI José, 158, 208
RIBEIRO Lídia Alves, 298
RIBEIRO Osório, 236
RICALDONE Pedro, 245, 262, 295
RIGOTTI Luiz, 125, 202
RINALDI Felipe, beato, 319, 226, 405
ROCA Luiz, 224, 250
RODRIGUES Amélia, 112, 120, 121,
129, 130, 131, 132, 139, 143,
175, 232, 254, 291
RODRIGUEZ Dutra Luiz, 223
ROSMINI Antônio Serbati, 69
ROSOLI Gianfausto, 77, 354
ROTA Pedro, 94, 147, 184, 197, 198,
239, 258, 278, 318, 319, 320,
321, 323, 324, 327, 329, 332,
342
RUA Miguel, beato, 56, 69, 70, 71,
74, 81, 82, 91, 93, 94, 95, 97,
99, 100, 103, 112, 118, 120,
126, 135, 138, 158, 161, 165,
255, 256, 273, 305, 306, 307
RUBENS Pedro Paulo, pintor fla-
mengo, 263
SALGADO Plínio, 358
SAMPAIO Theodoro, 121, 249, 256
SANTANA Joaquim José, 195, 241,
242, 243, 244, 245, 246, 259,
292, 294, 295, 297, 298
SANTIAGO Luiz, 204, 218, 266
SÁVIO Ascânio, 67
SÁVIO Domingos, 216, 359
SELVA José, 242, 333, 342, 343, 344
SENA Orlando, 264

- SIERKIEWICZ André, 164, 165, 192, 202
SILVA Emílio, 236
SILVEIRA da Mota, 51
SIMON Hugo, 128
SIMONA Carlos, 315
SIRONI Clélio, 103, 121, 123, 124, 128, 159, 170, 196, 231, 232, 234, 252, 254, 277, 323
SOAREZ Viturino, 269
SOLARI José, 292, 325, 337, 338
SOUZA Osmundo, 222
STELLA Pietro, 60, 61, 76, 77, 353
TAPIRANGA Elpídio, 259
TAVARES Bastos, 51
TIRELLI Ambrósio, 225, 239, 258, 281, 294
TOMATIS Domingos, 74
TOURINHO José, 199, 200, 238
TRINDADE Washington, 218
TYCHNER Estanislau, 292
URBANO VIII, 163
URBANOWICZ Adalberto, 231
VAI Francisco, 128, 202
VALLI Henrique, 128, 137, 138, 308
VELLAR Antônio, 333, 341
VERSTRIN Daniel, 300
VESPIGNANI José, 74, 161, 202, 258, 296
VIANNA César Augusto, 226, 227
VIANNA Luiz, 111, 135, 141, 142
VIEIRA Adalberto, 340
VIEIRA Severino dos Santos, 164, 250
VIET Antônio, 164, 207, 247
VIGLIETTI Carlos, 62
VILABOIM Ruth Aleixo, 260, 261
VILLAÇA Gomes, 231
VITTERBO Nilton, 287, 288
WASILEWSKY Constantino, 196
WIRTH Morand, 65, 71
XAVIER Braulio, 250, 290
ZAJKOWSKI Constantino, 128, 142, 151, 236, 335
ZANCHETTA Luiz, 32, 113, 129
ZANELLA Agostinho, 142, 151.
ZUCCA Margarida, 59

ÍNDICE ALFABÉTICO DE LUGARES

- ÁFRICA, 75, 195, 352
 ÁGUA FRIA, 308
 ALAGOAS, 101
 ALAGOINHAS, 292
 ALEMANHA, 245, 330
 ALGERIA, 377
 AMARALINA, 212
 AMAZONAS, 81
 AMAZÔNIA, 330, 332, 323, 351
 AMÉRICA, 72, 73, 74, 83, 159, 160,
 165, 201, 205, 233, 350, 351,
 353
 AMÉRICAS, 75, 77, 114, 127, 352
 ANGRA dos Reis, 79
 ANTUÉRPIA, 263
 ARACAJU, 88, 213, 301, 303, 312,
 313, 325, 334, 338, 339, 341,
 344, 345
 ARGENTINA, 73, 74, 75, 76, 78,
 146, 155, 352
 ASHEL STREET, 100
 AUSTRIA, 143
 BAHIA, 50, 52, 82, 90, 99, 110,
 114, 115, 117, 128, 129, 132,
 135, 136, 138, 143, 148, 150
 159, 165, 202, 202, 204, 205,
 215, 217, 219, 223, 225, 232,
 238, 239, 242, 247, 252, 254,
 256, 258, 259, 267, 290, 295,
 298, 275, 284, 288, 303, 304,
 305, 306, 307, 322, 326, 331,
 350, 351, 356
 BARRA DOS COQUEIROS, 337
 BATURITÉ, 50,
 BECCHI, 59
 BELÉM, 79
 BÉLGICA, 245
 BOCCA, 74
 BONGI, 284
 BRASÍLIA, 301
 BUENOS AIRES, 73, 74, 76, 353
 CACHOEIRA DO CAMPO, 146
 CALÇADA, 223
 CAMARAGIBE, 101, 112
 CAMPINAS, 309
 CAMPO DA PÓLVORA, 190
 CAMPO GRANDE, 212
 CANUDOS, 96, 108, 143, 145, 349,
 351, 356
 CAPIBARIBE, 126
 CARACAS, 165
 CARPINA, 218
 CASTELNUOVO DOM BOSCO
 CEARÁ, 50, 197, 350
 CHÁCARA DO CARANGUEJO, 424
 CHILE, 73
 COLÓN, 93
 CONCEIÇÃO DA PRAIA, 297
 CONCEIÇÃO DO COITÉ, 225
 CONTESTADO, 350
 COTINGUIBA, 301, 302
 COXIPÓ DA PONTE, 146
 CUIABÁ, 79, 149
 CURAÇAO, 165
 ESPANHA, 60
 ESTADOS UNIDOS, 75, 80, 165, 352
 EUROPA, 128, 59, 63, 265
 FOGLIZZO, 239
 FONTE NOVA, 190
 FORTALEZA, 79
 FRANÇA, 60, 63, 89, 109, 245, 351
 FREI CANECA, 125
 GALILÉA, 64, 61
 GÊNOVA, 70, 231
 GRÉCIA, 143
 GUANABARA, 108, 123, 131
 GUARARAPES, 135
 GUARATINGUETÁ, 123

- HESPAÑHA, 377
 ILHA MADRE DE DEUS, 213
 ILHEUS, 231, 298
 INGLATERRA, 53, 80, 89, 377
 ITABUNA, 229
 ITÁLIA, 73, 126, 143, 273, 320
 ITAPAGIPE, 192, 226, 269, 279
 ITAPARICA, 214, 231
 ITAPICURU, 231
 JABOATÃO, 150, 165, 184, 302, 317
 JACUIPE, 292
 JUAZEIRO DO NORTE, 350
 LÁCIO, 237
 LARGO DO MACHADO, 57
 LEPANTO, 289
 LIÃO, 70
 LIÉGE, 102
 LILLE, 102
 LOMBARDIA, 61
 LONDRES, 53, 100, 102
 LORENA, 96, 97, 310
 MANAUS, 242
 MARAGOGIPE, 79
 MARANHÃO, 50
 MATARIPE, 215
 MATO GROSSO, 149, 174, 301, 351
 MILÃO, 63, 65
 MINAS GERAIS, 149, 150
 MONDEGO, 89
 MONTEVIDEO, 97, 146, 176
 MURIÇOCA, 268
 NAPOLEÃO, 289
 NATAL, 269
 NAZARÉ, 123, 145, 190, 192, 193,
 212, 226, 235, 250, 330, 358
 NITERÓI, 86, 88, 118, 130, 135,
 159, 176, 213, 224, 246, 277,
 326
 NOVO MUNDO, 72
 OCEÂNIA, 75
 OLINDA, 135
 PACATUBA, 338
 PARÁ, 86, 89
 PARAGUAI, 76, 121, 353, 377
 PARAÍBA, 79, 101
 PARIS, 101, 102
 PATAGÔNIA, 73, 351
 PAULO AFONSO, 214
 PEDRAS DE FOGO, 79
 PERNAMBUCO, 50, 79, 89, 90, 91,
 93, 95, 97, 99, 141, 150, 162,
 224, 322, 323
 PETROLINA, 296
 PETRÓPOLES, 50, 80
 PIEMONTE, 60, 61, 128, 350
 PIRAJÁ, 268
 PITANGA, 308
 PITUBA, 211
 PORTA PALAZZO, 60, 63
 PORTO ALEGRE, 78, 8
 PORTO SEGURO, 107
 PORTUGAL, 147
 POXIM, 314, 333
 PROPRIÁ, 313
 RECIFE, 79, 89, 91, 93, 95, 96,
 112, 125, 126, 127, 128, 130,
 135, 136, 138, 141, 162, 165,
 166, 175, 189, 203, 220, 231,
 284, 301, 316, 326
 RIO DE JANEIRO, 53, 56, 72, 79,
 86, 89, 101, 168, 198, 224,
 231, 259, 316
 RIO G. DO SUL, 78
 RIO VERMELHO, 211, 212
 RIVIERA POENTE, 410
 ROMA, 69, 263, 315, 348
 S. AMARO, 292
 SALVADOR, 107, 135, 199, 206,
 210, 213, 214, 223, 232, 249,
 267, 290, 292, 313
 SANTA Cruz, 83
 SANTA MARIA, 257
 SANTA ROSA, 93, 79, 86, 129, 131,
 136, 162, 196

- SÃO CRISTOVÃO, 325, 333, 334,
344, 361
SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA, 236
SÃO JOAQUIM, 125
SÃO MARTINHO, 63
SÃO PAULO, 54, 118, 135, 141,
149, 176, 196, 198, 209, 232
SÃO TOMÉ DE PARIPE, 212
SAÚDE, 190
SERGIPE, 213, 301, 302, 305, 306,
307, 309, 314, 327, 331, 343,
345, 356
SERRINHA, 212
SERTÃO DE CANUDOS e CARIRI, 425
SOLAR DO MONDENGO, 429
SUIÇA, 245, 377
TEBAIDA, 146, 215, 231, 279, 302,
307, 309, 313, 314, 315, 317,
318, 319, 321, 322, 323, 325,
326, 331, 334, 335, 340, 358,
360, 361
TEBAIDINHA, 324, 340
TERRA DO FOGO, 73
TORORÓ 142, 190, 233
TRÍPOLI, 81, 97
TUIUTY, 238
TURIM, 62, 63, 67, 70, 73, 74, 75,
78, 84, 114, 124, 128, 137,
143, 171, 206, 249, 255, 282,
305, 315, 319, 326, 333
URUGUAI, 109, 136, 146, 159,
301, 352, 353
VALDOCCO, 63, 65, 73, 78, 79,
128, 159, 358
VALÊNCIA, 165
VALSALICE, 155, 176
VENEZUELA, 16, 301
VIENA, 59
VILLA COLÓN, 74, 78
VILLA DOM BOSCO, 309
WATERLOO, 59

ÍNDICE GERAL

<i>Apresentação</i> (Antônio da Silva Ferreira)	5
<i>Premissas</i>	11
<i>Siglas e vocabulário salesiano</i>	16

PRIMEIRA PARTE - PREHISTÓRIA

CAP. I - A sociedade brasileira

1. O governo.....	19
2. A Igreja.....	20
Clero diocesano - Clero regular - Mudanças disciplinares - Poucas vocações e dioceses enormes - Religiosidade popular - Igreja e Estado	
3. Movimentos políticos e messiânicos.....	38
Canudos e os órfãos da guerra social - Juazeiro do Norte	
4. Tempos de escravidão	48
Escravidão e economia - Escravos e abolição - Fatos que apressaram a abolição - Os salesianos e a escravidão	
5. Crise econômica e República	54
6. A educação no final do Império e na Republica Velha.....	56

CAP. II - Dom Bosco e os Salesianos

1. Um profeta e seu projeto.....	59
2. A obra dos Oratórios.....	63
3. Internato (1847)	65
4. Uma nova Congregação e suas Constituições	66
5. Expedições missionárias para a América (1875 a 1887)	72
6. Os imigrantes	74
7. Missões indígenas e imigrantes italianos.....	76
8. Os Salesianos no Brasil.....	78

9. Planos do Pe. Luiz Lasagna para o Brasil	81
10. Niterói, a primeira obra do Brasil.....	86
11. Em Pernambuco, a primeira obra do Norte.....	88
12. Um empresariado cristão trabalha para os SDB.....	90
13. Fundação da casa do Recife.....	93
14. Dom João Fernando Santiago Esberard.....	95
15. Dificuldades em 1893.....	97
16. Um ano de boas novas (1894).....	98
17. Plano de Carlos Menezes para Pernambuco.....	101
18. Desembarque e inauguração do Colégio	103

SEGUNDA PARTE - A FUNDAÇÃO

CAP. III – O apelo da sociedade

1. O povo, sua terra, seus problemas	107
2. O início com os Vicentinos.....	108
Duas viagens do Pe. Lourênço Giordano à Bahia - Segunda viagem	
3. O Arcebispo Primaz e a causa dos Salesianos.....	117
4. Os Cooperadores Salesianos.....	119
5. As doenças em Pernambuco e a obra da Bahia.....	122
6. Amélia Rodrigues, Niterói e a Bahia.....	129
Incansável pedinte - Gafe, “filha do muito amor”	
7. Outros admiradores de Dom Bosco	135
8. Chácara na Bahia de Todos os Santos.....	136
Longa espera - Desembarque - Molfino, «em que mundo, em que astro, tu te escondes»?	
9. Nasce um novo Colégio Salesiano	142
Colégio São Bellino - Primeiros alunos - Educação colegial e oficialização do ensino - Reformas educacionais - Isenção e personalidade jurídica	
10. Primeiro relatório enviado aos Superiores.....	150
11. Estatutos de 1903	151

12. Vida econômica do Liceu.....	152
Situação da República - Coronelismo - Liberalismo e positivismo - Economia, novo prédio e externato.	

CAP. IV - Fazendo história

1. Inspetoria e Província.....	157
2. Primeiras Inspetorias americanas.....	159
Bahia, Casa Inspetorial (1902), os porquês	
3. Visita do Pe. Paulo Álbera.....	160
4. Perspectiva ampliada.....	166
Curso primário - Professores e textos - Professores dos aprendizes do Curso Elementar - Curso Comercial - Professores e textos do Curso Comercial - Estudantes e programa dos aprendizes - Número de alunos na Bahia e na Inspetoria em 1912 e 1913 - Enxoval - Órfãos e artistas - Abertura do externato e pensionato (1907) - Regulamento de 1907 - Semi-internato - Mensalidades para o internato (estudantes e aprendizes) - Fecha-se o internato - Tenta-se reabrir o pensionato - Horários na Bahia - Horário geral de 1905 - Retiro dos alunos em 1905 - Retiro para os salesianos em 1905 - Horário de 1908 - Quintas-feiras - Domingos e Dias Santos - Horário geral de 1952 - Abertura do Curso Colegial - Convênio com a SEC - SMEC - Formação para-militar - A revolução de - 1930 e o Liceu Salesiano - Oratório S. José da Bahia - Ex-alunos - Vocações - Escola mista	
5. Disciplina na Bahia.....	205
Atenção com a moralidade - Disciplina religiosa	
6. Férias.....	211
7. Passeios para internos e salesianos.....	212
Os salesianos visitam Aracaju - Rebocador encalhado - Passageiros jogados na estrada - Dom Bosco é abalroado - Excursão a Paulo Afonso - Cipó - Ali se esfolava por um pouco de comida - Emaus	
8. Cinquentenário dos salesianos na Bahia.....	215
9. Domingos Sávio, um aluno de Dom Bosco canonizado aos 15 anos.....	216

10. APAS - Associação de Pais do Salesiano.....	217
11. Crise dos anos '60 e a venda do Liceu.....	218
12. Desentendimentos e renúncias.....	222
13. Pedidos de fundações.....	223
Calçada - Ondina - Conceição do Coité - Cidade de Nazaré - Uma embrulhada - Casa Correccional - Colégio em Paulo Afonso - Colégio em Itabuma	

CAP. V - Caminhada em dispnéia

1. Doenças e mortes.....	231
Em menos de dois anos a Bahia perde dois ex-diretores - Araçás assassinos - Afogamento no Tororó - A espanhola - A morte do barão.	
2. «O grito».....	234
3. Do Pe. Broda ao Pe. Viet.....	235
Festa do Sagrado Coração de Jesus - Certames catequéticos - S. José - Festa de N. Sra. Auxiliadora em 24 de maio	
4. A economia liceana dos anos '20 aos '40.....	239
5. José J. de Santana, um diretor tampão.....	242
6. O alemão que veio de Sergipe.....	246

CAP. VI - Construções e imóveis

1. O Solar do Caranguejo não funciona.....	249
2. A primeira construção.....	249
Amargura e decepção	
3. Segunda Carta pastoral do senhor Arcebispo.....	253
Inauguração	
4. Segundo edifício.....	257
5. Novo prédio para as Escolas Profissionais.....	259
6. Cinema Nazaré.....	262
Os pisos do Cinema Nazaré	
7. Edifício da Rua Dom Bosco.....	265

8. Construções menores e outras posses	266
Sala de recepção - Casa do Dr. Alexandre Cerqueira - Fazendas Camaçari e Primavera - Sobrado na Ribeira de Itapagipe	
9. O Liceu só se ajesta, derrubando tudo e se reconstruindo	269
10. Usucapião	270
11. O Liceu Salesiano da Bahia e seus 21 diretores em 100 anos: 1900 a 2000	271

CAP. VII - Escolas profissionais

1. Pe. José Bertello e as Escolas Profissionais.....	273
Primeiras exposições internacionais	
2. As Escolas da Bahia.....	275
A peregrinação das oficinas	
3. As bruxas continuam	282
4. A novela da Marcenaria.....	284
Além de queda coice.	

CAP. VIII - Nossa Senhora Auxiliadora na terra de Todos os Santos

1. Os primórdios da devoção a «Auxiliadora dos Cristãos»	289
2. Primeira coroação de Nossa Senhora Auxiliadora na Bahia...	290
3. A Arquiconfraria dos devotos de Maria Auxiliadora na Bahia ..	290
4. Um Santuário mariano na Bahia	294
5. A Arquiconfraria e o Santuário.....	296
6. O desânimo envolve as Damas da Virgem.....	297
9. Os números do Santuário	298
Cetro de Nossa Senhora. Altar-Mor. Sinos.	

CAP. IX - Fundações em Sergipe

1. Contextos geográfico e salesiano	301
2. A Tebaida do Pe. Giordano	302

Inauguração - Mangas arregaçadas - Aprendizes e estudantes - Condições para admissão na Escola São José- Atividades religiosas e sociais - Noviciado na Tebaida - Um Calvário sem Tabor - «Delenda Thebaida» - Reformas - O «matadou- ro» - Horários - Um vizinho prepotente	
3. Mudança de Governo	331
Pe. P. Ghislandi escreve ao Governador - Pe. P. Rota dá um explicação para a carta de Pe. P. Ghislandi - Decide- se a sorte da Tebaida	
4. Os diretores da Tebaida.....	334
5. Transferência para Aracaju	334
O Oratório da «Tebaidinha» - Colégio da Rua da Aurora - Pacatuba/Maruim - Colégio da «Tebaidinha»	
6. Oratório Venerável D. Bosco	343
7. Acesso à «Velha Colônia abandonada».....	344
8. Quadras primitivas da obra de Aracaju-Sergipe.	345

Conclusão

1. Igreja e governo.....	348
2. Clero diocesano e clero regular.....	348
3. Religiosidade popular.....	349
4. Crise econômica, reformas educacionais.....	350
5. O projeto de Dom Bosco na América	350
Objetivo dos salesianos na América e no Brasil - Os imi- grantes - Missões indígenas e imigrantes italianos - Os ingê- nuos - Bispos - A ação salesiana na Bahia - Apelo da socie- dade baiana e fundação da obra na Bahia.	
6. Crise econômica e nova perspectiva educacional para o Liceu ...	357
7. O projeto salesiano na Bahia e sua incidência social	357
Atividades religiosas - Ampliação do Liceu.	

TERCEIRA PARTE: ANEXOS

I - Plano de Carlos Meneses.....	364
II - 1. Primeira Conferência Salesiana da Bahia	367
2. Comentário de o <i>Jornal da Bahia</i>	367

III - Appello de Dom Jerônimo.....	369
IV - Cooperadores baianos escrevem ao Pe. Miguel Rua pedindo Colégio na Bahia.....	376
V - Contrato da primeira Construção - (E. Cardoso)	379
VI - 1. Apelo do <i>Jornal de Notícias</i>	380
2. Parecer dos engenheiros	381
VII - Salesianos da Bahia nos dez primeiros anos.....	382
VIII - Alunos: a história em números	387
IX - Estatuto da APAS.....	391
X - Pedido para o Curso Colegial misto	394
XI - 1. Lições de Agricultura	396
2. Os nomes da Tebaida	396
3. Carta do Pe. P. Blangetti.....	397
XII - O Colégio de Valsalice.....	398
XIII - Síntese cronológica.....	403
<i>Bibliografia</i>	407
<i>Índice de nomes de pessoas</i>	413
<i>Índice de lugares</i>	419
<i>Índice geral</i>	423

DA MESMA COLEÇÃO

1. LÉON VERBEEK, *Les Salésiens de l'Afrique Centrale. Bibliographie. 1911-1980* (=ISS, Studi, 1). LAS-Roma, 1982, 142 p. [esaurito] L. 10.000
2. MANUEL J. MOLINA, *Arqueología ecuatoriana. Los Cañaris. Provincias de Cañar y Azuay* (= ISS, Studi, 2). LAS-Roma, 1987, 118 p. con numerose illustrazioni in b. n. L. 15.000
3. FRANCIS DESRAMAUT, *L'orphelinat Jésus-Adolescent de Nazareth en Galilée: au temps des Turcs, puis des Anglais (1896-1948)* (= ISS, Studi, 3). LAS-Roma, 1986, 318 p. + 16 tav. f. t. L. 30.000
4. LÉON VERBEEK, *Ombres et clairières. Histoire de l'implantation de l'Eglise catholique dans le diocèse de Sakania, Zaïre (1910-1970)* (= ISS, Studi, 4). LAS-Roma, 1987, 422 p. L. 40.000
5. PIETRO BRAIDO (ed.), *Don Bosco nella Chiesa a servizio dell'umanità. Studi e testimonianze* (= ISS, Studi, 5). LAS-Roma, 1987, 430 p. L. 30.000
6. YVES LE CARRÉRÈS, *Les salésiens de Don Bosco à Dinan 1891-1903. Une oeuvre naissante brisée par le Sénat*. Prefazione di G. Cholvy (= ISS, Studi, 6). LAS- Roma, 1990, 220 p. L. 20.000
7. NATALE CERRATO, *Il linguaggio della prima storia salesiana. Parole e luoghi delle "Memorie Biografiche" di Don Bosco* (= ISS, Studi, 7). LAS-Roma, 1991, 448 p. L. 30.000
8. WILLIAM JOHN DICKSON, *The dynamics of growth. The foundation and development of the Salesians in England* (= ISS, Studi, 8). LAS-Roma, 1991, 282 p. + 14 tav. f. t. in b. n. L. 25.000
9. FRANCESCO MOTTO (ed.) *Insedimenti e iniziative salesiane dopo Don Bosco*. Atti del 2° Convegno-Seminario di storia dell'Opera salesiana (Roma, 1-5 novembre 1995) (= ISS, Studi, 9). LAS-Roma, 1996, 595 p. L. 60.000
10. STANISLAW ZIMNIAK, *Salesiani nella Mitteleuropa. Preistoria e storia della provincia austro-ungarica della Società di S. Francesco di Sales (1868 ca-1919)*. (= ISS, Studi, 10). LAS-Roma, 1997, 595 p. L. 60.000
11. PIETRO BRAIDO, *Prevenire, non reprimere. Il sistema educativo di don Bosco*. (= ISS, studi, 11). LAS-Roma, 1999, 439 p. L. 30.000
12. FRANCESCO MOTTO, *"Non abbiamo fatto che il nostro dovere". Salesiani di Roma e del Lazio durante l'occupazione tedesca (1943-1944)*. (= ISS, studi, 12). LAS-Roma, 2000, 275 p. L. 25.000
13. FRANCESCO MOTTO (ed.) *Parma e don Carlo Maria Baratta, salesiano*. (= ISS, studi, 13). LAS-Roma, 2000, 438 p. L. 40.000

Finito di stampare nel mese di Dicembre 2000
dalla Tipografia

 **Stabilgraph**
TIPOFFSET ROMA S.p.A.

O centenário de qualquer organização ou entidade é um forte convite ao historiador para o estudo de suas origens, de seu desenvolvimento e dos motivos passados ou presentes de sua existência. Em se tratando de uma entidade educativo-pastoral, a tarefa torna-se mais séria e delicada. O sujeito do estudo é um corpo vivente, cujos membros não têm apenas objetivos comerciais ou de formação acadêmica, mas uma característica marcadamente evangelico-pastoral. São educadores que evangelizam, formando também a fé do educando.

A história de um colégio não significa tão somente apresentar os acontecimentos relativos aos seus diretores, alunos ou ex-alunos. Trata-se primordialmente de vasculhar as raízes do projeto educacional dos fundadores, das necessidades iniciais que os atraíram e das respostas pedagógico-pastorais, apresentadas. É por este prisma que tentamos enfocar a história da presença e incidência social dos salesianos na Bahia e em Sergipe. O período histórico principal abrange cerca de 70 anos: de 1900 a 1970.

Servimo-nos do Arquivo Salesiano Central da Congregação (Roma), dos Arquivos das Casas de Salvador, do Recife, de Aracaju, de Niterói, de Barbacena (MG), bem como de jornais e das bibliotecas e arquivos fotográficos das referidas instituições e de Niterói. Foram também objetos de nossa curiosidade científica alguns sítios históricos como a Tebaída em Sergipe, Canudos no sertão da Bahia, Valdocco e o Colégio de Valsalice na Itália e as escavações arqueológicas da Velha Catedral da Sé, onde tantas vezes estiveram os órfãos do Liceu Salesiano da Bahia com sua Escola de canto e sua banda. Os idiomas dos documentos pesquisados foram o italiano, o português, o espanhol, o francês e o latim.

Antenor de Andrade Silva é sacerdote salesiano. Nasceu em dezembro de 1938 no Estado da Paraíba, Brasil. Trabalhou três anos em Sergipe e treze no Colégio de Salvador da Bahia, um como Vice-diretor e tesoureiro e doze como diretor. Entre suas publicações encontram-se quatro livros sobre o Pe. Cícero Romão Batista. Tem licenciatura em Filosofia, Letras e Pedagogia. Há cerca de três anos encontra-se na Casa Geral dos Salesianos em Roma, da qual é Vice-diretor. Faz parte dos pesquisadores do Instituto Histórico Salesiano.



Solar J.J. de Pinho: primeira sede do Liceu

